A VIDA DE SRI RAMAKRISHNA

TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

VIDA DE SRI RAMAKRISHNA
COMPILADA A PARTIR DE VÁRIAS FONTES AUTÊNTICAS

Todos os direitos reservados
Sexta Edição
1948

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

O objetivo deste livro é apresentar ao público, em língua inglesa, um relato cronológico breve, mas abrangente, da vida de Sri Ramakrishna. Por maiores que sejam as dificuldades em delinear fielmente a história de vida de qualquer personagem célebre, estas tornam-se quase insuperáveis quando o biografado é uma figura tão marcante como Sri Ramakrishna. Pois é um facto digno de nota que nenhum homem tenha sido objeto de tantas estimativas contraditórias como o Profeta de Dakshineswar. A sua personalidade combinava tantos elementos aparentemente contraditórios que desconcerta o observador superficial; essa é a razão pela qual tem sido descrito das formas mais variadas: como um maníaco, uma boa alma, um devoto, um santo, um homem da mais alta realização e uma Encarnação do Altíssimo.

É impossível oferecer uma apresentação da sua vida que seja universalmente satisfatória; no entanto, ninguém, por palavras e ações, satisfez a tantos como ele. Estamos tão acostumados a avaliar tudo pelos nossos padrões de estimação que qualquer coisa que não se ajuste a eles é sumariamente descartada como fantástica ou impossível. O biógrafo de Sri Ramakrishna deve, portanto, contentar-se em aderir à verdade e em apresentar os factos reais, deixando ao leitor a tarefa de formar a sua própria opinião sobre o Mestre.

Este livro segue de perto a cronologia e a abordagem da grande obra bengali em cinco volumes, *Sri Sri Ramakrishna Lilaprasanga* (“Discursos sobre a Vida de Sri Ramakrishna”), do falecido Swami Saradananda, discípulo direto do Mestre, que

exerceu com competência o cargo de Secretário da Missão Ramakrishna durante mais de um quarto de século. Omitimos propositadamente algumas das magistrais exposições de pontos abstrusos relativos à vida do Mestre, por serem demasiado filosóficas para o leitor comum.

Foram recolhidos factos adicionais a partir das seguintes fontes bengalis: *Vida de Sri Ramakrishna*, pelo falecido Ramchandra Dutt, e a bela *Vida em verso*, pelo falecido Akshay Kumar Sen, ambos discípulos do Mestre; *Vida de Sri Ramakrishna*, compilada a partir de registos autênticos pelo falecido Priyanath Sinha, aliás Gurudas Varman, discípulo de Swami Vivekananda, com a assistência dos Swamis seniores da Missão Ramakrishna; e a obra marcante de Babu Mahendra Nath Gupta, mais conhecido como M., — o *Evangelho de Sri Ramakrishna*, em quatro volumes, do qual algumas conversas valiosas foram extraídas na íntegra. Os materiais para os esboços biográficos de quatro dos discípulos monásticos vivos do Mestre foram obtidos em primeira mão. Uma ou duas outras fontes são mencionadas nos respetivos lugares. A todos estes autores expressamos a nossa profunda gratidão.

Assim, a presente obra combina os factos essenciais de todos os livros autorizados sobre o assunto com adições importantes. Onde as nossas autoridades divergiram, aceitámos a versão mais digna de crédito.

É necessária uma palavra de explicação a respeito da introdução livre do elemento "sobrenatural" no livro. A nossa principal razão é que não o podíamos evitar, pois o sobrenatural é o domínio da religião. O que o microscópio ou o telescópio fazem pelo cientista, uma mente pura e altamente concentrada faz pelo Yogi. Ambos revelam as maravilhas de mundos invisíveis, inexistentes para os não iniciados — o homem comum.

Cada uma das chamadas visões sobrenaturais registadas no livro é um facto e, como tal, exige reconhecimento. A ciência, especialmente a psicologia, está ainda na sua infância, e o seu progresso será dificultado se os factos forem ocultados

simplesmente porque, nas suas buscas cegas, ela não é capaz de os explicar.

Em vez de fechar os olhos a eles, o investigador da verdade fará bem em trabalhar sobre estes dados para novas hipóteses de fenómenos espirituais. Esperamos que os nossos leitores mantenham a mente aberta e, se algumas partes do livro não forem do seu agrado, que passem adiante e concentrem a sua atenção nas partes que lhes agradem, as quais não devem faltar nesta Vida.

Não nos desculpamos por inserir algumas conversas bastante longas (resumidas em certos pontos), pois servirão para dar ao leitor vislumbre da riqueza de pensamento e expressão do Mestre, embora muito do encanto do original se tenha necessariamente perdido na tradução. Para um conhecimento mais amplo destas, remetemos o leitor para qualquer uma das coleções dos seus ensinamentos.

Esperamos que os relatos da associação dos diferentes devotos com o Mestre sejam considerados interessantes. Mas o espaço concedido a qualquer indivíduo não deve ser tomado como um índice da sua importância relativa, pois estávamos limitados pelo nosso material e fomos incapazes de manter as devidas proporções.

O Mahatma Gandhi teve a amabilidade de escrever um Prólogo em apreciação do Mestre, o qual, ousamos dizer, será lido com interesse. Temos todas as razões para esperar que o livro, na sua forma atual, venha preencher uma lacuna há muito sentida e ajude a estabelecer um sentimento de amizade entre os credos em discórdia e os interesses em conflito do mundo moderno.

Editor
Advaita Ashrama
Mayavati, Himalaias
20 de dezembro de 1924

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

Nesta edição, o livro foi minuciosamente revisto. Uma ou duas incorreções que escaparam à nossa atenção na primeira edição também foram corrigidas. Espera-se que o livro seja mais aceitável para o público na sua forma atual.

Mayavati

15 de dezembro de 1928 Editor

PREFÁCIO À QUARTA EDIÇÃO

A presente edição sai no ano das Comemorações do Centenário do Nascimento de Sri Ramakrishna, com melhorias consideráveis na impressão e no aspeto geral. Não omite nada da edição anterior, embora tenha havido uma redução no número de páginas devido à alteração na paginação tipográfica. O preço foi consideravelmente reduzido para o tornar acessível a um público mais amplo.

Mayavati

20 de novembro de 1936 Editor

ÍNDICE

Página		Página
Prólogo		Última Visita a Kamarpukur
Ascendência		Ramchandra Dutt e Manomohan Mitra
Nascimento		SURENDRA E KEDAR
Infância		Dignos de Nota de Algum Interesse
Rapariguice e Rapaziada		Latu, Rakhal e Gopal Sénior
No Limiar da Juventude		Narendra Nath
“Educação para o Sustento”		Saída de Hriday: Harish e Bhavanath
O Templo de Dakshineswar		Tarak Nath e Nityagopal
Perante a Mãe Divina		Balaram Bose
Primeira Visão da Mãe Divina		Baburam e Niranjan
Estado de Embriaguez Divina		Mahendra Nath Gupta
Haladhari		JOGINDRA NATH
Regresso a Kamarpukur e Casamento		Encontro com Algumas Notabilidades
De Volta a Dakshineswar		Prankrishna, Adhar, Tarak de Belgharia e Vaikuntha

Página		Página
Bhairavi Bramai		Nag Mahasay e Suresh Chandra Dutt
Tantrika Sadhana		Girish Chandra Ghosh
Na Companhia de Devotos e Eruditos		A Marcha dos Acontecimentos
Ramlala		Devendra e Kalipada
Amor Transcendental		Sasi, Sarat, Hari, Gangadhar, Sarada, Tulasi E Hariprasanna
Nirvikalpa Samadhi		Kali e Subodh
Relação com os seus Gurus		Encontro com o Pandit Sasadhar Tarkachudamani
Vislumbres de Mathur		Encontro com Bankim Chandra Chatterjee
Peregrinação		Outros Devotos, Idosos e Jovens
Hriday Ram e Akshay		Mulheres Devotas
Morte de Mathur		Despedida de Dakshineswar
A Mãe Santa em Dakshineswar		Shyampukur
Ao Fim da sua Sadhana		O Jardim de Cossipore e Mahasamadhi
Lutos		Após a Partida
Keshab Chandra Sen e o Brahmo Samaj		Tabela Cronológica

Página		Página
		Índice Remissivo

PRÓLOGO

A história da vida de Ramakrishna Paramahamsa é a história da religião na prática. A sua vida permite-nos ver Deus face a face. Ninguém pode ler a história da sua vida sem ficar convencido de que apenas Deus é real e que tudo o resto é uma ilusão. Ramakrishna era a personificação viva da divindade. As suas palavras não são as de um mero homem instruído, mas são páginas do *Livro da Vida*. São revelações das suas próprias experiências. Deixam, por isso, no leitor uma impressão a que este não pode resistir. Nesta era de ceticismo, Ramakrishna apresenta um exemplo de uma fé brilhante e viva que dá consolo a milhares de homens e mulheres que, de outro modo, teriam permanecido sem luz espiritual. A vida de Ramakrishna foi uma lição prática de Ahimsa[1]. O seu amor não conhecia limites, geográficos ou outros. Que o seu amor divino seja uma inspiração para todos os que lerem as páginas seguintes.

Sabarmati
Margsheersh, Krishna I, M. K. GANDHI
Vikram Sambat 1981[2]

[1] *Não-violência.*

[2] *12 de novembro de 1924.*

VIDA DE SRI RAMAKRISHNA
ASCENDÊNCIA

Em meados do século dezoito, vivia na aldeia de Dereypore, no distrito de Hooghly, Bengala, uma família brâmane, da qual Manik Ram Chattopadhyaya (familiarmente conhecido como Chatterjee) era o chefe. Os Chatterjees eram pessoas tementes a

Deus e observavam todos os ritos religiosos hindus com a máxima exatidão e devoção.

Viviam ali há várias gerações e eram respeitados pelos aldeãos pela sua honestidade, piedade e retidão. Sri Ramachandra era a divindade tutelar[3] da família, como indicado pelo uso de "Rama" na nomeação da maioria dos seus membros. A família Chatterjee vivia a vida brâmane típica dos tempos antigos, nunca se desviando dos ditames da consciência e sempre pronta a estender uma mão de socorro aos necessitados e aflitos da aldeia em tempos de calamidade. Manik Ram era bastante abastado, tendo cerca de cinquenta acres de terra à sua disposição, cujo produto, juntamente com alguns rendimentos externos, era suficiente para sustentar a sua família e lhe permitia ajudar os vizinhos mais pobres.

Com o tempo, provavelmente no ano de 1775, foi abençoado com um filho a quem chamou Khudiram. Foi ele quem mais tarde se tornou pai do ser notável que é o objeto desta crónica. Nasceram-lhe outros dois filhos e uma filha, todos criados segundo as tradições familiares, sendo os filhos instruídos na Pathsala da aldeia. Após a morte de Manik Ram, o cuidado da família recaiu sobre os ombros do jovem Khudiram.

As suas qualificações capacitavam-no eminentemente para esta tarefa. De natureza bondosa, com um forte sentido de justiça, uma honestidade inabalável, mesmo a um ponto prejudicial para o seu próprio interesse, e intensamente devoto, mostrou-se à altura da confiança nele depositada, não só pelo pai, mas pela Mãe Divina, que em breve havia de entregar um dos Seus eleitos aos seus cuidados.

Foi mais do que abençoado na sua companheira de vida, Srimati Chandramani, ou Chandra, como era chamada pela família. Além da fé no marido e em todas as suas decisões, independentemente da reação que pudessem ter na sua própria vida, possuía um caráter de grande simplicidade e doçura, intensa fé e amor por Deus e pela humanidade. Este último era tão universal que ela era chamada a Mãe da sua pequena comunidade.

Ninguém era alguma vez afastado da sua porta desiludido; as mulheres da aldeia recorriam a ela nas suas provações e perplexidades, sabendo que receberiam ajuda e conselhos desinteressados.

Tais eram as características invulgares dos dois que foram escolhidos para ser os guardiães e guias dos primeiros anos de um dos maiores sábios cuja presença alguma vez abençoou esta terra.

Nove anos após o nascimento do seu primeiro filho, Ramkumar, Khudiram foi atingido, em 1814, por um súbito golpe de infortúnio. Ramananda Ray, o zemindar da aldeia, era um proprietário extremamente tirânico, e os aldeãos tinham todos medo dele. Um deles foi culpado de alguma indiscrição e Ramananda, para mostrar o seu desagrado, moveu um processo com falsas acusações e intimou Khudiram a dar testemunho a seu favor (de Ramananda).

Khudiram não só tinha horror aos tribunais e os evitava sempre que possível, mas também sabia que este era um caso forjado: se acedesse ao pedido, violentaria a sua consciência, talvez pela primeira vez na vida; se recusasse, incorreria na ira de Ramananda. Após uma dura luta consigo mesmo, decidiu recusar dar o seu apoio.

Ramananda ficou muito irritado com a audácia de Khudiram e decidiu dar-lhe uma lição. Assim, moveu falsas acusações também contra ele, e Khudiram perdeu a sua propriedade ancestral, incluindo as cabanas que há tanto tempo abrigavam a si e à sua família.

Por maior que fosse esta desgraça, ele não perdeu a fé no Senhor Ramachandra, mas curvou a cabeça perante os Seus desígnios inescrutáveis. Nada mais lhe restava fazer senão deixar Dereypore e, como os seus dois irmãos se refugiaram com os respetivos sogros, sentiu-se livre para aceitar o convite do seu amigo Sukhal Goswami de Kamarpukur para fazer ali o seu novo lar. E da outrora próspera e proeminente família Chatterjee de Dereypore restou, após a sua partida, apenas o templo de Shiva com o seu grande tanque e o afeto e gratidão dos aldeãos.

A aldeia de Kamarpukur situa-se no promontório noroeste do distrito de Hooghly, adjacente a Bankura e Midnapore. As aldeias de Bengala, há cinquenta anos, apresentavam um aspeto bastante diferente do de hoje. Em vez de aldeias desoladas com habitantes desgastados pela doença e pela fome, como se pode ver desde a invasão da malária em 1867, homens e mulheres saudáveis passavam os seus dias numa alegre abundância. Kamarpukur não era exceção à regra.

Os proprietários da aldeia, descendentes de uma linhagem de precetores espirituais dos Maharajas de Burdwan, viviam nessa aldeia, contribuindo, em grande parte, para a sua prosperidade. Além disso, estava situada no caminho para o lugar santo de Puri ou Jagannath. Os aldeãos eram na sua maioria agricultores e artesãos. A aldeia era famosa por certos doces e cachimbos de ébano usados nos narguiles. Havia também uma próspera indústria de teares manuais, cujos produtos eram vendidos até nos mercados de Calcutá.

Vários festivais religiosos ao longo do ano contribuíam para a alegria serena e inocente das gentes da aldeia. Sri Dharma, a divindade presidente da aldeia, era adorado, especialmente durante o Festival dos Carros[4], com grande fervor. Três ou quatro grandes tanques, sendo Haldarpukur o mais notável, abasteciam a aldeia com água pura. A condição florescente de Kamarpukur é ainda evidenciada pelos escombros dos seus antigos edifícios e pelas ruínas de grandes muralhas e templos. Sobrevive ainda um grande pomar de mangueiras dedicado ao uso público por Manik Chandra Bannerjee. Manik era o zemindar de uma aldeia vizinha e, devido às suas extensas caridades, era carinhosamente chamado "Manik Raja" pelos aldeãos.

[3] *Entre os brâmanes, um ou mais aspetos de Deus são escolhidos para a adoração doméstica. A imagem é geralmente instalada numa sala reservada para esse fim, e a adoração diária é realizada em horários estabelecidos. Nas famílias de outras castas, os serviços são habitualmente conduzidos pelos sacerdotes oficiantes.*

[4] *Car Festival.*

Nessa altura, Sukhlal Goswami, um homem bondoso e piedoso, era o zemindar de Kamarpukur. As ruínas da sua residência de tijolo e o seu túmulo[5] ainda podem ser vistos. Faleceu por volta do ano 1824. O seu filho, devido a circunstâncias adversas, teve de vender o zemindary ancestral à família Laha da aldeia, à qual ainda pertence. Foi a convite deste Sukhlal que Khudiram se mudou para Kamarpukur. Sukhlal deu-lhe uma parte da sua própria casa, que consistia em algumas cabanas, e estipulou para o seu sustento cerca de meio acre de terra muito fértil, conhecida como "Lakshmi Jala" ou "Prado da Fortuna".

Khudiram entrou na sua nova casa com a esposa, o filho de dez anos e uma filha de quatro anos, no seu trigésimo nono ano de idade. O despejo injusto do seu lar ancestral e o subsequente acolhimento e abrigo recebidos em Kamarpukur deixaram uma impressão profunda e indelével na sua mente. Estava totalmente desgostoso com o mundo, com a sua hipocrisia, malícia e ganância.

O seu amor e devoção a Deus aumentaram mil vezes, e aprendeu a apoiar-se n'Ele cada vez mais. A forma inesperada como encontrou abrigo numa altura em que estava desprovido de esperança e em que nada senão a ruína o encarava de frente, encheu-lhe o coração de uma calma resignação à vontade Divina e de uma total indiferença por todas as coisas mundanas. Começou a dedicar grande parte do seu tempo à oração, à meditação e à adoração de Sri Ramachandra. Às vezes, passava dias inteiros dessa maneira, pois a terra fértil de "Lakshmi Jala" não exigia muito do seu tempo ou energia.

Quando o campo estava pronto, Khudiram transplantava algumas plântulas, com as palavras: "Glória a Raghuvir", deixando o resto para os trabalhadores. As colheitas nunca lhe falhavam; havia sempre o suficiente, mesmo em tempos de seca ou de inundação, para suprir não só as necessidades simples da família, mas também para ajudar mendigos e estranhos.

Nesta altura, Khudiram entrou estranhamente na posse do emblema da sua divididade tutelar, Raghuvir. Um dia, ao regressar a casa de uma aldeia vizinha onde se deslocara em negócios, sentiu-se cansado e sentou-se debaixo de uma árvore à beira de um arrozal, adormeceu e teve um sonho maravilhoso. O seu amado Ishta[6], Sri Ramachandra, com a tez como uma folha de erva jovem, apareceu como um rapaz e disse: "Sem que ninguém note e sem cuidados, passo fome aqui há muitos dias. Leva-me para a tua casa. Estou ansioso por aceitar as tuas oferendas".

Fora de si de alegria, Khudiram respondeu: "Meu Senhor, sou desprovido de devoção e demasiado pobre para pensar em instalar-Vos na minha cabana. Se eu falhar em mostrar-Vos o devido respeito, sofrerei a agonia do inferno". O rapaz Ramachandra tranquilizou-o e disse: "Não tenhas medo. Ficarei satisfeito com o teu serviço, apesar dos seus defeitos". Khudiram chorou perante esta misericórdia não solicitada do Senhor e acordou do seu sono. Ao olhar em redor, viu o local indicado no seu sonho.

Com os membros a tremer, moveu-se lentamente para o local e, para seu espanto e alegria, encontrou uma Salagrama, ou seja, um emblema de pedra redonda de Vishnu, abrigada sob o capelo de uma cobra venenosa. Estendeu as mãos para a pegar, e a cobra desapareceu. Chamando em voz alta o nome de Raghuvir, apertou-a contra o peito. O exame mostrou que o emblema era do tipo chamado Raghuvir. Levou-o para casa e passou a considerá-lo como o seu próprio Ishta.

Khudiram atraiu em breve a atenção e ganhou o respeito dos seus vizinhos em Kamarpukur pela sua intensa devoção e pureza imaculada. Procuravam as suas bênçãos, acreditando na sua eficácia, e ninguém tocava na água do Haldarpukur quando ele ali se banhava[7]. Nesta altura, realizou um progresso apreciável na espiritualidade. Mantendo a mente num plano de consciência muito acima do mundo dos prazeres sensoriais, começou a ter visões.

Às vezes, enquanto colhia flores para a sua adoração diária, via a deusa Sitala ir à sua frente sob a forma de uma menina de oito anos, com um sorriso radiante e adornada com várias ornamentações preciosas, enquanto o ajudava a colher as flores ao dobrar os ramos.

Outras vezes, quando se sentava para a meditação, lágrimas de amor escorriam-lhe pelas faces e a mente voava para regiões mais elevadas, onde se encontrava em estreita comunhão com a sua amada Divindade. Então, e quando proferia o Gayatri Mantra[8], o seu rosto e o seu peito tornavam-se radiantes.

A impressão criada por Chandra Devi na aldeia foi igualmente grande. A sua bondade atraiu a atenção em breve. Os mendigos sabiam que, enquanto houvesse um bocado de comida em casa, ela o partilharia. Era indulgente com as exigências e importunidades de rapazes e raparigas, e as mulheres da aldeia recorriam a ela para obter ajuda para resolver as suas dificuldades. Assim, embora as cabanas de Khudiram nunca sorrissem em opulência, eram uma fonte de consolo para muitos.

Sri Ramakrishna, mais tarde na vida, ao referir-se aos seus pais, disse aos seus discípulos e devotos: "A minha mãe era a própria personificação da retidão e da sinceridade. Não sabia muito sobre os caminhos do mundo e, sendo inocente na arte da ocultação, dizia o que lhe ia na mente. As pessoas amavam-na grandemente pela sua franqueza. O meu pai nunca aceitava dádivas dos Sudras[9]. Passava grande parte do seu tempo em adoração, meditação e na recitação das contas do rosário. Todos os dias, enquanto absorvido na oração, ao invocar a deusa Gayatri, o seu peito expandia-se e tornava-se radiante com um brilho divino, e as lágrimas rolavam-lhe pelas faces. Além disso, nas horas de lazer, quando não ocupado na adoração, fazia grinaldas para Raghuvir. Deixou o seu lar ancestral para evitar prestar um falso testemunho. Os aldeãos respeitavam-no como um sábio".

Após seis anos de residência em Kamarpukur, Khudiram casou o seu filho e a sua filha. Ramkumar alcançou proficiência

no código hindu no Tol[10] de uma aldeia adjacente e, em breve, foi capaz de aliviar, até certo ponto, o fardo familiar do pai. Os Chatterjees tinham-se tornado comparativamente prósperos. Ramkumar aumentava os rendimentos ao emitir pareceres sobre pontos disputados de cerimoniais religiosos ou ao assistir na realização de ritos específicos. A história de que Ramkumar adquirira poderes sobrenaturais ainda vive na aldeia. As pessoas consideravam as suas profecias infalíveis e contavam que, após a sua iniciação na adoração da Sakti[11], a Deusa lhe concedera poderes miraculosos na astrologia, e que, a partir de então, ele conseguia dizer se um doente viveria ou morreria. Shivaram Chatterjee, sobrinho de Ramkumar, costumava contar uma história sobre o poder profético do seu tio. Ramkumar estava em Calcutá em negócios e foi ao Ganges para se banhar. Um homem rico com a sua família também se encontrava lá com o mesmo propósito. Em cumprimento do costume vigente nalgumas famílias ricas para a manutenção estrita do sistema purdah, a esposa foi levada até à água do Ganges numa palanquim.

De dentro desta, ela tomava o seu banho. Ramkumar estava ali perto e, acidentalmente, conseguiu ver de relance o seu belo rosto. Com um profundo suspiro, comentou que aquele corpo, que estava a ser guardado de forma tão escrupulosa do olhar público, seria entregue na presença de todos, na manhã seguinte, a esse mesmo Ganges como um cadáver sem vida. O marido ficou grandemente surpreendido, pois a esposa era jovem e forte. Convidou Ramkumar para a sua casa, com o intuito de o punir caso a profecia se revelasse falsa. Mas, para surpresa e desgosto de todos, a mulher faleceu.

Noutra ocasião, no caso da sua própria esposa, a visão de Ramkumar foi profética. Esta jovem mulher, que era dotada de muitas marcas auspiciosas[12], parecia trazer com a sua chegada a prosperidade à família Chatterjee e era amada por toda a gente. Mas, um dia, Ramkumar disse gravemente aos seus familiares que, embora tudo parecesse propício, ela morreria no nascimento do seu primeiro filho. Enquanto ela permaneceu sem filhos,

Ramkumar sentiu-se aliviado, mas no ano de 1849, à idade de trinta e cinco anos, ela deu à luz um belo rapaz e expirou.

Com Ramkumar a cuidar da família, Khudiram passou a ter mais tempo à sua disposição e passava quase todo o dia em meditação, adoração e discursos religiosos. Descobriu que o único porto de abrigo num mundo perturbado residia na devoção contínua a Deus. Surgiu nele o desejo de ir em peregrinação, pois não ensinavam as escrituras que Deus Se revelava mais nos lugares santos frequentados por devotos e santificados desde tempos imemoriais pela presença de sábios e anacoretas?

Foi provavelmente no ano de 1824 que Khudiram partiu na sua longa peregrinação a Rameswar, no sul da Índia, um lugar altamente venerado pelos hindus. Está associado à memória sagrada de Sri Ramachandra, que, no seu regresso de Lanka, adorou ali o Deus Shiva. Khudiram viajou toda a distância de quase mil e quinhentas milhas a pé, ao visitar vários lugares santos no caminho. Esta peregrinação durou cerca de um ano. Doze meses mais tarde, em 1826, a sua esposa Chandra tornou-se mãe de um segundo filho, que recebeu o nome de Rameswar.

Cerca de onze anos depois, Khudiram sentiu uma forte inclinação para fazer outra peregrinação — desta vez a Gaya. Embora avançado em anos, desejava, de acordo com o costume tradicional dos hindus, redimir as almas dos seus antepassados falecidos através da oferenda reverente de Pinda, a oblação de bolas de cevada, na pegada sagrada do Senhor Vishnu ali existente. Apesar da sua idade, a jornada de quase duzentas milhas a pé não o amedrontava. Khudiram partiu para Gaya no início do ano de 1835 e chegou lá no mês de março[13].

NASCIMENTO

Khudiram permaneceu cerca de um mês em Gaya, ao realizar várias cerimónias de acordo com as escrituras. Deslocou-se ao santuário de Vishnu, ou Gadadhar, como é chamado, e ofereceu oblações aos seus antepassados falecidos. A alegria que sentiu

nesse dia pode ser mais facilmente imaginada do que descrita, pois cumprira uma das suas obrigações como filho, segundo as escrituras. Sentiu que os espíritos dos seus antepassados o abençoavam.

Cheio de humildade e gratidão, agradeceu a Deus repetidamente por lhe conceder a oportunidade de cumprir a sua obrigação. Nessa noite, teve um sonho estranho. Sentiu-se transportado novamente para o templo de Gadadhar onde, no silêncio solene do recinto sagrado, encontrou os seus antepassados a banquetear-se, com os corações radiantes, com as oblações. De repente, um esplendor divino encheu a sala, e os espíritos dos falecidos caíram reverentemente de joelhos perante uma Pessoa luminosa sentada num trono.

O Ser resplandecente fez um sinal a Khudiram, que se adiantou e, com o coração cheio de devoção, se prostrou. Dirigindo-se a Khudiram num tom de grande doçura, disse: "Estou muito satisfeito com a tua devoção sincera. Nasço repetidamente para castigar os malvados e proteger os virtuosos. Desta vez, nascerei na tua cabana e aceitar-te-ei como Meu pai". Khudiram ficou mudo de espanto; quando recuperou o poder da fala, disse: "Não, meu Senhor, não sou digno deste favor. Já me mostrastes mais do que mereço. Sou demasiado pobre para Vos servir devidamente". O Senhor consolou-o e tranquilizou-o. Khudiram acordou, com o coração a vibrar de alegria. Compreendeu que um ser divino abençoaria o seu lar, mas resolveu não dizer nada sobre a sua experiência. Regressou a casa por volta do fim de abril.

Entretanto, Chandra Devi também tinha visões estranhas. Uma noite, sonhou que uma pessoa luminosa, que se assemelhava exatamente ao seu marido, estava ao seu lado. A visão persistiu mesmo depois de ela acordar. Pensou que alguém devia ter entrado no seu quarto e que o som dos passos causara o sonho.

Levantou-se, acendeu a lâmpada, mas encontrou a porta trancada por dentro. Ficou tão nervosa que foi incapaz de dormir o resto da noite. Na manhã seguinte, chamou duas das suas

amigas, Prasanna, a filha de Dharmadas Laha, e Dhani, a sua vizinha ferreira, e contou-lhes o sucedido. Elas riram-se dela, disseram-lhe para não repetir aquela história absurda e asseguraram-lhe que não passara de um sonho.

Outro dia, quando estava com Dhani perante o templo de Shiva adjacente à sua casa, viu uma torrente de luz celestial emanar da imagem do Senhor Shiva e lançar-se em direção a si. Estava prestes a falar do fenómeno à sua amiga quando a luz lhe entrou no corpo e a dominou por completo, ao deixá-la inconsciente. Dhani cuidou dela até recuperar a consciência e, ao ouvir toda a história, ficou primeiro intrigada e depois considerou aquilo como uma doença nervosa. Mas Chandra sentia-se como se estivesse grávida.

A primeira coisa que impressionou Khudiram após o seu regresso foi a mudança na sua esposa. A bondade natural do seu coração aumentara a tal ponto que transbordava em todas as direções. Mais do que nunca, considerava seu dever ajudar os vizinhos de todas as formas possíveis, ao suprir as necessidades deles a partir das suas próprias provisões, chegando a ficar sem comer, se necessário.

E quando ela contou a Khudiram a sua experiência e que sentia que estava prestes a ser mãe, ele lembrou-se das suas próprias visões em Gaya e conseguiu tranquilizá-la ao dizer-lhe que iam ser abençoados com uma criança divina, e que acontecimentos sobrenaturais eram de esperar num caso assim. Aconselhou-a a não falar das suas visões a ninguém. Chandra ficou muito consolada e passou os seus dias em completa resignação à vontade de Raghuvir.

Os atuais membros vivos da família Chatterjee contam que a futura mãe começou a ter visões quase diariamente. Às vezes, sentia a presença de seres celestiais; outras vezes, ouvia vozes. Um dia, acordou do sono ao ouvir o tilintar dos guizos das tornozeleiras de uma criança.

Às vezes, era encontrada a falar em sussurros com seres invisíveis. Contava as suas estranhas experiências ao marido, ao

dizer que as tinha não durante a oração ou a meditação, mas com os olhos bem abertos.

Não fazemos qualquer tentativa de explicar os estranhos incidentes narrados acima. Apenas lembraremos ao leitor que histórias semelhantes estão associadas ao advento de Profetas e Encarnações em todo o mundo. Os incidentes aqui relatados não se baseiam em meros boatos, mas, tanto quanto possível, foram recolhidos de fontes autênticas.

A hora abençoada pela qual Khudiram e Chandra esperavam ansiosamente aproximou-se finalmente. Na manhã de 17 de fevereiro do ano de 1836, Chandra disse ao marido que a hora do parto estava próxima, mas a noite seguinte já ia muito avançada quando, com a ajuda de Dhani, deu à luz um rapaz.

O quarto do parto onde o augusto estranho nasceu era uma pequena cabana que continha uma máquina de descascar e um forno para ferver o arroz. Era a estação primaveril, e a natureza infundira nova vida ao mundo após o longo inverno. Aves com os seus cantos doces e flores com um perfume delicioso anunciaram o advento do novo profeta, que, com o amor infinito numa mão e o conhecimento infinito na outra, veio entregar a sua mensagem de esperança à humanidade sofredora.

Depois de prestar a assistência necessária à mãe, Dhani voltou a sua atenção para o bebé, o qual, para sua surpresa, não estava onde o deixara. Tinha escorregado para o forno adjacente e ali jazia, meio coberto de cinzas, sem soltar um gemido! Pegou na criança e ficou espantada ao ver que era tão grande como um bebé de seis meses. Quando os amigos ouviram as boas-novas, houve grande regozijo, e o sopro de búzios anunciou o acontecimento abençoado ao mundo exterior. Khudiram, um perito em astrologia[14], verificou que o bebé nascerá num momento extremamente auspicioso, que prometia um futuro brilhante. Astrólogos célebres confirmaram isto mais tarde e profetizaram uma carreira grande e ilustre para ele.

Khudiram ficou radiante por a futura grandeza do seu filho confirmar a sua visão em Gaya e explicar as experiências de

Chandra Devi. Deu-lhe o nome de Gadadhar devido à sua maravilhosa experiência em Gaya.

[5] *Provavelmente um vestígio de budismo degradado.*

[6] *O aspeto do Senhor escolhido por um indivíduo como o seu Ideal.*

[7] *Como sinal de respeito.*

[8] *Uma oração védica à Divindade.*

[9] *A mais baixa das quatro castas, de acordo com a classificação hindu.*

[10] *Uma escola do tipo antigo onde se ensina a aprendizagem do sânscrito em todos os seus ramos.*

[11] *A Deusa que representa a Energia Criativa do universo.*

[12] *Certas marcas fisionómicas que se verificou, por observação repetida, indicarem futura grandeza, secular ou espiritual.*

[13] *Alguns são de opinião que Khudiram já tinha visitado as cidades santas de Vrindavan, Ayodhya e Benares, enquanto estava em Dereypore, e deu ao seu primeiro filho e à sua primeira filha — que nasceram pouco depois deste acontecimento — os nomes de Ramkumar e Katyayani, em memória dessa peregrinação. Segundo esta versão, desta vez visitou apenas Gaya. Mas outros dizem que visitou primeiro Benares e depois Gaya. Não estão disponíveis detalhes da sua visita a Benares.*

[14] *Desde os tempos antigos, na Índia, tem sido costume fazer o horóscopo de cada recém-nascido. Através dele, o futuro podia ser previsto com tolerável exatidão.*

INFÂNCIA

Desde o seu nascimento, Gadadhar exercia um fascínio estranho não só nos pais e nos familiares próximos, mas também nos vizinhos, que iam à cabana de Khudiram sempre que podiam. A condição financeira da família melhorou consideravelmente. A fama de Ramkumar como perito na realização de todos os ritos e cerimónias religiosas espalhava-se por toda a parte, ao trazer um

bom rendimento à família pobre na sua hora de necessidade. Além disso, assim que as felizes novas do nascimento de Gadadhar foram enviadas a Ramchand, sobrinho de Khudiram, este antecipou as necessidades da família e presenteou-a com uma vaca, em acréscimo à sua ajuda regular de quinze rupias por mês.

Passaram seis meses, e chegou o momento da celebração da cerimónia da primeira toma de arroz. No início, Khudiram pensou ser prudente realizá-la de forma humilde, na presença de alguns familiares. Mas, sob as instruções secretas do seu amigo Dharmadas Laha, os brâmanes da aldeia pediram a Khudiram que a celebrasse com pompa. Khudiram não tinha meios para organizar o festival numa escala tão grande, mas teve de ceder às importunidades deles. Consultou o seu amigo Dharmadas, que custeou alegremente a maior parte das despesas, e a cerimónia realizou-se de maneira adequada. Um grande número de mendigos foi alimentado, e todos abençoaram o rapaz.

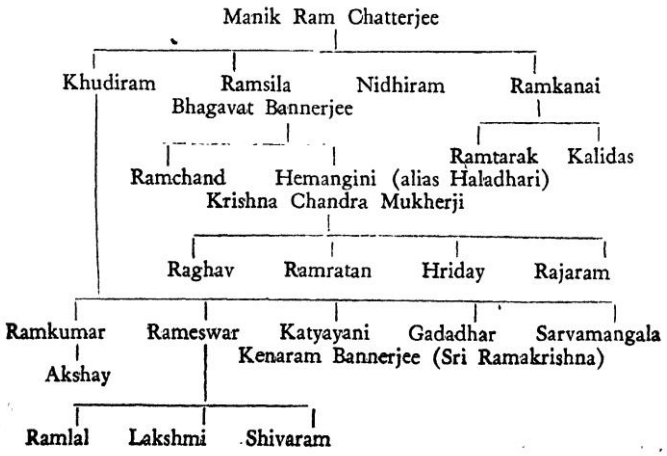
Entretanto, desde o nascimento do rapaz, ocorriam vários fenómenos sobrenaturais[1] que enchiam Chandra de alarme. Embora por vezes estivesse certa de que uma grande alma se dignara a nascer como seu filho, o seu coração de mãe era perturbado por receios de algum problema futuro para Gadadhar através da influência maligna de espíritos ou fantasmas, que era a sua forma de explicar estes acontecimentos extraordinários. Às vezes, a criança parecia demasiado pesada para carregar, e ela tinha de chamar o marido para ajudar.

Um momento depois, Gadadhar ficava leve como sempre. Como os acontecimentos deste género se tornaram bastante frequentes, a pobre Chandra ficou muito inquieta. Mas Khudiram consolava-a ao dizer que tais incidentes não eram estranhos no caso de uma criança divina. Além disso, a sua divindade tutelar, Raghuvir, daria sempre proteção. Isto, contudo, não acalmava a mãe, que orava fervorosamente aos deuses pelo bem-estar do seu filho.

Os anos foram passando e, em 1839, uma filha de nome Sarvamangala foi acrescentada à família[2]. Gadadhar tinha então cinco anos de idade.

[1] *Sobrenaturais — do ponto de vista da inexplicabilidade e do desconhecimento das leis dos planos subtis.*

[2] *A seguinte tabela genealógica ajudará o leitor:*



Era um rapaz saudável, de uma graça requintada. Khudiram estava grandemente surpreendido com a sua inteligência e memória maravilhosas, mesmo nessa idade tão precoce. O rapaz precoce aprendia de cor os nomes dos seus antepassados, os hinos a vários deuses e deusas, e contos das grandes epopeias nacionais. Bastava ouvir uma vez; mesmo após um grande lapso de tempo, conseguia repeti-los.

Jovem como era, mostrava grande aversão a certas coisas, tais como os rudimentos da matemática. Era um rapaz extremamente irrequieto e, a pensar que a escola o poderia ajudar a controlar isto, Khudiram enviou-o para a escola da aldeia, onde em breve se tornou amado tanto pelos estudantes como pelo professor. As aulas decorriam num amplo pavilhão pertencente da família Laha, o qual, em ocasiões festivas, era utilizado para representações dramáticas. Havia sessões de manhã e à tarde.

As experiências peculiares de Khudiram antes do nascimento de Gadadhar tinham-no convencido da futura grandeza do seu rapaz. Desde o início, considerava-o diferente; as faltas imperdoáveis nos rapazes comuns eram descuradas no caso dele, e o seu espírito rebelde era perdoado. Mas havia um abismo de

diferença entre as travessuras infantis de Gadadhar e as dos outros rapazes.

Geralmente, quando os rapazes são apanhados em alguma travessura, tentam desculpar-se e abstêm-se de repetir apenas por medo do castigo. Gadadhar era diferente. Confessava livremente quando era apanhado, mas nada o conseguia intimidar ao ponto de o fazer abster-se de o voltar a fazer, caso assim o desejasse. Persuasões gentis e afetuosas, contudo, surtiam sempre efeito sobre ele e faziam-no ceder, e a sua natureza doce impedia-o sempre de prejudicar alguém.

Na escola, Gadadhar fez um progresso razoável. Era capaz de ler e escrever, mas a sua aversão à matemática continuava como dantes. Naquela época, os menestréis costumavam percorrer as aldeias a recitar histórias mitológicas das epopeias e dos Puranas, e os aldeãos, sem qualquer cenário, encenavam-nas. Gadadhar nunca perdia nenhuma dessas representações e escutava com atenção absorta, ao notar cuidadosamente a pose dos atores.

Muitas vezes repetia tais dramas perante os seus amigos quase palavra por palavra; tal era a sua memória maravilhosa. Aprendeu com os oleiros a arte de moldar imagens de deuses e deusas e depois fazia excelentes exemplares em casa. Com os pintores, aprendeu a pintá-las. Este era o seu passatempo favorito.

Assim, em vez de voltar a sua atenção para a aquisição daquela aprendizagem para a qual fora enviado à escola, de modo a poder mais tarde ganhar o seu sustento, Gadadhar dirigiu todas as suas energias para o estudo das vidas e caracteres dos heróis espirituais. O estudo constante desses assuntos deixava-o frequentemente esquecido do mundo e lançava-o em profundas meditações.

À medida que crescia, estas transformavam-se em trances frequentes sempre que os seus sentimentos religiosos eram despertados. Além das grandes epopeias, interessava-se pelo folclore da sua própria aldeia e das aldeias circundantes. Muitas vezes fazia cópias de alguns dos incidentes interessantes de livros

ou manuscritos: algumas destas ainda podem ser vistas no Belur Math.

À medida que crescia, outros traços de caráter começaram a manifestar-se. Por exemplo, mostrava uma coragem admirável. Os lugares que as outras pessoas evitavam por serem assombrados, ele visitava-os sem qualquer medo. Quase todos os membros da família Chatterjee eram propensos a influências psíquicas.

Isto ajudava-os a entrar em profundas meditações, ao fazê-los perder completamente a identidade no pensamento do Ideal Escolhido. Isto acontecia frequentemente com Ramsila, irmã de Khudiram, quando meditava sobre a deusa Sitala. Nesses momentos, ela era olhada com respeito e temor reverente. Certa vez, quando Ramsila estava num desses estados, Gadadhar encontrava-se por perto. Em vez de ficar assustado com o que via, disse mais tarde com um sorriso: "Seria muito divertido se aquela que possuiu a minha tia se apoderasse de mim!".

Mas a principal característica do rapaz, a que já nos referimos, era a sua influência sobre todos os que entravam em contacto com ele. Os rapazes com quem costumava brincar não suportavam separar-se dele, e os aldeãos que o tinham visto uma vez iam repetidamente à casa de Khudiram com doces ou frutas como pretexto para o ver. Conservou este invulgar poder de atração ao longo de toda a sua vida.

Manik Ram, um grande amigo de Khudiram, convidava frequentemente este último para a sua casa. Certa vez, quando Gadadhar tinha seis anos, acompanhou o pai. Manik Ram disse: "Bem, não creio que Gadadhar seja uma criança comum. Ele tem marcas invulgares no corpo. A sua presença alegra verdadeiramente o meu coração e gostaria que o trouxesses contigo mais vezes". Depois disso, se Khudiram estivesse impossibilitado de ir ver Manik, este mandava chamar Gadadhar. O rapaz passava o dia inteiro com ele, ao regressar à noite carregado de presentes.

Já nos referimos à forte influência dos livros religiosos na mente suscetível de Gadadhar. Sempre que lia tais livros para os aldeãos, fazia-o com tal sentimento que, por momentos, parecia perder a sua própria identidade, e o público ficava fascinado. Os seus familiares não conseguiam compreender isto e atribuíam-no a histeria. Cedo se verificou que não apenas os livros, mas também uma bela paisagem ou algum incidente tocante eram suficientes para o fazer perder-se de si. E a aldeia abundava em tais estímulos. As belezas e sublimidades da Natureza podiam ser ali vistas na sua glória primitiva. Um dia, a ocorrência de um caso deste género causou grande ansiedade aos seus pais e familiares. Sri Ramakrishna, em anos posteriores, narrou este incidente aos seus devotos na sua habitual forma poética. Apresentamos aqui a substância do que ele disse:

"Nessa parte do país (referindo-se a Kamarpukur), os rapazes recebem arroz tufado para o almoço. Carregam-no em pequenos cestos de vime ou, se forem demasiado pobres, a um canto do seu pano. Depois saem para brincar nos caminhos ou nos campos. Um dia, em junho ou julho, quando eu tinha seis ou sete anos, caminhava por um atalho estreito que separava os arrozais, a comer um pouco do arroz tufado que levava num cesto. Ao erguer os olhos para o céu, vi uma bela e sombria nuvem de trovoada.

À medida que se espalhava rapidamente, ao envolver todo o céu, um bando de garças brancas como a neve voou por cima, em frente dela. Apresentava um contraste tão belo que a minha mente vagou para regiões longínquas. Perdido para os sentidos externos, caí e o arroz tufado espalhou-se em todas as direções. Algumas pessoas encontraram-me nessa situação e carregaram-me nos braços para casa. Essa foi a primeira vez que perdi completamente a consciência em êxtase."

Embora parecesse perfeitamente bem quando recuperou a consciência, os seus pais ficaram grandemente assustados. Khudiram pensou ser prudente tomar precauções contra a repetição deste episódio, para que não causasse danos físicos ao rapaz na sua terna idade. Mas Gadadhar tranquilizou-o ao dizer-

lhe que tinha simplesmente perdido toda a consciência externa, pois a sua mente fora dominada por uma emoção inexprimível e por uma alegria indizível. No entanto, os pais mantiveram-no afastado da escola durante vários dias.

RAPARIGUICE E RAPAZIADA

Quando Gadadhar tinha sete anos, a vida simples e tranquila da família Chatterjee foi subitamente interrompida por um triste acontecimento, pleno de grandes consequências para Gadadhar. No ano de 1843, Khudiram desenvolveu sintomas de indigestão, que em breve se transformaram em disenteria crónica. O seu corpo forte ficou debilitado e, no seu sexagésimo oitavo ano, não tinha vitalidade suficiente para travar o avanço da doença.

Chegou a estação do outono. Todos os anos, o sobrinho de Khudiram, Ramchand, celebrava com grande pompa o festival de Durga Puja na sua casa em Salampore. Khudiram costumava comparecer. Este ano, receoso da sombra escura que se vislumbrava no futuro, hesitou em ir. Mas, pensando melhor, mudou de ideias e partiu com o seu filho mais velho, Ramkumar. Poucos dias após a sua chegada a Salampore, a sua doença tomou um rumo grave e, no quarto dia da celebração, ficou inconsciente. Ramchand ficou grandemente preocupado.

Ao perceber que o último momento de Khudiram havia chegado, chamou por ele com o nome de Raghuvir. À menção deste nome sagrado, Khudiram recuperou subitamente a consciência e pediu que o ajudassem a sentar-se na cama. Proferiu então o nome de Raghuvir três vezes e expirou. Ramchand e a sua família ficaram dominados pela dor com a morte de Khudiram. O seu corpo foi levado para a margem do rio adjacente e os últimos ritos foram realizados de acordo com o costume habitual.

As tristes novas chegaram a Kamarpukur e lançaram uma melancolia indizível sobre a família Chatterjee. Para uma esposa hindu, a morte do marido, que é o seu Deus visível na terra, é considerada a maior das desgraças. Chandra Devi estava agora

virtualmente morta para o mundo. Ao deixar de lado todos os prazeres da vida — dos quais, na verdade, tinha muito poucos — concentrou toda a sua energia na oração e na meditação, e aguardava com ansiedade o dia em que se reuniria com o seu amado no outro mundo.

Este acontecimento abalou igualmente Ramkumar, sobre cujos ombros recaía agora toda a responsabilidade da família. Tinha de cuidar da sua mãe viúva, educar os irmãos mais novos e gerir os assuntos domésticos em conformidade com as tradições da família. A morte de Khudiram trouxe também uma grande mudança à mente de Gadadhar. Todos os dias sentia cada vez mais a perda do pai. O contraste marcante entre o caráter do seu pai e o das outras pessoas começou a revelar-se-lhe. A sua mente, naturalmente reflexiva, tornou-se mais grave, embora para o observador ele ainda mantivesse o seu habitual ar de alegria juvenil. Ninguém notou que o rapaz começara a frequentar sozinho o pomar de mangueiras ou o cemitério nas proximidades e ali passava longas horas absorvido em pensamentos, nem que a sua atenção se focava mais do que nunca nas recitações purânicas e na criação de imagens de barro de deuses e deusas.

Além disso, houve uma mudança assinalável no comportamento de Gadadhar para com a mãe. Ao verificar que ela encontrava grande consolo na sua companhia, passava algum tempo todos os dias a ajudá-la nas tarefas domésticas ou na adoração de Raghuvir. Tornou-se também menos exigente nas suas importunidades, pois sabia que ela ficaria desgostosa se não pudesse satisfazer os seus pedidos infantis. Considerava seu dever diminuir o fardo do desgosto da mãe e infundir na sua vida melancólica toda a alegria e consolo que pudesse.

A aldeia de Kamarpukur, como se referiu anteriormente, situava-se na estrada que conduzia a Puri e, nesses tempos em que havia poucas linhas de caminho de ferro, esta rota era muito frequentada por peregrinos, monges errantes e outros, na sua maioria a pé. A família Laha construiu uma hospedaria para estes viajantes. Gadadhar encontrou em breve uma nova fonte de prazer

na companhia dos Sadhus; deliciava-se com as suas histórias de vários santos e de diferentes lugares, e com as suas orações e cânticos. Já sabia da sua vida pouco convencional, da sua indiferença à dor ou ao prazer físico, da sua devoção e resignação a Deus, e do seu contentamento com qualquer alimento que lhes chegasse. O rapaz começava a ter consciência da transitoriedade do mundo. O contacto com os monges reforçou este sentimento.

Deliciava-se em passar hora após hora com eles, a ouvir as suas discussões religiosas, a aprender cânticos com eles, a juntar-se às suas orações e, por vezes, até a partilhar das suas refeições e a ajudá-los ao ir buscar água ou a recolher lenha. Eles afeiçoaram-se grandemente a ele. Chandra Devi não se opunha. Pelo contrário, alegrava-se com esta associação do seu filho com os Sadhus e pensava que as bênçãos deles seriam benéficas. Mas, um dia, sobressaltou-se quando o rapaz lhe apareceu com o corpo coberto de cinzas.

Tinha rasgado o seu pano em dois e enrolado ambos os pedaços à volta dos lombos como Kaupins[3]. "Olha, mãe", disse ele com um sorriso, "tornei-me um Sadhu". A mãe ficou ansiosa, pois ouvira falar de falsos monges que, sob o disfarce de ascetas, tentavam os rapazes e os raptavam. Pediu a Gadadhar que evitasse a companhia deles. O rapaz, ao não conseguir convencer a mãe da total falta de fundamento dos seus receios, concordou finalmente em obedecer-lhe e foi ter com os Sadhus para se despedir deles. Estes ficaram surpreendidos e entristecidos ao saber dos receios da mãe e foram a casa dela para a tranquilizar quanto à segurança do seu rapaz.

A associação com estes monges itinerantes e a escuta das suas leituras das escrituras inclinaram a mente, naturalmente emotiva, do rapaz cada vez mais para a meditação. Assim, encontramo-lo na sua infância, muito antes de passar pelo terrível ascetismo no templo de Kali em Dakshineswar, a dar provas da natureza transcendental da sua mente — da sua diferença em relação à mente comum. O seguinte incidente fornece um exemplo da sua profunda inclinação religiosa.

A deusa Visalakshi, a divindade presidente de Anur, uma aldeia próxima de Kamarpukur, era também alvo de grande veneração por parte das gentes das aldeias vizinhas, que ali se deslocavam frequentemente para cumprir os seus votos após a satisfação dos seus desejos particulares. Tinha a reputação de ser uma protetora especial dos pobres e marginalizados, bem como dos rapazes pastores. Um dia, um grupo de mulheres, entre as quais Prasanna, a filha de Dharmadas Laha, que se destacava pela sua piedade e grande devoção, seguia a caminho de Anur para adorar Visalakshi. Gadadhar insistiu em acompanhá-las.

Assim, partiu com elas. À medida que o grupo caminhava, Gadadhar aliviava o tédio da viagem com cânticos em louvor da deusa. De repente, foi dominado por uma emoção religiosa — o seu corpo ficou rígido e imóvel, as lágrimas rolaram-lhe pelas faces e não respondeu às mulheres quando estas o chamaram em voz alta, assustadas. Não estando familiarizadas com o estado de trance, pensaram que ele devia ter sofrido uma insolação. Algumas salpicaram-lhe água no rosto, outras abanaram-no, mas sem resultados. Finalmente, Prasanna, em desespero, clamou pela ajuda da deusa. O nome de Visalakshi fora repetido apenas algumas vezes quando o rapaz mostrou sinais de recuperar a consciência e, num instante, voltou a ser ele próprio, sem qualquer indício de que lhe tivesse acontecido algum mal.

Gadadhar tinha agora nove anos e era altura de o investir com o cordão sagrado. Esta é a primeira ocasião memorável na vida de um brâmane; de facto, as escrituras consideram-no como um Sudra, um homem pertencente à casta mais baixa, até que isto tenha sido feito.

Então, torna-se um verdadeiro brâmane e é-lhe permitido proferir os Mantras sagrados e adorar os deuses e deusas; supõe-se que entra numa nova vida — uma vida de pureza, sacrifício, verdade e grande contenção — e é, por isso, chamado Dwija ou "nascido duas vezes". Além de observar grandes restrições na alimentação e noutros prazeres, as escrituras impõem-lhe a disciplina mais rigorosa em todas as fases da vida, e o castigo

para qualquer infração é severo. Todos os rapazes brâmanes anseiam por esta cerimónia sagrada; Gadadhar não era exceção.

Um incidente curioso aconteceu a este propósito. Após a investidura com o cordão sagrado, é prática geral o recém-iniciado receber a sua primeira Bhiksha ou esmola de algum parente ou pessoa de igual estatuto. Mas sucedeu que Dhani, a mulher ferreira da aldeia, tinha pedido há muito tempo a Gadadhar que lhe concedesse o privilégio de lhe dar a primeira Bhiksha, e o rapaz, movido pelo seu amor genuíno, tinha concordado. Dhani esperava com o coração expectante. Terminada a cerimónia, Gadadhar comunicou a sua promessa ao irmão Ramkumar. Foram levantadas objeções com o fundamento de que tal era contrário ao costume da família. Mas Gadadhar insistiu em cumprir a sua promessa. A família viu-se forçada a ceder e foi, portanto, de Dhani que Gadadhar recebeu as suas primeiras esmolas.

Ao ler este incidente à luz dos acontecimentos subsequentes, muitas ideias surgem no espírito. Antes de mais, mostra o grande e inabalável amor de Gadadhar pela verdade. Tinha feito a sua promessa e estava pronto a cumpri-la a qualquer custo. Ao mesmo tempo, não explica por que razão fez uma promessa que poderia trazer um estigma social para a sua família. Terá sido a devoção sincera de Dhani que o levou a fazê-lo?

Não será que, mesmo nessa terna idade, cada ato de Sri Ramakrishna tinha o seu significado, e que a sua intuição infalível o capacitava a reconhecer a sinceridade religiosa e a preferi-la às regras sociais, as quais, por muito necessárias que sejam em circunstâncias comuns, devem ser postas de lado se se pretender honrar o espírito da lei em vez da sua letra?

Até então, apenas os aldeãos conheciam as grandes qualidades de Gadadhar, embora nenhum fizesse ideia do grande papel que ele viria a desempenhar mais tarde.

Pouco depois da cerimónia do cordão, ocorreu um incidente que o levou pela primeira vez perante eles na qualidade de instrutor. Tinha então cerca de dez anos. Houve uma grande

cerimónia de Sraddha na casa de Dharmadas Laha, para a qual foram convidados vários eruditos brâmanes. Como habitualmente acontece em tais ocasiões, os eruditos envolveram-se num debate animado sobre um ponto subtil. A discussão durou horas. Os seus gestos exaltados e as vozes altas durante a disputa verbal atraíram uma série de espetadores, entre os quais se encontrava Gadadhar.

Enquanto os outros rapazes conversavam ou imitavam os gestos dos Pandits, ele escutava com atenção absorta. Finalmente, o rapaz sussurrou algo a um brâmane, a perguntar se essa não poderia ser a resposta. Quando os outros a ouviram, aceitaram-na de imediato como a única solução possível. Vinda de um rapaz de escassos dez anos, ficaram maravilhados com tamanha maturidade mental em alguém tão jovem.

[3] *Pano que os Sadhus usam à volta dos lombos.*

Incidentes semelhantes não são de modo algum invulgares nas vidas de grandes seres como Sri Krishna, Sankara, Sri Chaitanya, Cristo e outros, que evidenciaram poderes extraordinários numa idade muito precoce. Diz-se que, antes dos oito anos, o grande Sankara tinha dominado as escrituras hindus; aos dezasseis anos, compôs as obras-primas sobre o Vedanta que um homem de inteligência comum demora uma vida inteira a ler e a digerir.

Sri Chaitanya também mostrou uma inteligência e memória surpreendentes quando era ainda um rapaz. E podemos citar um exemplo paralelo da vida de Cristo, que, no seu décimo segundo ano, confundiu os instruídos Rabinos de Jerusalém com a sua sabedoria — plenamente consciente, na altura, do que fazia, como os seus esclarecimentos aos pais claramente demonstram. Tudo isto mostra que, pela sua própria constituição, eles devem ter acesso a reservatórios ocultos de conhecimento e sabedoria com os quais os homens e as mulheres comuns nem sequer sonham. E, ao julgar as suas ações, devemos mostrar um espírito de humildade e libertar as nossas mentes de todas as ideias preconcebidas.

Após a sua investidura com o cordão sagrado, Gadadhar recebeu permissão para adorar o deus da família, Raghuvir. Isto encheu-o de grande alegria. Tinha conhecimento da grande devoção do seu pai por Ele. Por isso, quando se sentava para O adorar, pensava n'Ele não como um emblema de pedra, mas como Deus encarnado — o Criador, Preservador e Destruidor do mundo. As horas que passava em adoração e meditação elevavam a sua mente a um nível muito alto, onde frequentemente tinha visões notáveis.

Numa noite de Shivaratri, organizou-se uma representação dramática na aldeia, na casa de Sita Nath Pyne, sendo o tema escolhido um capítulo da vida de Shiva. É costume em tais ocasiões os devotos de Shiva jejuarem o dia inteiro e manterem vigília através de orações, adoração e cânticos em Seu louvor. Realizam-se quatro serviços nas quatro vigílias da noite.

O jovem Gadadhar também jejuou nesse dia e resolveu passar a noite em casa a adorar o Senhor. A primeira vigília já tinha terminado quando Gayavishnu e alguns outros amigos foram ter com ele e disseram que a sua presença era necessária de imediato na casa de Sita Nath Pyne, porque o homem que ia desempenhar o papel principal, o papel de Shiva, tinha adoecido à última da hora, e precisavam de um substituto, tendo Gadadhar sido o escolhido. Gadadhar recusou ao início, ao dizer que não podia deixar a sua adoração, mas os amigos salientaram que, ao desempenhar o papel, teria de pensar constantemente no Senhor Shiva, e que isso também era adoração.

Assim, Gadadhar foi convencido a ir e foi levado para o camarim. Enquanto os amigos o vestiam para o papel de Shiva — ao cobrir-lhe o corpo com cinzas, a entrelaçar-lhe os cabelos e a pendurar-lhe contas de Rudraksha e outros acessórios do traje —, a sua mente voou para longe da consciência do mundo. Quando chegou o momento de aparecer, subiu ao palco com passos lentos e medidos, amparado pelos amigos. O seu semblante era grave e, ao colocar-se perante os espetadores, parecia a personificação viva de Shiva.

O entusiasmo do público foi ilimitado. Entretanto, o rapaz tinha-se perdido completamente na glória divina de Shiva; a sua mente, no seu voo transcendental, foi transportada para uma região de calma e serenidade tão imutável como o próprio Senhor Shiva. Revelaram-se-lhe as diferentes fases da grande glória de Mahadeva, o Deus dos deuses. Calmo, doce, esquecido de si e alheio às dores e aos prazeres do mundo, o grande Deus apareceu diante dele como o ideal da contemplação serena, imerso em Samadhi.

Ali ficou o rapaz, perdido na grande sublimidade de Shiva, morto para o mundo circundante. O diretor da representação, acompanhado por um ou dois homens mais velhos da aldeia, aproximou-se dele e verificou que estava inconsciente. Teria sido dado como morto, não fosse a torrente de lágrimas que lhe brotava dos olhos e o esplendor do seu rosto.

O efeito desta cena sobre todos os corações piedosos da assistência foi tremendo. Finalmente, os amigos ficaram alarmados e tentaram fazê-lo recuperar a consciência, mas em vão. A representação teve de parar. Foi levado para casa nessa condição e não recuperou a consciência externa senão na manhã seguinte.

Tais trances tornaram-se bastante frequentes a partir de então. Ao meditar ou ao ouvir um cântico devocional, a sua mente afastava-se dos objetos exteriores e permanecia longo tempo num estado de absorção. Quando interrogado sobre isto, o rapaz dizia que a meditação em qualquer divindade trazia a verdadeira forma perante a sua mente, e as emoções assim despertadas faziam-no perder a consciência externa.

A mãe e os familiares ficaram ao início muito preocupados com estes trances, mas a saúde intacta e o vigor corporal do rapaz gradualmente tranquilizaram os seus espíritos. Embora fosse frequentemente dominado dessa maneira, não havia qualquer interferência na sua rotina diária. Sentia grande deleite em todas as cerimónias religiosas da aldeia, ao retirar igual prazer da adoração de todas as formas de divindade, sem distinção. Este

amor imparcial permitiu-lhe, a longo prazo, perceber que a mesma divindade estava por trás de todas as imagens e religiões.

Aquelas poucas almas afortunadas de Kamarpukur que eram capazes de discernir a grandeza de Gadadhar adoravam-no verdadeiramente. Uma delas era Srinivas, um hindu de casta baixa cuja família vivia do fabrico de braceletes de conchas. O Mestre falava frequentemente com grande estima da grande piedade e espiritualidade deste homem. Amava Gadadhar e deliciava-se com a sua companhia, ao manter frequentemente discussões animadas com ele sobre o Bhagavata.

Um dia, enquanto fazia uma grinalda para a adoração, Gadadhar apareceu. Srinivas trouxe imediatamente alguns doces do mercado e, ao ocultá-los no seu pano, conduziu Gadadhar para um local isolado, debaixo de uma árvore no maidan. Olhou em redor para se certificar de que não era observado e adorou Gadadhar, ao pendurar-lhe a grinalda e ao alimentá-lo com os doces. Com os olhos banhados em lágrimas e a voz embargada pela emoção, disse: "Envelheci e sinto o meu fim aproximar-se. Não terei a boa sorte de ver as muitas coisas maravilhosas que farás no mundo. Apenas peço que olhes sempre com compaixão para este teu servo indigno".

Falámos da associação de Gadadhar com os outros rapazes da sua aldeia. Passavam grande parte do dia juntos a brincar, ao ausentar-se frequentemente da escola. O seu retiro favorito era o pomar de mangueiras que fora dedicado por Manik Raja ao uso do público. Reuniam-se ali debaixo de uma grande árvore para partilhar o arroz frito que traziam de casa. Gadadhar selecionou uma série de rapazes jovens que sabiam cantar e formou uma espécie de companhia dramática. Os temas das suas representações eram episódios do Ramayana ou do Mahabharata, que ouviam frequentemente nas peças amadoras da aldeia e que Gadadhar, devido à sua memória retentiva, conseguia reproduzir quase palavra por palavra. Selecionava o papel para cada ator, ao assumir ele próprio o papel do herói, como era óbvio.

Os temas favoritos de Gadadhar eram os vários incidentes da vida de Sri Krishna, especialmente a Vrajalila, ou os jogos juvenis de Sri Krishna com os pastores e as pastoras de Vrindavana. O auge do efeito dramático era atingido quando ele cantava as canções pastoris que retratavam os grandes feitos de Sri Krishna, ou as dores de Sri Radha na separação do seu amado, enquanto os outros rapazes faziam de Subal, Sridam e outros companheiros de Krishna.

O jovem Gadadhar, com a sua tez clara e cabelos soltos, uma grinalda ao pescoço e uma flauta nos lábios, assumia o papel de Sri Krishna; ou, como Radhika, retratava a mágoa da separação de Krishna. Gadadhar, dominado pela emoção associada a estes temas, caía em trances frequentes. Por vezes, todo o pomar de mangueiras ecoava com os Sankirtans que os rapazes cantavam em coro.

Cedo o professor soube que os rapazes faltavam à escola para passar o tempo em cânticos e folguedos. Um dia, chamou-os à sua presença e perguntou-lhes quem era o cabecilha. Apontaram para Gadadhar, e o professor pediu-lhe que repetisse o que fazia no jardim de mangueiras com os amigos. Destemidamente, o rapaz cantou uma canção, que encantou de tal modo o professor que este se esqueceu de os castigar. Destes rapazes, o amigo mais íntimo de Gadadhar era Gayavishnu. Gadadhar nunca se esquecia de partilhar com ele os doces ou frutos oferecidos pelas mulheres da aldeia.

À medida que crescia, aumentava a aversão de Gadadhar pelo trabalho rotineiro da escola, embora gostasse de ler as epopeias, os Puranas e outros livros sagrados. Ali encontrava uma resposta para o grande fervor espiritual do seu coração. Às vezes, lia em voz alta as vidas de Prahlada, Dhruva ou de outros grandes devotos para os aldeãos.

Quanto mais a sua atenção se voltava nessa direção, mais negligenciava os estudos. Devido aos seus trances frequentes, o seu irmão mais velho pensou ser prudente dar-lhe liberdade, para que não sentisse o desgaste de qualquer trabalho continuado.

Entretanto, a monotonia na vida da família Chatterjee foi quebrada por vários incidentes, um dos quais, pelo menos, influenciou grandemente a futura carreira de Gadadhar. Rameswar e Sarvamangala, que já eram crescidos, casaram-se. A esposa de Ramkumar ia ser mãe em breve, mas isso, em vez de causar alegria, encheu a família de receios de perigo iminente.

As suas ações eram muito estranhas. Quebrou a regra tradicional da família de se abster de comer antes da adoração de Raghuvir; quando chamada à atenção pelo marido ou pela sogra, mostrava-se ressentida. No ano de 1849, deu à luz um filho varão, que recebeu o nome de Akshay, e expirou pouco depois, ao cumprir assim a profecia de Ramkumar. A partir dessa altura, instalou-se uma maré adversa na condição financeira da família. Rameswar, embora perito na Smriti e noutros assuntos, mal conseguia ganhar o suficiente para um sustento digno.

Os rendimentos de Ramkumar também diminuíram inesperadamente, e ele era demasiado idoso para encontrar novas formas de os aumentar. Mal recuperara do grande choque de perder a sua querida esposa, a companheira amorosa de trinta anos, quando se viu confrontado com dificuldades financeiras. Forçado a contrair dívidas que não tinha forma de pagar, resolveu ir para outro lado, para algum local onde pudesse rentabilizar melhor as suas qualificações. Seguindo o conselho de amigos, decidiu ir para Calcutá e abrir um Tol em Jhamapukur, na zona central da cidade.

O fardo da família recaiu agora sobre Rameswar. Jovem e inexperiente como era, tentou adaptar-se à sua nova situação. Tinha de cuidar de uma mãe idosa, de um irmão mais novo e da sua própria esposa, bem como do rapaz órfão de Ramkumar. A aversão de Gadadhar pela instrução enchia-o de grande preocupação com o seu futuro.

Mas ele herdara o traço precioso de Khudiram de olhar para Deus em tudo e de se manter satisfeito com o que era determinado pela vontade Divina. Por isso, embora por vezes o seu ânimo esmorecesse, noutras ocasiões esquecia tudo na companhia dos

peregrinos e ascetas na hospedaria da família Laha. Sabia que "Deus martelava tão ferozmente o Seu mundo, pisava-o e amassava-o como massa, lançava-o tantas vezes no banho de sangue e no calor vermelho de inferno da fornalha" porque a natureza humana era "ainda um minério duro, bruto e vil que de outra forma não se fundiria nem ganharia forma". E, de algum modo, conseguia sustentar a família.

A morte da esposa de Ramkumar lançou Chandra Devi numa situação lamentável. Quando a sua nora era a dona de casa, Chandra Devi estava, em grande parte, livre das preocupações da família e passava o tempo sobretudo em oração. Agora, com a idade de cinquenta e oito anos, era empurrada de volta para o mundo. Além de cuidar de Akshay, tinha de ajudar na cozinha, na adoração de Raghuvir e noutros assuntos domésticos. Sob o peso da velhice e da fragilidade, devia readquirir coragem, deixar o rosário de lado e entregar-se ao serviço da família.

NO LIMIAR DA JUVENTUDE

Estas mudanças na família Chatterjee deixaram uma impressão indelével na mente emotiva de Gadadhar. A morte da esposa do irmão, a falta de idoneidade da fortuna, a diminuição dos rendimentos — tudo isto reforçou a sua convicção quanto à natureza fugaz dos prazeres mundanos. Mesmo nessa terna idade, sentia desgosto pelo mundo. O seu desagrado pela instrução académica aumentou. Verificou que os homens corriam atrás do conhecimento académico porque este os ajudaria a ganhar dinheiro ou a obter prestígio — cuja natureza transitória lhe era perfeitamente evidente. Resolveu passar uma vida de meditação, oração e adoração; e, embora ainda realizasse o trabalho rotineiro do dia, cujo elemento principal consistia em ajudar a sua mãe idosa nas tarefas domésticas, passava uma grande parte do seu tempo a adorar Raghuvir ou a ler passagens dos livros sagrados.

Já dissemos que as mulheres da vizinhança se sentiam grandemente atraídas pelo caráter amável de Gadadhar. Após a

partida de Ramkumar para Calcutá, o rapaz, devido à natureza das tarefas de que se encarregou, tinha de passar muito tempo dentro de casa, o que lhes proporcionava maiores oportunidades de desfrutar da sua companhia. Enchiam a casa de Chandra após o trabalho do dia e agrupavam-se em redor do rapaz, na esperança de o ouvir cantar ou recitar algum texto sagrado.

Tão persistentes eram que, em breve, essas atividades se tornaram parte do seu dever diário. Nessa altura, viviam em Kamarpukur muitos Vaishnavas e Bauls[4]. Gadadhar aprendeu os seus cânticos devocionais de cor e entretinha as visitantes da mãe ao cantá-los, bem como ao encenar alguns dos dramas da aldeia, ao assumir ele próprio os diferentes papéis. Tinha um talento maravilhoso para imitar vozes, especialmente de mulher, e era também um bom imitador. Quando encontrava a mãe ou alguma das suas amigas de baixo astral, animava-as com as suas personificações. Não podia haver vestígio de melancolia na presença deste rapaz alegre e ingénuo.

O convívio transformou-se em breve em intimidade. As senhoras sabiam das circunstâncias extraordinárias que rodearam o nascimento de Gadadhar e tinham conhecimento do seu grande fervor espiritual e devoção inabalável. A sua simplicidade, retidão, piedade e fé ilimitada nos deuses encantavam-lhes o coração.

Mulheres idosas como Prasannamayi consideravam-no o rapaz Gopala, as mais jovens pensavam que ele era dotado de algumas das características de Sri Krishna. A sua grande naturalidade e perfeita capacidade de adaptação faziam-nas esquecer o seu sexo, e não tinham qualquer hesitação em confiar-lhe os seus segredos. A sua natureza, nesta altura, tornou-se surpreendentemente feminina, sem dúvida devido ao seu estudo dos dramas populares e das líricas dos Vaishnavas, que tratam na sua maioria da vida de Sri Krishna e das suas relações com os rapazes pastores e as pastoras de Vrindavan.

O páthos subjacente à atração sentida pelas Gopis pelo seu amado Amigo pastor, a intensidade desse amor que, por assim

dizer, as consumia pouco a pouco, as dores da separação, a suprema felicidade no reencontro e, finalmente, o grande idealismo na base destes episódios deixaram uma impressão duradoura na mente de Gadadhar. Muitas vezes, no seu anseio por Deus, transmutava-se, por assim dizer, numa pastora de Vrindavan, ao esquecer o seu verdadeiro ser. As jovens piedosas da aldeia, que eram na sua maioria devotas de Vishnu, lembravam-lhe as Gopis de Vrindavan e, por isso, procurava a companhia delas. Sabia que as Gopis eram capazes de realizar Krishna como seu marido e de sentir a dita do seu eterno reencontro porque eram mulheres. Ele, no seu desejo ardente de alcançar o mesmo objetivo, lamentava ter nascido homem e inclinava-se a pensar que a sua forma masculina era uma grande barreira que o separava do seu Amado.

Se tivesse de nascer de novo, gostaria de ser uma criança viúva numa família brâmane piedosa, que pensaria apenas em Krishna como seu marido. Com o estritamente suficiente para se manter, teria uma vaca leiteira, uma roda de fiar e uma parcela de terra ao redor da sua cabana para cultivar vegetais. Uma mulher idosa agiria como sua guardiã.

Prepararia vários doces com o leite da sua vaca e preservá-los-ia para o seu Amado. Depois de terminar o trabalho do dia, sentar-se-ia junto à roda e, enquanto fiava, daria livre curso aos seus sentimentos numa canção de êxtase. Então, na luz suave da noite, Sri Krishna entraria na cabana furtivamente como o rapaz pastor e comeria esses doces. Era assim que a sua imaginação vagava.

[4] *Uma seita de Vaishnavas.*

Este ideal de Gadadhar não se cumpriu à letra, mas ele realizou Sri Krishna nesta mesma vida na forma que desejava, como veremos mais tarde. Ao encenar papéis femininos, vestia-se em conformidade, e a sua representação era perfeita. Muitas vezes, por diversão, ia disfarçado de rapariga até ao Haldarpukur, ao carregar um jarro de água à moda das mulheres da terra e, embora caminhasse com pessoas que o conheciam desde o

nascimento, estas mal o reconheciam. Sitanath Pyne, cuja casa ficava perto da de Khudiram, tinha sete filhos e oito filhas consigo em Kamarpukur, mesmo após o casamento destas. Esta família vivia em termos de grande intimidade com Chandra. Gadadhar passava ali longas horas a recitar histórias dos Puranas. Muitas das mulheres da aldeia que a visitavam, juntamente com as senhoras da casa, tinham a oportunidade de ouvir estas recitações e de desfrutar das travessuras juvenis de Gadadhar.

Um vizinho de Sitanath, chamado Durgadas Pyne, era um defensor estrito do sistema purdah. Jactava-se de que nenhum homem de fora alguma vez penetrara nos aposentos das suas mulheres. Um dia, Gadadhar ouviu-o e disse-lhe que a castidade das mulheres só podia ser preservada através da educação e da devoção a Deus, e não ao encerrá-las num zenana. "Além disso", acrescentou, "posso facilmente obter acesso ao vosso". Durgadas desafiou o rapaz a fazê-lo. "Está bem. Veremos", respondeu ele, ao afastar-se com um sorriso.

Uma noite, Durgadas conversava com alguns amigos quando uma mulher humildemente vestida, com o rosto oculto sob um véu e com um cesto no braço, se aproximou e se colocou diante deles. Apresentou-se ao dizer que pertencia a uma família de tecelões de uma aldeia vizinha e que viera ao mercado para vender fio. As suas amigas tinham regressado todas a casa, ao deixá-la para trás e, como lhe era impossível voltar sozinha àquela hora, pediu que lhe permitissem passar a noite com a família dele. Durgadas fez algumas perguntas à mulher e depois disse: "Está bem; entra e fala com as senhoras". A mulher expressou a sua gratidão e entrou. As mulheres, ao achá-la jovem e de grande simplicidade, convidaram-na a passar a noite e deram-lhe algo para comer. Ela sentou-se ali perto e, enquanto comia as iguarias, examinou cada divisão da casa, ao juntar-se, de quando em quando, na conversa.

Passaram cerca de três horas dessa maneira. Entretanto, Chandra deu pela falta de Gadadhar; quando decorreram algumas horas e ele continuava ausente, ficou muito ansiosa e enviou

Rameswar em sua busca. Rameswar foi primeiro à casa de Sitanath, pois era ali que o rapaz passava a maior parte do tempo. Mas ele não estava lá. Procurou-o noutros locais, ao chamar o seu nome em voz alta enquanto caminhava. Ao passar pela casa de Durgadas, uma voz vinda dos aposentos das mulheres respondeu: "Já vou, irmão". As mulheres ficaram estupefactas ao verificar que a estranha não era outro senão Gadadhar disfarçado.

Durgadas, assim Logrado, ficou aborrecido ao início, mas, mais tarde, entrou no espírito da brincadeira e deu os parabéns ao rapaz pelo seu sucesso. Quebrado assim o gelo, as senhoras desta família também começaram a frequentar a casa de Sitanath Pyne quando Gadadhar estava presente. E, quando ele caía em trances durante os cânticos devocionais, adoravam-no, ao pensar que Krishna ou Gauranga se manifestava naquele corpo puro. Mais tarde, presentearam-no com uma flauta de ouro e com um vestuário completo para papéis tanto masculinos como femininos. As mulheres da família Pyne acalentaram a sua memória durante toda a vida e, quando, em 1893, alguns dos discípulos monásticos de Sri Ramakrishna visitaram Kamarpukur, Rukmini, uma das filhas de Sitanath, então com sessenta anos de idade, fez o seguinte relato interessante da associação delas com Gadadhar: "Vem ali a nossa casa, um pouco mais para norte. Está agora em ruínas e restam muito poucos membros da nossa família.

Eu tinha então dezassete ou dezoito anos de idade. A nossa era uma família próspera. Sitanath Pyne era o meu pai, e éramos ao todo dezassete ou dezoito irmãs e primas, todas mais ou menos com a mesma idade. Gadadhar costumava brincar connosco desde a infância. Estávamos, por isso, em termos de estreita intimidade com ele. Mesmo depois de termos casado e atingido a maioridade, ele costumava visitar a nossa casa e, embora tivesse crescido, tinha livre acesso aos nossos aposentos interiores.

O meu pai amava-o ternamente e adorava-o como se fosse o seu próprio Ishta. 'Tem tantas raparigas em casa', queixavam-se alguns vizinhos ao meu pai, 'e Gadadhar já não é uma criança; por que lhe permite visitar a sua família com tanta frequência?'.

‘Não se preocupem’, respondia o meu pai, ‘conheço Gadadhar demasiado bem para pensar mal dele’. Gadadhar costumava recitar histórias dos Puranas para nós enquanto nos ocupávamos das nossas tarefas domésticas diárias. Como posso descrever a dita de que desfrutávamos na sua companhia? Se porventura ele faltava um dia, ficávamos extremamente inquietas, a pensar que poderia estar doente. Uma de nós ia a casa de Chandra Devi com um pretexto qualquer, enquanto as outras esperavam em casa por notícias. Cada palavra dele era um deleite para os nossos ouvidos; os dias em que ele não podia estar connosco, passávamo-los a falar dele.”

Não só causou uma impressão duradoura nas mulheres da aldeia, como também influenciou os homens através do seu caráter amável e génio versátil. Juntava-se frequentemente a eles à noite, quando se congregavam para o Kirtan ou para ler passagens do Bhagavata ou de outros livros sagrados. Havia vários centros desse género na aldeia. Ninguém na aldeia conseguia ler como ele ou explicar de forma tão lúcida. O seu fervor, os frequentes estados de êxtase, a voz melodiosa e o dançar gracioso infundiam uma vibração de alegria nos corações dos aldeãos. E a sua alegria e gracejos eram apreciados por todos.

Embora Gadadhar fosse irrequieto, expansivo e alegre, eles não eram cegos à sua inteligência maravilhosa e profunda perceção, e ele frequentemente os maravilhava com a sua sabedoria. Possuía o poder invulgar de ver tudo sob um ângulo diferente e era muitas vezes capaz de resolver questões quando os homens mais sábios da aldeia não o conseguiam fazer. Nunca hesitava em dizer exatamente o que pensava, o que levava os hipócritas a evitar a sua companhia por medo de serem expostos. Havia alguns entre os aldeãos que eram afortunados o suficiente para conseguir reconhecer as suas grandes potencialidades espirituais e previram um grande futuro para ele, embora não a direção em que se desenvolveria. Um caso deste género já foi narrado em ligação com Srinivas.

Foi por esta altura que a ideia parece ter-lhe surgido de que estava destinado a cumprir alguma grande missão na vida, embora não soubesse qual, muito embora a realização de Deus fosse para ele, já nessa altura, o único propósito digno de consideração. A vida monástica exercia uma forte atração sobre si.

Por muito que gostasse de ter pegado na bacia de mendicante e renunciado a tudo por amor do Senhor, o pensamento da situação da sua mãe e dos seus irmãos fê-lo abdicar do seu desejo. Na luta entre as duas ideias, sentia-se impotente para decidir e nada mais podia fazer senão resignar-se à orientação de Raghuvir, ao acreditar plenamente que Ele indicaria a saída quando chegasse o momento.

A sua aversão pela escola tornava-se diariamente mais pronunciada, e tê-la-ia abandonado não fossem os seus amigos de lá, especialmente Gayavishnu. Mas uma forma de deixar a escola sem causar desgosto a ninguém apresentou-se inesperadamente. Formou-se uma companhia dramática amadora na aldeia, e pediu-se a Gadadhar que se juntasse a ela e assumisse os papéis principais.

Como não tinha tempo para a escola e para o estudo das várias apresentações dramáticas, escolheu a atividade que o atraía, ao conseguir assim deixar a escola com a consciência tranquila. O pomar de mangueiras de Manik Raja foi o local selecionado para os ensaios. Gadadhar não só desempenhava os papéis principais, como assumiu a tarefa de dar formação aos outros rapazes. Foram dramatizados incidentes das vidas de Sri Rama e Sri Krishna. Desde o início, o projeto foi um sucesso. Gadadhar estava no seu elemento, e falam-nos dos seus trances frequentes durante as representações.

Nesta altura, Gadadhar mostrou um talento assinalável na pintura e na modelação de barro, embora não tivesse recebido qualquer formação especial. A sua poderosa concentração e idealismo intuitivo foram de grande ajuda. Muitas vezes surpreendia os modeladores profissionais ao apontar incorreções na execução de alguma parte delicada de uma imagem, os olhos,

por exemplo, e orientava-os sobre como os corrigir. Nos seus estados de êxtase, via várias formas divinas; e estas visões, aliadas à sua faculdade artística, desenvolveram a sua capacidade crítica e permitiram-lhe produzir figuras de grande beleza.

Gadadhar tinha agora dezassete anos e Ramkumar verificava que não conseguia gerir todas as suas tarefas em Calcutá sozinho. Além de ensinar no Tol, tinha de conduzir a adoração numa série de famílias. Isto aumentou de tal modo o seu trabalho que sentiu a necessidade de um assistente. Numa das suas visitas a Kamarpukur, notou a indiferença peculiar de Gadadhar em relação à escola e, quando soube que Gadadhar abandonara os estudos e errava pela aldeia com os seus amigos e companheiros, decidiu, após consulta rápida com a mãe e com Rameswar, levá-lo para Calcutá, onde poderia supervisionar os seus estudos e contar com a sua ajuda nas tarefas domésticas. Gadadhar concordou prontamente com esta proposta e, num dia auspicioso[5], partiu para Calcutá com as bênçãos de Raghuvir e da sua mãe.

Ao despedir-se de Kamarpukur e de todas as suas felizes memórias que se estendiam por um período de dezassete anos, o seu coração foi dominado pela dor. O futuro, com todas as suas possibilidades não reveladas, erguia-se diante dele, e ele dava um passo em frente em direção ao desconhecido, ao deixar para trás a segurança do lar e o amor de todos os seus amigos de infância, para já não falar do vazio doloroso nos corações dos homens e das mulheres para quem passara a significar tanto.

[5] *Do ponto de vista da astrologia.*

Isto é, em suma, o primeiro dos quatro grandes atos do drama que está prestes a desenrolar-se em Dakshineswar. Por outras palavras, marcou, por assim dizer, a primeira fase de desenvolvimento de uma gigantesca figueira-de-bengala, cujos numerosos ramos estavam destinados a oferecer abrigo e conforto a milhões de viajantes cansados no deserto do mundo.

«EDUCAÇÃO PARA GANHAR O PÃO»

Gadadhar começou a ajudar Ramkumar no seu trabalho diário. No Tol, Ramkumar ensinava astrologia e direito hindu. O rendimento da escola não era grande; ele mal podia prescindir do dinheiro obtido por oficiar como sacerdote familiar, apesar de ter pouco tempo para isso. Quando Gadadhar veio para Calcutá, foi-lhe, portanto, confiado o serviço de sacerdote, que ele desempenhava com gosto. Em pouco tempo fez sentir a sua influência nas famílias que visitava. Os chefes dessas famílias, em particular as mulheres, notavam um contraste marcante no seu comportamento em comparação com o dos seus antecessores. Em vez de apressar o seu trabalho, ele executava-o com grande diligência e notória devoção; a sua honestidade, retidão, devoção e pureza de coração impressionavam todos os que com ele contactavam.

Passava horas nessas famílias, quer cantando, a pedido, as suas canções favoritas, quer prestando pequenos serviços. A simplicidade e integridade do seu carácter removiam todas as barreiras à livre associação com eles. Também aqui formou rapidamente um círculo de amigos e admiradores, todos pertencentes a famílias respeitáveis, como a do falecido Rajá Digambar Mitter, em cuja companhia ele gostava de passar o tempo. Assim, não tinha muito lazer para os seus estudos, e Ramkumar verificou que um dos objetivos de ter o rapaz consigo estava a ser frustrado.

Durante os primeiros meses deu liberdade ao rapaz, pois sabia que ele não estava habituado a qualquer repressão. Na sua aldeia natal costumava vaguear à vontade e fazer o que lhe apetecia. Agora encontrava-se em novos ambientes e entre rostos estranhos, e Ramkumar achou melhor ser indulgente até que os velhos amigos e relações de Kamarpukur fossem esquecidos.

Assim, permitiu-lhe que desfrutasse dos novos amigos para que pudesse esquecer a tristeza da separação dos antigos. Mas quando, passados alguns meses, Gadadhar ainda não mostrava interesse pelos estudos, Ramkumar achou pouco sensato tolerar mais qualquer negligência. A fortuna da outrora próspera família

Chatterjee diminuía rapidamente, e era necessário que Gadadhar se tornasse independente e aumentasse também o rendimento familiar. Rameswar, embora homem de talento, não era dado a ganhar dinheiro. O comportamento de Gadadhar não justificava a esperança de que ele fosse melhor. Pelo contrário, manifestava uma total indiferença para com as coisas mundanas. Um dia, Ramkumar levou o rapaz para um lado e repreendeu-o pela sua apatia em relação à educação e pela sua indiferença geral.

— Irmão, que hei-de eu fazer com uma mera educação para ganhar o pão? — foi a resposta enérgica do rapaz. — Prefiro adquirir aquela sabedoria que iluminará o meu coração e, obtida a qual, a pessoa fica satisfeita para sempre.

Ramkumar não compreendeu todo o alcance desta resposta lacónica, pois ignorava a psicologia interior daquele rapaz maravilhoso e precoce. Gadadhar olhava para o mundo com olhos diferentes. A experiência do irmão reconciliara-o um pouco com o egoísmo do mundo. Em casa, Gadadhar via que o objetivo e propósito da humanidade comum se dirigiam aos sentidos; as coisas não lhe pareceram diferentes em Calcutá.

Alguns meses de permanência nesta cidade mostraram-lhe claramente a tendência das mentes das pessoas, bem como os seus motivos. Corriam atrás dos prazeres transitórios do mundo e morriam por fama e renome. O gozo e a sobrevivência dos mais aptos eram as palavras de ordem da época, e esta preciosa vida humana estava a ser desperdiçada. Deus, espiritualidade e religião eram meras palavras cujo significado há muito fora esquecido, e os livros sagrados eram a herança de uma ancestralidade supersticiosa, sem valor sequer do papel em que estavam escritos.

A educação que Gadadhar recebia tendia na mesma direção. Obviamente não podia satisfazer a sua mente, na qual, em meio a todas as suas ocupações diárias, a ideia de que a vida tinha um significado mais profundo estava sempre presente. Ele percebia cada vez mais que nascera para propósitos diferentes dos da generalidade dos homens, que devia levar uma vida condizente com esses propósitos.

Perguntou a si próprio: «Obterei piedade, devoção e fervor divino ao prosseguir esta educação?» «Não», foi a resposta enfática. «Habilitar-me-á a ser tão temente a Deus e íntegro como meu pai?» «Não», ecoou a resposta do seu coração. «Serei capaz de realizar Deus e escapar à ignorância universal e ao apego aos sentidos?» Novamente uma resposta negativa. «Então que farei com esta educação que não me ajuda a ver Deus nem a transcender as misérias do mundo?

Prefiro permanecer ignorante toda a minha vida a desperdiçar os meus ideais acarinhados por não seguir o caminho para Deus» — foi a conclusão a que o rapaz chegou. O pão e a manteiga não podiam ser o objetivo da vida humana; não ajudavam a libertar da doença, da enfermidade e da morte. Assim, o rapaz ansiava por adquirir aquela sabedoria que o levasse para além deste oceano de vida e de morte. Em vão procurava iluminação na pilha de livros no quarto do irmão, ou nos sábios da época: nada mais que uma escuridão impenetrável lhe surgia diante dos olhos. Eles não lhe podiam mostrar o caminho para alcançar a meta.

Assim, sem hesitar um instante, deu aquela resposta à suave repreensão do irmão. Ramkumar mal podia acreditar no que ouvia e ficou perplexo, sem saber o que fazer. Em vão tentou convencer o rapaz da utilidade do saber, pintando com cores brilhantes as suas promissoras perspetivas e a vida fácil e feliz do homem instruído da cidade. Esses argumentos não apelavam à razão de Gadadhar, nem o faziam ceder da sua posição. Ramkumar teve de ceder por enquanto.

Dois anos passaram. A condição pecuniária de Ramkumar, em vez de melhorar, piorou; ele percebeu que, mais cedo ou mais tarde, teria de contrair dívidas que não tinha perspetivas de pagar. A profissão hereditária de sacerdócio e ensino não era muito lucrativa, mas, não sabendo fazer outra coisa, tinha de se ater a ela. No entanto, entregou-se à vontade de Raghuvir e deixou-se levar pela corrente dos acontecimentos, pois achava inútil lutar contra ela. Quando as coisas se aproximavam de um clímax, um novo acontecimento, com consequências de largo alcance na vida

do jovem Gadadhar, vindo de um lado mais inesperado, deu-lhe nova coragem.

O TEMPLO DE DAKSHINESWAR

No bairro de Jaun Bazaar, em Calcutá, vivia uma viúva rica chamada Rani Rasmani, com quatro filhas. Por morte do marido, Rai Raj Chandra Das, herdara as suas imensas propriedades, e com tal cuidado e inteligência administrou os negócios da herdade que a legou ao seu sucessor com rendimentos aumentados. Além da sua capacidade de negócios e coragem, distinguia-se também pela devoção a Deus, fé na religião e amor e compaixão pelos pobres.

Ainda hoje se fala das suas extensas obras de caridade, e vários estabelecimentos de beneficência em Calcutá e nos arredores permanecem para testemunhar a sua generosidade. Teve a sorte de ter como genro Mathura Mohan ou Mathura Nath Biswas, seu igual em todos os aspetos e competente auxiliar na gestão dos seus negócios. Casou com a terceira filha da Rani; com a morte desta, desposou a quarta, Jagadamba Dasi.

A deusa Kali era o objeto especial de devoção de Rani Rasmani, aparecendo a sua imagem até no selo da herdade. Durante muitos anos teve o desejo de fazer uma peregrinação a Benares, tendo mesmo reservado dinheiro para esse fim, mas o pesado fardo da administração da herdade sempre se interpunha.

Porém, quando Mathur manifestou a sua disponibilidade para assumir o encargo, ela tratou de fazer os preparativos para cumprir o desejo do seu coração. Tudo estava pronto, e a peregrinação partiria no dia seguinte. Nessa noite, a Rani teve um sonho no qual a deusa lhe apareceu, ordenando-lhe que abandonasse a viagem e lhe disse para construir e dedicar um templo em Sua honra nas margens do Ganges. Se assim fosse feito, Ela prometia manifestar-Se ali na imagem erigida.

Outra versão diz que Rasmani partira efetivamente em peregrinação e que, no seu barco no Ganges, junto à aldeia de

Dakshineswar, tivera o sonho. Seja qual for a verdade do assunto, ela abandonou a ideia da peregrinação e dedicou-se a cumprir a ordem divina. No ano de 1847, vinte acres de terra em Dakshineswar, às margens do Ganges, foram comprados ao Sr. Hastie, advogado do Supremo Tribunal de Calcutá, e iniciou-se uma construção que demorou cerca de oito anos a concluir.

Dakshineswar fica a quatro milhas a norte de Calcutá. O Ganges corre pelo lado oeste do templo, onde se localiza o seu ghat de banhos. Um visitante que venha de barco para ver o templo sobe primeiro estes degraus e entra num grande pórtico aberto que se encontra no meio de uma fila de doze templos de Shiva, a norte e a sul do mesmo.

A leste destes há um pátio pavimentado, no centro do qual se erguem dois grandes templos, o do norte dedicado a Krishna e Radha e o do sul à deusa Kali. Neste último, sobre um belo lótus de prata de mil pétalas, encontra-se a figura prostrada de Shiva, sobre cujo peito, virada para sul, está a Mãe Divina, conhecida como Bhavatarini ou a «Salvadora do mundo», esculpida numa única peça de basalto. Este templo tem nove cúpulas com pináculos. Em frente fica a espaçosa sala de música, um pátio retangular cujo esplêndido terraço é sustentado por colunas majestosas.

A sul, a leste e a norte do pátio há divisões usadas como alojamento para o pessoal do templo, e armazéns, cozinhas, etc. No canto noroeste do pátio e imediatamente a norte da fila de templos de Shiva encontra-se uma câmara que nos interessa especialmente, pois foi aqui que Sri Ramakrishna viveu enquanto esteve no templo. Esta divisão tem uma varanda semicircular a oeste, de onde ele podia avistar o Ganges. Em frente a esta varanda há um caminho que corre de norte para sul; mais a oeste fica o jardim de flores, e mesmo por baixo corre o Ganges.

Fora do recinto do templo propriamente dito, a norte, há um edifício usado pelos membros da família de Rasmani quando visitam o jardim. Há duas salas de concerto, uma no canto sudoeste e outra no canto noroeste do recinto do templo. O jardim

é provido de dois tanques, e muitas árvores e plantas acrescentam-lhe beleza. A mais notável dessas árvores é a grande figueira-de-bengala que desempenhou um papel tão conspícuo na vida de Sri Ramakrishna, e a segunda em importância é a árvore Bael no extremo norte do jardim. Teremos ocasião de nos referir a elas mais tarde.

O dia marcado para a instalação da estátua da deusa foi 31 de maio de 1855, um dia sagrado, conhecido como Snanayatra. Tudo estava pronto, e o coração da Rani enchia-se de alegria ao pensar que o cumprimento da promessa da Mãe de Se manifestar ali e a abençoar estava tão próximo. Mas, no último momento, surgiram certos obstáculos imprevistos que pareciam destruir os seus planos.

Nesta azáfama de preparativos para a dedicação, um facto importante fora negligenciado. A Rani era de casta Sudra e, portanto, nenhum brâmane ortodoxo oficiaria como seu sacerdote, nem participaria da comida sacramental no seu templo, pois segundo o costume ortodoxo era indigno para um brâmane adorar por um Sudra ou aceitar dádivas dele.

A Rani via-se num dilema, pois não só não poderia haver cerimónia de instalação sem sacerdote, como também um propósito que acalentara secretamente durante muito tempo — fazer uma oferenda de arroz cozido à sua amada Kali — seria igualmente frustrado, pois o direito de oferecer arroz cozido era essencialmente brâmane, não partilhado com as outras castas, e se não se encontrasse sacerdote para dedicar o templo ou fazer a oferenda por ela, tudo chegava a um impasse.

Mas ela era uma mulher de coragem e determinação, não se deixando intimidar mesmo pelas maiores dificuldades, e procurou a sanção dos Shastras, escrevendo a muitos Pundits para obter opiniões. Nenhuma das respostas foi favorável. A Rani estava em desespero. Os planos de toda uma vida pareciam reduzir-se a nada.

Foi neste momento que chegou uma carta de Ramkumar na qual ele expressava a opinião de que, se a Rani fizesse doação do

templo de Kali a um brâmane, dotando-o com fundos suficientes para a sua manutenção, isso estaria de acordo com as prescrições dos Shastras, e nenhum brâmane seria considerado degradado por atuar como sacerdote ou por participar da comida ali oferecida. Embora houvesse algum murmúrio entre os Pundits quanto a esta opinião, a Rani ficou muito satisfeita, não só pela liberalidade das opiniões expressas, mas também pela oportunidade que lhe davam de executar os seus planos. Na verdade, tal opinião era herética, e foi necessária grande coragem da parte de Ramkumar para a expressar.

Mas a sanção dos Shastras, por si só, não era suficiente. A Rani tinha de encontrar um brâmane suficientemente erudito nas escrituras para realizar a cerimónia Puja de acordo com as suas prescrições. Havia muitas dificuldades devido à rigidez do sistema de castas. Um templo construído por uma mulher Sudra era visto com suspeita, e nenhum brâmane de casta elevada adoraria ali, quanto mais aceitar o cargo de sacerdote. Mesmo que o templo de Kali tivesse sido entregue a um brâmane, alguém que oficiasse como sacerdote para uma mulher Sudra perderia a casta perante os seus companheiros brâmanes.

Foi Mahesh Chandra Chatterjee de Sihore, amigo de Ramkumar e empregado de Rani Rasmani, quem cortou o nó górdio. Ele nomeou Kshetra Nath, seu irmão mais velho, sacerdote do templo Radhakanta, sabendo que, se um brâmane estivesse disposto a aceitar cargo ali, outros seguiriam o seu exemplo. Encontrar um sacerdote para o templo de Kali era mais difícil. Na sua aflição, lembrou-se de Ramkumar, cuja erudição e devoção conhecia. Mas a dificuldade com ele era que provinha de uma família muito ortodoxa, que aderia rigidamente às regras e práticas prescritas pelas escrituras. Mas não havia tempo a perder, pois o dia da consagração do templo e da instalação da deusa aproximava-se. Assim, Mahesh foi ter com Rani Rasmani e pediu-lhe que enviasse a Ramkumar, por seu intermédio, um convite para se tornar sacerdote do templo de Kali.

A Rani escreveu a Ramkumar conforme instruído, dizendo que, uma vez que fora devido aos seus conselhos e sugestões que a consagração do templo a Kali se tornara possível, ela dependia dele para a livrar de outra situação embaraçosa, a de não ter pessoa competente para realizar as cerimónias de abertura. Acrescentou ainda que uma tarefa tão sagrada e responsável não podia ser confiada a qualquer brâmane, sendo indispensável uma pessoa piedosa e erudita como ele.

Munido desta carta, Mahesh foi ver Ramkumar e explicou-lhe a situação. Pediu a Ramkumar que ocupasse o lugar apenas até que se encontrasse um sacerdote competente. Ramkumar concordou com esta condição; mas, encantado com o tratamento afável e respeitoso da Rani e de Mathur, permaneceu lá até à sua morte.

Chegou o dia da consagração. A cerimónia foi realizada com grande pompa. Milhares de mendigos foram alimentados abundantemente. Brâmanes eruditos foram convidados de longe para engrandecer a ocasião, e foram devidamente homenageados. Diz-se que a Rani gastou, no total, nove lakhs de rupias na construção do templo e na sua cerimónia de abertura. Comprou ainda uma grande zemindary por dois lakhs e vinte e seis mil rupias no Distrito de Dinajpur a Trailokya Nath Tagore, e destinou o seu rendimento para a manutenção do templo de Kali, por uma escritura de doação que executou antes da sua morte.

O templo foi consagrado. A Mãe Divina, que é a própria Vida e Consciência, foi invocada para estar permanentemente presente na bela imagem de pedra ali existente. O sonho de Rasmani cumpriu-se, e o seu coração devoto encheu-se de alegria. A sua grande devoção, bem como a atitude de profundo respeito do talentoso sacerdote, logo tornaram a imagem, por assim dizer, animada de vida. O templo de Dakshineswar tem sido, desde então, um porto de paz para muitos.

Com a sua atmosfera de pureza, os seus bosques e flores isolados, o sagrado Ganges a correr ao lado e, acima de tudo, a presença de um homem-deus que em breve viria a ele e o

abençoaria para sempre, este templo tornou-se um local de peregrinação e um destino favorito para milhares de devotos contemplativos e dedicados. Ainda hoje, as altas agulhas dos templos e os topos das tamargueiras são apontados aos estrangeiros pelos barqueiros como monumentos à piedade de Rani Rasmani, e os peregrinos inclinam as cabeças em reverência diante da Mãe Divina e do Seu santuário sagrado.

Sri Ramakrishna costumava contar aos seus discípulos os acontecimentos relativos à cerimónia de consagração. Corroborou as histórias dos preparativos da Rani para a peregrinação a Benares, da recolha de uma frota de cerca de cem barcos cheios do equipamento necessário, e do abandono da viagem por ordem da Mãe Divina num sonho na noite anterior à partida. Acrescentava ainda que a busca de Rani Rasmani por um local adequado perto de Bally, Uttarpara, etc., na margem ocidental do Ganges — considerado muito sagrado — se revelou infrutífera, pois os zemindares desses lugares, mesmo quando lhes eram oferecidos preços elevados, recusavam-se a permitir um ghat no Ganges dentro da sua jurisdição.

Costumava observar que o terreno escolhido em Dakshineswar para o templo era um antigo cemitério abandonado e tinha uma superfície convexa, o que, segundo os Tantras, eram boas características para um local de adoração de Sakti. Contou também como Rani Rasmani, desde o início da moldagem da imagem, praticou a mais rigorosa austeridade na alimentação, sono e modo geral de vida, e realizou adoração e japa, etc., com todas as suas forças; que foi forçada a marcar a data da consagração apressadamente num dia de lua cheia — que era mais apropriado para a adoração de Vishnu do que para a de Sakti; que a imagem da deusa, que estava guardada numa caixa, por razão desconhecida, ficou coberta por um depósito de nevoeiro; e que a Rani foi avisada em sonho pela deusa para que a cerimónia de instalação se realizasse numa data mais cedo, pois Ela já não suportava a caixa.

O Mestre confirmou também a verdade da história de que a Rani transferiu o templo para o seu guia espiritual para superar as dificuldades decorrentes de ser de casta baixa. Falava da grande pompa com que a cerimónia foi realizada, da suntuosidade da iluminação, etc., de como todo o local ressoou com Kirtans, representações dramáticas e recitações dos livros sagrados.

Sri Ramakrishna — de ora em diante chamá-lo-emos por este nome mais familiar — embora tenha apreciado a festividade, não participou de qualquer alimento no templo, mas comprou e comeu, ao fim da tarde, antes do seu regresso ao Tol em Jhamapukur, um pice de arroz estalado. Quando descobriu que Ramkumar, em vez de regressar ao seu trabalho na escola, permanecia no templo, ficou muito perturbado.

Foi a Dakshineswar para saber a razão e verificou que Ramkumar, incapaz de resistir às insistências e bondades da Rani, aceitara o cargo permanente de sacerdote ali. Tentou influenciar o irmão contra tal procedimento, recordando-lhe a observância firme das tradições dos Chatterjees por parte do pai, e dizendo-lhe que ele seria o primeiro a manchar a boa fama da sua família, que sempre fora venerada pela sua recusa de aceitar dádivas dos Sudras, quanto mais aceitar qualquer posição deles. Ramkumar manteve-se inabalável e citou as escrituras para se justificar, tentando por todos os meios ao seu alcance fazer com que o irmão concordasse com ele, mas sem sucesso.

Como último recurso, lançaram sortes à maneira das gentes do campo; e Ramkumar ganhou. Aceitando isto como definitivo, Sri Ramakrishna ainda assim recusou comer no templo. Por fim, Ramkumar disse-lhe que pegasse em arroz e legumes dos armazéns do templo e que cozinhasse ele mesmo nas margens do Ganges. Ramakrishna cedeu. A partir de então, ficou em Dakshineswar com o irmão, mas continuou a cozinhar e a comer separadamente durante algum tempo.

Ele rapidamente se adaptou ao novo ambiente. A atmosfera sagrada daquele lugar isolado, o cuidado afetuoso do irmão mais

velho, o respeito de Rani Rasmani e Mathur e, por último, a sua convicção da presença da deusa ali cativaram-lhe o coração.

Ao longo de toda a sua vida, Sri Ramakrishna nutriu uma grande devoção ao Ganges. Costumava dizer: «A água do Ganges é tão pura como Brama. Até um agnóstico alcança a devoção se apenas viver nas suas margens. Toda a área sobre a qual sopra o vento carregado de partículas da sua água é santificada, e os habitantes dessa área despertam espiritualmente sem qualquer esforço.» Se algum dos seus devotos se entregava a conversas mundanas ou se associava a pessoas mundanas, o Mestre pedia-lhe que bebesse um pouco de água do Ganges.

Se algum local fosse contaminado pelo toque de um homem excecionalmente mundano, mandava-o aspergir com água do Ganges. Esta devoção ao Ganges estava enraizada nele desde a infância. Assim, quando Ramkumar lhe apelou em nome do Ganges, todas as dúvidas relativas à comida desapareceram da sua mente. Alguns poderão condenar esta atitude de Sri Ramakrishna em relação ao Prasad do templo, chamando-lhe intolerante.

Mas não era nada disso. Devia-se à sua firmeza na devoção (Nishtha) aos ideais incutidos pela sua casta e família, bem como pelos Shastras. No entanto, foi esta devoção ao ideal tal como entendido na época que, em última análise, o levou ao ponto em que percebeu que tudo o que era oferecido e aceite pela Mãe devia, necessariamente, ser puro. À medida que o seu conhecimento aumentava e a sua visão se ampliava, todas as ideias diferenciadoras de casta e credo caíram automaticamente. Que lição objetiva é para nós este incidente aparentemente insignificante!

PERANTE A MÃE DIVINA

Não passou muito tempo antes de Mathur notar a presença de um estranho jovem, de tez clara e devoção notável, no templo de Kali. Ao observar o jovem a cumprir as suas tarefas diárias, sentiu-se estranhamente atraído por ele. Esta atração por um

pobre, humilde e pouco ostentador rapaz brâmane intrigou Mathur. Fez inquéritos sobre Sri Ramakrishna e descobriu que ele era o irmão mais novo de Ramkumar.

Despertou-se no seu espírito o desejo de ligar também Sri Ramakrishna, de alguma forma, ao trabalho no templo de Kali, e até falou desse desejo a Ramkumar. Este não se mostrou muito entusiasta, pois conhecia a estranha psicologia do irmão, a sua indiferença ao ganho pecuniário e ao prazer pessoal, e o espírito de independência e desejo de liberdade que o levava a desgostar do trabalho rotineiro.

Embora desencorajado, Mathur abandonou a ideia apenas temporariamente, esperando que mais tarde surgisse alguma oportunidade que lhe permitisse satisfazer o seu desejo.

Foi nessa altura que surgiu em cena Hriday, um jovem destinado a ser um companheiro próximo de Sri Ramakrishna durante vinte e cinco anos, um servo fiel durante os dias tempestuosos da sua Sadhana, um amigo sincero em todas as suas dificuldades desse período, e uma testemunha muda das suas várias realizações divinas. Era filho de Hemangini Devi, que era filha da irmã de Khudiram. Era ligeiramente mais novo que o tio e fora um dos seus companheiros de infância.

Em rapaz, Sri Ramakrishna ia frequentemente a Sihore visitá-lo. Na época de que falamos, Hriday tinha dezasseis anos. Não encontrava emprego na sua aldeia natal; na cidade mais próxima, Burdwan, não teve melhor sorte. Então lembrou-se de que os seus tios viviam no recém-criado templo de Kali de Rani Rasmani e pensou que, através da influência deles, lhe pudesse ser oferecido algum emprego.

Assim, juntou-se a eles em Dakshineswar. Sri Ramakrishna ficou encantado. Hriday, conhecendo a natureza do tio, não fez qualquer comentário sobre os seus atos. Como disse mais tarde, sentiu o magnetismo da imponente personalidade do tio e seguiu-o como a sua sombra. Realizavam todas as tarefas juntos, separando-se apenas à hora das refeições. Sri Ramakrishna

cozinhava a comida (preparada para ele por Hriday) na margem do Ganges, enquanto Hriday jantava no templo de Kali.

Pareceu quase uma disposição divina que Hriday Ram tivesse vindo a Dakshineswar. Era um homem muito inteligente, com grande presença de espírito, excecionalmente enérgico e sempre pronto a suportar alegremente qualquer desconforto pessoal se isso pudesse ajudar o tio. E tornou-se absolutamente indispensável para Sri Ramakrishna durante o seu período de embriaguez divina, quando, perdido em Samadhi, era totalmente incapaz de cuidar do seu corpo.

Nessa época, Sri Ramakrishna apercebeu-se de que Mathur o mantinha sob observação e dos seus planos para o tornar um dos sacerdotes do templo de Kali, pelo que o evitava sempre que possível. Mas um dia, enquanto ele adorava, no recinto do templo de Kali, uma imagem de Shiva moldada por si mesmo, Mathur, aproveitando a sua absorção, conseguiu aproximar-se o suficiente para ver a imagem.

A perfeição da sua modelação impressionou-o tanto que fez perguntas sobre quem seria o escultor. Quando soube que fora feita por Sri Ramakrishna, ficou encantado e pediu que a imagem lhe fosse dada após o fim da adoração. Abordou novamente Ramkumar sobre o assunto de ligar o irmão ao pessoal do templo de Kali e, apesar de uma segunda recusa, ficou mais determinado do que nunca a obter os serviços de Sri Ramakrishna na adoração de Kali.

A atitude apática de Sri Ramakrishna em relação ao trabalho no templo devia-se à sua intensa convicção de que não havia nada que valesse a pena fazer senão a conquista da carne, a renúncia às riquezas e a obtenção da consciência de Deus. Mas este evitamento de Mathur não podia durar para sempre. Vivendo como vivia no jardim do templo, era inevitável que, mais cedo ou mais tarde, se encontrassem. Um dia, o encontro aconteceu. Mathur viu Sri Ramakrishna e Hriday a conversarem juntos perto do templo de Kali; antes que Sri Ramakrishna pudesse escapar, mandou chamá-lo.

Quando Sri Ramakrishna hesitou, Hriday perguntou-lhe por que razão relutava em responder à ordem. «Quando o fizer, ele pedir-me-á que assuma algumas funções no templo», disse Sri Ramakrishna. «Que mal há nisso?», perguntou Hriday. «Ele é um homem bom e piedoso, e não é desonroso trabalhar para ele.» Sri Ramakrishna respondeu calmamente: «Não tenho intenção de ficar preso para toda a vida. Além disso, o serviço no templo de Kali implica uma grande responsabilidade, pois teria de tomar conta das valiosas ornamentações da deusa, e isso preocupar-me-ia.

Se concordares em assumir essa responsabilidade, posso aceder ao pedido de Mathur Babu.» Hriday concordou, pois viera a Dakshineswar em busca de emprego adequado, e aqui estava ele. Sri Ramakrishna falou com Mathur e, quando solicitado a aceitar serviço no templo de Kali, concordou em fazê-lo nos termos acima referidos. Estes foram aceites, e Sri Ramakrishna e Hriday foram nomeados para o cargo. Sri Ramakrishna assumiu o vestir e adornar a Mãe Divina, ajudando Hriday a Ramkumar e a Sri Ramakrishna.

Pouco depois da sua nomeação no templo de Kali, ocorreu um incidente que aumentou o valor de Sri Ramakrishna aos olhos de Rani Rasmani e Mathur. Era costume no templo de Dakshineswar colocar as imagens de Krishna e Radha na sala ao lado entre os serviços. Eram recolocadas no trono de manhã e às 4 horas da tarde. No dia seguinte ao festival de Janmashtami, o sacerdote, Kshetra Nath, levava a imagem de Krishna para a sala de retiro, quando escorregou no chão de mármore, e uma das pernas da imagem partiu-se. Isto deu origem a uma grande comoção no templo.

O pobre Kshetra Nath foi imediatamente despedido por negligência. O incidente foi considerado um mau agoiro para a família. Uma imagem partida não podia ser adorada; e quando a notícia foi enviada a Rani Rasmani, ela ficou muito perturbada. Consultou Mathur e convocou uma reunião de Pundits para a aconselharem sobre o que fazer. Após longa discussão, chegou-se

à conclusão de que era contrário às escrituras adorar o Senhor numa imagem partida, que a Rani devia lançá-la ao Ganges e instalar uma nova em seu lugar. Uma nova imagem foi encomendada de imediato.

Mas a Rani relutava extremamente em entregar ao Ganges o objeto da sua antiga adoração e, por sugestão de Mathur, que ficara profundamente impressionado com os transe de Sri Ramakrishna, procurou a opinião deste sobre o assunto. Depois de ouvir toda a história, Sri Ramakrishna, num estado de exaltação, exclamou: «A solução deles é ridícula. Se um genro da Rani fraturasse a perna, ela descartá-lo-ia e colocaria outro em seu lugar? Não trataria antes de o mandar curar? Porque não fazer o mesmo aqui? Que a imagem seja reparada e adorada como antes.» Quando esta solução surpreendente foi comunicada aos Pundits, ficaram perplexos. Por partir diretamente do coração, era tão convincente, embora tão simples.

Não satisfez os eruditos a princípio, mas finalmente tiveram de ceder. Rani Rasmani ficou jubilosa. Já vira a prova da habilidade do jovem sacerdote na escultura, pelo que lhe pediu que reparasse a imagem partida. Ele consentiu e reparou o membro com tanta destreza que, mesmo um exame cuidadoso, não revelava onde estivera a fratura. Quando a nova imagem chegou, Mathur levou-a a Sri Ramakrishna e perguntou se era exatamente igual à original; Sri Ramakrishna caiu em transe e disse: «Não, não é.» Assim, foi posta de lado.

Era necessário um novo sacerdote para preencher a vaga deixada pelo despedimento de Kshetra Nath, e Mathur pediu a Ramkumar que persuadisse Sri Ramakrishna a aceitar o cargo. Sri Ramakrishna consentiu. Hriday foi nomeado para ajudar Ramkumar a vestir e adornar a imagem de Kali.

PRIMEIRA VISÃO DA MÃE DIVINA

Silenciosa e secretamente eles vêm ao mundo, como um relâmpago, observam-no e, num abrir e fechar de olhos,

desaparecem: poucos os veem, menos ainda os compreendem, e ainda menos seguem os seus conselhos. Esta é a história da vida da maioria dos grandes homens — profetas, videntes e Encarnações — em todas as épocas e em todos os climas. Cristo morreu na cruz como um criminoso vulgar. Dos seus doze discípulos, um negou-o na hora da provação. Hoje, milhões aceitam-no como seu ideal. Buda deixou atrás de si apenas um punhado de seguidores, e hoje, passados vinte e cinco séculos, um terço do mundo presta-lhe homenagem. No entanto, porque nos admiraríamos da falta de compreensão do mundo?

Como podemos compreendê-los com a nossa visão limitada? Só o forte compreende a força — não é a galinha do curral, mas o elefante, que compreende o leão. Só a grandeza aprecia a grandeza, e Deus realiza Deus. Embora o verdadeiro Cristo e Buda estejam em nós, só quando realizamos esse facto é que podemos vislumbrar um Buda ou um Cristo.

Mas que venha a perceção de que a libertação ou a escravidão, a virtude ou o vício, o conhecimento ou a ignorância, a beleza ou a fealdade, a verdade ou a falsidade, o prazer ou a dor e todos os outros pares de opostos que nos parecem tão reais não são senão criação da mente, o anverso e o reverso da mesma moeda, e uma mudança será feita no ângulo de visão, um deslocamento do foco mental, e toda a série de fenómenos — pai, mãe, lar, eu e meu — desaparecerá, para dar lugar a outra série de fenómenos, outra criação e outro mundo, ao qual os Grandes têm fácil acesso, e onde desejam que nós habitemos.

Estamos prestes a entrar num novo capítulo da vida de Sri Ramakrishna, cuja beleza, grandeza, elevação e pathos fascinarão os leitores à medida que acompanharem passo a passo o progresso deste aspirante ansioso, desde os primeiros desabafos do seu coração em devoção aos pés da Mãe Divina, passando pelo período da sua sede insaciável de a ver, até à consumação da sua Sadhana na realização de Deus, e ao estabelecimento — ou antes, redescoberta — da sua relação com Ele — uma realização sublime, igualada apenas pela dos outros Grandes do mundo.

Desejávamos poder expressar uma parte infinitesimal da sua devoção pulsante, da sua tremenda sinceridade e da sua busca apaixonada por Deus.

Tão grande era o seu anseio por Deus que doze anos extenuantes se passaram num estado de embriaguez divina, durante metade dos quais ele não fechou os olhos para dormir. Inconsciente da fome, da sede ou de qualquer das carências do corpo, ou das coisas que aconteciam à sua volta, Sri Ramakrishna, durante esse período de Sadhana, era quase como um louco. Dia após dia, mês após mês, ano após ano, esteve imerso nas profundezas daquele intenso fervor espiritual.

Sri Ramakrishna foi nomeado sacerdote do templo de Radha-Govinda. Mathur verificou que o seu modo de adoração era diferente do dos brâmanes comuns, na medida em que ele olhava para a imagem como a verdadeira representação de Deus e a tratava como tal.

Quando se sentava para adorar, uma cortina de esquecimento separava-o do mundo exterior: estava totalmente inconsciente da presença daqueles que normalmente se reuniam para assistir aos serviços. Por vezes ficava imóvel durante horas, sendo difícil trazê-lo de volta à consciência comum. Ao proferir os vários Mantras, via distintamente aqueles fenómenos que para o sacerdote comum não passavam de fantasmas da imaginação. Assim, ao entoar a sílaba mística Rang, que ordenava ao sacerdote que concebesse um muro de fogo à sua volta, Sri Ramakrishna via-se realmente no meio de um círculo de fogo que o protegia a si e ao local de adoração de toda a influência maligna.

Podia sentir realmente o poder místico chamado Kundalini ou a «enrolada» a precipitar-se do seu lugar de repouso na extremidade inferior da coluna vertebral, ao longo do canal do Sushumna, para o que os Yogis chamam Sahasrara ou o lótus de mil pétalas do cérebro, e podia visualizá-la a passar no seu caminho ascendente através dos seis centros do corpo na medula

espinal, transformando os botões pendentes dos «lótus» em flores eretas e totalmente abertas.

O brilho radiante do seu rosto durante a adoração, a sua profunda concentração e a atmosfera de pureza à sua volta sugeriam aos observadores a ideia de que o próprio espírito da condição de brâmane, tal como descrito nos livros sagrados, ali se manifestava. Ninguém jamais vira tamanha intensidade de sentimento e devoção.

Sri Ramakrishna adaptou-se à sua nova função e esqueceu tudo o resto. Ramkumar ficou satisfeito, pois isso dava-lhe tempo para dirigir a sua atenção para o bem-estar da família; além disso, sentia que o seu fim se aproximava e que, se um dos seus irmãos lhe sucedesse, o futuro da família estaria assegurado.

Mas preocupava-o o amor de Sri Ramakrishna pela solidão e a sua crescente indiferença ao mundo. Esperava que fosse um estado passageiro e que ele começasse a participar nas festividades do templo de Kali, em vez de passar as suas horas de lazer nos densos bosques do jardim do templo, sentado em silêncio debaixo de uma árvore, longe do bulício, ou, pior ainda, fazendo longos passeios solitários na tranquilidade da manhã cedo ou antes do anoitecer, ao longo das margens do Ganges. Resolveu ensinar-lhe o elaborado procedimento da adoração de Kali, para que, mais tarde, pudesse assumir essa tarefa.

Como não se considerava aconselhável empreender a adoração de Sakti ou Kali sem a devida iniciação, Sri Ramakrishna decidiu ser iniciado. Nessa altura, havia em Calcutá um brâmane chamado Kenaram Bhattacharya, conhecido pela sua devoção e experiência, e Sri Ramakrishna decidiu aceitá-lo como Guru. Marcou-se um dia, e a cerimónia realizou-se. Diz-se que, assim que o sagrado Mantra foi proferido aos seus ouvidos, Sri Ramakrishna, dominado pelo fervor religioso, soltou um grito e mergulhou numa profunda concentração, o que muito surpreendeu o Guru.

A partir de então, Ramkumar pedia ao irmão, de vez em quando, que assumisse a adoração da Mãe Divina, enquanto ele

próprio adorava no altar de Radha-Govinda. Mathur notou isso e, um dia, pediu a Sri Ramakrishna que assumisse a adoração permanente de Kali. «Senhor, não conheço o procedimento dessa adoração», respondeu ele, «como posso, então, realizar a sagrada tarefa de acordo com as prescrições dos Shastras?» Mas Mathur disse humildemente: «Não necessita de nenhum código Shástrico; a sua grande devoção e sinceridade bastarão para satisfazer a deusa. Tudo o que oferecer aos pés da Mãe com amor, Ela aceitará. Por causa da sua devoção, a Mãe certamente Se manifestará através desta imagem.» Sri Ramakrishna, comovido com a fé implícita de Mathur, concordou, e Ramkumar foi transferido para o templo de Radha-Govinda.

Ramkumar estava agora idoso, e o trabalho contínuo no jardim do templo estava a afetar a sua saúde; decidiu ir para casa para mudar de ares. Mathur concordou em contratar Hriday durante alguns meses na ausência de Ramkumar, e este último preparou-se para partir para casa o mais rapidamente possível.

Mas estava destinado a nunca mais ver a sua casa ou os seus queridos parentes, pois exalou o último suspiro num local algumas milhas a norte de Calcutá, onde fora por negócios urgentes. Servira no templo de Kali de Dakshineswar apenas durante um ano.

A morte de Ramkumar deixou uma impressão indelével na mente de Sri Ramakrishna. Era tão jovem na altura da morte do pai que todo o seu afeto filial se voltara para o irmão mais velho. A sua morte, portanto, foi um grande golpe para ele, pois ocorreu numa altura em que a sua mente se encontrava num estado de agitação — quando ele estava a compreender rapidamente a transitoriedade do mundo fenomenal e todas as suas energias se dirigiam à procura de algo que fosse real e imperecível.

Convencido de que o homem só pode transcender todas as misérias e males e alcançar a imortalidade conhecendo a doce e perene fonte de toda a bem-aventurança, o seu anseio de realizar Deus e as dores da separação d'Ele tornaram-se inexprimíveis. Enquanto os que o rodeavam perdiam tempo em todo o tipo de

frivolidades, ele ardia dia e noite com esta sede consumidora de Deus. Foi nessa altura que lhe pediram que conduzisse os serviços da Mãe Divina.

Após a sua iniciação, Kali tornou-se a sua Deidade favorita. Todos os dias, na hora da adoração, ele adornava a Sua imagem com flores e pasta de sândalo; para ele, não era pedra inerte, mas a própria Mãe. Todos os que a viram concordam que a bela figura, com a sua expressão divina, é uma rara peça de escultura. A Mãe veste um esplêndido tecido de Benares e está adornada com ornamentos preciosos da cabeça aos pés.

Do Seu pescoço pende uma grinalda de caveiras e à volta da Sua cintura está um cinto de braços humanos feitos de ouro. Na mão esquerda inferior, Ela segura uma cabeça humana decapitada, também feita de ouro, e na superior, uma espada. Com a mão direita inferior, oferece bênçãos aos Seus devotos; com a superior, simboliza: «Não temais!» As caveiras e a espada representam o Seu lado terrível, e as Suas mãos direitas, que oferecem bênçãos e destemor, o lado benfazejo.

Ela é tanto terrível como doce — como a Natureza — destruindo e criando alternadamente. Esta é a mãe que Sri Ramakrishna adorava, a Preservadora bem como a Destruidora. Mas para Ele Ela era sempre a Mãe afetuosa — o Repositório de toda a bem-aventurança e poder — doce, terna e cheia de solicitude maternal, a Mãe que, com amoroso cuidado, protege os Seus devotos de todo o mal. A Ela ofereceu uma devoção inteira, considerando-A como a única verdadeira guia na escuridão e na confusão.

Tão sensível se tornava que era forçado a evitar todos os contactos com as chamadas pessoas mundanas. Passava as horas tranquilas da tarde sozinho. À noite, quando todos dormiam, levantava-se e saía, regressando depois do amanhecer, com os olhos inchados como se muito chorara, ou mostrando os efeitos de uma meditação prolongada. A todas as perguntas sobre onde estivera, dava respostas evasivas. Hriday decidiu vigiá-lo e desvendar o mistério.

O terreno situado a norte do templo, onde Sri Ramakrishna passou longos anos em meditação e ascetismo, hoje conhecido como Panchavati, não era então como é agora. Era uma selva densa de terreno baixo e irregular, coberta de arbustos e plantas espinhosas, onde a luz do sol quase nunca penetrava. O facto de ter sido um cemitério mantinha as pessoas a uma distância respeitosa, e ninguém jamais ousara explorá-lo. Sri Ramakrishna escolheu este lugar para as suas práticas espirituais e costumava passar as suas tardes e noites em meditação à sombra de uma grande árvore Amalaka que ali crescia.

Hriday amava o tio e cuidava dele dia e noite como um servo devotado. Ocasionalmente, vislumbrava o funcionamento da sua mente, mas, na maior parte, partilhava da opinião popular de que as estranhas ações de Sri Ramakrishna se deviam a uma devoção demasiado intensa a Deus. Assim, quando ao desprezo pela comida, pela bebida ou pelos confortos do corpo se juntava a passagem de noites inteiras sem dormir, Hriday ficou muito preocupado e sentiu que era justificado vigiar o tio para descobrir onde ia à noite e como passava o tempo. Sabendo que a oposição ou o protesto seriam inúteis, esperou pela sua oportunidade e, uma noite, quando Sri Ramakrishna saiu do seu quarto, seguiu-o. Qual não foi o seu horror ao vê-lo entrar na selva!

Hriday teve medo de o seguir, pelo que se manteve à distância e começou a atirar pedras para assustar Sri Ramakrishna, mas sem sucesso. Na manhã seguinte, quando Hriday o interrogou sobre o que fizera na selva, Sri Ramakrishna respondeu calmamente: «Há ali uma grande árvore Amalaka, e debaixo dela medito em Kali. Esse lugar é altamente adequado para a meditação.» Hriday não ficou satisfeito com esta explicação e continuou a espiar e a atirar pedras a Sri Ramakrishna sempre que este entrava na selva. Sri Ramakrishna não fez qualquer reparo.

Verificando que a intimidação era inútil, Hriday reuniu coragem e decidiu entrar na selva a altas horas da noite para ver com os próprios olhos o que se passava. Ficou sobressaltado ao

encontrar o tio sem roupa nem fio sagrado debaixo da árvore, em profunda meditação. Apesar de um sentimento de respeito que esta visão lhe inspirou, Hriday disse a Sri Ramakrishna: «Que é isto, tio? Porque tirou a roupa e o fio sagrado?» Não houve resposta. Era como se falasse com uma estátua. Quando Sri Ramakrishna regressou à consciência comum, Hriday repetiu a pergunta. «Como, não sabes?», respondeu Sri Ramakrishna, «que esta é a maneira como se deve pensar em Deus, livre de todos os laços? Desde o nosso nascimento que temos os oito grilhões: ódio, vergonha, linhagem, cultura, medo, fama, casta e egoísmo. Este fio sagrado significa que sou brâmane e, portanto, superior a todos. Ao invocar a Mãe, é necessário deixar de lado tais ideias. Por isso retirei o fio sagrado, que voltarei a colocar depois de terminar a meditação.» Hriday ouviu e saiu calmamente do local.

Assim, a realização de Deus — a visão da Mãe Divina — tornou-se a única paixão de Sri Ramakrishna. Estranho era o método de adoração deste mais maravilhoso devoto. O canto de canções devocionais compostas por devotos como Ramprasad e Kamalakanta de Bengala era uma das suas características salientes. Pareciam abrir as comportas do seu coração, e ele chorava abundantemente como uma criança com o coração magoado pela separação da sua mãe. «Ó Mãe! Onde estás? Revela-Te a mim.

Ramprasad viu-Te e obteve a Tua graça divina. Sou um miserável para que não venhas a mim? Prazer, riqueza, amigos, gozos — não quero nada disso. Só desejo ver-Te, Mãe.» As lágrimas corriam continuamente dos seus olhos. O dia passava, e quando o repicar dos sinos da tarde no templo anunciava o fim do dia, ele ficava ainda mais triste e clamava: «Mais um dia passou em vão. Mãe, porque não Te vi! Mais um dia desta curta vida passou, e não realizei a Verdade!» Muitas vezes esfregava o rosto no chão na sua agonia. Os seus lamentos comoventes atraíam multidões de pessoas, que murmuravam entre si: «Pobre jovem! Terá ele perdido realmente a mãe? Os seus gritos patéticos comovem-nos até às lágrimas.» Noutro estado de espírito,

sentava-se diante da imagem de Kali e dizia-lhe: «És verdadeira, Mãe, ou é tudo uma ficção da mente — mera poesia sem qualquer realidade?

Se existes, porque não posso ver-Te? Será então a religião uma fantasia, um mero castelo no ar?» Mal estas palavras lhe saíam dos lábios, num relance recordava as vidas de Ramprasad e de outros devotos que viram Deus nesta mesma vida. «Ela não pode ser uma mera extravagância da imaginação humana», pensaria o jovem adorador, «há pessoas que realmente a viram. Então porque não posso vê-la? A vida está a passar. Um dia passa, seguido por outro que nunca mais volta. Todos os dias me aproximo mais da morte. Mas onde está a minha Mãe? As escrituras dizem que há apenas uma coisa a procurar nesta vida, e essa é Deus. Sem Ele, a vida é insuportável, uma farsa.

Quando Deus é realizado, a vida tem sentido, é um prazer, um verdadeiro jardim de delícias. Portanto, na procura de Deus, os devotos sinceros renunciam ao mundo e sacrificam as suas vidas. Que vale esta vida se eu tiver de arrastar uma existência miserável dia após dia, sem tocar nessa fonte eterna de Imortalidade e Bem-aventurança?» Pensamentos como estes só aumentavam o seu anseio e levavam-no a redobrar os seus esforços para realizar Deus.

Referindo-se a esta tremenda sede de Deus, Sri Ramakrishna costumava dizer mais tarde aos seus discípulos: «Oh, que dias de sofrimento passei! Não podem imaginar a minha agonia na separação da Mãe. Isso era natural. Suponham que há um saco de ouro numa sala e um ladrão na sala ao lado, separados apenas por uma parede fina. Conseguirá ele dormir tranquilamente? Não correrá e tentará forçar a parede para chegar ao ouro? Esse era o meu estado. Sabia que a Mãe, cheia de bem-aventurança infinita, em comparação com a qual todas as posses terrenas não eram nada, estava ali, bem perto de mim. Como poderia contentar-me com outra coisa? Tinha de a procurar. Enlouqueci por Ela.»

Que fé tremenda, que convicção intensa de que só Deus é a fonte de toda a bem-aventurança! Foi isto que o levou avante e o

sustentou em muitas provações e aflições amargas — a pedra filosofal que transformou os seus sofrimentos no ouro brilhante e reluzente da consciência de Deus. É a fé como esta que produz os milagres na história espiritual do mundo, em todos os países. Sem mestre, guia ou ajudante, sem grande conhecimento das escrituras e mesmo sem passar pelas formas prescritas de ascetismo, Sri Ramakrishna levou tudo diante de si por esta fé adamantina e sincero anseio de realizar Deus.

Já não podia conduzir a adoração regularmente. Sentava-se diante da imagem como uma pedra. Num momento comportava-se como um demente, no seguinte chorava como uma criança. Ao meditar durante a adoração, colocava uma flor na cabeça e ficava em silêncio durante duas horas, ou, ao oferecer a comida, olhava para a Mãe como se Ela realmente a estivesse a comer. De manhã, colhia as flores para as grinaldas e passava horas a adornar a imagem. Durante o serviço da tarde, ao agitar as luzes diante da Deusa, perdia toda a noção do tempo e esquecia-se de encerrar a cerimónia.

Os seus estranhos atos começavam a atrair a atenção dos funcionários do templo. Foi ridicularizado a princípio, mas a devoção constante acabou por impor respeito e admiração, embora alguns ainda o considerassem desequilibrado. Mathur estava encantado. Sri Ramakrishna era perfeitamente indiferente ao que os outros pensavam e dirigia todas as suas energias para a realização do objetivo que estabelecera para si. Comia menos e dormia muito pouco.

O seu peito e rosto estavam sempre ruborizados pela emoção excessiva, os olhos frequentemente banhados em lágrimas. Mas não haveria de ser atirado por muito mais tempo nas ondas do desespero e da esperança. Um dia, no seu intenso anseio de ver a Mãe, clamou: «Mãe, porque não Me escutas? Rezei muito a Ti. Abençoaste Ramprasad. Porque não me abençoas também, revelando-Te a mim?» — quando, subitamente, o seu desejo se cumpriu. Descreveremos esta primeira visão da Mãe Divina com as suas próprias palavras.

«Sofria então uma dor excruciante por não ter sido abençoado com uma visão da Mãe. Sentia como se o meu coração fosse espremido como um pano molhado. Uma grande inquietação apoderou-se de mim, e o medo de que não fosse meu destino realizá-La nesta vida. Não podia suportar mais a separação: a vida não parecia valer a pena. De repente, os meus olhos caíram sobre a espada que estava guardada no templo da Mãe. Determinado a pôr fim à minha vida, saltei como um louco e agarrei-a, quando, de súbito, a bendita Mãe Se revelou a mim, e caí inconsciente no chão. O que aconteceu depois exteriormente, ou como passaram aquele dia ou o seguinte, não sei, mas dentro de mim houve um fluxo constante de bem-aventurança indissolúvel, totalmente nova, e senti a presença da Mãe Divina.»

Noutra ocasião, deu a seguinte descrição da mesma experiência:

«Os edifícios com as suas diferentes partes, o templo e tudo desapareceram da minha vista, sem deixar qualquer rasto, e em seu lugar estava um oceano ilimitado, infinito e resplandecente de Consciência ou Espírito. Tão longe quanto a vista alcançava, as suas ondas brilhantes precipitavam-se sobre mim de todos os lados com um ruído terrível, para me engolir! Num abrir e fechar de olhos, estavam sobre mim e envolveram-me completamente. Ofegava. Fui apanhado pelas ondas e caí sem sentidos!»

Se viu ou não neste oceano de resplendor aquela forma bem-aventurada da Mãe Divina que lhe era tão cara ao coração, não o deixou claro. É provável que sim, pois assim que recuperou a consciência, gritou: «Mãe! Mãe!»

A partir de então, a sua oração constante era que pudesse ter uma repetição desta visão. Por vezes, o seu desejo tornava-se tão intenso que ele rolava no chão, clamando: «Mãe, sê graciosa para comigo e revela-Te mais uma vez.» Chorava tão amargamente que as pessoas se reuniam à sua volta para ver. «Mal me apercebia da presença delas», disse mais tarde o Mestre, «pareciam mais sombras ou figuras pintadas do que objetos reais,

e não sentia a menor vergonha em mostrar os meus sentimentos diante delas.

Mas no momento em que perdia a consciência exterior num paroxismo de dor pela separação da Mãe, via-A diante de mim na Sua forma radiosa e incomparável, concedendo bênçãos aos Seus devotos e dizendo-lhes que tivessem bom ânimo. Via-A sorrir, falar, consolar ou ensinar-me de várias maneiras.»

ESTADO DE EMBRIAGUEZ DIVINA

O período subsequente à primeira realização da Mãe Divina por Sri Ramakrishna foi, naturalmente, repleto de incidentes emocionantes de natureza espiritual. Ele estava a entrar num novo domínio, vasto e ilimitado. Todos os dias tinha visões extraordinárias, algumas delas em estado de transe, outras em consciência comum. Embora vivesse e se movesse neste mundo, pertencia na realidade a outra região e mantinha comunhão com estranhos seres invisíveis.

Era frequentemente visto a conversar com a imagem de pedra de Kali como se ela fosse plenamente consciente. Para as pessoas do templo de Kali, tudo isto parecia loucura pura e simples. O seu sobrinho concluiu que a grande tensão nervosa das suas Sadhanas provocara algum desarranjo no cérebro, e o médico dos Rajás de Bhukailas foi consultado. Sri Ramakrishna permaneceu sob o seu tratamento durante algum tempo, mas sem benefício.

O choque físico da primeira visão da Mãe foi tão grande que, durante algum tempo, ele perdeu o controlo do seu corpo. Quando estava mais calmo e tentava conduzir a adoração da deusa, esta tomava sempre rumos inesperados. Visões e pensamentos estranhos passavam diante dele. Antes de começar a meditar, dizia para si: «Sentar-me-ei em silêncio e imóvel como aquela imagem de Bhairava.»

Sri Ramakrishna descreveu mais tarde o que acontecia: «Ouvia distintamente estranhos sons de estalos nas minhas articulações, do tornozelo para cima, como se as estivessem a trancar uma a uma, para que o corpo permanecesse fixo.

Permaneci forçosamente nessa posição até ao fim da meditação, quando os mesmos sons de estalos se ouviam novamente à medida que as articulações eram destrancadas na ordem inversa. Só depois disso podia mover-me ou levantar-me.

Por vezes via pontos de luz como um enxame de pirilampos diante dos meus olhos; outras vezes, um véu de névoa luminosa envolvia-me. De novo via, com os olhos fechados e abertos, ondas luminosas como prata fundida a penetrar tudo.

Sem saber o que significavam, ou se eram úteis ou prejudiciais ao meu progresso espiritual, abria o meu coração à Mãe, dizendo: "Mãe, não sei o que são estas coisas. Sou ignorante dos Mantras e de tudo o mais necessário para Te realizar. Ensina-me, Mãe, como Te realizar. Quem mais me pode ajudar? Não és Tu o meu único refúgio e guia?" Esta era a minha oração fervorosa dia e noite. Chorava amargamente na extremidade da minha dor.»

Embora o jovem sacerdote tivesse sido abençoado com a visão da sua Mãe Divina, a meta dos seus esforços, isso não lhe proporcionou uma alegria pura, pois não era contínua. Só conseguia vislumbrá-La na meditação ou através de algum esforço; para ele, isso só podia significar uma coisa — que as suas realizações não eram verdadeiras, caso contrário seriam certamente sem esforço e ininterruptas. Poderia ser que a sua sede de Deus, por mais intensa que fosse, fosse hesitante? Pensamentos como estes levavam-no a redobrar os seus esforços e a aumentar as suas preces à Mãe Divina.

A partir de então, a sua atitude em relação à Mãe mudou. Tornou-se como uma criancinha, confiante de que a sua incapacidade de a ver sempre que desejava se devia a que Ela, num estado de brincadeira, Se escondia propositadamente. Sentia que, em breve, Ela o tomaria nos Seus braços, que já não lhe seria permitido vaguear nos labirintos do mundo. Aprendia a resignar-se à Sua vontade, a conter os impulsos do seu próprio ego e a deixar que a Sua vontade o dirigisse.

A sua entrega foi completa. «Ó Mãe», rezava dia e noite, «refugiei-me em Ti; ensina-me o que fazer ou dizer. A Tua vontade é soberana em toda a parte e é para o bem dos Teus filhos. Funde o meu ego na Tua vontade e faz de mim Teu instrumento.» As suas ações eram muito criticadas. Mas o que era isso para ele? Não o guiava a Mãe pela mão? Este mundo material perdia rapidamente a sua realidade para ele, e a presença da Mãe Divina era a única coisa que lhe importava.

À medida que a sua realização se aprofundava, a visão da Mãe tornou-se contínua. Anteriormente, no momento da meditação, era com dificuldade que ele conseguia vislumbrar a Sua bela mão, pé ou rosto; agora via toda a Sua forma, enquanto Ela lhe falava e o dirigia no seu trabalho diário. Até então, ao oferecer comida a Ela, um raio luminoso dos Seus olhos tocava-a, absorvendo apenas a sua essência; agora via Ela a comer a comida mesmo antes de esta ser oferecida da forma regular.

Anteriormente, considerava a imagem de pedra de Kali como possuidora de consciência; agora a imagem desaparecia, e em seu lugar estava a própria Mãe Viva, sorrindo e abençoando-o. «Senti realmente a Sua respiração na minha mão», costumava dizer mais tarde o Mestre. «À noite, quando a sala estava iluminada, nunca vi a Sua forma divina projetar qualquer sombra nas paredes, mesmo olhando atentamente.

Do meu quarto, ouvia-A subir ao piso superior do templo com a alegria de uma rapariga, com os seus tornozelos a tilintar. Para ver se não me enganava, seguia-A e encontrava-A de pé, com os cabelos soltos, na varanda do primeiro andar, olhando quer para Calcutá quer sobre o Ganges.»

Foi assim que Sri Ramakrishna se tornou um homem embriagado de Deus. A separação entre ele e a Mãe Divina foi gradualmente desaparecendo, e ele atingiu rapidamente um estado de visão ininterrupta d'Ela. E o seu zelo era proporcional a este grande desenvolvimento; a sua seriedade vencia todos os obstáculos. Esqueceu todas as formalidades das escrituras na sua íntima comunhão com a Mãe. Abandonou as formas elaboradas

de oração com que o noviço tenta aproximar-se de Deus; tornou-se antes um derramar incessante do seu coração, numa exigência persistente de a ver, ou num intercâmbio apaixonado de palavras com Ela.

Já não se mantinha a uma distância respeitosa da imagem, nem se aproximava com o coração tímido, nem fazia prostrações ao entrar no templo. Quem age assim com a sua própria mãe? É ela um objeto de temor para o seu filho? Não podemos estabelecer a doce relação filial com a Mãe Divina — mais amorosa, mais afetuosa e mais indulgente do que qualquer mãe terrena pode jamais ser — se associarmos a Ela as ideias de medo e terribilidade. Como Mãe, Ela já não é sombria e temível como na Sua dança da morte, mas aparece aos Seus devotos numa forma majestosa e graciosa, cheia de doçura e amor, derramando bênçãos sobre todos e abrindo-lhes o entendimento.

Esta era a bendita Mãe que Sri Ramakrishna Deva realizara. Hriday pôde fornecer muitos pormenores interessantes daqueles dias. Costumava dizer: «Sempre que alguém entrava no templo, sentia-se um arrepio, especialmente quando o meu tio estava a adorar, como se houvesse ali uma Presença viva. Nunca resistia à tentação de o observar. O seu estranho modo de adoração enchia-me de espanto e reverência ao mesmo tempo; muitas vezes questionava a sua sanidade, pois as suas ações eram contrárias às prescrições dos Shastras. Receava também o que Rani Rasmani e Mathur Babu fariam se a notícia do seu comportamento chegasse até eles. Mas Sri Ramakrishna era perfeitamente insensível aos meus sentimentos e, mesmo quando lhe diziam quão estranhas pareciam as suas ações, mostrava-se indiferente. Também não podia falar livremente com ele sobre tais assuntos, como antes, pois uma inexplicável contenção me travava, e sentia um profundo abismo entre nós. Assim, servia-o o melhor que podia, receoso de que os seus modos extraordinários trouxessem desgraça.»

Sobre o método de adoração de Sri Ramakrishna, dizia: «Reparava que o meu tio, pegando em flores e folhas de Bael na

mão, tocava com elas na sua própria cabeça, peito, de facto, em todo o corpo, incluindo os pés, e depois oferecia-as aos pés de Kali. Outras vezes, com os olhos e o peito ruborizados, como um bêbado, movia-se com passos vacilantes do seu lugar para o trono da deusa, tocava-lhe no queixo como sinal de ternura, e começava a cantar, ou a falar, a brincar, a rir, ou mesmo a dançar, pegando na imagem pela mão!

Por vezes aproximava-se do trono com um pedaço de comida na mão e, levando-o aos Seus lábios, suplicava-lhe que comesse. Seguia-se então esta interessante conversa: "Bem, Tu queres que eu o coma — hei-de comê-lo agora? Muito bem, assim farei!" Então comia uma parte e colocava o resto na boca da deusa e dizia: "Bem, eu comi — agora é a Tua vez." Um dia, um gato próximo miava enquanto ele fazia a oferenda da comida. Ele dirigiu-se ternamente ao animal, dizendo: "Mãe, estás ansiosa para comer? Aqui, podes comê-lo," dando ao mesmo tempo a comida ao gato. Por vezes, no fim do serviço da tarde, quando já tinha invocado a Mãe para se retirar, dizia: "Bem, Tu queres que me deite? Muito bem, assim farei," e deitava-se durante algum tempo no leito de prata destinado à Mãe.

De novo, no momento da adoração, ficava tão profundamente absorto em meditação que não havia qualquer sinal de consciência exterior. Todas as manhãs, enquanto colhia as flores para as grinaldas da Mãe Divina, via-o a falar com alguém, ou a acariciar alguém, ou a rir, ou a entregar-se a alegrias! Nunca fechava os olhos durante a noite; sempre que acordava, encontrava-o em estado de exaltação, a falar com alguém, a cantar, ou sentado em profunda meditação onde hoje fica o Panchavati.»

Tudo isto não fez senão confirmar a crença das autoridades locais de que Sri Ramakrishna devia estar louco. O que viam equivalia a sacrilégio. Oferecer flores à Mãe Divina depois de tocar os próprios pés com elas, comer a comida antes de ser oferecida a Ela, deitar-se no leito da Mãe — para não falar do seu chorar, rir ou falar com a imagem — eram provas suficientes para

eles de desequilíbrio. Embora achassem pouco sensato tê-lo no templo, nada podiam fazer.

Enviaram, pois, um relatório pormenorizado sobre estas coisas a Mathur, em Jaun Bazar. Mathur respondeu por escrito que viria ele próprio investigar; entretanto, não haveria interferência com o modo de adoração de Sri Ramakrishna. Os funcionários estavam convencidos de que, assim que Mathur visse as excentricidades do jovem sacerdote, o despediria sumariamente. Pouco depois, Mathur fez uma visita inesperada ao templo, pois temia que algum funcionário demasiado zeloso maltratasse Sri Ramakrishna.

Entrou silenciosamente no templo de Kali quando Sri Ramakrishna estava a adorar, e ficou maravilhado com o que viu. Sri Ramakrishna punha toda a sua alma na adoração, sem ideia de que estava a ser observado. Mathur não precisou de muito tempo para decidir que o método de adoração de Sri Ramakrishna era fruto de um amor genuíno e profundo pela Mãe Divina, cujo igual raramente se encontra.

Convencido de que o objetivo de construir e manter o templo — a manifestação da própria Mãe na imagem ali existente — estava alcançado, regressou a sua casa e enviou, no dia seguinte, uma ordem ao superintendente do templo: o jovem sacerdote teria liberdade para adorar da maneira que escolhesse, e não deveria ser molestado.

As escrituras mencionam dois tipos de devoção. Num deles, o homem adora Deus de acordo com as prescrições estabelecidas nos Shastras. Banha-se tantas vezes por dia, observa jejuns, usa este ou aquele Mantra, agita as luzes de determinada maneira, e dá a maior importância às várias disciplinas prescritas pelas escrituras. No outro tipo de devoção, a pessoa não observa quaisquer dessas formas; sente tal intimidade com Deus, está tão perto d'Ele, que esquece todas as regras e regulamentos e age segundo os impulsos do coração. O primeiro tipo de devoção (Bhakti) chama-se Vaidhi-Bhakti, o segundo é conhecido como Prema-Bhakti. O primeiro é o degrau para o segundo. Só é

abençoado com Prema-Bhakti aquele cuja devoção a Deus é madura, fruto de ter seguido o curso prescrito pelas escrituras.

Assim, é evidente que as mudanças fenomenais na perspetiva mental de Sri Ramakrishna, que os ignorantes atribuíam à loucura, se deviam ao desenvolvimento da Prema-Bhakti. Era «o estado de ser fulminado por um excesso de Luz». Esta transformação ocorreu de forma tão natural que o próprio Sri Ramakrishna mal se apercebia dela. Sentia-se completamente à mercê de uma força tremenda. Muitas vezes se admirava do seu próprio comportamento e se perguntava se estaria no caminho certo. Daí o vermos ir ao templo de Kali e chorar diante da Mãe, procurando o Seu conselho. Como veremos, a sua confiança n'Ela nunca foi traída.

Devido à grande tensão da realização de Deus, o seu corpo tornou-se sujeito a várias enfermidades. Uma delas era uma sensação de ardor em todo o corpo, como se a sua pele tivesse sido pintada com um cáustico. Descreveu-a mais tarde assim: «No momento da adoração, procurava pensar, segundo as direções dos Shastras, que o pecador em mim era queimado, e que eu era puro e perfeito. Quem saberia então que em cada um se esconde realmente uma personificação do mal que pode ser destruída? Comecei a sentir uma sensação de ardor no meu corpo desde o início do meu período de Sadhana. Que seria isto? — pensei. Medicamentos foram administrados, mas todos se revelaram inúteis. Um dia, estava a praticar no bosque de Panchavati, quando um homem de olhos vermelhos e cor negra saiu deste corpo, cambaleando como se estivesse bêbado, e começou a andar à minha frente.

Pouco depois, emergiu do meu corpo outra figura humana, de aspeto sereno, vestindo a túnica cor de ocre e segurando um tridente na mão. Atacou o primeiro e matou-o. Poucos dias depois dessa visão, fiquei livre da sensação de ardor que me atormentara durante seis meses.» Como veremos, teve duas reincidências desta sensação mais tarde.

As escrituras que tratam da devoção estabelecem cinco métodos diferentes de adoração. O primeiro é Santa — a atitude plácida da mente para com a Divindade, cultivada por certos ascetas e anacoretas que, tendo aprendido dos Vedas e de outras fontes que Deus reside no coração de todos, retiram os seus sentidos dos objetos do mundo e concentram a sua mente n'Ele como a única realidade e o Ser mais íntimo do universo.

Estes sábios vivem longe da agitação do mundo e levam uma vida simples e retirada, comendo raízes ou frutos. Geralmente há um toque de Jnana nesta forma de adoração. Os Rishis Védicos são exemplos deste tipo de devoção.

A segunda maneira chama-se Dasya ou a relação de servo para mestre. A reflexão sobre o complexo esquema do universo leva naturalmente à conceção de um Senhor, com poder, conhecimento e misericórdia infinitos, governando de acordo com leis fixas. Muitos, desejosos de agradar a este Deus com serviço leal, renunciam a toda a consideração de conforto pessoal por causa d'Ele, pensando estabelecer assim a relação de mestre e servo. A devoção de Hanuman, o deus-macaco, a Sri Ramachandra é um exemplo.

É considerado o modelo do serviço fiel. A terceira via é a Sakhya ou amizade. O devoto olha para o seu Ideal Escolhido como seu amigo mais querido, não sente constrangimento na sua presença, e contenta-se em simplesmente tornar o seu amigo feliz. Arjuna e os rapazes pastores de Vrindavan consideravam Krishna assim. O quarto método é conhecido como Vatsalya ou a relação entre pai e filho. Não há nele qualquer elemento de temor, pois o devoto olha para a divindade como seu próprio filho, e considera-se mais forte do que o objeto do seu amor.

Os pais de Sri Krishna são exemplos disso. Por último, há o Madhura ou a relação que existe entre dois amantes. Esta é a forma mais intensa de apego, em que a menor ideia de separação é insuportável. As Gopis de Vrindavan são exemplos. Deus, nesta forma de Sadhana, é o amado ou amada, uma parte, por assim

dizer, do próprio ser da pessoa. É superior a todos os modos de adoração anteriores e inclui-os a todos.

Sri Ramakrishna passou por todas estas fases de devoção, realizando o mesmo objetivo através de cada uma delas. A sua Dasya Sadhana, que descreveremos em pormenor, é particularmente interessante porque, através dos seus esforços para representar o papel de Hanuman, foi abençoado com a visão de Sita, a divina consorte de Rama.

Foi pouco depois da sua visão de Kali que a sua atenção se voltou para Rama, o rei de Ayodhya, que é considerado uma encarnação do próprio Senhor. Convencido de que a maneira mais rápida de O realizar seria impregnar-se completamente do espírito do Seu maior devoto, Hanuman, incumbiu-se da tarefa de reproduzir o mais fielmente possível a atitude de Hanuman para com Rama — a do servo fiel para com o mestre. Seguem-se as suas próprias palavras sobre o processo e os resultados desta forma de prática:

«Meditando constantemente sobre o carácter glorioso de Hanuman, esqueci completamente a minha própria identidade. A minha vida diária e o meu estilo de alimentação passaram a assemelhar-se aos de Hanuman. Não os fingia; vinham-me naturalmente. Atava o pano à cintura, deixando cair uma parte em forma de cauda, e saltava de um lado para o outro em vez de andar. Vivia apenas de frutos e raízes, e preferia comê-los sem os descascar.

Passava a maior parte do tempo nas árvores, gritando com voz solene: “Raghuvir!” Os meus olhos pareciam inquietos como os de um macaco, e, o mais maravilhoso de tudo, o meu cóccix aumentou cerca de uma polegada. Recuperou gradualmente o seu tamanho anterior depois de essa fase mental ter passado, no final daquele curso de disciplina. Em suma, tudo em mim era mais parecido com um macaco do que com um ser humano.»

No final desta Sadhana, teve uma visão maravilhosa, tão extraordinariamente vívida e diferente de todas as suas anteriores, que permaneceu muito tempo na sua memória. Referindo-se a ela,

o Mestre disse: «Um dia, estava sentado no lugar agora conhecido como Panchavati, num estado de espírito perfeitamente normal — de modo algum em transe — quando, de repente, uma figura feminina luminosa de graça requintada apareceu diante de mim. O lugar iluminou-se com o seu resplendor. Percebi não só ela, mas também as árvores, o Ganges e tudo o mais.

Observei que era uma figura humana, sem características divinas como três olhos, etc. Mas um semblante tão sublime, expressivo de amor, tristeza, compaixão e fortaleza, não se encontra vulgarmente nem mesmo em deusas. Lentamente, avançou do norte em minha direção, olhando-me com benevolência todo o tempo. Fiquei maravilhado e perguntava-me quem seria, quando um macaco, com um grito, saltou subitamente e sentou-se ao lado dela.

Então surgiu em mim a ideia de que esta devia ser Sita, cuja vida inteira estivera centrada em Rama e que só tivera miséria como seu destino! Num excesso de emoção, ia cair aos seus pés, clamando: "Mãe," quando ela entrou no meu corpo, com a significativa observação de que o sorriso nos seus lábios ela me legava!

Caí inconsciente no chão, dominado pela emoção. Esta foi a primeira visão que tive com os olhos bem abertos, sem meditar em nada. Será porque a minha primeira visão de Sita foi do seu aspeto atribulado, que a minha vida subsequente conteve tanto sofrimento? Quem sabe!»

O segredo do seu sucesso nestas diversas Sadhanas (deve lembrar-se que leva muitas vidas a uma pessoa comum alcançar o objetivo de uma única forma de Sadhana) foi — numa palavra — a sinceridade, uma correspondência completa entre pensamento e ação — uma total ausência de duplicidade. Sri Ramakrishna costumava dizer que, para ter sucesso em qualquer empreendimento, a pessoa deve viver exatamente de acordo com o seu ideal. À medida que avançarmos, veremos como ele o pôs em prática na sua própria vida.

Nas páginas anteriores, narramos certos acontecimentos na vida de Sri Ramakrishna que podem parecer impossíveis ou sobrenaturais, tão difíceis são de explicar do ponto de vista da razão ou da ciência. Mas não podem ser assim tão facilmente descartados. Todos os santos e sábios, de todas as épocas e climas, afirmam ter tido experiências inexplicáveis pela razão e, até ao presente, pela ciência.

Ao mesmo tempo, nenhum deles disse que as suas visões ou poderes extraordinários estivessem além da Natureza ou do alcance do resto da humanidade — pelo contrário, todos convidaram o resto do mundo a testar estas experiências através da experimentação ao longo das mesmas linhas, para demonstrarem por si mesmos que estão tanto no domínio da Natureza como qualquer um dos fenómenos da ciência física.

A única diferença está no grau de subtileza. A ciência física lida com as manifestações comparativamente grosseiras da Natureza, enquanto a religião — que é a filosofia tornada prática — lida com as suas formas mais subtis. Se, após uma pesquisa paciente e sincera, estas experiências transcendentais se revelarem falsas, só então teremos o direito de as rejeitar e a autoridade para as declarar ilusões.

Aqui gostaríamos de enfatizar o facto de que estas visões não são, de modo algum, necessárias para o progresso religioso, nem são o sine qua non da realização divina. As mais elevadas experiências espirituais podem, e muitas vezes vêm, sem serem acompanhadas por elas. Na melhor das hipóteses, são marcos no caminho do progresso religioso, importantes na medida em que tornam o homem mais puro, mais forte, mais amoroso e mais abnegado. A visão certa é aquela que transforma um tolo num sábio; onde se produzem resultados contrários, temos apenas ilusão.

Vimos que Rani Rasmani se sentiu atraída por Sri Ramakrishna. Convencida de que ele fora abençoado com a visão da Mãe Divina, sentiu que o seu estranho comportamento indicava a plenitude da devoção, e não qualquer desequilíbrio

mental. Um dia, veio a Dakshineswar e, depois de se banhar no Ganges, entrou no templo para adorar e meditar.

Sentou-se perto da Mãe Divina. Sri Ramakrishna estava ali, e a Rani, segundo o seu costume habitual, pediu-lhe que cantasse. Sri Ramakrishna concordou e encheu o local com a êxtase das suas canções. Ao fim de algum tempo, reparando que a Rani estava desatenta, exclamou: «Essa preocupação mesmo aqui!» e deu-lhe duas palmadas. Os servidores do templo ficaram confundidos, mas nenhum ousou castigar o ofensor. As únicas duas pessoas que permaneceram calmas foram Sri Ramakrishna e Rani Rasmani. A sua atitude foi a de um pai a castigar um filho indiscreto, enquanto a Rani ficou envergonhada como se tivesse sido apanhada em alguma travessura.

Ficou espantada ao descobrir que o jovem sacerdote tinha o poder de perceber que a sua mente estava preocupada com um processo judicial pendente, em vez de estar nas canções de devoção. Percebendo a gravidade da situação e receando que o pessoal do templo pudesse assumir o direito de castigar Sri Ramakrishna, proibiu-os severamente de alguma vez mencionarem o incidente a ele.

Rasmani retirou-se para o seu quarto. Quando os seus atendentes se queixaram da insolência de Sri Ramakrishna para com ela, respondeu: «Vós não entendeis; a própria Mãe Divina me castigou e assim iluminou o meu coração.»

Há um grande significado no incidente acima. Mostra que Sri Ramakrishna se considerava apenas um instrumento nas mãos da Mãe Divina. Se tivesse tido qualquer outra ideia, não teria ousado correr o risco de comprometer a sua posição no templo, insultando a Rani.

Também lança uma luz abundante sobre a mentalidade da Rani, permitindo-nos ver a profunda veia espiritual na sua natureza, que a fez reconhecer a justiça da repreensão e aceitá-la com alegria.

Um dia, por esta altura, Sri Ramakrishna, na presença de Mathur, fez de Hriday seu substituto, dizendo que a Mãe Divina

ficaria tão satisfeita se, a partir de então, Hriday conduzisse a adoração. Mathur tomou isso como a vontade da Mãe e concordou com alegria.

Já mencionámos o Panchavati, o local onde Sri Ramakrishna costumava meditar. Havia ali perto um pequeno tanque, que foi pouco depois reescavado, e a terra excedente foi utilizada para encher as cavidades em redor do local. A árvore Amalaka foi sacrificada a esta mudança. Um dia, Sri Ramakrishna propôs a Hriday construir um local adequado para as suas práticas espirituais. Hriday concordou e escolheu um local perto do antigo lugar de Sadhana do Mestre, onde este próprio plantou uma árvore Aswattha, e Hriday plantou outras quatro.

Depois, iniciou-se uma sebe de Tulasi e Aparajita, que rapidamente cresceu, ficando suficientemente espessa e alta para esconder o local da vista dos transeuntes. Um dia, algum gado destruiu a sebe e danificou as plantas jovens; isso fez com que Sri Ramakrishna se preocupasse em protegê-la contra novos ataques. Diz-se que, pouco depois, uma forte maré enchente no Ganges trouxe para a margem perto do templo um feixe de estacas de madeira, com corda, uma podoa e tudo o necessário para uma vedação.

Já vimos que Mathur sempre cuidou do conforto de Sri Ramakrishna e zelou para que não lhe acontecesse nenhum mal por parte de pessoas que não compreendiam o seu estado mental. Mas até ele começou a suspeitar que poderia haver algum problema nervoso. O incidente de ele ter dado palmadas em Rani Rasmani reforçou esta suspeita. Assim, providenciou o tratamento de Sri Ramakrishna por um médico perito, Kaviraj Ganga Prasad Sen, de Calcutá. O tratamento, embora continuado durante algum tempo, não trouxe alívio.

Mathur tentou também persuadir Sri Ramakrishna a conter os seus sentimentos dentro de certos limites e a regular a sua vida de acordo com padrões fixos. Um dia, disse: «Deus também deve obedecer às suas próprias leis. Não tem poder para as transcender.» «Que proposição absurda!», respondeu Sri

Ramakrishna. «Aquele que fez uma lei pode revogá-la à vontade ou fazer uma nova lei em seu lugar.» «Como pode ser isso?», disse Mathur. «Uma planta que só produz flores vermelhas não pode produzir flores de outra cor — brancas, por exemplo — pois tal é a lei.

Gostaria de ver Deus produzir flores brancas a partir de uma planta que só dá flores vermelhas.» «Isso também Ele pode fazer facilmente», respondeu Sri Ramakrishna, «pois tudo depende da Sua vontade.» Mathur não ficou convencido. No dia seguinte, no jardim do templo, Sri Ramakrishna encontrou uma roseira-da-china com duas flores no mesmo caule, uma das quais era vermelha e a outra branca como a neve.

Quebrou o ramo para o mostrar a Mathur. À medida que Mathur se aproximava mais de Sri Ramakrishna, as suas dúvidas deram lugar a uma crescente convicção de que se tratava de um homem notável, um sábio aperfeiçoado, cuja associação conferiria bênçãos incalculáveis. Estava a cair sob o encanto mágico deste estranho homem de realização e, interiormente, começou a olhar para ele como um Guru. Veremos em breve como este sentimento de respeito se aprofundou até se tornar numa entrega absoluta aos pés do humilde sacerdote de Dakshineswar. Concluiremos o relato deste brilhante período na vida de Sri Ramakrishna mencionando mais alguns incidentes que ocorreram durante estes quatro anos (1855-1858) da sua Sadhana.

Embora Sri Ramakrishna, durante este período de loucura divina, não suportasse a associação com homens mundanos, não evitava a companhia de devotos. Pelo contrário, estava ansioso por estar com eles e juntar-se à sua adoração e Kirtan. De vez em quando, ia a Baranagore visitar a Dasamahavidya, ou a Kalighat para adorar a Mãe Divina, e participava quase todos os anos na maior festividade religiosa de Panihati, a poucas milhas de Dakshineswar.

Foi neste último lugar que Vaishnav Charan, filho de Utsavananda Goswami e grande devoto Vaishnava da época, encontrou Sri Ramakrishna pela primeira vez. Foi no ano de

1858. Sri Ramakrishna, acompanhado por Hriday, tinha ido assistir à festividade e estava sentado no templo de Mani Mohan Sen, quando Vaishnav Charan chegou e reconheceu imediatamente Sri Ramakrishna como um homem de rara espiritualidade.

Passado algum tempo, ofereceu cinco rupias a Sri Ramakrishna, que recusou aceitá-las. Como Vaishnav Charan insistisse, Sri Ramakrishna disse a Hriday que aceitasse o dinheiro e comprasse mangas e outras coisas para oferenda com ele. Então começaram todos a cantar Kirtan, em volta de Sri Ramakrishna, que caiu em transe. Vaishnav Charan tentou fazer com que Sri Ramakrishna comesse das oferendas, mas ele não conseguia engolir; o restante foi comido por todos como Prasad sagrado. No caminho de regresso a Calcutá, Vaishnav Charan, que havia averiguado onde Sri Ramakrishna vivia, parou em Dakshineswar para o ver, mas ele não estava lá. Alguns anos mais tarde, encontrou Sri Ramakrishna novamente e, como veremos, em circunstâncias extremamente interessantes.

Nessa altura, Sri Ramakrishna teve de passar por uma provação que Rani Rasmani e Mathur maquinaram de forma algo impensada, embora de boa fé. Estavam muito preocupados com a sua saúde debilitada e pensaram que um desvio da rígida observância da continência pudesse ser benéfico. Sabiam que qualquer proposta desse tipo seria rejeitada com desdém. Assim, tramaram tentá-lo secretamente.

Para o efeito, contrataram duas mulheres de má fama para entrar no quarto em Dakshineswar e tentar este filho da Mãe Divina. No momento em que as viu, com toda a seriedade, procurou refúgio aos pés da Mãe. Ao ouvirem o nome da Mãe, as mulheres ficaram envergonhadas. Noutro dia, Mathur levou Sri Ramakrishna num passeio de carruagem a Calcutá e parou numa casa em Mechuabazar, onde várias raparigas bonitas o esperavam. Retirou-se, deixando Sri Ramakrishna sozinho com elas. Imediatamente, Sri Ramakrishna tornou-se como uma criança, perdeu a consciência exterior ao repetir o nome da Mãe, e

permaneceu naquele estado maravilhoso — a própria encarnação da pureza e do domínio de si. O efeito disto nas mentes das raparigas foi elétrico. Perceberam a sua loucura e, receosas das consequências de tentar tentar um santo, imploraram o seu perdão.

Quando Mathur, atraído pelo barulho, entrou no quarto, ficou mudo diante desta espantosa prova do domínio de Sri Ramakrishna sobre as suas paixões e, enquanto o fazia sair rapidamente da cena, recebeu uma saraivada de censuras das furiosas agentes do seu plano. Foi tomado pela vergonha e, escusado será dizer, o seu respeito por Sri Ramakrishna redobrou.

HALADHARI

Nessa altura, chegou a Dakshineswar outro homem que haveria de estar intimamente ligado à vida de Sri Ramakrishna durante um período de oito anos. O seu nome era Ramtarak, ou mais familiarmente Haladhari, que viveu em Dakshineswar provavelmente de 1858 a 1866. Era primo de Sri Ramakrishna, sendo o filho mais velho do irmão mais novo de Khudiram.

Veio a Dakshineswar em busca de emprego, e Mathur, sabendo que era parente de Sri Ramakrishna, ficou contente por o empregar na adoração da Mãe Kali até que o seu primo recuperasse da sua loucura divina. Haladhari era versado no Srimad-Bhagavata e no Adhyatma Ramayana, e era um mestre do Gita e do Vedanta. Embora devoto de Vishnu, empreendeu, a pedido de Mathur, a adoração de Kali. Como insistisse em cozinhar a sua própria comida na margem do Ganges, Mathur observou: «Porque tão escrupuloso? Sri Ramakrishna e o seu sobrinho Hriday não se opõem a comer a comida oferecida à Mãe Divina.» A isto respondeu Haladhari: «O meu primo atingiu um certo estado de realização, e pode fazê-lo. Mas, como ainda não alcancei esse estado, no meu caso seria pecado.» Mathur ficou satisfeito com esta resposta franca e permitiu-lhe que fizesse como entendesse.

Haladhari não suportava ver o sacrifício de animais no templo de Kali. Ao fim de quase um mês de serviço, estava a meditar uma noite, quando Kali lhe apareceu e lhe disse para deixar o templo, e que, como resultado da sua adoração hesitante, em breve perderia o seu filho. Pouco depois, o filho de Haladhari morreu. Depois de contar todas as circunstâncias a Sri Ramakrishna, assumiu, em vez disso, o serviço de Radha-Govinda.

Haladhari pertencia àquele culto degradado dos Vaishnavas que, ao tentar praticar o Madhura Bhava na sua forma extrema, o faz não através da meditação, como deveria, mas através de relações secretas com mulheres.

O assunto depressa se soube, e as pessoas começaram a murmurar entre si, embora ninguém ousasse acusá-lo publicamente, receando que ele os amaldiçoasse, pois corria a crença de que as suas maldições sempre se cumpriam. Quando, porém, a notícia chegou aos ouvidos de Sri Ramakrishna, ele, no seu estilo franco, falou a Haladhari sobre o que se dizia dele e das suas práticas. Isso enfureceu Haladhari, que disse: «És meu primo e mais novo, e ainda assim ousas desprezar-me assim! Como castigo por isto, sair-te-á sangue da boca.» Embora Sri Ramakrishna tentasse apaziguá-lo, dizendo que o seu objetivo ao avisá-lo era salvá-lo da crítica, Haladhari permaneceu inabalável e não retratou as suas palavras.

Agora que o templo de Kali e as suas acomodações se tornaram conhecidos, muitos Sadhus usavam Dakshineswar como ponto de paragem a caminho de Gangasagar. É provável que, com algum deles, Sri Ramakrishna tenha aprendido os segredos do Hatha-Yoga, que passou a praticar. Uma noite, pouco depois do incidente acima, sentiu uma sensação irritante no palato, que, ao fim de um minuto, começou a sangrar.

Sri Ramakrishna descreveu o incidente: «A cor do sangue era escura como o sumo das folhas de feijão. Era tão espesso que apenas uma pequena parte caiu no chão, e o resto coagulou e pendurou como uma corda dos meus dentes. Pressionei uma ponta

do meu pano contra o local para estancar a hemorragia, mas sem sucesso. Fiquei muito perplexo. Muitas pessoas se reuniram à minha volta. Haladhari também veio a toda a pressa dos seus serviços da tarde.

Eu disse-lhe, chorando: "Vê, primo, o que me fizeste com a tua maldição." Ao ver-me naquele estado, ele também começou a chorar. Felizmente, nessa altura estava no templo de Kali um Sadhu que, ouvindo falar do incidente, veio e examinou a cor do sangue e o local de onde provinha. Disse: "Graças a Deus! Não há motivo para preocupação. Esta hemorragia fez-lhe muito bem. Vejo que estava a praticar Yoga. Isto abriu o seu canal Sushumna e uma quantidade de sangue estava a correr para a cabeça. É excelente que este sangue, em vez de chegar ao cérebro, tenha feito um caminho através do palato; caso contrário, teria entrado no Jada Samadhi, do qual nunca mais poderia descer ao plano da consciência comum. Deve ser que a Mãe Divina tem alguma grande missão a realizar através de si, e Ela salvou o seu corpo." Fiquei tranquilo com as suas palavras e senti paz.»

Sendo um brâmane ortodoxo, com grande respeito pelas tradições da família Chatterjee, Haladhari não conseguia justificar os modos peculiares de Sri Ramakrishna. Embora vivesse com o seu primo durante o período mais tempestuoso da sua Sadhana, estando, no entanto, preso aos livros, interpretou mal o elevado estado espiritual do primo e concluiu naturalmente, como outras pessoas, que as suas ações eram mais fruto de um cérebro perturbado do que de qualquer elevada realização espiritual.

Não tendo a amplitude de visão que lhe permitisse olhar para as coisas na sua perspetiva correta, dizia por vezes a Hriday: «Olha aqui, Hriday, é realmente uma mancha no carácter de Ramakrishna que ele tenha abandonado o fio sagrado. Além disso, não é embaraçoso que ele permaneça nu diante de todos? É uma sorte excecional nascer brâmane. No entanto, vês como Ramakrishna menospreza este raro privilégio!

Não vejo que ele tenha atingido um estado de exaltação espiritual tão elevado que possa dar-se ao luxo de menosprezar

tão levianamente as observâncias de casta. Ele não aceita o conselho de ninguém, exceto o teu, até certo ponto. Devias zelar para que as suas ações fossem mais ortodoxas. Na minha opinião, devias usar até a força para o impedir de repetir estas profanações.»

Mas, por vezes, as suas ideias sobre Sri Ramakrishna mudavam. Se, por acaso, estivesse presente quando o Mestre se encontrava no santuário da Mãe Divina, ficava impressionado com a visão da devoção única, da seriedade e das preces apaixonadas do seu primo. Ao ver este fervor divino — uma coisa da qual não tivera experiência apesar da sua erudição livresca — Haladhari revia as suas opiniões e encontrava uma desculpa para as incoerências.

Então corria a Hriday e dizia: «Ah, deves ter visto algo divino em Ramakrishna, caso contrário, como poderias servi-lo com tamanha constância?» Hriday — agora um homem algo mudado — respondia com um sorriso: «Sim, tens razão, tio. Não vês que não me poderia levar a servir outros de formas tão servis?»

Assim, Haladhari era atirado entre a dúvida e uma convicção parcial em relação ao estado de espírito do seu primo. Sri Ramakrishna costumava dizer: «Muitas vezes Haladhari, impressionado pela minha devoção e zelo, dizia: “Ramakrishna, desta vez descobri-te.” Eu retorquia: “Tem cuidado para não ficares confuso novamente.”

“Não podes mais enganar-me,” respondia ele, “certamente o Senhor manifesta-Se através de ti.” Eu sorria e dizia: “Esperemos que sim — vive-se e aprende-se.” Mas, ao estudar nas horas de lazer algum livro como o Bhagavata ou o Adhyatma Ramayana, com o estímulo ocasional do rapé, ele voltava a inchar de orgulho. Lançando toda a humildade ao vento, assumia um ar de grande superioridade, olhava para o mundo como um mero lameiro, arrogava-se a posição de grande erudito e impunha as suas opiniões a todos. Por vezes, eu ia ter com ele e dizia: “O que leste nas escrituras, eu realizei na vida. Por isso, posso compreender o

significado dos Shastras.” Haladhari inflamava-se e respondia em tom arrogante: “Vai-te embora, és um perfeito tolo. Tu, que dizes que compreendes estas coisas abstrusas!”

Eu respondia: “Acredita em mim, a Divindade que reconheceste residir em mim ensina-me tudo.” A isto, Haladhari ficava furioso e respondia: “Que tolice! Que escritura ensina que Deus Se encarnaria novamente neste Kali-Yuga, exceto quando vier na pessoa de Kalki? Ficaste verdadeiramente louco, ou como poderias ter tais pensamentos?”

Eu lembrava-lhe com um sorriso: “Porque não disseste há algumas horas que não haveria mais confusão na tua mente em relação a mim?” Mas Haladhari não estava então disposto a ouvir. Tivemos muitas repetições desta cena divertida. Então, um dia, ao ver-me sentado nu num ramo da figueira-de-bengala no Panchavati, ficou completamente convencido de que eu fora possuído por um Brahmadaitya!»

Haladhari, como dissemos, era Vaishnava e, desde a morte do seu filho pela maldição de Kali, passou a considerar essa deusa como de natureza Tamasika ou terrível. Um dia, chegou mesmo a dizer a Sri Ramakrishna: «Pode-se obter elevação espiritual adorando uma forma Tamasika? Porque dás tanta atenção à adoração de Kali?» Sri Ramakrishna não lhe respondeu então; mas sentiu-se magoado com o desrespeito mostrado à sua Deidade favorita. Foi imediatamente ao templo de Kali e perguntou à Mãe Divina, com lágrimas nos olhos: «Mãe, Haladhari é um erudito, versado nas escrituras, e diz que Tu és dotada de atributos Tamasikos. És realmente assim?»

A própria Mãe o iluminou sobre o assunto. Com o coração cheio de alegria, correu para Haladhari, que estava ocupado na adoração de Radha-Govinda. Excitado, subiu-lhe aos ombros e exclamou repetidamente: «Ousas chamar Tamasika à minha Mãe! É Ela? Não. Ela é tudo. Tem todos os três Gunas; além disso, é apenas Sattva!» O toque divino de Sri Ramakrishna iluminou o coração de Haladhari — as escamas caíram, por assim dizer, dos seus olhos.

Num instante, compreendeu a loucura das suas palavras — percebeu a sua própria pequenez. Inclinou a cabeça em submissão reverente, encontrou em Sri Ramakrishna a manifestação da Mãe do universo e, pegando em flores e pasta de sândalo, fez uma oferenda aos seus santos pés. Pouco depois, Hriday encontrou-o e perguntou-lhe como é que se rebaixara a adorar Sri Ramakrishna, especialmente porque acreditava que ele era louco e possuído por um espírito maligno. «Oh, não posso dizer-te como», respondeu Haladhari. «Ao regressar do templo de Kali, ele dominou-me completamente. Esqueci tudo e vi nele a clara manifestação da divindade! Sempre que o visito no templo de Kali, ele tem esse tipo de influência sobre mim. Na verdade, é um mistério que não posso resolver.» Assim, em raros momentos de iluminação, Haladhari via a divindade no seu primo, mas esquecia isso quando voltava aos seus livros.

O comportamento de Haladhari confirma a verdade da afirmação do Mestre de que os livros são apenas «nós no coração» — sufocam o nosso desejo de realização de Deus.

O leitor já sabe que os mendigos eram alimentados no templo de Kali. Um dia, Sri Ramakrishna, como o verdadeiro Vedantin que era, comeu um pouco das sobras deles, considerando essas pessoas pobres como verdadeiras representações do Senhor. Quando Haladhari o viu fazer isso, sendo um homem ortodoxo, ficou perturbado e disse: «Que estás a fazer? Perdeste a casta. Agora quem casará com as tuas filhas no futuro?»

Estas palavras incongruentes, vindas dos lábios de um suposto Vedantin como Haladhari, despertaram a indignação de Sri Ramakrishna, que exclamou: «Patife! Não citas sempre as escrituras para dizer que o mundo é uma ilusão e Deus a única realidade, e recomendas levianamente que as pessoas olhem para todos os seres como Brama? E pensas que eu, como tu, pregaria que o mundo é um mito e ao mesmo tempo teria filhos? Vergonha do teu conhecimento das escrituras.»

Um dia, Haladhari lançou dúvidas sobre a verdade das visões de Deus de Sri Ramakrishna e disse, com base nas escrituras, que

Deus está além do alcance da mente humana. Isso deu origem a graves dúvidas na mente de Sri Ramakrishna. Ele descreveu assim os seus sentimentos e a experiência subsequente a um dos seus discípulos, Swami Premananda: «Perguntei a mim mesmo: Serão falsas as várias visões divinas que tive e as palavras que ouvi dos lábios da própria Mãe? Terão sido meras fantasias da minha mente? Será que fui enganado pela Mãe Divina? Para mim, só o pensamento era doloroso e blasfemo. Fiquei muito perplexo.

Com soluços, roguei à Mãe: "Como pudeste ter coragem de me enganar assim, porque eu era um tolo?" Um rio de lágrimas correu dos meus olhos. Pouco depois, vi algo como um volume de névoa a erguer-se do chão e a encher o espaço diante de mim. No meio dela, apareceu um rosto claro, calmo e altamente expressivo, com uma barba fluente. Fixando em mim o seu olhar firme, a figura disse solenemente: "Bem, permanece no limiar da consciência relativa!" Repetindo isto três vezes, o rosto desapareceu suavemente na névoa, que também se dissolveu. Esta visão tranquilizou-me.»

Noutro dia, tal dúvida — e também devido aos argumentos confusos de Haladhari — cruzou a sua mente. Nessa ocasião, também o Mestre, ao sentar-se para adorar, suplicou à Mãe que a dissolvesse. Ela apareceu-lhe na forma de uma certa mulher conhecida como a mãe de Rati, ao lado do jarro sagrado usado na adoração, e repetiu as mesmas palavras. Uma terceira vez ouviu a mesma voz depois de ter descido do estado de Nirvikalpa Samadhi. Mas disso falaremos mais tarde.

REGRESSO A KAMARPUKUR E CASAMENTO

As desgraças raramente vêm sós. Chandra Devi já experimentara muitas. Mal se recuperara das dores da perda do seu filho mais velho, quando a notícia lhe chegou a Kamarpukur de que Gadadhar, o seu filho mais novo e querido, abandonara a

adoração e todos os outros deveres no templo de Dakshineswar e se comportava, para todos os efeitos, como um louco.

Soube que ele evitava a companhia e frequentava lugares solitários, e que cada um dos seus atos indicava loucura. Naturalmente, a notícia deixou Chandra Devi, bem como Rameswar, extremamente ansiosos. Atribuíram esta enfermidade a uma prostração nervosa, cujos sintomas, pensavam, se haviam manifestado durante a sua infância e juventude através dos seus transes. Chandra escreveu repetidamente a Dakshineswar, pedindo a Sri Ramakrishna que viesse a Kamarpukur, onde, sob os seus cuidados maternos e no clima salubre do campo, os seus nervos tensos poderiam ser acalmados e a sua saúde recuperada. Sri Ramakrishna atendeu ao apelo.

A mãe ansiosa encontrou-o inquieto e indiferente aos assuntos do mundo, com um véu de tristeza e melancolia a ensombrar o seu outrora brilhante rosto. Já não se sentia atraído por nada de agradável; os seus antigos companheiros e amigos já não lhe interessavam; e a aldeia de Kamarpukur, que outrora lhe parecera tão adorável e pitoresca, surgia agora monótona e banal.

A sua jovialidade abandonara-o, e em seu lugar havia dor e angústia de espírito — manifestadas no seu choro e nos frequentes apelos por «Mãe». A pobre Chandra ficou totalmente desconcertada. Não sabia a causa desta nova doença, e todas as suas tentativas para consolar o seu querido filho se revelaram inúteis. Em conjunto com a medicina, várias curas ocultas foram tentadas; ritos religiosos foram realizados para evitar qualquer desgraça provável; e exorcistas foram consultados para se pronunciarem sobre o seu caso.

Apesar de todos estes esforços, Sri Ramakrishna foi, por vezes, dominado pelos mesmos sentimentos dos dias de Dakshineswar, quando lutava para obter uma visão da Mãe Divina. As agonizantes sensações de ardor de Dakshineswar repetiram-se. Nunca antes as pessoas de Kamarpukur tinham notado nele tão grande zelo por Deus, tal ausência de medo, tamanha indiferença a tudo o que era mundano, tão grande

determinação para superar todos os obstáculos que se interpunham no caminho para atingir a sua meta.

Chandra Devi, na sua ansiedade, consultou um exorcista perito. O Mestre contou mais tarde: «Um dia veio um exorcista e deu-me água benzida para cheirar, dizendo que, se eu estivesse sob a influência de um espírito maligno, ele me abandonaria instantaneamente. Mas a experiência foi um triste fracasso. Então, com a ajuda de alguns especialistas, um espírito foi invocado.

Disse aos exorcistas presentes que eu não estava sob a influência de qualquer espírito, nem sofria de qualquer doença. Depois, advertiu-me contra o uso excessivo de noz-de-bétel, pois queria ser um Sadhu. Na verdade, eu gostava muito dela, mas abandonei-a depois desta advertência.»

Já dissemos que há dois cemitérios em Kamarpukur. Estes são geralmente evitados pelos aldeões, mesmo durante o dia, por serem lugares assombrados. Consequentemente, são muito solitários e, como tal, extremamente adequados para exercícios espirituais. Por serem lugares onde se abandona o último vestígio do corpo humano, não só lembram sempre a transitoriedade deste mundo e de todos os seus prazeres, mas ao mesmo tempo voltam a mente da pessoa para pensamentos de Deus e do outro mundo.

Daí que os cemitérios na Índia tenham sempre sido investidos de uma espécie de santidade única, sendo frequentemente escolhidos como lugares para meditação, especialmente pelos Sadhakas Tantrikas. É a morada favorita de Kali, a Mãe universal que tudo destrói, e os devotos acreditam que, praticando em tais lugares sagrados, alcançarão mais rapidamente a sua meta acarinhada.

Sri Ramakrishna tencionava praticar uma severa Tapasya e escolheu um daqueles lugares para esse fim. Começou a passar dias inteiros e grande parte de cada noite ali em adoração e meditação. Gradualmente, os seus parentes e vizinhos tomaram conhecimento disso e das suas muitas visões extraordinárias enquanto meditava ali. A mãe ansiosa enviava frequentemente

Rameswar para o chamar de volta. Rameswar não ousava aproximar-se do local e chamava-o à distância.

Uns meses de permanência em Kamarpukur fizeram muito bem a Sri Ramakrishna, e ele recuperou o seu estado mental normal. A sua inquietação diminuiu, e cessou de chorar. Não é difícil adivinhar a causa disso, pois das suas próprias declarações e do testemunho dos seus parentes podemos inferir que, como resultado da sua árdua Sadhana, ele deve ter tido novamente visões da Mãe Divina.

A sua mãe e parentes ficaram muito aliviados. Claro que ele ainda tinha certas peculiaridades, como passar muito tempo no cemitério, sentar-se nu enquanto adorava ou meditava, manifestar aborrecimento se fosse perturbado nas suas devoções, e mostrar um gosto particular por atividades espirituais, mas estas já lhe eram características.

Sri Ramakrishna tinha agora vinte e três anos de idade, e era tão indiferente como sempre a todas as preocupações mundanas. A sua mãe e irmão começaram a planear interessá-lo nos assuntos domésticos. O seu primeiro pensamento foi, naturalmente, o casamento — um laço que ele não poderia descurar. Uma vez casado, a sua mente não voaria tão alto, e a responsabilidade de manter uma família depressa o estabilizaria, pensavam eles. Assim, começaram a procurar uma noiva, e culparam-se por não terem pensado mais cedo nesta solução para os seus problemas.

Mensageiros foram enviados às aldeias vizinhas em busca de uma noiva, mas sem sucesso. Segundo o costume prevalecente na sociedade, era-lhes impossível conseguir uma rapariga do tipo que desejavam, sem um dote adequado, e eles eram demasiado pobres para isso. A busca continuou vigorosamente, mas sem melhor resultado. Isso lançou Chandra Devi e Rameswar no desespero. Gadadhar fora propositadamente mantido ignorante destas negociações, para que não as interpretasse mal. Mas ele era demasiado esperto para eles.

Não tardou a descobrir todo o plano, mas longe de o frustrar, pareceu acolher a ideia. Alegrou-se como os rapazes fazem

perante a perspetiva de algum acontecimento feliz na família. Seria porque ele já sabia que essa era a disposição da Mãe Divina, ou seria apenas num espírito de brincadeira? Embora a pessoa comum possa inclinar-se para a segunda hipótese, temos sérias razões para acreditar que apenas a primeira é verdadeira.

Sri Ramakrishna encontrou a sua mãe e irmão num estado desanimado e, ao indagar do assunto, soube que o seu fracasso em encontrar uma noiva para ele era a causa da sua preocupação. A isto, ele disse num estado semiconsciente: «É inútil tentar aqui e ali. Ide a Jayrambati, e lá encontrareis a noiva providencialmente reservada para mim na casa de Ram Chandra Mukhopadhyaya.»

Embora a sua mãe e irmão não dessem muita importância a esta afirmação, enviaram um homem a essa aldeia, que regressou com a notícia de que era verdade que Ram Chandra tinha uma rapariga, mas embora pudesse ser, por outro lado, um bom partido para Sri Ramakrishna, era demasiado nova, tendo apenas cinco anos de idade. Mas Chandra concordou em aceitar a rapariga, pois não havia outra noiva disponível. Tudo ficou resolvido em poucos dias, marcou-se um dia auspicioso para a cerimónia, e Sri Ramakrishna casou com a rapariga, cujo nome era Saradamani Devi. Rameswar teve de pagar um dote de trezentas rupias.

Após a cerimónia, Chandra Devi ficou muito consolada. Acreditava firmemente que o casamento seria bom para Sri Ramakrishna, e alegrou-se que o seu filho «louco» tivesse passado pela cerimónia com alegria. Mas a sua felicidade foi um pouco perturbada por um pequeno incidente. Sendo pobre, tinha pedido emprestadas algumas joias aos seus amigos da família Laha e com elas adornara a noiva na noite do casamento.

Quando, poucos dias depois, chegou a hora de devolver essas joias, não teve coragem de as tirar da inocente rapariga. Estava a pensar no assunto, quando Sri Ramakrishna disse que trataria disso. Quando a jovem esposa adormeceu, ele tirou-lhe as joias com tanta perícia que ela não deu por isso. As joias foram devolvidas à família Laha.

A rapariga, ao acordar, queixou-se de que as suas joias tinham desaparecido. Chandra Devi tomou-a nos braços e consolou-a com lágrimas nos olhos, dizendo: «Minha querida, Gadadhar dar-te-á joias melhores no futuro.» O tio da rapariga, que viera vê-la nesse dia, ficou muito desagradado com este incidente e levou-a imediatamente para casa. Tudo isto magoou muito Chandra Devi, mas Sri Ramakrishna disse em tom de brincadeira: «Digam ou façam o que disserem ou fizerem agora, de modo algum podem anular o casamento!»

Após o seu casamento, Sri Ramakrishna permaneceu em Kamarpukur cerca de um ano e meio. Chandra Devi não lhe permitia que a deixasse até que estivesse completamente curado, pois temia que pudesse ter uma recaída. Uma vez, durante este período, foi à casa do seu sogro e, após alguns dias ali, trouxe a sua noiva para casa. Começava a sentir ansiedade por regressar a Dakshineswar para retomar o seu trabalho ali. A pobreza em casa deve tê-lo instado a fazê-lo. Despedindo-se da mãe e do irmão, partiu para Dakshineswar.

REGRESSO A DAKSHINESWAR

Ao regressar a Dakshineswar, Sri Ramakrishna retomou novamente o cargo da adoração da Mãe Divina, mas, passados poucos dias, foi novamente tomado pela loucura da realização de Deus. A mãe idosa, o irmão em dificuldades, a jovem esposa, a situação pecuniária da família, tudo foi esquecido neste desejo da visão da Mãe Divina. A mesma meditação e oração dia e noite, o mesmo rubor do peito, a mesma dolorosa sensação de ardor em todo o corpo, a mesma repugnância pelas coisas mundanas e a mesma insónia reapareceram. Mas, tendo-as experimentado uma vez, já não se preocupava com elas agora.

Mathur e outros ficaram ansiosos, pensando que ele tivera uma recaída, e colocaram-no novamente sob os cuidados do Kaviraj Ganga Prasad Sen, mas, como antes, sem resultados. Hriday levava-o regularmente ao Kaviraj. Um dia, outro médico de Bengala Oriental estava presente quando Sri Ramakrishna

chegou. Quando ouviu os pormenores do caso, disse: «Pelos sintomas, parece que este é um caso de loucura divina, o efeito residual de algumas práticas Yógicas, e os medicamentos não servirão de nada.» O próprio Sri Ramakrishna disse mais tarde que este foi o primeiro médico a diagnosticar a verdadeira natureza do seu caso. Mas ninguém deu importância a esta afirmação na altura. Mathur e outros continuaram a tentar novos métodos de tratamento para Sri Ramakrishna, apesar dos quais os sintomas se foram agravando gradualmente.

A notícia da sua doença filtrou-se lentamente até Kamarpukur. A angústia de Chandra Devi mais se pode imaginar do que descrever. Não encontrando outra saída, resolveu invocar as bênçãos de Deus através de austeridades pessoais. O Senhor Shiva de Kamarpukur era famoso por satisfazer os desejos dos Seus devotos. Chandra Devi dirigiu-se ao Seu templo, determinada a permanecer ali sem comida nem água até que o gracioso Senhor atendesse à sua oração.

Numa visão, foi instruída a aproximar-se do Shiva de Mukundapur, que atenderia à sua oração. Chandra obedeceu fielmente à ordem. Jejuara e rezara durante dois dias, quando o grande Deus lhe apareceu em sonho e disse: «Não tenhas medo, o teu filho não está louco. Está simplesmente a passar por um estado de realização de Deus.» A mãe ansiosa ficou consolada e, agradecendo ao Senhor, regressou a casa.

Foi um período importante na vida de Sri Ramakrishna. Tinha sede dia e noite da Mãe Divina. «Ó Mãe, tem piedade de mim, revela-Te ao Teu filho indigno. Não quero conforto, nem ambiciono riqueza ou prestígio. Só quero a Ti e a Ti apenas» — era o seu clamor constante.

Referindo-se a este estado, Sri Ramakrishna disse muitas vezes depois: «Mal um estado era transcendido, outro ocupava o seu lugar. Diante daquele redemoinho, o fio sagrado foi levado. Não só isso, até o pano de vestir mal permanecia. Por vezes abria a boca — as maxilas tocando, por assim dizer, os céus e os mundos inferiores — e clamava com fervor: “Mãe!” — pensando

que devia puxá-La como um pescador que puxa peixes com uma rede de arrasto.

Oh, por que estados de espírito passei naqueles dias! Todos pensavam que eu estava louco. Um ligeiro estímulo exterior agitava as profundezas da minha consciência espiritual. Até uma mulher da rua me aparecia como Sita, indo saudar o seu vitorioso marido. Um dia, vi um rapaz inglês de pé, com as pernas cruzadas, encostado a uma árvore. Imediatamente, o pensamento de Krishna me foi sugerido, e entrei em profunda meditação. Por vezes, vagueava pelo recinto do templo com um bambu ao ombro.

Outras vezes, dava de comer a um cão e comia as sobras. A ideia de casta perdeu todo o significado para mim. Um homem de casta baixa enviou-me um caril cozinhado pela sua mulher, que comi com gosto. No Panchavati, sentava-me em profunda meditação com o corpo perfeitamente imóvel — perdendo toda a consciência do mundo exterior. Nessa altura, por falta de cuidados adequados, o meu cabelo estava emaranhado. As aves poisavam na minha cabeça e bicavam os grãos de arroz ali deixados durante a adoração. Muitas vezes, serpentes rastejavam sobre o meu corpo imóvel — e nem eu nem as serpentes o sabíamos. Oh, que visões desfilaram diante dos meus olhos, dia e noite!»

Sobre as suas experiências maravilhosas deste período, disse: «Ao sentar-me para meditar, via um Sannyasin a emergir do meu corpo com um tridente na mão, a dirigir-me para concentrar a minha mente em Deus, deixando de lado todos os outros pensamentos. Ameaçava mergulhar a sua arma no meu corpo se eu não o fizesse.

Quando o Papa-Purusha (a personificação do pecado) saía do meu corpo, era o mesmo Sannyasin que o matava. Quando desejava ver algumas divindades em lugares distantes ou participar em cânticos religiosos realizados longe, via esta figura resplandecente sair do meu corpo, percorrer um caminho luminoso até esses lugares, e reentrar no meu corpo depois de satisfazer os desejos particulares.»

Noutra ocasião, disse: «Um jovem Sannyasin exatamente parecido comigo saía do meu corpo e instruía-me em todas as matérias. Nessas alturas, podia reter um pouco de consciência exterior, mas mais frequentemente perdia-a completamente na minha absorção em observar os movimentos desta pessoa estranha. Quando ele reentrava neste corpo, eu recuperava o meu estado normal.»

«O homem comum não teria suportado uma fração daquele fervor tremendo; o seu corpo ter-se-ia desfeito com um quarto daquela emoção. Só podia esquecer as minhas indescritíveis dores vendo a Mãe sob alguma forma, durante a maior parte do dia e da noite. Caso contrário, este corpo não teria sobrevivido. Durante seis anos, estes olhos permaneceram bem abertos, sem um piscar de olhos. Não conseguia fechar as pálpebras, por mais que tentasse.

Não tinha noção do tempo, nem do corpo. Quando a mente, em raros intervalos, descia a um plano inferior e eu tinha uma vaga ideia do corpo, um calafrio de dor percorria-me ao pensar que estava a enlouquecer. Em frente a um espelho, metia o dedo nos olhos para ver se as pálpebras se fechavam, mas não se fechavam. Horrorizado, irrompia muitas vezes em lágrimas e rezava: "Mãe, é este o resultado de rezar e de me entregar inteiramente a Ti? Ah!

Visitaste-me com uma doença cruel!" Mas no instante seguinte dizia: "Seja como Tu quiseres. Deixa este corpo desfazer-se, mas não me abandones. Revela-Te a mim, sê bondosa para com o Teu filho desamparado, ó Mãe, refugiei-me aos Teus pés de lótus. Tu és o meu único refúgio."

Enquanto rezava assim, a minha mente era novamente estimulada, este corpo parecia uma ninharia, sem valor para pensar, e a bem-aventurada Mãe aparecia diante de mim e consolava-me com as Suas graciosas palavras.»

Sri Ramakrishna costumava dizer que, quando no decurso da prática espiritual a mente do aspirante se torna suficientemente purificada, ela atua como o Guru. À luz desta afirmação, podemos

compreender, até certo ponto, o significado da sua extraordinária visão sobre o «duplo» que saía do seu corpo. Isso indicava um elevado grau de concentração, em que os conteúdos da mente tomavam uma forma concreta e viviam e se moviam como um ser encarnado.

Uma das suas Sadhanas deste período interessante consistiu em banir da sua mente todo o apego à riqueza. Sentado na margem do Ganges, pegou em terra numa mão e em algumas rupias na outra, pesando mentalmente o seu valor enquanto as passava de uma mão para a outra. O dinheiro, disse para si, pode, na melhor das hipóteses, dar apenas uma vida confortável e algumas facilidades para a caridade — é tudo. Não pode dar a realização de Deus, que é a única coisa que vale a pena ter na vida.

Por isso, não tem mais valor real do que este punhado de terra. Gravando firmemente esta ideia na sua mente, lançou finalmente ambas no Ganges. Além disso, para o completo apagamento de um sentimento de superioridade da sua mente, lavava lugares imundos como um simples varredor, vendo todos os objetos do mundo como meras modificações da matéria. Seguindo esta ideia, ensinou a sua mente a considerar a pasta de sândalo e a imundície como iguais, e tocava em ambas com igual indiferença.

O respeito de Mathur por Sri Ramakrishna aprofundava-se dia após dia. Ele era sempre cuidadoso com o seu conforto, como o seguinte incidente mostrará. Um dia, Sri Ramakrishna entrou num dos templos de Shiva em Dakshineswar e começou a recitar o Mahimna Stotra, um belo hino em louvor de Shiva. Em breve, foi dominado pela emoção ao pensar na Sua grande glória e esqueceu o mundo. Ao chegar a uma estrofe particularmente bela, em que as glórias do Senhor são declaradas totalmente indescritíveis, o seu sentimento atingiu um clímax, e ele foi trazido face a face, por assim dizer, com o grande Deus.

Já não se lembrava da ordem dos versos ou das estrofes que compunham o hino, e até esqueceu a sua língua. «Ó Senhor, como

posso descrever a Tua glória infinita?» — foram as únicas palavras que saíram dos seus lábios. As lágrimas começaram a correr abundantemente dos seus olhos. O seu estranho comportamento fez com que as pessoas se reunissem à sua volta, embora ele não tivesse consciência delas. Mathur, que por acaso se encontrava em Dakshineswar, correu para o local. Ficou ali, observando mudamente o espetáculo.

Um funcionário oficioso sugeriu que este homem «louco» fosse removido das proximidades da Divindade, ao que Mathur respondeu que quem tocasse em Sri Ramakrishna o faria por sua conta e risco. Isto silenciou os presentes. Ao fim de muito tempo, Sri Ramakrishna recuperou gradualmente a consciência normal. Ficou espantado ao ver tantas pessoas a olhar para ele.

Vendo Mathur, perguntou-lhe, de forma infantil, se fizera algo de errado num estado de inconsciência. «Oh, não», respondeu Mathur, «apenas recitavas um hino, e eu fiquei aqui para ver que ninguém te perturbasse.»

Algum tempo depois, ocorreu um incidente notável que aumentou muito o respeito de Mathur por Sri Ramakrishna. Um dia, na longa varanda do lado nascente do seu quarto, este passeava de um lado para o outro, absorto em profundo pensamento. Mathur estava sentado sozinho no seu quarto, de onde tinha uma boa vista do Mestre. Observou-o durante muito tempo, sem que este tivesse consciência de que estava a ser observado.

De repente, aconteceu algo inesperado. Mathur correu para ele, prostrou-se e começou a chorar como uma criança aos seus pés. Sri Ramakrishna ficou surpreendido e disse: «Que é isto? Tu és o genro de Rani Rasmani. Que pensarão as pessoas se te virem comportar-te assim? Calma e levanta-te.» Mas Mathur continuou a chorar. Quando recuperou um pouco a compostura, explicou a razão das suas emoções: «Observei-te enquanto passeavas na varanda. Quando ias para um lado, via-te na forma da Mãe Bem-aventurada; quando te viravas na direção oposta, assumias a forma do Senhor Shiva!

A princípio, pensei que fosse alucinação. Esfreguei os olhos e olhei novamente; mas, para meu espanto, cada vez via o mesmo fenómeno.» Enquanto falava, Mathur chorava, tão dominado pela emoção. «Mas eu não sei de nada disso», reiterou o Mestre à sua maneira característica. Referindo-se a este incidente, disse mais tarde: «Mathur não se consolou na altura. Senti-me nervoso, receando que Rani Rasmani viesse a saber e pensasse que eu o hipnotizara.» E acrescentava: «Foi por nada que Mathur respeitou e tanto cuidou do conforto deste corpo (referindo-se a si próprio)? A Mãe mostrou-lhe muitas coisas maravilhosas, vezes sem conta. Estava escrito no seu horóscopo que o seu Ishta (Divindade Escolhida) lhe seria sempre graciosa, mais ainda, que Se moveria em carne e osso com ele.»

Depois disto, o respeito e a devoção de Mathur aumentaram mil vezes. A partir de então, considerou um raro privilégio prestar o menor serviço ao Mestre, e cumpriu sempre os seus desejos. E veremos mais tarde como esteve intimamente associado a uma grande parte das Sadhanas subsequentes do Mestre.

Chegamos agora a um acontecimento notável na vida de Sri Ramakrishna. Foi a morte de Rani Rasmani, ocorrida em 19 de fevereiro de 1861. Antes de partir, teve a satisfação de ver dois dos seus grandes desejos realizados, nomeadamente, a consagração do templo em Dakshineswar e uma disposição permanente para a sua futura gestão eficiente. A parte que lhe cabia representar no drama divino, cujo herói era Sri Ramakrishna, estava concluída, e chegara a hora da sua saída.

Adoeceu com febre e problemas de estômago, que se desenvolveram numa disenteria crónica de tipo grave. Diz-se que os seus últimos dias foram amargurados pela recusa da sua filha mais velha, Padmamani Dasi, em assinar o documento que renunciava aos seus direitos sobre a propriedade do templo de Kali.

Poucos dias antes da sua morte, a Rani Rasmani foi levada para a sua casa em Kalighat, na margem do sagrado Adiganga. Pouco antes de falecer, foi trazida para o Ganges. Ao ver algumas

lâmpadas acesas diante de si, exclamou: «Retirem essas luzes. Como parecem apagadas agora! Ah, a minha Mãe está a chegar — a aura da Sua forma iluminou todo o lugar.» Após uma ligeira pausa, disse: «Mãe, vieste? Bem, o Padma recusou-se a assinar, haverá algum mal nisso, Mãe?» Ao proferir estas palavras, partiu pacificamente, e a sua alma, deixando para trás a agitação e a febre deste mundo, elevou-se bem alto em direção aos Reinos Divinos.

Aquando da morte da Rani Rasmani, Mathur tornou-se o único executor dos bens. Ele procurou colocar-se sem reservas à disposição do Mestre e, desde a sua grande visão, o seu único desejo era viver sempre perto dele. Não só organizava as viagens que Sri Ramakrishna desejava fazer, como também, muitas vezes, como no caso da sua visita à Feira de Panihati, ia ele próprio disfarçado, com alguns assistentes, para cuidar dele.

Na véspera de embarcar num rumo variado de *Sadhana*, Sri Ramakrishna sentiu a necessidade do apoio de alguém que lhe pudesse fornecer os requisitos para essas práticas. Ele até rezou à Mãe por alguém assim. Mais tarde, o Mestre falou de Mathur como o primeiro dos cinco apoiantes, incumbidos para ele pela Mãe Divina. Sempre que algum desejo surgia na sua mente, falava dele a Mathur, que ficava radiante por o realizar de imediato.

Ao mesmo tempo, Sri Ramakrishna era muito bondoso para com Mathur. No entanto, em questões de importância vital, onde algum princípio estava em jogo, nunca cedia a este último nem hesitava em dizer o que considerava ser o mais correto. O seu tratamento para com Mathur caracterizava-se por um espírito de independência, bem como de simplicidade. Nunca lhe passou pela cabeça tentar cair nas suas boas graças, pois sabia que a Mãe Omnisciente realizaria a seu tempo os seus desejos.

Um dia, roubaram alguns ornamentos das imagens das Divindades no templo de Radhakanta. Mathur soube do sucedido e, na presença de Sri Ramakrishna, dirigiu-se aos deuses: «Ah, fostes impotentes para proteger os vossos próprios ornamentos do

ladrão!» Isto provocou imediatamente uma repreensão do Mestre, que disse: «Que disparates dizes! Deus importa-se muito pouco com esses torrões de terra a que chamas joias. Elas são preciosas para ti, não para Ele, pois não é Lakshmi, a deusa da riqueza, a Sua serva?»

Mathur propôs um dia a Sri Ramakrishna que iria destinar uma grande propriedade em seu nome. Perante isto, Sri Ramakrishna trovejou: «O quê! Tens a intenção de fazer de mim um homem do mundo!» Mathur convidava-o frequentemente para a sua residência em Jaun Bazar e passava ali muitos dias agradáveis com ele. À noite, levava-o a passear de carruagem. Trouxe utensílios dispendiosos de ouro e prata para o uso do Mestre e muitas vestes caras. Mas Sri Ramakrishna permaneceu o mesmo filho da Mãe Divina, perfeitamente desapegado.

Um dia, foi comprado um xaile muito caro para ele. Ele aceitou-o alegremente e, como um rapaz, mostrou-o aos outros. Mas a sua mente de discernimento logo começou a argumentar: «O que há nisto? Nada senão lã de cabra. Como todas as outras coisas, é também uma modificação da matéria. Protege do frio, sem dúvida, mas isso pode ser feito igualmente por um cobertor ou por uma colcha. E, como outras coisas materiais, não ajuda a realizar Deus. Pelo contrário, faz com que o seu proprietário assuma um ar de superioridade. Julga-se rico e fica orgulhoso.

Portanto, afasta o homem de Deus.» Enquanto pesava assim na sua mente os males que o xaile provavelmente produziria, atirou o belo xaile para o chão e começou a espezinhá-lo e a cuspir nele. Não contente com isto, estava prestes a queimá-lo, quando alguém o salvou. Ao saber do incidente, Mathur disse com um sorriso que tinha sido bem feito.

Mathur tinha um sacerdote de família no templo de Kalighat, chamado Chandra Haldar. Durante alguns dias, este vinha a notar a devoção de Mathur por Sri Ramakrishna. No desejo de monopolizar os favores do homem rico, ficou alarmado ao encontrar um competidor no terreno. Determinou pôr um fim a isso. Um dia, Sri Ramakrishna jazia numa sala exterior da casa de

Mathur em Jaun Bazar, num estado de semiconsciência, quando o sacerdote entrou de repente.

Não havia ninguém por perto. O homem empurrou o Mestre várias vezes e disse: «Bem, diz-me como hipnotizaste o Mathur Babu.» Sri Ramakrishna manteve o silêncio, pois não tinha a capacidade de falar nessa altura. O sacerdote, ao não obter resposta às suas repetidas perguntas, ficou exasperado e pontapeou o Mestre três vezes antes de se ir embora. Sri Ramakrishna sabia quais seriam as consequências se o assunto fosse relatado a Mathur. Por isso, guardou-o para si. Assim, Mathur ficou impressionado com a pureza e a simplicidade invulneráveis de Sri Ramakrishna em todas as circunstâncias e descobriu que ele era absolutamente à prova de luxúria e de riqueza.

8
BHAIRAVI BRAMAI

Uma manhã, Sri Ramakrishna colhia flores no jardim de Dakshineswar, quando viu um barco do campo a aproximar-se do cais de banhos mais pequeno do templo. Uma mulher com um pequeno embrulho na mão saiu do barco. De meia-idade, bela e com longos cabelos desalinhados, parecia, pelas suas vestes de cor ocre, ser uma *Sannyasini*.

Todos os seus pertences consistiam nuns poucos livros e numa ou duas peças de pano. Embora tivesse perto de quarenta anos de idade, parecia muito mais jovem. Sri Ramakrishna deve ter-se sentido atraído por ela logo à primeira vista, pois, assim que a avistou, dirigiu-se para o seu próprio quarto. Ao chamar Hriday, fez-lhe uma descrição da mulher e pediu-lhe que a trouxesse do Chandni[1] à sua presença.

«Ela é uma estranha. Porque haveria de vir, mesmo que fosse convidada?», respondeu Hriday, bastante surpreendido, pois nunca antes vira o seu tio ansioso por falar com alguma mulher desconhecida. «Vai e fala-lhe de mim, e ela virá» — foi tudo o que ele disse. Sem mais uma palavra, Hriday foi até ao Chandni,

onde encontrou a freira, ou *Bhairavi*, como era chamada, sentada. Transmitiu-lhe a mensagem do seu tio. A *Bhairavi* atendeu imediatamente ao seu pedido, o que surpreendeu novamente Hriday.

Assim que a *Bhairavi* se encontrou com Sri Ramakrishna, desfez-se em lágrimas de alegria e de surpresa e disse com uma voz terna: «Meu filho, estás aqui! Sabendo que estavas algures nas margens do Ganges, andei à tua procura durante tanto tempo, e agora encontrei-te.»

«Como pudeste saber de mim, mãe?», perguntou Sri Ramakrishna.

Ela respondeu: «Através da graça da Mãe Divina, soube que me iria encontrar com três de vós. Já me encontrei com dois no Leste de Bengala, e hoje encontro-te a ti.»

Falava com emoção, como se tivesse encontrado finalmente o seu tesouro há muito perdido. Sri Ramakrishna também ficou visivelmente comovido.

Passado um pouco, ela falou de si mesma. Nascida de uma família brâmane no Distrito de Jessore (Bengala), soubera através do poder do *Yoga* que havia três grandes personagens em Bengala, a todos os quais deveria entregar uma certa mensagem. Os dois com quem já se tinha encontrado chamavam-se Chandra e Girija, ambos do Distrito de Barisal. Sri Ramakrishna sentou-se perto dela e, como um rapaz que abre o coração à sua mãe, relatou-lhe todos os incidentes da sua *Sadhana* — as suas visões maravilhosas, a sua perda total de consciência exterior na meditação de Deus, a sensação de ardor por todo o corpo, a sua falta de sono e outros sintomas. Disse ainda que as pessoas o viam como louco, porque as suas ações diferiam imenso das do comum dos homens. Perguntou repetidamente: «Podes dizer-me que sintomas são estes? Estou realmente louco? E será isto o resultado de eu rezar dia e noite à Mãe?»

A *Sannyasini* escutou o seu relato com sentimentos de alegria e de admiração. Cheia de ternura maternal, consolou-o uma e outra vez: «Quem te chama louco, meu filho? Isto não é loucura.

O teu estado é o que se chama *Mahabhava*[2] nos *Shastras*. É porque as pessoas não compreendem este teu estado abençoado que te chamam louco. Sri Radha conheceu este estado e o mesmo sucedeu com Sri Gauranga.

Tudo isto está registado nos textos de *Bhakti*. Tenho estes livros comigo e vou mostrar-te que quem quer que tenha ansiado sinceramente por Deus conheceu este estado, e todos os que o fazem devem passar por ele.» Estas palavras tranquilizaram Sri Ramakrishna.

Ao notar que o dia já ia avançado, Sri Ramakrishna deu-lhe algum *Prasad* do templo de Kali e, sabendo que, com a sua atitude maternal para com ele, ela não o aceitaria a menos que ele partilhasse primeiro, comeu um pouco. Ela deu a volta aos templos, tomou o *Prasad* e mais tarde veio para o Panchavati com porções de alimentos crus para cozinhar e oferecer à sua Divindade Escolhida, Raghuvir, cujo emblema de pedra trazia sempre consigo.

Terminado o ato de cozinhar, colocou a comida diante de Raghuvir e fechou os olhos em meditação enquanto a oferecia. Cedo teve uma visão divina e, submersa em profunda meditação, ficou totalmente inconsciente do mundo. Lágrimas de alegria escorreram pelas suas faces. Entretanto, Sri Ramakrishna sentira um forte impulso para vir ao Panchavati e apareceu ali num estado semiconsciente.

Avançou até ao local onde a *Bhairavi* estava absorta em meditação. Como um homem a dormir, começou a tomar, sem consciência, a comida oferecida a Raghuvir. Pouco depois, ela abriu os olhos, e um arrepio de êxtase percorreu-a ao ver Sri Ramakrishna a receber as suas oferendas, pois havia uma semelhança curiosa entre a sua visão e a cena que se desenrolava diante dela. No entanto, mal conseguia acreditar nos seus próprios olhos.

Sri Ramakrishna, quando recuperou o seu estado normal de espírito, sentiu-se envergonhado pelo que fizera. Pediu desculpa, dizendo: «Na verdade, não sei por que motivo faço este tipo de

coisas num estado de inconsciência.» Ela consolou-o com as palavras: «Fizeste bem, meu filho. Não foste realmente tu, mas Aquele que está dentro de ti que fez isto, como sempre faz.

Na minha meditação, percebi claramente quem o fez e porquê. Compreendi que já não há necessidade da minha adoração formal, que deu finalmente frutos.» Então, sem a menor hesitação, tomou os restos da comida como *Prasad* sagrado e, mais tarde, entregou ao Ganges o emblema que tanto tempo tinha adorado devotamente, pois encontrara a sua amada Divindade na pessoa de Sri Ramakrishna.

«Mãe, aprenderei se Tu me ensinares apenas a mim», — esta oração de Sri Ramakrishna à Mãe do universo foi realizada pelo seu encontro com la *Sannyasini* ou «Bramai» — como ele costumava designá-la —, que chegou no momento psicológico em que ele necessitava de confirmação das escrituras para as suas várias realizações, ridicularizadas como caprichos de um cérebro doente. Para Sri Ramakrishna, esta foi uma prova adicional de que a Mãe Divina o guiava.

A relação de mãe e filho que brotou entre eles desde o primeiro encontro aprofundou-se à medida que se foram conhecendo melhor. A *Bramai* fixou residência no templo de Dakshineswar. Ambos passavam grande parte do dia no Panchavati, em conversação religiosa. A *Bramai* tinha mergulhado profundamente nas várias escrituras hindus, especialmente os *Tantras* e a literatura *Vaishnava*.

Além disso, praticava há muito exercícios religiosos, o que dava um grande valor prático ao seu conhecimento dos livros. As perguntas do Mestre quanto às suas várias experiências eram resolvidas por ela através de citações de textos autorizados onde estão registadas experiências semelhantes de anteriores buscadores da verdade. Tudo isto teve um efeito tranquilizador sobre a mente de Sri Ramakrishna.

Mal passara uma semana, ocorreu a Sri Ramakrishna que as pessoas poderiam interpretar mal a sua estreita associação com a *Bramai*. Um dia, ele lançou uma pista para ela nesse sentido. Ela

concordou com ele e decidiu instalar-se algures na aldeia, de onde pudesse vir e ir todos os dias. Fixou a sua morada no cais de Devamandal, em Ariadaha, a cerca de duas milhas a norte do templo de Dakshineswar. Não houve dificuldade quanto à sua alimentação e necessidades, pois cedo conquistou as pessoas da aldeia com a sua personalidade amável. Costumava ir ver Sri Ramakrishna diariamente.

A *Bramai*, que era uma devota *Vaishnava* de ordem elevada, foi logo dominada pelo *Vatsalya Bhava* (atitude maternal) para com Sri Ramakrishna. Gostava de o alimentar com vários doces e preparados de leite, como Yasoda fazia com o seu filho, Sri Krishna. No seu quarto, esperava frequentemente com nata e manteiga na mão e gritava «Gopala» num excesso de sentimento, enquanto as lágrimas lhe caíam dos olhos.

Nesse momento, Sri Ramakrishna sentia um forte impulso para a ver e, como um rapaz que anseia pela mãe, corria para ela. Depois, sentava-se junto dela e tomava a nata e a manteiga. Ou, ainda, a *Bharmani* vestia um fato de seda e vários ornamentos — que arranjava para este fim — e, em companhia de outras mulheres da localidade, encabeçava uma procissão até Dakshineswar, entoando canções descritivas do amor de Yasoda pelo seu rapaz, e com os doces que trazia alimentava Sri Ramakrishna.

Estas cenas tocantes, com as associações sagradas que evocavam, causavam uma profunda impressão nos corações dos espetadores, e a mãe de Krishna era recordada nas suas mentes.

A julgar pelo que Sri Ramakrishna lhe tinha dito, a *Bramai* concluiu que as suas experiências extraordinárias eram o resultado do seu extremo amor a Deus. Todos os dias o via entrar em transe enquanto falavam de assuntos espirituais. Pela sua perda de consciência exterior na meditação, pelo seu êxtase durante os *Sankirtans* e por vários outros traços do seu caráter, ficou convencida de que ele tinha atingido as alturas últimas da realização espiritual.

Lera no *Chaitanya Charitamrita*, no *Chaitanya Bhagavata* e noutros livros que tratam da vida de Sri Gauranga, que o Senhor encarnaria novamente para resgatar o povo da sua miséria e ignorância. Esta ideia veio-lhe à mente quando encontrou uma analogia tão estranha entre a vida de Sri Chaitanya e a de Sri Ramakrishna.

Ambos eram loucos por Deus; ambos desenvolveram os mesmos sintomas extraordinários, incluindo o poder de transmitir o fervor espiritual a outros através do toque enquanto se encontravam num estado de êxtase. Estes e muitos outros incidentes comuns a estas duas vidas indicavam à *Bramai* que o Senhor encarnara novamente na pessoa de Sri Ramakrishna.

Outro incidente ocorrido nesta altura confirmou a crença da *Bramai*. Já nos referimos à sensação de ardor de que Sri Ramakrishna sofria. Este problema reapareceu durante o seu segundo período de loucura divina, ou seja, pouco depois do advento da *Bramai*, e continuou com mais ou menos intensidade. Todos os esforços dos médicos falharam em aliviá-lo. A dor começava com o nascer do sol e aumentava à medida que o dia avançava. Ao meio-dia era tão intolerável que Sri Ramakrishna tinha de mergulhar no Ganges e cobrir a cabeça com um guardanapo. Três ou quatro horas de cada dia eram passadas desta forma. Temendo que uma imersão demasiado longa pudesse levar a outros problemas, saía da água e deitava-se no chão de mármore, depois de o arrefecer ao esfregar com um pano húmido.

Embora peritos e leigos atribuíssem esta maleita a alguma desordem interna, a *Bramai* encontrou outra causa para ela. Diagnosticou-a como o efeito do seu forte anseio por Deus. Acrescentou, com base na evidência das escrituras, que este sintoma se manifestara em Sri Radha e, na história recente, em Sri Gauranga Deva, quando uma tempestade de emoção divina soprara sobre as suas mentes.

Com base na autoridade das escrituras, novamente, prescreveu um remédio curioso para isso. O paciente apenas tinha de usar uma grinalda de flores fragrantes e pintar o corpo com

pasta de sândalo. Naturalmente, toda a gente ridicularizou a ideia por ser absurda. Mas Mathur pensou que não havia mal em tentar; consequentemente, assim foi feito. Grande foi o espanto quando Sri Ramakrishna recuperou completamente sob o tratamento em três dias. Muitos não quiseram dar crédito ao tratamento da *Bharmani* e chamaram-lhe um acaso.

O incidente foi uma ajuda acrescida para a *Bramai* na identificação da alma que habitava no corpo de Sri Ramakrishna. E quando ouviu falar da visão de Sri Ramakrishna de dois rapazes a sair do seu corpo no caminho para Sihore, a sua certeza tornou-se duplamente segura. Concluiu e disse a Sri Ramakrishna que desta vez Sri Chaitanya aparecera na estrutura do seu camarada Nityananda.

[1] O pátio coberto que é a entrada principal para o recinto do templo.

[2] Um estado extraordinário de êxtase religioso mencionado em livros de Bhakti, acompanhado por dezanove características externas tais como o derramamento de lágrimas, tremor do corpo, arrepiamento dos cabelos, transpiração, etc.

Poucos dias depois, outro sintoma, de um tipo diferente mas não menos incomodativo, fez a sua aparição. Sri Ramakrishna descreveu-o ele próprio desta forma: «Fui acometido por um apetite voraz que nenhuma quantidade de comida conseguia satisfazer. Mal tomava alguma coisa, sentia fome novamente. Dia e noite, um único pensamento possuía a minha mente, e esse era o de o que comer. “Que nova doença poderá ser esta?”, pensava eu ansiosamente.

Quando consultei a *Bramai*, ela respondeu: “Meu filho, não te preocupes. Aqueles que avançam no caminho da espiritualidade passam por tais estados anormais. Espera, que eu curo isso.” Ela pediu a Mathur que armazenasse numa sala uma grande quantidade de bens comestíveis de todas as espécies. Quando isso foi feito, disse-me para permanecer nessa sala dia e noite e comer sempre e o que quer que me agradasse.

Assim fiz, deslocando-me e tomando aqui e ali um pedaço de algo ou de outra coisa de acordo com a fantasia. Após três dias, estava curado.»

Este tipo de apetite encontra-se registado nas vidas de outros aspirantes. Sri Ramakrishna conheceu este desejo anormal por comida várias vezes na sua vida.

Estes testes bem-sucedidos, a coincidência estranha das várias realizações de Sri Ramakrishna com a evidência registada nas escrituras e a experiência maravilhosa que ela tivera logo no primeiro dia do seu encontro não deixaram qualquer dúvida na mente da *Bramai* quanto à verdade da sua audaz hipótese sobre a real personalidade do Mestre.

Agora, ela afirmava abertamente que Sri Ramakrishna não era um devoto comum, nem sequer um super-homem com elevada realização espiritual, mas sim uma Encarnação de Deus nascida neste mundo para algum propósito escrutável. Quando ficou convencida de que as suas conclusões eram corretas, começou a falar delas livremente, não só a Sri Ramakrishna e a Hriday, mas a muitos outros.

Um dia, Sri Ramakrishna estava sentado com Hriday e Mathur no Panchavati, quando comentou casualmente com este último: «Vês, uma senhora brâmane veio para aqui. Ela chama-me Encarnação de Deus.»

«Como pode ser isso», respondeu Mathur, «visto que as escrituras mencionam apenas dez Encarnações, e não há lugar para uma décima primeira? Mas admito que obtiveste a graça da Mãe Kali.»

«Ela diz que encontra as marcas distintivas de uma Encarnação no meu corpo e na minha mente», disse o Mestre. «Ela é muito versada nas escrituras e também tem uma porção de livros consigo.»

Conversavam desta forma quando viram a *Bramai* a aproximar-se com um prato de doces. Mathur perguntou ao Mestre se ela era aquela de quem ele estivera a falar. Sri Ramakrishna acenou com a cabeça em resposta. Mathur

encontrou-a num estado meio absorto — como Yasoda costumava estar ao alimentar o seu querido. À medida que se aproximava, viu Mathur e, controlando as suas emoções com algum esforço, entregou o prato a Hriday.

Apontando para Mathur, o Mestre disse à *Bramai*: «Estava justamente a falar-lhe do que dizes a meu respeito. Mas ele diz que as escrituras mencionam apenas dez Encarnações e não mais.» Mathur curvou-se diante dela e aguardou uma resposta. «Porquê?», respondeu ela prontamente, «o *Bhagavata* regista na verdade vinte e duas e depois abre espaço para um número infinito delas. Além disso, está claramente mencionado nas escrituras *Vaishnavas* que Sri Gauranga encarnaria novamente, e há uma semelhança marcante em muitos pontos entre ele e Sri Ramakrishna.» Acrescentou que um erudito *Vaishnava* resolveria a questão e que estava preparada para provar a sua tese. Mathur permaneceu em silêncio.

A audaz declaração da *Bramai* causou uma profunda impressão no templo de Kali. O homem que até então fora visto como um louco era enfaticamente declarado uma Encarnação de Deus, e as escrituras apoiavam essa afirmação! O mesmo homem que fora ridicularizado e menosprezado por todos estava a ser equiparado a Sri Krishna, Ramachandra ou Buda. Ele tornou-se o assunto do momento. Mathur ficou perplexo. Dividido entre a fé e a dúvida, viu-se num dilema. Pelas suas próprias experiências com Sri Ramakrishna durante os últimos anos, tinha de admitir que ele possuía muitos traços sobre-humanos.

Mas não estava preparado para pensar nele como o próprio Deus. Portanto, a transcendental declaração da *Bramai* levantou uma tempestade na sua mente. Além do seu desinteresse, que contava a seu favor, a *Bramai* estava pronta a verificar a sua afirmação pela autoridade das escrituras. Ela lançara um desafio. Estava preparada para se encontrar com qualquer erudito para provar a sua tese. Sri Ramakrishna, como um rapaz, estava ansioso por que se realizasse o encontro. Em parte, para satisfazer a sua própria curiosidade e resolver as suas próprias dúvidas, e em

parte para comprazer Sri Ramakrishna, bem como para o convencer das suas excentricidades, Mathur consentiu em convidar alguns dos eruditos da época ao jardim de Dakshineswar para testar a solidez da tese da *Bramai*.

Decidiu-se convidar Vaishnav Charan e Gauri, dois famosos eruditos. Um grande devoto, Vaishnav Charan era nessa altura um dos líderes da sua sociedade, um perito em várias filosofias e escrituras — especialmente em livros sobre a devoção. Um verdadeiro *Sadhaka*[1], era ansiosamente procurado pelas pessoas da sua seita para aconselhamento nos seus respetivos caminhos de *Sadhana*. Ao convidá-lo, Mathur escolhera o homem certo. E Gauri, também, estava eminentemente apto para a tarefa que era chamado a realizar.

Em poucos dias, Vaishnav Charan chegou a Dakshineswar com outros eruditos e devotos, e realizou-se uma pequena reunião na qual a *Bramai*, Mathur e Sri Ramakrishna estavam presentes. Dirigindo-se aos *Pundits*, a *Bramai* explicou-lhes o que ouvira sobre as práticas espirituais de Sri Ramakrishna e o que ela própria observara, as conclusões das escrituras sobre este ponto e, por fim, o que pensava sobre a verdadeira natureza de Sri Ramakrishna. Voltando-se para Vaishnav Charan, disse: «Esta é a minha sincera convicção sobre este homem de Deus, baseada na interpretação de certos factos de acordo com as escrituras.

Creio realmente que ele é uma Encarnação de Deus. Agora, por favor, exponha as suas razões se divergir de mim.» Como uma mãe heroica, mantinha-se a postos para responder a todas as objeções.

E quanto ao homem em redor do qual girava esta discussão? Sentado no meio daquela assembleia, parecia um rapaz, perfeitamente indiferente ao veredicto, como se de modo nenhum lhe dissesse respeito. Podemos imaginá-lo sentado à vontade, imerso nos seus próprios pensamentos bem-aventurados, umas vezes a sorrir, outras a tirar uma pitada de especiarias de uma bolsa, ou ainda a dizer a Vaishnav Charan: «Olha aqui, às vezes sinto-me assim, ou assado.»

O resultado da reunião foi que Vaishnav Charan subscreveu de coração todas as conclusões da *Bramai*. Além disso, afirmou que a suprema devoção conhecida como o *Mahabhava* parecia plenamente manifesta em Sri Ramakrishna. Era realmente maravilhoso, acrescentou ele, que, enquanto em certos casos extraordinários apenas algumas das suas características divinas tivessem sido visíveis, em Sri Ramakrishna todas elas pareciam manifestar-se plenamente. Mathur e os outros ficaram mudos de espanto perante esta audaz afirmação de Vaishnav Charan. Sri Ramakrishna, como um rapaz, disse a Mathur: «Pensar que ele diria tal coisa! Apraz-me saber que, afinal, não é doença.»

Que Vaishnav Charan não dizia estas coisas por mero sentimentalismo foi provado pela sua atitude para com Sri Ramakrishna. A cada dia de convivência, o seu respeito e estima pelo Mestre aprofundavam-se. Tornou-se um visitante frequente do templo de Kali em Dakshineswar, onde procurava o conselho e a orientação do Mestre em assuntos espirituais. Ocasionalmente, convidava outros devotos da sua ordem a acompanhá-lo, para que pudessem também consultar Sri Ramakrishna.

Vaishnav Charan pertencia à seita *Kartabhaja*[2] dos *Vaishnavas*. Num local a algumas milhas a norte de Calcutá, ele tinha um número de devotos, de ambos os sexos, que praticavam *Sadhana* sob a sua orientação. A pedido deste, Sri Ramakrishna visitou o local uma série de vezes. Mas a familiaridade entre os sexos nesta seita — a verdadeira causa da sua degeneração — era-lhe sempre repugnante. Ele estremecia com a licença ali prevalecente e não conseguia conciliar o que professavam com a sua prática real. Mas mesmo ali havia alguns devotos sinceros, o que o levou a rever a sua opinião sobre este culto. Daí em diante, concluiu que um homem, embora empenhado nalguma forma aparentemente repreensível de *Sadhana*, podia progredir espiritualmente e, em última análise, atingir a meta se apenas a realizasse sinceramente como uma prática religiosa. Com o passar dos dias, Vaishnav Charan ficou tão impressionado com o caráter

puro e a maravilhosa vida espiritual de Sri Ramakrishna que não sentiu escrúpulos em proclamá-lo como uma Encarnação de Deus.

Poucos dias após esta memorável reunião, o Pundit Gauri Kanta Tarkabhushan de Indesh, Distrito de Bankura, chegou a Dakshineswar. Era um grande *Sadhaka* da escola *Tantrika* e, todos os anos, durante a Durga Puja, adorava a sua própria esposa como uma representação da Mãe. Tinha um método estranho de fazer o sacrifício (*Homa*). Em vez de dispor a lenha do sacrifício no chão, como é o costume habitual, empilhava-a — com um peso de cerca de oitenta libras — na palma da sua mão esquerda estendida. Depois, ateava-lhe fogo com a mão direita e mantinha-a nessa posição até que a cerimónia terminasse. Sri Ramakrishna viu-o ele próprio fazer isso e costumava dizer que era um dos seus poderes extraordinários.

Aquando da chegada de Gauri Pundit a Dakshineswar ocorreu um incidente divertido, que Sri Ramakrishna frequentemente narrava aos seus devotos. Gauri era consagrado como um grande erudito, e ninguém conseguia fazer-lhe frente num debate. As pessoas atribuíam isso aos seus poderes miraculosos. Sempre que era desafiado para uma reunião de eruditos, entrava na sala trovejando o refrão de um hino à Mãe Divina, acrescentando algumas sílabas marciais a fim de inspirar temor.

Diz-se que este canto servia um duplo propósito: o de desonerar de coragem os seus oponentes e o de despertar um estranho poder nele. Sri Ramakrishna dizia que, quando ele entrava desta maneira beligerante, era impossível para alguém derrotá-lo na argumentação. Gauri entrou no recinto do templo de Kali da forma habitual. Sri Ramakrishna estava sentado no seu próprio quarto e não sabia nada sobre os poderes do Pundit, mas foi impelido por algum poder dentro de si a proferir as mesmas palavras que Gauri entoava, mas numa voz mais alta.

Perante isto, este último elevou a sua voz para um tom mais agudo, ao que o Mestre respondeu gritando mais alto. Esta competição entre os dois parecia tanto o ataque de um bando de

salteadores que os guardas correram de todos os lados com os seus porretes. Mas, para sua surpresa, descobriram que não passava de uma disputa entre o Pundit e o seu sacerdote louco quanto à respetiva força dos seus pulmões! Gauri, não sendo capaz de elevar o seu tom mais alto do que Sri Ramakrishna, teve de reconhecer a derrota e entrou no recinto com um semblante amofinado.

Sri Ramakrishna disse mais tarde que a Mãe Divina lhe transferira os grandes poderes que tinham tornado Gauri invencível no debate, mas que funcionavam, ao mesmo tempo, como uma barreira à sua realização de Deus. No decurso de poucos dias, Gauri ficou encantado com o maravilhoso caráter de Sri Ramakrishna e rendeu-se totalmente a ele.

Poucos dias após a chegada de Gauri, Mathur convocou outra assembleia de *Pundits*, para a qual, naturalmente, Vaishnav Charan foi convidado. O objetivo da reunião era, como antes, testar o estado mental e espiritual de Sri Ramakrishna pela pedra de toque das escrituras. A reunião deveria ter lugar de manhã, e o local escolhido foi o grande salão em frente ao templo de Kali. Vendo que Vaishnav Charan se atrasava a chegar, Sri Ramakrishna dirigiu-se para o local designado com Gauri.

Antes de tomar o seu lugar no salão, Sri Ramakrishna entrou no templo de Kali e curvou-se diante da deusa. Saía do templo dominado pela emoção quando Vaishnav Charan apareceu e lhe tocou nos pés. Sri Ramakrishna entrou imediatamente em transe. Um arrepio de alegria divina passou pelo coração de Vaishnav Charan e, julgando-se grandemente abençoado pelo toque sagrado, começou a louvar o Mestre compondo ali mesmo um hino em sânscrito.

O semblante radiante de Sri Ramakrishna e a pose reverente de Vaishnav Charan, enquanto este proferia os versos melodiosos na sua exuberância de alegria, encheram toda a gente de bem-aventurança. Passado um pouco, o Mestre regressou ao seu estado normal, e todos se moveram lentamente para o local da reunião.

Os trabalhos começaram. Gauri disse, dirigindo-se aos *Pundits* reunidos: «Vaishnav Charan é realmente afortunado. Recebeu o favor divino hoje; por isso, não vou argumentar com ele. Mesmo que o fizesse, seria certamente derrotado. Além disso, considero que ambos concordamos na questão principal e ambos chegámos à mesma conclusão a respeito de Sri Ramakrishna. Qualquer debate, portanto, é supérfluo.» Não que Gauri tivesse medo da erudição do seu oponente, mas o facto era que ele próprio passara a sentir, através da sua própria perceção espiritual, que Sri Ramakrishna não era um santo comum. Um dia, o Mestre, a título de teste, disse-lhe: «Vaishnav Charan diz a toda a gente que Deus encarnou neste corpo. Como é isso possível? O que dizes tu?»

«É apenas isso que ele diz a teu respeito?», respondeu Gauri gravemente. «Então ele disse demasiado pouco. Estou firmemente convencido de que tu és essa mina de infinito Poder espiritual, da qual apenas uma pequena fração aparece no mundo de tempos a tempos sob a forma de Encarnações.»

«Ah», disse Sri Ramakrishna com um sorriso, «pareces querer licitar mais alto do que ele nesta matéria. O que encontras em mim que te leva a nutrir esta ideia?»

«Sinto-o no meu coração», respondeu Gauri, «e as escrituras estão do meu lado. Estou pronto a provar a minha tese a qualquer pessoa que me desafie nesta matéria.»

«Bem, és tu que o dizes», disse Sri Ramakrishna como um rapaz, «mas acredita em mim, não sei nada sobre isso.»

Assim, os dois grandes eruditos que tinham vindo para testar Sri Ramakrishna acabaram por se render aos seus pés.

Este foi o primeiro episódio importante na vida de Sri Ramakrishna desde o seu encontro com la *Bramai*. Na rápida marcha de eventos que se seguiu, é impossível fixarmos a nossa atenção nas correntes de pensamento mais importantes e profundas que deixaram uma marca profunda nas vidas de ambos, Sri Ramakrishna e a *Bramai*. A relação tornou-se gradualmente profunda e íntima. Sri Ramakrishna aceitou-a como um dos seus

Gurus e, sob a sua orientação, praticou um curso dificílimo de *Tantrika Sadhanas*. A própria perspetiva espiritual da Guru foi consideravelmente alargada, como veremos, pelo contacto com o seu maravilhoso discípulo.

A coisa que sobressai nas nossas mentes a este respeito é o facto estranho de ele aceitar uma mulher como Guru. Acontecendo na vida de um homem cujo principal conselho mais tarde para os seus devotos se pode resumir na frase «renúncia à mulher e à riqueza», e que parecia considerar a presença de uma mulher o maior obstáculo para um homem no caminho da *Sadhana*, este incidente é ainda mais significativo e merece cuidadosa consideração.

Apesar do seu aviso contra a associação com mulheres, o Mestre aceitou uma como seu guia espiritual e sentou-se aos seus pés para receber instrução. Demonstrou, desse modo, que não há nada inato numa mulher que obstrua o progresso espiritual de um homem — pelo contrário, é a atitude do homem para com ela que ajuda ou estorva. Se alguém ama uma mulher apenas pelos seus encantos físicos, ela degrada em vez de enobrecer, mas se alguém olhar para a divindade da sua natureza e vir a Mãe do universo a manifestar-se através dela, ela ajudará a cortar os laços da matéria e mostrará o caminho para a bem-aventurança.

A mulher não pode ser evitada, pois neste mundo não se pode escapar dela. Enquanto houver a ideia de sexo, ela segui-lo-á para todo o lado. Pode esquivar-se a ela apenas ao considerar a mulher como mãe, irmã ou filha — isto é, nas mais puras das relações. Mas se a insultar — se a usar como um brinquedo para o prazer —, a Némesis da sua ira segui-lo-á até aos limites mais exteriores do mundo. Sri Ramakrishna demonstrou na sua vida a atitude correta do homem para com a mulher e vice-versa, uma preciosa dádiva para a humanidade em todos os tempos vindouros.

[1] *Aquele que está realmente empenhado em práticas e disciplina religiosas.*

[2] *Uma pequena seita em Bengala, cujos aderentes olham para o seu Guru como Deus.*

Em segundo lugar, a partir do momento deste contacto, a *Sadhana* de Sri Ramakrishna tomou um novo rumo e fluiu por novos canais. Até então, ele tinha tentado realizar Deus sem qualquer ajuda ou orientação externa. Não tinha recebido qualquer auxílio do seu primeiro Guru, Kenaram Bhattacharya, exceto no momento da iniciação. Pelos seus próprios e tremendos esforços, sob a orientação do Mestre sempre vigilante oculto no coração de todos, Sri Ramakrishna tinha alcançado a proeza aparentemente impossível de transcender todas as limitações da existência finita e de desvelar a sua verdadeira relação com a Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Única, no espaço de uns poucos e curtos anos. Pelo seu zelo e devoção a Deus, pela sua renúncia às coisas mundanas, perseverança fenomenal e determinação incansável, removeu a última barreira da ignorância da sua mente, e a Verdade divina ergueu-se revelada diante dele em toda a sua pureza e esplendor.

Aprendemos com a sua *Sadhana* que, ao tentarmos realizar o divino, não aspiramos a algo novo ou estranho. O que não nos pertence realmente, nunca poderá ser nosso. Pela nossa luta, apenas descobrimos o que na realidade nos pertence. E para esta gloriosa culminação, a primeira coisa que se faz necessária é o zelo. Sem este elemento na luta, sem tenacidade de propósito, nenhuma quantidade de espiritualidade injetada de fora, nenhuma quantidade de conhecimento das escrituras, peregrinação, associação com devotos, prostração ou genuflexão será de alguma utilidade.

Mas a ideia é demasiado abstrata — demasiado alta e sublime — para a pessoa comum. Por isso vemos miríades de escrituras e um processo infindável de *Sadhana*, que levam o aspirante passo a passo até à meta suprema. As vidas dos santos, profetas e Encarnações de Deus servem apenas para despertar nos nossos corações um desejo ardente de nos livrarmos da ignorância.

Na pessoa da *Bramai*, Sri Ramakrishna encontrou uma Guru viva sob cuja orientação avançou, como veremos mais adiante, ao longo do caminho traçado pelas escrituras, para chegar

fundamentalmente à mesma verdade que tinha realizado antes pelos seus próprios esforços sem ajuda.

Em terceiro lugar, fica claro a partir do encontro de Sri Ramakrishna com a *Bramai* que toda a ajuda necessária é trazida à alma sincera no momento próprio e, se esta apenas rezar fervorosamente a Deus, recebe amparo. Ensina-nos a lição de que tudo o que necessitamos na vida religiosa é acender um grande zelo pela realização divina, e o resto ser-nos-á acrescentado quando necessário. A impaciência apenas corrompe a paz e a doçura da vida, sem nos ajudar de forma alguma.

E o último ponto, embora não o menos importante, sobre este encontro histórico foi a avaliação correta da personalidade de Sri Ramakrishna e da sua grandeza potencial. Até então, toda a gente tinha medido a profundidade desta vida única pela régua da sua própria experiência rasa.

Mesmo Mathur não era exceção. Assim, enquanto as realizações do Mestre eram pesadas na balança por juízes incompetentes, foi a *Bramai* quem inclinou a balança esmagadoramente a seu favor através da sua declaração. O assunto talvez tivesse ficado por aí, caso ela não tivesse desafiado o mundo a refutá-la, se pudesse. Qual foi o resultado, já o sabemos.

Assim, pode dizer-se que o reconhecimento da grandeza de Sri Ramakrishna data da época da chegada da *Bramai* a Dakshineswar. Foi ela quem uniu e encontrou um sentido para os factos da vida dele até então isolados e negligenciados, e apontou o seu tremendo significado. Foi a primeira a ficar convencida da sua grande missão — o papel que ele haveria de desempenhar no futuro ajustamento das ideias espirituais do mundo — e conhecia também a sua própria quota-parte nisso. Dedicou-se a trabalhar para o cumprimento deste propósito divino e contribuiu fielmente com a sua própria parcela de serviço para o desabrochar desta vida maravilhosa.

E uma palavra sobre o homem que foi subitamente transportado por ela de uma região de ignomínia para uma de

homenagem universal. Do opróbrio da suposta loucura para a suprema honra da condição de *Avatar* vai um salto suficientemente longo para virar a cabeça de qualquer mortal, por mais sensato que seja. Mas, como simples criança da Mãe Divina que era, esta adoração e louvor não o afetaram minimamente. Ele manteve o seu olhar fixo nos pés de lótus da Mãe e ansiava apenas pela Sua orientação e inspiração. Uma coroa foi-lhe oferecida e ele pô-la de lado — não como um César, conforme vemos na peça de teatro, mas de facto e definitivamente. Pois o louvor ou a censura — a aceitação ou a rejeição — não passam de um fantasma de *Maya* para aquele cuja mente paira sempre na região transcendental da Verdade Eterna.

TANTRIKA SADHANA

O homem tem uma tendência natural para o prazer e não acolhe de bom grado a renúncia. Sente dificuldade em invocar o Senhor de uma forma pura e simples, e abraça instintivamente contra o peito alguma ilusão no meio da verdade. Mesmo ao renunciar à luxúria e à riqueza, gostaria de ter um vislumbre passageiro delas. É por isso que encontramos nos livros sagrados, imediatamente a seguir à afirmação definida de que a adoração da Mãe Divina deve ser realizada da forma mais pura possível, espaço para canções sensuais sob o pretexto de que estas serão agradáveis à deusa.

Não há nada de admirar nesta tendência da mente humana. Apenas mostra quão fortes são os laços de atração dos sentidos com os quais a Mãe do universo prendeu as Suas criaturas. Percebe-se a dolorosa ideia de que, a menos que Ela, pela Sua infinita graça, nos guie para fora deste labirinto intrincado, somos

impotentes. Não é lisonjeiro para a nossa vaidade perceber que apenas Ela conhece o caminho de saída.

Ao traçar a origem do modo de adoração *Tantrika*, temos de recuar aos tempos védicos, quando tanto o prazer como a renúncia se procuravam combinar no *Karmakanda*, ou seja, a parte ritualística dos Vedas. A meta da vida humana nessa era parece ter sido o prazer regulado dos objetos dos sentidos, através da propiciação dos deuses por meio de orações e sacrifícios. Quando desta forma a mente ficava de algum modo purificada e desprovida de desejos inferiores, então o homem assumia o curso mais elevado de disciplina prescrito nas Upanishads. Mas com o advento da era budista as coisas tomaram um rumo diferente. Os métodos de adoração que eram adequados apenas para eremitas de alma pura foram prescritos para o homem de família comum, independentemente do seu gosto ou capacidade, e as leis do Estado deram respaldo a isso.

O resultado foi que os sacrifícios védicos, que tinham em vista o objetivo de desmamar gradualmente a mente do aspirante do prazer dos sentidos, foram substituídos por um sistema de adoração clandestina — conduzida em locais sombrios e isolados, pela calada da noite —, de modo que os estranhos, e especialmente os emissários da lei, não conseguissem qualquer pista.

Parece haver uma boa dose de verdade na afirmação de que os ritos *Tantrikas* foram introduzidos pelo Senhor Shiva em substituição dos rituais védicos que, com o passar do tempo, tinham caído em desuso. Pois não só combinam o prazer e a renúncia, como os antigos ritos védicos, mas também se encontra neles uma ligação íntima entre a parte ritualística e a filosofia — as quais eram ramos distintos na era védica.

Cada ato de adoração de acordo com os *Tantras* necessita de algum tipo de meditação sobre a unidade do aspirante com o Senhor, do *Jiva* com o *Paramatman*. Por exemplo, ao sentar-se para a adoração, tem de se elevar mentalmente a *Kundalini Sakti* — o resultante das impressões passadas ou toda a potencialidade

de um homem que se supõe estar enrolada na extremidade inferior da coluna vertebral — até ao lótus de «mil pétalas» no cérebro, e pensar neste símbolo do próprio aspirante como identificado com Deus que ali reside. Depois, deve imaginar-se como separado d'Ele, com o espírito do Senhor condensado numa forma luminosa de um deus ou de uma deusa que vai ser adorada. Ele projeta-O para fora de si na imagem ou símbolo diante de si e adora-O. Após a adoração terminar, retira mentalmente a divindade para dentro de si.

Ora, sob reflexão, verificar-se-á que neste processo de adoração foi feita uma bela tentativa de realizar o objetivo último da vida humana, isto é, a identificação com o Senhor, através do amor. É verdade que apenas um em cada mil poderá ser capaz de realizar a meditação acima referida de forma adequada, mas ninguém pode negar o facto de que todos, pelo menos, podem tentar fazê-lo, e este esforço em si mesmo é um lento avanço em direção à meta. Assim, cada rito *Tantrika* direciona invariavelmente a mente do adorador para a unidade subjacente da existência.

Além disso, os *Tantras* ensinam a maternidade de Deus e, simultaneamente com ela, uma glorificação da mulher. Nem nos Vedas nem nos Puranas topamos com esta ideia. Nalgumas partes dos Vedas ela aparece numa forma rudimentar, onde o marido recebe instruções para olhar para o corpo da sua esposa como sagrado e ali adorar os deuses, para que ela possa ser a mãe de um filho digno. Os *Tantras* sublimaram esta antiga ideia e desenvolveram-na ao longo de novas linhas, com resultados notáveis, pois foi considerada adequada a certos temperamentos da época. Esta pode ter sido a origem da forma *Virachara* de prática *Tantrika*, na qual o vinho e as mulheres desempenham um papel.

Os autores dos *Tantras* tinham razão na sua suposição de que o homem comum deve ter uma quota-parte das coisas boas da vida. E, enquanto goza, deve ver Deus nos objetos de prazer. Assim, não será arrastado pela sua busca dos sentidos e, nalgum

momento, dedicar-se-á a cultivar o domínio de si e a renúncia. Por isso declararam que o corpo da mulher é sagrado, que se deve olhar sempre para uma mulher como uma deusa e, realizando-a como uma das manifestações da Mãe do universo, tratá-la com todo o respeito. Maus-tratos às mulheres eram estritamente proibidos.

Mas, apesar desta previdência por parte dos inauguradores deste sistema, os seus seguidores, com o correr do tempo, tornaram-se escravos da paixão e, em vez de tentarem realizar Deus, procuraram adquirir pequenos poderes físicos com o auxílio dos ritos *Tantrikas*. Isto marcou a origem da grotesca adoração de fantasmas e demónios e levou às abominações que encontramos nos *Tantras* de hoje. Por conseguinte, em cada *Tantra* depara-se com uma forma superior e outra inferior de adoração, e cada um escolhe de acordo com o seu gosto.

A ideia principal dos *Tantras* é, pois, a divinização dos objetos dos sentidos, que sempre atraem o homem e o prendem numa cadeia infindável de nascimentos e mortes, impedindo a sua realização de Deus. Procuram habituar a alma em luta a olhar para estes objetos dos sentidos como representações visíveis do Senhor, para que a sua ligação desmedida a eles possa ser refreada.

De acordo com as qualificações dos aspirantes, os *Tantras* prescrevem três modos diferentes de prática. São chamados *Pasubhava*, *Virabhava* e *Divyabhava* — ou atitudes animal, heroica e divina —, numa ordem ascendente. No devoto do primeiro tipo há uma predominância de propensões animais. Para ele, a instrução é a de que deve evitar todos os objetos de tentação tanto quanto possa e empenhar-se no *Japa* e noutras práticas semelhantes com estrito respeito pela pureza.

Na segunda classe de aspirantes, que são comparativamente avançados, a devoção a Deus sobrepõe-se aos anseios dos sentidos, e as atrações dos sentidos apenas acentuam o anseio por Deus. São aconselhados a viver no meio das tentações e a tentar concentrar-se no Senhor, inabaláveis pelos elementos

discordantes do mundo exterior. O terceiro e mais elevado tipo de *Sadhaka* é aquele que está muito acima do alcance dos impulsos sensoriais, que foi arrastado para longe deles por uma onda de fundo de anseio pela realização de Deus, e para quem a prática da verdade, do perdão, da compaixão, do contentamento e de outros atributos semelhantes se tornou tão natural como a respiração.

Pelo que precede, os leitores perceberão que as práticas dos *Tantras* dão fruto apenas quando o aspirante faz do domínio de si a rocha firme dos seus esforços.

A influência *Tantrika* permeia cada sistema de adoração na Índia nos dias de hoje, incluindo o *Vaishnavismo*. Apenas os mestres *Vaishnavitas* introduziram certas mudanças na adoração dos *Tantras* que vale a pena notar. Consideram os ensinamentos dualistas mais benéficos para os homens e, consequentemente, puseram énfase apenas naquela parte dos ritos *Tantrikas*, a saber, a sua teoria dos *Mantras* e da adoração externa.

Nesta adoração infundiram um novo espírito e aconselham as pessoas a servir o Senhor de acordo com os impulsos dos seus corações. Os deuses *Tantrikas* purificam as oferendas que lhes são feitas simplesmente ao olhar para elas, e o devoto, ao partilhar desta comida consagrada, torna-se gradualmente mais puro de mente. Os reformadores *Vaishnavas* ensinaram não só que os deuses tomam a essência dessas oferendas, mas que, em certos casos dependentes da devoção do aspirante, podem também partilhar da oferenda material propriamente dita.

Entre as muitas mudanças que estes mestres introduziram no método de adoração, a mais importante foi a énfase que colocaram no curso preliminar da adoração *Tantrika* — *Pasubhava* — e deram ordens estritas sobre a pureza a ser observada em cada ato do aspirante — na sua comida, modo de vida e tudo o resto. Também colocaram grande énfase no *Japa* ou repetição do nome do Senhor como um meio para a realização de Deus.

Mas, com o correr do tempo, os males introduziram-se também neste culto. Esquecendo o significado interno dos

ensinamentos dos mestres, os seguidores adotaram medidas para se adequarem aos seus próprios gostos. Os *Acharyas* tinham citado a grande atração entre um amante e a sua amante como um exemplo a emular na sua busca de Deus. Mas eles foram ao ponto de a levar para a prática real, aviltando a antiga e pura forma de adoração com as suas próprias tendências. É a mesma história em todo o lado.

Do esboço acima, outra coisa terá impressionado o leitor. É o facto de que pelas críticas habitualmente dirigidas contra os *Tantras* — ou, quanto a isso, contra qualquer forma de prática abusiva — não são os *Tantras*, mas sim a tendência inata do homem de gravitar em direção ao prazer a responsável. Os ritos *Tantrikas* podem ser praticados sem vinho ou indulgência sexual, como está amplamente provado na vida de Sri Ramakrishna. Evidentemente, foi para o equipar como um mestre supremo para os tempos modernos que la Mãe Divina o fez passar pelas práticas *Tantrikas*.

Já foi dito que a *Bramai*, desde o primeiro momento, nutriu uma afeição maternal por Sri Ramakrishna. Embora acreditasse na divindade de Sri Ramakrishna, sob os impulsos da solicitude maternal esquecia o aspeto de grandiosidade no Mestre e tratava-o como um filho. Mas nunca esqueceu o mandato divino que recebera de lhe entregar a sua mensagem e fez o seu melhor para agir como guia espiritual de Sri Ramakrishna.

Mas o próprio Sri Ramakrishna, como declarou mais tarde, empreendeu este novo curso de *Sadhana* apenas depois de ter procurado e recebido a permissão da Mãe Divina. Dedicou-se a isso com o zelo que lhe era característico. A *Bramai* recolheu os ingredientes raros necessários para a *Sadhana* e trouxe-os para Dakshineswar.

Dois *Asanas* ou assentos foram feitos, de acordo com os livros *Tantrikas*, um no Panchavati e outro debaixo da árvore Bael, na extremidade norte do jardim. Referindo-se a este período, o Mestre diria mais tarde: «A *Bramai* ia durante o dia para locais distantes de Dakshineswar e recolhia as várias coisas

raras mencionadas nas escrituras *Tantrikas*. Ao anoitecer, pedia-me para ir a um dos assentos. Eu ia e, após realizar a adoração da Mãe Kali, começava a meditar de acordo com as instruções dela. Assim que começava a passar as contas do meu rosário, ficava sempre dominado pelo fervor divino e caía num transe profundo.

Não posso relatar agora as variedades de visões maravilhosas que costumava ter. Seguiam-se umas às outras em rápida sucessão, e os efeitos dessas práticas eu conseguia senti-los de forma mais tangível. A *Bramai* fez-me passar por todos os exercícios mencionados nos sessenta e quatro livros principais dos *Tantras*.

A maioria destes eram *Sadhanas* extremamente difíceis — alguns deles tão perigosos que fazem o devoto perder o pé e afundar-se na degradação moral. Mas a graça infinita da Mãe conduziu-me através deles sem sofrer danos.»

As muitas e duras provações pelas quais passou durante este período testemunham no mais alto grau a sua completa conquista das suas paixões. Provaram de uma vez por todas que o Mestre estava firmemente estabelecido na verdade eterna, e que os fenómenos passageiros do mundo com todos os seus variados encantos não o conseguiam fazer desviar da sua devoção focada na Mãe. Com a maior rapidez e facilidade, subiu os degraus deste difícil curso de exercícios até atingir o degrau mais alto da escada.

A sua mente estava sempre sintonizada com o nível mais elevado da espiritualidade e, a partir dessa altitude excelsa, não conseguia encontrar nada que não lhe lembrasse, de uma forma ou de outra, a Mãe. O universo aparecia diante da sua visão clarificada na sua perspetiva verdadeira. Pela própria natureza dos ritos *Tantrikas*, tinha de presenciar cenas que teriam testado ao máximo a fortaleza e o domínio de si do mais robusto dos homens, mas a impressão que traziam à sua mente era sempre a de uma bem-aventurança divina não adulterada por qualquer mácula mundana.

Para ele, enquanto flutuava num oceano ilimitado de beatitude divina, nada de mau restava. A *Bramai* declarou que o

seu divino discípulo tinha atingido a perfeição neste sistema de *Yoga* e tinha passado pelos seus testes extremos com sucesso, algo que muito poucos *Sadhakas*, na verdade, conseguiam fazer. Em todo o percurso, manteve intacto o seu ideal de maternidade em todas as mulheres e nunca tomou vinho. A mulher, para ele, era sempre o emblema da Mãe Divina, e a própria menção da palavra *Karana*[1], o termo técnico para o vinho, sugeria à sua mente a grande Mãe do universo, a Causa Primeira, e embriagava-o com uma alegria divina que o fazia esquecer tudo sobre o mundo.

[1] Termo técnico para o vinho.

Nesta altura, ele perdeu a noção de distinção entre o sagrado e o profano. Até uma mulher da rua lhe lembrava a Mãe. Palavras grosseiramente ofensivas para o homem comum pareciam-lhe apenas um grupo de letras — e cada letra, acreditava ele de acordo com o veredicto dos *Shastras*, era um símbolo da Mãe Divina. Mais ainda, estas palavras por vezes lançavam-no em *Samadhi* — como se observou repetidamente mais tarde — devido à sua sugestão da Mãe Bem-Aventurada. Ele via-se envolvido pelas chamas do conhecimento, tanto por dentro como por fora.

Mas a sua experiência mais notável durante este período foi a da marcha ascendente da *Kundalini Sakti*. Sri Ramakrishna descreveu-a depois à sua maneira inimitável: «Algo se eleva com uma sensação de formigueiro desde os pés até à cabeça. Enquanto não atinge o cérebro, permaneço consciente, mas no momento em que o faz, fico morto para o mundo exterior. Até as funções dos olhos e dos ouvidos param, e falar está fora de questão.

Quem haveria de falar? A própria distinção entre “eu” e “tu” desaparece. Às vezes penso que vos vou contar tudo sobre o que vejo e sinto quando esse misterioso poder sobe pela coluna vertebral. Quando chega até aqui, ou até aqui (apontando para o coração ou para a garganta), é possível falar, e eu falo. Mas no momento em que vai acima disto (apontando para a garganta), alguém me tapa a boca, por assim dizer, e fico à deriva. Decido

relatar-vos o que sinto quando a *Kundalini* vai além da garganta, mas, mal penso nisso, a mente sobe de um salto, e pronto, acabou-se o assunto!»

Muitas vezes o Mestre tentou descrever este estado, mas falhou em todas. Um dia, estava determinado a contar e prosseguiu até o poder atingir la garganta. Depois, apontando para o sexto centro, em frente à junção das sobrancelhas, disse: «Quando a mente atinge este ponto, vislumbra-se o *Paramatman* e cai-se em *Samadhi*. Apenas um véu fino e transparente se interpõe entre o *Jiva* e o *Paramatman*.

Ele vê então assim —», e, ao tentar explicar em detalhe, caiu em *Samadhi*. Quando a sua mente desceu um pouco, tentou de novo, e de novo ficou imerso em *Samadhi*! Após repetidas tentativas infrutíferas, disse com lágrimas nos olhos: «Bem, eu desejo sinceramente contar-vos tudo, mas a Mãe não me deixa fazer isso. Ela amordaçou-me!»

Referindo-se às diferentes maneiras como a *Kundalini* sobe ao cérebro, o Mestre dizia frequentemente: «Bem, aquilo que sobe ao cérebro com uma sensação de formigueiro nem sempre segue o mesmo tipo de movimento. As escrituras falam de cinco espécies de movimento. Primeiro, o movimento semelhante ao da formiga; sente-se uma lenta sensação de rastejar desde os pés para cima, como uma fileira de formigas a avançar com comida na boca. Quando atinge a cabeça, o *Sadhaka* cai em *Samadhi*. Segundo, o movimento semelhante ao da rã; tal como uma rã dá dois ou três pequenos saltos em rápida sucessão e depois para por um momento para avançar novamente da mesma forma, assim se sente algo a avançar dos pés até ao cérebro. Quando isto atinge o cérebro, o homem entra em *Samadhi*. Terceiro, o movimento serpentino; assim como as cobras jazem quietas, estendidas ou enroladas, mas mal encontram uma vítima, ou se assustam, correm num movimento em ziguezague, da mesma maneira o poder "enrolado" corre para a cabeça, e isto produz *Samadhi*.

Quarto, o movimento semelhante ao das aves; tal como as aves, no seu voo de um lugar para outro, usam as asas e voam,

por vezes um pouco alto e por vezes baixo, mas nunca param até atingirem o seu destino, assim esse poder atinge o cérebro e o *Samadhi* sobrevém. Quinto e último, o movimento semelhante ao do macaco; tal como os macacos, ao passarem de uma árvore para outra, dão um salto de um ramo para outro e assim vencem a distância em dois ou três impulsos, assim o *Yogi* sente a *Kundalini* ir para o cérebro e produzir um transe.»

Estas experiências explicava-as noutras alturas, do ponto de vista vedântico, da seguinte forma: «O Vedanta fala de sete planos, em todos os quais o *Sadhaka* tem um tipo particular de visão. A mente humana tem uma tendência natural para confinar as suas atividades aos três centros inferiores — o mais elevado dos quais fica em frente ao umbigo — e, portanto, contenta-se com a satisfação dos apetites comuns, como comer e assim por diante. Mas quando atinge o quarto centro, isto é, o que fica em frente ao coração, o homem vê um fulgor divino. Deste estado, no entanto, ele decai frequentemente de volta para os três centros inferiores. Quando a mente chega ao quinto centro, em frente à garganta, o *Sadhaka* não consegue falar de outra coisa senão de Deus. Enquanto estive neste estado, sentia-me como se me batessem violentamente na cabeça caso alguém falasse de assuntos mundanos diante de mim.

Escondia-me no Panchavati, onde estava seguro. Fugia à vista de pessoas de mentalidade mundana, e os parentes pareciam-me um abismo escancarado do qual não haveria fuga se eu caísse uma vez. Sentia-me sufocado na presença deles — quase ao ponto da morte —, e só me sentia aliviado quando os deixava. Mesmo desta posição um homem pode escorregar. Por isso, tem de estar atento. Mas está acima de todo o medo quando a sua mente atinge o sexto centro — em frente à junção das sobrancelhas.

Obtém a visão do *Paramatman* e permanece sempre em *Samadhi*. Há apenas um véu fino e transparente entre este e o *Sahasrara*, ou o centro mais elevado. Ele está então tão perto do *Paramatman* que imagina estar fundido n'Ele. Mas na realidade não está. Deste estado, a mente pode descer para o quinto ou, no

máximo, para o quarto centro, mas não abaixo disso. Os *Sadhakas* comuns, classificados como "Jivas", não conseguem descer deste estado.

Após permanecerem constantemente em *Samadhi* durante vinte e um dias, quebram esse fino véu e tornam-se um com o Senhor para sempre. Esta união eterna do *Jiva* e do *Paramatman* no *Sahasrara* é conhecida como passar para o sétimo plano.»

Sri Ramakrishna viu também a Causa Última do universo como um grande triângulo luminoso que dava à luz a cada momento um número infinito de universos. Ouvia frequentemente o *Anahata* — um som grande e solene como o *Om*, produzido pela conglomeração da infinita variedade de sons no universo. Há quem diga ter ouvido do próprio Mestre que ele conseguia compreender, nesta altura, a linguagem dos animais e das aves.

Como resultado acrescido da sua realização espiritual, ele tinha o livre uso das oito *Siddhis* ou poderes sobrenaturais que tornam o homem um deus — quase omnipotente. Mas a Mãe mostrou-lhe numa visão que, para um verdadeiro devoto, esses poderes não tinham valor. Desde essa altura, pensava sempre neles com repugnância e costumava alertar os seus devotos contra eles.

Foi nesta altura que ele teve uma visão da Divina *Maya* — a forma escrutável pela qual o Senhor leva a cabo a projeção, preservação e dissolução do universo. Viu uma mulher de requintada beleza subir do Ganges e aproximar-se lentamente do Panchavati. Pouco depois, notou que ela estava prestes a ser mãe. Em pouco tempo, deu à luz uma linda criança e amamentava o bebé com a máxima ternura. Um momento mais tarde, observou que ela já não era terna, mas assumira um aspeto terrível. Colocou a criança entre as suas mandíbulas ferozes e esmagou-a em pedaços! Engolindo-a, escondeu-se de novo no Ganges! Esta é a forma como o Divino Encantador hipnotiza o mundo, uma e outra vez, com os fenómenos do nascimento, crescimento e morte, e este não O percebe, a Ele que o tolhe com este jogo sem fim.

Viu também inumeráveis deusas; algumas delas falavam com ele e aconselhavam-no de várias maneiras. Costumava dizer que, embora todas possuíssem uma beleza excecional, Shodashi ou Rajarajeswari superava todas as outras em graciosidade.

Como resultado do seu sucesso nas práticas *Tantrikas*, tornou-se como uma criança. Não conseguia manter a roupa vestida ou sequer o cordão sagrado. Apesar dele, caíam-lhe do corpo.

Durante alguns anos a partir de então, a sua tez era tão bela que atraía as atenções em todo o lado. Costumava usar um amuleto de ouro no braço, e este mal se conseguia distinguir da cor dourada do seu corpo. O próprio Sri Ramakrishna disse: «As pessoas costumavam olhar fixamente para a graciosidade desta forma. O peito e o rosto andavam sempre corados, e o corpo inteiro parecia luminoso.

Para escapar à atenção pública, tive de envolver o corpo num lençol grosso. Rezei à Mãe: "Leva de volta a Tua beleza exterior, Mãe, e dá-me em vez disso a Tua beleza interior e a pureza do espírito." Costumava acariciar o corpo suavemente e repetir: "Mergulha para dentro." Passado muito tempo, o exterior tornou-se baço como está agora.»

A revelação chegou-lhe por esta altura de que, mais tarde, muitos devotos procurariam a sua orientação em assuntos espirituais. Falou sobre isso com Mathur, Hriday e outros. Mathur rejubilou e disse: «Muito bem, seremos todos felizes na tua companhia.»

O traço mais notável sobre a *Tantrika Sadhana* de Sri Ramakrishna é que ele atingiu a perfeição em cada curso num tempo incrivelmente curto — três dias eram suficientes. Escusado será dizer que isso aconteceu porque ele já tinha realizado a Mãe do universo, pelo que todas as *Sadhanas* subsequentes se tornaram muito fáceis.

Era como o caso de um mestre músico que se sente à vontade, independentemente de quão difícil seja a música que é chamado a tocar. Não só a perfeição de Sri Ramakrishna nesta

Sadhana foi única e sem precedentes, como também foi a ele que se deveu a restauração da pureza das antigas práticas *Tantrikas*. Nisso residia a sua grandeza.

10
NA COMPANHIA DE DEVOTOS E ERUDITOS

O leitor lembrar-se-á de que a *Bramai* fôra incumbida de transmitir uma mensagem divina a dois outros devotos. Ela dizia frequentemente ao Mestre: «Se quiseres, escrevo-lhes para virem para aqui.» Um dia, ele deu-lhe a permissão e, a seu tempo, Chandra chegou. O Mestre foi convidado nesse dia para visitar a *Bramai*, embora ela tivesse mantido secreta a chegada de Chandra. Ela e Chandra conversavam quando ele entrou no quarto. A *Bramai* saudou-o e, pouco tempo depois, ele caiu num transe. De repente, gritou: «Ah, aqui está o Chandra! Não é este o Chandra?» Depois, ficou imóvel. Chandra segurou-lhe as mãos e chamou-o em voz alta pelo nome três ou quatro vezes.

O Mestre logo regressou à consciência normal. «Pareces conhecer-me», disse Chandra, «porque te esqueceste de mim durante tanto tempo?» «Foi a vontade do Senhor», respondeu o Mestre. Conversaram durante algum tempo. Chandra era um grande devoto, e Sri Ramakrishna amava-o. Disse que Chandra estava dotado de parte do poder do Senhor Vishnu, e era por causa disso que conseguia restituir o Mestre a um estado normal de espírito, a partir do *Samadhi*, tão facilmente.

Mas ele parecia tão insignificante que Hriday duvidou seriamente da sua grandeza espiritual e colocou-a em questão. Sri Ramakrishna silenciou-o. Mas um dia, quando Chandra veio ver Sri Ramakrishna, este último disse a Hriday: «Coloca-lhe apenas um pano ocre e depois repara no resultado.» Quando isto foi feito, Chandra ficou dominado por uma estranha emoção. Com um sorriso, Sri Ramakrishna chamou a atenção de Hriday para a transformação.

Chandra adquirira, no decurso da sua *Sadhana*, um poder por meio do que conseguia tornar-se invisível. Sri Ramakrishna disse que Girija, o outro protegido da *Bramai*, tinha poderes semelhantes. Ele também veio para Dakshineswar. Uma noite, acompanhou o Mestre ao jardim vizinho de Shambhu Charan Mallick, que era um grande admirador de Sri Ramakrishna e considerava um privilégio raro ser-lhe útil. Os três estavam tão absortos na discussão espiritual que não notaram que a tarde se transformara em noite. Quando o Mestre e Girija voltaram os passos em direção a Dakshineswar, estava tão escuro que tropeçaram. Sri Ramakrishna ficou particularmente aflito.

Ao vê-lo nesta situação, Girija parou de repente e disse: «Espera um pouco, irmão, eu dou-te luz.» Depois, voltou as costas e delas emanou uma luz poderosa que iluminou o caminho até ao portão do templo de Kali. O Mestre disse que encontrou facilmente o seu caminho com a ajuda dessa luz. «Mas», concluiu ele a narração, «nem Chandra nem Girija mantiveram esses poderes. Enquanto viveram comigo, a Graciosa Mãe retirou-lhos, para que pudessem voltar a sua atenção, sem distração, para a realização de Deus.»[1]

Já dissemos que o templo de Kali em Dakshineswar era um retiro favorito de devotos e *Sadhus* devido ao seu isolamento e associação sagrada, bem como à liberalidade da Rani Rasmani.

Apontando para alguns dos seus discípulos de educação inglesa, Sri Ramakrishna disse uma vez: «Foi apenas após a vinda de Keshab Chandra Sen que a "Jovem Bengala" começou a frequentar este templo, mas, muito antes disso, monges inumeráveis, ascetas e devotos de várias ordens costumavam afluir para aqui. Paravam aqui por uns dias a caminho de Gangasagar ou de Puri. Isso foi antes da abertura dos caminhos-de-ferro. Em épocas especiais, os *Sadhus* de uma classe particular congregavam-se em grande número. Uma vez, monges pertencentes à seita *Ramayat* dos *Vaishnavas* começaram a vir. A sua devoção, fé e firmeza no serviço desafiam qualquer descrição. Foi de um deles que recebi o Ramlala.[2] Outro *Sadhu* pertencente a

esta seita tinha uma fé maravilhosa no nome de Deus. Tudo o que possuía era um pote de água e um livro.

O livro era o seu tesouro. Adorava-o diariamente com flores e, de tempos a tempos, debruçava-se sobre ele. Depois de o conhecer, um dia insisti muito com ele para que me deixasse dar-lhe uma vista de olhos. Ao abri-lo, encontrei em cada página apenas duas palavras — *Om Rama* — escritas em letras vermelhas e fortes. "Qual é a utilidade", explicou-me ele, "de ler uma biblioteca de livros? Deus é a origem única dos Vedas, dos Puranas e de todas as outras escrituras, e não há diferença entre Ele e o Seu nome.

O que está contido nos quatro Vedas, nos dezoito Puranas e em todos os outros livros sagrados está compreendido num dos Seus nomes. Por isso, estou satisfeito apenas com o Seu nome." Tamanha era a sua tremenda fé no nome do Senhor! Assim, as pessoas desta classe continuaram a vir durante algum tempo. Quando as suas visitas se tornaram menos frequentes, uma classe diferente de homens, monges da ordem *Paramahamsa*, começou a entrar — não vagabundos, mas *Sadhus* verdadeiros.

Havia uma multidão regular nesta sala dia e noite, e o tema único da sua discussão era o Vedanta — a natureza de *Brama* e de *Maya* e tudo isso. Eu sofria então de um terrível ataque de disenteria, e Hriday cuidava de mim. Mas eu acompanhava sempre essas discussões e, quando eles eram incapazes de chegar a qualquer decisão sobre um ponto em debate, alguém de dentro disto (apontando para o seu próprio corpo) lançava uma sugestão em palavras simples, e todos ficavam satisfeitos.»

O Mestre às vezes relatava contos interessantes sobre alguns dos monges que conhecera desta forma. Disse: «Um dia veio um *Sadhu*, com uma luz serena no semblante. Sentava-se durante horas a fio a sorrir para si mesmo. Ao sair do seu quarto de manhã e à noite, olhava para o céu, para o Ganges e para as árvores e, erguendo os braços, dançava de alegria. Às vezes desfazia-se em gargalhadas e gritava: "Bravo! Que divertido! Como é belo este

universo projetado!” Essa era a sua oração e meditação após ter provado a doçura da Bem-Aventurança Divina.

Lembro-me de outro monge que tinha atingido a mais alta iluminação e, no entanto, parecia um louco. Nu, coberto de poeira, com cabelos e unhas compridos e um pano nojento semelhante a uma colcha em redor do corpo, parecia um ghoul. Colocou-se diante do templo de Kali e entoou um hino à Mãe com tanto fervor que todo o templo estremeceu, por assim dizer, e a Mãe pareceu deliciada.

Depois, foi comer com os mendigos. Mas até eles o expulsaram devido à sua aparência repulsiva. Descobri-o então a tirar os restos das refeições dos mendigos com alguns cães, do monte de pratos de folhas descartados. Tinha um dos braços em redor do pescoço de um cão, e o homem e o cão comiam da mesma folha. O cão sentia-se perfeitamente à vontade com ele. Ao assistir a esta cena, fiquei interiormente horrorizado, temendo vir a tornar-me igual. Afastei-me e disse a Hriday que ele não era um lunático comum, — que a dele era a loucura do Conhecimento.

Perante isto, Hriday correu atrás dele e encontrou-o a sair do recinto do templo. Seguiu-o até alguma distância, pedindo algumas instruções sobre como poderia realizar Deus. Ao início, o monge nada disse, mas, achando Hriday persistente, parou e, apontando para uma água da valeta à beira da estrada, disse: “Quando esta água da valeta e a água do Ganges te parecerem exatamente iguais, então realizarás Deus.” Hriday quis ouvir algo mais e pediu que lhe permitisse segui-lo como discípulo.»

[1] No ano de 1899, pouco depois da segunda partida do Swami Vivekananda para o Ocidente, um cavalheiro veio para o Belur Math e apresentou-se como Chandra. O Swami Bramaanda, Presidente, estava lá na altura. Costumavam manter longas conversas em privado. Ele disse que todas as profecias de Sri Ramakrishna a seu respeito se tinham cumprido.

Apenas uma restava por cumprir, e essa era a promessa do Mestre de se encontrar com ele aquando da sua morte.

Costumava passar longas horas em meditação e oração na capela, com lágrimas a correr-lhe pela face. Relatava de bom grado os incidentes da vida de Sri Ramakrishna que conhecia. Era um homem de aspeto simples, tranquilo e gostava de se sentar num canto retirado do Math. A primeira vez que entrou na capela ficou extremamente comovido ao ver a fotografia de Sri Ramakrishna e dirigiu-se a ele como irmão. Disse que fizera peregrinações a vários locais sagrados na Índia. O Swami Bramaanda convidou-o a viver no Math permanentemente, mas ele foi a casa tratar de negócios e não regressou. Era provavelmente o «Chandra» acima referido.

[2] Os incidentes sobre o Ramlala são descritos no capítulo seguinte.

Mas o monge seguiu o seu caminho sem responder. Quando viu que Hriday persistia em segui-lo, pegou num tijolo para lhe atirar e o pôr em fuga. Depois, desapareceu rapidamente, e Hriday perdeu-lhe o rasto. Grandes *Sadhus* vivem frequentemente assim para escapar à atenção pública. Aquele homem era um verdadeiro *Paramahamsa*.»

Depois, o Mestre descreveu as características de um *Paramahamsa*: «A escritura diz que ele vive às vezes como uma criança, às vezes como um ghoul e às vezes como um louco. Ele permite que as crianças estejam perto dele e tenta absorver a sua simplicidade e o seu desapego. Devem ter reparado como uma criança fica feliz quando a mãe lhe dá uma peça de roupa nova.

Se lha pedirem, ela recusará dá-la e dirá: "Não, não dou. A mamã deu-ma." E segurará a roupa firmemente e vigiará para que não lha arrebatem, como se toda a sua alma estivesse nela. Mas um minuto depois, se encontrar na vossa mão um brinquedo que não vale sequer um tostão, dirá: "Dá-me isso e eu dou-te a roupa." Um momento após, talvez atire o brinquedo fora e corra atrás de uma flor. Não se apega a nada. Um verdadeiro *Jnani* é assim.»

Nalgum momento durante este período (1862-1863), Sri Ramakrishna teve o desejo de fornecer aos devotos os vários requisitos de adoração, de modo que pudessem praticar a sua

Sadhana pacificamente, e ele teria o prazer de a observar. Falou sobre isso com Mathur, que providenciou imediatamente um grande armazém de bens no templo de Kali para ser deixado completamente à disposição de Sri Ramakrishna para distribuir como lhe agradasse.

Além de géneros alimentícios como arroz, farinha, ghee, etc., havia cobertores, potes de água e *Kamandalus*, e até os intoxicantes habitualmente em uso entre os *Sadhus* e os *Tantrikas*, dos quais havia uma grande afluência nessa altura. Os *Tantrikas* formavam círculos místicos, para os quais muitas vezes o convidavam a juntar-se. Às vezes, faziam-no líder. Ao início, pediram-lhe que provasse o vinho consagrado, mas mais tarde, ao descobrirem que não o podia tomar e que a simples menção dele era suficiente para lhe induzir uma embriaguez religiosa, desistiram.

Em deferência ao costume prevalecente nestas sessões, Sri Ramakrishna ou tocava com uma gota de vinho na testa, ou o cheirava, ou, no máximo, colocava uma gota na língua com o dedo. Notou que havia alguns que, após beberem, se sentavam para a meditação e ficavam absortos nela, mas a maioria deles bebia porque gostava de vinho e, em vez de rezar, tornava-se turbulenta. Por isso, cessou o fornecimento de vinho por completo.

O encontro destes expoentes de diferentes ideias com Sri Ramakrishna foi de grande significado. O verdadeiro fervor espiritual é extremamente contagioso. Mal Sri Ramakrishna atingia a perfeição ao seguir uma forma particular de *Sadhana*, devotos desse tipo vinham a Dakshineswar. Trocavam ideias com ele, e os relatos das suas tremendas realizações faziam-nos desejar instrução e alcançar os mesmos resultados.

As ideias de espiritualidade prática que tiveram origem no profeta de Dakshineswar eram disseminadas através destes *Sadhus* para os seus próprios discípulos e seguidores, preparando assim o terreno para um grande levantamento espiritual em todo o país. Até aquelas pessoas afortunadas que ele aceitou como

mestres tornaram-se capazes de realizar verdades subtis que até então tinham sido para elas, mais ou menos, matérias de teoria ou especulação intelectual.

Aprendemos com a própria declaração do Mestre que, assim que terminava a *Tantrika Sadhana* sob a orientação da *Bramai*, vários devotos *Tantrikas* de diferentes partes do país eram atraídos para Dakshineswar. Isto aconteceu de novo quando ele alcançou a perfeição nos caminhos *Vaishnavas* de *Sadhana*, bem como no do Advaita.

O advento de um génio espiritual como Sri Ramakrishna augura o bem para a regeneração da Índia. Em nenhum outro período da sua história a Índia esteve ameaçada de tamanha ruína total como em meados do século passado. Várias forças disruptivas estavam prestes a extinguir a sua antiga cultura e civilização. Isto era manifesto em todas as fases da sua vida — social, política e económica. A religião, a espinha dorsal da vida indiana, fora esquecida, e as piores propensões da natureza humana — a tibieza, o ódio, a farsa e a sensualidade — tomaram o seu lugar e abriram caminho para o mais flagrante materialismo.

Por um momento, tudo parecia perdido. Mas a segurança do mundo exigia que a Índia vivesse, que a sua filosofia fosse como um porto de paz para as almas fustigadas pelo mundo. Para se preparar para esta grande tarefa, ela necessitava de uma reorganização espiritual. Nada menos do que um gigante espiritual como Sri Ramakrishna poderia fazer isto.

Para citar um escritor Brahmo[1]: «Uma evidência viva da profundidade e da doçura da religião hindu é este homem bom e santo. Ele dominou totalmente a sua carne. É cheio de alma, cheio da realidade da religião, cheio de alegria, cheio de bendita pureza. Como um asceta hindu *Siddha*, ele é uma testemunha da falsidade e do vazio do mundo. O seu testemunho apela ao coração mais profundo de cada hindu.

Não tem outro pensamento, outra ocupação, outra relação, outro amigo na sua humilde vida além do seu Deus. Esse Deus é mais do que suficiente para ele. A sua santidade imaculada, a sua

profunda e indizível bem-aventurança, a sua sabedoria espontânea e infinita, a sua paz infantil e afeição para com todos os homens, o seu amor consumidor e absorvente por Deus são a sua única recompensa.» Nestas belas linhas resume-se a grandeza de Sri Ramakrishna. Assim, num momento criticíssimo da história indiana, um mensageiro do Céu veio trazer o renascimento da Índia.

Por instinto, por assim dizer, o génio da nação soube que o seu salvador tinha chegado. Enviou homens de renúncia às centenas para encherem os seus copos na fonte transbordante de espiritualidade em Dakshineswar. Sentavam-se aos pés de Sri Ramakrishna e ouviam dos seus lábios as novas de outro mundo. Cada homem, de qualquer denominação, encontrava nele o cumprimento do seu ideal.

Ele derramava os seus tesouro sem restrições sobre eles. Sendo ele próprio um *Sadhaka* do mais alto tipo, guiava diferentes pessoas ao longo dos seus respetivos caminhos, sem perturbar os seus modos de pensamento ou tentar fazê-las pensar de igual forma. Todos os grandes mestres fazem isto. Eles complementam, mas não suplantam. Pela sua própria *Sadhana*, revivem verdades espirituais esquecidas e proclamam-nas novamente ao mundo, de acordo com as necessidades do momento.

E o grande profeta da Índia percebeu que as diferentes formas da sua religião, promulgadas pelos seus antigos sábios, não passam de outras tantas gemas na coroa da espiritualidade indiana — complementares, não antagónicas. E, tendo demonstrado por si mesmo que a verdade é a base de todos os métodos religiosos, proclamou a mensagem da nova era — devoção ao próprio ideal e simpatia por todos os outros.

Entre os muitos devotos e eruditos que entraram em contacto com Sri Ramakrishna em diferentes períodos, alguns receberam iniciação dele, outros foram beneficiados de diferentes maneiras pela sua influência, como vimos nos casos de Vaishnav Charan e

Gauri Pundit. Este último ficou profundamente impressionado com as experiências da sua primeira visita a Sri Ramakrishna.

Alguns anos mais tarde, por volta de 1870, encontramo-lo novamente em Dakshineswar, a estudar aos pés de Sri Ramakrishna. O espírito de renúncia começava a dominar a sua vida. Desgostoso com a erudição, o prestígio e os poderes, ia percebendo gradualmente que a devoção a Deus era a única coisa que valia a pena no mundo, e determinou consagrar a sua vida a realizá-l'O. Todo o seu antigo amor pela discussão e pelo debate desaparecera.

Percebeu a tolice de dissipar a sua energia dessa forma, em vez de a usar na busca da verdade. Tinha deixado escapar muitas oportunidades; agora estava determinado a dedicar cada momento dos poucos anos que lhe restavam à realização de Deus. Passaram alguns meses. A longa ausência do Pundit de casa deixou os seus familiares ansiosos. Tinham ouvido um relato de que uma estranha transformação se operara na sua mente desde que entrara em contacto com um *Sadhu* louco em Dakshineswar.

Por isso, escreviam-lhe frequentemente a instar o seu regresso. Gauri tinha a suspeita de que eles poderiam vir a Dakshineswar para o levar dali. Após muita reflexão, arquitectou um plano e, um dia, prostrando-se diante de Sri Ramakrishna, com lágrimas nos olhos pediu licença para partir. «Bem, Gauri», disse o Mestre, «o que se passa? Para onde vais?» De mãos juntas, Gauri respondeu: «Abençoa-me para que o meu desejo se realize e para que eu não regresse ao mundo antes de realizar Deus.» Depois disso, desapareceu.

Outro homem deste tipo veio ter com Sri Ramakrishna — o Pundit Narayan Sastri, de Rajputana, um brâmane ortodoxo do tipo antigo. Tinha moldado a sua vida de acordo com o antigo ideal hindu e, durante vinte e cinco anos, viveu a vida de um *Brahmacharin* na casa dos seus Gurus, no decurso da qual se tornou versado em diferentes escrituras. Era a sua ambição adquirir o conhecimento das seis escolas da filosofia indiana.

Após estudar cinco delas sob a orientação de vários eruditos distintos do norte da Índia, veio para Bengala para aprender a filosofia Nyaya com os *Pundits* de Nadia. O Marajá de Jaypore, sabendo da sua erudição, desejou fazê-lo Pundit chefe da sua corte com um salário elevado, mas, estando desejoso de prosseguir ainda mais os seus estudos, recusou a oferta e passou sete anos em Nadia, assimilando a complexa filosofia da escola Nyaya, após o que veio para Calcutá a caminho de casa.

Ao contrário da generalidade dos eruditos, Narayan Sastri não se contentava com o estudo dos livros. Sincero e devoto, sabia que a mera leitura de filosofia não implicava a assimilação do assunto; via que a realização e o saber dos livros eram inteiramente distintos um do outro, e que a primeira era infinitamente maior do que o segundo.

Ocasionalmente, vinha-lhe a ideia de que se deveria dedicar exclusivamente ao objetivo de todas as filosofias — a realização da Verdade. Mas decidiu esperar até ter terminado os seus estudos. Foi a sua boa sorte encontrar o santo de Dakshineswar quando isso foi feito.

Ficou grandemente atraído. A fim de estudar sob a orientação de Sri Ramakrishna, determinou ficar em Dakshineswar. Quanto mais o via, mais o amava e reverenciava. O Mestre alegrava-se por ter um discípulo tão sincero e passava horas com ele em discussão espiritual.

Narayan Sastri lera no Vedanta sobre os sete planos de desenvolvimento espiritual e como, à medida que a mente do devoto ascende mais e mais alto, vê visões estranhas, até atingir o último plano, onde a unidade com o *Brama* é realizada através do *Nirvikalpa Samadhi*, e a servidão da ignorância é deixada para trás para sempre. Estas eram matérias de especulação intelectual para ele, e palavras como «perceção hipersensorial» e «*Samadhi*» eram ideias vagas para si.

Agora via um homem em cuja vida estas verdades subtis eram factos realizados, encenados vezes sem conta diante dos seus próprios olhos. «Que coisa estranha!», pensava o Pundit.

«Onde posso encontrar um mestre melhor para explicar as verdades das escrituras? Não posso perder esta oportunidade de ouro. Nada é tão certo como a morte. Devo fazer uma tentativa séria para realizar o Senhor e ser livre.» Cada dia este pensamento o dissociava mais e mais do mundo. Com um raro espírito de humildade, sentava-se aos pés de Sri Ramakrishna e tentava assimilar as suas palavras de sabedoria. Muitas vezes dizia para si próprio: «Olha para este santo! Ele realizou a meta da vida e, armado com esse conhecimento, como está calmo! Até a morte perdeu o seu aguilhão para ele.

As Upanishads declaram que o que quer que tais pessoas desejem acontece sem falta, e aqueles que nelas se refugiam cedo alcançam o fim dos seus desejos terrenos e atingem a Iluminação. Porque não haveria eu de fazer dele a estrela-guia da minha vida?» Mas temia ser rejeitado por Sri Ramakrishna como inapto, e os dias passavam enquanto tentava reunir coragem para pedir ao Mestre que se tornasse seu Guru.

Entretanto, ocorreu um incidente que vale a pena mencionar aqui. Michael Madhusudan Dutt, o grande poeta bengali, cristão e causídico, foi chamado a Dakshineswar por Dwaraka Nath, filho de Mathur, para uma consulta sobre um processo judicial. Ouvindo falar de Sri Ramakrishna, expressou o desejo de o ver. O Mestre foi solicitado a vir ter com Madhusudan.

Não desejou ir e enviou Hriday em seu lugar. Dwaraka Nath pediu novamente ao Mestre para vir. Desta vez, ele aceitou o convite e foi com Narayan Sastri. O Sastri conversou com o poeta em sânscrito, no decurso do que lhe perguntou por que razão abraçara o Cristianismo. Diz-se que o poeta respondeu que fora compelido a fazê-lo por razões pecuniárias. «O quê!», respondeu Narayan Sastri num tom de censura, «por uma ninharia dessas abandonaste a tua preciosa religião! Devias ter preferido morrer à fome.» O Pundit ficou desgostoso e não conversou mais com ele. O poeta implorou então a Sri Ramakrishna que lhe desse algum conselho. «Alguém me está a tapar os lábios», respondeu o Mestre, «não consigo proferir uma palavra.»

«Sou o vosso humilde servo», disse o poeta, «então porque não me favoreceis?»

«Essa não é a questão. Quero falar contigo, mas alguém me está a tapar a boca e a impedir-me de falar», disse o Mestre.

O poeta ficou naturalmente mortificado. Poucos minutos depois, porém, Sri Ramakrishna entoou algumas canções devocionais bem conhecidas, o que consolou Madhusudan. Narayan Sastri expressou o seu desgosto pela conduta do poeta escrevendo a carvão em caracteres bengalis na parede em frente ao quarto de Sri Ramakrishna que era tolice abandonar a religião por causa do estômago. Isto costumava atrair a atenção dos visitantes muito tempo após o incidente.

Um dia, Narayan Sastri encontrou Sri Ramakrishna quando este estava sozinho e implorou para ser iniciado no *Sannyasa*. O Mestre cedeu às suas importunações. Pouco depois, despediu-se de Dakshineswar. Nada mais se sabe de definitivo sobre ele. Alguns dizem que foi para o Vasistha Asrama, em Assam, determinado a dar a vida, se necessário, na luta pela realização. Provavelmente morreu ali. Sri Ramakrishna falava frequentemente dele aos seus devotos.

Não se contentando em receber *Sadhus* e outros devotos, Sri Ramakrishna, sem esperar por um convite, procurava frequentemente aqueles que eram conhecidos pela sua busca da Verdade, para conversar com eles. Não se importava se seria ou não bem recebido; a sua única preocupação era encontrar-se com diferentes devotos e descobrir até que ponto tinham progredido em direção ao seu ideal.

Nunca falhava em estimar um homem segundo os seus méritos — fosse ele de posição humilde ou elevada. O Pundit Padmalochan, Devendra Nath Tagore, Bhagavan Das Babaji e o Swami Dayananda Saraswati foram alguns dos que visitou por esta altura. Contaremos o seu encontro com Padmalochan.

O Pundit Padmalochan Tarkalankar era o Pundit da corte do Marajá de Burdwan e um grande erudito. Após dominar a filosofia Nyaya, foi para Benares para estudar o Vedanta. Ali

viveu com um mestre até o dominar, regressando então a Bengala. A sua fama já se espalhara por toda a parte, e o Marajá de Burdwan contratou os seus serviços como erudito.

Cedo se tornou o chefe dos *Pundits* da corte e uma autoridade reconhecida. Aliadas à sua grande erudição estavam a austeridade, a mentalidade aberta, a devoção e um respeito escrupuloso pelos antigos costumes hindus. A combinação de erudição com amor a Deus raramente é vista na mesma pessoa, pelo que aquele que a possui se destaca dos seus pares. Quando Sri Ramakrishna ouviu falar dele, desejou encontrá-lo.

Expressou o seu desejo a Mathur e pediu-lhe repetidamente que fizesse algum arranjo para propiciar a entrevista. Percebendo que a vida é transitória e que o que quer que se deseje fazer deve ser feito de imediato, mostrava uma impaciência infantil pelo encontro. Mathur estava prestes a enviá-lo a Burdwan, quando foi trazida a notícia de que o Pundit viera a Calcutá para recuperar a saúde e estava instalado num jardim de Ariadaha. O Mestre enviou Hriday para descobrir se isto era verdade. Hriday confirmou a notícia e disse que o Pundit estava igualmente ansioso por se encontrar com Sri Ramakrishna.

Um dia foi fixado e, à tarde, Sri Ramakrishna, acompanhado por Hriday, foi de barco ver o Pundit. Foi recebido mui cordialmente. Após trocarem algumas palavras, Sri Ramakrishna entoou algumas canções devocionais da sua maneira característica, o que comoveu profundamente o erudito. Este ficou muito impressionado com os frequentes trances em que o Mestre caía na sua presença e considerou-se afortunado por ter conhecido Sri Ramakrishna.

Dirigindo-se aos presentes, comentou: «O que eu não consegui adquirir lendo carroças de livros, ele obteve sem folhear uma única página, e infinitamente mais além disso!» Após dizer a Hriday que considerava Sri Ramakrishna divino, disse ao Mestre: «Vou ler-vos as minhas discussões escritas sobre Deus com Utsavananda Goswami e outros.»

[1] *Reverendo P. C. Mazumdar*.

«Então os meus trabalhos serão frutíferos.» Padmalochan sentiu-se fortemente atraído por Sri Ramakrishna, que, por sua vez, ficou profundamente impressionado com a sinceridade e a sabedoria do Pundit. Este agradável encontro levou a vários outros subsequentes, no decurso dos quais o Pundit ficou convencido de que a sua primeira impressão sobre Sri Ramakrishna era verdadeira, e passou a ter uma fé implícita nele. Sri Ramakrishna costumava contar a seguinte história interessante, ilustrativa da simplicidade do Pundit.

Certa vez, houve uma disputa na corte do Marajá de Burdwan quanto à grandeza comparativa de Shiva e Vishnu. Uma das partes tentava provar que Shiva era o maior, enquanto a outra defendia a visão oposta. Quando a disputa estava no auge, Padmalochan, como Pundit chefe, foi chamado para dar o seu veredicto. Após ouvir ambos os lados, disse: «Nem eu nem ninguém da minha linhagem jamais viu Shiva ou Vishnu; portanto, como posso dizer-vos qual é o maior?

Mas, se desejais saber o que as escrituras dizem sobre o assunto, as escrituras de Shiva dão o lugar supremo a Shiva, enquanto as escrituras *Vaishnavas* exaltam Vishnu. Cada um é grande para os seus respetivos devotos.» Ambas as partes ficaram reconciliadas com esta opinião.

No decurso da prática de *Tantrika Sadhanas*, o Pundit Padmalochan adquiriu alguns poderes extraordinários. Mantinha sempre ao seu lado um vaso cheio de água e um lenço. Sempre que lhe era formalmente pedido que resolvesse algum problema difícil, caminhava uns passos, lavava e limpava o rosto, e só depois dava a sua consideração ao assunto. Isto era feito de acordo com a instrução da sua Divindade predileta e nunca era omitido, pois por esse meio se tornava invencível no debate. Era um segredo profundo, e ninguém, nem mesmo a sua esposa, sabia disso.

Não havia nada neste hábito que despertasse a suspeita de alguém. Sri Ramakrishna costumava dizer que veio a saber disso através da graça da Mãe Divina e, um dia, conseguiu esconder o

vaso de água e o lenço do Pundit. Uma questão aguardava solução imediata e o Pundit, antes de responder, procurou-os. Ficou surpreendido ao ver que tinham desaparecido. Quando descobriu que fora Sri Ramakrishna quem os retirara, ficou espantado.

Mas o seu assombro não conheceu limites ao saber que o Mestre o fizera de propósito. Ficou impressionado com o pensamento de que Sri Ramakrishna sondara o conteúdo mais íntimo da sua mente e, com lágrimas nos olhos, cantou os louvores do Mestre, sabendo que ele não era outro senão a sua Divindade Escolhida. Este incidente levou o Pundit a render-se completamente aos pés do Mestre e fortaleceu de tal modo a sua fé que lhe disse (como o próprio Sri Ramakrishna costumava contar aos seus discípulos): «Assim que recuperar, farei com que todos os eruditos sejam convocados para uma reunião onde vos declararei uma Encarnação.

Gostaria de ver alguém com a audácia de desafiar a minha afirmação.»

O que se segue dará também uma ideia do grande respeito do Pundit por Sri Ramakrishna. No ano de 1863, Mathur, com uma despesa enorme, ofereceu aos brâmanes mil *maunds* de arroz e outros géneros alimentícios, além de grandes quantidades de ouro e prata. Fez preparativos para um festival musical com a duração de alguns dias, para o qual Sri Ramakrishna foi convidado. Diz-se que Mathur ofereceu xailes caros, roupas de seda e centenas de rupias aos cantores, julgando os seus méritos pelo grau de satisfação do Mestre, conforme revelado pelos seus trances.

Mathur desejava convidar o Pundit Padmalochan, mas temia que, por ser um brâmane ortodoxo, o Pundit recusasse. No entanto, enviou o convite, mas por intermédio de Sri Ramakrishna. O Mestre disse a Padmalochan: «Queres ir ao jardim da Rani Rasmani?» «Porque não?», respondeu o Pundit sem um momento de hesitação. «Contigo posso ir e jantar até na casa de um varredor. Ir a uma reunião na casa de um *Sudra* é assunto menor!»

Mas Padmalochan não teve a oportunidade de cumprir a sua promessa. A sua doença piorou e, não encontrando alívio em Calcutá, resolveu passar os seus últimos dias em Benares. Assim, despediu-se de Sri Ramakrishna e foi para Benares, onde pouco tempo depois faleceu.

A este respeito, vale a pena notar que, muito tempo após a partida do Pundit, quando alguns dos discípulos e seguidores de Sri Ramakrishna o proclamaram abertamente como uma Encarnação, ele pediu-lhes uma e outra vez que desistissem. Vendo os seus desejos desrespeitados, disse com agastamento: «Um deles é médico e o outro é diretor de um teatro, e vêm aqui e chamam-me Encarnação! Pensam que ao fazer isso aumentam o meu prestígio — fazem-me parecer grande aos olhos do mundo. Mas o que compreendem eles do significado de uma Encarnação? Muito, muito antes de eles virem aqui com a sua nova descoberta, grandes autoridades como Padmalochan, que passaram a vida inteira no estudo de tais assuntos e eram mestres em todas ou na maioria das diferentes escolas de filosofia, vieram aqui e proclamaram abertamente isto (referindo-se a si próprio) como uma Encarnação, vezes sem conta, até eu ficar farto da ideia! Portanto, o que querem eles dizer com a repetição desta coisa tão antiga!»

O Swami Dayananda Saraswati, o fundador da Arya Samaj, fez uma vez uma breve visita a Calcutá e instalou-se num jardim nos subúrbios. Embora já conhecido como um grande erudito, ainda não tinha divulgado as suas doutrinas nem fundado a sua Samaj. Sri Ramakrishna visitou o Swami e, referindo-se a ele, disse mais tarde a alguns dos seus discípulos: «Fui vê-lo ao jardim de Sinti. Ele tinha um pouco de poder.

Achei o seu peito sempre vermelho devido à congestão. Dia e noite discutia as escrituras. Com a ajuda da gramática, ia distorcendo o sentido de muitas passagens dos *Shastras*. Parecia ter a ambição de fazer algo original — iniciar uma nova seita.»

Outro grande homem que Sri Ramakrishna conheceu foi o Pundit Jaynarayan. Foi isto o que o Mestre disse sobre ele: «Era

um grande erudito, mas não tinha vestígio de egoísmo. Sabia antecipadamente da sua própria morte e profetizou que entregaria o seu corpo em Benares. Aconteceu de facto.»

Krishnakisore era outro grande devoto que Sri Ramakrishna visitava frequentemente. Era um adorador de Rama e vivia em Ariadaha. Referindo-se a ele, Sri Ramakrishna costumava dizer: «Quando um estado de embriaguez divina me dominava, eu não conseguia suportar a companhia de pessoas mundanas.

Estava louco por Deus e ansiava escutar apenas temas espirituais. Procurava locais onde se pudesse ouvir o *Mahabharata*, o *Bhagavata* ou o *Adhyatma Ramayana*. Ocasionalmente, ia a casa de Krishnakisore, em Ariadaha, para o ouvir ler o *Adhyatma Ramayana*. Ele tinha uma fé maravilhosa. Tivera uma estadia em Vrindavan. Um dia, sentindo muita sede, aproximou-se de um poço perto do qual estava um homem. Pediu ao homem que lhe tirasse um pouco de água. O homem respondeu que era de casta baixa e não o podia fazer.

Krishnakisore disse-lhe para proferir o nome de Shiva e ficar imediatamente purificado. Assim fez ele e tirou água do poço, e Krishnakisore bebeu-a sem quaisquer escrúpulos. Noutra ocasião, um *Sadhu* veio a Ariadaha. Desejando visitá-lo, disse a Haladhari: "Krishnakisore e eu vamos ver um *Sadhu*. Queres acompanhar-nos?" Haladhari respondeu: "Qual é a utilidade de ir ver uma mera estrutura composta pelos cinco elementos?"

Ele costumava estudar a *Gita* e o Vedanta, e era dessa maneira que falava. Quando contei a Krishnakisore sobre isso, ele teve um acesso de fúria e disse: "Teve ele a audácia de falar assim! Será o homem que adora a Deus — que medita em Rama e sacrificou tudo por Ele — para ser menosprezado desta forma! Haladhari deveria saber que o corpo de um devoto é feito inteiramente de espírito." Era crença de Krishnakisore que, uma vez que o homem tomasse o Seu santo nome, ficava puro e sem mácula.

Haladhari negava isto e dizia que Ajamila, também, mais tarde praticara austeridades por Deus, provando que não bastava

dizer Narayana uma vez. Isto desgostou tanto Krishnakisore que ele voltava o rosto para o lado oposto ao de Haladhari quando se cruzava com ele no jardim de Dakshineswar.

«Um dia ele disse-me: "Porque deitaste fora o teu cordão sagrado?" Um ciclone de anseio espiritual tinha soprado tudo à minha volta. Revolucionou a minha vida. Como poderia eu cuidar do cordão sagrado, quando nem a roupa se mantinha no lugar? Disse-lhe: "Se alguma vez ficares louco como eu, então compreenderás." Aconteceu de facto.

Ele próprio ficou louco. Sentava-se sozinho num canto da sua casa e murmurava "Om". Os seus familiares pensaram que ele sofria de uma doença nervosa e consultaram um médico. Krishnakisore disse ao seu médico: "Bem, pode curar-me da minha doença, mas não de dizer Om!" Sofreu uma grande perda quando perdeu dois filhos já adultos. Um deles, no entanto, morreu proferindo o nome de Rama. Krishnakisore disse: "Ah, não se deve chorar por ele, pois tomou o nome de Rama na morte." Mas, ainda assim, de tempos a tempos, o homem aflito desfazia-se em lágrimas!»

Concluiremos este capítulo com o relato de dois jovens devotos de quem Sri Ramakrishna falava frequentemente com ternura. Eram visitantes frequentes de Dakshineswar, presumivelmente por este período, e chamavam-se Govinda e Gopal. Govinda era filho de um lagareiro e vivia em Baranagore. Jovem como era, estava, não obstante, cheio de devoção e passava grande parte do seu tempo na companhia de Sri Ramakrishna, escutando o relato das suas experiências pessoais e outros temas religiosos.

O Mestre amava-o muito e pedia-lhe que viesse a Dakshineswar frequentemente. Um dia, o rapaz pediu a sua permissão para trazer o seu amigo Gopal consigo. Gopal caía frequentemente em transe ao ouvir discussões sobre assuntos espirituais. Um dia, Gopal tocou nos pés de Sri Ramakrishna e despediu-se. Disse que o mundo era demasiado para si, pelo que se estava a afastar dele. Durante alguns dias, o Mestre não teve

notícias dos rapazes. Depois, Govinda veio e contou-lhe que Gopal falecera. O Mestre ficou profundamente comovido com a notícia. Pouco tempo depois disso, Govinda, também, exalou o último suspiro.

RAMLALA

O incidente de Ramlala é um dos episódios mais comoventes na vida de Sri Ramakrishna, porque mostra como o Supremo pode ser abordado e realizado através do canal do sentimento humano. Através dele demonstra-se a verdade de que Deus não é um feitor severo nem uma entidade abstrata em eterno recuo, mas sim o mais próximo e querido de todos, sempre disposto a dar-se a conhecer aos Seus devotos. Se apenas estendermos uma mão para Lhe tocar, Ele responde com ambas, tão bondoso e amoroso é Ele!

Foi provavelmente por volta do ano de 1864 que Jatadhari veio pela primeira vez a Dakshineswar. Era um monge itinerante e um devoto de Rama. Na sua estreita associação com Sri Ramakrishna, foi capaz de o guiar nalguns dos vários modos de adoração. O Mestre dizia frequentemente que o amor e o anseio de Jatadhari por Deus eram inigualáveis. Ramlala ou o «Menino Rama» era a sua Divindade favorita, e ele entregava-se ao Seu serviço.

Através de longa meditação e adoração, Jatadhari fizera grandes progressos na espiritualidade e fôra abençoado com uma visão maravilhosa de Rama. A sua mente permanecia sempre num nível elevado de consciência espiritual. As distrações do mundo tinham ficado muito para trás, e ele via na imagem que trazia sempre consigo a forma fulgurante do jovem Rama,

ocasionalmente ao início, mas depois constantemente, de modo que, a longo prazo, o seu amado *Ishta Deva* se tornou uma presença viva para ele. O serviço a Ramlala era a sua única preocupação. Cuidava dele, alimentava-o e brincava com ele, e à noite até o deitava na cama. Esquecia tudo o resto — o seu próprio conforto e prazer pessoal — nesta *Sadhana*.

Jatadhari nunca falara a ninguém sobre a sua visão. Mas não a conseguiu esconder de Sri Ramakrishna. Intimamente familiarizado com os vários estados de consciência divina, descobriu o segredo estimado de Jatadhari. Observou o êxtase que constantemente dominava o novo *Sadhu* e convidou-o a ficar em Dakshineswar. Passava horas com ele a observar a sua apaixonada devoção a Ramlala.

«O Babaji[1]», disse o Mestre mais tarde a um grupo de discípulos, «era o devoto de toda a vida de Ramlala, a quem carregava para onde quer que fosse. Cozinhava o que quer que obtivesse por mendicidade e oferecia-lho. Ele constatava na verdade que Ramlala tomava a comida; às vezes pedia outra coisa. Outras vezes agia como uma criança mimada. Jatadhari estava ocupado dia e noite no serviço da imagem e encontrava-se num estado de constante bem-aventurança. Eu conseguia ver as ações de Ramlala; por isso, costumava passar o dia inteiro com o Babaji para o observar.

Os dias passavam desta forma, e Ramlala tornou-se cada vez mais íntimo comigo. Enquanto eu permanecia com Jatadhari, Ramlala estava alegre, mas no momento em que eu saía, ele seguia-me para o meu quarto. Nenhum argumento o demovia. Ao início, pensei que poderia ser uma alucinação, pois como poderia Ramlala preferir-me a mim — praticamente um estranho — em vez de Jatadhari, cuja vida inteira fôra gasta no seu serviço? Argumentei que poderia ser enganado uma ou duas vezes; mas esta cena repetia-se todos os dias. Eu via Ramlala tão nitidamente como vos vejo a todos — ora a dançar graciosamente diante de mim, ora a saltar para as minhas costas, ou a insistir para ser tomado nos meus braços. Às vezes mantinha-o ao meu colo. Ele

não permanecia ali, mas corria para os campos ao sol, colhia flores de arbustos espinhosos ou saltava para o Ganges.

Eu admoestava-o dizendo: “Não corras ao sol, vão fazer-se bolhas nos teus pés. Não fiques tanto tempo na água, vais apanhar uma constipação e ter febre.” Mas Ramlala fazia ouvidos de mercador. Fixava os seus belos olhos em mim e sorria ou, como um rapaz travesso, prosseguia com as suas tropelias, ou fazia beicinho ou caretas para mim. Às vezes eu perdia a paciência e gritava: “Espera, rapaz travesso, vou dar-te uma coça que ficas marcado.”

Arrastava-o dali e, entretendo-o com vários brinquedos, pedia-lhe que brincasse dentro do quarto. Mas às vezes perdia a paciência e dava-lhe uma palmada. Com os olhos cheios de lágrimas e os lábios trémulos, olhava para mim. Oh, que dor eu sentia então por tê-lo castigado! Tomava-o no meu colo e consolava-o. Todas estas coisas aconteceram de facto.»

«Um dia», continuou Sri Ramakrishna, «eu ia tomar banho. Ramlala insistiu em acompanhar-me. Levei-o comigo. Mas ele não queria sair da água, nem prestava atenção às minhas admoestações. Então zanguei-me e, empurrando-o para debaixo da água, disse: “Agora brinca nela quanto quiseres.” Ah, vi-o a lutar por ar. Depois, arrependido do meu ato, tomei-o nos meus braços. Outro incidente me entristeceu grandemente, e chorei amargamente por causa dele. Ele insistiu em ter algo que eu não lhe podia fornecer. Para o entreter, dei-lhe um pouco de arroz torrado mal descascado. Enquanto o mastigava, notei que a sua língua tenra ficara arranhada. A visão foi de mais para mim. Tomei-o no meu colo e gritei: “A mãe Kausalya costumava alimentar-te com nata ou manteiga com o maior cuidado, e eu fui tão imprudente que te dei esta coisa grosseira!”»

Ao recontar o incidente, foi dominado pelo mesmo sentimento e chorou tão amargamente que os seus ouvintes foram movidos até às lágrimas. Mas conseguiram um vislumbre ténue do amor apaixonado do Mestre por Ramlala.

«Às vezes o Babaji», prosseguiu o Mestre, «após cozinhar a sua comida, não conseguia encontrar Ramlala. Ficando dolorosamente aflito, corria para o meu quarto e encontrava Ramlala a brincar comigo. Com o orgulho ferido, o *Sadhu* dizia: "A comida está pronta, e eu andei à tua procura, e tu aqui estás a brincar à tua vontade! Bem, essa é a tua natureza. Fazes o que quer que te agrade. Não tens sentimentos. Duro e cruel, deixaste os teus pais e foste para a floresta.[2]

O teu pai morreu de coração partido, mas tu não regressaste sequer para o ver no seu leito de morte." Escaldando assim, levava Ramlala dali e alimentava-o. O Babaji ficou aqui durante muito tempo, porque Ramlala não queria ir embora de perto de mim, e o Babaji não podia deixar para trás o seu mui amado Ramlala.

«Um dia, Jatadhari veio ter comigo a chorar e disse: "Ramlala, pela sua infinita graça, realizou o meu desejo. Revelou-se a mim na forma que prefiro, mas disse-me que não irá partir e deixar-te para trás. Mas não estou aflito por causa disso. Estou cheio de alegria por vê-lo viver aqui feliz e brincar contigo. Fico satisfeito quando ele está feliz. Deixá-lo-ei de bom grado contigo e seguirei o meu caminho. Alegra-me o coração pensar que ele está feliz na tua companhia." Com estas palavras, Jatadhari deixou Ramlala comigo e despediu-se de Dakshineswar. Desde então, Ramlala tem estado aqui.»

[1] Uma denominação para os *Sadhus Vaishnavas*. [2] Alusão à história do *Ramayana*, onde o príncipe Rama cumpre um exílio de catorze anos na floresta.

Esta é, em resumo, a história da forma de devoção *Vatsalya* de Sri Ramakrishna por Sri Rama. O amor humano não passa de um reflexo ténue do amor divino. As nossas ligações são habitualmente motivadas por considerações mundanas e dependem do tempo, do lugar ou das circunstâncias; o amor divino é constante, imperecível e incondicional. Nem a morte se pode interpor entre Deus e o Seu devoto.

Deus está muito perto, mas a nossa visão anda tão turvada por um milhar de pequenos desejos que Ele parece distante. Milhares de pessoas podem caminhar sobre uma rica mina subterrânea sem sonharem com os tesouros escondidos sob os pés. Apenas um perito obtém a pista da sua existência e os escava. Milhares de homens e mulheres viram Ramlala, mas para cada um deles ele não passa de uma pequena imagem de metal; se lhes falarem deste episódio na vida de Sri Ramakrishna, considerá-lo-ão uma fantasia poética. Mas um oceano de diferença separa a mentalidade comum da de Sri Ramakrishna. Quem de nós pode dizer que ansiou sinceramente por Deus e não obteve resposta? Quem de nós se pode dar por satisfeito por ter procurado Deus com todo o seu coração e alma, e no entanto não O sentiu falar consigo como fez Ramlala com Sri Ramakrishna?

O mundo está cheio de muita conversa sem prática. Mas, apesar de tudo, Deus existe. Se as experiências de um único devoto são verdadeiras, então, apesar de todas as afirmações em contrário, Deus é verdadeiro, — sentido por outros com o zelo necessário. Ele revela-Se sempre ao verdadeiro devoto na forma que mais lhe agrada. Sim, podemos ver Deus, e isso de forma mais intensa do que vemos o mundo. Ele é a única Realidade radiante, da qual tudo o resto não passa de uma sombra passageira. Procurai-O com o espírito correto, e encontrá-l'O-eis.

O problema é que não estamos dispostos a passar pela disciplina necessária. Por uma coisa material podemos esperar pacientemente durante anos, mas nesta que é a mais transcendental das buscas não queremos esperar. Daí o nosso fracasso. Foi porque Sri Ramakrishna se aplicou à tarefa com uma sinceridade, renúncia, paciência e zelo focados e admiráveis que alcançou o sucesso num tempo incrivelmente curto.

Não há registo na história espiritual que se lhe iguale.

Se indagarmos por que razão, após a conclusão da sua *Tantrika Sadhana*, Sri Ramakrishna se sentiu atraído pelos modos *Vaishnavas* de adoração, dos quais as suas experiências com Ramlala fizeram parte, as razões foram várias. A primeira e

principal foi a combinação de diferentes qualidades no seu caráter. Austero como o mais severo dos *Jnanis*, era ao mesmo tempo amoroso como um *Bhakta*.

Embora fosse um feitor exigente e um disciplinador estrito, mostrava-se tão zeloso pelo bem-estar dos seus discípulos como uma mãe. Estes atributos não são contraditórios quando vistos do ponto de vista mais elevado, pois representam diferentes atitudes da mente em relação à Verdade. Habitualmente, um *Sadhaka* contenta-se com a realização de apenas um aspeto de Deus. Mas Sri Ramakrishna desejava conhec'L-O em cada aspeto. Não conhecia a exaustão, nem a saciedade. Mal tinha atingido a meta de um modo de adoração, assumia outro; a sua vida inteira foi gasta a procurar Deus de diferentes maneiras e a realizá-l'O em diversos aspetos.

Em segundo lugar, recordar-se-á que ele nasceu de uma família *Vaishnava*, sendo o seu pai um devoto seguidor de Raghuvir. Nascido e criado em tais ambientes, Sri Ramakrishna inclinou-se naturalmente para o *Vaishnavismo*. Por último, a *Bramai*, que fôra a sua mestra na *Tantrika Sadhana*, era, como sabemos, ela própria uma grande devota *Vaishnava*. Assim, era perfeitamente natural que Sri Ramakrishna se sentisse atraído pelo *Vaishnavismo*.

Durante os primeiros quatro anos da sua *Sadhana*, vimo-lo adotar a atitude calma e plácida em relação à Divindade (*Shanta*), ou a de um servo para com o seu senhor (*Dasya*). Lembramo-nos de ele seguir as pisadas de Hanuman e de ser abençoado com a visão de Sita. Por vezes, adotou também a atitude de um amigo para com a Divindade (*Sakhya*), à maneira de Sridama, Sudama e dos outros companheiros de Sri Krishna.

Ouvimos falar de ele atingir a perfeição nestes diferentes modos de disciplina *Vaishnava*. Agora, desejava testar os dois modos restantes de adoração: a relação de progenitor para com o filho (*Vatsalya*) e a de uma rapariga para com o seu amante (*Madhura*).

Ao praticar a *Vatsalya Sadhana*, Sri Ramakrishna ficou possuído pela ideia de que era uma mulher. Foi ajudado nisso através da sua ternura inerente — uma qualidade feminina. Esqueceu a sua natureza masculina, e a sua fala e os seus gestos assemelhavam-se tanto aos de uma mulher que as mulheres da família de Mathur, com quem ele convivia agora, o aceitaram como uma delas. Encontramo-lo nesta altura a adorar a Mãe Divina como Sua serva, refrescando-A com um leque com grande cuidado ou realizando outros serviços semelhantes.

O seu encontro com Jatadhari nesta conjuntura deu um impulso acrescido a estas tendências e decidiu a sua forma particular de adoração, enchendo-o de um amor absorvente pelo menino Rama. Sentia o mesmo amor maternal pelo Divino Menino que a rainha Kausalya sentia pelo seu rapaz. Antes de Jatadhari deixar Dakshineswar, iniciou Sri Ramakrishna na forma *Vatsalya* de adoração. Com o seu zelo característico, Sri Ramakrishna mergulhou de cabeça nesta *Sadhana*, determinado a atingir a meta no menor tempo possível.

Em poucos dias, não só foi abençoado com uma visão constante de Sri Ramachandra como o Divino Menino, mas também descobriu que Aquele que aparecia diante dele como o filho do rei Dasaratha também permeava cada ser — que Ele projetava o universo e o transcendia no Seu aspeto de Puro Brama, o Único sem nome, forma ou atributo. Assim, ao seguir as formas prescritas de *Vatsalya*, atingiu a mesma meta que até então tinha alcançado pelos seus próprios esforços sem ajuda.

AMOR TRANSCENDENTAL

Sri Ramakrishna assumiu então a forma seguinte e mais elevada de *Sadhana Vaishnava* — o *Madhura Bhava*, ou seja, a relação entre uma amante e o seu amante. Num capítulo anterior, esboçámos as características principais das cinco formas de adoração *Vaishnava*, todas girando em torno do poderoso fator da vida humana — o Amor.

O leitor terá notado que, nesta escala ascendente de veneração, o *Sadhaka* fica cada vez menos impressionado com a grandiosidade do seu Ideal; à medida que se torna mais livre e mais íntimo com o objeto da sua adoração, apenas a doçura da relação lhe interessa.

Considerado assim, o *Madhura Bhava*, representativo da união mais estreita entre o adorador e o objeto de adoração, é seguramente a mais elevada destas práticas, embora através de cada uma delas o aspirante possa alcançar a unidade com o seu Amado. Que essa unidade produz inclusivamente uma transformação física no devoto é repetidamente confirmado pela evidência da história espiritual.

Na relação conjugal com a Divindade de que estamos a falar, o devoto pensa no seu Amado com a mesma intensidade com que uma amante se detém nos encantos do seu amante. Aqui não pode haver barreira artificial, nem laço social ou moral obstrutivo. Ela persegue o seu objeto com toda a energia da sua alma e é feliz apenas quando atinge o seu fim.

Esta fase da prática religiosa foi desenvolvida por Sri Chaitanya e os seus seguidores. Nos Puranas, a história religiosa da antiga Índia, encontramos uma bela expressão desta forma de adoração no episódio de Vrindavan na vida de Sri Krishna. As pastoras de Vrindavan estavam loucas por Sri Krishna; não procuravam fins pessoais; não se importavam com a sua própria felicidade; o seu único objetivo era agradar a Sri Krishna — a personificação da beleza em todas as suas fases —, a quem tinham entregado o corpo, a mente e a alma.

A imaginação utilizada nos Puranas para descrever este estado de espírito foi, por necessidade, revestida de linguagem humana e, tomada literalmente ou superficialmente, parece sensual ao extremo. Mas, como expressões de uma condição de bem-aventurança muito além do alcance dos sentidos (como Sri Ramakrishna nos assegurou que realmente são), só podem ser interpretadas adequadamente de uma maneira — como os rapsódias das *Gopis* num estado superconsciente, expressos

forçosamente em linguagem sensorial. Poderá ser interessante para os nossos leitores interpolar aqui o significado filosófico que está por trás desta religião do amor.

Na forma masculina de Sri Krishna está personificada a ideia do *Paramatman*, a Existência, Conhecimento, Bem-Aventurança Absoluta e sem forma — o *Purusha*, o Princípio Masculino do universo. Tudo o que tem forma no universo, seja bruto ou subtil, é a *Prakriti* — a Natureza Infinita ou o Princípio Feminino, a Consorte do *Purusha* —, personificada como Sri Radha. Os atributos (*Bhavas*) característicos desta *Prakriti* ou Princípio Feminino não passam de diferentes modos de aproximação ao *Purusha*, personificados nas *Gopis* de Vrindavan.

A principal entre as *Gopis* é Sri Radha; é Ela quem está mais próxima do seu Senhor e quem se funde n'Ele; por isso, Ela é o *Mahabhava*, o Grande Bhava, a síntese de todos os outros *Bhavas* e, ao mesmo tempo, a meta de todos eles. Portanto, se alguém O adorar de todo o coração, com absoluta pureza de espírito através de qualquer um dos *Bhavas*, atinge o *Mahabhava* e, através dele, a meta, — a libertação ou a Bem-Aventurança Absoluta.

Fazer da relação de Radha com Krishna a base da meditação de cada um, tal como ela sentir prazer apenas no de Krishna, com exclusão de todos os motivos pessoais, é a consumação de todas as outras formas de devoção.

O votante da relação conjugal serve o seu Amado como um servo, aconselha-O, rejubila e simpatiza com as Suas alegrias e dores como um amigo, e vela pelos Seus confortos mentais e físicos como uma mãe, esforçando-se por Lhe agradar em todos os aspetos. O devoto perfeito deste tipo é obviamente aquele que olha apenas para o conforto do Amado, independentemente do seu próprio prazer ou conveniência pessoal.

Embora choque os ouvidos modernos, esta forma de disciplina tem o seu valor para o vedantista. É uma matéria de experiência comum para ele que uma ideia se pode tornar tão predominante na mente ao ponto de expulsar todas as outras, e que esta peculiaridade da mente pode ser usada na subjugação da

natureza inferior e no desenvolvimento da espiritual — tal como usar um espinho para tirar outro.

Para ilustrar: a ideia que está na base de todas as outras ideias no ser humano é a convicção de ser um corpo, masculino ou feminino. Se um homem se conseguir inocular de tal modo com a ideia de que não é um homem mas sim uma mulher, ao ponto de ser para todos os efeitos uma mulher, essa ideia, por sua vez, pode ser levada a dar lugar a uma mais elevada — a de que não há homem nem mulher.

Esta é a ideia por trás da forma *Madhura* de disciplina. Para o vedantista, o aspirante que se aperfeiçoa na prática da relação conjugal com Deus está muito perto daquele estado transcendental que é a meta do advaitista.

Os mestres *Vaishnavas* diferem dos vedantistas no facto de negarem que o homem ou a mulher comum possa atingir o *Mahabhava*. Tal limitação parece ilógica, pois, afinal de que se trata, a diferença entre Radha e as suas companheiras, conforme apresentada nos livros sagrados, não é de espécie, mas de grau.

Vimos que, quando Sri Ramakrishna embarcava em qualquer curso de *Sadhana*, era com um zelo tão focado que tudo o que não fosse necessário para a *Sadhana* do momento era desconsiderado. Quando lhe veio o desejo de praticar o *Madhura Bhava*, pediu e obteve de Mathur um fato completo de roupas femininas. Começou então a sua vida como uma *Gopi* de Vrindavan, louco de amor por Krishna.

Cada palavra e movimento seus demonstravam a intensidade dos seus sentimentos, a sua dor pela separação de Krishna e o seu desejo de se encontrar com o seu Amado. Pela observação das suas ações neste período, podia obter-se alguma ideia das agonias das *Gopis* quando separadas do seu Senhor. Passou seis meses neste estado, sem em momento algum decair do papel que assumira. As pastoras de Vrindavan costumavam adorar Katyayani, a Divindade presidente, e rogar a dádiva de terem Sri Krishna como marido. Sri Ramakrishna, também, nesta altura se

considerava a serva da Mãe Divina; mas, com mais frequência, servia Radha e Krishna desta forma.

Durante este período, Sri Ramakrishna viveu de tempos a tempos com as mulheres da família de Mathur, em Calcutá. Elas não sentiam qualquer constrangimento na sua companhia, pois olhavam para ele como uma delas. Todos os anos, Mathur costumava convidá-lo para a sua casa durante o festival da Durga Puja. O relato seguinte de um desses anos mostrará quão notavelmente Sri Ramakrishna se adaptou aos caminhos e maneiras das mulheres durante este período.

Como habitualmente, Mathur fez preparativos em grande escala para o festival. A presença de Sri Ramakrishna acrescentou uma solenidade maravilhosa a toda a ocasião. Mathur e a sua esposa estavam radiantes por terem esta oportunidade rara de adorar a Mãe do universo. O culto do primeiro dia terminara e faziam-se os preparativos para o serviço da noite. Mas surgiu uma dificuldade inesperada. Sri Ramakrishna, vestido com um fato de seda e parecendo exatamente uma mulher, encontrava-se num dos seus estados de absorção como um atendente ou companheiro eterno da Mãe.

A esposa de Mathur não o podia deixar sozinho neste estado de transe para assistir ao serviço da noite, pois, apenas uns dias antes, enquanto se encontrava num estado semelhante, ele caíra sobre um braseiro, queimando-se seriamente. Ela encontrava-se num dilema quando lhe ocorreu uma ideia. À pressa, trouxe os seus ornamentos valiosos e começou a adornar Sri Ramakrishna com eles, dizendo-lhe a todo o momento: «É a altura do acenar das luzes.

Não queres vir refrescar a Mãe com o leque?» As palavras surtiram o efeito desejado sobre ele. Recuperou parcialmente a consciência e, nesse estado meio desperto, acompanhou-a alegremente ao salão de adoração. A cerimónia começou de imediato. Sri Ramakrishna, rodeado pelas mulheres, começou a ventilar a deusa com um *Chowry*. Numa extremidade do salão encontravam-se as mulheres, enquanto na outra extremidade

estava Mathur com os homens. De repente, Mathur avistou uma mulher desconhecida e mui respeitável de pé ao lado da sua esposa, a agitar um *Chowry* para a Mãe Divina.

Olhou para ela uma e outra vez, mas não a reconheceu. Concluiu que deveria ser alguma amiga da sua esposa. Quando o serviço terminou e as mulheres se retiraram, Mathur perguntou à sua esposa sobre a desconhecida. Ficou agradavelmente surpreendido ao saber de quem se tratava e disse: «Bem, é impossível reconhecer o Pai, mesmo nas pequenas coisas, a menos que ele decida trair a sua identidade!»

Hriday também costumava dizer: «Mesmo os seus familiares mais próximos não conseguiam distinguir Sri Ramakrishna num grupo de mulheres. Um dia, o Mathur Babu levou-me aos aposentos das mulheres da sua casa e pediu-me para apontar o meu tio. Embora vivesse com ele há tantos anos, não o reconheci de imediato.»

Disse ainda: «Em Dakshineswar, o meu tio costumava ir ao jardim todas as manhãs com um cesto de flores na mão e recolher flores para a oferenda. Observámos que ele avançava sempre a perna esquerda primeiro, à maneira das mulheres.» A *Bhairavi*, também, costumava dizer que, na altura em que ele colhia flores, muitas vezes o confundia com Sri Radha.

Após rezar à Mãe Divina pela dádiva da realização de Sri Krishna como o seu Amado, Sri Ramakrishna dedicou todas as suas energias à oração aos pés de Sri Krishna e de Sri Radha. Ansiava pela companhia de Sri Krishna apaixonadamente. A dor da separação do seu Amado era insuportável. Dia após dia, mês após mês, passou numa expetativa fervorosa da visão de Sri Krishna. Nada conseguia diminuir esse fervor.

Esquecia a comida e a bebida e passava o dia inteiro em lamentações amargas. A expetativa ansiosa transformou-se gradualmente num delírio frenético. A sensação de ardor por todo o corpo que já experimentara duas vezes antes reapareceu. Gotas minúsculas de sangue começaram a escorrer dos poros da sua pele. Por vezes, as articulações do seu corpo pareciam afrouxar;

devido à intensidade da sua angústia, os seus sentidos paravam de funcionar, e ele parecia um cadáver. O mundo raramente testemunhou um zelo tão intenso.

Como já foi dito, o amor de Sri Radha por Sri Krishna era inigualável, mesmo entre as pastoras maravilhosamente altruístas de Vrindavan. Por isso, a tradição diz que é impossível alguém ser abençoado com uma visão de Sri Krishna a menos que obtenha primeiro a graça de Sri Radha, cujo amor puro cativou para sempre Sri Krishna. Sri Ramakrishna compreendeu agora o valor desta adoração propiciatória de Sri Radha e começou a rezar-lhe com uma devoção focada.

Em pouco tempo, Radha revelou-se-lhe. Desta vez também ele sentiu a figura desaparecer para dentro do seu próprio corpo. O Mestre costumava dizer: «É impossível descrever a beleza e a doçura celestiais de Radha. A sua própria aparência mostrava que tinha esquecido completamente todas as considerações pessoais na sua ligação apaixonada a Krishna. A sua tez era amarelo-clara.»

Após esta visão, Sri Ramakrishna começou a sentir-se como Radha. Foi a sua constante meditação sobre o caráter dela que lhe obliterou a própria personalidade e o transformou noutra Radha. Manifestou-se então plenamente nele aquela suprema paixão e ligação que a caracterizavam. Ele era a própria imagem do *Mahabhava*. A *Bramai* e os devotos eruditos, como Vaishnav Charan, ficaram maravilhados com isto e consideraram-no idêntico ao estado único de Radha descrito nos Puranas e ao de Sri Chaitanya, centenas de anos mais tarde. O Mestre, referindo-se a este período da sua *Sadhana*, disse: «A manifestação, no mesmo indivíduo, de dezanove espécies diferentes de emoção por Deus é designada nos livros de *Bhakti* como *Mahabhava*.

Um homem comum leva uma vida inteira para expressar uma única destas. Mas neste corpo (referindo-se a si próprio) houve uma manifestação perfeita de todas as dezanove.»

Esta completa identificação com Sri Radha e a meditação com amor apaixonado sobre Sri Krishna levaram o Mestre, em

pouco tempo, à consumação das suas práticas. Sri Krishna, na Sua forma requintadamente graciosa, revelou-Se-lhe e satisfez os anseios da sua alma. Depois, fundiu-Se na pessoa de Sri Ramakrishna. O Mestre permaneceu durante dois ou três meses num estado de felicidade divina. Esquecendo a sua própria identidade, olhava para si mesmo como Krishna e via Krishna manifesto em todas as criaturas, sencientes e insencientes. Muito tempo depois, colheu uma flor azul e, mostrando-a aos seus discípulos, disse: «Assim era a tez de Sri Krishna quando Ele me apareceu durante essa prática.»

Desta forma, Sri Ramakrishna atingiu a culminação desta forma de *Sadhana*.[1] A sua agonia de coração desapareceu na sua gloriosa realização do Amado. Tinha aberto a fonte da Eterna Bem-Aventurança e nela ficou imerso até chegar o momento de uma realização ainda maior — o Advaita. Concluiremos este capítulo com a menção de uma visão característica deste período. Um dia, estava ele sentado na varanda do templo de Vishnu a escutar a leitura do *Bhagavata*, quando caiu num estado de êxtase e viu a forma resplandecente de Krishna.

A seguir, notou que raios luminosos, que emanavam dos Seus pés de lótus na forma de uma corda grossa, tocavam primeiro o *Bhagavata* e depois o seu próprio peito, ligando durante algum tempo os três. O Mestre costumava dizer: «Após esta visão, passei a realizar que Deus, o Seu devoto e as escrituras, que são as Suas palavras, embora pareçam entidades distintas, são na realidade um e o mesmo.»

NIRVIKALPA SAMADHI

Além do reino do pensamento, transcendendo o domínio da dualidade, deixando a *Maya* com todas as suas mudanças e

modificações muito para trás, elevando-se acima das ilusões da criação, preservação e destruição, e varrendo com uma avalanche de inefável Bem-Aventurança todas as ideias relativas de dor e prazer, prosperidade e infortúnio, bem e mal, brilha a glória do Eterno Brama, a Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absoluta, no *Nirvikalpa Samadhi*. Conhecimento, conhecedor e conhecido dissolvem-se no meio da Única Consciência Eterna; nascimento, crescimento e morte desaparecem nessa Existência infinita, e amor, amante e amado fundem-se nesse oceano ilimitado de Suprema Felicidade.

Aquietando todas as dúvidas e receios, parando as oscilações da mente, esgotando o impulso da ação passada, quebrando as traves daquela tenda em que a alma fez a sua morada por eras incontáveis — imobilizando o corpo, acalmando a mente e afogando o ego, chega a doce alegria de Brama nesse estado supraconsciente.

O espaço desaparece no nada, o tempo é engolido na Eternidade, a causação torna-se um sonho do passado e um fulgor tremendo aniquila a escuridão opressiva dos sentidos e do pensamento. O mundo, com as suas miríades de corpos celestes, desfaz-se; até o pensamento é silenciado; e apenas a Existência é. Ah, quem pode dizer o que a alma sente na sua comunhão com o Ser? Só conhece esse estado quem o experimentou! É tudo quietude indefinível. A alma, após uma luta final, salta a última barreira da existência relativa, despedaça a sua prisão de matéria e funde-se na Glória Infinita de Brama!

O *Nirvikalpa Samadhi* é o voo mais elevado da filosofia Advaita. A Verdade é ali revelada na sua perfeição e glória. O *Sadhaka* sente-a como algo tangível. A sua iluminação é firme, a sua bem-aventurança constante, e o esquecimento do universo fenomenal é completo. Mesmo quando desce desta altura vertiginosa, ele está desprovido das ideias de «eu» e «meu» e olha para o corpo como uma mera sombra, uma bainha exterior que envolve a alma.

Não se detém no passado, não pensa no futuro e olha com indiferença para o presente. Examinando tudo com um olhar de igualdade neste mundo de variedade infinita, o homem libertado já não é tocado pelos fenómenos, nem pelas suas reações de prazer e de dor. Ele é o mesmo se ele — isto é, o seu corpo — for adorado pelos bons ou atormentado pelos maus, pois realiza que é o único Brama que se manifesta em toda a Natureza.

Essa é a glória coroadora dos exercícios espirituais do homem — a última palavra na sua evolução. Não há mais nascimento, não há mais morte, nem qualquer outra identificação com as mudanças do corpo. Deixa para trás todas as modificações da relatividade como uma veste rejeitada. Realiza a sua identidade com o Eterno Brama, o Único sem segundo, e sabe que a anterior ideia de si mesmo como mortal, dependente dos fenómenos, se devia à ilusão e à ignorância.

Está estabelecido com autoridade que, para o *Sadhaka* comum, não há regresso deste estado exaltado para o plano normal; que, após ter desfrutado desta suprema bem-aventurança durante alguns dias, a dissociação da sua alma em relação à mente e ao corpo se torna completa, e o corpo morre. Apenas aqueles que nascem com alguma missão especial no mundo podem regressar — de uma forma escrutável — deste *Samadhi*. Eles vivem e movem-se no mundo para o bem-estar da humanidade. Estão investidos de supremo poder espiritual, e um esplendor divino brilha através deles. Podem transmitir santidade e pureza a outros através de um toque, de uma palavra, de um olhar ou até de um pensamento. Esta é a razão pela qual tais homens são capazes de revolucionar o mundo.

O *Samadhi*, em termos gerais, é um estado de supraconsciência. É deixar para trás o mundo tal como é percebido pelos sentidos e elevar-se a um estado hipersensorial que pode ir desde a perceção de elementos subtis até à fusão da mente no Absoluto.

O *Samadhi* de Sri Ramakrishna cobria uma vasta gama de experiências, desde a sua perceção de várias visões até à

aniquilação da sua mente na consciência infinita de Brama. Tinha também muitas formas. Às vezes ele próprio entrava nelas por vontade própria, noutras ocasiões a forte corrente da sua natureza espiritual arrastava-o para elas, apesar dele. Assim, entrava num «mundo de poder», ou «num mundo de beleza», ou «num mundo de grandeza espiritual», de acordo com a natureza da sugestão do mundo exterior. Comungava com seres invisíveis — formas da Divindade ou Encarnações Divinas do passado. Tais visões, no entanto, pertencem ao domínio da Personalidade, que não é a última palavra nas experiências espirituais. Enquanto um *Sadhaka* se contentar com este tipo de *Samadhi*, não se pode dizer que as suas realizações sejam completas.

Ele ainda não atingiu as profundezas insondáveis do oceano, embora sem dúvida tenha ido muito abaixo da superfície, deparando-se com as formas de vida que ali abundam, mas ainda não saqueou os tesouros inestimáveis do abismo, que se revelam apenas àqueles que têm a coragem de mergulhar mais e mais até tocarem o fundo. Assim, encontramos Sri Ramakrishna a assumir outro curso de *Sadhana* inteiramente diferente dos seus anteriores, e o seu sucesso nisto foi tão notável quanto a prática era difícil.

Antes de iniciar este novo capítulo da sua vida, é necessário fazer um exame da sua mente nesta altura para ver até que ponto ela correspondia aos requisitos. As escrituras estabelecem quatro grandes qualificações para os aspirantes nesta linha. Em primeiro lugar está o discernimento entre o Real e o irreal, uma firme convicção de que apenas Brama é real e tudo o resto é irreal.

A seguir vem a renúncia aos frutos das ações de cada um, aqui e no Além. Depois vem o seguinte grupo de atributos — controlo da mente e dos sentidos, afastamento dos objetos exteriores, tolerância, fé no mestre e nas escrituras, e concentração. Por fim, vem o anseio pela libertação. Apenas àquele que está fundamentado em todas estas virtudes se recomenda que se aproxime de um mestre que conheça o espírito dos Vedas, que seja sem pecado e livre de desejos, que seja

compassivo e, acima de tudo, um conhecedor de Brama, estando portanto qualificado para o colocar no caminho da realização mais elevada.

Sem entrar em detalhes desnecessários, presumimos que o leitor tenha visto que Sri Ramakrishna, com toda a sua mente apoiada em Deus e totalmente descuidada do corpo, era a própria personificação do discernimento. A sua renúncia estava a par com o seu discernimento, pois o alfa e o ómega da sua vida era Deus; a sua única oração à Mãe Divina, proferida com a máxima sinceridade de coração, era a de ser libertado de tudo o que o mundo preza, a fim de atingir a pura devoção. O incidente seguinte, narrado pelo Swami Premananda, um discípulo do Mestre, embora acontecido muito mais tarde, ilustrará o habitual espírito de renúncia de Sri Ramakrishna.

Uma noite, enquanto dormia no mesmo quarto com o Mestre em Dakshineswar, acordou e encontrou o Mestre a andar de um lado para o outro no chão, num estado estranhamente excitado, com a roupa pendurada debaixo de um braço. A cada volta, cuspia no chão, comentando num tom de total desgosto: «Cruzes! Cuspo nisso! Não quero, leva-o de volta, Mãe! Não me tentes com esta ninharia.» Durante todo o tempo ele estava inconsciente do mundo exterior, e o seu semblante brilhava de emoção. O jovem discípulo não sabia o que se passava. Passado algum tempo, Sri Ramakrishna recuperou o estado normal e, perante a pergunta do discípulo, respondeu: «Pela calada da noite, acordei de repente do sono e encontrei a Mãe Divina a aproximar-se de mim com um cesto na mão.

Ela estendeu-mo e pediu-me para aceitar o conteúdo, que era meu. Num relance, descobri que a Mãe me trouxera honras mundanas. Pareceram-me tão hediondas que voltei o rosto com desgosto e roguei-Lhe que levasse de volta as Suas seduções. Perante isto, Ela desapareceu com um sorriso.»

Temos também provas amplas do controlo de si e da concentração de Sri Ramakrishna, da sua fé, bem como do seu anseio pelo Senhor. De facto, tudo isto era para ele como o

próprio ar que respirava, não requerendo qualquer esforço. Não só manifestava todos estes raros traços de caráter, como a sua intensidade era marcantíssima.

O campo estava assim já lavrado e aguardava apenas a sementeira da semente. Neste momento, Sri Ramakrishna conheceu o guia espiritual que o iniciou nas profundezas do Advaita Vedanta.

Veio ao jardim de Dakshineswar um homem maravilhoso — maravilhoso tanto pela sua grande realização Advaita como pela demonstração prática dela na sua vida. Totapuri, pois esse era o nome do augusto recém-chegado, era um daqueles monges itinerantes que, realizando Brama como a única Realidade e olhando para o mundo como um fantasma, passam a vida sob a abóbada do céu, tanto na tempestade como no sol, mantendo-se com as magras esmolas obtidas por mendicidade. Diz-se que Totapuri praticou *Sadhana* numa floresta isolada nas margens do sagrado Narmada e atingiu o *Nirvikalpa Samadhi* após uma rígida disciplina que se estendeu por mais de quarenta anos. Uma alma libertada, indiferente às alegrias e às dores do mundo, pretendia passar os anos restantes da sua vida a fazer peregrinações aos locais sagrados. Como um leão, vagava à vontade pelo país.

Estivera em Puri e Gangasagar e, na viagem de regresso ao longo do curso do Ganges, parou em Dakshineswar. Não viu que a escrutável Vontade Divina, para o cumprimento de uma grande missão, guiava os seus passos para este novo local.

Totapuri parou no pórtico principal em frente ao templo de Kali, onde Sri Ramakrishna, vestido com um *Dhoti* comum, estava sentado num estado absorto. Mas o seu rosto brilhante prendeu imediatamente a atenção de Totapuri, que detetou grandes qualidades neste jovem de aspeto simples. Quanto mais olhava para Sri Ramakrishna, mais impressionado ficava e, por fim, disse: «Pareces ser um buscador avançado da verdade.

Gostarias de aprender o Vedanta?» «Não sei. Tudo depende da minha Mãe. Só posso concordar com a tua proposta se Ela a aprovar», foi a resposta tranquila. «Muito bem», disse o monge,

«vai perguntar à tua mãe. Não ficarei aqui muito tempo.» Sri Ramakrishna afastou-se silenciosamente e foi para o templo de Kali. Falou do assunto à Mãe e, num estado de transe, ouviu a Sua ordem: «Sim, meu filho, vai e aprende com ele. É com esse propósito que ele veio aqui.» Num estado de semiconsciência e com um semblante radiante, Sri Ramakrishna regressou e disse a Totapuri que tinha a permissão da sua Mãe.

Totapuri, embora impressionado pela simplicidade do jovem, deve ter sorrido perante a sua aparente superstição ao dirigir-se à imagem no templo como mãe. Um grande vedantista, acreditava no Deus Pessoal apenas como o dispensador dos frutos da ação. Tal Deus era um mero postulado lógico para ele, e não acreditava na eficácia da oração ou da devoção a Ele por parte de um aspirante à realização do Ser. *Maya* ou *Sakti* — o estado cinético de Brama, para o qual Sri Ramakrishna olhava como Mãe — era para este monge vedantista apenas uma ilusão, pelo que não havia absolutamente necessidade nenhuma de ele A propiciar para se livrar da ignorância.

Sabia que o homem estava preso pela sua própria ignorância e que apenas o homem era capaz de a despedaçar através do esforço próprio. Mas nada disse a Sri Ramakrishna sobre o ponto, pensando que, sob o seu treino, o discípulo cedo aprenderia a verdade e espontaneamente poria de lado todas as superstições.

Totapuri disse a Sri Ramakrishna que ele deveria ser iniciado com as cerimónias adequadas na sagrada ordem do *Sannyasa*, antes de começar a estudar as verdades do Vedanta ou a praticar a disciplina prescrita neste curso. Deveria abandonar as insígnias do seu atual estado de vida, tais como o cordão sagrado ou a racha de cabelo, que o marcavam como brâmane e homem de família, e iniciar uma nova vida. Sri Ramakrishna disse que não tinha objeção, desde que o pudesse fazer em privado.

Fez esta reserva por causa da sua velha mãe, que deixara Kamarpukur cerca de um ano antes para passar os anos restantes da sua aflita vida no recinto sagrado do templo de Dakshineswar, onde a hospitalidade de Mathur lhe fornecera um quarto com vista

total para o Ganges e todos os confortos necessários. Seria de mais para ela ver o seu filho rapar a cabeça e fazer o voto de monge. Totapuri compreendeu a sua dificuldade e disse: «Muito bem, iniciar-te-ei em privado no momento próprio.»

O dia auspicioso chegou. Sri Ramakrishna foi solicitado pelo seu Guru a realizar a cerimónia *Shraddh*, ou seja, as oferendas prescritas aos seus antepassados falecidos, pois um *Sannyasin* está praticamente morto para o mundo e já não pode participar em tais ritos. Depois, foi-lhe pedido que realizasse o seu próprio *Shraddh*, pois deveria abandonar o desejo de ir para outras esferas gozar os frutos das suas ações.

Passou por tudo isto exatamente como lhe foi dito e, recolhendo os requisitos para o *Sannyasa* no seu quarto de meditação no Panchavati de acordo com as instruções do Guru, jejuou e aguardou alegremente a consagração final. A noite estava quase passada. No silêncio plácido da última meia hora, o momento mais auspicioso para esta iniciação, o mestre e o discípulo entraram no quarto de meditação. O Guru entoou os santos *Mantras*, que o discípulo repetia à medida que colocava as oferendas, uma após outra, no fogo sagrado, renunciando, ao fazê-lo, a todo o desejo de prazer, aqui e no Além, e dando garantia de segurança, como parte integrante do seu próprio ser, a todas as criaturas. Após a queima da sua racha de cabelo e do cordão sagrado, aceitou do Guru os emblemas de uma nova vida, o pano de lombo e a túnica ocre.

O dia amanheceu. Foi um dia glorioso para a Índia e, na verdade, para o mundo, grávido de imensas possibilidades para o futuro. A antiga religião do Vedanta encontrou um novo apóstolo, e o mundo assistiu ao aparecimento de um novo homem, cheio do amor abrangente de um Buda e dotado do intelecto agudo de um Shankara. Um novo Profeta nascera, que haveria de ser uma ponte entre os dois mundos, o Oriente e o Ocidente, e reconciliar as fés do passado com as exigências do futuro.

[1] *Para uma consideração mais aprofundada do Madhura Bhava, o leitor é remetido para a conferência do Swami*

Vivekananda sobre os «Sábios da Índia» em Lectures from Colombo to Almora.

Prosternando-se diante do seu Guru, Sri Ramakrishna sentou-se para receber as suas instruções. Para lhe fazer sentir constantemente a sua identidade com o Brama, Totapuri começou a ensinar-lhe as verdades cardeais do Advaita Vedanta. «Brama», disse ele, «é a única Realidade, sempre pura, sempre iluminada, sempre livre, para além dos limites do tempo, do espaço e da causalidade.

Embora aparentemente dividido por nomes e formas através da agência inescrutável de Maya, aquela encantadora que torna o impossível possível, Brama é realmente uno e indiviso. Quando um buscador está mergulhado na beatitude do Samadhi, ele não percebe o tempo, o espaço, nem os nomes e formas — produtos de Maya. Tudo o que está dentro do domínio de Maya é irreal — renuncia a isso. Atravessa o labirinto de nomes e formas e sai dele como um leão. Mergulha fundo na busca do Ser e estabelece-te firmemente n'Ele através do Samadhi.

Então encontrarás o mundo de nomes e formas a desaparecer no nada, e este pequeno ego a fundir-se na consciência cósmica. Realizarás a tua identidade com Brama, o Absoluto Existência-Conhecimento-Bem-aventurança.» Citando as escrituras, disse: «Esse conhecimento é superficial pelo qual alguém vê, ouve ou conhece outro. O que é superficial não tem valor e nunca pode dar a felicidade suprema.

Mas o conhecimento em que alguém não vê, não ouve nem conhece outro, que está para além da dualidade, é grande e ajuda o homem a atingir a Bem-aventurança suprema. Como podem a mente e os sentidos apreender Aquilo que brilha no coração de todos como o Sujeito Eterno?» Argumentando desta maneira e apoiando os seus argumentos com citações das escrituras, Totapuri tentou naquele dia ajudar Sri Ramakrishna a fixar a sua mente firmemente no Absoluto.

Descrevemo-lo nas próprias palavras de Sri Ramakrishna: «Depois da iniciação, "o nu"[1] começou a ensinar-me as várias

conclusões do Advaita Vedanta e pediu-me que retirasse a mente completamente de todos os objetos e mergulhasse no Atman. Mas, apesar de todas as minhas tentativas, não consegui atravessar o reino dos nomes e formas e levar a minha mente ao estado incondicionado. Não tive dificuldade em retirar a mente de todos os outros objetos, exceto de um, a forma tão familiar da Mãe Bem-aventurada — radiante e da essência da Consciência Pura — que aparecia diante de mim como uma realidade viva, impedindo-me de passar para além do reino dos nomes e formas.

Tentei uma e outra vez concentrar a minha mente nos ensinamentos do Advaita, mas todas as vezes a forma da Mãe se interpunha no meu caminho. Em desespero, disse a "o nu": "É inútil. Não consigo elevar a minha mente ao estado incondicionado e encontrar-me face a face com o Atman." Ele excitou-se e disse com aspereza: "O quê! Não consegues! Mas tens de conseguir." Lançou os olhos em volta e, encontrando um caco de vidro, pegou nele e, pressionando a ponta entre as minhas sobrancelhas, disse: "Concentra a mente neste ponto!"

Então, com uma determinação firme, tornei a sentar-me para meditar e, assim que a forma graciosa da Divina Mãe apareceu diante de mim, usei o meu discernimento como uma espada e com ele cortei-a em duas. Não restou mais nenhum obstáculo para a minha mente, que logo se elevou para além do plano relativo, e perdi-me no Samadhi!»

[1] *Esta era a designação que Sri Ramakrishna, por respeito, usava invariavelmente para o seu Guru, que, sendo um Naga Sannyasin, geralmente andava nu.*

Sri Ramakrishna passou para a glória inefável do Nirvikalpa Samadhi. Naquele êxtase arrebatador, os sentidos e a mente pararam as suas funções. O corpo ficou imóvel como um cadáver. O universo desapareceu da sua visão — até o espaço se dissolveu. Tudo se reduziu a ideias, que flutuavam como sombras no fundo vago da mente.

Apenas a ténue consciência do "eu" se repetia em monótona cadência. Pouco depois, essa também parou, e o que restou foi a

Existência apenas. A alma perdeu-se no Ser, e toda a ideia de dualidade, de sujeito e objeto, foi apagada. As limitações desapareceram, e o espaço finito tornou-se uno com o espaço infinito. Para além da palavra, para além da experiência e para além do pensamento, Sri Ramakrishna realizara o Brama — tornara-se o Brama.

Totapuri sentou-se por muito tempo, observando silenciosamente o seu discípulo. Ao vê-lo perfeitamente imóvel, saiu furtivamente da sala e trancou a porta, para que ninguém pudesse entrar sem o seu conhecimento. Depois, aguardou o chamado de Sri Ramakrishna para abrir a porta. O dia passou, a noite chegou. Outro dia e ainda outro — três dias passaram e não houve chamado. Totapuri ficou surpreendido e foi ver o que estava errado. Abriu a porta e entrou na sala.

Ali estava Sri Ramakrishna na mesma posição em que o deixara. Não havia manifestação de vida no corpo, mas o rosto estava calmo, sereno e radiante. Viu que o discípulo continuava morto para o mundo objetivo, a sua mente absorta no Ser, sem um tremor — absolutamente estável!

Com espanto sem fôlego, Totapuri parou diante daquele espetáculo augusto. «Será realmente verdade?», disse para si mesmo. «É possível que este homem tenha atingido num único dia aquilo que me custou quarenta anos de prática árdua a alcançar?» Impelido pela dúvida, fez novamente um exame minucioso. Com o maior cuidado, verificou se o coração batia ou se havia o mais leve vestígio de respiração.

Uma e outra vez tocou o corpo cadavérico do discípulo. Não havia sinal de vida nem de consciência. Com alegre perplexidade, exclamou: «Grande Deus, não é menos que um milagre!» Era, sem dúvida, um caso de Nirvikalpa Samadhi — o culminar da prática do Advaita!

Totapuri tomou imediatamente medidas para trazer a mente de Sri Ramakrishna de volta ao mundo dos fenómenos. A pequena sala no Panchavati ressoou com o santo Mantra — Hari Om — proferido em voz solene. Pouco a pouco, Sri Ramakrishna

voltou à consciência do universo exterior. Abriu os olhos e viu o seu Guru a olhar para ele com ternura e admiração. O Guru correspondeu à prostração do digno discípulo apertando-o num caloroso abraço.

Totapuri não costumava ficar em nenhum lugar por mais de três dias. Mas desejou estabelecer este novo e maravilhoso discípulo firmemente no elevado plano do Advaita e permaneceu onze meses no jardim de Dakshineswar. Descreveremos agora alguns acontecimentos interessantes deste período, que lançarão uma luz abundante sobre a relação única de Sri Ramakrishna com este grande monge e com a Bhairavi Bramai, e mostrarão como, em certos aspetos, o discípulo, por sua vez, se tornou o professor dos seus Gurus.

RELAÇÃO COM OS SEUS GURUS

O leitor já sabe que Sri Ramakrishna se apoiava mais nos impulsos da sua própria mente pura para instrução espiritual do que em qualquer ajuda exterior. Um grande estudioso, escrevendo sobre este ponto, disse: «Ramakrishna, tendo alcançado pela sua própria esforço interno a iluminação central, aceitou vários professores nos diferentes caminhos do Yoga, mas sempre mostrou, na maneira e na rapidez da sua realização, que esta aceitação era uma concessão à regra geral segundo a qual o conhecimento eficaz deve ser recebido como por um discípulo de um Guru.»

Aqueles que acompanharam o curso dos acontecimentos descritos nas páginas anteriores não deixarão de apreciar a verdade da observação acima. Na verdade, embora o Mestre tenha recebido, sem dúvida, uma certa orientação desses professores e a tenha seguido implicitamente, exerceu sempre uma grande influência sobre as suas mentes e iluminou os cantos escuros e obscuros dos seus corações.

Embora discípulo, Sri Ramakrishna, por vezes, se tornou seu professor, ampliando a sua visão espiritual ou dando uma

profundidade maravilhosa às suas visões. E os seus Gurus curvaram-se diante dele, reconhecendo a verdade da sua sabedoria.

Agora, algumas palavras sobre Totapuri. Era provavelmente de nascimento punjabi e renunciara ao mundo ainda muito jovem. Foi iniciado por um Yogi que era o chefe de um mosteiro da seita Naga em Ludhiana, no Punjab. Os membros desta seita são famosos pela sua austeridade e poder de resistência. Após a morte do seu Guru, Totapuri ocupou o seu lugar.

Era um homem alto, de constituição robusta, e levava sempre uma vida ao ar livre. Embora fosse um homem de realização, passava grande parte do seu tempo em meditação. Como outros membros da sua seita, atribuía grande santidade ao fogo e, onde quer que estivesse, mantinha um fogo aceso ao seu lado. Nas horas silenciosas da noite, quando todos dormiam, Totapuri avivava o seu fogo e, sentando-se junto a ele, mergulhava em profunda meditação.

Grande parte do dia também era passada em meditação. Mas poucos o sabiam, pois ele costumava deitar-se perto do fogo, com o corpo coberto por um lençol, aparentemente adormecido.

Totapuri possuía apenas um pote de água, um par de tenazes, uma pele para assento e o lençol com que envolvia o corpo. Costumava limpar o seu pote de água todos os dias. Observando o seu hábito regular de meditação, Sri Ramakrishna disse-lhe um dia: «Alcançaste o mais alto conhecimento. Por que és tão rigoroso com a meditação?»

Apontando para o seu pote de água, Totapuri respondeu com calma: «Vê como ele brilha! Não perderá o seu brilho se eu não o esfregar diariamente? O mesmo acontece com a mente. A menos que se ilumine diariamente com a meditação, ela torna-se impura.» O Mestre, reconhecendo a verdade da observação, disse por sua vez: «Mas se for feito de ouro?

Então não precisará de esfrega e esfrega diários.» «Sim, isso é verdade», admitiu o professor com um sorriso. Sri Ramakrishna recordou estas palavras do seu Guru sobre a utilidade da

meditação regular e, mais tarde, quando com os seus discípulos e seguidores, frequentemente se referiu a elas. Quem sabe se Totapuri se lembrou da réplica do seu discípulo, cujo caráter era como ouro puro?

Totapuri parece ter estudado o Vedanta e recebido instruções espirituais do seu Guru em tenra idade. No seu mosteiro, havia uma excelente organização para treinar os monges na meditação. Sri Ramakrishna contaria aos seus discípulos o que ouvira de Totapuri sobre este assunto: «Havia setecentos monges no seu Math. Os que eram principiantes aprendiam a meditar sentados em almofadas grossas, pois um assento duro seria desconfortável para eles e desviaria a sua mente de Deus para o corpo.

À medida que progrediam na meditação, recebiam assentos cada vez menos confortáveis e, finalmente, apenas uma pele ou mesmo o chão nu bastava para o efeito. Na alimentação e noutros assuntos, observava-se a mesma gradação. No vestuário, por exemplo, eram treinados gradualmente para andar sem roupas. Bem, o homem está, pelo seu próprio nascimento, amarrado com o laço óctuplo da vergonha, ódio, medo, casta, linhagem, honra e o resto; por isso, ensinava-se estes monges a livrar-se deles pouco a pouco.

Depois de bem fundamentados na meditação, pediam-lhes que peregrinassem de um lugar santo para outro, primeiro na companhia de outros Sadhus e, subsequentemente, sozinhos. Tal era o método de treino entre os Nagas.» Sobre a eleição do Mohant ou chefe do Math, Sri Ramakrishna deu o seguinte relato, ouvido do seu Guru:

«Sempre que havia uma vaga, elegiam para o cargo um dentre eles que encontrassem ser um verdadeiro Paramahamsa. Caso contrário, havia perigo de se desviarem no manuseio da riqueza ou ao receberem honras. Assim, aquele que consideravam verdadeiramente acima da tentação do dinheiro era elevado a esta posição. Tal homem gastaria os fundos à sua disposição ao serviço de Deus e dos membros monásticos da Ordem.»

Totapuri nasceu com muitos bons Samskaras.[2] Possuía uma mente sincera e tinha fé implícita no Guru. Não só foi abençoado com o desejo de liberdade e com a companhia de um sábio, como também os utilizou plenamente, com o resultado de que gradualmente atingiu o Nirvikalpa Samadhi. Não parece ter sofrido nunca com as variações de uma mente caprichosa, como é o caso dos homens comuns, mas, com fé nas suas próprias forças, avançou rapidamente em direção ao objetivo sob as direções do seu Guru. Acreditava no esforço pessoal e na confiança em si mesmo como fatores determinantes da vida de um homem. Não conseguia compreender o estado de desamparo de um homem que, incapaz de lutar contra as tendências viciosas da sua mente, lhes cede em desespero. Também não acreditava num poder superior que governasse os destinos da humanidade, sem cuja cooperação a vida se torna uma tarefa de Sísifo.

A sua própria experiência não lhe dava qualquer indício deste lado sombrio da natureza. Tudo era para ele suave e claro. Ao longo da vida, levou a cabo tudo o que se propôs fazer, sem invocar qualquer ajuda exterior. Naturalmente, ria-se da ideia de que os sentidos pudessem desviar um homem e submetê-lo a tormentos sem fim. Era supremamente ignorante do terrível poder de Maya, a eterna e inseparável companheira de Brama, que manipula o universo exatamente como Lhe apraz.

Esta lacuna no seu caráter foi removida pelo contacto com Sri Ramakrishna, de quem aprendeu que Maya nunca pode ser ignorada — que Maya e Brama são realmente um. Antes de deixar Dakshineswar, teve de curvar-se em reverência diante deste poder insondável do Senhor e reconhecer a sua existência.

[2] Impressões de vidas passadas, do ponto de vista oriental, ou impressões latentes na mente subconsciente, de acordo com a ideia ocidental.

Monista desde a juventude, Totapuri não conseguia apreciar o valor da devoção como meio de progresso espiritual, nem compreender que ela é uma grande ajuda para a concentração, levando o devoto a abandonar gradualmente todas as

considerações pessoais e egoístas por amor ao Amado. Não acreditava que o verdadeiro amor pudesse ajudar um homem a realizar Deus e conduzi-lo ao Advaita. A oração, o canto, a repetição do nome do Senhor e os outros auxílios do caminho da devoção pareciam-lhe completamente sem sentido. Chegava mesmo a ridicularizar a demonstração de emoção do devoto.

Mas não era ateu nem homem desprovido de apego a Deus. Os cânticos devocionais de Sri Ramakrishna traziam lágrimas aos seus olhos, embora não compreendesse o seu significado. Gostava da forma plácida de devoção conhecida como Santa, mas não fazia ideia de que Deus pode ser abordado como senhor, amigo, filho ou amado, e que, adorando-O em todas estas várias maneiras, um devoto O pode realizar rapidamente.

O anseio e a importunidade de um Bhakta, o seu sentimento de orgulho, as dores da separação, o choro, o riso, a dança e outras expressões dos seus sentimentos em relação ao Ishta pareciam a Totapuri não menos que loucura. Não acreditava que por tais processos um Bhakta pudesse atingir o seu objetivo. Isto constituía frequentemente um animado tópico de discussão entre Totapuri e o seu talentoso discípulo.

Desde a juventude, Sri Ramakrishna costumava proferir, ao amanhecer e ao crepúsculo, os vários nomes de Deus, acompanhados de palmas e, por vezes, de dança extática. Repetia em voz alta durante algum tempo: «Hari bol, Hari bol!» — «Hari é o Guru, e o Guru é Hari!» — «Ó Govinda, minha vida!» — «A mente é Krishna, o Prana é Krishna, o conhecimento é Krishna, a meditação é Krishna, a perceção é Krishna, o intelecto é Krishna!» — «Tu és o universo, e o universo está em Ti!» — «Eu sou o instrumento e Tu és o operador!» — e assim por diante. Mesmo após a sua mais alta realização, manteve esta prática.

Um dia, quando as sombras caíam e ele estava envolvido numa conversa espiritual com Totapuri, Sri Ramakrishna começou o seu canto habitual dos nomes do Senhor, batendo palmas ao mesmo tempo. Totapuri ficou surpreendido ao ver uma

alma liberta como Sri Ramakrishna recorrer a práticas destinadas apenas a principiantes.

Com um sorriso de escárnio, dirigiu-se ao Mestre: «O quê! Estás a preparar pão[3] dessa maneira?» Sri Ramakrishna riu-se e disse: «Disparate! Estou a tomar o nome de Deus, e tu comparas isso a fazer pão! Vergonha!» Totapuri sorriu à resposta e, pensando que devia haver algum significado por trás daquele ato, não protestou mais.

[3] A alusão é à prática, entre as gentes do interior do país, de achatar pequenas bolas de massa em bolos finos, batendo-as entre as palmas das mãos.

Noutra noite, Sri Ramakrishna estava sentado com o seu Guru perto do seu fogo sagrado. Ambos estavam absortos numa discussão vedântica, quando um criado pertencente ao jardim se aproximou do fogo para pegar numa brasa para acender o seu narguilé. Totapuri não o notou a princípio, mas quando viu o intruso, enfureceu-se e começou a insultá-lo pelo seu ato sacrílego, ameaçando mesmo bater-lhe com as suas tenazes. «Que vergonha!», exclamou Sri Ramakrishna uma e outra vez num estado de semiconsciência, balançando-se com riso. «O que te faz rir? Não foi o homem extremamente impertinente?» — interrompeu Totapuri, bastante surpreendido com a estranha conduta do seu discípulo.

Sri Ramakrishna respondeu com um sorriso: «Sim, mas também estava a notar a profundidade da tua iluminação! Há pouco estavas a dizer-me que só Brama é real e que tudo no universo é a Sua manifestação. Mas no instante seguinte esqueces tudo e estás prestes a bater num homem! Rio-me ao ver o poder irresistível de Maya!» Totapuri ficou sério com estas palavras. Depois de alguns minutos de silêncio, disse: «Sim, tens razão. Esqueci tudo num acesso de raiva. A paixão é realmente um inimigo perigoso. Nunca mais darei lugar à raiva.» E cumpriu a sua palavra.

Falando da natureza inescrutável de Maya, Sri Ramakrishna costumava dizer: «Até Brahma se sente miserável quando cai na

armadilha. Fechas os olhos e disceres: "Não há espinho, nada que pique", mas assim que a tua mão é ferida por um espinho, gritas de dor. Da mesma forma, podes raciocinar na tua mente que não existe tal coisa como nascimento ou morte, virtude ou vício, dor ou miséria, fome ou sede — que tu és o Eterno Brama, o Absoluto Existência-Conhecimento-Bem-aventurança —, mas no momento em que há algum problema com o corpo, ou as tentações vencem a mente, esqueces toda a tua alta filosofia e és dominado pela ilusão e pelas suas dolorosas consequências.» Costumava ilustrar isto com a seguinte parábola: «Rama, Sita e Lakshmana vão a atravessar a floresta. É um caminho estreito por onde só um de cada vez pode passar. Rama vai à frente, arco e flecha na mão; Sita segue-o; enquanto Lakshmana vem atrás, com o seu arco e flecha. Lakshmana é intensamente devoto a Rama e anseia por vê-lo constantemente.

Mas Sita está entre eles e obstrui a sua visão, e ele sente mágoa no coração. Sita percebe isso rapidamente e, movida de compaixão, desvia-se de vez em quando, dizendo: "Olha!" Então Lakshmana vê o seu amado Senhor. Da mesma forma, entre o Jiva e o Senhor está Maya, a Divina Mãe. A menos que Ela, movida de compaixão, se desvie, o Jiva nunca pode ver o seu Senhor. Portanto, por mais que disciras, tudo é em vão sem a Sua ajuda.»

Totapuri não compreendia este poder mágico da Divina Mãe, que para uns forja cadeias sem fim, mas para os poucos afortunados abre a porta do céu. Ele próprio fora sempre objeto de especial favor da Divina Mãe. Pela Sua graça, possuía aquelas qualidades de cabeça e coração que o elevaram acima das tribulações da vida. Totapuri não tinha consciência disso.

Não conseguia perceber que a mão graciosa d'Ela o protegia de todos os perigos e provações, e naturalmente pensava que alcançara o mais alto conhecimento pelos seus próprios esforços pessoais. Mas a Divina Mãe quis que ele conhecesse a sua verdadeira posição e proporcionou uma oportunidade para lho mostrar.

Dotado de uma constituição de ferro, Totapuri nunca se preocupou com doenças do corpo. Tinha boa digestão e sempre desfrutou de um sono reparador. A sua mente também estava cheia de bem-aventurança — fruto da sua realização. Mas, após alguns meses de estadia em Bengala, até o seu forte físico sentiu a influência enervante do clima, e tornou-se vítima de um ataque violento de disenteria.

Dia e noite sentia uma dor de cólica insuportável, que perturbava a concentração e o equilíbrio da sua mente treinada. Da sua absorção em Brama, ela começou a desviar-se para os problemas do corpo. Antes mesmo do ataque, ele sentira que o clima não lhe era favorável e que devia partir. Mas não conseguia convencer-se a renunciar à bem-aventurada companhia de Sri Ramakrishna simplesmente por causa do corpo.

A própria ideia era ridícula, e além disso o corpo poderia contrair doença em qualquer lugar. E por que haveria ele de se preocupar com este invólucro físico, cuja própria natureza é sofrer, definhar e, por fim, morrer? Não realizara ele, de uma vez por todas, que era a Alma e não o corpo? Então por que haveria de temer a morte? Com tais argumentos, silenciou a sua mente e permaneceu em Dakshineswar.

Mas, à medida que os sintomas da doença aumentavam e o desejo de deixar Dakshineswar se tornava mais forte, uma coisa ou outra impedia-o de abordar o assunto com Sri Ramakrishna e pedir-lhe permissão para partir. Vendo que ele perdia peso, Sri Ramakrishna providenciou uma dieta adequada e medicamentos para ele, mas de nada serviu. Depois, a seu pedido, Mathur organizou um tratamento regular, mas sem melhor resultado. Apesar de todo o seu sofrimento com o corpo, a mente do Swami ainda estava suficientemente disciplinada para entrar em Samadhi quando quisesse e esquecer tudo o que era físico.

Mas, numa determinada noite, a sua dor tornou-se excruciante e ele não conseguia obter alívio. Então tentou dissociar a mente do corpo, concentrando-a em Brama. Mas, antes

que pudesse elevá-la a esse nível, ela escapulia de volta para a dor no corpo. Tentou uma e outra vez, mas falhou todas as vezes.

Então ficou enojado com o seu corpo e pensou: «Por causa deste miserável corpo, a minha mente está hoje fora de controlo. Sei positivamente que não sou o corpo. Então por que hei de associar-me a ele e sofrer a sua dor? De que serve arrastá-lo? Sacrificá-lo-ei no Ganges e porei fim a todo o meu sofrimento.» Assim determinado, Totapuri concentrou cuidadosamente a sua mente em Brama e avançou lentamente para a água. Mas o que era isto! Estaria o Ganges realmente seco esta noite? Ou seria uma ilusão da sua mente?

Continuou a avançar até quase alcançar a outra margem — no entanto, a água não era suficientemente profunda para o afogar! Divisou as árvores e as casas na margem, que se erguiam como sombras no meio da escuridão. Perplexo, pensou: «Que capricho de Maya! Hoje não há água suficiente no rio para me afogar! Que jogo misterioso do Senhor!»

De repente, como se um véu se tivesse levantado dos olhos da sua mente. Uma visão gloriosa da Presença Divina desdobrou-se diante dele. O seu intelecto ficou ofuscado diante do lampejo daquela revelação. Por todos os lados, encontrou a manifestação da Divina Mãe — a Omnipotente Mãe do universo! Ela estava na água, e Ela estava na terra. Ela era o corpo, e Ela era a mente. Ela era a dor, e Ela era o conforto. Ela era o conhecimento, e Ela era a ignorância. Ela era a vida, e Ela era a morte. Encontrou a Mãe em tudo o que via, ouvia, pensava ou imaginava.

Ela transformava o Sim em Não, e vice-versa. Nenhum ser encarnado poderia ir para além da Sua jurisdição, a menos que Ela se agradasse em deixá-lo ir. Ele não tinha sequer a liberdade de morrer! Além disso, para além do corpo e da mente também, era Ela — a Mãe, no Seu aspeto Transcendente, no Seu aspeto Absoluto. Ela era o Brama que ele adorara toda a sua vida, e a quem oferecera a adoração do seu coração! Brama e Sakti eram uma e a mesma coisa — os dois aspetos da mesma Entidade.

Naquela hora de solene silêncio, Totapuri, com o coração cheio de devoção, realizou a Imanência da Mãe no universo e tomou uma e outra vez o Seu santo nome. Com um coração amoroso, entregou-se completamente aos Seus pés e regressou a nado para Dakshineswar. Embora ainda houvesse dor no corpo, ela não se refletia na sua mente. A alegre memória da Revelação percorreu todo o seu ser com um arrepio. Tomou o seu lugar habitual junto ao fogo e passou o resto da noite a proferir o nome da Divina Mãe e a meditar n'Ela.

Na manhã seguinte, quando Sri Ramakrishna veio saber do estado de saúde do Swami, encontrou-o completamente transformado. O seu rosto irradiava alegria, e o corpo parecia livre de doença. Pediu a Sri Ramakrishna que se sentasse junto a ele, para que pudesse contar o que acontecera durante a noite. Disse ele: «A doença foi uma amiga para mim. Na noite passada, fui abençoado com a visão da Divina Mãe e, pela Sua graça, fiquei livre da doença. Oh, quão profundamente ignorante eu era! Bem, agora obtém para mim a permissão da tua Mãe para partir. Compreendo agora que foi para me ensinar esta lição que Ela me manteve aqui tanto tempo.

Muitas vezes pensei em partir e até fui ter contigo para me despedir. Mas alguém me impedia sempre, como que por encanto, sempre que tentava falar-te disso, e desviava-me introduzindo outros assuntos!» Sri Ramakrishna sorriu e disse: «Ah, então recusaste acreditar na minha Mãe e discutiste comigo para a refutar! Agora vês que Ela é real. Ela ensinou-me há muito que Brama e Sakti são inseparáveis — como o fogo e a sua propriedade de queimar.»

A música da sala de concerto derramava as suas encantadoras melodias quando os dois santos deixaram os seus lugares para ir ao templo da Divina Mãe. Ambos sentiram, ao prostrarem-se diante da Mãe, que Ela dava o Seu consentimento à partida. Poucos dias depois, Totapuri despediu-se de Sri Ramakrishna e disse adeus a Dakshineswar.

A lição que Totapuri aprendeu em Dakshineswar pode resumir-se nas palavras de Sri Ramakrishna: «Quando o Ser Supremo é considerado inativo — sem criar, sustentar ou destruir — chamo-Lhe Brama ou Purusha, o Deus Impessoal. Quando penso n'Ele como ativo — criando, sustentando e destruindo — chamo-Lhe Sakti ou Maya ou Prakriti ou o Deus Pessoal. Mas, na realidade, a distinção entre Brama e Sakti — ou Deus Impessoal e Deus Pessoal — é uma distinção sem diferença. O Impessoal e o Pessoal são o mesmo Ser, tal como o leite e a sua brancura. Não podes conceber o leite sem a brancura. São um como a gema e o seu brilho. São um como a serpente e o seu movimento ondulante. Quando pensas numa serpente, pensas automaticamente também no seu movimento ondulante. Semelhante é a relação entre Brama e a Divina Mãe.»

A Bhairavi Bramai, guia de Sri Ramakrishna no modo de adoração Tântrica, estava presente em Dakshineswar quando o Mestre foi iniciado no Sannyasa. Devota e seguidora da forma dualista de adoração, não conseguia apreciar a filosofia Advaita e as suas ideias não-dualistas, nem gostava da estreita intimidade de Sri Ramakrishna com Totapuri, e chegou mesmo a dizer-lhe: «Não sejas tão íntimo com esse monge. O seu método é um intelectualismo seco. Perderás a tua devoção e amor por Deus se te associares a ele.» Escusado será dizer que o Mestre não fez caso destas palavras e seguiu o seu próprio caminho.

Depois que Totapuri deixou Dakshineswar, o Mestre decidiu permanecer num estado de absoluta identidade com Brama, muito para além de todas as experiências subjetivas e objetivas. Orientou as suas atividades em conformidade. As palavras não podem descrever o estado da sua mente neste período. Não tinha consciência do seu corpo e das suas necessidades. Nesse estado, perdeu toda a consciência de "eu e meu" ou "tu e teu" — na verdade, a própria distinção entre sujeito e objeto. Não havia nem um nem muitos — ambos estavam mergulhados na realização suprema do Absoluto. Passou para além do reino da relatividade. Para ele, não havia nem escravidão nem esforço pela liberdade.

Vivia, movia-se e tinha o seu ser na glória da verdade última. Os impulsos da mente e dos sentidos estavam completamente em repouso. Permaneceu num estado de Paz e Bem-aventurança — indizível, inefável — uma condição de êxtase supremo em que não havia personalidade, e só a divindade permanecia.

Era uma Quietude Infinita em que o Ser comungava com o Ser. Sri Ramakrishna alcançara o mais alto pináculo da realização espiritual, e tudo isto sem o menor esforço, pois a sua mente pura estava agora habituada a dissociar-se de todas as coisas finitas, que lançam um véu, por assim dizer, sobre a majestade absoluta de Brama — o Uno sem segundo. Nesse estado permaneceu durante seis meses. Referindo-se a este período da sua vida, o Mestre costumava dizer: «Durante seis meses consecutivos, permaneci naquele estado de onde os homens comuns nunca podem regressar — o corpo caindo ao fim de três semanas como uma folha seca.

Não tinha consciência do dia e da noite. As moscas entravam pela minha boca e narinas, tal como num cadáver, mas eu não as sentia. O cabelo emaranhou-se com as acumulações de pó. Não havia possibilidade de o corpo sobreviver, e certamente teria perecido não fossem os cuidados bondosos de um monge que estava presente em Dakshineswar naquela época. Ele percebeu o estado da minha mente e compreendeu também que este corpo devia ser mantido vivo a todo o custo, pois estava destinado a ser de imenso benefício para o mundo. Por isso, ocupou-se ativamente em preservar este corpo. Trazia-me regularmente comida e tentava, de várias maneiras, trazer a minha mente de volta à consciência do mundo relativo, até batendo-me com um pau. Assim que me encontrava um pouco consciente, introduzia-me alguma comida na boca, da qual apenas uma parte chegava ao estômago; e houve dias em que todos os seus esforços eram em vão.

Seis meses passaram assim. Por fim, recebi o comando da Mãe: "Permanece no limiar da consciência relativa por amor à humanidade." Então fiquei acamado com um terrível ataque de

disenteria. Uma dor excruciante no estômago atormentou-me dia e noite. Durou seis meses. Foi assim que a mente gradualmente desceu a um nível mais baixo e recuperou a consciência do corpo. Tornei-me um homem normal. Mas antes disso, à menor oportunidade, a mente empreendia um voo transcendental e fundia-se no Nirvikalpa Samadhi!»

Por esta altura, ocorreu um incidente na família de Mathur que fortaleceu ainda mais a sua fé em Sri Ramakrishna. Jagadamba Dasi, esposa de Mathur, contraiu disenteria e os médicos declararam o seu caso como desesperado. Mathur ficou muito perturbado com esta calamidade iminente. Apressou-se a ir a Dakshineswar para procurar o conselho e a ajuda do Mestre. Sri Ramakrishna fê-lo sentar-se ao seu lado e perguntou-lhe ternamente a causa da sua aflição. Mathur disse com um soluço: «Não só estou ameaçado com uma terrível perda pessoal, mas se a gestão da propriedade passar para outras mãos, ficarei impossibilitado de continuar os meus serviços para vós.» Sri Ramakrishna ficou profundamente comovido com a sua dolorosa situação e disse num estado extático: «Não tenhas medo, a tua esposa recuperará.» Estas palavras tranquilizaram Mathur, e ele regressou a casa. Para seu grande alívio, constatou que a doença tinha subitamente tomado um rumo favorável e a crise passara.

Referindo-se a este incidente, Sri Ramakrishna disse mais tarde: «A partir desse dia, Jagadamba recuperou lentamente, e a doença transferiu-se para este corpo (referindo-se a si mesmo). Como resultado desta cura, sofri durante seis meses de disenteria e outras maleitas.» E acrescentava: «Foi por acaso que Mathur me serviu tão fielmente durante catorze anos? Só pôde fazê-lo porque a Mãe lhe mostrou vários milagres através deste corpo.»

Por causa disto, e talvez também devido ao seu total desprezo pelo corpo durante os seis meses de absorção no Nirvikalpa Samadhi, ele se tornou vítima de disenteria. Mathur contratou Kaviraj Ganga Prasad Sen para o tratar. Hriday estava constantemente ao seu cuidado. Mas, apesar da doença, a sua mente estava sempre cheia de paz e bem-aventurança. À menor

sugestão, esquecia o corpo e tudo o que dizia respeito ao mundo e alcançava um plano transcendental onde só o Atman permanecia. Por isso, deve ter sentido muito pouco da sua dor física, que, no entanto, o arrastava frequentemente para o plano dos sentidos. Dakshineswar tinha, naquela época, um afluxo de vários monges Vedantistas, com quem ele costumava discutir a mais alta filosofia. Escusado será dizer que teria sido impossível para ele participar nestas discussões, se tivesse sido dominado pela doença como uma pessoa comum.

Ao fim de seis meses, Sri Ramakrishna recuperou gradualmente. A sua mente adquiriu o poder de se acomodar tanto ao plano da relatividade como ao do transcendentalismo. Como resultado da realização Advaita, adquiriu uma largueza maravilhosa, aceitando todas as formas de religião como outros tantos caminhos para alcançar a perfeição. Um exemplo desta catolicidade encontra-se na sua prática da fé maometana, pouco depois da sua recuperação da disenteria. Um homem chamado Govinda Rai, que era originalmente um Kshatriya, mas que, atraído pelo espírito de fraternidade universal que vigora no Islão, abraçara esta fé, veio a Dakshineswar nessa época. Era um amante de Deus e provavelmente seguia as práticas da seita Sufi.[1]

A caridade de Rani Rasmani proporcionara um lugar para todos, e Govinda encontrou uma atmosfera favorável no jardim de Dakshineswar, onde estabeleceu a sua residência. A sua devoção logo chamou a atenção de Sri Ramakrishna, que ficou encantado com a sua grande fé e amor por Deus. Gradualmente, veio-lhe a ideia de que, já que o maometanismo também era um meio para a realização de Deus, ele veria como o Senhor abençoava os devotos que O adoravam por esse caminho. Decidiu ser iniciado por Govinda. Uma vez fixada a ideia na sua mente, não houve demora no seu cumprimento. Comunicou o seu desejo a Govinda, que ficou contente por o iniciar. À prática desta nova religião, o Mestre aplicou-se com a sua característica minúcia. Assim descreveu ele a sua mentalidade neste período: «Então costumava repetir o nome de Alá, vestia a minha roupa à moda dos

maometanos e recitava o Namaz regularmente. Todas as ideias hindus sendo totalmente banidas da mente, não só não saudava os deuses hindus, como não tinha inclinação sequer para os visitar.

Ao fim de três dias, realizei o objetivo dessa forma de devoção.» Primeiro, viu uma Pessoa radiante, de longa barba e aspeto grave; depois, a sua mente, passando pela realização do Brama com atributos, foi finalmente absorvida no Brama sem atributos. Hriday costumava dizer que, durante esta prática, Sri Ramakrishna estava disposto a comer comida maometana, e foi apenas a pedido insistente de Mathur que se absteve disso.

Sabendo que Sri Ramakrishna, com a sua tenacidade infantil de propósito, não ficaria satisfeito a menos que pudesse cumprir pelo menos uma parte do seu desejo, Mathur mandou preparar vários pratos ao estilo maometano por um brâmane sob a direção de um muçulmano, e deu-os ao Mestre para comer. Durante a prática do Islão, ele nunca entrou nos recintos do templo, e viveu nas dependências de Mathur, que ficavam fora do complexo do templo.

[1] *Seita maometana profundamente influenciada pelo Vedanta.*

A realização de Sri Ramakrishna na forma de prática maometana parece estar carregada de consequências de longo alcance para a Índia. O facto de ele a ter praticado depois de atingir a perfeição no Advaita[2] torna claro que só através deste, o fundamento subjacente a todas as fés, podem os hindus e os maometanos unir-se uns aos outros. O Mestre estava ciente das grandes diferenças de pontos de vista e de temperamento entre estas duas fés rivais, mas não poderemos inferir da sua prática bem-sucedida do maometanismo que as barreiras existentes serão um dia obliteradas, e as duas raças se abraçarão em amizade e amor? Só o tempo provará a verdade da nossa suposição.

[2] *A filosofia que ensina: A Verdade é una; os sábios chamam-lhe por vários nomes.*

Sri Ramakrishna ainda estava muito fraco após o ataque de disenteria, e pensou-se que uma mudança para a sua aldeia natal

seria benéfica. Mathur e a sua esposa forneceram os fundos necessários para a viagem e comprometeram-se a cuidar do Mestre durante a sua estadia lá. Por volta do mês de maio do ano de 1867, Sri Ramakrishna partiu para Kamarpukur, acompanhado por Hriday e pela Bhairavi Bramai. A sua mãe preferiu não deixar a margem do Ganges e permaneceu em Dakshineswar sob os cuidados de Mathur.

Já oito anos tinham passado desde que Sri Ramakrishna estivera em Kamarpukur. Os seus parentes e amigos esperavam-no ansiosamente. Tinham ouvido todo o tipo de rumores sobre o seu comportamento estranho — que umas vezes se vestia de mulher e invocava o nome de Hari; outras, levava uma vida de Sannyasin; e ainda outras, era um muçulmano a repetir o nome de Alá! Tudo isto deixava estas simples pessoas da aldeia preocupadas com o seu estado mental. Mas grande foi o seu alívio quando Sri Ramakrishna apareceu no meio deles. Era o mesmo velho Gadadhar — com a sua franqueza infantil, o seu bom humor genial, a sua extrema veracidade, a sua devoção integral que o fazia perder a consciência do corpo no nome de Deus — tudo intacto!

Mais ainda, havia algo mais. Havia uma atmosfera espiritual extraordinária em torno do jovem que impedia uma aproximação demasiado livre, ou a discussão de assuntos mundanos com ele, a menos que ele assim o escolhesse. Ao mesmo tempo, a sua simples presença bastava para afastar todas as suas preocupações e desconfortos mentais, e trazer-lhes alegria e paz. Uma estranha influência atraía-os em grande número para o seu lado, para desfrutar da sua santa companhia. A casa de Rameswar estava cheia de visitantes ansiosos, de ambos os sexos, desde o início da manhã até tarde da noite.

O Mestre permaneceu em Kamarpukur durante seis ou sete meses. Foi um grande descanso para ele entrar nas alegrias e tristezas da gente simples da aldeia, após a tempestuosa *Sadhana* em Dakshineswar. O seu esforço passou a ser o de despertar estes velhos amigos, lenta e silenciosamente, para o verdadeiro objetivo

desta vida, e ensinar-lhes, no meio das suas ocupações diárias, as lições de controlo de si e de entrega à vontade de Deus.

Entre estes, surpreendeu-se ao encontrar algumas almas verdadeiramente avançadas que apreciavam a profundidade das suas realizações espirituais. O Mestre narrou o seguinte incidente. Um dia, após o almoço, estava sentado no seu quarto quando algumas mulheres da aldeia o vieram visitar. No decorrer da conversa religiosa que se seguiu, ele caiu em transe. Como isto não era, de modo algum, um acontecimento invulgar na sua vida, as visitantes continuaram a conversa.

Por fim, uma delas pediu às amigas que ficassem quietas, dizendo: "Ele está agora a nadar como um peixe no oceano de Brama. Por favor, não o perturbem no seu usufruto." Embora não acreditando nela, calaram-se. No regresso do Mestre à consciência, perguntaram-lhe sobre o assunto, e ele disse: "Sim, ela tinha toda a razão. Mas pergunto-me como é que ela poderia saber disso."

Aquela gente simples da aldeia nutria uma afeição sincera por Sri Ramakrishna. Muitas das mulheres traziam-lhe doces. Aquelas que estavam ocupadas em casa passavam os seus momentos de lazer na sua companhia.

Sarada Devi, a sua jovem esposa, encontrava-se então com o pai em Jayrambati. A última vez que vira Sri Ramakrishna fora quando tinha sete anos de idade, sendo jovem demais para compreender a sua posição. A única coisa de que se lembrava em relação à visita do marido a Jayrambati era que o sobrinho dele, Hriday, a procurara e fizera uma oferenda de lótus aos seus pés.

Pouco depois da chegada de Sri Ramakrishna, mandaram-na chamar. O Mestre soube disso, mas não expressou qualquer opinião. Uma jovem de catorze anos, Sarada Devi, ou a Mãe Santa, como ficou conhecida mais tarde pelos devotos de Sri Ramakrishna, chegou a Kamarpukur. Strictamente falando, este foi o seu primeiro encontro com o seu divino marido.

Após uma estadia de alguns dias, ela compreendeu o estado mental dele e ansiava por servi-lo com todo o seu amor e

devoção. Dedicou-se a ele de corpo e alma, e procurou nele orientação e iluminação, para as quais, como sua esposa e discípula devota, tinha um direito primordial. De coração puro e imaculado, rejubilava por estar ligada a este homem de Deus por um laço indissolúvel.

O Mestre assumiu de bom grado a sua nova responsabilidade e começou a treiná-la. Lembrou-se das palavras do seu Guru ao descobrir que ele era um homem casado: "O que importa? Só está firmemente estabelecido no conhecimento de Brama aquele que consegue manter intactos a sua renúncia e o seu discernimento mesmo vivendo com a esposa. Só alcançou a suprema iluminação aquele que consegue olhar para o homem e para a mulher igualmente como *Atman* e agir com eles em conformidade.

Um homem com uma ideia de distinção de sexo pode ser um bom *Sadhaka*, mas está ainda longe da sua meta." Eis uma oportunidade para Sri Ramakrishna testar as suas realizações. Ao permitir à esposa os legítimos privilégios da sua posição, submeteu-se a uma provação da qual emergiu mais radiante do que nunca.

Era uma característica de Sri Ramakrishna que, uma vez considerando que era seu dever fazer algo, não conseguia procrastinar ou deixar a tarefa meio terminada. O treino da sua esposa, tanto em assuntos seculares como espirituais, foi total. Teve o cuidado especial de garantir que ela recebesse uma formação abrangente no desempenho dos seus deveres domésticos, no bom uso do dinheiro e, acima de tudo, no comportamento de acordo com as circunstâncias, confiando unicamente em Deus.

Até que ponto este ensinamento, por preceito e exemplo, foi bem-sucedido, viremos a saber. Basta dizer que a Mãe Santa ficou encantada com o ideal de amor puro e desinteressado que lhe foi demonstrado pelo seu santo marido; contentava-se em adorá-lo como o seu *Ishtadeva* e, seguindo as suas pegadas, em desenvolver o seu próprio caráter.

A Bhairavi Bramai vivia em termos íntimos com a família de Rameswar e era respeitada por todos. Embora fosse muito avançada espiritualmente, ainda não tinha atingido a perfeição. Esta foi a razão pela qual tentou dissuadir o Mestre de praticar a Advaita sob a orientação de Totapuri. Não tinha atingido o estado de uma *Divya Sadhika*, que é o grau mais elevado entre os adoradores *Tantrikas*, nem estava acima de sentimentos mesquinhos como a ira ou o ciúme.

Não conseguia suportar ver Sri Ramakrishna associar-se com qualquer outro devoto ou instrutor. Era algo estranho que uma devota do calibre da Bramai possuísse tais traços. Sabia que o amor e o respeito de Sri Ramakrishna não estavam sujeitos ao fluxo e refluxo do homem comum — eram permanentes. Mas não compreendia que um amor que não dá liberdade é egoísta. O verdadeiro amor não só possui um domínio permanente sobre o coração do ser amado, mas também quebra as correntes dos pés tanto do amante como do amado e até proporciona a realização de Deus!

Gradualmente, o orgulho tomou conta da Bramai. Como instrutora espiritual de Sri Ramakrishna, passou a considerar-se uma personagem de suma importância a quem todos deviam obedecer sob pena de serem amaldiçoados. Não via com bons olhos a ideia de Sri Ramakrishna cumprir o seu dever para com a esposa. Talvez temesse que isso pusesse em perigo a sua vida celibatária. Mas o Mestre não dava ouvidos às suas advertências. Isto não só a mortificava, como inflamava o seu egoísmo, em consequência do que o desrespeitou durante algum tempo.

Se alguém, depois de discutir um tema espiritual na sua presença, desejasse referir-se a Sri Ramakrishna, ela declarava furiosa: "Porque haveria de falar com ele sobre o assunto? Não fui eu que lhe abri os olhos?" Tornou-se muito implicativa e, com ou sem provocação, repreendia as senhoras da casa. Sri Ramakrishna permanecia imperturbável e reverenciava-a tanto como sempre. Sob as suas instruções, a Mãe Santa olhava para ela como para a

sua própria sogra, servia-a com grande amor e respeito, e submetia-se docilmente a ela em tudo.

O orgulho excessivo tolda a nossa visão e faz-nos cometer erros a cada passo. A Bramai, apesar das suas realizações, não se conseguia controlar. Um dia, arranjou uma disputa com Hriday por uma ninharia, e o assunto só se resolveu graças à intervenção de alguns familiares do Mestre. A Bramai, a princípio, sentiu-se grandemente humilhada, mas, refletindo, percebeu os seus erros e baixou a cabeça envergonhada.

Viu não só que não era aconselhável permanecer mais tempo nesta família, mas que o seu apego ao Mestre era uma corrente de ouro que tinha de quebrar. Na sua mudança de atitude para com ele, percebeu que a culpa era exclusivamente sua, e o seu remorso foi profundo.

Poucos dias depois, aproximou-se de Sri Ramakrishna com pasta de sândalo e grinaldas de flores que tivera grande trabalho a preparar, e com estas adornou-o como uma Encarnação de Sri Gauranga. Implorou o seu perdão e despediu-se de Kamarpukur. Vivera seis anos com Sri Ramakrishna. A lição que retirou do contacto com ele não seria esquecida. Através dela, atingiu um plano mais elevado, e os seus dias restantes foram passados numa busca mais vigorosa da verdade.

Enquanto esteve em Kamarpukur, Sri Ramakrishna visitava de vez em quando Sihore, a terra natal de Hriday. Hriday convidava devotos Vaishnavas conhecidos para se reunirem e realizarem discursos religiosos com o Mestre. A sua mãe, Hemangini Devi, reverenciava Sri Ramakrishna como a sua Divindade Escolhida e adorava regularmente os seus pés com flores.

Um dia, ela pediu a graça de morrer na cidade sagrada de Benares. O Mestre, num estado de exaltação, concedeu-lha, e ela morreu realmente em Benares, mantendo a consciência até ao fim.

Após a estadia em Kamarpukur, Sri Ramakrishna recuperou a saúde anterior e regressou com Hriday para Dakshineswar. Perto de Burdwan, onde devia apanhar o comboio, viu num campo de

arroz uma espécie de pequenas plantas, cujas flores e folhas dizem ser muito agradáveis ao Senhor Shiva. Foi imediatamente tomado pelo desejo de adorar o Senhor com elas e, embora o local não fosse particularmente limpo, sentou-se no chão para meditar, colocando algumas das folhas e flores na sua própria cabeça.

Mergulhou cedo num transe profundo, sem qualquer pensamento sobre a viagem. Vendo que a hora do comboio se aproximava e o Mestre se encontrava naquele estado indefeso, Hriday cuidou dele e, tomando-o nos braços, chegou à estação mesmo a tempo de apanhar o comboio. O Mestre costumava dizer que um *Sadhaka* só pode realizar Deus quando se encontra acima da distinção entre o limpo e o sujo. Neste caso, demonstrou esse preceito.

Vislumbres de Mathur

"Hriday, a minha esposa, os meus filhos, a riqueza, a posição e tudo o mais são irreais, e apenas Ramakrishna é real." Nestes termos, Mathur expressava a sua profunda veneração pelo seu grande Mestre. Vimos como ele se entregou gradualmente a Sri Ramakrishna e procurou nele orientação. Sabemos de uma das visitas do Mestre à sua casa de Jaun Bazar por ocasião da *Durga Puja*. Narraremos alguns acontecimentos interessantes que tiveram lugar noutra ocasião semelhante. Como habitualmente, Mathur desfrutou cordialmente dos três dias da *Puja* na companhia de Sri Ramakrishna. Quando chegou a *Vijaya Dasami*, ou o dia para a imersão da imagem no Gange, todos sentiam tristeza no coração com o pensamento da separação iminente da Mãe.

Mas Mathur estava ainda sob a influência alegre dos três dias precedentes, e foi um rude golpe para ele quando o sacerdote lhe mandou dizer para vir fazer a sua saudação de despedida à Mãe, pois a hora da cerimónia de imersão estava próxima. Imergir a Mãe no Gange! Como teria ele coragem para fazer isso! Era impossível! Por isso, não deu resposta e sentou-se, esmagado pela dor.

Aos repetidos avisos do sacerdote, respondeu: "Não, não posso permitir que a imagem seja movida. A Mãe será adorada aqui regularmente, e quem se intrometer fá-lo-á por sua conta e risco." Todos ficaram surpreendidos. A persuasão dos mais velhos não surtiu efeito. Mathur apegou-se à sua resolução.

A notícia, grandemente ampliada, chegou por fim à sua esposa. Na sua perplexidade, ela dirigiu-se a Sri Ramakrishna, o seu último refúgio, e contou-lhe toda a história. O Mestre foi ver Mathur e encontrou-o a andar pelo quarto com agitação. "Pai", disse ele a Sri Ramakrishna assim que o viu, "diga o que disserem os outros, nunca poderei permitir que a Mãe seja entregue ao Gange. Já lhes disse que Ela será adorada aqui regularmente. A vida seria insuportável sem a Mãe!" Sri Ramakrishna acariciou o peito de Mathur e disse: "Oh, é isso que te faz ter medo? Mas quem te diz que terás de viver sem a Mãe? E para onde iria Ela, mesmo que entregues a imagem ao Gange? Pode a Mãe ficar longe do Seu filho? Nos últimos três dias, Ela aceitou a tua adoração no exterior, no teu salão, mas de agora em diante estará muito mais perto de ti e aceitará a tua adoração, estando constantemente presente no teu coração!"

Aquele toque mágico e aquelas palavras fecundas devolveram a compostura a Mathur. Sentiu ele a presença radiante da Mãe no seu coração? Quem sabe? Mas deu o seu consentimento para a imersão da imagem. Como um verdadeiro Guru, Sri Ramakrishna elevou a mente do seu discípulo através de um toque a um plano mais elevado de consciência, onde já não havia necessidade do símbolo externo. Este maravilhoso poder do toque observou-se repetidamente nas relações subsequentes do Mestre com os seus discípulos obstinados em Dakshineswar e noutros locais.

O que horas de argumentação não conseguiam fazer, um único toque realizava num segundo. Ele explicava que, quando tocava no discípulo, as impurezas da mente eram removidas, e a verdade surgia diante da sua visão purificada.

O incidente seguinte ilustrará a profunda fé de Mathur no Mestre. Uma vez, esteve acamado na sua casa de Jaun Bazar, com um abcesso de tipo grave. Estava ansioso por ver Sri Ramakrishna e enviou-lhe repetidas mensagens para que viesse. O Mestre acedeu ao pedido, veio e colocou-se ao lado da sua cama. Com grande dificuldade, Mathur sentou-se e pediu a poeira dos seus pés. "O que vais fazer com isso?", disse o Mestre. "Isso vai curar o teu abcesso?" Mathur respondeu: "Para o abcesso há o médico. Mas eu quero as bênçãos do meu Salvador na véspera da minha partida deste mundo." Sri Ramakrishna caiu imediatamente em transe, e Mathur, com lágrimas a correr-lhe dos olhos, colocou reverentemente a cabeça aos pés do Mestre. Recuperou em pouco tempo.

A atitude graciosa de Sri Ramakrishna para com Mathur não só se manteve ao longo da vida deste último, como também se estendeu ao seu herdeiro. Um dia, disse num estado de êxtase a Mathur: "Permanecerei aqui enquanto tu viveres." Mathur sobressaltou-se com apreensão, pois desejava o privilégio da associação com Sri Ramakrishna para o seu filho Dwarika. Por isso disse: "Mas, Pai, o Dwari também o reverencia." "Está bem", disse o Mestre, "estarei em Dakshineswar enquanto ele viver." De facto, só deixou Dakshineswar após a morte de Dwarika Nath.

Assim como Mathur confiava tudo a Sri Ramakrishna, também este, exceto quando estava em *Samadhi*, consultava Mathur em todos os assuntos e pedia o seu conselho ou opinião como um menino. A relação entre eles era de confiança e dependência mútua. Durante, bem como após a sua *Sadhana*, o Mestre informava Mathur sempre que necessitava de alguma coisa. Contava as suas visões extraordinárias a Mathur e pedia a sua opinião. Por outro lado, tinha o cuidado de zelar para que a riqueza de Mathur fosse gasta de forma útil. Toda esta bondade, não menos do que a sua simplicidade infantil e desamparo nas condições normais, conquistou completamente Mathur, que assumiu a tarefa de proteger Sri Ramakrishna.

Encontrando nele uma combinação de omnisciência com a inocência de uma criança, Mathur concluiu que o corpo de Sri Ramakrishna devia estar ao seu cuidado, tal como no domínio espiritual subtil ele próprio era protegido pelo Mestre. O amor de Mathur por Sri Ramakrishna assumiu, portanto, um caráter complexo, pois nos seus estados transcendentais Sri Ramakrishna era o objeto da sua adoração, e nos estados infantis deste último, Mathur era o consolador.

Apesar de tudo, era a Sri Ramakrishna que Mathur recorria quando se encontrava em dificuldades. Uma vez, permitiu que alguns dos seus seguidores lutassem contra os de um *zemindar* rival, e alguns homens morreram. Vendo-se em perigo perante a lei, Mathur correu para Sri Ramakrishna e implorou a sua proteção.

O Mestre, a princípio, repreendeu-o, dizendo: "Seu mariola, todos os dias arranjas problemas e vens ter comigo para pedir ajuda! O que posso eu fazer? Vai e aguenta as consequências dos teus próprios atos. Como posso ajudar-te?" Mas, perante a insistência contínua de Mathur, disse por fim: "Segue o teu caminho. Será como a Mãe quiser." Mathur escapou à prisão.

Vivendo na companhia de Sri Ramakrishna e vendo-o tantas vezes no estado de *Bhava-Samadhi*, Mathur estava determinado a saborear essa bem-aventurança por si mesmo. Estava totalmente convencido de que Sri Ramakrishna podia realizar qualquer milagre pelo seu mero desejo, pois não dera ele amplas provas de que era Deus Encarnado? Pediu ao Mestre a experiência de *Bhava-Samadhi*. Sri Ramakrishna deu a sua resposta habitual: "Espera, espera.

Na plenitude do tempo, hás de experimentá-lo por ti mesmo. Tu estás bem assim, pois desfrutas tanto da alegria secular como da espiritual. Mas, uma vez atingido esse estado, não serás capaz de cuidar das tuas propriedades, e tudo se desmoronará." Mathur não ficou convencido. O Mestre recorreu então ao seu último recurso em tais casos e disse: "Bem, vou pedir à Mãe."

O Mestre pediu-lhe que o descobrisse. Quando ele arregaçou a camisa, esta mostrou um brilho carmesim no seu peito claro. Referindo-se a esta visita, o Mestre disse mais tarde: "Quando o conheci, ele parecia um pouco orgulhoso — o que era natural, pois desfrutava de riqueza, erudição, honra e prestígio num grau invulgar. Com isso em mente, dirigi-me a Mathur: 'Bem, qual é a génese do egoísmo? Deve-se ao conhecimento ou à ignorância? Pode um homem que realizou o Brama orgulhar-se da sua erudição, sabedoria ou riquezas?'

Estava a conversar com Devendra quando, de repente, fui tomado por aquele estado de mente peculiar no qual consigo ver através de uma pessoa. Então, até os eruditos parecem palha simples, a menos que os encontre dotados de discernimento e renúncia. O riso cresceu dentro de mim. Descobri que ele tanto desfrutava do mundo como levava uma vida religiosa. Tinha muitos filhos, todos jovens. Por isso, apesar de ser um grande *Jnani*, tinha de se conciliar com o mundo. Disse-lhe: 'O senhor é o rei Janaka desta época. Janaka tanto desfrutou do mundo como atingiu a mais alta realização. Ouvi dizer que tem a mente fixada em Deus, embora esteja no mundo, por isso vim vê-lo.

Diga-me algo sobre Ele.' Devendra recitou algumas passagens dos Vedas. 'Este mundo', disse ele, 'é como um lustre, do qual cada criatura é uma lâmpada.' Enquanto meditava na Panchavati, também tive uma visão semelhante. Encontrando a afirmação dele coincidente com a minha experiência, pensei que ele devia ser um homem muito grande. Pedi-lhe que a explicasse."

Ele disse: 'Quem pode conhecer este mundo? Deus criou o homem para proclamar a Sua glória. Se não houver luzes no lustre, tudo fica em trevas; não se consegue sequer ver o lustre.' Conversámos durante muito tempo. Ele ficou agradado e convidou-me para assistir ao Aniversário deles. 'Isso depende do Senhor', disse eu, 'o senhor vê a minha condição.

Não há como saber em que estado Ele me colocará num determinado momento.' 'Não, o senhor tem de vir', disse ele, 'mas, por favor, venha vestido com *Dhoti* e *Chadar*. Doer-me-á se

alguém o criticar por estar vestido desalinhadamente.' Eu disse: 'Isso é impossível. Não posso vestir-me como um *Babu*.' Perante esta minha afirmação, Devendra, Mathur e todos os presentes riram. No dia seguinte, Mathur recebeu uma carta de Devendra a cancelar o compromisso, sob o pretexto de que não seria cortês da minha parte aparecer na reunião sem uma cobertura para o corpo!"

O outro devoto era Dina Nath Mukherjee, que vivia em Baghbazar, Calcutá. Esta visita foi uma desilusão, pois, nesse dia, o filho de Mukherjee estava a ser investido com o cordão sagrado. A casa era muito pequena e já se encontrava cheia de visitantes que tinham vindo para estar presentes na cerimónia, pelo que não havia espaço nem vagar para Mukherjee receber Sri Ramakrishna e o seu grupo. Após uma breve conversa, Sri Ramakrishna partiu.

Peregrinação

Mathur e a sua esposa organizaram uma peregrinação ao Norte da Índia e quiseram que Sri Ramakrishna os acompanhasse. Perante o pedido fervoroso deles, o Mestre consentiu[1] em ser um dos membros do grupo, que contava com cerca de cento e vinte e cinco pessoas, incluindo Hriday. Foram reservados uma carruagem de segunda classe e três de terceira classe, com a facilidade de as desengatar em qualquer estação entre Howrah e Mogulsarai. O grupo partiu a 27 de janeiro de 1868. Pararam durante alguns dias em Deoghar para visitar o santuário de Vaidyanath.

Aqui aconteceu algo interessante. Um dia, ao passar por uma aldeia vizinha, Sri Ramakrishna ficou grandemente angustiado ao ver a condição miserável do seu povo. Movido de compaixão por eles, disse a Mathur: "Tu és o administrador da Mãe. Alimenta esta gente pobre e dá a cada um um pedaço de tecido." Mathur a princípio hesitou, dizendo: "Esta peregrinação custará muito dinheiro e estas pessoas são muito numerosas. Podemos ficar sem fundos na viagem se tentarmos alimentá-las e vesti-las. Por isso, o que me diz a isto, Pai?" Mas Sri Ramakrishna foi inflexível.

Derramou lágrimas à vista de tão abjeta miséria e disse em angústia: "Que vergonha! Não vou para Benares. Prefiro permanecer com esta gente indefesa." Como uma criança birrenta, deixou a companhia de Mathur e sentou-se com os aldeões pobres. À vista da compaixão dele, Mathur ficou muito comovido e encomendou fardos de tecido de Calcutá para distribuir entre eles, e também os alimentou. Sri Ramakrishna partiu então alegremente para Benares.

Numa estação de passagem perto de Mogulsarai, Sri Ramakrishna e Hriday apearam-se do comboio, e este partiu sem eles. Mathur ficou extremamente ansioso e, da estação seguinte, enviou um telegrama ao chefe de estação para que os enviasse no comboio seguinte. Organizou um meio de transporte para Sri Ramakrishna e Hriday e, com o coração abatido, seguiu em direção a Benares.

Felizmente, um comboio especial que transportava o Babu Rajendra Lal Banerjee de Calcutá, um distinto funcionário dos caminhos-de-ferro, passou nessa altura. Ele viu a triste situação do Mestre e de Hriday, levou-os na sua carruagem e deixou-os em Mogulsarai.

Sri Ramakrishna chegou à vista de Benares, a cidade mais sagrada da Índia, um lugar imortalizado nas suas escrituras como a Cidade Eterna de Shiva. Ao aproximar-se de Benares de barco, atravessando o Gange, teve uma visão estranha. A cidade santa pareceu-lhe realmente — como declaram os livros sagrados — ser feita de ouro. Parecia que os pensamentos preciosos de incontáveis monges e devotos se tinham acumulado ali, tornando o lugar uma morada dos deuses; a verdadeira Benares era espiritual, enquanto a externa, material, era apenas a sua sombra. Ficou profundamente impressionado com esta gloriosa visão e, nos primeiros dias, foi escrupuloso quanto à manutenção da pureza do lugar, saindo do seu limite espiritual, o ribeiro Asi, para atos propensos a profanar a sua santidade.

Mathur alugou um par de casas perto de Kedarghat. Vivia em Benares em estilo real. Sempre que saía, era rodeado por vários

homens fardados que carregavam o seu guarda-chuva de prata e outros adereços. Sri Ramakrishna não conseguia andar; por isso, era transportado numa palanquim. Um dia, Mathur com Sri Ramakrishna visitou um *zemindar* em Benares. Como seria de esperar, o salão deste estava cheio de homens que discutiam assuntos mundanos. Sri Ramakrishna ficou magoado com isso e queixou-se à Mãe Divina: "Para onde me trouxeste, Mãe? Eu estava muito melhor em Dakshineswar. Lá costumava ter apenas conversas espirituais, mas aqui as pessoas entregam-se a todo o tipo de conversas mundanas."

O primeiríssimo ato de Mathur em Benares foi dar esmolas de comida a eruditos. Também os convidou, bem como às suas famílias, para a sua casa, alimentou-os e deu a cada um um pedaço de tecido e uma rupia em dinheiro. Sri Ramakrishna, com Hriday como assistente, costumava visitar o santuário de Viswanath, a Divindade que preside ao lugar, quase diariamente. Caía em transe mesmo no caminho, bem como na presença da Divindade. Diz-se que o seu *Samadhi* era mais profundo no templo de Kedarnath.

Também foi visitar os monges notáveis de Benares. Com Mathur, visitou um mosteiro dos Nanakpanthis e ficou agradado com a grande devoção deles. Outro dia, fez uma visita ao famoso Trailanga Swami, que se encontrava então sob um voto de silêncio. O Swami fez-lhe sinal para se sentar e estendeu-lhe a sua caixa de rapé como sinal de boas-vindas. Referindo-se a esta visita, o Mestre disse mais tarde: "Encontrei nele a manifestação viva de Viswanath. Benares foi santificada pela sua presença.

Ele encontrava-se num estado de altíssima consciência, sem qualquer ideia do corpo. Deitava-se alegremente na areia escaldante. Perguntei-lhe por um sinal se Deus era um ou muitos. Ele respondeu por gestos que Deus é um quando visto num estado de *Samadhi*, mas, quando olhado através do prisma da consciência relativa, Ele é muitos. Apontando para ele, disse a Hriday: 'Este é o estado de um verdadeiro *Paramahamsa*.'" Trailanga Swami estava, na altura, a construir um ancoradouro

para banhos perto de Manikarnika. Por sugestão de Sri Ramakrishna, Hriday cavou algumas pazadas de terra para a obra, o que agradou grandemente ao Swami.

O Mestre convidou-o um dia para a casa de Mathur e recebeu-o com grande respeito.

Sri Ramakrishna teve uma visão maravilhosa em Benares, que relatava frequentemente aos seus discípulos. Mathur costumava levá-lo de barco a visitar os santuários no Gange. Neste dia em particular, o barco deslizava junto a Manikarnika, onde, por entre colunas de fumo, muitos corpos mortos estavam a ser cremados. Assim que o Mestre chegou ao local, ficou fora de si de alegria e, correndo para a borda do barco, perdeu-se em *Samadhi*!

O sacerdote que servia de guia e os barqueiros adiantaram-se para evitar que ele caísse no rio. Mas não tiveram de fazer nada — ele permaneceu ali perfeitamente imóvel, com um sorriso divino a iluminar o seu semblante, enquanto Mathur e Hriday se mantinham ao lado, prontos a ajudar se ele perdesse o equilíbrio. Passaram-se alguns minutos desta forma, e o Mestre começou a regressar à consciência normal. Realizaram então os ritos religiosos para os quais tinham vindo e regressaram a casa. Sri Ramakrishna contou então a sua visão a todos: "Vi uma figura alta, de corpo branco e longas farripas de cabelo emaranhado cor de canela, aproximar-se calmamente de cada pira funérea e, levantando ternamente o *Jiva*, sussurrar aos seus ouvidos o Supremo Mantra!

A Graciosa Mãe do Universo, sentada do outro lado da pira, removia uma após outra todas as coberturas de servidão de cada *Jiva* e, abrindo a porta do Nirvana, encaminhava a alma afortunada para o Absoluto. Assim, a realização da Advaita, que as pessoas alcançam após eras de concentração e austeridade, foi colocada ao alcance fácil daqueles que morriam em Benares, através da infinita misericórdia de Shiva."

Todos ficaram atónitos ao ouvir este relato, e os eruditos que acompanhavam Mathur observaram: "Aprendemos no

Kasikhanda [2] que Shiva confere o Nirvana àqueles que morrem em Benares; mas não está explicitamente declarado como. A sua visão torna-o inteiramente claro. É estranho que as suas realizações superem até os registos das escrituras."

Após cerca de uma semana de estadia em Benares, o grupo seguiu para Allahabad, onde todos se banharam na confluência sagrada do Gange e do Jumna. Mathur e os outros, observando a tradição do lugar, raparam as cabeças, mas Sri Ramakrishna absteve-se de o fazer, dizendo que não era necessário para ele. Após três dias, o grupo regressou a Benares.

Ao fim de uma quinzena, Mathur e o seu grupo foram para Vrindavan. Foi alugada uma casa perto de Nidhuvan. Tal como em Benares, ele vivia em estilo principesco. Sri Ramakrishna estava de excelente humor neste lugar sagrado, rico em incontáveis e doces recordações de Sri Krishna. Visitou os locais de interesse com as suas emoções características.

A seguinte é a descrição de algumas das suas experiências: "À vista de Banku Vihari[3], fui dominado pelas emoções e corri para o abraçar. Não fiquei tão impressionado com Govindaji. A simples visão do Kaliya Daman Ghat[4] costumava lançar-me em êxtase, e Hriday costumava dar-me banho como a uma criança. Eu dava um passeio à noite na praia arenosa do Jumna, onde havia pequenas cabanas de palha entre as jujubeiras. Uma noite, vi manadas de vacas a regressar do pasto. Seguidas por rapazes pastores, atravessavam o Jumna a vau. A cena sugeriu-me imediatamente Sri Krishna e, dominado pela emoção, corri a chorar desalmadamente: 'Onde está Krishna, oh, onde está Krishna!' Tive o desejo de visitar Shyam Kund e Radha Kund[5]. Enviaram-me numa palanquim.

Era uma longa distância; por isso, providenciaram merendas para o caminho. Desci para visitar a colina de Govardhan. A simples visão dela dominou-me, e corri para o topo, onde permaneci perdido para a consciência exterior. Os habitantes do lugar fizeram-me voltar ao normal. No caminho para Shyam Kund e Radha Kund, vi as velhas pastagens, árvores, plantas, aves

e veados repletos de associações — e não me consegui conter. As lágrimas rolavam-me dos olhos e molhavam-me a roupa. Pensei: 'Ó Krishna, tudo o que está consagrado pela Tua associação está aqui, só que eu não Te consigo ver!'

Eu estava na palanquim, mas não tinha forças para proferir uma sílaba e não conseguia pedir aos carregadores que parassem. Hriday vinha atrás e tinha-os avisado para serem muito cuidadosos. Em Shyam Kund e Radha Kund achei que os *Sadhus* tinham feito algo semelhante a cabanas de palha, nas quais praticavam exercícios devocionais de costas para a porta, para que os seus olhos não vissem as pessoas cá fora."

Em Vrindavan, visitou Ganga Mata, uma devota Vaishnava, notável pelas suas grandes realizações espirituais. Ela era vista como uma assistente íntima de Sri Radha, reencarnada para ensinar às pessoas o segredo do amor divino. Com cerca de sessenta anos de idade, passara a maior parte da sua vida na aldeia de Barshana, a terra natal de Radhika. À primeiríssima vista, ela compreendeu a grandeza de Sri Ramakrishna e considerou-se abençoada por tê-lo conhecido. Sri Ramakrishna ficou encantado com a piedade e devoção dela. Reproduzimos aqui a própria descrição do Mestre sobre ela e sobre a sua associação com ela: "Ganga Mai costumava cuidar muito de mim.

Era muito velha e vivia completamente sozinha numa cabana perto de Nidhuvan. Vendo a minha condição e a perda de consciência em *Samadhi*, dizia frequentemente: 'Isto é verdadeiramente Radha reencarnada em carne e osso!' Costumava tratar-me por Dulali[6]. Quando estava na sua companhia, esquecia-me por completo da comida e da bebida, ou de regressar aos meus aposentos. Em alguns dias, Hriday trazia comida para a cabana dela e alimentava-me. Ganga Mai também costumava preparar várias coisas para mim.

Ela tinha transe frequentes, que atraíam multidões. Eu não tinha desejo de a deixar; por isso, ficou assente que eu deveria permanecer. Eu ia comer arroz cozido[7]. Ganga Mai teria a sua cama numa extremidade do quarto e eu na outra. Foi organizado

em todos os pormenores. Então Hriday disse: 'O senhor é tão sujeito a queixas de estômago, quem vai cuidar de si?' 'Ora', disse Ganga Mai, 'eu cuidarei dele. Eu servi-lo-ei.' Bem, aqui estava Hriday a puxar-me por uma mão e Ganga Mai pela outra. Neste momento, lembrei-me da minha mãe, que vivia sozinha na sala de concertos do templo de Kali, em Dakshineswar. Pensei: 'Quem cuidará dela se eu permanecer em Vrindavan?' Isto decidiu-me. Disse: 'Não, tenho de ir.'" Ele expressou a Hriday a sua elevada opinião sobre esta notável devota.

Em Vrindavan, Sri Ramakrishna adotou o traje Vaishnava, que usou durante uma quinzena. Visitou também Muttra, onde, segundo disse, à simples vista do Dhruva Ghat teve uma visão de Vasudeva a atravessar o Jumna com o seu bebé Krishna nos braços.

O Mestre regressou com o grupo de Mathur a Benares, após permanecer em Vrindavan durante cerca de uma quinzena. Em Benares, conheceu a Bhairavi Bramai, a sua instrutora na prática dos Tantras. Ela vivia num dos Ghats com outra mulher idosa, também uma alma piedosa. Sri Ramakrishna foi vê-la várias vezes e ficou agradado com a devoção da companheira dela. O Mestre aconselhou a Bramai a permanecer em Benares até ao fim da vida. Ela faleceu pouco tempo depois.

Em Benares, Sri Ramakrishna teve o grande desejo de ouvir a música da Vina. Felizmente, havia um perito no bairro de Madanpura chamado Mahesh Chandra Sarkar. O Mestre prescindiu de qualquer cerimónia, foi a casa dele e pediu-lhe que tocasse para ele. Mahesh Chandra consentiu de bom grado. Mal as primeiras notas lhe caíram nos ouvidos, Sri Ramakrishna entrou em *Samadhi*. Recuperando metade da consciência, rezou à Mãe Divina: "Não me tires a consciência. Mãe.

Desejo desfrutar da Vina." Depois disso, manteve a consciência e apreciou a música, à qual por vezes juntava a voz. Passaram-se três horas desta forma, após o que, com um ligeiro lanche, regressou a casa. Depois disso, Mahesh vinha todos os dias a casa de Mathur para ver o Mestre.

Mathur permaneceu em Benares até maio para presenciar uma decoração especial de Viswanath. Na viagem de regresso, tinha em mente visitar Gaya. Mas Sri Ramakrishna recusou-se a ir lá, e ele teve de abandonar o projeto. O Mestre pensava que, se visitasse alguma vez esse lugar sagrado, a sua mente deixaria o plano físico para sempre. Sabia da visão do seu pai em Gaya antes do seu nascimento e estava convencido de que a sua mente se tornaria permanentemente absorvida em Deus ali.

Considerava-se um instrumento na mão da Mãe e curvou-se perante o Seu decreto de que o seu corpo deveria permanecer no mundo para cumprir o Seu propósito divino. Em conformidade com isso, o grupo regressou diretamente para Calcutá.

De Vrindavan, o Mestre trouxera uma mão cheia de poeira sagrada, parte da qual salpicou na Panchavati; o resto enterrou-o na pequena cabana onde tinha praticado a *Sadhana* e disse: "Agora este lugar é tão sagrado como Vrindavan." Pouco depois, a seu pedido, Mathur alimentou um grande número de Vaishnavas e deu-lhes dinheiro.

Hriday Ram e Akshay

Vimos Hriday como o assistente fiel de Sri Ramakrishna desde o início da sua *Sadhana*. Era um homem prático, sem lugar no coração para sentimentalismos. O ideal da sua vida era promover os interesses da sua pequena família e estar o mais confortável possível. A associação constante com Sri Ramakrishna gerava, por vezes, na sua mente ideias de uma natureza diferente, no entanto eram muito fracas e de curta duração.

[1]: Temos de fonte fidedigna que ele já tinha ido em peregrinação uma vez antes, por volta do ano 1863. A sua mãe fazia então parte do grupo. Foram até Allahabad. [2]: Secção do

Skanda Purana. [3]: Um nome de Sri Krishna. O templo também tem o Seu nome. [4]: Que Sri Krishna libertou dos estragos de uma terrível serpente chamada Kaliya. [5]: Dois tanques sagrados a várias milhas de Muttra. [6]: Um nome carinhoso para Sri Radha. [7]: Arroz que não foi seco ao sol, pois ele tinha um estômago fraco.

Sempre que surgia alguma oportunidade de satisfazer o seu desejo de prazer, Hriday corria atrás dela. Foi devido a isto que ele não conseguiu ver o significado das experiências maravilhosas pelas quais Sri Ramakrishna passou diante dos seus próprios olhos durante os anos marcantes em Dakshineswar.

Mas, através do seu amor genuíno pelo tio e do seu desejo de o tornar feliz e confortável, desenvolveu coragem, inteligência e sabedoria prática. No que dizia respeito à vida religiosa, pensava que haveria tempo suficiente para isso mais tarde, quando a sua família estivesse estabelecida na vida e o avançar dos anos atenuasse o seu desejo de prazer.

Nesta conjuntura, a sua esposa faleceu e toda a sua perspetiva de vida mudou. Os prazeres do mundo perderam o sabor e ele ansiou por Deus. Começou a adorar a Mãe Divina, meditava de vez em quando, despindo a roupa e o cordão sagrado, como vira Sri Ramakrishna fazer, e insistia para que lhe fosse concedido o poder de realizar as verdades mais elevadas. Pensava que, estando Sri Ramakrishna tão satisfeito com os seus serviços, bastava pedir para que os gloriosos resultados da prática espiritual lhe fossem conferidos.

O Mestre dizia-lhe que ganharia tudo simplesmente por servi-lo, e que tudo ficaria numa confusão se ambos se esquecessem do corpo devido à sua absorção em pensamentos de Deus, visto que não haveria ninguém para cuidar do conforto físico deles. Mas Hriday não se deixava convencer. Assim, o Mestre viu-se obrigado a dizer: "Está bem, que se faça a vontade da Mãe. O meu desejo de nada serve. Foi Ela quem revolucionou a minha mente e me fez passar por todas essas etapas de realização. Se Ela quiser, tu também as terás."

Poucos dias depois, Hriday começou a ter visões e até caía, de vez em quando, em estados de semiconsciência durante a meditação ou na adoração. Questionado por Mathur sobre o assunto, o Mestre disse: "Hriday não está a fingir esses estados. Ele pediu fervorosamente à Mãe para ter algumas visões, e este é o resultado. Ela em breve o curará." "Não, Pai", respondeu Mathur com um sorriso, "estou certo de que tudo isto é obra sua. Agora, por favor, traga-o de volta ao estado normal, para que ambos possamos servi-lo. Estes estados espirituais não são para nós."

Uma noite, pouco depois disto, Sri Ramakrishna dirigia-se para a Panchavati. Hriday, pensando que ele poderia precisar da sua ajuda, seguiu-o. De repente, viu uma cena estranha. O corpo humano e comum do seu tio desapareceu, para ser substituído por um corpo luminoso, cujo fulgor irradiava em todas as direções. Os pés brilhantes não tocavam de todo no chão. Hriday esfregou os olhos repetidamente para se certificar de que não era uma alucinação. Olhou em redor. O Gange, as árvores, os edifícios e os templos estavam como habitualmente.

A mudança estava no seu tio. Maravilhado, olhou para si mesmo, suspeitando que poderia haver uma mudança nele também! Ficou sobressaltado ao descobrir que também possuía um corpo luminoso — como se, sendo o assistente eterno do ser divino diante de si, fizesse parte da sua essência e tivesse assumido uma forma separada para o servir!

A revelação inundou-o de alegria e, esquecendo-se de si mesmo, do mundo e das opiniões alheias, gritou freneticamente uma e outra vez: "Ó Ramakrishna, ó Ramakrishna, nós não somos homens — por que estamos aqui? Vem, vamos de lugar em lugar e salvemos as pessoas da sua miséria. Tu e eu somos da mesma matéria!" "Cala-te", disse Sri Ramakrishna, parando de chofre perante o barulho, "o que nos aconteceu para gritares dessa maneira? As pessoas vão juntar-se a pensar que algo está errado." Mas Hriday não parava. Apressando-se em direção a ele, Sri Ramakrishna tocou-lhe no peito e rezou: "Mãe, estupefaz este

tolo!" Imediatamente, toda a alegria deixou Hriday, e ele viu-se arremessado de volta ao seu estado normal, desprovido da sua glória como um anjo caído.

Ficou muito humilhado e chorou enquanto dizia a Sri Ramakrishna: "Oh, o que fizeste, tio! Por que me condenas a este estado? Não voltarei a ter essa alegria inefável." "Não pretendo que fiques embotado para sempre", respondeu o Mestre a título de consolação, "apenas desejei que ficasses quieto agora. Tive de o fazer, pois levantaste uma tempestade por causa de uma visão insignificante. Eu vejo incontáveis visões a todas as horas do dia, mas por acaso faço alarde delas? Tu ainda não estás apto para as ver. Fica quieto agora; verás muitas mais quando chegar a altura."

Hriday aquietou-se por momentos, mas os seus sentimentos ficaram feridos. Resolveu, através de um esforço intensificado, ver visões semelhantes novamente. Passava muitas horas em oração e meditação. Uma noite, decidiu rezar à Mãe no lugar onde Sri Ramakrishna meditava anteriormente. No silêncio da noite, deixou a cama, dirigiu-se à Panchavati e sentou-se a meditar no assento de Sri Ramakrishna.

Pouco depois, o Mestre sentiu-se impelido a ir lá também. Quando chegou, ouviu Hriday a chorar piedosamente: "Salva-me, tio, vou queimar-me!" Sri Ramakrishna apressou-se a ir ao local e perguntou-lhe qual era o problema. "Mal me sentei aqui para meditar", respondeu Hriday, contorcendo-se em agonia, "senti como se alguém tivesse despejado um tabuleiro de brasas vivas sobre mim. Oh, a dor é insuportável!" O Mestre acariciou-lhe suavemente o corpo e disse: "Sentir-te-ás bem de novo. Mas diz-me, o que te leva a fazer estas coisas? Não te disse que ganharias tudo ao servir-me?" Hriday costumava dizer que o toque de Sri Ramakrishna removia toda a dor do seu corpo ali mesmo. Convencido de que seria melhor para ele não contrariar os desejos do seu tio, não voltou a usar a Panchavati para meditar.

Embora Hriday tivesse fé nas palavras de Sri Ramakrishna, os seus antigos deveres tornavam-se-lhe desagradáveis. Estava à procura de ocupações novas e estimulantes. Corria o outono de

1868 e ele desejou celebrar a *Durga Puja* na sua própria casa. O Mestre aprovou e Mathur ajudou-o com dinheiro. Hriday estava empenhado em levar Sri Ramakrishna consigo, mas Mathur opôs-se. Queria que o Mestre estivesse presente na *Puja* da sua casa. Sri Ramakrishna consolou Hriday, dizendo: "Não te entristeças, Hriday.

Estarei lá em corpo subtil todos os dias para assistir à tua adoração. Só tu me verás. Consegue outro brâmane para ler os Mantras para ti e realizar a adoração à tua maneira. Não faças jejum completo, mas toma leite e água do Gange ao meio-dia, com algum xarope de açúcar-cande. Se seguires o meu conselho, podes contar com isso, a Mãe Divina aceitará a tua adoração." O Mestre também lhe deu instruções específicas sobre quem deveria moldar a imagem, quem deveria atuar como sacerdote assistente e como tudo deveria ser feito. Hriday partiu para casa com o coração alegre. Durante os três dias de adoração, ficou surpreendido ao ver o seu tio de pé, num corpo brilhante, ao lado da imagem. Regressou pouco tempo depois e contou a Sri Ramakrishna o que acontecera, ao que este disse: "Sim, à hora do serviço vespertino e novamente na altura da *Sandhi Puja*, eu estava realmente ansioso por assistir à tua adoração.

No transe que se seguiu, senti-me transportado para a tua capela, num corpo brilhante, ao longo de um trilho luminoso." O Mestre, num estado de êxtase, disse uma vez a Hriday que este celebraria a *Durga Puja* três vezes. Aconteceu como ele dissera, pois Hriday falhou na sua tentativa de a celebrar pela quarta vez. Pouco depois da celebração do primeiro ano, casou-se pela segunda vez e dedicou-se novamente à adoração de Kali e ao serviço do seu tio no templo de Dakshineswar.

O leitor já tem conhecimento de que Sri Ramakrishna tinha um sobrinho chamado Akshay, que era o único filho do seu irmão Ramkumar e um favorito geral na família. Sri Ramakrishna amava o rapaz e, durante os seus dias em Kamarpukur, levava-o frequentemente nos braços. Com o passar dos anos, Akshay

tornou-se um belo jovem. O pai dele, contudo, tivera um pressentimento de que o rapaz não viveria muito tempo.

Por isso, nunca o levava nos braços nem o acariciava[1]. Akshay era ainda uma criança quando Sri Ramakrishna deixou Kamarpukur e passou pela tempestade da *Sadhana* em Dakshineswar. Quando Haladhari desocupou o seu cargo de sacerdote no templo de Vishnu em Dakshineswar, Akshay, aos dezassete anos de idade, ocupou o seu lugar. Desde a sua infância que tinha uma devoção especial por Sri Ramachandra e passava horas a adorá-Lo. Em Dakshineswar, encontrava-se no seu elemento. Ao adorar Radha Govinda, ficava tão absorvido na meditação que ficava inconsciente da presença de espetadores.

Também passava muito tempo na adoração de Shiva e na leitura do *Bhagavata*. Esta foi a sua rotina regular durante anos. Por vezes, praticava tão intensamente que o sangue lhe jorrava da garganta e do palato. A sua fé sincera e devoção tornaram-no querido por Sri Ramakrishna.

Pouco depois do seu casamento em 1869, Akshay adoeceu gravemente. No seu regresso a Dakshineswar, teve uma recaída. Os médicos diziam ser um caso simples, mas quando a febre não mostrou sinais de diminuir após os primeiros três ou quatro dias, o Mestre disse a Hriday: "Os médicos cometeram um erro. É um caso de tifo. Consulta bons médicos para tua satisfação, mas o rapaz não vai recuperar." "Deus não o permita, tio", disse Hriday, "como podes proferir palavras tão agoirentas?"

Sri Ramakrishna respondeu simplesmente: "Não digo estas coisas voluntariamente. É a Mãe que me faz falar assim. Achas que eu desejo que o Akshay morra?" Hriday ficou grandemente perplexo. Fez o máximo que pôde para a recuperação do rapaz. Mas a doença agravou-se gradualmente. Quando chegou o momento fatal, Sri Ramakrishna colocou-se ao lado da cama de Akshay e pediu-lhe que proferisse o nome de Rama. Akshay assim o fez três vezes e expirou. O acontecimento não causou qualquer impressão no Mestre na altura. Pelo contrário, num estado de exaltação, ele ria enquanto Hriday chorava. O seguinte

é o seu relato do acontecimento: "Akshay morreu diante dos meus próprios olhos. Mas isso não me afetou minimamente. Fiquei ali a assistir a um homem a morrer. Foi como uma espada a ser retirada da sua bainha.

Apreciei a cena, ri, cantei e dancei por causa disso. Levaram o corpo e cremaram-no. Mas, no dia seguinte, enquanto eu estava ali (apontando para a varanda sudeste do seu quarto), senti uma dor dilacerante pela perda de Akshay, como se alguém estivesse a espremer o meu coração como uma toalha molhada! Maravilhei-me e pensei que a Mãe me estava a dar uma lição. Eu não me preocupava muito com o corpo — muito menos com um sobrinho. Mas se tal era a minha dor pela sua perda, quanto mais não deve ser o sofrimento dos chefes de família pela perda dos seus entes queridos!"

Morte de Mathur

Pouco depois da morte de Akshay, Mathur levou Sri Ramakrishna consigo numa viagem pelas suas propriedades, talvez para lhe distrair a mente. Hriday também fazia parte do grupo. O primeiro incidente digno de nota teve lugar numa aldeia excecionalmente pobre onde, tal como em Vaidyanath, o Mestre ficou profundamente comovido com a condição miserável dos seus habitantes. Perante o seu apelo apaixonado, Mathur alimentou as pessoas famintas e deu a cada uma um pedaço de tecido. Durante esta excursão, Mathur visitou a sua própria aldeia no distrito de Khulna e viveu durante algumas semanas na casa do Guru da família, onde Sri Ramakrishna foi recebido cordialmente. O grupo regressou depois a Dakshineswar.

Em Colootollah, em Calcutá, na casa de Kalinath Dutta, vários devotos da seita Vaishnava tinham o hábito de se reunir para o *Sankirtan* ou a recitação de textos sagrados. Um assento decorado com flores e grinaldas era guardado como sagrado para Sri Chaitanya, que era o seu Ideal Escolhido; chamava-se "o assento de Sri Chaitanya". Acreditava-se piamente que ele o

ocupava de forma subtil e abençoava as cerimónias. Um dia, a convite da irmandade, Sri Ramakrishna com Hriday foi lá.

Uma recitação do *Bhagavata* estava a decorrer, a qual o público escutava atentamente, quando Sri Ramakrishna entrou no quarto e tomou calmamente o seu lugar. O Mestre foi dominado pela emoção ao ouvir os versos comoventes do livro sagrado. Correu e colocou-se de pé no assento de Sri Chaitanya, absorvido em profundo *Samadhi*, sem qualquer vestígio de vida no seu corpo. As suas mãos estavam erguidas como se vê na imagem de Sri Chaitanya e um sorriso seráfico brincava nos seus lábios.

Os devotos, percebendo que ele estava em *Samadhi*, acima de todas as barreiras de tempo, lugar e circunstância, foram apanhados pelo encantamento daquela hora. O leitor e o público fixaram os olhos em Sri Ramakrishna. Mesmo os mais intolerantes não ousaram protestar contra o seu ato aparentemente sacrílego. No êxtase da alegria, todos gritaram o nome de Hari e iniciaram um *Sankirtan*. A música atuou sobre a mente subconsciente de Sri Ramakrishna, e ele regressou gradualmente à consciência do mundo objetivo. Juntou-se ao *Sankirtan* com o seu fervor habitual, ora dançando de uma forma extremamente graciosa, ora permanecendo imóvel, perdido em divina emoção. Passado algum tempo, o *Sankirtan* chegou ao fim por entre gritos alegres do nome do Senhor, e Sri Ramakrishna regressou a Dakshineswar.

Após a sua partida, instalou-se uma reação nas mentes dos devotos. Alguns deles criticaram a ação de Sri Ramakrishna, enquanto outros a justificaram. Discutiram durante algum tempo, mas não se chegou a nenhuma conclusão.

Ora, vivia em Kalna, no distrito de Burdwan, um grande santo Vaishnava chamado Bhagavan Das Babaji, que era honrado em toda a Bengala pela sua espiritualidade. Tinha mais de oitenta anos e devotos de perto e de longe afluíam a ele e procuravam o seu conselho sobre assuntos disputados de importância espiritual.

Os membros da congregação de Colootollah consultaram-no sobre este acontecimento. Bhagavan Das ficou muito incomodado

ao saber que o assento sagrado de Sri Chaitanya, a sua Divindade Escolhida, fora profanado por um homem que ninguém conhecia. Criticou asperamente a ação e sugeriu precauções contra a repetição da ofensa. Escusado será dizer que Sri Ramakrishna nada sabia de tudo isto.

Pouco depois do incidente, no ano de 1870, Sri Ramakrishna partiu de barco com Mathur e Hriday para Nadia, a terra natal de Sri Chaitanya. No caminho, pararam em Kalna para ver Bhagavan Das Babaji. Chegando lá de manhã, Mathur ocupou-se a providenciar alojamento, enquanto Sri Ramakrishna foi com Hriday visitar o Babaji.

Observava-se frequentemente que o Mestre, como uma criança, se sentia tímido e esquivo a princípio na presença de estranhos ilustres. Tal foi agora o caso. Enviou Hriday à frente e seguiu-o a curta distância, cobrindo-se com um lençol. O Babaji já tivera o pressentimento de que um grande santo deveria ter chegado e expressara-se nesse sentido. Vendo que ninguém a não ser Hriday tinha vindo, retomou a conversa sobre um Vaishnava que fora culpado de algum deslize e ordenou a sua expulsão da seita.

Como Hriday, nesse momento, lhe disse com uma vénia: "O meu tio, que fica dominado pela emoção à simples menção do nome de Deus, veio apresentar-lhe os seus respeitos", Sri Ramakrishna entrou no quarto e tomou humildemente um lugar, a um canto, após saudá-lo. O seu rosto estava quase oculto da vista. O Babaji retribuiu a saudação de Sri Ramakrishna e trocou algumas palavras com ele sobre onde vivia, etc., etc.

Vendo Bhagavan Das a desfiar as contas do seu rosário, Hriday disse: "Senhor, por que desfia as suas contas? O senhor é um homem de realização e já não precisa de o fazer." O Babaji respondeu: "Posso não necessitar eu próprio, mas mantenho a prática como um exemplo para os outros. Caso contrário, eles poderiam desviar-se ao tentar imitar-me."

Sri Ramakrishna não se conseguiu conter por mais tempo. Dependendo inteiramente, como uma criança, da Mãe Divina, o

seu espírito de resignação era tão completo e tão natural que não só não fazia nada por sua própria iniciativa, mas a visão de outros a fazer ou a dizer coisas a partir de um ponto de vista egoísta era extremamente dolorosa para ele.

Mesmo na conversa comum, raramente falava de si na primeira pessoa, exceto como um servo de Deus. Por isso, estas palavras egoístas de Bhagavan Das irritaram-no grandemente. Levantou-se e disse: "O quê! O senhor atreve-se a pensar assim! Armase em instrutor! Vai expulsar um homem da sociedade! Continua ou abandona uma prática religiosa à sua vontade! Quem é o senhor para ensinar os homens? O senhor não se atreve a ensinar o mundo, a menos que Aquele que é o seu Senhor e Governante lho permita."

O lençol tinha caído do seu corpo, até a roupa que trazia se soltara e uma aura surgiu em redor do seu rosto. Ao terminar de falar, dominado pela emoção, caiu em *Samadhi*! Todos olharam fascinados para a sua figura majestosa e ninguém ousou proferir uma palavra. O Babaji, que estava habituado a ser tratado com respeito, ficou surpreendido com esta súbita explosão, mas a autoridade irresistível com que as palavras foram ditas foi direto ao seu coração; os seus olhos abriram-se para o seu erro.

[1]: Para não se apegar demasiado a ele.

Ele percebeu que não era senão um humilde servo do Senhor — um mero instrumento nas Suas mãos. Longe de ficar ressentido, estudou o Mestre de perto e ficou encantado com as marcas inequívocas de grandeza espiritual que nele havia. Na conversa que se seguiu, Sri Ramakrishna caiu em trances frequentes, e o julgamento do Babaji confirmou-se.

E quando descobriu que este era o homem que tinha ocupado o assento sagrado de Sri Chaitanya em Colootollah, arrependeu-se da sua crítica e pediu perdão. Sri Ramakrishna contou todo o incidente a Mathur, elogiando ao mesmo tempo as realizações do Babaji. Mathur também foi visitar o Babaji e deu dinheiro ao *Asrama* para um banquete.

De Kalna, o grupo seguiu para Nadia. Quando o barco passou pelos bancos de areia perto da cidade, Sri Ramakrishna ficou fora de si com a emoção, e Hriday teve de o segurar firmemente para que não caísse no Gange. Ficou calmo de novo quando o barco tocou terra.

Curiosamente, na cidade não experimentou qualquer exaltação de sentimento — para ele, um indício seguro do seu valor espiritual —, embora visitasse um templo atrás de outro. Ficou desapontado com a falta de divindade ali manifestada. Depois de terminar as suas visitas, regressou ao seu barco e afastou-se a uma curta distância da margem. De repente, uma visão maravilhosa surgiu diante dos seus olhos. Ele costumava dizer: "Dois rapazes[1], brilhantes como ouro fundido, com auras ao redor das cabeças, correram sorridentes em minha direção através do ar, com as mãos erguidas. 'Eles vêm, eles vêm', gritei. Num piscar de olhos, chegaram e entraram neste corpo (querendo dizer ele próprio), e caí inconsciente.

Teria caído na água se não fosse Hriday, que me segurou." Sendo questionado sobre isso por Mathur, ele disse que a antiga Nadia, a verdadeira terra natal de Sri Gauranga, tinha sido engolida pelo rio, e que aqueles bancos de areia marcavam o seu antigo local. Esta era a razão da sua exaltação ali, em vez de na cidade[2].

Passavam agora dezasseis anos desde que Mathur conhecera Sri Ramakrishna. Uma mudança maravilhosa operara-se na sua mente durante este tempo. No mês de julho de 1871, Mathur foi subitamente acometido por febre tifoide. Desde o início que Sri Ramakrishna soube que este seria o fim para Mathur — que a Mãe Divina o ia levar de volta para o Seu seio. Embora não fosse ele próprio visitá-lo, Sri Ramakrishna enviava Hriday todos os dias para obter informações. O dia fatídico chegou; Mathur foi levado para Kalighat. Nesse dia, o Mestre não enviou Hriday, mas caiu num transe profundo que durou duas ou três horas.

A forma permaneceu em Dakshineswar, mas o espírito voou para o lado do devoto para abençoar os seus últimos momentos.

Depois das 17 horas, Sri Ramakrishna recuperou a consciência externa e chamou Hriday. "Bem", disse ele, "a alma de Mathur ascendeu ao *Devaloka*, ou a esfera da Mãe!" Hriday permaneceu em silêncio. Já tarde da noite, a notícia chegou a Dakshineswar de que Mathur falecera às 17 horas.

Um dia, um devoto, interessado no relato do Mestre sobre a maravilhosa personalidade de Mathur e a relação única com ele, perguntou com curiosidade: "Senhor, o que foi dele após a morte? Não terá de nascer de novo, pois não?" O Mestre respondeu: "Talvez tenha nascido de novo como um príncipe. Ele tinha anseios de desfrute." Falou de outra coisa, deixando o assunto morrer.

Com a morte de Mathur, desapareceu uma figura intimamente associada a Sri Ramakrishna durante a época mais marcante da sua vida. A proximidade da relação entre ambos deve ter sido preordenada, pois evidentemente a missão de Mathur era cuidar do Filho querido da Mãe, e vimos quão fielmente ele desempenhou essa tarefa sagrada. Com a sua partida, la vida de Sri Ramakrishna tomou um novo rumo, e um novo grupo, que apresentaremos em breve aos nossos leitores, entrou em cena.

A Mãe Santa em Dakshineswar

A última vez que vimos a Mãe Santa foi em Kamarpukur, sob a tutela de Sri Ramakrishna. Esta associação sagrada encheu a jovem de coração puro com um deleite indizível. Referindo-se a esta alegria, ela disse mais tarde: "Eu sentia sempre como se um vaso cheio de bem-aventurança estivesse colocado no meu coração — a alegria era inefável." Quando, escassos meses depois, Sri Ramakrishna regressou a Dakshineswar, ela voltou para a casa do seu pai, a jovem mais feliz do mundo. Como resultado desta bem-aventurança interior, o seu caráter transformou-se por completo. Tornou-se mais gentil, mais ponderada e mais desinteressada, desenvolvendo um amor sem limites por todas as criaturas.

Ela era a própria personificação da bondade. Os desconfortos físicos ou o tratamento indelicado eram impotentes para perturbar a serenidade da sua mente. Passava os seus dias em Jayrambati, servindo os seus familiares sem relutância, embora o seu coração estivesse em Dakshineswar, aos pés do Mestre. Por muito que gostasse, por vezes, de o ver e de estar perto dele, consolava-se com o pensamento de que ele a chamaria para junto de si no momento certo. Com esta convicção, Sarada Devi mantinha-se pronta.

Quatro anos passaram, e ela era agora uma jovem de dezoito anos. Equilibrada como estava, em razão da sua bem-aventurança interior, acima das alegrias e tristezas comuns do mundo, ainda assim não era surda aos boatos ociosos das pessoas da sua aldeia sobre o seu santo marido, a quem descreviam como louco. Para eles, não havia outro epíteto aplicável a um homem que, sem se importar com qualquer conforto físico, passava todo o seu tempo a entoar o nome do Senhor.

Algumas das suas companheiras olhavam para ela com piedade ou desprezo, como a esposa de um louco. Embora suportasse pacientemente estas afrontas, o seu coração estava dilacerado, e ela pensava: "Será verdade que ele está insano? Não será ele já o homem que conheci em Kamarpukur? Se na verdade as coisas chegaram a tal ponto, então não devo separar-me dele por mais tempo; deveria estar ao seu lado para o servir com o melhor das minhas capacidades." Depois de muito pensar, decidiu ir a Dakshineswar para ver por si mesma. Uma oportunidade para o fazer apresentou-se em breve.

Durante o festival de *Dol Purnima*, as pessoas de lugares distantes vêm banhar-se nas águas sagradas do Gange. Alguns parentes distantes de Sarada Devi resolveram ir a Calcutá com esse propósito. Ela pediu licença para os acompanhar. As senhoras acharam prudente falar sobre o assunto com o pai dela. Ele foi rápido a compreender o verdadeiro motivo da filha para ir a Calcutá e organizou-se para a acompanhar pessoalmente.

Como não havia caminho-de-ferro e uma palanquim era demasiado cara para eles, não houve alternativa senão percorrer a distância de oitenta milhas a pé. Partiram no dia marcado e caminharam continuamente, com a bela paisagem a ajudar a aliviar o tédio da viagem. Durante dois ou três dias, tudo correu bem. Depois, para desgosto de Sarada Devi, ela adoeceu com uma febre alta, e tornou-se imperativo interromper a viagem e parar numa estalagem.

Mas o conforto veio-lhe numa visão. Ela disse mais tarde: "Enquanto eu jazia inconsciente com febre, vi uma jovem excecionalmente bela, de tez escura, sentada ao meu lado. Ela passava as suas mãos frescas e ternas pelo meu corpo, retirando a maior parte da sensação de ardor. 'De onde vem?', perguntei. 'De Dakshineswar', respondeu ela. 'De Dakshineswar!', disse eu surpresa, 'anseio ir lá — para o encontrar e servir. Mas esta febre estragou tudo.' 'Ora', disse a jovem, 'tu irás para Dakshineswar quando melhorares e te encontrarás com ele. Eu mantive-o lá por tua causa.' Eu disse: 'A senhora é tão amável! Quem é, por favor?' 'Sou a tua irmã', respondeu ela. Eu disse: 'Ah, é por isso que veio.' Depois desta conversa, adormeci."

Na manhã seguinte, Ram Chandra descobriu que a filha estava livre da febre, e a viagem foi retomada. Depois de percorrerem uma curta distância, depararam-se com uma palanquim, a qual alugaram, e chegaram a Dakshineswar às 21 horas (março de 1872).

Sri Ramakrishna ficou muito perturbado ao ver Sarada Devi numa condição tão debilitada. Providenciou uma cama separada para ela no seu próprio quarto e dizia repetidamente com pesar: "Ah, vieste demasiado tarde — o meu Mathur já cá não está para cuidar de ti!" Mas com o bom tratamento e os cuidados sob a supervisão pessoal do Mestre, ela recuperou em três ou quatro dias. Ele enviou-la então para viver com a sua mãe na sala de concertos.

Convencida, após uma estadia de alguns dias em Dakshineswar, de que Sri Ramakrishna continuava inalterado na

sua atitude para com ela, Sarada Devi decidiu permanecer e entregar-se ao serviço de Sri Ramakrishna e da mãe deste. Com isso, o seu pai regressou a casa, alegrando-se com o pensamento de que a filha estava feliz com o marido.

Sri Ramakrishna retomou agora a sua antiga tarefa de ensinar a esposa, testando ao mesmo tempo as suas próprias realizações e cumprindo os seus deveres como marido. Aqueles que se movem pelo mundo totalmente dependentes da vontade do Senhor não fazem planos antecipados — esperam e vigiam por orientação em tudo o que fazem. Por isso, não procuram qualquer teste, nem se esquivam a ele quando este chega.

Quando Sri Ramakrishna assumiu a tarefa de treinar a sua esposa em Kamarpukur, foi porque parecia ser a coisa certa a fazer na altura. A sua partida para Dakshineswar não passou de uma interrupção. Agora, retomava o trabalho no ponto em que o tinha deixado. O seu ensinamento abrangia uma vasta gama de assuntos, desde a economia doméstica até ao conhecimento de Brama. Não se contentando com meras instruções, tinha o cuidado particular de zelar para que ela cumprisse as suas ordens, corrigindo amorosamente qualquer erro.

Uma das lições importantes que deu a Sarada Devi nesta altura foi: "Deus é o amado de todos, tal como a lua é querida por todas as crianças. Todos têm igual direito de Lhe rezar. Pela Sua graça, Ele manifesta-Se a todos os que O invocam. Tu também O verás, se tão-só O invocares."

Alguns meses após a chegada da Mãe Santa, surgiu um desejo curioso na mente de Sri Ramakrishna, o qual ele não perdeu tempo a satisfazer. Era a lua nova de maio de 1872, uma noite propícia para a adoração de Kali, e Sri Ramakrishna fez preparativos especiais para ela no seu próprio quarto, instruindo a Mãe Santa a estar presente. Ela foi lá às 21 horas. Sri Ramakrishna tomou o assento do sacerdote. Depois de terminados os preliminares, acenou à Mãe Santa para o assento que estava reservado para a Deusa. Sarada Devi encontrava-se num estado de semiconsciência enquanto observava reverentemente os

procedimentos e, como quem está sob um efeito hipnótico, tomou o lugar como lhe fora dito. Sri Ramakrishna, com a ajuda de um assistente, realizou a forma regular de adoração, na qual a Mãe Santa tomou o lugar da Divindade.

Durante a cerimónia, ela entrou em *Samadhi*. O Mestre também, quando terminou os Mantras, entrou no estado supraconsciente. Sacerdote e Deusa uniram-se numa união transcendental no Eu. Passaram-se horas. No silêncio da noite, o Mestre recuperou parcialmente a consciência; então, com o Mantra apropriado, entregou-se a si mesmo e aos frutos da sua *Sadhana* de toda a vida, juntamente com o seu rosário, aos pés da Mãe Santa e saudou-a.

Com esta cerimónia sagrada, chamada nos Tantras a *Shorasi Puja* ou a adoração da Mulher, terminou a longa série de práticas espirituais de Sri Ramakrishna. Foi a consumação da sua *Sadhana*, na qual dedicou tudo o que tinha à Mãe do universo, manifestada através do símbolo vivo de Sarada Devi. Para a sua visão iluminada, tudo no universo se tornava o símbolo de Deus. O seu olhar abrangente englobava tanto o Absoluto como a

Manifestação, de modo que, como o Rishi das Upanishads, ele poderia dizer: "Tu és a mulher e Tu és o homem. Tu és o rapaz e Tu és a rapariga. Tu és o velho que cambaleia nas suas muletas. Tu preenches o universo, nascido em múltiplas formas."

A Mãe Santa continuou a viver em Dakshineswar, desfrutando da companhia divina do Mestre. As seguintes são as suas reminiscências desses dias felizes: "Não tenho palavras para descrever a minha maravilhosa exaltação de espírito ao observá-lo em diferentes estados. Sob a influência da emoção divina, ele às vezes falava sobre assuntos abstrusos, às vezes ria, às vezes chorava e de novo ficava perfeitamente imóvel em *Samadhi*! Isto continuava ao longo da noite.

Havia uma Presença Divina tão extraordinária nele que eu costumava tremer de medo e perguntar-me como passaria a noite. Eu compreendia pouco de trances na altura. Um dia, constatando que o seu *Samadhi* não se quebrava, fiquei terrivelmente

assustada, chorei e mandei chamar Hriday. Ele veio e proferiu o nome do Senhor ao seu ouvido durante algum tempo antes de o conseguir trazer de volta à consciência!

Depois, vendo que eu sofria, o próprio Mestre ensinou-me a proferir tais e tais nomes do Senhor quando certos tipos de transe se instalassem, ou tais e tais Mantras quando houvesse outros sintomas. Depois disto, tive menos medo, pois ele recuperava a consciência quando esses métodos eram adotados. Meses passaram desta forma. Então, um dia, ele descobriu que eu tinha de me manter acordada a noite inteira para que ele não entrasse em *Samadhi* — pois este poderia surgir a qualquer momento — e pediu-me para dormir na sala de concertos."

Ela costumava dizer que, naqueles dias, o Mestre lhe ensinava tudo — a começar por pormenores da vida doméstica como a forma como um candeeiro devia ser limpo, como devia comportar-se com os diferentes membros da sua família de acordo com as suas diferentes naturezas e como se deveria conduzir ao fazer visitas, até aos assuntos espirituais mais elevados, tais como a oração, a entoação do nome do Senhor, a meditação, o *Samadhi* e até a realização de Brama. Quão diferente da vida de casado do homem comum! Fica-se em admiração perante um exemplo tão elevado.

Um dia, Sarada Devi, enquanto massajava os pés do Mestre, perguntou-lhe: "O que pensa de mim?" Rápida veio a resposta: "A Mãe que é adorada no templo é a mãe que deu à luz este corpo e está agora a viver na sala de concertos, e Ela, de novo, está a massajar os meus pés neste momento. Verdadeiramente, olho sempre para ti como a representação visível da Mãe Bem-aventurada." Um dia, encontrando a sua esposa a dormir ao seu lado, Sri Ramakrishna disse assim para si mesmo: "Eis o corpo de uma mulher que o mundo tanto preza.

Mas aquele que se compraz nele fica confinado ao corpo e não pode realizar Deus. Diz-me francamente se queres isto ou Deus. Se for o primeiro, então aqui está." A sua mente purificada respondeu a esta pergunta penetrante fundindo-se num *Samadhi*

tão profundo que durou a noite inteira. Na manhã seguinte, após considerável dificuldade, ele foi trazido de volta à consciência através da repetição do nome do Senhor ao seu ouvido.

Meses passaram desta forma, mas nem uma única vez as mentes deste casal divino desceram ao plano dos sentidos. Isto foi possível porque tanto o marido como a esposa tinham as suas mentes sintonizadas com o Infinito. Sri Ramakrishna elogiou Sarada Devi em termos inequívocos. Ele costumava dizer: "Após o casamento, rezei ansiosamente à Mãe Divina para que arrancasse qualquer sentido de desfrute físico da mente dela. Que a minha oração fora concedida, soube-o pelo meu contacto com ela durante este período."

Quando, mesmo após o decurso de um ano ou mais, Sri Ramakrishna não sentiu o menor vestígio de ideia de corpo na sua mente e continuou a olhar para Sarada Devi umas vezes como a manifestação da Mãe Divina e outras como o *Atman* ou Brama, compreendeu que a Mãe o trouxera com sucesso através da provação e que, pela Sua graça, a sua mente era capaz de permanecer, sem qualquer esforço da sua parte, no plano mais elevado da realização espiritual. Sentiu que a graça da Mãe Divina o trouxera ao fim das suas *Sadhanas*, e a sua mente estava tão absorvida nos Seus pés de lótus que nenhum pensamento entrava nela, consciente ou inconscientemente, que fosse contrário à Sua vontade.

A Mãe Santa regressou a Kamarpukur por volta do mês de novembro de 1873, após permanecer um ano e oito meses com o marido.

[1]: Significando Sri Chaitanya e Nityananda. [2]: Investigações posteriores parecem corroborar esta perspetiva.

Ao Fim da Sua Sadhana

Cerca de um ano mais tarde, Sri Ramakrishna, através do seu contacto com Sambhu Charan Mallik de Calcutá, que entre outras

escrituras conhecia a Bíblia, decidiu realizar a Mãe Divina por um novo método, a saber, o Cristianismo. Sambhu era bem conhecido pela sua generosidade. Tinha um jardim perto do templo de Kali em Dakshineswar, o qual Sri Ramakrishna visitava frequentemente. No decurso da intimidade que assim cresceu, Sambhu passou a olhar para Sri Ramakrishna com sincero amor e estima e, após a morte de Mathur, foi ele quem se chegou à frente para servir o Mestre e de bom grado supriu todas as suas necessidades.

Tratava Sri Ramakrishna por "Guruji" ou instrutor. O Mestre às vezes ressentia-se disso, dizendo: "Quem é Guru e de quem? O senhor é o meu Guru." Mas Sambhu não cedia e persistiu no uso do epíteto até ao fim. Embora não sendo cristão, costumava ler a Bíblia a Sri Ramakrishna, que assim passou a saber sobre Cristo e o Cristianismo. Por isso, quando o desejo de realizar o ideal cristão surgiu na sua mente, a Mãe Divina realizou-o de uma forma estranha, sem qualquer luta da sua parte.

Um dia, o Mestre encontrava-se no salão da casa de campo de Jadu Nath Mallik, em Dakshineswar, em cujas paredes havia muitos belos retratos, sendo um deles o de Cristo. Sri Ramakrishna olhava atentamente para a imagem da Madonna com o Menino Divino e refletia sobre a vida maravilhosa de Cristo, quando sentiu como se o quadro ganhasse vida, e que raios de luz emanavam das figuras de Maria e de Cristo, entrando nele e mudando por completo a sua perspetiva mental. Quando percebeu que as suas ideias hindus estavam a ser empurradas para um canto por esta vaga de ideias novas, tentou ao máximo travá-la e rezou fervorosamente à Mãe Divina: "O que é que me estás a fazer, Mãe?" Mas em vão.

O seu amor e respeito pelos deuses hindus foram varridos por esta onda avassaladora e, em seu lugar, um profundo respeito por Cristo e pela igreja cristã encheu o seu coração, abrindo diante dos seus olhos a visão de devotos cristãos a queimar incenso e velas perante a figura de Jesus nas igrejas e a oferecer-Lhe as efusões ardentes dos seus corações.

Ao regressar ao templo de Dakshineswar, ficou tão absorto nestes pensamentos que se esqueceu de visitar a Mãe Divina no templo. Durante três dias, essas ideias dominaram a sua mente. No quarto dia, enquanto caminhava na Panchavati, viu uma pessoa de aspeto extraordinário e semblante sereno aproximar-se, com o olhar fixo nele intensamente. Soube de imediato tratar-se de um homem de origem estrangeira. Tinha belos olhos grandes e, embora o nariz fosse um pouco achatado, isso em nada prejudicava a beleza do seu rosto. Sri Ramakrishna ficou encantado e perguntou-se quem poderia ser.

Pouco depois, a figura aproximou-se e, dos recessos mais profundos do coração de Sri Ramakrishna, elevou-se a nota: "Eis o Cristo que derramou o sangue do seu coração para a redenção da humanidade e sofreu agonias por amor dela. Não é outro senão esse Mestre-Yogin Jesus, a personificação do Amor!"

Então, o Filho do Homem abraçou Sri Ramakrishna e fundiu-se nele. O Mestre perdeu a consciência externa em *Samadhi*, realizando a sua união com o Brama com atributos. Passado algum tempo, regressou ao plano normal. Assim ficou Sri Ramakrishna convencido de que Jesus Cristo era uma Encarnação do Senhor.

Muito tempo depois, ao discutir sobre Cristo com os seus discípulos que falavam inglês, perguntou: "Bem, vós lestes a Bíblia. Dizei-me o que diz ela sobre as feições de Cristo. Como era ele?" Eles responderam: "Não vimos isso particularmente mencionado em lado nenhum na Bíblia. Mas Jesus nasceu entre os judeus; por isso, devia ser claro, com olhos grandes e nariz aquilino."

Sri Ramakrishna limitou-se a observar: "Mas eu vi que o nariz dele era um pouco achatado — quem sabe porquê!" Não dando grande importância a estas palavras na altura, os discípulos, após o falecimento de Sri Ramakrishna, souberam que existiam três descrições antigas das feições de Cristo, e uma delas descrevia-o realmente como tendo o nariz achatado!

Valerá a pena notar aqui a opinião de Sri Ramakrishna sobre Buda e outros grandes fundadores de religiões. Sobre Buda, partilhava da noção geral dos hindus de que ele era uma Encarnação de Deus. Costumava dedicar-lhe a sua sincera devoção e adoração, e acreditava que, na sagrada tríade do templo de Jagannath, era a personalidade do Senhor Buda que ainda era adorada.

Tinha um grande respeito pela comida sacramental de Jagannath, a qual, tal como a água do Gange, considerava supremamente purificadora. Ouvindo falar da tolerância de todas as religiões no templo de Puri, esteve a dada altura ansioso por ir lá, mas sabendo da possibilidade de o seu corpo sucumbir ao choque das associações que o lugar certamente conteria para ele — pois uma Encarnação, Sri Chaitanya, falecera ali —, absteve-se de ir. Noutra ocasião, observou: "Não há a menor dúvida de que o Senhor Buda é uma Encarnação. Não há diferença entre as suas doutrinas e as do *Jnanakanda* védico." Temos todas as razões para acreditar que ele falava assim devido à sua perceção sobrenatural.

Sobre os Tirthankaras que fundaram a religião jainista e os dez Gurus sikhs, Sri Ramakrishna ouviu falar bastante na sua vida posterior, pela boca de representantes dessas comunidades, e passou a nutrir um grande respeito por eles. No seu quarto em Dakshineswar, havia uma pequena estátua do Tirthankara Mahavira e um retrato de Cristo, perante os quais se queimava incenso de manhã e à noite. Mas nunca se ouviu falar dele sobre os Tirthankaras ou os Gurus sikhs como Encarnações de Deus. Destes últimos, costumava dizer: "São todos encarnações do rei santo Janaka.

Ouvi dizer pelos sikhs que, mesmo antes de atingir a libertação, ele estava possuído pela ideia de fazer o bem ao mundo. Por isso, nasceu sucessivamente como os dez Gurus os sikhs e, após fundar a religião sikh, uniu-se para sempre com o Supremo Brama. Não há razão para descrer disto."

No estado de comunhão divina, ao fim de todas as suas *Sadhanas*, sobrevieram-lhe muitas perceções intuitivas, algumas das quais em relação a si mesmo, outras em ligação com a espiritualidade em geral. Embora estas revelações fossem o resultado da sua perceção suprassensível, podemos tentar expressá-las em termos de raciocínio humano.

Sobre si mesmo, chegou às seguintes conclusões:

Primeiro, que era uma Encarnação de Deus, uma personagem especialmente incumbida de uma missão, cujas realizações espirituais eram para benefício de outrem. Comparando a sua própria vida com a do comum candidato à verdade, ficou convencido do grande abismo que existia entre ambas. Viu que o aspirante comum, após uma luta de toda a vida, se contentava com a realização de um único aspeto do Senhor, ao passo que ele não descansava enquanto não O realizasse em todos.

Tinha consciência de que levava um tempo incrivelmente curto para atingir a realização de qualquer fase particular. Isso não podia senão significar que havia alguma peculiaridade na sua constituição mental que tornava relativamente fácil para ele atingir o nível espiritual supremo. Viu-se forçado a reconhecer que era excecional; que a sua extraordinária luta espiritual e realizações não eram para si mesmo, mas para inaugurar uma nova era de desenvolvimento espiritual e mostrar à humanidade como superar os obstáculos no caminho para a realização.

Segundo, sabia que fora sempre uma alma livre; que as várias *Sadhanas* pelas quais passara não eram realmente necessárias para ele como eram para os outros. Por isso, o termo *Mukti* ou libertação não se lhe aplicava. Sob outro ângulo, a libertação era igualmente impossível para ele, pois enquanto houvesse seres que se considerassem presos, a Encarnação teria de vir e mostrar-lhes o caminho para sair do seu cativeiro. Como Sri Ramakrishna costumava dizer: "O funcionário de um *zemindar* terá de correr para qualquer parte da propriedade onde haja problemas." Costumava dizer aos seus discípulos que, na vez seguinte, teria de reencarnar ali (apontando para o noroeste).

Alguns destes discípulos, entre os quais o grande ator-dramaturgo Girish Chandra Ghosh, de Bengala, disseram que o Mestre também deu uma pista quanto ao tempo em que isso ocorreria, dizendo: "Duzentos anos mais tarde, terei de ir para lá. Então, muitos serão libertados, e os que falharem nessa altura terão de esperar por muito tempo!"

Terceiro, chegou a antever o momento da sua partida. Um dia, num estado de êxtase, falou disso à Mãe Santa nestes termos: "Quando me vires a tomar alimentos tocados por um não-brâmane, a passar noites em Calcutá, a alimentar outra pessoa e a comer os restos — sabe então que o dia de eu deixar este corpo está próximo." Estas palavras do Mestre cumpriram-se à letra.

Outro dia, também num estado de êxtase em Dakshineswar, disse à Mãe Santa: "Para o fim, não tomarei senão preparações líquidas de leite." Esta afirmação também se tornou realidade.

Sobre os assuntos espirituais em geral, as suas convicções eram as seguintes:

Primeiro, como resultado da sua realização através de todas as formas de disciplina, ficou firmemente convencido de que todas as religiões eram verdadeiras — que cada sistema doutrinário representava um caminho para Deus. A demonstração disto parece ser o objetivo especial do advento de Sri Ramakrishna ao mundo. Foi a primeira Encarnação que, tanto quanto a história regista, passou por todas as diferentes variedades de práticas religiosas a fim de provar esse facto. Se a universalidade for a pedra de toque da grandeza, Sri Ramakrishna destaca-se entre os Grandes.

Segundo, percebeu que os três grandes sistemas de pensamento conhecidos como Dualismo, Monismo Qualificado e Monismo — *Dvaita*, *Visishtadvaita* e *Advaita* — não eram senão diferentes etapas no progresso do homem em direção à Meta. Sustentava que não eram contraditórios, mas sim complementares, prestando-se a diferentes perspetivas mentais. As consequências de longo alcance desta realização tornar-se-ão patentes, após reflexão, para todos.

Cada estudante de religião sabe que tempestade de opiniões conflituosas se levantou entre os eruditos sobre estes sistemas progressivos. Não percebendo a sua harmonia subjacente, cada seita tentou a interpretação a partir de um ponto de vista, com exclusão dos outros dois, com o resultado de que as discussões filosóficas se tornaram um bicho-papão para alguns, ou conduziram outros em desespero ao agnosticismo ou ao ateísmo.

Daí a necessidade de um profeta que, pela realização pessoal do significado íntimo de todos eles, removesse o mal-entendido. As seguintes são algumas das suas afirmações:

"A *Advaita* é a última palavra na Realização. É algo a ser sentido em *Samadhi*, pois transcende a mente e a palavra."

"A mente e o intelecto conseguem compreender e traduzir em termos de linguagem a gama de pensamento até à *Visishtadvaita* e não mais além. Na sua perfeição, o Absoluto e a Manifestação são vistos como igualmente reais — o nome do Senhor, a Sua morada e Ele Próprio revelam-se compostos pela mesma substância espiritual. Tudo é espiritual, sendo a variação apenas na forma."

"Para o homem comum, com forte apego aos sentidos, as formas dualistas de religião, nas quais está incorporada alguma quantidade de suporte material, como música e símbolos, são úteis."

Quanto à ação e inação, tinha a dizer: "Um homem cuja mente é absolutamente pura vai naturalmente além da ação. Não consegue trabalhar, mesmo que tente, ou o Senhor não lhe permite trabalhar. Tal como quando uma jovem esposa vai ser mãe, dão-lhe cada vez menos trabalho para fazer e, quando a criança nasce, ela deixa por completo o trabalho doméstico e ocupa-se exclusivamente com o filho.

Mas o homem comum deve tentar cumprir os seus deveres sem apego, dependendo do Senhor — como a criada que faz tudo para o seu patrão, mas sabe no seu coração que a sua casa é noutro lado. Isto é conhecido como *Karma-Yoga*. Deve-se, na medida do possível, tomar o nome do Senhor e meditar n'Ele,

enquanto se desincumbe dos deveres quotidianos de uma forma desapegada."

Terceiro, Sri Ramakrishna realizou o desejo da Mãe de que, através dele, Ela fundaria uma nova Ordem, compreendendo aqueles que defenderiam as doutrinas universais ilustradas na sua vida.

Por último, a sua perceção espiritual dizia-lhe que aqueles que estavam a ter o seu último nascimento — aqueles que tinham invocado sinceramente o Senhor pelo menos uma vez — deviam vir a ele. O leitor tem a liberdade de tomar esta afirmação num sentido universal ou de uma forma mais pessoal, conforme preferir.

Lutos

Por esta altura, Rameswar, que era o chefe e o sustento financeiro da família Chatterji, faleceu em Kamarpukur, para onde tinha ido descansar e recuperar, deixando dois filhos e uma filha. Rameswar estava preparado para o fim, pois fora avisado antes de deixar Dakshineswar por Sri Ramakrishna de que nunca mais regressaria. De acordo com os seus desejos, o seu corpo foi cremado à beira da estrada, para que as suas cinzas pudessem ser tocadas pelos pés dos transeuntes devotos.

Rameswar possuía um coração real que nunca conseguia dizer "não" a qualquer *Sannyasin* ou Faquir. Chegou a dar os utensílios da casa, pois era sua profunda crença que nenhum homem que tivesse o bem-estar dos outros no coração poderia alguma vez sofrer de privação. Naturalmente, foi amplamente pranteado. O seu filho Ramlal sucedeu-lhe no templo de Dakshineswar.

Quando a triste notícia chegou a Dakshineswar, Sri Ramakrishna ficou grandemente preocupado com a sua idosa mãe. Chandra Devi estava muito velha e sofrera muitos lutos, e este novo golpe poderia ser demais para ela. Rezou à deusa no templo de Kali para sustentar a sua mãe nesta aflição. Depois foi ter com ela, com lágrimas nos olhos, e deu-lhe a triste notícia.

Ficou agradavelmente surpreendido ao constatar que ela a recebeu com inteira calma, observando: “Este mundo é irreal. Todos têm de morrer um dia ou outro. Por isso, é inútil prantear.” Viu que, em resposta à sua oração, a Mãe Divina elevara a mente dela a um tom elevado, e agradeceu-Lhe novamente pela Sua bondade e por o libertar da ansiedade.

A Mãe Santa veio a Dakshineswar pela segunda vez, provavelmente em abril de 1874. Fez a viagem na companhia de um grupo de mulheres peregrinas da sua aldeia, que desejavam banhar-se no Gange, em Calcutá, durante um eclipse que se aproximava. Ela foi ficando gradualmente para trás, por ser incapaz de caminhar depressa. Disse às restantes que não esperassem por ela, mas que seguissem para Tarakeswar, onde se reuniria a elas no dia seguinte. Todas, exceto duas mulheres idosas, seguiram viagem.

O caminho conduzia através de extensas terras desertas, célebres por salteadores. A noite estava a cair e a Mãe Santa e as suas companheiras começavam a ficar nervosas e a perguntar-se o que fazer, quando viram um homem alto e moreno, com um longo bastão, aproximar-se a passo rápido. Ficaram muito assustadas a princípio, pensando que poderia ser um bandido, mas quando ele se aproximou delas e explicaram o seu dilema, ele ofereceu a sua proteção e a da sua esposa, que o vinha a seguir, e escoltou-as até à aldeia vizinha. Na manhã seguinte, ele e a esposa acompanharam-as até Tarakeswar, onde se reuniram ao resto do grupo. A Mãe Santa ficou cheia de gratidão pela bondade deles, tratou-os por pai e mãe e fez-lhes prometer que a viriam ver a Dakshineswar. Eles cumpriram a palavra e visitaram a Mãe Santa uma série de vezes no jardim do templo, onde conheceram Sri Ramakrishna, que os tratou com muita bondade.

Em Dakshineswar, ela vivia nos seus antigos aposentos, a sala de concertos, com a sogra. Era demasiado pequeno para duas pessoas, e Sambhu Charan construiu uma cabana para ela num pedaço de terra adjacente ao jardim do templo. O Capitão Viswanath Upadhyaya — outro devoto, de quem falaremos em

breve — forneceu a madeira necessária. A Mãe Santa mudou-se para a sua nova cabana, onde tinha uma criada para a ajudar.

Todos os dias cozinhava a comida de Sri Ramakrishna e trazia-lha ao templo. O Mestre costumava passar ali algum tempo todos os dias. Apenas uma vez, devido à chuva forte, ficou lá a passar a noite. Após um grave ataque de disenteria, ela regressou a Jayrambati, provavelmente em setembro de 1875. Pouco depois, teve uma recaída grave e a sua condição tornou-se crítica. Sri Ramakrishna ficou triste ao saber disso e disse a Hriday: "Bem, Hriday, e se ela morrer sem atingir o objetivo da vida humana?"

Na sua extremidade, Sarada Devi foi secretamente ao templo da deusa local, Simhavahini, e ali jazeu sem comida, determinada a pôr fim à vida se não fosse curada. Algumas horas mais tarde, recebeu um medicamento que a curou em poucos dias.

Alguns meses após a partida da Mãe Santa de Dakshineswar, um acontecimento importante teve lugar no templo de Kali. Foi o falecimento de Chandra Devi, em março de 1876, no quadragésimo aniversário de Sri Ramakrishna. Ela estava muito velha e, havia já algum tempo, a idade roubara-lhe grande parte dos seus poderes físicos e mentais, embora ainda mantivesse a sua força espiritual. Hriday deu o seguinte relato da sua morte.

Um dia, estava prestes a partir para a sua aldeia natal quando sentiu uma estranha hesitação, como se a sombra de algum perigo iminente pairasse sobre ele. Falou disso a Sri Ramakrishna, que o aconselhou a não ir. Três dias passaram calmamente. Todos os dias Sri Ramakrishna passava algum tempo com a mãe e atendia às suas necessidades. Na quarta noite, fez-lhe a sua visita habitual e permaneceu com ela até à meia-noite, deixando-a bastante bem. Na manhã seguinte, a porta dela permaneceu fechada até às 8 horas, o que era invulgar.

A criada chamou, mas não obteve resposta; ao encostar o ouvido à porta, assustou-se ao ouvir uma respiração estertorosa. Correu a informar Sri Ramakrishna e Hriday. Este último apressou-se a ir ao local, abriu a porta e encontrou a velha senhora inconsciente. Quantidades mínimas de leite e água do Gange

mantiveram-na viva durante três dias. Quando chegaram os seus últimos momentos, ela foi levada para a margem do Gange. Sri Ramakrishna fez uma oferenda de flores aos seus pés, e a sua alma partiu pacificamente.

Sendo um *Sannyasin*, ele não realizou os ritos fúnebres; estes, bem como a cerimónia de *Sradh*, foram realizados pelo seu sobrinho, Ramlal. Mais tarde, Sri Ramakrishna teve o desejo de fazer oferendas de água (*Tarpana*) à sua mãe, como faziam os outros filhos, mas os seus dedos ficaram rígidos e separados, de modo que toda a água escorria. Tentou uma e outra vez, mas sem sucesso, pelo que chorou. Mais tarde, soube por um homem versado nas escrituras que, numa certa etapa de progresso espiritual, o *Sadhaka* fica liberto dos deveres ordinários prescritos e não os consegue realizar.

Sambhu Charan Mallik, de cuja devoção a Sri Ramakrishna já temos conhecimento, sucumbiu à diabetes por esta altura. A sua esposa era a sua digna parceira e serviu Sri Ramakrishna e a Mãe Santa com grande fidelidade. O Mestre foi vê-lo no seu leito de morte e, no regresso, observou a Hriday: "O azeite do candeeiro de Sambhu acabou." As suas palavras, infelizmente, revelaram-se demasiado verdadeiras. Nobre e temente a Deus, Sambhu manteve a coragem até ao fim.

Apenas alguns dias antes da sua morte, observou alegremente a Hriday: "Não estou de todo ansioso com o fim. Estou pronto com a minha bagagem para a viagem!" Sambhu era uma daquelas grandes almas que a Mãe Divina mostrara a Sri Ramakrishna como sendo um dos seus e, no primeiro encontro, o Mestre reconheceu-o como tal. Sambhu, como costumava dizer, era o seu segundo *Rasaddar* ou fornecedor de necessidades, nomeado pela própria Mãe após a morte de Mathur para zelar pelo seu conforto.

A este propósito, temos de relatar um incidente da vida de Sri Ramakrishna que mostra quão profundamente o espírito de veracidade estava enraizado na sua natureza, e como, mesmo nos seus momentos de distração, a Mãe Divina o protegia. Sambhu tinha um dispensário para os pobres no seu jardim. Sabendo que

Sri Ramakrishna sofria frequentemente de diarreia, aconselhou-o a tomar algumas doses de ópio e ofereceu-se para lhe dar algum antes de ele partir. Sri Ramakrishna aceitou.

Mas, no decorrer da conversa, ambos se esqueceram disso. Após despedir-se, o Mestre deu alguns passos quando se lembrou do ópio. Ao voltar, constatou que Sambhu estava ocupado. Não querendo incomodá-lo, Sri Ramakrishna aceitou um pouco de ópio de um dos homens encarregados e partiu de novo para o templo de Kali. Mas, para sua surpresa, constatou que, embora estivesse perfeitamente familiarizado com o local, continuava a desviar-se por caminhos errados.

Olhando para trás, conseguia ver claramente o caminho que conduzia à casa de Sambhu, mas o caminho em frente não era claro. Maravilhado, voltou e partiu de novo para o jardim de Rani Rasmani, notando cuidadosamente o caminho. Novamente ficou confuso. Não conseguia encontrar o caminho certo e sentia também um impulso para trás. Após repetidas lutas, ocorreu-lhe subitamente que Sambhu lhe pedira para receber o ópio dele, não do seu agente, que não tinha o direito de o dar sem permissão. Poderia ter sido culpado de falsidade e roubo se a Mãe Divina o não tivesse detido! Por isso, atirou o embrulho de volta através de uma janela, gritando ao fazê-lo: "Olhem, estou a devolver o vosso ópio."

Agora, ao partir para o templo, conseguia ver o caminho claramente — não havia nenhum feitiço sobre a sua mente — e chegou em segurança. Referindo-se a este incidente, disse mais tarde: "É porque depositei toda a minha responsabilidade na Mãe que Ela me segura pela mão e nunca me permite desviar nem um centímetro que seja do caminho."

O Capitão Viswanath Upadhyaya, do Estado do Nepal, que acabámos de mencionar, descendia de uma linhagem de bravos e piedosos antepassados brâmanes. O seu pai era um *Subadar* no exército indiano e costumava adorar o Senhor Shiva mesmo no campo de batalha. Viswanath era um grande erudito e devoto. Tinha paixão pela leitura das escrituras e sabia a *Gita*, o

Bhagavata e o *Vedanta* de cor. Todos os dias adorava a sua Divindade Escolhida com escrupulosa atenção aos detalhes.

Era um funcionário distinto no Raj do Nepal e, na altura de que estamos a falar, estava encarregado do depósito de madeira do Estado, em frente a Calcutá. Certa vez, viu num sonho um homem rodeado por um círculo de luz a acenar-lhe para que viesse receber o mais elevado conhecimento espiritual. Não muito tempo depois, ouviu dizer que um grande devoto vivia no jardim de Rani Rasmani, em Dakshineswar. Partiu para o encontrar e, para seu total espanto, constatou que era o homem do seu sonho. Ficou tão atraído pelo Mestre que passou a noite ali. Sri Ramakrishna tratou-o como um velho amigo. Daí em diante, Viswanath visitava Dakshineswar frequentemente.

Era um homem amante da verdade. Uma vez, alguma madeira do seu depósito foi levada por uma maré no Gange, causando grande prejuízo ao Estado. Ele adiou a apresentação dos relatórios ao quartel-general nesse ano, na esperança de que o lucro do ano seguinte compensasse a perda. Uma versão distorcida da situação chegou às autoridades, e ele foi intimado a ir a Katmandu para dar explicações. Ficou assustado, mas resolveu dizer a verdade.

Antes de partir para o Nepal, veio a Dakshineswar e contou tudo ao Mestre. Sri Ramakrishna disse: "Tu não roubaste a madeira. Apresenta os factos reais às autoridades, e elas não poderão deixar de te perdoar. Não tenhas medo, a Mãe proteger-te-á." Viswanath sentiu grande alívio com esta garantia e partiu alegremente na sua viagem. A sua franca confissão das circunstâncias agradou ao Durbar, que o promoveu ao posto de Coronel e o enviou de volta a Calcutá como Embaixador.

O Mestre ainda vivia num elevado nível espiritual, mergulhando em *Samadhi* de vez em quando, permanecendo por vezes ali durante três dias seguidos. Viswanath compreendia os elevados estados espirituais do Mestre e passou a olhar para ele como o seu Guru. Um dia, disse a um amigo: "Li os Vedas e outras escrituras, também conheci uma boa quantidade de monges

e devotos em diferentes lugares, mas é na presença de Sri Ramakrishna que todos os meus desejos foram satisfeitos. Para mim, ele parece ser a personificação das verdades das escrituras. Tu também, estou certo, experimentarás isto com o tempo."

Keshab Chandra Sen e o Brahmo Samaj

Em março de 1875 — cerca de um ano antes do falecimento da sua mãe —, um acontecimento importante teve lugar na vida de Sri Ramakrishna, o qual estava destinado a produzir resultados de longo alcance. Foi o seu encontro com o célebre líder e pregador Brahmo, Keshab Chandra Sen, inegavelmente a maior figura do movimento Brahmo da época. Um grande erudito e eloquente orador de uma inclinação extremamente religiosa, Keshab avançou da posição de lugar-tenente do Maharshi Devendra Nath Tagore para a liderança da secção mais progressista dos Brahmos e fundou o Bharatvarshiya Brahmo Samaj.

O seu caráter e realizações tornaram-no o ídolo de um grande número de ardentes candidatos à verdade, e a sua influência sobre a juventude instruída da época era grande. Ouvindo falar da sua piedade, Sri Ramakrishna desejou conhecê-lo. Vira-o a meditar há muito tempo no Adi Brahmo Samaj e observara que, de todos os jovens ali presentes, ele era o único cuja meditação era bem-sucedida. Também tivera uma visão dele em *Samadhi*, na qual vira um pavão com um rubi na cabeça, a abrir a cauda. A cauda aberta, como disse mais tarde, significava os seguidores de Keshab, e o rubi a sua natureza *Rajasika*. Keshab encontrava-se nesta altura com alguns dos seus seguidores na casa de campo de Joygopal Sen, em Belgharia, a um par de milhas de Dakshineswar.

Uma tarde, Sri Ramakrishna, acompanhado por Hriday, foi na carruagem do Capitão Viswanath para o ver. Hriday entrou primeiro para anunciar a chegada do seu tio. Ouvindo dizer que um grande devoto viera para conversar com ele sobre assuntos espirituais, Keshab pediu a Hriday que o fizesse entrar. Sri

Ramakrishna estava vestido com simplicidade, com um *Dhoti* de cercadura vermelha, cuja extremidade estava lançada sobre o ombro esquerdo.

Keshab e os outros Brahmos a princípio nada encontraram de notável nele. Finalmente, Sri Ramakrishna disse: "Ouço dizer que o senhor viu Deus, por isso vim aqui para ouvir falar sobre o assunto." A conversa que se seguiu manteve Keshab e os seus seguidores sob o seu encanto. Sri Ramakrishna cantou então uma canção de Kali, a Mãe, com o seu fervor habitual, no decurso da qual caiu em *Samadhi*. Keshab e os outros não ficaram muito impressionados com este transe, visto que tais estados lhes eram familiares.

Mas quando viram Hriday trazer o seu tio de volta à consciência ordinária através da entoação do sagrado Om nos seus ouvidos, ficaram maravilhados. O rosto de Sri Ramakrishna irradiava um brilho divino. Seguiu-se uma torrente de palavras inspiradoras, que foram direto ao coração dos ouvintes. Falou das inúmeras manifestações de um único e mesmo Deus infinito, ilustrando-o pelas seguintes parábolas:

"Alguns homens cegos por acaso depararam-se com um elefante. Alguém lhes disse o que era e pediu-lhes que o descrevessem conforme lhes parecia. Aquele que tocou na perna disse: 'O elefante é como uma coluna.' O segundo disse: 'O elefante é como uma peneira.' Ele sentira uma das suas orelhas. Da mesma forma, aqueles que tinham tocado na sua tromba ou barriga deram opiniões diferentes. Assim acontece com Deus, cada um O concebe de acordo com a sua experiência.

"Um homem que vira um camaleão debaixo de uma árvore regressou e disse: 'Vi um belo camaleão vermelho debaixo da árvore.' Outro disse: 'Eu estive lá antes de si. O camaleão não é vermelho, mas sim verde. Vi-o com os meus próprios olhos.' Um terceiro disse: 'Eu também o conheço bem. Vi-o antes de qualquer um de vós, e não era vermelho nem verde, mas sim — e vi-o com os meus próprios olhos — era azul.'

Outros declararam que era amarelo, ou cinzento, e assim por diante. Cedo começaram a disputar entre si sobre quem estava correto. Um homem que passava perguntou qual era o problema. Quando lho contaram, disse: 'Eu vivo debaixo dessa mesma árvore e conheço bem o camaleão. Todos vós tendes razão, cada um de vós. O camaleão às vezes é verde, às vezes é azul, assume todas as cores sucessivamente e, às vezes, é absolutamente incolor.'"

Ele ridicularizou a tentativa da mente humana de sondar a natureza de Deus, comparando-a a uma formiga que desejasse carregar uma colina inteira de açúcar na boca. É a graça de Deus, disse ele, que conduz à realização. Havia algo na maneira do seu discurso que convenceu Keshab de que Sri Ramakrishna deveria ter visto realmente Deus.

Estupefacto e perplexo, Keshab Chandra, o sumo sacerdote do culto Brahmo, sentiu-se como uma criança diante deste homem de realização e escutou-o com a máxima reverência. Abriu as portas do seu coração, e cada palavra proferida pelo Mestre encontrou ali um lugar permanente. No fim do discurso, o Mestre disse a Keshab: "A sua cauda caiu." Constatando que o público não o compreendia, explicou: "Devem ter visto girinos. Enquanto têm cauda, têm de viver na água; mas quando esta cai, conseguem viver tanto na terra como na água.

Da mesma forma, enquanto um homem tem a sua cauda de ignorância, só consegue viver no charco do mundo. Mas assim que perde a sua ignorância, consegue viver em Deus ou no mundo, conforme lhe agradar. A sua mente, Keshab, encontra-se agora num estado desses. O senhor consegue viver no mundo e desfrutar também da bem-aventurança divina." Após passar algumas horas agradáveis desta forma, Sri Ramakrishna despediu-se e regressou a Dakshineswar.

Keshab ficou profundamente atraído por Sri Ramakrishna. Desejoso de saber mais sobre ele, enviou alguns dos seus seguidores a Dakshineswar para observar Sri Ramakrishna e relatar. Ele, com alguns dos seus devotos, visitava o Mestre

frequentemente, e longas horas eram passadas em discussão espiritual.

Gradualmente, tornaram-se muito íntimos. Sri Ramakrishna às vezes visitava Keshab em Calcutá e, todos os anos, no aniversário do Brahmo Samaj, Keshab com o seu grupo ou visitava Dakshineswar ou convidava Sri Ramakrishna para o Samaj. Em muitas ocasiões, Keshab vinha a Dakshineswar com o seu bando de devotos num vapor especial, quer para visitar o Mestre no templo, quer para o levar a passear no Gange.

A profunda influência da cultura ocidental sobre Keshab não destruíra o seu amor e devoção a Deus. A sabedoria colhida do seu contacto com Sri Ramakrishna estava ele ansioso por partilhar com os outros, e encontramo-lo a expô-la em mensagens de esperança e força, não só do púlpito, mas também nas colunas de diferentes jornais, ingleses e vernáculos.

Um dia, em Dakshineswar, Sri Ramakrishna explicou a Keshab que Brama e o Seu poder escrutável eram uma única e mesma substância olhada de diferentes pontos de vista — como o fogo e a sua propriedade de queimar —, ambos igualmente verdadeiros. Isto Keshab compreendeu. Então o Mestre disse-lhe que Deus, o Seu devoto e as Suas palavras conforme encarnadas nas escrituras também eram uma única e mesma coisa — o que Keshab também admitiu. Mas quando Sri Ramakrishna disse que o guia espiritual, o Senhor e o devoto eram o mesmo, Keshab não o conseguiu acompanhar até aí. Por isso, o Mestre abandonou o assunto, não querendo perturbar a sua mente ao fazê-lo ir demasiado depressa. Através do contacto com Sri Ramakrishna, Keshab compreendeu gradualmente cada vez mais as verdades mais profundas da religião védica e empreendeu a disciplina necessária para as realizar.

Keshab tinha uma sincera admiração por Sri Ramakrishna. Sempre que visitava Dakshineswar, trazia consigo alguma oferenda em jeito de frutas, etc., que colocava reverentemente diante do Mestre e, sentando-se aos seus pés como um humilde discípulo, bebia as suas palavras de sabedoria.

Um dia, o Mestre disse-lhe por brincadeira: "Keshab, o senhor encanta as pessoas com a sua eloquência. Deixe-me também ouvir algo de si." Keshab respondeu modestamente: "Não devo andar a vender agulhas numa oficina de ferreiro. Antes pelo contrário, devo escutá-lo. São as suas palavras repetidas às pessoas que são tanto apreciadas."

No ano de 1878, Keshab casou a sua filha com o Maharaja de Cooch-Behar, antes de ela atingir o limite de idade de catorze anos, conforme estabelecido por ele próprio nas leis do Brahmo Samaj. Isto causou grande agitação no Samaj, e uma secção dos Brahmos separou-se dele e fundou um novo partido chamado Sadharan Brahmo Samaj. Sri Ramakrishna sentiu desgosto por este cisma e diz-se que observou: "O nascimento, a morte e o casamento são coisas que dependem da vontade de Deus.

Keshab cometeu um erro ao tentar colocar restrições rígidas e inflexíveis sobre o casamento." Se alguém criticava Keshab pela sua ação, o Mestre defendia-o dizendo: "Ora, o que há de tão errado nisso? Keshab é um chefe de família e, pelo casamento da filha, apenas desempenhou os deveres de um pai, sem ofender a religião." A reputação de Keshab, contudo, sofreu e, ferido no vivo, ele voltou a sua mente para dentro e esforçou-se, daí em diante, mais seriamente pela realização. Esta mudança na sua atitude refletiu-se no Samaj do qual era o chefe.

Sri Ramakrishna ajudou-o a mergulhar profundamente nas profundezas do reino espiritual. Keshab reconheceu a necessidade de auxílios externos, tais como a *Homa*, o batismo, a tonsura ou o uso da veste açafrão, e ele próprio adotou alguns deles. Compreendeu que grandes personagens como Buda, Sri Chaitanya ou Jesus viviam eternamente em formas espirituais, e cada um representava uma faceta da Verdade Eterna, um canal para a mesma corrente espiritual.

Para realizar esses ideais na sua própria vida, adotou um ou outro destes tipos e meditou sobre eles durante algum tempo. Escusado será dizer que a ação de Keshab se deveu ao facto de saber que Sri Ramakrishna passara por um processo semelhante

durante o seu período de *Sadhana*. Durante um par de anos, tentou assimilar o ideal universal de Sri Ramakrishna — de que cada religião era um caminho para Deus — e, ao fim desse tempo, apresentou ao público a sua compreensão do mesmo, sob o nome de Nova Dispensação.

Faltam as palavras para descrever a reverência que sentia por Sri Ramakrishna. Se o Mestre vinha ao Brahmo Samaj enquanto Keshab conduzia os serviços, este interrompia o sermão e descia do púlpito para o saudar. Na sua casa, um dia, mostrou a Sri Ramakrishna todos os locais onde se sentava, jantava, se deitava ou estudava, e pediu-lhe que os abençoasse, para que sugerissem sempre pensamentos santos à sua mente. Diz-se mesmo, de fonte fidedigna[1], que levou o Mestre para o seu quarto de meditação e ali o adorou com flores.

Mas Keshab, deve dizer-se, não conseguiu assimilar o ideal de Sri Ramakrishna *in toto*. Pois a Nova Dispensação que pregava era uma religião eclética, uma recolha das melhores coisas de muitas religiões, ao passo que o ideal de Sri Ramakrishna era permitir que cada um seguisse a sua própria inclinação — fosse ela qual fosse — de forma sincera e convicta, sem interferências.

Não foi apenas Keshab Chandra Sen, mas toda a secção mais progressista do movimento Brahmo, compreendendo o Navavidhan e o Sadharan Brahmo Samaj, que foi profundamente influenciada pelo contacto com Sri Ramakrishna. Os membros de ambas as secções viam-no juntar-se sem reservas às suas orações e cânticos, e concluíram naturalmente que ele era um deles.

Tendo realizado Deus nos Seus diferentes aspetos, tanto relativos como Absoluto, Sri Ramakrishna não sentia dificuldade em guiar estes devotos ao longo das suas próprias linhas, removendo ao mesmo tempo os seus preconceitos para que pudessem concentrar toda a sua energia na busca de Deus. Sabendo que eles não seriam capazes de seguir os seus ensinamentos na sua totalidade, dizia-lhes para colherem o que pudessem e rejeitarem o resto.

O Brahmo Samaj beneficiou muito da influência de Sri Ramakrishna. Foi ele quem incutiu nos Brahmos a ideia da maternidade de Deus. Até então, as suas orações consistiam principalmente em louvar os Seus muitos atributos. Sri Ramakrishna ensinou-os a amar Deus com mais intensidade. "Porque vos detendes tanto nas glórias de Deus?", disse ele um dia, dirigindo-se a Keshab e a alguns dos seus seguidores. "Acaso um filho, quando está com o pai, pensa nas posses do pai — as suas casas, jardins, cavalos e gado? Pelo contrário, pensa no amor do seu pai. Sabe que é próprio de um pai sustentar os seus filhos e zelar pelo seu bem-estar. Somos todos filhos de Deus.

Por isso, o que há a estranhar no Seu cuidado paternal para connosco? O verdadeiro devoto nunca pensa nessas coisas. Olha para Deus como algo inteiramente seu — o seu mais próximo e querido — e diz com audácia: 'Tens de satisfazer os meus desejos, tens de Te revelar a mim.' Se vos detendes tanto nas Suas glórias, não conseguis pensar n'Ele como vosso, nem vos conseguis sentir íntimos com Ele. Ficais intimidados pela Sua majestade. Ele já não está perto. Não, não, deveis pensar n'Ele como o vosso mais próximo e querido. Só assim O conseguireis realizar."

Os Brahmos ganharam uma ideia mais ampla e abrangente sobre Deus com os ensinamentos de Sri Ramakrishna. Ele costumava dizer-lhes: "Ninguém pode limitar Deus dizendo que sabe tudo sobre Ele. Ele tem forma e, ao mesmo tempo, é sem forma. Quem sabe quantos aspetos Ele tem!" Àqueles que pensavam que Deus não podia ter forma, que era um pecado adorá-Lo através de qualquer imagem ou símbolo, Sri Ramakrishna dizia: "É verdade que a água é sem forma. Mas quando está congelada em gelo, tem uma forma definida. Do mesmo modo, o Brama sem forma assume várias formas sob a influência da devoção de um candidato. Tal como uma maçã de brincar sugere a alguém a maçã real, ou uma fotografia recorda a alguém o pai ausente, assim as imagens ou símbolos ajudam o devoto a ter a visão de Deus como Ele realmente é."

Os Brahmos começaram a compreender que havia muito significado por trás da adoração de imagens — uma prática que costumavam chamar de idolatria. Com Sri Ramakrishna aprenderam que Brama e a Sua manifestação são inseparáveis. Sendo ideias correlacionadas, cada uma pressupõe a outra. Perceberam que um homem caía no mesmo erro ao dizer que Deus é apenas sem forma, tal como o homem que tenta confiná-Lo a uma determinada imagem ou símbolo. Qualquer conceção de Deus, tomada isoladamente, representa apenas um dos Seus aspetos.

Na realidade, Deus — imanente no universo — é o Seu aspeto com forma, sem forma, mas ainda dotado de atributos. Ele é chamado o Isvara, o Criador, Preservador e Destruidor do universo; e, como a Realidade Transcedente, o Absoluto, sem formas ou atributos. Ele é o substrato de tudo o que é finito, de tudo o que é concebível, incluindo até a ideia do Isvara. É claro para qualquer pessoa que pense minimamente que essa compreensão abrangente da Verdade acabará por conciliar todas as seitas e denominações.

Pratap Chandra Majumdar, associado de Keshab, sumariou a maravilhosa versatilidade do caráter de Sri Ramakrishna num artigo esclarecedor publicado na *Theistic Quarterly Review*. Escreveu ele:

"Qual é a sua religião? É o hinduísmo ortodoxo, mas um hinduísmo de um tipo estranho. Ramakrishna Paramahamsa (pois este é o nome deste santo) não é adorador de nenhum deus hindu em particular. Não é um shivista, não é um shakta, não é um vaishnava, não é um vedantista.

No entanto, é tudo isso. Adora Shiva, adora Kali, adora Rama, adora Krishna e é um defensor confirmado das doutrinas vedânticas. É um idólatra, mas é um meditador fiel e devotadíssimo das perfeições da única Divindade sem forma e infinita, a quem chama *Akhanda Sachchidananda* (Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Indivisível). Para ele, cada uma destas divindades é uma força, um princípio encarnado que tende

a revelar a relação suprema da alma com esse Ser eterno e sem forma que é imutável na Sua bem-aventurança e luz de sabedoria.

Estas encarnações, diz ele, não passam de forças (*Sakti*) e dispensas (*Lila*) do eternamente sábio e bem-aventurado *Akhanda Sachchidananda*, que nunca pode ser mudado ou formulado, que é um oceano infinito e eterno de luz, verdade e alegria. Enquanto nos for poupado, sentar-nos-emos de bom grado aos seus pés para aprender com ele os sublimes preceitos de pureza, desapego do mundo, espiritualidade e embriaguez no amor de Deus."

O mesmo escritor afirma noutro artigo: "Ele, através da sua *Bhakti* infantil, através das suas fortes conceções de uma maternidade sempre presente, ajudou a desenvolvê-la (Deus como nossa Mãe) nas nossas mentes de forma maravilhosa. Ao associarmo-nos com ele, aprendemos a realizar melhor os atributos Divinos espalhados pelos 330 milhões de divindades da Índia mitológica, os deuses dos Puranas." Este testemunho serve para mostrar como Sri Ramakrishna revolucionou, em muitos aspetos, a perspetiva espiritual dos Brahmos.

Outro grande homem do Brahmo Samaj que se sentiu atraído pela personalidade magnética de Sri Ramakrishna foi o Pundit Vijay Krishna Goswami. Ele descendia do grande Advaita Acharya, uma das figuras mais proeminentes do grupo de Sri Chaitanya. Criado em ambientes ortodoxos, Vijay desenvolveu cedo uma paixão pela verdade e pela vida espiritual.

Como muitos outros candidatos à verdade da sua época, entrou em contacto com o Maharshi Devendra Nath Tagore e, mais particularmente, com Keshab Chandra Sen, por quem foi profundamente influenciado. Por amor à verdade, cortou relações com os seus familiares e com as insígnias e privilégios de um brâmane para se tornar um partidário convicto de Keshab e do seu Brahmo Samaj. Mas, após o casamento de Cooch-Behar, separou-se de Keshab. Ardia com uma paixão por realizar Deus e, quando entrou em contacto com Sri Ramakrishna, ficou profundamente impressionado com a sua santidade. Cedo se tornaram amigos. Como o Mestre desejava vê-lo frequentemente, ele visitava

Dakshineswar sempre que tinha tempo livre. Esta associação com Sri Ramakrishna teve o efeito de intensificar o seu anseio por Deus.

No decurso dos seus exercícios devocionais, teve várias experiências que lhe devolveram a fé nas diferentes formas da Divindade, as quais, sob a influência Brahmo, considerara superstições. A sua reverência por Sri Ramakrishna era sem limites, e ele reconhecia abertamente a sua profunda dívida para com ele. Por vezes, embora separado do Mestre por centenas de milhas, era abençoado com visões extraordinárias dele.

Embora Keshab e Vijay se tivessem tornado chefes de partidos rivais, Sri Ramakrishna olhava para eles e para os seus partidos com a mesma ternura e amor. Ficava dolorosamente entristecido com o mal-entendido entre eles e tentava efetuar uma reconciliação.

Constatando que os seus pontos de vista já não coincidiam com os do Brahmo Samaj, Vijay cortou a sua ligação com este e seguiu, na solidão, um rumo de prática espiritual independente. O Pundit Sivanath Sastri ocupou o seu lugar. Este também teve a dita de entrar em contacto com Sri Ramakrishna, sobre quem deixou algumas reminiscências pessoais no seu livro intitulado *Men I have seen*.

Foi no ano de 1875, enquanto exercia funções como diretor de uma escola de Calcutá, que viu o Mestre pela primeira vez em Dakshineswar. “Estou tão encantado por conhecê-lo”, disse Sri Ramakrishna, “não quer vir ver-me de vez em quando?” Sivanath ficou muito impressionado com a sua simplicidade e devoção e, após muitas visitas, a relação entre ambos tornou-se muito estreita. Sivanath ficava maravilhado ao constatar que o Mestre traduzira em ações a sua grande ordem quanto ao desapego do prazer e da riqueza[2]. “Estive presente”, escreve ele[3], “em ocasiões em que moedas foram colocadas na sua mão por um visitante curioso, a título de experiência. O santo entrava num dos seus transe habituais e permanecia inconsciente até que elas fossem removidas.”

A religião de Sivanath não exigia que um homem renunciasse ao mundo por completo. Procurava conciliar o mundo e Deus. Por isso, era difícil para ele compreender todo o significado da vida de Sri Ramakrishna, de uma pureza irrepreensível e renúncia ao prazer. Ele escreve: "Ramakrishna estava praticamente separado da sua esposa, que vivia na sua casa de aldeia.

Um dia, quando eu me queixava a alguns amigos sobre a viuvez virtual da sua esposa, ele puxou-me para um lado e sussurrou-me ao ouvido: 'Porque te queixas? Isso já não é possível, está tudo morto e acabado.' Outra vez, como eu estivesse a atacar esta parte do seu ensinamento, e a declarar também que o nosso programa de trabalho no Brahmo Samaj inclui as mulheres, que a nossa é uma religião social e doméstica, e que queremos dar educação e liberdade social às mulheres, o santo ficou muito excitado, como era seu hábito quando se afirmava algo contra a sua convicção firmada — um traço de que tanto gostávamos nele — e exclamou: 'Vai, seu tolo, vai e perece no poço que as tuas mulheres vão cavar para ti.' Depois, olhou-me fixamente e disse: 'O que faz um jardineiro com uma planta jovem? Não a cerca com uma sebe, para a proteger das cabras e do gado? E quando a planta jovem cresceu e se tornou uma árvore e já não pode ser danificada pelo gado, não remove ele a sebe e deixa a árvore crescer livremente?' Respondi: 'Sim, esse é o costume dos jardineiros.' Então ele observou: 'Faz o mesmo na tua vida espiritual; afasta-te das mulheres no início dessa vida; torna-te forte, cresce por completo, e depois podes procurá-las.' Ao que respondi: 'Não concordo consigo quando pensa que o trabalho das mulheres é como o do gado, destrutivo; elas são as nossas companheiras e auxiliares em todas as nossas lutas espirituais e progresso social' — uma perspetiva com a qual ele não pôde concordar, e marcou a sua divergência abanando a cabeça. Depois, referindo-se à hora de encerramento, observou por gracejo: 'Está na hora de partires; acautela-te, não te atrasas, senão a tua mulher não te admite no quarto dela.' Isto evocou uma gargalhada geral."

Nas suas reminiscências, o Pundit Sivanath fala em termos elogiosos do amor de Sri Ramakrishna por ele. Em muitas ocasiões, o Mestre apertou-o contra o peito e pediu-lhe uma e outra vez que viesse a Dakshineswar. Uma vez, quando ele não veio após repetidos convites, o Mestre foi a casa dele para o ver. Tal era o seu amor intenso por todos os que tentavam levar uma vida religiosa. Mas, apesar da sua estreita intimidade, o Pundit Sivanath tinha uma ideia estranha sobre o estado transcendental do Mestre ou a perda de consciência externa em *Samadhi*. Via nisso apenas o resultado de "um estranho distúrbio nervoso, sob o qual, sempre que havia alguma emoção forte ou excitação, ele desmaiava, perdendo a consciência por algum tempo, enquanto todo o seu semblante assumia um brilho radiante, como um sinal da emoção a operar no seu interior". Ouvira falar das grandes austeridades de Sri Ramakrishna, especialmente no que respeitava à comida e ao sono, e concluiu, por isso, que os seus trances não passavam do efeito posterior da vida austera que levara durante a juventude.

Não obstante, classificou estes "ataques" de Sri Ramakrishna com os de Chaitanya, Maomé e muitos outros santos de temperamento devocional. Pensando que a excessiva intimidade com Sri Ramakrishna fora responsável pela revolução espiritual na mente de Vijay, que o fizera deixar o Brahmo Samaj, Sivanath estava ansioso por afastar esta influência pouco saudável, como pensava que era, do seu Samaj.

Perguntado sobre a razão pela qual já não frequentava o templo de Kali em Dakshineswar, respondeu que, se o fizesse, outros membros do seu Samaj seguiriam o seu exemplo e, como resultado, a organização desmoronar-se-ia. Sri Ramakrishna ouviu falar das opiniões de Sivanath e, vendo-o um dia em Dakshineswar, disse-lhe: "Bem, Sivanath, ouço dizer que chamas ao meu *Samadhi* uma doença e dizes que fico inconsciente nessa altura. Tu pensas dia e noite em todo o tipo de coisas materiais e, no entanto, consideras-te de cérebro são, ao passo que eu, que

medito na Fonte Eterna da Consciência, te pareço demente! Uma bela peça de raciocínio!" Sivanath nada teve a dizer.

Uma característica marcante do caráter de Sri Ramakrishna era a sua extrema simplicidade e o repúdio absoluto pela ostentação. Era o filho da Mãe — um instrumento sobre o qual a Mãe Divina tocava. Exceto em estados de exaltação, quando perdia a sua própria individualidade na personalidade absorvente da Mãe, não conseguia suportar ouvir-se elogiar. Outro ponto de importância em ligação com ele era que era, literalmente, tudo para todos os homens.

Aqueles que privavam de perto com ele conheciam centenas de casos em que ele adaptava a sua conversa à mentalidade da pessoa a quem se dirigia. Por exemplo, nunca falava de *Jnana* a um *Bhakta*. Se estivesse a discorrer sobre a irrealidade da vida com um *Jnani* e por acaso entrasse um *Bhakta*, mudava de assunto imediatamente e falava do mundo como sendo real, a manifestação do Senhor! Pois sabia que, ao passo que o *Jnani* não levantaria objeções à interpretação do mundo do ponto de vista de *Bhakti*, o devoto poderia ficar chocado ao ouvir dizer que o universo era irreal.

A sua única ideia era ajudar cada um em direção à meta, sem perturbar a sua linha de pensamento particular. Isto tornava-o querido por todos; cada um via nele o cumprimento do seu próprio modo de *Sadhana*, e ele era, na realidade, a consumação de todos eles. A seguinte citação do livro de Sivanath ilustra o ponto. "Estava sentado com ele", escreve, "quando chegou uma quantidade de homens ricos de Calcutá. O santo, a meio da conversa, saiu do quarto por alguns minutos."

[1]: O Pundit Vijay Krishna Goswami relatou-o ao Swami Saradananda. [2]: Para evitar qualquer eventual interpretação errónea, é necessária uma palavra de explicação a respeito da expressão favorita de Sri Ramakrishna, *Kamini-Kanchana*, que significa literalmente mulher e ouro. Escusado será dizer que a usava num sentido geral, significando atração sexual e riqueza.

O uso da palavra *Kamini* não implica qualquer ódio pelas mulheres. Usava-a porque se dirigia a homens. Quando se dirigia a mulheres, substituía sempre pela palavra *Purusha* ou homem, mostrando claramente que se referia ao instinto sexual. Por vezes, usava na verdade a frase mais abrangente *Kama-Kanchana*, ou seja, prazer e ouro. [3]: Por falta de espaço, a citação que se segue foi condensada.

Entretanto, Hriday, seu sobrinho e cuidador, começou a elogiar o tio diante destes homens, narrando algumas das suas grandes proezas. Referindo-se ao período de maior fervor dele, disse: «Tão grande era o seu amor por Deus, que ficou insensível a todas as circunstâncias fundamentais da vida, aparentemente morto para todos os acontecimentos externos, durante algum tempo.» Mesmo nesse momento, Sri Ramakrishna entrou no quarto.

Ouviu as últimas palavras de Hriday e repreendeu-o por tentar engrandecê-lo diante dos outros. Lembro-me vivamente destas palavras: «Que criatura mesquinha deves ser para me elogiar assim diante destes homens ricos! Viste as suas vestes dispendiosas e os seus relógios e correntes de ouro, e o teu objetivo é extrair deles o máximo de dinheiro que puderes. Que me importa a mim o que eles pensam de mim?» Depois, voltando-se para os homens, disse: «Não, meus amigos, o que ele vos contou a meu respeito não é verdade; não foi o amor por Deus que me tornou absorto e indiferente à vida externa; fiquei positivamente louco durante algum tempo. Os Sadhus que frequentavam este templo disseram-me para praticar muitas coisas. Tentei segui-los e a consequência foi que as minhas austeridades me levaram à loucura.» O Pundit Sivanath tomou estas palavras à letra e, por isso, não conseguiu compreender o seu verdadeiro significado.

Mas ele tinha um respeito sincero pelo Mestre. Escreve: «Raras vezes encontrei outro homem no qual a fome e a sede de vida espiritual fossem tão grandes e que tivesse passado por tantas privações e sofrimentos nas práticas religiosas. Fiquei convencido

de que ele já não era um Sadhaka ou um devoto em exercício, mas sim um Siddha Purusha ou alguém que tinha alcançado a visão direta da verdade espiritual. O meu conhecimento com ele, embora curto, fortaleceu muitos pensamentos espirituais em mim. Devo-lhe uma dívida de gratidão pelo afeto sincero que me dedicou. Foi certamente uma das personalidades mais marcantes que encontrei na vida.»

Outro líder Brahmo que beneficiou do contacto com Sri Ramakrishna foi Trailokya Nath Sanyal, o famoso cantor e compositor do Samaj de Keshab, mais conhecido pelo pseudónimo de Chiranjiv Sarma. Sentia-se profundamente atraído pelo Mestre, que também gostava dele. As suas emoções ao vê-lo tão frequentemente no estado de supraconsciência forneceram-lhe temas para muitas canções devocionais, que mais tarde tocaram milhares de corações em Bengala.

Surgiam situações divertidas de vez em quando. Apresentamos aqui um exemplo, embora o incidente tenha acontecido alguns anos mais tarde. Trailokya Nath escreveu uma biografia de Keshab, na qual dizia que Sri Ramakrishna, após o seu contacto com Keshab, modificara as suas perspetivas sobre a vida de quem constitui família; que admitia ser possível alcançar a espiritualidade mesmo vivendo no mundo. Os devotos do Mestre — dos quais já havia um bom número por essa altura — queriam ver este ponto esclarecido. Um dia, Trailokya encontrou o Mestre em casa de Balaram Bose (ouviremos falar dele mais tarde) em Calcutá, e Girish Chandra Ghose, o ator e dramaturgo, levantou o assunto.

Sri Ramakrishna (para Trailokya e outros): Para quem alcançou a bem-aventurança de Deus, o mundo sabe a falta de sal. Quem possui um xaile dispendioso já não quer saber de um pedaço de pano comum.

Trailokya: Estou a falar apenas dos homens de família, não dos monges.

Sri Ramakrishna: «O que é tudo isso que estás a dizer? Aqueles que defendem a prática da religião a par da condução da

vida mundana, se provarem uma vez a bem-aventurança de Deus, perdem o gosto pelo mundo. Todo o seu entusiasmo pelo trabalho desaparece. Gradualmente, à medida que a bem-aventurança se torna cada vez mais intensa, ficam impossibilitados de trabalhar e procuram apenas essa bem-aventurança. Poderão os prazeres dos sentidos comparar-se à bem-aventurança de Deus? Assim que o homem a prova, corre desalmadamente atrás dela. Então, quem quer saber do mundo?

«Pode haver inumeráveis lagos, rios e mares cheios de água, mas o Chatak não beberá essa água, ainda que esteja a morrer de sede. Ficará à espera de uma gota de chuva sob a constelação de Swati.

«Qualquer outra água é como poeira para ele.»

«Falam em harmonizar a religião e o prazer! Quando um homem bebe apenas um pouco, consegue ver as coisas na sua devida ordem. Mas não é capaz de o fazer se estiver completamente ébrio.

«Quando um homem prova a bem-aventurança de Deus, nenhum outro prazer lhe agrada. Então, a conversa sobre a luxúria e a riqueza torna-se intolerável. O homem fica louco por Deus e não tem qualquer inclinação pelo dinheiro, etc.»

Trailokya: Se um homem vive no mundo, precisa de acumular algum dinheiro. Tem de praticar a caridade.

Sri Ramakrishna: O quê! Primeiro a acumulação de dinheiro e depois Deus! E quão grandes são a sua caridade e a sua bondade! Gastam milhares de rupias no

Uma ave indiana.

casamento das filhas, mas o vizinho do lado e a sua família podem estar a morrer de fome, e eles sentem relutância em dar-lhe um punhado de arroz, — têm de pensar muito antes de o fazer! Enquanto as pessoas morrem de fome, eles pensam: "Não importa se os vizinhos vivem ou morrem, isso pouco me importa, — que eu e a minha família vivamos bem." E falam em bondade para com todos os seres!

Trailokya: Entre os homens de família também há homens bons. Pundarika Vidyanidhi, o seguidor de Sri Chaitanya, era um homem de família.

Sri Ramakrishna: Ele tinha bebido da bem-aventurança de Deus até ao pescoço. Se tivesse bebido um pouco mais, não teria conseguido viver a vida de um homem de família.

Trailokya permaneceu em silêncio.

Girish: Então o que escreveu no seu livro está errado?

Trailokya: Ora, ele não admite que um homem possa ser religioso mesmo estando no mundo?

Sri Ramakrishna: Pode, mas deve viver nele após a obtenção do conhecimento, após a realização de Deus. Então permanece imune aos males do mundo.

Girish abordou então o tema da Encarnação Divina.

Trailokya: Deus encarna apenas nos Seus devotos. O Poder Infinito não se manifesta nem pode manifestar-se através do homem, por maior que ele seja.

Girish: Vós adorais as crianças como Brahmagopala — Deus sob a forma de rapazes — e não conseguis adorar um santo como Deus?

Sri Ramakrishna (para Trailokya): Por que trazes à conversa o Infinito? Se tiver de tocar em ti, preciso de tocar no teu corpo inteiro? Se quiser banhar-me no Ganges, preciso de tocar no rio inteiro desde Hardwar até à Ilha de Saugor? Enquanto existir o "eu", existe a dualidade. A Existência-Conhecimento-Bem-Aventurança Absoluta é um oceano, dentro do qual se encontra o jarro do "eu". Enquanto existir o jarro, a água parece estar separada — uma parte está dentro do jarro e a outra fora. Quando o jarro se quebra, há uma única massa de água, e isso não se pode exprimir em palavras. Quem o fará?

O Mestre falou então a sós com Trailokya. Disse: «Ora, tu já sentes a bem-aventurança de Deus, não é verdade?»

Trailokya: Não, senhor. Assim que me for embora, ficarei exatamente como estava antes. Agora estou num belo estado de espírito.

Sri Ramakrishna: Se um homem estiver calçado, não precisa de ter medo dos espinhos. Se tiver a convicção de que apenas Deus é real e tudo o resto é irreal, não precisa de temer a influência da luxúria e da riqueza.

Quando Trailokya saiu, o Mestre disse a Girish e aos outros: «Sabeis como eles são? Uma rã nasceu num poço. Nunca viu a terra. Por isso, não acreditava que existisse tal coisa como a terra! Eles não provaram a bem-aventurança de Deus e, por isso, falam do "mundo" e coisas do género. (Para Girish): «Por que perdes o teu fôlego a argumentar com eles?

Eles tentam alcançar tanto o mundo como Deus. A menos que tenham a experiência real da bem-aventurança divina, não conseguem compreendê-la. Não importa. Não têm culpa. Nem todos conseguem compreender o Absoluto. Apenas uma dúzia de Rishis apreciou Ramachandra. Nem todos O conseguem alcançar. Alguns consideram-no um homem comum e outros um santo, enquanto muito poucos O conhecem como uma Encarnação.

«As pessoas fazem ofertas de acordo com o seu capital. Um cavalheiro disse ao seu criado: "Leva este diamante ao mercado e diz-me que preços oferecem por ele. Primeiro, leva-o ao vendedor de beringelas." O criado assim fez. O vendedor de beringelas virou o diamante na mão e disse: "Dou-te nove seers de beringelas por ele." O criado disse: "Irmão, sobe só mais um pouco — oferece dez seers." O homem respondeu: "Não, já ofereci mais do que o preço de mercado. Se concordares, muito bem." O criado sorriu e, pegando no diamante, regressou ao seu senhor e apresentou o relatório. O cavalheiro disse: "Muito bem.

Agora vai ao mercador de tecidos. O outro homem negoceia apenas em beringelas, por isso o que pode ele saber sobre diamantes? O mercador de tecidos tem mais capital e gostaria de saber o que ele diz sobre o assunto." O criado foi ao mercador de tecidos e disse: "O que me dá por isto?" O homem disse: "É uma boa pedra e pode servir para fazer um belo adorno. Dou-te novecentas rupias por ela." O criado disse: "Não pode dar um pouco mais — digamos mil?"

O mercador de tecidos disse: "Não discutamos mais o assunto. Já ofereci mais do que o seu valor de mercado. Não posso dar-te mais do que novecentas." O criado regressou e narrou a sua experiência ao senhor, que disse: "Agora vai ao joalheiro. Vamos obter a cotação dele." O joalheiro olhou para o diamante e disse imediatamente: "Dou-te cem mil por ele!"

«Falam em levar uma vida religiosa enquanto vivem como homens de família. Mas isso é como um homem sentado num quarto fechado, com apenas um raio de luz a espreitar através de uma abertura no telhado. Consegue-se ver o sol se o telhado estiver por cima? De que serve um único raio de luz? A luxúria e a riqueza são o telhado. Consegue-se ver o sol sem retirar o telhado? As pessoas mundanas estão presas, por assim dizer, no quarto.

«Os Avataras e as pessoas do seu calibre são um grupo divino. Caminham ao ar livre. Nunca são apanhados pelo mundo — nunca ficam presos. O ego deles não é denso como o das pessoas mundanas. O ego destas últimas é como um recinto amuralhado com um telhado — nada do exterior se consegue ver. O ego do Avatara é fino, através do qual Deus está constantemente visível. Supõe que um homem está de pé junto a uma parede, em ambos os lados da qual existem extensões infinitas de espaço aberto.

Se houver um buraco na parede, esse homem consegue ver também o outro lado; e se o buraco for suficientemente grande, pode passar e repassar através dele. O ego do Avatara pode ser comparado a essa parede com um buraco muito grande. De qualquer um dos lados da parede, o Avatara tem uma visão da extensão infinita de espaço aberto do outro lado. Isto quer dizer que, embora encarnados em carne, estão sempre em Yoga. Além disso, sempre que desejam, podem ir para o outro lado para se fundirem em Samadhi. Se o buraco for suficientemente grande, podem passar e repassar através dele — podem descer para o plano dos sentidos a partir do estado de Samadhi.»

O contacto de Sri Ramakrishna com os membros do Brahmo Samaj deu-lhe a primeira oportunidade para estudar a mentalidade da comunidade instruída de Bengala, de onde surgiram mais tarde os principais instrumentos para a propagação das suas ideias. Nascido e criado num ambiente rural, e passando a sua juventude numa sucessão de tempestuosas Sadhanas, não tivera oportunidade de entrar em contacto com a classe média instruída, os pioneiros de todos os movimentos progressistas no país.

Sabia pouco sobre a influência em crescimento constante do Ocidente sobre as mentes do povo. A sua própria vida não fora tocada por isso. Alcançara o objetivo da vida seguindo os antigos métodos hindus. Era um hindu de hindus — para ele, a renúncia era a primeira e a última palavra na religião. Nisto não admitia qualquer
compromisso. Foram os Brahmos que primeiro lhe deram uma ideia de como o vento soprava. Viu que eles eram mais influenciados pelos filósofos do Ocidente do que pelos videntes e profetas da Índia. Por conseguinte, encontravam a maior dificuldade em aceitar plenamente as antigas verdades da religião hindu, embora a sua própria vida as ilustrasse vivamente.

Tinham feito uma estranha mistura de Deus e do mundo, que ele considerava difícil de desalojar das suas mentes. Não ficou de modo algum desanimado com este estado de coisas. Por trás disto também via a mão de Deus. Assim, com amor inabalável, contou aos Brahmos tudo sobre as suas realizações e transmitiu a essência dos seus ensinamentos, tais como a necessidade da renúncia, a busca sincera do próprio rumo de disciplina, a fé em Deus, o desempenho dos próprios deveres no mundo sem pensar nos resultados, e o discernimento entre o certo e o errado. Conhecendo as mentes deles, concedeu-lhes liberdade para aceitarem tanto ou tão pouco dos seus ensinamentos quanto quisessem. Pensava que isso seria suficiente dadas as circunstâncias. A sua ânsia de encontrar os filhos da renúncia da Mãe, que compreenderiam plenamente o seu ensinamento, aumentou cem vezes após esta experiência.

ÚLTIMA VISITA A KAMARPUKUR

Pouco depois do seu encontro com Keshab Chandra Sen, Sri Ramakrishna teve uma visão maravilhosa. Surgiu na sua mente o desejo de ver a procissão Sankirtan de Sri Chaitanya, para saber como era. Um dia, enquanto estava de pé fora do seu quarto, viu numa visão uma grande multidão de homens a avançar na direção de Panchavati para o portão principal do jardim do templo e a desaparecer gradualmente por trás das árvores. Viu que Sri Chaitanya, com os seus dois maiores companheiros, Nityananda e Advaita, avançava lentamente no meio daquela reunião, fora de si com fervor divino, enquanto a vasta multidão era também apanhada no turbilhão daquela onda avassaladora de espiritualidade. Alguns dançavam desalmadamente, enquanto outros ficavam estupefactos de alegria. A cena louca de cerca de quatro séculos atrás encenava-se novamente diante dos olhos do Mestre. Alguns rostos de entre esta congregação ficaram claramente gravados na sua mente e, mais tarde, ele identificou-os nalguns dos seus discípulos proeminentes. Isto levou-o a concluir que estes devotos deviam ter pertencido ao grupo de Sri Chaitanya.

Algum tempo depois disto, foi para Kamarpukur, pela última vez. Enquanto esteve lá, fez uma visita a várias aldeias e juntou-se ao Sankirtan que os Vaishnavas realizavam. O seu êxtase, resultando em frequentes Samadhi durante o cântico, atraía as pessoas; a notícia espalhou-se e muitos outros grupos de Sankirtan surgiram no local.

O espaço onde o Mestre estava alojado ficou repleto até à sua capacidade máxima com homens e mulheres, e o Sankirtan continuava dia e noite. Esta é a sua própria descrição do incidente: «Quando eu estava alojado em casa de Hriday, levaram-me a Shyambazar. Pouco antes de entrar na aldeia, tive uma visão de Sri Chaitanya, de onde compreendi que as pessoas da aldeia eram devotas de Chaitanya.

A atração do Sankirtan era tão grande que, durante sete dias e sete noites, houve uma reunião constante de pessoas. Durante todo o tempo ouvia-se música e dança, e nada mais. As pessoas subiam para o topo das paredes e das árvores para assistir à cena. Fiquei alojado na casa de Natabar Goswami, onde houve uma reunião semelhante ao longo do dia e da noite. De manhã, costumava escapar-me para a casa de um tecelão para um pouco de descanso, mas ali também a multidão logo me descobria e aparecia com os seus tambores e címbalos. Novamente o mesmo fenómeno! Costumávamos tomar banho e fazer as nossas refeições às três da tarde! O boato espalhou-se de que havia um homem que morrera sete vezes durante o dia e que voltara à vida outras tantas vezes! Para que eu não tivesse um ataque de apoplexia, Hriday costumava arrastar-me para um campo aberto, — mas ali também surgia a mesma nuvem de pessoas e o mesmo ruído de tambores e címbalos. Hriday repreendia-os, dizendo: "O que quereis dizer com perseguirem-nos desta maneira? Nunca ouvimos Sankirtans antes?" De aldeias distantes as pessoas costumavam vir e permanecer também durante a noite. Foi ali que compreendi como era a atração divina. Na comédia do Senhor na terra como uma Encarnação, a atração deve-se à influência de Yogamaya, o Poder inescrutável do Senhor, que lança um encanto sobre os corações de todos!»

Costumava relatar outras experiências interessantes durante a sua visita. «Os Goswamis locais (líderes Vaishnavas)», disse ele, «vieram brigar comigo. Pensavam que íamos exigir uma parte das suas quotas. Mas viram que eu não aceitava um único pedaço de pano ou sequer um pedaço de fio! Alguém me tinha descrito perante eles como um conhecedor de Brama.

Por isso, pensaram em testar-me, e um deles colocou a questão: "Por que não tem ele nenhum rosário ao pescoço e nenhuma marca denominacional na testa?" Foi respondido por um de entre eles próprios: "Eles caíram sozinhos, como os ramos secos de um coqueiro!"»

Com a candura que lhe era característica, reconhecia a origem da sua ilustração familiar sempre que dela fazia uso, e explicava como esta significava o desaparecimento espontâneo, com o erguer do Conhecimento, de todos os adereços por parte de quem procura a Verdade.

Ridicularizando o dogmatismo tolo, disse em mais do que uma ocasião: «Em Shyambazar e nas aldeias adjacentes há famílias de tecelões. Muitos deles são Vaishnavas, mas vejam só como falam! Perguntaram a meu respeito: "Qual é o Vishnu que ele aceita? O Vishnu que preserva o universo? Oh, esse está abaixo da nossa atenção! E qual é o Shiva? Bem, nós acreditamos no Atmarama Shiva, no Atmarameswara Shiva." Um deles sugeriu: "Bem, é melhor explicares-lhe qual é o Hari que tu adoras." Ao que outro retorquiu: "Meu amigo, por que nos arrastas para o assunto? Resolve tu isso." Eram meros tecelões de profissão e, mesmo assim, falavam de forma tão pretensiosa!»

Um ou dois incidentes acontecidos durante a estadia do Mestre em Kamarpukur, quer nesta quer nalguma ocasião anterior — pois visitava a sua aldeia natal quase todos os anos durante a época das chuvas —, merecem menção, dado que revelam alguns dos traços mais proeminentes do seu caráter. Certa vez, sofria de indigestão e tinha de alimentar-se de líquidos.

Uma noite, após tomar a sua ceia de leite e água de cevada, recolheu, tal como as senhoras da casa. De repente, a meio da noite, saiu do quarto com um andar cambaleante e chamou pelas mulheres: «Estais todas a dormir? Dais-me alguma coisa para comer?»

«Porquê? Já tomaste a tua chávena de leite e água de cevada», respondeu uma das senhoras.

«Quando é que fiz isso? Acabo de regressar de Dakshineswar», disse o Mestre.

As senhoras ficaram intrigadas. Perceberam que ele falava a partir de outro plano de consciência. Mas o que fazer perante tais circunstâncias? Não havia nada em casa que lhe pudessem oferecer. Uma delas atreveu-se a dizer: «Não há nada na despensa

a não ser um pouco de arroz tufado. Pode comer um pouco disso. Não lhe fará mal.» Dito isto, trouxe um pouco e ofereceu-lho, mas, como uma criança petulante, ele virou a cara e disse que não queria saber daquilo.

Tentaram em vão convencê-lo de que qualquer outro tipo de comida seria prejudicial. Por conseguinte, não tiveram outra alternativa senão comprar, àquela hora invulgar, uma quantidade de doces, e o Mestre comeu-os todos, bem como o prato de arroz tufado. Todos tremeram ao pensar no que esta refeição pesada lhe faria, mas na manhã seguinte, para grande surpresa e alívio de todos, encontraram Sri Ramakrishna melhor. O quilo de doces tinha-o curado!

Outra vez, quando estava hospedado na casa do seu sogro em Jayrambati, sentiu uma fome extrema durante a noite. Houvera um banquete durante o dia e quase tudo fora consumido. As senhoras ficaram muito preocupadas, pois restava apenas um pouco de arroz demolhado em água. Sri Ramakrishna comeu o arroz todo, o suficiente para pelo menos três homens. Evidentemente, encontrava-se num estado de espírito extraordinário, e foi por isso que tal não o afetou. Quão bem demonstrou Sri Ramakrishna, através destes atos aparentemente insignificantes, que a mente humana regula as funções do corpo para satisfazer as exigências da situação!

Já falámos antes sobre o fascínio da sua personalidade tanto para pessoas do sexo masculino como do feminino. Um dia, ia deslocar-se até à casa de Hriday, via Jayrambati. A sua constituição tornara-se tão delicada que não conseguia caminhar nem uma curta distância; por isso, trouxeram uma palanquim. Vestido com uma peça de seda escarlate, com um amuleto de ouro no braço, os lábios vermelhos do pastel de betel, era a imagem de uma graça primorosa.

Uma multidão reunira-se para se despedir dele. Quando estava prestes a entrar na palanquim, reparou na aglomeração e perguntou a Hriday a razão daquilo. «Bem», disse Hriday, «vais partir e eles não te vão ver durante alguns dias. Por isso, vieram

para te verem uma última vez antes da partida.» «Mas eles veem-me todos os dias», disse o Mestre, «que aspeto novo os atraiu em tão grande número hoje?» Hriday disse: «A questão é que ficas muito elegante com esta roupa e eles vieram ver-te.» Sri Ramakrishna ficou chocado ao ouvir que as pessoas se sentiam atraídas pela sua beleza física.

A própria ideia era-lhe repulsiva. «O quê», exclamou ele, «as pessoas a amontoarem-se para ver um homem! Não vou. Para onde quer que eu vá, as pessoas vão amontoar-se assim.» Regressou ao quarto e despiu a túnica com profundo desgosto. Apesar das súplicas de Hriday e de outros, recusou-se a sair naquele dia. A sua aversão pelas coisas materiais, incluindo a beleza pessoal, pode ver-se através desta simples história.

Após uma estadia de alguns meses em Kamarpukur, Sri Ramakrishna regressou a Dakshineswar. Entre os muitos visitantes que ali iam, encontrava-se um rico cavalheiro Marwari chamado Lakshmi Narayan, que nutria por ele uma grande estima. Um dia, reparou numa colcha suja na cama do Mestre e ofereceu-se imediatamente para depositar no banco, em nome dele, uma quantia de dez mil rupias, para que as suas necessidades pudessem sempre ser supridas.

A proposta foi tão dolorosa para Sri Ramakrishna que este lhe pediu, de mãos dadas, que nunca mais mencionasse o assunto. Ao ver que todas as suas instâncias eram inúteis, o Marwari abordou em seguida Hriday e pressionou-o a aceitar o dinheiro em nome da Santa Mãe, o que lhe permitiria zelar pelo conforto do Mestre. Quando isto foi transmitido ao Mestre, ele opôs-se novamente, dizendo que, mesmo nesse caso, o dinheiro seria praticamente seu, e não podia suportar a ideia de ter quaisquer posses.

O homem generoso continuou a insistir. Vendo que a argumentação não surtia efeito, Sri Ramakrishna gritou em angústia: «Ó Mãe, por que trazes aqui tais pessoas, que me querem afastar de Ti?» Perante este apelo comovente, o Marwari desistiu. Referindo-se a este incidente, o Mestre comentou mais

tarde: «Com as ofertas de Mathur e Lakshmi Narayan, senti-me como se alguém estivesse a serrar o meu crânio!»

O incidente seguinte ilustra quão repugnante lhe era a ideia de planear coisas para o futuro. Durante alguns dias, reparou que Hriday andava ocupado com um bezerro — a atá-lo aqui, a mudá-lo de sítio ali, e assim por diante. Curioso, perguntou a Hriday o que tencionava fazer com o animal. «Ora», respondeu Hriday, «vou levá-lo para casa. Daqui a uns anos, vai tornar-se um belo animal para o arado.»

Mal o Mestre ouviu isto, caiu num desmaio. Ao recuperar dele passado muito tempo, exclamou: «Vejam só o espírito de acumulação nas pessoas mundanas! Agora é apenas um bezerro, vai crescer — e depois ajudará a lavrar os campos! Planeiam com tanta antecedência e não se apoiam em Deus! Ah, isto é Maya!» Comparou o choque que sentiu nesta ocasião a um golpe na cabeça.

Por esta altura, surgiu um enorme anseio na sua mente por encontrar os seus devotos — as almas puras que a Mãe já lhe tinha mostrado em formas espirituais durante as suas visões transcendentes. Chegara o momento de formar os instrumentos que iam levar a sua mensagem ao mundo, e ele ardia em desejos de transmitir as suas realizações aos filhos favorecidos da Mãe.

Sobre isto diria mais tarde: «Não havia limites para o anseio que sentia na altura. Durante o dia, conseguia controlá-lo de alguma forma. A conversa secular das pessoas de mente mundana era-me intolerável, e eu aguardava ansiosamente pelo dia em que os meus amados companheiros viriam. Esperava encontrar consolo ao conversar com eles e ao aliviar a minha mente falando-lhes das minhas realizações. Cada pequeno incidente lembrava-me deles, e os pensamentos sobre eles ocupavam inteiramente a minha mente. Já organizava na minha mente o que devia dizer a um e dar a outro, e assim por diante. Mas, quando o dia chegava ao fim, não conseguia conter os meus sentimentos. O pensamento de que outro dia tinha passado e eles não tinham vindo oprimia-me!

Quando, durante o serviço da noite, o templo ecoava com o som dos sinos e dos búzios, eu subia ao telhado do edifício no jardim e, contorcendo-me em angústia de coração, gritava com todas as minhas forças: "Vinde, meus rapazes! Oh, onde estais? Não posso suportar viver sem vós!" Uma mãe nunca anseia tão intensamente pela visão do seu filho, nem um amigo pelo seu companheiro, nem um amante pela sua amada, como eu ansiava por eles! Oh, era indescritível. Pouco depois deste anseio, os devotos começaram a chegar.»

As primeiras duas pessoas que responderam ao apelo de Sri Ramakrishna foram Ramchandra Dutt e Manomohan Mitra, que eram primos e viviam em Calcutá. O primeiro era médico e exercia um cargo no Calcutta Medical College. À semelhança do homem instruído comum do seu tempo, era praticamente ateu. Relativamente a si próprio, escreve na sua obra *Life of Sri Ramakrishna*: «Naqueles dias não acreditávamos em Deus, sendo a Natureza considerada suficiente para explicar o universo. Éramos puros materialistas e considerávamos o conforto físico como o *summum bonum* da vida.» Contudo, sofria de uma grande inquietação de espírito, que não conseguia controlar. Por esta altura, deparou-se com um exemplar de um jornal dirigido por Keshab Chandra Sen. Nele leu sobre Sri Ramakrishna e decidiu visitar o santo juntamente com Manomohan.

Uma tarde, em 1879, chegaram a Dakshineswar e, encontrando a porta fechada, bateram. Foi aberta por um homem vestido de forma simples que, ao contrário das suas expetativas, era o menos parecido possível com um Sannyasin. Mas escassos segundos na sua presença convenceram-nos de que se tratava do santo. Desde o primeiro momento, Sri Ramakrishna tratou-os como se fossem seus. Indagou minuciosamente sobre eles e, por fim, chamou por Hriday, que sofria então de febre: «Vem, Hriday, está aqui um médico. Podes pedir-lhe que te examine o pulso.» Assim se fez. Os dois primos passaram a tarde inteira com o Mestre em discurso espiritual e, quando estavam prestes a despedir-se, Sri Ramakrishna deu-lhes algum Prasad. Tocaram

nos seus pés e o Mestre pediu-lhes afetuosamente que voltassem. Ficaram encantados com a sua bondade, pois nunca antes tinham experimentado semelhante cordialidade e simpatia à primeira vista; o amor de Sri Ramakrishna parecia-lhes tão novo e tão genuíno — porque era desinteressado.

Estando ocupados durante a semana, iam ver Sri Ramakrishna aos domingos. A partir dessa altura, as suas vidas tomaram um rumo diferente. Tentaram afastar-se dos pensamentos mundanos, e Dakshineswar e Sri Ramakrishna eram os seus temas de absorção. Sentiam um desgosto crescente pelo mundo. Os familiares ficaram alarmados ao verem os primos a falar seriamente sobre Deus. Um dia, Manomohan estava prestes a partir para Dakshineswar quando a sua tia tentou convencê-lo a não ir. Mas a atração de Sri Ramakrishna revelou-se mais forte, e Manomohan e Ramchandra seguiram para Dakshineswar.

Encontraram Sri Ramakrishna algo deprimido, sentado na cama. Perguntado sobre a razão da sua tristeza, respondeu como uma criança: «Um devoto gosta de vir aqui; mas a tia dele não gosta disso e tenta dissuadi-lo. Fico triste ao pensar que ele possa ceder às instâncias dela e deixar de vir.»

As palavras tiveram um efeito eletrizante na mente de Manomohan. Prometeu no seu coração nunca mais dar ouvidos a tais vozes no futuro, e perguntava-se como teria o santo tomado conhecimento do incidente. Foi este amor genuíno de Sri Ramakrishna pelos seus devotos e a sua solicitude sincera pelo bem-estar deles que conquistou completamente os seus corações e os impeliu, sem qualquer esforço consciente da sua parte, na direção de Deus.

Noutro dia, Manomohan preparava-se para partir para Dakshineswar quando a mulher o instou a ficar em casa, já que a filha de ambos estava doente com febre. Mas ele recusou e foi para Dakshineswar com o coração pesado, pois os seus entes queridos pareciam colocar-se no caminho da sua realização de Deus.

Ao chegar a Dakshineswar, encontrou o Mestre tristonho, tal como na ocasião anterior, e a chorar. De coração ansioso, perguntou a razão. O Mestre respondeu: «Ah, meu rapaz, um verdadeiro devoto vem aqui de vez em quando. Mas isto desagrada à sua mulher. Fico desgostoso ao pensar que ele possa deixar de vir aqui, seguindo o conselho da mulher.» Manomohan ficou subjugado. A partir desse dia, entregou-se completamente aos pés do Mestre, cujas lágrimas lavaram as impurezas e imperfeições do coração do devoto.

Manomohan e Ram sentiram-se grandemente atraídos por Sri Ramakrishna. Não se contentando em irem eles próprios vê-lo, incentivaram os seus familiares e amigos a irem a Dakshineswar para serem abençoados pelo contacto com ele. Como veremos, foram eles que apresentaram ao Mestre os seus dois principais discípulos, Narendra Nath e Rakhal.

Por esta altura, outros devotos visitavam Sri Ramakrishna e, todos os domingos, o seu pequeno quarto ficava repleto. Estes devotos travaram conhecimento uns com os outros e, aqueles que praticavam exercícios religiosos sob a orientação de Sri Ramakrishna, constituíram-se numa espécie de fraternidade espiritual.

O Mestre incentivava este sentimento fraternal. De vez em quando, aceitava convites para ir a Calcutá visitar devotos, certificando-se de que os seus outros seguidores eram igualmente convidados. Estas reuniões tomaram gradualmente a forma de pequenos festivais. Organizava-se um Sankirtan e passavam-se muitas horas felizes a ouvir os discursos do Mestre. Depois, os convidados eram brindados com um banquete requintado. Através destas celebrações, as pessoas da vizinhança tomavam conhecimento do Mestre, e muitos que não podiam deslocar-se a Dakshineswar tinham a oportunidade de se encontrar com ele em Calcutá.

Um dia, em resposta à proposta do Mestre, Manomohan organizou um festival desse género na sua casa. Keshab e os seus seguidores Brahmos foram convidados. Foi uma cena edificante.

Os devotos iniciaram um Sankirtan no qual Sri Ramakrishna participou. De vez em quando, caía em Samadhi. Os devotos choravam ou riam, consoante eram dominados por emoções variadas. Após o Sankirtan, sentaram-se com o Mestre e a noite passou-se em discussão religiosa. Depois da ceia, o grupo dispersou.

Manomohan orgulhava-se da sua devoção. Um dia, perante uma grande assistência, Sri Ramakrishna elogiou Suresh (um dos devotos), dizendo: «Olhai para Suresh. A sua devoção não tem igual.» Isto ofendeu Manomohan, que resolveu não voltar a Dakshineswar a partir de então. Como era um visitante assíduo aos domingos, a sua ausência foi notada pelo Mestre.

Este perguntou a Ramchandra sobre o assunto; o último não soube explicar a razão e Sri Ramakrishna disse-lhe para fazer investigações e relatar. Ram encontrou o primo de boa saúde e enviou a notícia para Dakshineswar. O Mestre mandou chamar imediatamente Manomohan, e a intimação foi ignorada. «Sê feliz com os teus devotos, eu não sou ninguém ali», dizia Manomohan para si próprio. Quanto mais pensava no assunto, mais zangado ficava com Sri Ramakrishna. O Mestre enviava-lhe convite atrás de convite, mas Manomohan recusava-os todos. Na sua determinação obstinada em evitar os emissários de Sri Ramakrishna, mudou-se para Konnagar, a algumas milhas de Calcutá, apanhando o comboio diariamente para o escritório.

Curiosamente, atribuía toda a culpa a Sri Ramakrishna. Mas não tinha paz. Quanto mais tentava afastar todos os pensamentos sobre Sri Ramakrishna, maior se tornava a sua turbulência mental. Tornou-se impossível para ele concentrar-se nos negócios. Por mais que tentasse, não conseguia fixar a sua mente no trabalho; esta voltava-se instintivamente para

Dakshineswar. Em desespero, viu-se obrigado a reconhecer que Sri Ramakrishna possuía por inteiro o seu coração. Um dia, ao ir banhar-se no Ganges, lembrou-se das palavras que o Mestre dissera em louvor da santidade do rio. Instante contínuo, surgiu diante dos olhos da sua mente a figura serena de Sri Ramakrishna,

vívida como sempre. Fez um esforço supremo para a afastar da mente. Nesse momento, os seus olhos pousaram num barco tradicional não muito longe de si.

Viu nele uma figura familiar a conversar com alguém e a apontar na sua direção. A segunda pessoa no barco era ninguém menos que Sri Ramakrishna, com Niranjan. Manomohan sobressaltou-se. Niranjan disse: «Por que não vens a Dakshineswar? Sri Ramakrishna está tão ansioso por ti que veio ver-te.» Era um dia quente e Sri Ramakrishna abanava-se com um leque. À medida que se aproximava de Manomohan, entrava num transe. Manomohan assistia à cena em silêncio, enquanto as lágrimas lhe rolavam dos olhos. «Ah, ele deu-se a tanto trabalho por minha causa! Quão injusto devo ter sido para com ele!», pensou. Dominado pela emoção, estava prestes a cair quando Niranjan saltou do barco e o amparou. Por esta altura, Sri Ramakrishna tinha recuperado a consciência normal e pediu a Niranjan que trouxesse Manomohan para bordo.

Depois, ele disse ternamente: «Manomohan, tenho estado muito ansioso por ti e vim por tua causa.» Manomohan prostrou-se diante dele e disse: «Senhor, tudo se deveu à minha vaidade ferida.» Não conseguiu dizer mais nada e soluçou como uma criança. Sri Ramakrishna mergulhou novamente em Samadhi enquanto o barco seguia a caminho de Dakshineswar.

Já nos referimos antes às perspetivas ateias de Ramchandra Dutt. O seu contacto com Sri Ramakrishna mudou gradualmente essa atitude mental. Um dia, perguntou francamente ao Mestre se Deus existia realmente.

«Sem dúvida», foi a resposta, «Deus existe realmente. Não vês nenhuma estrela de dia, mas isso não significa que as estrelas não existam. Há manteiga no leite. Mas poderá alguém sabê-lo apenas através da vista? Para obteres a manteiga, deves bater o leite num lugar fresco. Da mesma forma, não podes realizar Deus por mero desejo.

Tens de passar por uma certa disciplina mental.» Ram era incapaz de tomar estas palavras à letra. Sri Ramakrishna leu a sua

mente e disse com um sorriso: «Deus é certamente realizável. Olha para os objetos da Sua criação — são tão belos e tangíveis. Ele não pode ser objeto de mera especulação.» «Sim», respondeu Ram, «mas poderei realiz-O nesta mesma vida?» «Obténs o que desejas», disse o Mestre após uma pausa de um momento, «a fé por si só é a chave do sucesso.» Depois de entoar uma canção, acrescentou: «Como vês, se avançares dez passos em direção ao leste, deixarás para trás o oeste por igual distância.» «Mas é preciso ter provas tangíveis», argumentou Ram.

O Mestre respondeu com um sorriso: «Um doente com tifo quer beber galões de água e comer quantidades de arroz. Mas o médico não presta atenção a essas súplicas, nem receita medicamentos sob o ditado do paciente. Ele sabe o que está a fazer.» Mas Ramchandra não encontrou consolo nestas palavras.

Pouco depois, ficou muito inquieto por Deus. As dores da separação eram demais para ele. Uma noite, teve um sonho estranho. Viu Sri Ramakrishna, que lhe pedia para tomar banho e depois lhe pronunciava ao ouvido um Mantra sagrado, o qual lhe ordenava que repetisse um certo número de vezes todos os dias. Sentou-se direito na cama em pura alegria. Na manhã seguinte, correu para Dakshineswar e contou o sonho ao Mestre. Sri Ramakrishna felicitou-o por esta sorte.

Mas Ramchandra desvalorizou o sucedido, considerando-o fruto da sua imaginação. A sua inquietação aumentou. Na sua perplexidade, amaldiçoou o dia em que conhecera Sri Ramakrishna. Encontrava-se num impasse — não encontrava prazer nos prazeres dos sentidos, mas parecia tão distante de Deus como sempre. Passaram-se alguns dias desta forma. Uma manhã, às 11 horas, Ram e um amigo conversavam no College Square, em Calcutá, sobre as suas perplexidades mentais, quando de repente um homem de tez escura surgiu diante deles e perguntou com um sorriso: «Por que estais tão ansiosos? Tende paciência.» Ficaram sobressaltados. Quem poderia ser este homem, pensaram, que lhes lera as mentes e lhes pedia para terem bom ânimo?

Olharam em todas as direções à procura do estranho, mas ele tinha desaparecido. Ficaram intrigados. Não podia ser uma ilusão, pois ambos o tinham visto e ouvido, em plena luz do dia. Ramchandra tomou isto como uma mensagem de Deus. Relatou o caso a Sri Ramakrishna, que disse: «Sim, e verás muitas mais coisas deste género!»

Durante algum tempo após este incidente, Ramchandra sentiu uma grande tranquilidade de espírito. Provou a bem-aventurança que resulta da devoção. Os prazeres mundanos pareciam-lhe agora insípidos e sentia cada vez mais desgosto por eles. Um dia, chegou mesmo a pedir ao Mestre para ser iniciado no Sannyasa. Sri Ramakrishna dissuadiu-o, dizendo: «Nada deve ser feito por impulso do momento.

Só Deus sabe o que pretende fazer através de um homem em particular. Onde ficarão a tua mulher e os teus filhos se deixares o mundo? Não deves tentar perturbar a organização que Deus fez para ti. Tudo virá a seu tempo.» Ramchandra ficou convencido de momento, mas mais tarde voltou a focar o assunto. Sri Ramakrishna disse: «O que ganharás com a renúncia ao mundo? A vida familiar é como uma fortaleza. É mais fácil combater o inimigo a partir de dentro da fortaleza do que de fora. Estarás em condições de renunciar ao mundo quando puderes dedicar três quartos da tua mente a Deus, mas não antes.» Ramchandra remeteu-se ao silêncio.

Ramchandra provinha de uma família Vaishnava. Ao estudar a vida de Sri Chaitanya, ficou impressionado com a semelhança maravilhosa entre este e Sri Ramakrishna. Certa vez, a pedido do Mestre, passava a noite em Dakshineswar. Estavam a sós. De repente, o Mestre disse: «Para o que estás a olhar?» «Estou a olhar para si», respondeu Ramchandra. «O que pensas de mim?», perguntou o Mestre novamente. «Considero que o senhor é Chaitanya», disse Ram. «Bem», disse Sri Ramakrishna após uma pausa, «a Bramai costumava dizer o mesmo.» A observação pareceu significativa a Ram.

À medida que os dias passavam, via cada vez mais o extraordinário poder de clarividência de Sri Ramakrishna. Um dia, quando trazia alguns doces para o Mestre, um rapaz da rua clamou por uma parte. Deu-lhe um pedaço e, após chegar a Dakshineswar, colocou o cesto no sítio habitual.

Ao cair da noite, o Mestre sentiu fome e Ram ofereceu-lhe os doces. Ele tocou-lhes com a mão esquerda, olhou para cima, abanou a cabeça enquanto partia alguns e os voltava a colocar no sítio, após o que lavou as mãos, para desgosto de Ram. Quando voltou a Dakshineswar, Sri Ramakrishna disse: «Quando trouxeres alguma coisa para mim, não dês nenhuma parte a mais ninguém. Não posso tomar nada sem o oferecer a Deus, e não posso oferecer-Lhe nada que tenha sido profanado por já ter sido oferecido noutro lado.» Incidentes como estes confirmavam a fé de Ram na grandeza do Mestre.

Passados alguns dias, Ramchandra viu-se novamente atormentado por uma grande inquietação mental. O mundo parecia-lhe sombrio. Voltou a aproximar-se do Mestre com a sua história de lamento. Mas, desta vez, Sri Ramakrishna cortou-lhe a palavra com a resposta seca: «O que posso fazer? Tudo depende da vontade de Deus.»

Ramchandra ficou espantado e disse: «Como é isto, senhor? Durante todo este tempo olhei para o senhor em busca de ajuda. Agora, o que farei se me tratar desta maneira?» O Mestre limitou-se a dizer: «Não te devo nada. Se quiseres, podes vir. Se não, não venhas.» Ramchandra não teria ficado mais surpreso se um raio tivesse caído num céu limpo. Ficou completamente desorientado. O seu primeiro impulso foi pôr termo à vida, por afogamento no Ganges. Saiu do quarto. No momento seguinte, pensou: «Por que hei de ser tão tolo a ponto de cometer suicídio?

Deixa-me tentar mais uma vez. Sri Ramakrishna disse que era uma sorte ter a iniciação num sonho. Vou testar a eficácia desse Mantra hoje. Dizem que o Seu nome é ainda mais poderoso do que Ele Próprio.» Deitou-se na varanda a norte do quarto de Sri Ramakrishna e começou a repetir o Mantra em silêncio. A

meio da noite, Sri Ramakrishna abriu a porta que dava para essa varanda e, pedindo-lhe que servisse os devotos do Senhor, regressou ao quarto.

Ramchandra tinha algo de avarento. Assim, conseguiu esquecer a recomendação de Sri Ramakrishna sobre o ato de alimentar os devotos. Mas o Mestre relembrou-lho e até escolheu um dia para ir a sua casa. Ram concordou contrariado, mas no dia seguinte o seu coração abriu-se e viu a bondade infinita do Mestre ao forçá-lo a fazer o convite. Fez os preparativos alegremente e Sri Ramakrishna com os seus devotos passaram a noite na sua casa.

Na noite seguinte, Ram foi a Dakshineswar. Sri Ramakrishna conversou com ele afavelmente e instruiu-o até às 10 horas. A noite estava muito escura. Ram tinha-se despedido e estava de pé na varanda, quando viu o Mestre a caminhar na sua direção. Sri Ramakrishna aproximou-se e disse: «Bem, o que queres?» Ramchandra ficou intrigado. Sentiu que estava na presença de um Poder que podia conceder qualquer graça. Não sabia o que pedir. A riqueza, ou mesmo o poder sobrenatural, pareciam insignificantes.

Por fim, decidiu deixar a escolha ao Mestre. Sufocado pela emoção, disse: «Senhor, não sei o que vos pedir. Decidi pelo menos por mim.» «Devolve-me o Mantra que te dei no sonho», disse Sri Ramakrishna, enquanto estendia a mão e mergulhava em Samadhi. Ram ofereceu o Mantra aos seus pés e prostrou-se diante dele. O Mestre tocou-lhe na cabeça com o dedo grande do pé direito. Ram nunca saberia dizer quanto tempo passou assim.

O Mestre regressou à consciência normal e retirou o pé. Ram levantou-se. «Olha para mim, se quiseres ver alguma coisa», disse o Mestre. O devoto olhou e viu nele o seu Ishta, o objeto adorado da sua meditação. «Não precisas de praticar mais exercícios religiosos», disse Sri Ramakrishna, «vem aqui de vez em quando, isso é tudo. Andando cá, traz contigo o valor de uma moeda de bocado como presente.»

SURENDRA E KEDAR

Ramchandra tinha um amigo chamado Surendra Nath Mitra que vivia perto de si. Surendra era um homem instruído e exercia um cargo importante numa firma inglesa, de onde retirava rendimentos consideráveis. Era o jovem típico da sua época, boémio e sem qualquer inclinação especial para a religião, mas sentia prazer em aliviar os sofrimentos dos pobres e necessitados. Diz-se que, um dia, uma Sannyasin mulher de aspeto imponente o abordou ao passar, com as seguintes palavras: «Meu querido filho.

Apenas Ele é verdadeiro e tudo o resto é falso.» Esta observação impressionou-o profundamente. Passou por um inferno de agonia mental que o levou quase ao suicídio nas suas lutas contra a sua natureza inferior. Ramchandra convidou-o muitas vezes a ir com ele a Dakshineswar, mas recebeu sempre uma recusa. Por fim, ele disse: «Muito bem, eu vou. Mas se o teu santo for uma farsa, puxo-lhe as orelhas.»

Foi a Dakshineswar e entrou no quarto de Sri Ramakrishna. O Mestre conversava com vários devotos. Surendra tomou o seu lugar sem mostrar qualquer sinal de respeito. Ouviu o Mestre dizer a um devoto: «Por que se comporta o homem como o macaco jovem e não como o gatinho? O primeiro agarra-se à mãe, quando esta se move, através do seu próprio esforço. Mas o último fica a miar até que a mãe venha e o pegue pelo pescoço. O macaco jovem por vezes perde o apoio na mãe e magoa-se seriamente. Mas o gatinho não corre esse risco, pois a própria mãe o transporta de lugar para lugar. Tal é a diferença entre o esforço próprio e a entrega a Deus.» Esta parábola abriu os olhos a Surendra. «Ora», pensou ele, «estou a comportar-me exatamente como esse macaco jovem, e essa é a causa da minha miséria.

A partir de agora, não irei contra a vontade de Deus, nem pensarei em cometer suicídio se as coisas não correrem de acordo com os meus desejos. Ficarei satisfeito com qualquer condição em que a Mãe Bem-Aventurada decida colocar-me, e apenas clamarei por Ela.» O Mestre reforçou as suas observações com

outra parábola. Surendra soltou um suspiro de alívio perante a leveza do seu coração. Aprendeu a refugiar-se nos pés de lótus da Mãe e começou a olhar para si próprio como Seu filho.

Sentiu um grande acréscimo de força no seu íntimo. Guardou cada palavra do Mestre na sua mente. Ao partir, o Mestre disse: «Não te esqueças de voltar.» Surendra ficou cativado e prostrou-se diante de Sri Ramakrishna. No caminho para casa, comentou com os amigos: «Ah, o jogo virou-se. Ele puxou-me as orelhas. Como podia eu saber que ele era um homem assim, — que leria os meus pensamentos mais íntimos! Agora sinto que há algum sentido na vida.»

Assim, logo no primeiro encontro de Surendra com o Mestre, ele tornou-se um homem mudado. Ficou profundamente ligado a Sri Ramakrishna e ia a Dakshineswar quase todos os domingos. Todos ficavam maravilhados com o seu grande anseio por Deus. O Mestre tratava-o por Suresh, e foi o elogio à sua devoção que causou todo o desgosto de Manomohan. Um dia, Surendra ouviu o Mestre dizer a um devoto: «Um pouco de virilidade é necessário para toda a gente.» Perante isto, pensou: «Mas esta é a minha doença, e que o Senhor me salve dela!» Sri Ramakrishna observou imediatamente: «Não me refiro a essa luta pelo prazer que apenas degrada o homem e que até os animais possuem. Tens de ter a virilidade de Arjuna — para te manteres fiel a um ideal até ao último suspiro da tua vida.»

Embora por esta altura Surendra se tivesse tornado um grande devoto de Sri Ramakrishna, não se tinha libertado das ligações do passado e, por vezes, era levado a cometer indiscrições, das quais se envergonhava grandemente. Após tais acontecimentos, tentava esquivar-se do Mestre. Num domingo, não foi a Dakshineswar, dando os negócios como desculpa, e os seus amigos relataram a Sri Ramakrishna que ele voltara a andar em más companhias.

O Mestre escutou e disse calmamente: «Ele ainda tem alguns desejos. Deixai-o aproveitar mais um pouco. Ele tornar-se-á imaculado dentro de pouco tempo.» Estas palavras chegaram a Surendra. No domingo seguinte, visitou Sri Ramakrishna, mas

sentou-se à distância, num canto. O Mestre reparou e convidou-o ternamente a aproximar-se e a sentar-se perto dele. Depois, num estado de semiconsciência, disse: «Bem, quando um homem vai a um lugar indesejável, por que não leva a Mãe Divina com ele? Assim, pode escapar a muitas más ações.» Surendra era um homem sensível e receava muito que Sri Ramakrishna o expusesse.

Mas o Mestre ficou-se por ali. O pouco que dissera, no entanto, abriu os olhos a Surendra. Tinha tentado durante tanto tempo superar as suas falhas, e estas palavras do Mestre mostravam-lhe uma forma fácil de as vencer. A sua devoção a Sri Ramakrishna aprofundou-se. Um dia, trabalhava no seu escritório quando sentiu um impulso súbito de ir ver o Mestre. Havia ainda muito trabalho para fazer que não podia deixar inacabado. Mas o desejo de ver o Mestre era forte demais e correu para Dakshineswar. Ao chegar lá, encontrou o Mestre a preparar-se para ir a Calcutá.

Ao vê-lo, Sri Ramakrishna disse: «É bom que tenhas vindo. Estava ansioso por ti e ia a Calcutá para te ver.» Surendra ficou espantado. «Que estranho», pensou ele, «eu pensava em vir aqui e ele sentiu o desejo de me ver!» Depois, disse humildemente: «Se ia sair para me ver, então, por favor, venha a minha casa.» Sri Ramakrishna concordou e, cheio de alegria, Surendra levou-o para a sua habitação.

A partir desta altura, Surendra passou a ser considerado como um elemento do círculo íntimo de devotos de Sri Ramakrishna. Convidava frequentemente o Mestre e os seus devotos para irem a sua casa realizar esses pequenos festivais de que fizémos menção, e foi num destes que o Mestre encontrou Narendra Nath pela primeira vez. A sua bolsa estava sempre aberta para o conforto de Sri Ramakrishna. Quando os devotos ficavam com o Mestre em Dakshineswar, Surendra assumia também as despesas deles com alegria. O Mestre costumava designá-lo como um Rasaddar em parte, isto é, fora incumbido pela Mãe Divina de suportar uma parte das despesas de Sri Ramakrishna.

Um dos pontos fracos de Surendra era o seu gosto pela bebida, do qual os amigos tentavam ao máximo afastá-lo. Ramchandra, em particular, instava com ele uma e outra vez para que o abandonasse, não só porque era prejudicial para a sua saúde, mas porque lançava uma sombra sobre o bom nome de Sri Ramakrishna, de quem se tornara devoto. Surendra, que como seguidor de Sakti não olhava para isso como um grande pecado, acabou por dizer: «Mas por que és tão insistente em relação a isso?

O Mestre certamente me avisaria se considerasse que me prejudicava. Ele sabe tudo sobre o assunto.» «Bem», disse Ram, «vamos ter com ele. Ele com certeza pedir-te-á para abandonares isso.» «De acordo», disse Surendra, «mas não deves focar o assunto. Deixa-o falar por sua própria iniciativa, e eu abandonarei sem falta.» Foram a Dakshineswar e curvaram-se diante do Mestre, que estava sentado sob a árvore Bakul num estado de espírito elevado. O Mestre disse: «Bem, Suresh, por que hás de beber vinho como vinho? Oferece-o a Kali e toma-o como o Seu Prasad. Mas cuida para não ficares embriagado. O teu andar não deve vacilar, nem os teus pensamentos divagar.

Ao início, sentirás a excitação comum, mas logo isso te levará à felicidade espiritual.» Os dois amigos ficaram maravilhados. Surendra seguiu este conselho a partir de então. Todas as noites, oferecia um pouco de vinho à Deusa antes de o beber. Curiosamente, isso abriu as comportas da sua devoção. Como uma criança, chorava lamentando-se pela Mãe e falava apenas de Deus. Por vezes, sentava-se imóvel em profunda meditação. Toda a gente ficava impressionada com a sua sinceridade e devoção. Os efeitos nocivos do vinho não o conseguiam tocar.

Ele mandou pintar um quadro que mostrava a harmonia das religiões tal como era concebida por Sri Ramakrishna. Os profetas de todas as religiões reuniam-se ali numa plataforma comum. A mesquita, o templo e a igreja surgiam representados lado a lado. Sri Gauranga e Jesus dançavam juntos de mãos dadas! E Sri

Ramakrishna apontava para Keshab a síntese de todas as crenças. Surendra enviou uma cópia do quadro a Keshab, que acusou a sua receção com a observação: «Bendito é o homem que concebeu a ideia.»

Kedarnath Chatterjee fora originalmente um Brahmo, mas posteriormente tentou muitos outros caminhos. Era um homem de temperamento devoto e atraía a atenção pelas suas lágrimas quando o nome de Deus era mencionado. Contudo, não conseguia encontrar consolo nas buscas religiosas. Veio a Dakshineswar e refugiou-se nos pés de Sri Ramakrishna. O Mestre ficou encantado ao ver o seu fervor espiritual e atribuiu-lhe um lugar entre os seus devotos de família. Kedar vivia geralmente em Dacca e pregava a mensagem de Sri Ramakrishna entre as pessoas de lá. Diz-se que o Mestre, cansado de instruir os devotos que vinham em número cada vez maior em busca da sua orientação, rezou uma vez a Kali: «Mãe, não posso falar com tanta gente.

Por favor, capacita Kedar, Girish, Ram, Vijay e Mahendra para lhes darem as instruções preliminares, de modo que bastará apenas um pouco de ensinamento da minha parte.» O Mestre, que respeitava a crença sincera de toda a gente, colocava frequentemente devotos de temperamentos diferentes a argumentar uns com os outros. Kedar era muito bom na resposta pronta. Um dia, numa discussão sobre Deus, um devoto perguntou-lhe como, se Deus era o nosso pai bondoso, explicaria o facto de haver tanta miséria na criação. A isto, Kedar respondeu: «Bem, Ele não me convidou para a reunião onde decidiu esse ponto.» Sri Ramakrishna apreciou a resposta e referia-se a ela frequentemente.

Kedar possuía em si os instintos das Gopis de Vrindavan e, ao vê-lo, Sri Ramakrishna caía frequentemente em transe. O Mestre via, no entanto, que, apesar da sua devoção, Kedar tinha algum apego persistente às coisas mundanas. Por isso, tentou fortalecê-lo contra elas. Um dia, num estado de semiconsciência, disse-lhe: «Ainda estás apegado à luxúria e à riqueza. De nada

serve protestar que estás acima delas. Segue em frente. Há muitas mais coisas valiosas para além da floresta de sândalo — por exemplo, minas de prata, ouro e diamantes, etc.»

ALGUNS BENEMÉRITOS INTERESSANTES

À medida que a fama de Sri Ramakrishna se espalhava, pessoas de todas as condições sociais começaram a sentir-se atraídas por ele. Certa vez, alguns homens proeminentes de Calcutá foram à casa de campo de Jadu Mallik, em Dakshineswar, para se encontrarem com o Mestre. Entre eles estava o Maharaja Jatindra Mohan Tagore, muito conhecido pela sua riqueza e caridade. Sendo solicitado pela assembleia a falar, o Mestre enfatizou a necessidade da renúncia e do discernimento.

Disse: «Podereis repetir o nome de Deus dia e noite, mas se a vossa mente estiver absorta nos objetos do mundo, nada ganhareis com isso.» O Maharaja Jatindra Mohan terá observado: «Senhor, será possível para as pessoas mundanas rezarem a Deus com toda a seriedade? Até uma alma piedosa como o Rei Yudhishthira teve de dizer uma mentira.» Isto irritou Sri Ramakrishna, que respondeu: «Vede, lembrastes-vos desse único ato da vida de Yudhishthira e esquecestes a sua habitual adesão inabalável à verdade, os seus inumeráveis atos de bondade e o seu elevado respeito pelas prescrições das escrituras! Que vergonha!»

O Babu Kristodas Pal, editor do *Hindu Patriot* e um dos pioneiros do movimento nacional, respeitado tanto pelo Governo como pelo público, também fez uma visita ao Mestre. O tema da renúncia surgiu e o Sr. Pal observou: «Senhor, essa conversa fiada sobre a renúncia quase arruinou o país. Por esta razão, os indianos são hoje uma nação submetida. Fazer o bem aos outros, levar a instrução à porta dos ignorantes e, acima de tudo, melhorar as condições materiais do país — esses deveriam ser os nossos deveres agora. O clamor pela religião e pela renúncia, pelo contrário, apenas nos enfraqueceria.

O senhor deveria aconselhar os jovens de Bengala a recorrerem apenas a atos que elevem o país.» «Pareceis ser um

homem de fraca compreensão», respondeu Sri Ramakrishna com uma voz animada. «Atreveis-vos a desvalorizar nestes termos uma coisa que todas as nossas escrituras descrevem como a maior de todas as virtudes! Por lerdes duas páginas de inglês, pensais que conheceis o mundo. Pareceis julgar-vos omniscientes. Bem, já vistes aqueles minúsculos caranguejos recém-nascidos no Ganges quando as chuvas começam? Neste grande universo, sois mais insignificantes do que uma dessas pequenas criaturas.

Como vos atreveis a falar em ajudar o mundo? O Senhor cuidará disso. Não tendes o poder em vós para o fazer.» Após uma breve pausa, retomou: «Podeis explicar-me como podeis trabalhar para os outros? Sei o que quereis dizer com ajudá-los. Alimentar um certo número de pessoas, tratá-las quando estão doentes, construir uma estrada ou escavar um poço, — não é tudo? São boas ações, sem dúvida, mas quão insignificantes em comparação com a vastidão do universo! Até onde pode um homem avançar nesta linha? Quantas pessoas conseguis salvar da fome? A malária arruinou uma província inteira. O que pudestes fazer para travar o seu progresso? Só Deus pode cuidar do mundo. Que o homem O realize primeiro. Que ele obtenha a autoridade e seja dotado com o Seu poder; então, e só então, poderá pensar em fazer o bem aos outros. Um homem deve primeiro ser purgado de todo o orgulho. Só então a Mãe Bem-Aventurada lhe pedirá para trabalhar pelo mundo.»

Estas palavras, ao aplicarem-se a um instrutor ou líder de homens, traçam uma linha de demarcação entre o trabalho feito com um sentimento de superioridade e aquele realizado num espírito de serviço. Não ajudar os outros, mas servi-los, é o ponto de vista correto. O homem comum, ao trabalhar a partir de impulsos egocêntricos, fica acorrentado, mas o homem de realização trabalha sem qualquer risco, porque sabe que é o instrumento do Senhor.

Mahima Charan Chakravarty de Cossipore, Calcutá, foi um dos primeiros visitantes do templo de Dakshineswar. Encontrou o Mestre muito antes da vinda dos discípulos. Possuidor do desejo

de levar uma vida religiosa, tinha ao mesmo tempo um anseio desmedido por nome e fama, o que por vezes o levava a recorrer até à mentira e o impelia a fazer coisas que o tornavam ridículo.

Tinha predileção por nomes bombásticos. Fundou uma escola à qual chamou *Prachya-Arya-Siksha-Kanda-Parishat*; o seu único filho chamava-se Mrigankamauli Putatundi; tinha um veado ao qual chamava Kapinjala; e dizia que o seu guia espiritual era um homem chamado Agamacharya Damaruvallabha. Por vezes, afirmava ter recebido a sua iniciação de Totapuri. A este respeito, dizia: «Ao fazer peregrinações no norte da Índia, aconteceu encontrar-me com ele e aceitei-o como meu Guru. Totapuri pediu a Sri Ramakrishna que seguisse o caminho da devoção e aconselhou-me a manter-me fiel ao caminho do conhecimento e a permanecer no mundo.»

Até que ponto estas afirmações eram verdadeiras, era algo conhecido apenas por ele e pelo seu Criador. Tinha uma boa biblioteca de livros ingleses e sânscritos, que fingia ter lido. Um dia, Narendra Nath pegou num livro da sua prateleira e descobriu que as suas páginas não tinham sido cortadas. Ao indagar, disseram-lhe que a primeira cópia tinha sido emprestada a um amigo e que ele comprara uma segunda cópia. Narendra Nath, no entanto, descobriu que a maior parte dos seus livros tinha páginas por cortar! Evidentemente, eram mantidos para exibição.

Em Dakshineswar, em dias especiais, Mahima Charan, vestido com uma túnica ocre e contas de Rudraksha, sentava-se em Panchavati sobre uma pele de tigre e, com um instrumento musical de uma só corda, posava como um grande devoto. Quando partia para casa, pendurava a pele na parede do quarto de Sri Ramakrishna.

Ouviremos falar mais dele num capítulo posterior. O Mestre percebeu as suas intenções num relance. Em resposta à pergunta de um devoto sobre a pele, disse um dia: «Mahim Chakravarti deixou-a ali. Sabeis porquê? As pessoas vão perguntar de quem é e, quando eu lhes disser, vão pensar muito bem do proprietário.»

Mahima Charan costumava recitar passagens dos Vedas e de outros livros sagrados, o que agradava a Sri Ramakrishna. O Mestre engrandecia até o mais pequeno vestígio de espiritualidade num Sadhaka e, assim, encorajava Mahima Charan apesar das suas muitas falhas. Como Mahima Charan estava sempre a discutir o Vedanta, o Mestre tentava ajudá-lo a realizar as conclusões dessa filosofia. Sabendo bem que não seria possível para ele abandonar o mundo, o Mestre dizia: «Qual é a necessidade de abandonar o mundo por completo? Basta abandonar o apego a ele. Mas é preciso praticar a disciplina religiosa, pois tem de se combater os sentidos.»

Mahima Charan atribuía demasiada importância ao estudo das escrituras, e o Mestre exclamava: «Até quando ides ler as escrituras? O que ganhais com discussões vazias? Primeiro tentai realizá-l'O e, para isso, passai por alguns exercícios espirituais, colocando a vossa fé no Guru. Se não tendes Guru, rezai a Deus fervorosamente, e Ele vos dirá como é. O que aprendereis com o mero estudo dos livros? Enquanto não chegais ao mercado, apenas ouvis um som de zumbido à distância. Mas, uma vez lá, encontrareis uma situação completamente diferente. Então vereis e ouvireis tudo claramente. Após a realização, os livros, as escrituras e as ciências parecem palha.»

Um homem de meia-idade, chamado Pratap Chandra Hazra, proveniente de uma aldeia perto de Kamarpukur, viveu durante alguns anos no templo de Dakshineswar. Deixara a sua casa num impulso religioso momentâneo, abandonando a sua mãe idosa e a família, que não tinham mais ninguém para cuidar delas.

Era frequentemente visto a desfiar contas mas, estando um pouco endividado, alimentava o desejo secreto de que as pessoas atraídas pela sua piedade o pudessem ajudar a pagar a dívida. Sri Ramakrishna detetou esta fraqueza e tentou corrigi-lo dizendo que a oração deve estar livre de qualquer motivo egoísta. Embora desprovido de conhecimento das escrituras e de realização, Hazra posava como uma grande autoridade em religião e gabava-se de uma linha de pensamento independente.

Por isso, não prestava muita atenção ao ensinamento de Sri Ramakrishna e frequentemente perturbava as mentes dos jovens discípulos do Mestre, ridicularizando a sua atitude de devoção a Deus. Ele próprio pretendia ser um crente no Advaita Vedanta e tentava impor essa atitude aos outros. Por causa disso, o Mestre por vezes repreendia-o e por vezes argumentava com ele sobre a necessidade de diferentes pontos de vista para diferentes indivíduos.

A disputa era o seu ponto fraco. De tal modo se entregava a ela que Sri Ramakrishna o apontava frequentemente como um exemplo de argumentação estéril. Desgostoso com o seu hábito terrível de envenenar as mentes dos outros com dogmas filosóficos mal digeridos, o Mestre costumava dizer que a sua presença no templo de Kali servia para «adensar o mistério» ao adicionar complicações. E, no entanto, Sri Ramakrishna não lhe recusava o seu amor e simpatia. Hazra tinha um bom amigo em Narendra Nath, que gostava de participar nas suas discussões, apesar da opinião desfavorável do Mestre a seu respeito. Foi a intercessão bondosa de Narendra que arrancou de Sri Ramakrishna a promessa da salvação de Hazra no momento da morte — uma promessa que veio efetivamente a cumprir-se.

Um dia, o Mestre disse a Hazra: «Não comas demasiado. E abandona essa tua exigência excessiva com a limpeza. Aqueles que têm esse hábito não conseguem alcançar o conhecimento. Observa a pureza tanto quanto necessário. Mas não a leves ao extremo.»

Noutro dia, disse: «O que estás a fazer é bom, mas não é feito da forma correta. Não fales mal de ninguém, nem mesmo de um verme. Assim como deves rezar a Deus por devoção, também deves rezar para que não fales mal de ninguém.»

Hazra: Ouvirá Ele a minha oração?

Sri Ramakrishna: Sim, cem vezes. Não pode deixar de o fazer se a tua oração for sincera. Choram as pessoas realmente por Deus como o fazem pela sua mulher e pelos seus filhos? A mulher de um certo homem em Kamarpukur estava doente. Ele

começou a tremer, receando que ela pudesse não recuperar — estava prestes a desmaiar. Quem se sente da mesma maneira em relação a Deus?

Hazra tomou o pó dos pés de Sri Ramakrishna como um sinal de consideração.

Sri Ramakrishna (esquivando-se): Não gosto destas coisas.

Hazra: Não deverei tocar nos pés daquele sob cujos cuidados estou a viver?

Sri Ramakrishna: Agrada a Deus e todos ficarão agradados. «Quando Ele está agradado, o mundo está agradado.» Sri Krishna comeu um minúsculo pedaço de comida da panela de Draupadi e disse: «Estou satisfeito.» Imediatamente todos os seres ficaram satisfeitos — sentiram-se como se tivessem comido até se saciarem. Mas foi assim quando os sábios tomaram a comida? Ficou o universo saciado então?

Após elogiar o amor natural por Deus em oposição à devoção formal, o Mestre disse a Hazra: «Um dia estavas a desfiar contas. Vi isso e disse à Mãe: "Mãe, que tolo ele é! Mesmo aqui está a desfiar contas!" Quem vem aqui obtém a iluminação espontaneamente, sem qualquer esforço.»

Um dia, Sri Ramakrishna rezou à Mãe Divina: «Mãe, se Hazra for uma farsa, por favor, afasta-o.» Passados alguns dias, ele partiu. A Mãe afastou-o porque ele tentava perturbar os ensinamentos de Sri Ramakrishna, que era o Seu porta-voz, e isso não podia ser tolerado.

LATU, RAKHAL E GOPAL MAIS VELHO

«Se quereis ver o poder milagroso do Bhagavan Sri Ramakrishna, olhai para a vida de Latu. Nunca vi nada igual antes.» Assim falou Swami Vivekananda sobre Latu, um rapaz desconhecido nascido de pais humildes no Distrito de Chapra, em Behar. Veio para Calcutá em busca de emprego quando era ainda muito jovem e entrou ao serviço de Ramchandra Dutt como moço de recados. Poucos dias depois, foi a Dakshineswar para ver o Mestre, sobre quem tinha acabado de ouvir falar. Sendo um

estranho em Calcutá e nos seus subúrbios, foi com alguma dificuldade que encontrou o caminho para o local onde Sri Ramakrishna vivia.

À medida que se aproximava, viu um homem com roupas simples a caminhar na varanda. Tinha imaginado o santo como um monge vestido de ocre, mas quando viu este homem esqueceu inteiramente essa ideia e prostrou-se aos seus pés. «De onde vens?», perguntou Sri Ramakrishna. «Da casa de Ramchandra Dutt, de Simla», foi a resposta. O Mestre recebeu-o com bondade e conduziu-o ao seu próprio quarto, onde deu ao rapaz alguns lanches e conversou com ele sobre vários assuntos. Latu ainda não sabia que este era o Paramahamsa que tinha vindo ver, nem se preocupou muito com isso.

Apenas sabia que sentia uma grande alegria na presença do homem com quem conversava. Estava ali um homem que parecia muito amigável para com ele, e isso bastava. À noite, estava prestes a despedir-se de Sri Ramakrishna quando este lhe disse: «Não vás a pé. Leva algumas moedas e arranja um lugar num barco ou numa carruagem.»

«Obrigado», disse Latu, «tenho algumas moedas comigo.»

«Tens a certeza absoluta?», disse o Mestre com um sorriso, «Caso contrário, leva-as de mim. Não sejas tímido com isso.»

Latu também sorriu enquanto fazia tilintar as moedas no bolso e disse: «Aqui estão elas, senhor.»

«Volta outra vez», disse Sri Ramakrishna.

«Sim, senhor, voltarei», disse Latu.

Desde o primeiro momento, Latu ficou profundamente impressionado. Regressou a casa e falou repetidamente com Ram sobre a bondade de Sri Ramakrishna. Dois ou tres dias mais tarde, Latu voltou a Dakshineswar, chegando lá no momento em que o Mestre estava prestes a comer.

O Mestre deu-lhe as boas-vindas e indagou se ele já tinha comido. Quando respondeu negativamente, convidou-o a juntar-se a ele. À semelhança das outras pessoas ortodoxas da sua província, Latu não tomava comida cozinhada por bengalis. Por

isso, recusou a oferta. O Mestre tinha, entretanto, arranjado uma folha de bananeira para servir de prato e um recipiente com água do Ganges. Vendo isto, Latu disse: «Por favor, não se preoupe, não vou comer aqui.»

«Por que não? A comida foi cozinhada com a água do Ganges. Além disso, é o Prasad sagrado de Kali. Por que haverias de hesitar em tomá-lo?», disse Sri Ramakrishna.

«Por favor, desculpe-me, não posso tomá-lo», persistiu Latu. Sri Ramakrishna continuou a instar com o rapaz para que comesse, ao que este disse de repente: «Muito bem, tomarei a comida se for o seu Prasad.»

Latu mal sabia o que tinha dito. Um minuto antes, mostrara-se relutante em tomar comida tocada por um bengali. Agora, pensava que não podia haver qualquer objeção em comer o Prasad de Sri Ramakrishna. Sentou-se para comer, dando-lhe o Mestre alguma comida do seu próprio prato.

Latu era frequentemente incumbido por Ramchandra de levar presentes de frutas e doces a Sri Ramakrishna. O rapaz ficava feliz por ter estas oportunidades de ir a Dakshineswar. Sri Ramakrishna viu desde o primeiro momento a espiritualidade latente do rapaz, e Latu também, por sua vez, sentiu-se profundamente atraído pelo Mestre. Por vezes, passava dois ou três dias com ele.

Assim continuou durante algum tempo, até que um dia Sri Ramakrishna, enaltecendo lauda-se a espiritualidade de Latu, propôs que Ram lhe permitisse permanecer permanentemente em Dakshineswar. Ram considerou isso uma grande oportunidade para o rapaz e concordou alegremente. Depois disso, Latu ficou com Sri Ramakrishna. Foi o primeiro daquele grupo de jovens de alma pura que renunciaram ao mundo e se dedicaram ao serviço do Mestre.

Latu adorava o Kirtan e outras canções devocionais. Enquanto estava em Dakshineswar, onde o canto religioso era frequente, juntava-se ao cântico com grande entusiasmo e perdia-se na dança extática. Notando a intensa devoção de Latu e dos

outros rapazes que, por esta altura, se reuniam à sua volta, Sri Ramakrishna rezou um dia à Mãe Divina para que lhes concedesse algumas experiências espirituais. Poucos dias depois, Latu e os outros rapazes começaram a sentir um êxtase religioso durante a sua meditação. Assim, na companhia sagrada de Sri Ramakrishna, Latu começou a fazer progressos rápidos. O Mestre formou-o na meditação e noutros exercícios devocionais.

Latu era totalmente desprovido de instrução académica. Sri Ramakrishna desejou que ele pudesse ter, pelo menos, os rudimentos da instrução e tentou ele próprio guiá-lo através do alfabeto bengali. Mas Latu era de Behar, e a sua pronúncia era diferente da de um bengali. Sri Ramakrishna mostrou-lhe as primeiras letras com a respetiva pronúncia e pediu-lhe que as repetisse. Mas Latu pronunciava-as à moda do sânscrito, para grande diversão do Mestre, que corrigia o seu aluno e lhe pedia para repetir. De cada vez, o resultado era o mesmo. Professor e estudante começavam a rir, e a lição era interrompida por aquele dia. A experiência foi tentada mais duas ou três vezes, e Sri Ramakrishna desistiu em desespero. A instrução de Latu terminou aí.

Rakhal Chandra Ghosh veio pela primeira vez a Dakshineswar no ano de 1880, escassos meses antes do encontro do Mestre com Narendra Nath. Nasceu em 1862 em Basirhat, no Distrito de Twenty-four Perganas, onde o seu pai era um proprietário de terras. Rakhal mostrou uma marcada inclinação pela religião mesmo na sua infância, quando costumava brincar às divindades, adorando deuses e deusas.

Casou-se na adolescência com uma irmã de Manomohan Mitra, através de quem ouviu falar pela primeira vez de Sri Ramakrishna. O seu primeiríssimo encontro com o Mestre permitiu vislumbrar a relação profunda e íntima que ia existir entre ambos. Referindo-se a este encontro, Sri Ramakrishna costumava dizer: «Apenas uns dias antes da vinda de Rakhal, vi numa visão a Mãe colocar-me uma criança ao colo e dizer: "Este

é o teu filho." Estremeci com o pensamento e perguntei-Lhe, surpreso: "O que queres dizer?

Eu também tenho um filho?" Então Ela explicou com um sorriso que seria um filho espiritual, e fiquei confortado. Pouco depois desta visão, Rakhal veio e reconheci-o imediatamente como o rapaz apresentado pela Mãe Divina.» Teve outra visão a seu respeito. Um dia, viu que Krishna, como o adorável rapaz pastor de Vrindavan, estava de pé sobre um lótus em plena floração no meio de um lago, e ao Seu lado estava o rapaz Rakhal, a olhar para Ele de forma lúdica. Esta visão levou o Mestre a identificar o devoto diante de si como uma daquelas almas puras que tinham encarnado como companheiros de brincadeiras de Sri Krishna.

Faltam as palavras para descrever a proximidade da relação que existiu entre Sri Ramakrishna e Rakhal durante os cinco curtos anos em que conviveram neste plano mortal. Por um lado, estava a solicitude incansável do Mestre pelo bem-estar espiritual do rapaz; por outro, a total consagração de Rakhal a Sri Ramakrishna. Rakhal considerava-o como um progenitor e agia como uma criança de três ou quatro anos com ele.

Eis o que Sri Ramakrishna dizia sobre a atitude do rapaz para com ele: «A cada instante ele corria para mim, saltava-me para o colo e comportava-se exatamente como um bebé! Nunca queria sair do meu lado. A própria visão de mim costumava evocar nele uma espécie de sentimento infantil que não se pode descrever. Impressionava toda a gente que o via. Eu, também, sentia um sentimento correspondente despertar em mim, e alimentava-o com manteiga e doces, e brincava com ele como uma mãe brinca com o seu filho.» O Mestre concedia a Rakhal privilégios que a mais ninguém eram outorgados.

Chegava mesmo a levar o rapaz aos ombros. Numa ocasião, ficou tão impressionado com a sua simplicidade que desatou a chorar ao dizer: «És tão simples! Ah, quem cuidará de ti depois de eu partir?» Rakhal fora destinado pela Mãe Divina para zelar pelo

conforto de Sri Ramakrishna, mas frequentemente era este último quem tinha de cuidar do rapaz.

Sendo um homem do mundo, o pai de Rakhal opôs-se ao início à associação do seu filho com Sri Ramakrishna e tentava frequentemente dissuadi-lo disso. Uma ou duas vezes veio a Dakshineswar para ver que tipo de homem era o Mestre. Ficou satisfeito ao descobrir que muitos homens proeminentes de Calcutá o visitavam. Além disso, o Mestre recebeu-o cordialmente, — uma prática que observava sempre em tais casos. Depois disso, não houve mais objeções a que Rakhal fosse a Dakshineswar.

Ao saber do casamento de Rakhal, Sri Ramakrishna ficou ansioso pelo seu bem-estar espiritual. Um dia, a jovem esposa veio a Dakshineswar com a sua mãe, que também era uma grande devota. O Mestre estudou a fisionomia da rapariga e ficou satisfeito. Declarou mais tarde que ela possuía uma grande espiritualidade e que não se colocaria no caminho do seu marido.

Embora supremamente terno e afetuoso para com o rapaz, Sri Ramakrishna não hesitava em repreendê-lo sempre que este cometia algum erro. Uma vez, sem a sua permissão, Rakhal comeu um pouco de manteiga. Sri Ramakrishna admoestou-o severamente por isso, dizendo: «Que vergonha! Em vez de tentares conter o desejo por iguarias, tomaste a manteiga sem o meu conhecimento!»

Rakhal ficou sinceramente arrependido e nunca repetiu o erro. Como qualquer rapaz, sentia ciúmes, a dada altura, de outros rapazes partilharem o afeto de Sri Ramakrishna. Queria o monopólio do mesmo. O Mestre teve o cuidado de eliminar estas falhas, e ele cedo se desenvolveu, tornando-se um grande caráter.

O Mestre não conseguia suportar a ausência de Rakhal e chorava quando o rapaz estava longe. Uma vez, Rakhal foi para Vrindavan e adoeceu. Isto deixou Sri Ramakrishna excessivamente ansioso, pois temia que um súbito ressurgimento de ligações do passado ligadas ao local sagrado pudesse revelar-se a causa do seu abandono do corpo.

Chegou a rezar à Mãe Divina pela recuperação do rapaz e só ficou confortado com a garantia da Mãe. Diz-se que, por graça de Sri Ramakrishna, Rakhal teve um dia a visão mais realista do seu Ideal Escolhido. Não admira que se tenha tornado, em anos posteriores, um canal adequado para a transmissão do maravilhoso poder espiritual de Sri Ramakrishna.

Gopal Sur, de Sinti, perto de Calcutá, era um mercador de papel e um homem do mundo no sentido mais pleno da palavra. Encontrou o Mestre por volta da mesma altura que Mahima Charan. Prostrado pelo choque da morte da sua esposa, foi aconselhado por um amigo, que era devoto de Sri Ramakrishna, a ir a Dakshineswar em busca de consolo. Na primeira visita, não encontrou nada de muito notável em Sri Ramakrishna.

O seu amigo aconselhou-o a voltar, dizendo que os homens santos nem sempre se revelavam no primeiro encontro. Gopal obedeceu e, desta vez, sentiu a influência do grande instrutor cujas bênçãos viera procurar. A explicação simples do Mestre sobre a total irrealidade do mundo agradou-lhe e causou uma impressão duradoura na sua mente. Como resultado deste encontro, Gopal começou a pensar seriamente em renunciar ao mundo para procurar Deus. Esta resolução veio a traduzi-la a final em prática, dedicando-se ao serviço do Mestre durante os seus últimos dias. Sri Ramakrishna elogiava a sua organização e costumava designá-lo como "feitor", ou como "Gopal mais velho" por causa da sua idade.

NARENDRA NATH

A família Dutt, de Simla, era uma das mais cultas e aristocráticas de Calcutá. Um membro proeminente desta família, Durga Charan Dutt, renunciou ao mundo após o nascimento do seu primeiro filho. O filho, cujo nome era Viswanath, cresceu sob os cuidados amorosos da sua mãe e tornou-se um distinto advogado do Tribunal Superior de Calcutá. Ganhava muito dinheiro, que gastava profusamente, sobretudo em caridade. Era um homem de muitos dotes, entre os quais a música.

As suas perspetivas religiosas estendiam-se para além dos limites do hinduísmo ortodoxo, e lia a Bíblia e o poeta persa Hafiz. A sua esposa, Bhubaneswari Dasi, era também dotada, notável tanto pelo seu bom senso prático como pelo seu poder de resistência e fé em Deus. Este par feliz foi abençoado, no ano de 1863, com um filho notável na pessoa de Narendra Nath.

Desde os seus primeiros anos, Narendra Nath foi uma figura proeminente entre os seus companheiros de brincadeiras e camaradas. Nasceu com um corpo forte e uma mente vigorosa, mas com tudo isso possuía um coração terno. Inteligência viva, memória extraordinária, profundo poder de pensamento e imaginação vívida, combinados com um amor pela verdade, uma paixão pela pureza, um espírito de independência, intrepidez na ação e compaixão pelos necessitados — tudo isto o demarcava como um prodígio desde a sua juventude. Cedo adquiriu o domínio em vários ramos do saber, particularmente em história e filosofia. Era também um atleta habilidoso e um bom músico. Fora o seu pai quem o incentivara a adquirir esta formação abrangente.

A Natureza dotara Narendra Nath com uma profunda disposição religiosa, na qual a concentração era o fator mais pronunciado. Mesmo em criança, comprava imagens de barro de deuses e brincava à meditação diante delas. Um dia, num canto isolado da casa, chegou a perder-se nesta imitação de meditação, com o resultado de que os seus familiares, após uma busca diligente, tiveram de forçar a porta e sacudi-lo para o trazer de volta à consciência normal.

Mais tarde, a meditação tornou-se a sua ocupação favorita e, sem o conhecimento dos outros, passava uma grande parte da noite dessa forma. Como muitos outros jovens que procuravam a verdade, juntou-se ao Brahmo Samaj e foi uma vez ter com o Maharshi Devendra Nath para receber instrução religiosa. O Maharshi encontrou nele muitas características de Yogi e encorajou-o nas suas meditações.

Referindo-se às suas primeiras visões, Narendra Nath disse mais tarde: «Todas as noites, ao ir para a cama, duas visões flutuavam diante dos olhos da minha mente. Uma delas pintava-me como um homem do mundo bem-sucedido, ocupando o lugar principal na sociedade, e eu sentia que tinha efetivamente o poder de talhar um lugar desses para mim.

Um momento depois vinha a outra visão, na qual me encontrava como um monge errante, vestido com um pano de lombo, vivendo de pedaços ocasionais de comida e passando a noite debaixo de árvores, dependendo unicamente de Deus. Sentia que podia levar este tipo de vida também. Dessas duas visões, a última agradava-me mais, e eu pensava que a vida de um monge era a mais nobre da terra e que a abraçaria.»

Como resultado do seu estudo profundo e intelecto penetrante, Narendra Nath adquiriu um grande poder de debate. Em apoio das suas perspetivas, alinhava argumentos irrespondíveis que remetiam ao silêncio os seus oponentes. Um distinto contemporâneo, que andava na classe imediatamente superior da sua faculdade, num artigo de apreço descreve assim o génio multifacetado de Narendra Nath:

Dr. Brajendra Nath Seal.

«Inegavelmente um jovem dotado, sociável, livre e pouco convencional nos modos, um cantor de voz doce, a alma dos círculos sociais, um conversador brilhante, algo amargo e cáustico, perfurando com as setas de um engenho agudo as exibições e as farsas do mundo, sentando-se na cadeira do escarnecedor mas escondendo o mais terno dos corações sob essa capa de cinismo; no cômputo geral, um boémio inspirado mas possuindo o que falta aos boémios, uma vontade de ferro; algo perentório e absoluto, falando com sotaques de autoridade e com tudo isto possuindo um estranho poder no olhar que conseguia manter os seus ouvintes cativos...

Vi e reconheci nele uma natureza elevada, ardente e pura, vibrante e ressonante de sensibilidades apaixonadas. Não era certamente nenhum puritano amargo ou mal-humorado, nenhum

hipocondríaco moral; — entregava-se cinicamente a uma linguagem pouco convencional, exceto quando poupava a minha inocência. Sentia um prazer quase mórbido em chocar o convencionalismo nos seus tabernáculos, a respeitabilidade nas suas bancas; e, na prossecução do seu passatempo, aparentava ser diferente do que era, intrigando e mistificando aqueles que estavam fora do seu círculo íntimo de amigos. Mas, nos recessos da sua alma, lutava contra o espírito feroz e terrível do Desejo, o espírito subtil e ilusório da Fantasia.»

Nos seus dias de faculdade, Narendra Nath bebeu livremente da filosofia ocidental, cujas doutrinas agnósticas deram, por algum tempo, um rude golpe na sua fé inata em Deus. Mas os impulsos íntimos do seu coração mantiveram-no na sua luta espiritual. Não se contentava com um conhecimento teórico da religião. Praticava um Brahmacharya estrito e uma disciplina rigorosa, vivendo de uma dieta vegetariana e dormindo ou no chão ou num cobertor estendido sobre ele.

Hora após hora passava em meditação. Para citar o Dr. Seal: «O conflito entrava agora mais profundamente na sua alma, pois o credo da Razão Universal pedia-lhe que suprimisse os anseios e as suscetibilidades da sua natureza de artista e do seu temperamento boémio. Os seus sentidos eram vivos e agudos, os seus desejos naturais e paixões eram fortes e imperiosos, as suas suscetibilidades juvenis eram ternas, a sua convivialidade livre e alegre.

Suprimir isto era matar a sua espontaneidade natural, quase suprimir o seu ser... Confessou que, embora o seu intelecto estivesse conquistado pelo Universal, o seu coração devia fidelidade ao Ego individual e queixava-se de que uma razão pálida, sem sangue, soberana *de jure* mas não *de facto*, não lhe podia estender os braços para o salvar na hora da tentação. Queria saber se a minha filosofia (da Razão Pura) podia satisfazer os seus sentidos, se podia mediar corporalmente, por assim dizer, para a libertação da alma; em suma, queria uma realidade de carne e osso visível em forma e glória; acima de tudo, clamava por uma

mão para salvar, para elevar, para proteger, uma Sakti ou poder fora de si mesmo que o pudesse curar da sua impotência e cobrir o seu nada com glória, um Guru ou mestre que, ao encarnar a perfeição na carne, acalmasse a comoção na sua alma.»

O seu anseio por realizar Deus aumentou. Não obteve ajuda dos ensinamentos do Brahmo Samaj. Na sua ânsia de realização, abordou um dia o Maharshi Devendra Nath e perguntou-lhe sem rodeios: «Senhor, viu Deus?» A resposta que recebeu não o satisfez. Foi neste momento crítico que encontrou pela primeira vez Sri Ramakrishna na casa de Surendra Nath Mitra, em Calcutá, por volta do mês de novembro de 1880, quando se preparava para o seu Primeiro Exame em Artes. Cantou algumas canções. Sri Ramakrishna ficou vivamente interessado no jovem, informou-se de tudo a seu respeito, observou os seus traços e convidou-o a visitar Dakshineswar em breve.

O exame foi aprovado. O pai de Narendra Nath começou a fazer preparativos para o casamento do seu filho, mas as negociações falharam perante a recusa obstinada de Narendra em casar. O seu primo, Ramchandra Dutt, compreendeu os seus motivos para não casar e disse-lhe um dia: «Por que andas de um lado para o outro em busca de religião? Se tens um verdadeiro anseio por ela, vai a Dakshineswar.» Pouco depois, aceitou um convite de Surendra Nath para ir com ele e com alguns dos seus amigos a Dakshineswar.

Eis o relato de Sri Ramakrishna sobre a primeira visita do seu maior discípulo:

«Narendra entrou neste quarto pela porta ocidental. Parecia descuidado com o seu corpo e vestuário e, ao contrário de outras pessoas, alheio ao mundo externo. Os seus olhos revelavam uma mente introspetiva, como se alguma parte dela estivesse sempre concentrada em algo no seu íntimo. Fiquei surpreso ao encontrar um homem tão espiritual vindo da atmosfera material de Calcutá.

Uma esteira estava estendida no chão, na qual lhe pedi que se sentasse. Os amigos com quem tinha vindo pareciam ser jovens comuns com a tendência habitual para o prazer. Ele cantou

algumas canções bengalis a meu pedido. Estas eram as efusões espontâneas de um coração devoto que desejava a união com o Eu. Colocou tanto sentimento na canção que não me consegui conter, caindo num estado extático.»

O que aconteceu a seguir apresentamos nas próprias palavras de Narendra Nath:

«Bem, cantei a canção, mas pouco depois ele levantou-se subitamente e, pegando-me pela mão, conduziu-me à varanda norte, fechando a porta atrás de si. Ficava resguardada do exterior; por isso, estávamos a sós.

Pensei que ele me ia dar algumas instruções privadas. Mas, para minha total surpresa, começou a derramar profusas lágrimas de alegria enquanto segurava a minha mão e, dirigindo-se a mim mui ternamente como alguém que lhe era familiar há muito, disse: "Ah, vens tão tarde! Como pudeste ser tão cruel ao ponto de me deixares à espera tanto tempo? Os meus ouvidos estão bem perto de arder ao escutarem a conversa profana das pessoas mundanas. Oh, anseio por aliviar a minha mente com alguém que possa apreciar as minhas experiências mais íntimas." Assim continuou entre soluços. Depois, colocou-se diante de mim com as palmas das mãos unidas e começou a dirigir-se a mim: "Senhor, sei que sois aquele antigo sábio, Nara — a Encarnação de Narayana — nascido na terra para remover a miséria da humanidade", e coisas do género!

«Fiquei completamente sobressaltado com a sua conduta. "Quem é este que vim ver?", pensei. "Deve estar completamente louco! Ora, eu sou apenas o filho de Viswanath Dutt e, no entanto, ele atreve-se a dirigir-se a mim desta forma!" Mas mantive-me calado, deixando-o continuar. Daí a pouco, regressou ao quarto e, trazendo alguns doces, açúcar-cande e manteiga, começou a alimentar-me com as suas próprias mãos. Em vão lhe disse uma e outra vez: "Por favor, dê-mos e eu partilhá-los-ei com os meus amigos."

Limitou-se a dizer: "Eles comerão alguns mais tarde", e só desistiu depois de eu os ter terminado a todos. Depois, agarrou-

me pela mão e disse: "Promete que virás sozinho ver-me em breve." Perante as suas instâncias, tive de dizer "sim" e regressei com ele para junto dos meus amigos.

«Sentei-me e fiquei a observá-lo. Não havia nada de errado nas suas palavras, movimentos ou comportamento para com os outros. Pelo contrário, a partir das suas conversas espirituais e estados extáticos, parecia ser um homem de renúncia genuína, e existia uma harmonia marcada entre as suas palavras e a sua vida. Disse: "Deus pode ser realizado.

Pode-se ver e falar com Ele como eu estou a fazer convosco. Mas quem quer saber de o fazer? As pessoas derramam torrentes de lágrimas pela mulher e pelos filhos, pela riqueza ou propriedade, mas quem o faz por amor a Deus? Se alguém chorar sinceramente por Ele, Ele certamente manifesta-se." À medida que ouvia estas coisas, não podia deixar de acreditar que ele as dizia não como um pregador comum, mas a partir das profundezas da sua própria realização.

Mas não conseguia conciliar as suas palavras com a sua conduta estranha para comigo. Por isso, concluí que ele devia ser um monomaníaco. Mas não podia deixar de reconhecer a magnitude da sua renúncia. "Pode ser um homem louco", pensei, "mas apenas os poucos afortunados podem ter tal renúncia. Mesmo que insano, este homem é o mais santo dos santos, um verdadeiro santo e, só por isso, merece a homenagem reverente da humanidade." Com tais pensamentos conflituosos, curvei-me diante dele e pedi-lhe licença para regressar a Calcutá.»

Cerca de um mês passou antes de Narendra Nath fazer a sua segunda visita ao Mestre. Foi sozinho. Citamos as suas próprias palavras sobre este encontro marcante: «Encontrei-o sentado sozinho na pequena cama. Ficou feliz por me ver e, chamando-me afetuosamente para o seu lado, fez-me sentar junto dele na cama. Mas, no momento seguinte, encontrei-o dominado por uma espécie de emoção. Murmurando algo para si próprio, com os olhos fixos em mim, aproximou-se lentamente. Pensei que ele pudesse fazer algo estranho como na ocasião anterior.

Mas, num piscar de olhos, colocou o pé direito sobre o meu corpo. O toque deu imediatamente origem a uma experiência invulgar no meu íntimo. Com os olhos abertos, vi que as paredes, e tudo no quarto, giravam rapidamente e desapareciam no nada, e o universo inteiro, juntamente com a minha individualidade, estava prestes a fundir-se num Vazio misterioso que tudo abrangia!

Fiquei terrivelmente assustado e pensei que enfrentava a morte, pois a perda da individualidade significava nada menos do que isso. Incapaz de me conter, gritei: "O que é isto que me está a fazer? Tenho os meus pais em casa!" Ele riu alto com isto e, acariciando-me o peito, disse: "Muito bem, que fique por aqui agora. Tudo virá a seu tempo!" A maravilha disso foi que, mal ele disse isto, aquela minha estranha experiência desapareceu. Voltei a ser eu próprio e encontrei tudo dentro e fora do quarto tal como estava antes.

«Tudo isto aconteceu em menos tempo do que aquele que levo a narrá-lo, mas revolucionou a minha mente. Espantado, pensei o que poderia possivelmente ser. Vinha e ia por mero desejo deste homem maravilhoso! Comecei a questionar se seria mesmerismo ou hipnotismo. Mas isso não era provável, pois estes atuavam apenas em mentes fracas, e eu orgulhava-me de ser precisamente o inverso. Não me tinha rendido à personalidade mais forte do homem. Pelo contrário, tinha-o considerado um monomaníaco. Então, a que se poderia dever esta minha súbita transformação? Não conseguia chegar a nenhuma conclusão. Era um enigma, pensei, que seria melhor não tentar resolver. Estava determinado, contudo, a manter-me atento e a não lhe dar outra oportunidade para exercer uma influência semelhante sobre mim.

«No momento seguinte, pensei: como poderia um homem que transformava à vontade uma mente forte como a minha ser descartado como um louco? Contudo, esta era exatamente a conclusão a que se chegaria a partir das suas efusões por ocasião do nosso primeiro encontro, — a menos, claro, que ele fosse uma Encarnação de Deus, o que na verdade era um cenário distante.

Por isso, encontrava-me num dilema sobre a verdadeira natureza da minha experiência, bem como sobre a verdade a respeito deste homem notável, que era obviamente puro e simples como uma criança. A minha mente racionalista recebeu um desagradável revés perante esta falha em julgar o verdadeiro estado das coisas. Mas estava resolvido a decifrar o mistério de alguma forma.

«Pensamentos como estes ocuparam a minha mente durante todo aquele dia. Mas ele tornou-se um homem completamente diferente após este incidente e, tal como na ocasião anterior, tratou-me com grande bondade e cordialidade. O seu comportamento para comigo era como o de um homem que encontra um velho amigo após uma longa separação. Parecia não se dar por satisfeito ao receber-me e ao cuidar de mim com todas as atenções possíveis. Este tratamento incrivelmente amoroso prendeu ainda mais a minha atenção. Por fim, vendo que o dia chegava ao fim, pedi-lhe licença para partir. Pareceu muito deprimido com isto e deu-me a sua permissão apenas depois de eu ter prometido voltar na primeira oportunidade.»

Durante a sua terceira visita, Narendra Nath não teve melhor sorte, embora desde o início estivesse determinado a não ser influenciado. Sri Ramakrishna levou-o nesse dia ao jardim adjacente de Jadunath Mallik. Após passearem durante algum tempo, tomaram lugar na sala de visitas. Cedo o Mestre caiu num transe e, enquanto Narendra observava, foi subitamente tocado por ele. Narendra perdeu imediatamente toda a consciência externa. Ao retomar a consciência passado um pouco, descobriu que o Mestre lhe acariciava o peito.

Embora Narendra ignorasse o que tinha acontecido entretanto, o Mestre soube de muitas coisas estranhas a seu respeito. Referindo-se a este incidente, disse mais tarde: «Coloquei-lhe várias questões enquanto ele estava nesse estado. Perguntei-lhe sobre os seus antecedentes e paradeiro, a sua missão neste mundo e a duração da sua vida mortal.

Ele mergulhou profundamente em si próprio e deu respostas adequadas às minhas perguntas. Elas apenas confirmaram o que

eu tinha visto e inferido a seu respeito. Essas coisas serão um segredo, mas passei a saber que ele era um sábio que tinha alcançado a perfeição, um mestre consumado na meditação, e que no dia em que soubesse a sua verdadeira natureza, abandonaria o corpo por um ato de vontade, através do Yoga.»

Será interessante saber que revelações o Mestre tivera a respeito de Narendra antes da chegada deste a Dakshineswar. Eis como ele as descreveu:

«Um dia, descobri que a minha mente voava alto em Samadhi ao longo de um caminho luminoso. Cedo transcendeu o universo estelar e entrou na região mais subtil das ideias. À medida que subia cada vez mais alto, encontrava de ambos os lados do caminho formas ideais de deuses e deusas. A mente alcançou então os limites exteriores dessa região, onde uma barreira luminosa separava a esfera da existência relativa daquela do Absoluto.

Cruzando essa barreira, a mente entrou no reino transcendental, onde nenhum ser corpóreo era visível. Mesmo os deuses não se atreviam a espreitar para esse reino sublime, e contentavam-se em manter os seus lugares muito abaixo. Mas, no momento seguinte, vi sete veneráveis sábios sentados ali em Samadhi. Ocorreu-me que estes sábios deviam ter superado não só os homens, mas até os deuses em conhecimento e santidade, em renúncia e amor.

Perdido em admiração, refletia sobre a sua grandeza quando vi uma parte daquela região luminosa indiferenciada condensar-se na forma de uma criança divina. A criança aproximou-se de um dos sábios, enlaçou ternamente o seu pescoço com os seus braços adoráveis e, dirigindo-se a ele com uma voz doce, tentou arrastar a sua mente para baixo, retirando-a do estado de Samadhi. Aquele toque mágico despertou o sábio do seu estado superconsciente, e ele fixou os seus olhos entreabertos na criança maravilhosa. O seu semblante radiante mostrava que a criança devia ser o tesouro do seu coração. Em grande alegria, a estranha criança disse-lhe: "Vou descer. Tu também deves ir comigo." O sábio permaneceu

mudo, mas o seu olhar terno exprimiu o seu consentimento. Enquanto continuava a olhar fixamente para a criança, ficou novamente imerso em Samadhi. Fiquei surpreso ao descobrir que um fragmento do seu corpo e mente descia à terra sob a forma de uma luz brilhante. Mal vi Narendra, reconheci-o imediatamente como sendo esse sábio.»

Narendra Nath estava agora totalmente convencido da natureza extraordinária daquele grandioso poder que operava através de Sri Ramakrishna. Essa ideia do Mestre como um monomaníaco foi substituída por um sentimento de profundo respeito por ele. Ele não acreditava na necessidade de um Guru para a realização de Deus. Como poderia um homem, necessariamente fraco e de visão curta, ser o guia infalível que tinha de ser para exigir a obediência implícita de outrem? Esta ideia tinha sido fortalecida pela sua associação ao Brahmo Samaj. Agora, percebia que um homem assim podia de facto existir, e que a sua influência pessoal era de um valor inestimável para trazer um homem mais para perto de Deus. Mas, ainda assim, estava determinado a não aceitar nada sobre Sri Ramakrishna sem o testar através da sua própria experiência ou razão. A sua fé no ascetismo e na renúncia, contudo, foi fortalecida ao entrar em contacto com o Mestre.

O leitor já tem alguma ideia sobre a relação maravilhosa entre Sri Ramakrishna e Narendra Nath. Narendra era um cético, sem fé nos deuses hindus. Ria-se de muitas das prescrições das escrituras hindus. Contudo, Sri Ramakrishna instruía-o com o amor e a paciência infinitos de um mestre ideal.

Uma investigação posterior arrancou de Sri Ramakrishna o facto de que a criança divina era ninguém menos do que ele próprio.

Estava cheio de admiração pelo caráter puro e força de mente de Narendra. Mas tinha apreensões a seu respeito num aspeto. Sabia que o rapaz estava dotado de raras potencialidades, uma fração das quais era suficiente para fazer dele uma figura poderosa no

mundo, mas se esta tremenda energia não fosse dirigida para um canal espiritual, poderia ser mal utilizada. Poderia tornar-se o fundador de uma nova seita ou partido, mas essa não era a sua missão.
Ele devia ser o instrumento do Senhor para operar uma regeneração espiritual da humanidade. Como é natural, por isso, Sri Ramakrishna estava ansioso por dirigir a sua mente para a realização de Deus, e este era o segredo da sua relação íntima com Narendra Nath. Toda a história desta relação nunca poderá ser contada. Era profunda demais para a expressão humana. Não havia o mais pequeno vestígio de mundanismo no amor que Sri Ramakrishna manifestava pelo seu maravilhoso discípulo. Se este último deixasse de vir a Dakshineswar por alguns dias, Sri Ramakrishna ficava inconsolável. Chorava, rezava à Mãe Divina para que enviasse Narendra a Dakshineswar, recusando-se a ser confortado enquanto ele não viesse.

Certa vez, Narendra não veio durante alguns dias e o Mestre sentia dolorosamente a separação. Estava a enaltecer os dotes extraordinários de Narendra perante um discípulo quando ficou completamente dominado. Incapaz de se conter, foi para a varanda adjacente e desatou a soluçar: «Mãe Bendita, não posso viver sem o ver.» Controlou-se um pouco e regressou ao quarto. Com o coração pesado, disse, dirigindo-se aos devotos: «Tenho chorado tanto, mas mesmo assim ele não vem. Sinto uma dor aguda, o meu coração está a ser esmagado, por assim dizer.

Mas ele não valoriza isto.» Ficou novamente inquieto e saiu. Regressando escassos minutos mais tarde, disse: «Um homem velho a consumir-se e a chorar por alguém! O que pensarão as pessoas de mim? Vós sois a minha própria gente e não sinto qualquer constrangimento diante de vós. Mas o que pensarão os outros? No entanto, não me consigo controlar.» Os devotos ficavam espantados com a imensidão do seu amor por Narendra.

O próprio Sri Ramakrishna falou sobre este grande anseio da seguinte forma: «Durante seis meses sofri uma agonia excruciante

por causa dele. Amava os outros jovens devotos também, mas não era nada em comparação com o que sentia por Narendra.»

Narendra Nath era um inimigo implacável da farsa e da iniquidade e criticava-as destemidamente. A sua franqueza era frequentemente confundida com orgulho pelas pessoas que não tinham perceção da sua verdadeira natureza. Mas a avaliação de Sri Ramakrishna sobre a sua natureza era completamente diferente. Costumava dizer que Narendra Nath era ouro puro sem escória, que os seus atos de aparente orgulho e intolerância eram o resultado de uma maravilhosa autoconfiança e autodomínio, e que a sua indiferença perante a opinião pública se devia a uma pureza inata da alma.

O Mestre sabia que o tempo não estava distante em que a sua personalidade se ergueria acima do resto do mundo e que, quando se tornasse um instrutor mundial, todas estas qualidades seriam utilizadas para aliviar o sofrimento da humanidade e mostrar-lhe o caminho para a Liberdade.

A fé de Sri Ramakrishna em Narendra Nath era ilimitada, pois baseava-se na convicção de que ele nunca poderia ser manchado por qualquer impureza. O seu tratamento para com ele era muitas vezes muito estranho. Sabendo perfeitamente que o elogio fazia perder a cabeça aos mortais, falava, no entanto, muito bem de Narendra aos outros na sua própria presença. Um dia, estavam reunidos no seu quarto Keshab Chandra Sen, Vijay Krishna Goswami com alguns outros devotos Brahmos, e Narendra. O Mestre, num estado de espírito elevado, lançou os olhos primeiro sobre os Brahmos e
depois sobre Narendra Nath, e uma imagem da futura grandeza deste último cruzou a sua mente. Após a reunião terminar, disse dirigindo-se a alguns devotos: «Bem, se Keshab possui uma característica que o tornou famoso, Narendra tem dezoito dessas. Além disso, em Keshab e Vijay vi a luz do conhecimento arder como a chama de uma vela; mas em Narendra era como um sol radiante, dissipando o último vestígio de ignorância e ilusão.»

Narendra estava entre a assistência. Em vez de ficar vaidoso com este elogio invulgar, sentiu-se insignificante em comparação com Keshab e Vijay, e protestou perante o Mestre: «Senhor, o que quer dizer com essas coisas? As pessoas vão considerá-lo louco. Como pode comparar o prestigiado Keshab e o santo Vijay comigo, um estudante desconhecido? Por favor, não o volte a fazer.» «Não o posso evitar», disse Sri Ramakrishna, «achas que essas eram as minhas palavras? A Mãe Divina mostrou-me certas coisas, que eu apenas repeti.

E Ela nunca me revela nada a não ser a verdade.» Mas este recurso à revelação divina não satisfez Narendra Nath. Questionava a sua autenticidade, dizendo: «Quem sabe se estas são revelações da Mãe ou caprichos do seu próprio cérebro? Se estivesse na sua posição, seguramente as atribuiria à imaginação pura e simples. Os filósofos ocidentais dizem-nos que somos frequentemente enganados pelos nossos sentidos, e as probabilidades de engano são muito maiores quando existe uma predisposição pessoal.

Dado que gosta de mim e deseja sempre ver-me grande, é natural que estas fantasias lhe venham à mente.» Assim tentava Narendra Nath abalar as crenças estabelecidas do Mestre. Se este estivesse num dos seus estados elevados, estes argumentos eram ignorados como pueris; mas se estivesse no estado de espírito comum, ficava muito perturbado, sem saber por que razão uma alma tão pura como Narendra hesitava em acreditar nas suas visões. Na sua perplexidade, apelava à Mãe Divina e ficava confortado apenas quando Ela dizia: «Por que o escutas? Daqui a uns dias ele admitirá que cada palavra disso é verdade.»

Seria de interesse recordar outro incidente a este propósito. Certa vez, Narendra passou uma ou duas semanas sem ir a Dakshineswar. O Mestre mandou chamá-lo, mas em vão. Assim, num domingo, partiu para Calcutá a fim de visitar Narendra. Sabia que o encontraria na congregação vespertina dos Brahmos. Dirigiu-se ao templo Brahmo, sem nunca suspeitar que a sua comparência ali pudesse causar qualquer desagrado aos membros.

Pelo contrário, tinha razões para pensar que eles nutriam, em geral, boa disposição para com ele. As cerimónias preliminares tinham terminado e o pregador estava prestes a proferir o seu sermão, quando Sri Ramakrishna entrou num estado de semiconsciência. A sua chegada inesperada provocou uma profunda agitação entre os devotos reunidos. Todos se levantaram para o ver melhor. Narendra tinha-o visto do seu lugar no coro e, ao adivinhar o motivo da sua visita súbita, aproximou-se dele. O pregador interrompeu o sermão. Os membros principais presentes esqueceram-se de mostrar até a cortesia mais elementar ao augusto visitante. Tinham a ideia de que ele era o responsável pela cisão no campo deles, visto que Keshab e Vijay mudaram de opinião após entrarem em contacto com ele. Sri Ramakrishna, que não reparou na perturbação causada pela sua presença, caminhou diretamente para o púlpito e entrou em Samadhi. Isto só aumentou a desordem, e tornou-se necessário apagar a maior parte das luzes para dispersar a assembleia. No entanto, tal medida tornou a confusão ainda mais confusa, e todos correram para a porta.

Narendra ficou mortificado com a receção fria concedida ao Mestre. Passou então a temer pela segurança dele. Assim que o Samadhi terminou, Narendra conseguiu, de alguma forma, retirá-lo dali secretamente pela porta das traseiras e acompanhou-o até Dakshineswar. Ao referir-se a este incidente, disse mais tarde: «Mal consigo descrever a dor que senti naquele dia ao ver o Mestre humilhado por minha causa. Repreendi-o pelo seu ato imprudente. Mas ele não ficou minimamente desgostoso com o sucedido e não prestou atenção às minhas palavras.»

Continuando, disse: «Eu não hesitaria em dirigir-lhe palavras duras pelo seu amor cego por mim, sem considerações de respeito próprio. Costumava avisá-lo de que, se pensasse constantemente em mim, se tornaria igual a mim, como o Rei Bharata da antiga lenda, que, por idolatrar o seu veado de estimação, nasceu como veado na vida seguinte! Estas palavras faziam efeito na sua mente infantil. Ele assustava-se ao pensar nas consequências prováveis

do seu amor por mim. Dizia: “O que dizes é a pura verdade. Então, o que será de mim, pois não consigo suportar a tua ausência?” Ia ansiosamente ao templo de Kali, de onde regressava em poucos minutos, a sorrir, e dizia-me: “Seu maroto, não te dou mais ouvidos. A Mãe diz que te amo porque vejo o Senhor em ti, e no dia em que deixar de ver o Senhor em ti, não serei capaz de suportar sequer a tua vista.” Com esta declaração curta mas enfática, ele descartou naquele dia tudo o que eu alguma vez lhe dissera sobre o assunto.»

Desde o primeiro momento, Sri Ramakrishna compreendeu que Narendra Nath era a pessoa mais apta para a iniciação nos mistérios do Advaita Vedanta. Por isso, pediu-lhe que lesse o Ashtavakra Samhita e outros tratados de Advaita. Mas para Narendra, um membro fiel do Brahmo Samaj, estes escritos pareciam heréticos. Ele revoltava-se com frequência, dizendo: «Isto é uma blasfémia, pois não há diferença entre tal filosofia e o ateísmo.

Não há maior pecado no mundo do que considerar-se a si mesmo idêntico ao Criador. Eu sou Deus, tu és Deus, estas coisas criadas são Deus — o que pode ser mais absurdo do que isto? Os sábios que escreveram tais coisas deviam estar loucos.» Sri Ramakrishna achava graça à franqueza do seu discípulo e, por não querer interromper as suas ideias, observava: «Podes não aceitar as perspetivas destes videntes. Mas como podes insultá-los ou limitar a infinitude de Deus? Continua a rezar ao Deus da verdade e acredita nesse aspeto d’Ele que Ele te revelar.»

Contudo, Narendra não cedia facilmente. Tudo o que não concordasse com a razão, ele considerava falso, e era da sua natureza erguer-se contra a falsidade. Portanto, não perdia oportunidade para ridicularizar a filosofia Advaita.

Mas o Mestre sabia que o caminho de Narendra era o de Jnana, que no final ele ficaria enamorado da filosofia do Advaita e seria conduzido à realização mais elevada. Por esta razão, fazia questão de falar sobre a filosofia Advaita na presença dele. Certo dia, tentou incutir neste último a identidade da alma individual

com Brama, mas não o conseguiu convencer. Narendra saiu do quarto, foi ter com Pratap Chandra Hazra e, enquanto fumava, debateu o mesmo tema com ele. Disse: «Como pode ser isso? Este jarro é Deus, esta chávena é Deus, tudo o que vemos é Deus, e nós também somos Deus!

Nada pode ser mais absurdo!» Hazra juntou-se a esta crítica e ambos se riram. Sri Ramakrishna estava no seu quarto, num estado de semiconsciência. Ao ouvir o riso de Narendra, saiu com a sua veste debaixo do braço, como uma criança. «Olá! Do que estão a falar?», disse a sorrir, tocou em Narendra e mergulhou em Samadhi.

Narendra descreveu o efeito do toque:

«Aquele toque mágico do Mestre trouxe imediatamente uma mudança à minha mente. Fiquei estupefacto ao constatar que, na verdade, não havia nada no universo senão Deus! Vi-o com toda a clareza, mas mantive o silêncio, para ver se a ideia duraria. Mas essa influência não diminuiu no decorrer do dia. Regressei a casa, mas lá, também, tudo o que via parecia ser Brama. Sentei-me para tomar a refeição, mas notei que tudo — a comida, o prato, a pessoa que servia e até eu próprio — não era senão Aquilo. Comi uma ou duas garfadas e fiquei imóvel. Sobressaltei-me com as palavras da minha mãe: "Porque estás aí imóvel? Acaba a refeição", — e comecei a comer de novo. Mas durante todo o tempo, quer a comer, quer deitado, quer a caminho da faculdade, tive a mesma experiência e sentia-me sempre numa espécie de estado comatoso.

Ao andar pelas ruas, notava as carruagens a passar, mas não sentia inclinação para me desviar do caminho, pois sentia que as carruagens e eu éramos da mesma matéria. Não havia sensibilidade nos meus membros, os quais me parecia estarem a ficar paralisados. Não tirava qualquer satisfação da comida e sentia-me como se outra pessoa estivesse a comer. Por vezes, deitava-me durante a refeição e, passados alguns minutos, levantava-me e começava a comer outra vez. O resultado era que, em certos dias, comia em demasia, mas parecia não fazer mal.

A minha mãe ficou assustada e disse que algo de errado se passava comigo. Tinha medo de que eu não vivesse muito tempo. Quando este estado se alterou um pouco, o mundo começou a parecer-me um sonho. Ao caminhar na Cornwallis Square, batia com a cabeça contra as grades de ferro para ver se eram reais ou apenas um sonho. Este estado de coisas continuou por alguns dias. Quando voltei ao normal, compreendi que devia ter tido um vislumbre do Estado Advaita. Então ocorreu-me que as palavras das escrituras não eram falsas. A partir daí, não pude negar as conclusões da filosofia Advaita.»

A liberdade de que Narendra Nath gozava na sua associação com Sri Ramakrishna era invulgar, como se depreende do incidente seguinte. Ele discutia frequentemente com o Mestre contra o culto das imagens. Certo dia, quando este último não o conseguiu convencer, disse: «Porque vens aqui se não queres reconhecer a minha Mãe?» Narendra respondeu: «Tenho de A aceitar simplesmente porque venho aqui?» «Muito bem», disse o Mestre, «daqui a pouco tempo não só reconhecerás a minha Abençoada Mãe, como chorarás em Seu nome.»

Depois, dirigindo-se aos outros devotos, disse: «Este rapaz não tem fé nas formas de Deus e diz-me que as minhas experiências super-sensoriais são alucinações, mas é um excelente rapaz, de instintos puros. Não acredita em nada a menos que obtenha prova direta. Estudou muito e possui grande capacidade de julgamento e discernimento.»

Sri Ramakrishna era hábil na arte de testar a aptidão dos seus discípulos. Costumava adotar vários meios para testar a verdadeira natureza de um homem e não aceitava ninguém como seu discípulo sem o conhecer profundamente. Mesmo Narendra Nath teve de passar por esta provação antes de o Mestre depositar nele a sua confiança. Como exemplo disso, podemos citar o seguinte:

A chegada de Narendra Nath a Dakshineswar era sempre saudada por Sri Ramakrishna com intensa alegria e exaltação de espírito. Mesmo ao vê-lo de longe, o amor do Mestre

transbordava e, por assim dizer, envolvia-o. Muitas vezes ficava dominado pela emoção à vista de Narendra e gaguejava: «Aí vem Na—, aí vem Na—», incapaz de completar a frase, e entrava então em Samadhi. Chegou um dia, porém, em que tudo isto mudou e Sri Ramakrishna começou a tratar Narendra com total indiferença.

Narendra chegou, saudou o Mestre e sentou-se diante dele. Mas, desta vez, o acolhimento afetuoso habitual não surgiu. O Mestre não o saudou nem indagou pelo seu bem-estar. Após olhar para ele uma vez como se fosse um estranho, sem um sinal de reconhecimento, Sri Ramakrishna permaneceu em silêncio, imerso nos seus próprios pensamentos. Narendra Nath, a pensar que Sri Ramakrishna estaria absorto, saiu do quarto e, ao juntar-se a Hazra, que estava sentado na varanda, começou a conversar e a fumar com ele.

Mais tarde, porém, ao ouvir Sri Ramakrishna a falar com outros, regressou ao quarto. Novamente o Mestre não só não lhe dirigiu a palavra, como lhe virou as costas. Esta atitude de indiferença manteve-se durante o dia. Ao cair da tarde, Narendra Nath, depois de saudar o Mestre, regressou a Calcutá.

Uma semana depois, quando voltou, encontrou a atitude de Sri Ramakrishna para com ele inalterada. Passou o dia a conversar com Hazra e outros e, antes do anoitecer, regressou a casa. À terceira e à quarta vez aconteceu o mesmo. Mas Narendra Nath não mostrou ressentimento e continuou a visitar Sri Ramakrishna como habitualmente.

Entre estas visitas, Sri Ramakrishna mandava por vezes mensageiros a sua casa para indagar pelo seu bem-estar. Mas sempre que Narendra se aproximava dele, ele tratava-o com indiferença. Isto prolongou-se por mais de um mês. Ao ver que ele ainda vinha a Dakshineswar, Sri Ramakrishna chamou-o um dia e disse: «Diz-me, como é que, embora eu não te dirija uma única palavra, continuas a vir aqui?»

Narendra Nath respondeu: «Senhor, não são apenas as vossas palavras que me atraem aqui. Amo-vos e quero ver-vos, por isso venho.»

Sri Ramakrishna, altamente satisfeito com a resposta, disse: «Estava apenas a testar-te para descobrir se te afastarias quando eu não te mostrasse amor e atenção. Só alguém com o teu calibre conseguiria suportar tanta negligência e indiferença. Qualquer outra pessoa ter-me-ia deixado há muito tempo e nunca mais teria voltado.»

Noutra ocasião, Sri Ramakrishna, ao chamar Narendra Nath para a Panchavati, disse-lhe: «Como vês, através da prática de uma disciplina espiritual rigorosa, adquiri poderes sobrenaturais. Mas que utilidade posso dar-lhes? Nem sequer consigo manter o meu corpo devidamente coberto. Portanto, com a permissão da Mãe, penso dar-tos. Ela fez-me saber que terás muito trabalho a fazer para Ela. Se eu te transmitir estes poderes, poderás usá-los quando necessário. O que dizes a isso?»

Narendra Nath sabia que Sri Ramakrishna possuía certos poderes. Mas o seu anseio natural por Deus moveu-o a adiar a aceitação da oferta até lhe poder dar a devida consideração. Após refletir por um momento, perguntou: «Senhor, estes poderes ajudar-me-ão na direção da realização de Deus?»

Sri Ramakrishna respondeu: «Não, não farão isso, mas ser-te-ão muito úteis quando, após realizares Deus, te dedicares ao Seu trabalho.» Narendra Nath disse: «Então não os quero. Deixe-me primeiro realizar Deus, e depois decidirei se os quero ou não. Se eu aceitar estes poderes maravilhosos agora, posso esquecer o meu ideal e, ao usá-los para algum fim egoísta, posso cair na ruína.»

Não temos a certeza se o Mestre queria realmente transmitir estes poderes sobrenaturais a Narendra Nath ou se queria simplesmente testá-lo. Mas sabemos que ele ficou muito contente quando Narendra Nath os recusou.

Narendra Nath passava os dias feliz aos pés do Mestre que, com a sua influência silenciosa, conquistava gradualmente o seu

coração. O seu método de transmitir conhecimento espiritual aos seus discípulos era maravilhoso. Com um relance, sabia que rumo particular se adequaria a um determinado devoto e dedicava-se a moldar o seu caráter em conformidade.

Como um mestre de atletismo, procedia com grande cautela e contenção, umas vezes a assumir a derrota diante dele para fortalecer o seu espírito de confiança em si próprio, outras vezes a demonstrar uma energia maravilhosa para o dominar na luta. Ao compreender que em cada um havia uma força infinita que apenas requeria o treino adequado para se manifestar, considerava o pigmeu tão forte potencialmente como um gigante. Por intuição, sabia que um futuro glorioso aguardava os seus discípulos, embora eles o ignorassem. Ao segurar essa imagem brilhante diante dos olhos deles, encorajava cada um a manter-se no caminho adequado para si; ao mesmo tempo, avisava-os dos perigos a esperar.

Mantinha-se minuciosamente informado sobre as atividades deles e exercia sempre a sua influência benéfica no controlo da impetuosidade juvenil deles. E tudo isto era feito de forma silenciosa e discreta. Repetidas vezes dizia aos seus discípulos para testarem as suas realizações. Uma vez disse a Narendra: «Testa-me como os cambistas fazem com as moedas. Não me deves aceitar até me teres testado minuciosamente.»

Certo dia, quando o Mestre estava ausente em Calcutá, Narendra foi a Dakshineswar. Ao ver que não havia ninguém no quarto dele, surgiu na sua mente o desejo de testar a renúncia do Mestre à riqueza. Por isso, escondeu uma rupia debaixo da cama. Foi então para a Panchavati para meditar. Passado algum tempo, Sri Ramakrishna regressou.

Mal tocou na cama, recuou com grande dor. Admirado, olhava em redor, quando Narendra entrou e o observou em silêncio. Um assistente examinou a cama, e a presença da rupia foi revelada. Tanto o assistente como o Mestre ficaram surpreendidos. Narendra saiu do quarto. Quando mais tarde

contaram o sucedido ao Mestre, este alegrou-se por Narendra o ter testado.

Na primeira parte de 1884, o pai de Narendra Nath, que era o sustento da família, faleceu subitamente de doença cardíaca. Tinha gasto mais do que aquilo que ganhara e, com a sua morte, a família viu-se confrontada com uma pobreza extrema. Os credores batiam à porta.

Os parentes de Narendra, por quem o pai tanto fizera, tornaram-se inimigos, a ponto de ameaçarem desalojar a família de casa. O fardo do sustento de seis ou sete pessoas caiu, portanto, sobre Narendra, que se viu obrigado a procurar emprego. Em toda a parte era recebido com recusas. Passaram-se três ou quatro meses. Contaremos este período negro pelas próprias palavras de Narendra:

«Mesmo antes de terminar o período de luto, tive de procurar emprego. Faminto e descalço, vagueei de escritório em escritório sob o sol escaldante do meio-dia com um requerimento na mão, acompanhado às vezes por um ou dois amigos íntimos. Mas em toda a parte a porta se fechava na minha cara. Este primeiro contacto com a realidade da vida convenceu-me de que a simpatia desinteressada era uma raridade no mundo — não havia lugar nele para os fracos, os pobres e os necessitados.

Aqueles que, há apenas uns dias, teriam orgulho em ajudar-me, agora viravam-me as costas, embora tivessem meios suficientes à sua disposição. Ao ver tudo isto, o mundo parecia-me, por vezes, obra do demónio. Um dia, cansado e com os pés doridos, sentei-me à sombra do Monumento Ochterlony, no Maidan. Uns amigos meus por acaso estavam lá, e um deles cantou uma canção sobre a graça transbordante de Deus, talvez para me confortar. Foi como um golpe na minha cabeça. Lembrei-me da condição de desamparo da minha mãe e dos meus irmãos, e exclamei com amargura, angústia e desalento: “Importas-te de parar com essa canção? Tais fantasias podem ser agradáveis para quem nasceu com um berço de ouro e não tem familiares famintos em casa. Sim, houve um tempo em que eu também pensava

assim. Mas hoje, perante os factos duros da vida, isso soa a uma farsa cruel."

O meu amigo deve ter ficado magoado. Como podia ele avaliar a miséria extrema que arrancara estas palavras dos meus lábios? Por vezes, quando via que não havia provisões suficientes para a família e a minha carteira estava vazia, fingia perante a minha mãe que tinha um convite para jantar fora, e permanecia praticamente sem comer. Por uma questão de respeito próprio, não podia revelar os factos aos outros.

Os meus amigos ricos pediam-me às vezes para ir a casa ou aos jardins deles para cantar, e eu tinha de aceder. Mas guardava sempre as minhas mágoas para mim. Não eram particularmente curiosos, exceto um ou dois. Apenas um percebeu a minha verdadeira condição e colocou-me sob uma profunda dívida de gratidão ao enviar donativos anónimos para a minha mãe.

Alguns dos meus antigos amigos, que ganhavam o sustento por meios ilícitos, pediram-me para me juntar a eles. Apenas um ou dois, que tinham aprendido por experiência amarga, simpatizaram comigo. Houve também outros problemas. Uma mulher rica sugeriu um meio sórdido, que rejeitei com desprezo, de acabar com os meus dias de penúria. Recusei também outra mulher que se aproximou de mim com propostas semelhantes.

Apesar de todas estas dificuldades, nunca perdi a minha fé na misericórdia de Deus. Todas as manhãs, a invocar o Seu nome, levantava-me e saía em busca de emprego. Um dia, a minha mãe ouviu-me e disse: "Cala-te, seu tolo, andas a gritar por Deus até ficar rouco desde a infância, e o que é que Ele fez por ti?"

Fiquei profundamente magoado. "Será que Deus existe realmente", pensava eu, "e, se sim, ouvirá Ele realmente a oração fervorosa do homem? Então porque não há resposta aos meus apelos apaixonados? Porque há tanta dor no Seu reino benigno?" As palavras do Pundit Iswar Chandra Vidyasagar — "Se Deus é bom e gracioso, porque morrem então milhões de pessoas por falta de algumas migalhas de comida?" — ecoavam nos meus ouvidos com uma ironia amarga. Estava extremamente zangado

com Deus. Foi o momento propício para que a dúvida também se instalasse no meu coração.»

«Sempre foi contra a minha natureza fazer o que quer que fosse secretamente. Pelo contrário, desde a infância, nem o medo nem qualquer outra coisa me impediriam de expressar a minha opinião. Assim, era agora perfeitamente natural para mim tentar provar ao mundo que Deus era um mito, ou — se Ele existisse — que invocar o Seu nome era infrutífero. Cedo ganhou força o boato de que eu era ateu e não tinha escrúpulos em beber ou até em frequentar casas de má fama. Esta calúnia imerecida endureceu ainda mais o meu coração obstinado. Declarei abertamente que, neste mundo miserável, não havia nada de repreensível num homem que, ao procurar um breve alívio, recorresse a qualquer meio. Não só isso, mas se eu ficasse uma vez convencido da eficácia de tal rumo, não recuaria perante a sua adoção por medo de quem quer que fosse.

Um relato distorcido da situação chegou em breve aos ouvidos do Mestre e dos seus devotos em Calcutá. Alguns destes vieram ter comigo para obter informação em primeira mão e insinuaram que acreditavam, pelo menos, em alguns dos rumores. Um sentimento de orgulho ferido encheu o meu coração ao constatar que eles podiam considerar-me tão baixo. Num estado de exacerbação, dei-lhes a entender claramente que era cobardia acreditar em Deus por medo do inferno, e argumentei com eles sobre a Sua existência ou inexistência, ao citar vários filósofos ocidentais em apoio.

O resultado foi que se despediram de mim com a convicção de que eu estava irremediavelmente perdido, e eu alegre-me. Pensei que talvez Sri Ramakrishna também acreditasse nisso, pensamento que elevou novamente a minha indignação ao ponto de ebulição. “Não importa”, disse para comigo, “se a boa ou má opinião de um homem assenta em fundamentos tão frágeis, não me importo.”

Mas fiquei maravilhado ao saber mais tarde que o Mestre recebera o relato com frieza, sem expressar uma opinião num

sentido ou noutro. E quando um dos seus discípulos favoritos, Bhavanath, lhe disse com lágrimas nos olhos: “Senhor, nem em sonhos eu poderia imaginar que Narendra se rebaixasse tanto”, — ele ficou furioso e disse: “Cala-te, seu tolo! A Mãe disse-me que nunca poderá ser assim. Não serei capaz de olhar para ti se me falares outra vez dessa maneira.”

Contudo, não obstante estas perspetivas ateístas forçadas, a memória viva das visões divinas que eu experienciara desde a minha infância, e especialmente após o meu contacto com Sri Ramakrishna, levou-me a pensar que Deus teria de existir, e que haveria de existir alguma forma de O realizar. De outro modo, a vida careceria de sentido. No meio de todas as dificuldades e tribulações, eu teria de encontrar esse caminho. Os dias passavam e a mente continuava a vacilar entre a dúvida e a certeza. As minhas dificuldades financeiras mantinham-se inalteradas.

O verão terminou e as chuvas começaram. A busca por um emprego ainda continuava. Certa noite, após um dia inteiro de jejum e exposição à chuva, regressava a casa com os membros cansados e a mente exausta; dominado pela fadiga e incapaz de dar um passo em frente, deixei-me cair no plinto exterior de uma casa à beira da estrada. Não sei dizer se fiquei insensível ou não durante algum tempo.

Pensamentos variados apinharam-se na minha mente, mas eu estava demasiado fraco para os afastar e fixar a minha atenção em algo particular. De repente, senti como se, por algum poder divino, as coberturas da minha alma fossem removidas uma após outra. Todas as minhas dúvidas anteriores relativas à coexistência da justiça e da misericórdia divinas, e à presença da miséria na criação de uma Providência Bem-aventurada, resolveram-se automaticamente. Através de uma profunda introspeção, encontrei o significado de tudo aquilo e fiquei satisfeito. À medida que avançava para casa, notei que não havia vestígio de fadiga no corpo, e a mente estava revigorada com uma força e uma paz maravilhosas. A noite estava quase terminada.

A partir de então, tornei-me surdo aos elogios e às críticas das pessoas do mundo. Estava convencido de que não nascera como as pessoas comuns para ganhar dinheiro e sustentar a minha família, muito menos para me esforçar por prazeres sensoriais. Comecei secretamente a preparar-me para renunciar ao mundo, tal como o meu avô. Fixei um dia para o efeito e alegre-me ao saber que o Mestre viria a Calcutá precisamente nesse dia. "É uma sorte", pensei, "deixarei o mundo com as bênçãos do meu Guru." Assim que me encontrei com o Mestre, ele instou-me firmemente a passar aquela noite com ele em Dakshineswar.

Dei várias desculpas, mas sem resultado. Tive de o acompanhar. Não houve muita conversa na carruagem. Ao chegar a Dakshineswar, estive sentado durante algum tempo no quarto dele juntamente com outros, quando ele entrou em transe. Pouco depois, aproximou-se de mim e, ao tocar-me com grande ternura, começou a cantar uma canção, com lágrimas nos olhos.

Eu reprimira os meus sentimentos durante tanto tempo que agora eles transbordaram em lágrimas. O significado da canção era demasiado evidente — ele sabia das minhas intenções. A assistência maravilhou-se com esta troca de sentimentos entre nós. Quando o Mestre recuperou o seu estado normal, alguns deles perguntaram-lhe a razão daquilo, e ele respondeu com um sorriso: "Oh, foi algo entre ele e eu." Depois, à noite, dispensou os outros e, ao chamar-me para o seu lado, disse: "Sei que vieste para o trabalho da Mãe e não serás capaz de permanecer no mundo. Mas, por minha causa, fica enquanto eu viver."

Ao dizer isto, desfez-se em lágrimas novamente. No dia seguinte, com a permissão dele, regressei a casa. Mil pensamentos sobre o sustento da família assaltaram-me. Comecei a procurar novamente um meio de subsistência. Ao trabalhar no escritório de um solicitador e ao traduzir alguns livros, obtive os meios estritamente necessários para viver um dia de cada vez, mas não era algo permanente, e não havia um rendimento fixo para sustentar a minha mãe e os meus irmãos.

Certo dia, ocorreu-me a ideia de que Deus escutava as orações de Sri Ramakrishna; por isso, porque não pedir-lhe que rezasse por mim para a remoção das minhas necessidades financeiras — um favor que o Mestre nunca me recusaria. Apressei-me a ir para Dakshineswar e insisti em que ele fizesse o apelo em nome da minha família faminta.

Ele disse: "Meu rapaz, não posso fazer tais exigências. Mas porque não vais tu próprio pedir à Mãe? Todo o teu sofrimento deve-se ao teu desrespeito por Ela." Eu disse: "Não conheço a Mãe, por favor fale com Ela em meu nome. Tem de o fazer." Ele respondeu ternamente: "Meu querido rapaz, já o fiz repetidas vezes. Mas tu não A aceitas, e por isso Ela não concede a minha oração. Muito bem, hoje é terça-feira — vai ao templo de Kali esta noite, prostra-te diante da Mãe e pede-Lhe a graça que desejares. Ser-te-á concedida. Ela é o Conhecimento Absoluto, o Poder Inscrutável de Brama, e pela Sua mera vontade deu à luz este mundo. Tudo está no Seu poder conceder!" Acreditei em cada palavra e aguardei com ânsia pela noite. Por volta das 9 horas, o Mestre ordenou-me que fosse ao templo.

À medida que ia, sentia-me preenchido por uma embriaguez divina. Os meus pés estavam instáveis; o meu coração saltava na antecipação da alegria de contemplar a Deusa Viva e de ouvir as Suas palavras. Estava cheio dessa ideia. Ao chegar ao templo, quando lancei os olhos sobre a imagem, constatei efetivamente que a Mãe Divina estava viva e consciente, a Fonte Perene de Amor e Beleza Divinos. Fui apanhado por uma vaga avassaladora de devoção e amor.

Num êxtase de alegria, prostrei-me repetidas vezes diante da Mãe e rezei: "Mãe, dá-me discernimento! Dá-me renúncia! Concede-me conhecimento e devoção! Permite que eu tenha uma visão ininterrupta de Ti!" Uma paz serena reinou na minha alma. O mundo foi esquecido. Apenas a Mãe Divina brilhava no meu coração.

Assim que regressei, Sri Ramakrishna perguntou-me se eu tinha pedido à Mãe a remoção das minhas necessidades

mundanas. Sobressaltei-me com a sua pergunta e disse: “Não, senhor, esqueci-me completamente disso. Mas haverá algum remédio agora?” “Vai outra vez”, disse ele, “e fala-Lhe sobre as tuas necessidades.” Parti de novo para o templo, mas, à vista da Mãe, esqueci novamente a minha missão, curvei-me diante d’Ela repetidamente e rezei apenas por amor e devoção. O Mestre perguntou-me se o tinha feito da segunda vez.

Contei-lhe o que acontecera. Ele disse: “Que imprudência! Não conseguiste conter-te o suficiente para dizer essas poucas palavras? Bem, tenta mais uma vez e faz-Lhe esse pedido. Rápido!” Fui pela terceira vez, mas, ao entrar no templo, uma vergonha terrível dominou-me. Pensei: “Que insignificância vim eu pedir à Mãe! É como pedir a um rei generoso alguns vegetais! Que tolo sou!” Com vergonha e remorso, curvei-me diante d’Ela respeitosamente e disse: “Mãe, não quero nada senão conhecimento e devoção.”

Ao sair do templo, compreendi que tudo aquilo se devia à vontade de Sri Ramakrishna. De outro modo, como poderia eu ter falhado no meu objetivo nada menos do que três vezes? Fui ter com ele e disse: “Senhor, foi o senhor que lançou um encanto sobre a minha mente e me tornou esquecido. Agora, por favor, conceda-me a graça de que as minhas pessoas em casa não sofram mais o aperto da pobreza.” Ele disse: “Tal oração nunca sai dos meus lábios.

Pedi-te para rezares por ti próprio. Mas não foste capaz de o fazer. Parece que não estás destinado a desfrutar da felicidade mundana. Bem, nada posso fazer.” Mas eu não o deixava ir. Insisti em que ele concedesse esse pedido. Por fim, ele disse: “Muito bem, nunca lhes faltará comida e roupa simples.”

O incidente acima relatado marcou a abertura de um novo capítulo na vida de Narendra Nath. Até então, ele não compreendera o significado da Maternidade de Deus; nutria apenas desprezo pelo culto através de imagens e símbolos. Mas agora tudo isto mudou. O segredo do culto de um Deus Pessoal foi-lhe revelado e conferiu uma plenitude e amplitude à sua visão.

Quão alegre ficou Sri Ramakrishna com este incidente depreende-se do seguinte relato de uma testemunha ocular1:

«Ao chegar a Dakshineswar ao meio-dia, encontrei o Mestre sozinho no seu quarto e Narendra a dormir lá fora. Sri Ramakrishna estava num estado de espírito jubiloso e, assim que o saudei, disse, ao apontar para Narendra: "Olha para aqui, aquele rapaz é excecionalmente bom. O seu nome é Narendra. Ele não aceitava a Divina Mãe antes, mas fê-lo ontem. Ele encontra-se em circunstâncias difíceis hoje em dia. Por isso, aconselhei-o a pedir riquezas à Mãe, mas ele não foi capaz.

Disse que ficou cheio de vergonha. Ao regressar do templo, pediu-me para lhe ensinar uma canção da Mãe, o que eu fiz. Durante toda a noite passada ele cantou essa canção. Por isso, está a dormir agora." Depois, com um deleite genuíno, disse: "Não é maravilhoso que Narendra tenha aceitado a Mãe?" Eu disse: "Sim." Após uma breve pausa, repetiu a pergunta, e assim continuou durante algum tempo.

Por volta das 4 horas, Narendra veio ter com Sri Ramakrishna antes de partir para Calcutá. Mas, mal o Mestre o viu, aproximou-se cada vez mais dele e, ao sentar-se quase no seu colo, disse, ao apontar primeiro para si próprio e depois para Narendra: "Bem, vejo que sou isto, e novamente aquilo. Na verdade, não sinto diferença, — como um pau a flutuar no Gange parece dividir a água que, na realidade, é uma só. Compreendes o meu ponto de vista? Bem, tudo o que existe é a Mãe. Não é verdade?"

Após falar alguns minutos assim, desejou fumar. Preparei o tabaco e dei-lhe o narguilé. Depois de dar uma ou duas baforadas, disse que fumaria pelo *chillum* (cachimbo). Então, ofereceu-o a Narendra, ao dizer: "Puxa por ele através das minhas mãos." Narendra, logicamente, hesitou. Como poderia ele profanar as mãos do seu Guru ao tocar nelas com os lábios? Mas Sri Ramakrishna disse: "Que ideias tolas tu tens! Sou eu diferente de ti? Isto sou eu próprio, e aquilo também sou eu próprio."

Voltou a estender as mãos para os lábios de Narendra, que não teve outra alternativa senão aceder ao pedido. Narendra deu

duas ou três baforadas; Sri Ramakrishna estava prestes a fumar, quando Narendra interferiu apressadamente, ao dizer: “Por favor, lave as mãos primeiro, senhor.” Mas o seu protesto foi em vão. “Que ideias parvas de diferenciação tu tens!”, disse o Mestre e fumou sem lavar as mãos, a falar o tempo todo num estado de espírito exaltado. Fiquei surpreendido ao ver Sri Ramakrishna, que não conseguia tomar qualquer alimento do qual uma parte já tivesse sido oferecida a outra pessoa, abrir esta exceção notável no caso de Narendra Nath. Deu-me uma ideia do seu amor e parentesco com Narendra. Quando, por volta das 8 horas, ele estava novamente no seu estado de espírito normal, eu e Narendra despedimo-nos dele e caminhámos para Calcutá.»

Mais tarde, Narendra disse frequentemente: «Sri Ramakrishna foi a única pessoa que, desde que me conheceu, acreditou em mim uniformemente do princípio ao fim — nem a minha mãe e os meus irmãos o fizeram. Foi a sua confiança inabalável e o seu amor por mim que me ligaram a ele para sempre. Ele era o único que sabia amar outro. As pessoas do mundo apenas fazem uma exibição de amor para fins egoístas.»

SAÍDA DE HRIDAY: HARISH E BHAVANATH

Pausaremos agora por um momento para voltar a nossa atenção para um evento que aconteceu no templo de Kali de Dakshineswar em meados do ano de 1881. Foi a demissão de Hriday. Uma mudança ocorrera ultimamente na sua atitude para com o Mestre. Ele tornara-se ganancioso gradualmente. Os visitantes cortejavam o seu favor a fim de conseguir entrevistas com Sri Ramakrishna, com presentes de acordo com as suas posses.

O Mestre tentou dissuadi-lo de aceitar estas gratificações e proibiu os visitantes de as oferecerem. Isto, combinado com a rejeição por parte do Mestre da oferta de dez mil rupias de Lakshmi Narayan, irritou Hriday. A ganância pelo dinheiro baniu do seu coração o seu antigo amor pelo tio, e ele ridicularizou publicamente este último nos termos mais ofensivos. Em

consideração pelos seus serviços passados, o Mestre suportou este comportamento insolente, embora, por vezes, isso lhe arrancasse lágrimas amargas dos olhos.

Em vez de tentar desenvolver qualidades de valor semelhantes às do seu tio, Hriday imitava os seus gestos exteriores e, ao cantar e dançar diante dos devotos, posava como outro Paramahamsa Deva. Ele extorquia presentes dos visitantes e, ao mesmo tempo, tentava impor a sua própria vontade a Sri Ramakrishna a cada passo, ao tornar-se um verdadeiro estorvo no templo.

Certa vez, Sri Ramakrishna estava acamado com febre, quando alguns dos seus devotos o vieram ver e lhe ofereceram uma couve-flor. Ele expressou grande satisfação, mas disse: «Por favor, escondam-na e não falem com Hriday sobre isso, senão ele vai insultar-me.» Depois, começou a elogiar os serviços fiéis de Hriday no passado e disse: «A Mãe recompensou-o amplamente visto que ele me serviu tão fielmente.

Ele comprou terras, empresta dinheiro a pessoas e é uma figura de grande influência neste templo, onde é altamente honrado.» Mal tinha terminado estas palavras, Hriday entrou no quarto. O Mestre ficou nervoso e disse-lhe: «Olha aqui, eu nunca lhes pedi para trazerem uma couve-flor, eles trouxeram-na por sua própria iniciativa. Acredita em mim, nunca lhes disse para a trazerem.»

Mas Hriday enfureceu-se e repreendeu-o severamente. Sri Ramakrishna apelou à Mãe Divina, a chorar: «Ó Mãe, Tu removeste todos os meus laços mundanos. Tu libertaste-me de todo o cativeiro. Mas Tu guardaste esta humilhação para mim às mãos de Hriday!» De repente, o seu estado de espírito melancólico mudou. Acrescentou, a sorrir: «Ele ama-me profundamente e por isso ralha comigo. Ele é um mero rapaz e não sabe o que faz. Não podes estar zangada com ele, Mãe!» Com isto, entrou em Samadhi.

O procedimento de Hriday tornou-se gradualmente insuportável. Insultava todos os que entravam em contacto com

ele. Até os outros funcionários do templo de Kali foram atacados. Não prestava atenção aos avisos repetidos de Sri Ramakrishna. Mas, por fim, chegou o momento do castigo. O aniversário do dia da fundação era celebrado no templo com um festival.

No ano de que estamos a falar, Trailokya Nath, o filho de Mathur, compareceu a este festival com a sua esposa e filhos. A sua filha de oito anos estava presente no templo quando Hriday prestava culto à deusa Kali. Hriday foi tomado pelo desejo de adorar a Mãe na menina e, de acordo com os ritos tântricos, ofereceu flores e pasta de sândalo aos pés dela. Quando a menina regressou a casa, a mãe notou nos seus pés as marcas de pasta de sândalo.

Após indagar, soube de tudo o que acontecera pela menina e ficou assustada. Um brâmane a adorar os pés de uma menina sudra! Isso não poderia deixar de trazer uma calamidade sobre a menina. Os medos dela influenciaram Trailokya Nath, que ordenou a Hriday que abandonasse o recinto do templo imediatamente. Hriday contou tudo ao seu tio. O Mestre perguntou: «Porque agiste dessa maneira? Agora o que vais fazer?» Sem se deixar abater, Hriday respondeu: «Porque se preocupa com isso, tio? Venha comigo. O tio não deve ficar aqui nem mais um dia. Qualquer dia eles vão insultá-lo a si também.» «Porque haveria eu de ir?», disse o Mestre. «Eu não me vou embora.» Hriday deixou o jardim com o coração pesado.

Pouco depois, alguém veio e disse a Sri Ramakrishna que ele também teria de abandonar o jardim. Sem um murmúrio, o Mestre levantou-se e caminhou em direção ao portão. Trailokya viu-o de longe e, ao apressar-se ao seu encontro, disse: «Senhor, para onde vai?» O Mestre respondeu calmamente: «Não me ordenou que abandonasse o jardim?» Trailokya implorou-lhe que voltasse e disse: «Por favor, rogue à Mãe para que a menina não seja prejudicada!»

«Por graça da Mãe, ela ficará bem», disse o Mestre e regressou ao seu quarto, como se nada tivesse acontecido. Ao referir-se à expulsão de Hriday, Sri Ramakrishna disse mais tarde:

«O seu comportamento prepotente tornou-se gradualmente intolerável, e a Mãe afastou-o visto que a sua presença prejudicava o trabalho d'Ela.» A saída de Hriday tornou mais fácil para os jovens devotos de Sri Ramakrishna assistirem-no e aproveitarem a rara oportunidade de moldarem as suas vidas sob a sua orientação direta.

Hriday fixou residência na casa de campo adjacente, pertencente a Jadu Mallik. Sri Ramakrishna costumava mandar-lhe as refeições e também o ia visitar. Hriday pediu-lhe novamente que partisse e propôs que ele estabelecesse um templo de Kali noutro local, onde pudessem viver felizes juntos. A isto, consta que o Mestre observou: «Bem, tens intenção de me pregoar de porta em porta como uma raridade?»

Três anos após o incidente acima mencionado, o Mestre conversava com vários devotos quando foi informado de que Hriday aguardava para o entrevistar no portão do jardim de Jadu Mallik. Sri Ramakrishna, que nunca esquecia o seu servo dedicado, pediu à assistência que esperasse e saiu para o ver. Pouco além do jardim da Rani Rasmani, encontrou Hriday de pé, com as mãos unidas.

Assim que viu o Mestre, Hriday caiu estendido no chão. Sri Ramakrishna disse-lhe para se levantar. Hriday chorou como um rapaz. O Mestre também se comoveu até às lágrimas. Com a mão, limpou-as de modo a ocultar a sua emoção. Foi uma visão extremamente tocante.

Sri Ramakrishna: Bem, o que te faz deixar a tua casa para vires aqui?

Hriday (a chorar): Vim ver-vos. A quem mais contarei as minhas dificuldades?

Sri Ramakrishna (para o consolar, a sorrir): O mundo está cheio de dificuldades. Não é possível evitá-las. Qual é a tua?

Hriday (a chorar): Estou privado da vossa companhia, e é isso que me atormenta.

Sri Ramakrishna: Ora, foste tu que disseste: "Que cada um de nós caminhe pelo seu próprio caminho!"

Hriday: Assim fiz. Mas fui um tolo.

Sri Ramakrishna: Muito bem. Adeus por agora. Conversarei contigo com vagar noutro dia. É domingo e muitos visitantes estão à espera. Qual é a condição das colheitas este ano por lá?

Hriday: Bastante boa.

Sri Ramakrishna: Muito bem. Vem outro dia.

Hriday prostrou-se novamente diante do Mestre. Sri Ramakrishna regressou ao templo, a conversar com os devotos sobre os serviços fiéis de Hriday, bem como sobre os tormentos a que tinha sido sujeito por ele.

Um dos primeiros devotos a viver com o Mestre após a partida de Hriday foi Harish. Era um jovem em circunstâncias prósperas, com esposa e um filho. Depois de fazer algumas visitas ao Mestre, ganhou aversão ao mundo e resolveu passar os seus dias em Dakshineswar, com a renúncia ao lar e à família. Sri Ramakrishna ficou satisfeito com a sua sinceridade, determinação única e natureza tranquila, e deu-lhe abrigo.

Daí em diante, Harish viveu a maior parte do tempo em Dakshineswar, a zelar pelo conforto do Mestre e a dedicar as suas horas de lazer à oração e à meditação. Suportou com calma as ameaças e as súplicas dos seus familiares. Indiferente a todas as tentações do mundo, seguiu de forma silenciosa e resoluta o seu próprio rumo em direção à realização do grande fim a que se propusera.

Ao referir-se à sua paz de mente imperturbável, o Mestre costumava dizer: «Os homens verdadeiros estão mortos para o mundo mesmo enquanto vivem. Olhem para o Harish!» Certo dia, Harish soube que os seus familiares estavam profundamente aflitos com a sua partida, particularmente a sua esposa, que não conseguia comer nem dormir. Ele limitou-se a manter o silêncio. Para testar a força da sua mente, no entanto, Sri Ramakrishna levou-o à parte e disse: «A tua esposa está a sofrer; porque não vais a casa consolá-la? Que mal há em mostrares um pouco de bondade à pobre rapariga?»

«Senhor», respondeu Harish, «esta não é a ocasião para mostrar bondade. Se tentar ser bondoso com ela, há a possibilidade de esquecer o ideal e ficar enredado no mundo. Por favor, queira desculpar-me.» Sri Ramakrishna ficou altamente satisfeito com a sua resposta e falava frequentemente do seu espírito de renúncia aos outros.

Outro devoto de qualidades raras era Bhavanath Chatterjee, que ainda estava na adolescência quando conheceu Sri Ramakrishna em 1881. Os seus pais e familiares consideravam o Mestre louco e avisaram Bhavanath para não frequentar Dakshineswar. Mas ele não conseguia manter-se afastado do Mestre e, contra a vontade dos seus tutores, passava frequentemente a noite lá.

Era membro do Brahmo Samaj, e o aspeto impessoal de Deus atraía-o fortemente. Sri Ramakrishna amava-o pela sua sinceridade e devoção. Ao notar o seu apego a Narendra Nath, o Mestre observava frequentemente que ele era um companheiro adequado para este e aconselhava-o a tornar a associação muito estreita. Era um daqueles a quem Sri Ramakrishna classificava como «os eternamente perfeitos».

Enquanto frequentava Dakshineswar, Bhavanath tornou-se vegetariano e abandonou a mastigação do bétel, por considerar tal prática útil na vida religiosa. Mas Sri Ramakrishna, que costumava dar mais importância à purificação interna do coração do que à observância de formas externas, disse-lhe com um sorriso: «Bem, de que serve abandonar o peixe ou o bétel? Eles não constituem a essência da religião.

O verdadeiro é a renúncia à luxúria e à riqueza.» Bhavanath casou-se cedo, mas afastou o seu rosto do gozo. Um dia, o Mestre, para testar a sua seriedade, disse-lhe: «Porque não desfrutas um pouco do mundo?» Bhavanath ficou indignado e disse: «Senhor, deveríamos nós, também, ceder a prazeres vulgares?» O Mestre ficou altamente satisfeito com a resposta. A simples visão da pureza de Bhavanath despertava frequentemente emoções divinas na mente de Sri Ramakrishna.

TARAK NATH E NITYAGOPAL

Tarak Nath Ghoshal pertencia à família Ghoshal de Barasat, Distrito de Vinte e Quatro Perganas. O seu pai, Ram Kanai Ghoshal, era conselheiro jurídico da propriedade de Rani Rasmani. Era um grande devoto da Mãe Divina e costumava frequentar o templo de Kali de Dakshineswar durante o período de Sadhana de Sri Ramakrishna.

Assim, conheceu o Mestre de forma bastante íntima. Nessa altura, o Mestre sofria de sensações de ardor que os medicamentos não conseguiam curar. Um dia, o Mestre contou a Ram Kanai, que o visitava, a sua aflição, e perguntou se ele poderia sugerir algum remédio. Ram Kanai recomendou-lhe que usasse no braço o seu Ishta Kavacha — um amuleto com o santo nome do Senhor — e ele ficou instantaneamente aliviado.

Desde a sua infância, Tarak costumava praticar a meditação. O nobre desejo de perfurar o véu que separa o visível do invisível agitou a sua mente em tenra idade. Como muitos jovens de mentalidade religiosa da época, Tarak era membro do Brahmo Samaj sob a direção de Keshab Chandra Sen, através de cujos escritos conheceu o Mestre pela primeira vez.

Por essa altura, foi para Deli, onde continuou a sua disciplina religiosa e passava horas com um amigo a debater sobre Deus e a religião. Um dia, em resposta à sua pergunta sobre o Samadhi, o seu amigo disse que o verdadeiro Samadhi era um fenómeno raro, mas que conhecia um homem que tinha certamente experienciado esse estado abençoado. Falou-lhe de Sri Ramakrishna e referiu alguns incidentes da vida do Mestre. Tarak ficou profundamente interessado e aguardou com ansiedade pelo dia em que seria capaz de se encontrar com ele.

Passado algum tempo, regressou a Calcutá e começou a assistir aos serviços religiosos do Brahmo Samaj. Através de um parente de Ramchandra Dutt, soube de muitas coisas sobre o Mestre. Gradualmente, os ideais do Brahmo Samaj tornaram-se insatisfatórios para ele. Estava ansioso por mergulhar

profundamente nos mistérios da vida espiritual e realizar a Verdade. Nesta altura (1882), ouviu dizer um dia que o Mestre ia visitar Ramchandra. Resolveu aproveitar esta oportunidade para se encontrar com ele e, quando a noite há tanto esperada chegou, dirigiu-se à casa de Ram, onde, perante uma assistência numerosa, o Mestre falava num estado de semiconsciência. Tarak escutou as palavras com atenção. Estava ansioso por aprender algo sobre o Samadhi. Captou algumas palavras e ficou surpreendido ao constatar que esse era o tema do Mestre. Ficou radiante e partiu com a determinação de ver o Mestre no sábado seguinte, em Dakshineswar.

Não sabia muito sobre Dakshineswar, mas um amigo concordou em levá-lo lá. Quando chegaram a Dakshineswar, o serviço vespertino estava prestes a começar. O Mestre caminhava na margem do Gange com Bhavanath. Tarak aproximou-se dele e tocou-lhe nos pés. Sri Ramakrishna soube que ele vinha de Calcutá e indagou junto dele sobre a saúde de Ramchandra e Narendra Nath, sem sequer saber se estes dois devotos eram conhecidos dele.

Tarak ficou muito surpreendido ao constatar o grande interesse que o Mestre tinha pelos seus devotos e disse: «Não sei muito sobre eles. Devem estar bem.» O Mestre indagou a seguir se o tinha visto no sábado anterior na casa de Ram. Tarak respondeu afirmativamente. Ao pedir-lhe que o acompanhasse, o Mestre dirigiu-se para a varanda norte. Bhavanath estendeu uma esteira no chão, na qual todos se sentaram.

«Em que acreditas», perguntou o Mestre, «em Deus com forma ou sem forma?» «Em Deus sem forma», respondeu Tarak. «Não podes deixar de admitir também a Divina Sakti», disse o Mestre, e levou o rapaz ao templo de Kali. O serviço vespertino estava a decorrer. Sri Ramakrishna prostrou-se diante da imagem. Tarak, ao início, hesitou em seguir o seu exemplo porque, de acordo com as ideias do Brahmo Samaj, la imagem não era mais do que pedra. Mas, de repente, o pensamento reluziu na sua mente: «Porque hei de ter ideias tão mesquinhas? Ouço dizer que

Deus é omnipresente. Ele vive em toda a parte. Então, terá de estar presente também na imagem de pedra.» Pelo que se prostrou diante da imagem.

Sri Ramakrishna pediu a Tarak repetidas vezes que ficasse a passar a noite. «Fica aqui esta noite», disse ele, «não podes obter nenhum bem permanente com a visita fortuita de um dia. Tens de vir aqui frequentemente.» Tarak pediu para ser desculpado, pois já tinha dito que ficaria com o seu amigo. Depois, despediu-se do Mestre, a prometer vê-lo na noite seguinte. Quando veio de novo, Sri Ramakrishna pediu-lhe um pouco de gelo. Tarak não sabia onde o obter. Falou do assunto a um amigo que conhecia Surendra, e este último conseguiu algum e enviou-o a Sri Ramakrishna.

Tarak ficou cada vez mais familiarizado com o Mestre. Este disse-lhe um dia: «Eu não costumo perguntar a quem vem ter comigo o nome do pai ou o seu paradeiro. Limito-me a olhar para o seu coração e a ler os seus sentimentos. Mas desejo saber algo sobre o teu pai e as pessoas em casa.» Ficou agradavelmente surpreendido ao saber que Ram Kanai era o seu pai e, a contar o serviço que este lhe tinha prestado, desejou poder vê-lo novamente. Algum tempo depois, Ram Kanai veio a Dakshineswar e prostrou-se diante de Sri Ramakrishna, que colocou o seu pé sobre a cabeça dele e entrou em Samadhi. Ram Kanai segurou ansiosamente os pés do Mestre e desfez-se em lágrimas.

Tarak sentia-se grandemente atraído pelo Mestre. Estava sempre à procura de uma oportunidade para o ver. Um dia, provavelmente por ocasião da sua terceira ou quarta visita, Sri Ramakrishna levou-o à parte e pediu-lhe que pusesse a língua de fora. Depois, escreveu algo nela, e o rapaz sentiu imediatamente uma sensação estranha dentro de si; a sua mente foi retirada do mundo exterior e ele entrou em profunda meditação. Outra vez, o Mestre fez a mesma coisa com os mesmos resultados.

Ao referir-se ao estado da sua mente nessa altura, Tarak disse: «Sentia frequentemente inclinação para chorar na presença

do Mestre. Uma noite chorei copiosamente, de pé em frente ao templo de Kali. O Mestre estava ansioso com a minha ausência e, quando fui ter com ele, disse: “Deus favorece aqueles que conseguem chorar por Ele. As lágrimas assim vertidas lavam os pecados de nascimentos anteriores.”

Outro dia, estava a meditar na Panchavati quando o Mestre se aproximou. Mal lançou o seu olhar sobre mim, desfiz-me em lágrimas. Ele permaneceu imóvel sem proferir uma palavra. Uma espécie de sensação de formigueiro passou por mim, e comecei a tremer por todo o corpo. O Mestre felicitou-me por atingir este estado e disse que era o resultado da emoção divina. Levou-me então para o seu quarto e deu-me algo para comer. Ele conseguia despertar os poderes espirituais latentes de um devoto com um mero olhar.»

Agora, Tarak compreendia que tinha chegado a um homem que podia iluminar o caminho para o objetivo final da existência. Quanto mais de perto se associava com o Mestre, mais sentia que os seus laços estavam a ser cortados pela influência silenciosa do seu Guru. Casado embora estivesse, o mundo começou a perder toda a atração para ele. Sentia que Sri Ramakrishna era a consumação de todas as religiões.

Conhecê-lo plenamente era conhecer Deus. Com o despertar deste conhecimento, o amor e a devoção de Tarak pelo Mestre aumentaram cem vezes. Sri Ramakrishna nutria um grande amor por este discípulo. Tomou conta dele e moldou a sua vida espiritual de todas as formas possíveis.

Outro jovem chamado Nityagopal era um visitante frequente em Dakshineswar e tinha uma grande consideração por Sri Ramakrishna. Experienciava grande emoção ao nome de Deus e, enquanto escutava canções religiosas, caía frequentemente em transe. Sri Ramakrishna amava-o grandemente e costumava dizer que ele tinha atingido o estado de Paramahamsa. Dias e noites passava ele em oração e meditação, e o seu peito brilhava sob a influência do fervor divino.

Era, na verdade, uma grande alma, e o Mestre era visto a dançar, num estado de espírito exaltado, a segurar as mãos deste jovem afortunado. Isto indicava um grau excecional de pureza em Nityagopal. Quando ambos se encontravam neste estado elevado, falavam um com o outro numa linguagem que era ininteligível para os outros.

Um dia, o Mestre com vários devotos veio à casa de Ramchandra Dutt. Assim que o *Kirtan* começou, ele entrou em Samadhi e colocou os seus pés no colo de Nityagopal, que estava sentado por perto. Dominado pela emoção, o rapaz desfez-se em lágrimas. Passado um pouco, o Mestre recuperou a consciência parcial. Uma devota tinha uma atitude maternal para com este rapaz e convidava-o frequentemente para a sua casa.

O Mestre avisou-o contra este tipo de intimidade, ao dizer: «Não vás lá frequentemente. Um *Sannyasin* deve observar regras muito rígidas. Não deve olhar sequer para o retrato de uma mulher; não deve associar-se com uma mulher, mesmo que ela seja uma grande devota. Um monge, ainda que seja senhor dos seus sentidos, deve observar estas regras para dar o exemplo a outros, que aprenderão a renúncia com este ideal de negação de si próprio. De outro modo, sucumbirão à tentação. Isto, logicamente, não se aplica aos chefes de família. Um *Sannyasin* é um instrutor do mundo.»

O leitor talvez não se tenha esquecido de Gopal Sen, um dos dois jovens devotos de Baranagore que costumavam vir ter com Sri Ramakrishna durante o seu período de Sadhana e faleceram prematuramente. O Mestre era por vezes ouvido a comentar que talvez Nityagopal fosse esse rapaz reincarnado2.

2 Nityagopal renunciou subsequentemente ao mundo e passou a ser conhecido como Swami Jnanananda Avadhuta, com um grupo de seguidores próprio.

BALARAM BOSE

Balaram Bose de Baghbazar, Calcutá, provinha de uma família rica que possuía propriedades rústicas em Orissa e era

amplamente famosa pela sua piedade e generosidade. Desde a sua juventude, era de uma mentalidade profundamente religiosa e vivia uma vida retirada em lugares sagrados, a deixar a gestão da sua propriedade ao cuidado do seu primo e a viver de uma pequena mesada mensal.

Passava a maior parte do seu tempo em meditação e oração ou a estudar as escrituras vixnuístas. Em Puri, sentiu-se atraído pelos ensinamentos de Sri Ramakrishna conforme apareciam no jornal de Keshab. Sentiu um forte desejo de ver o homem que conseguia dizer coisas tão belas sobre Deus. Precisamente nessa altura, um amigo que já tinha feito várias visitas a Sri Ramakrishna e tivera vislumbres maravilhosos da sua personalidade, escreveu-lhe sobre o santo embriagado por Deus e pediu-lhe que o viesse visitar.

Balaram não esperou mais, especialmente porque aconteceu que a cerimónia de casamento da sua filha teria lugar por essa altura em Calcutá. No dia seguinte à sua chegada a Calcutá (1882), partiu para Dakshineswar. Havia uma grande multidão no jardim do templo, devido à presença de Keshab Chandra Sen e dos seus seguidores Brahmos. Balaram sentou-se num canto do quarto do Mestre e, quando o grupo foi comer, Sri Ramakrishna chamou-o e indagou se ele tinha alguma coisa a perguntar.

«Senhor», disse Balaram, «Deus existe realmente?» «Certamente», respondeu o Mestre. «Alguém O pode realizar?» «Sim», disse o Mestre, «Ele revela-Se ao devoto que pensa d'Ele como o seu mais próximo e querido. Pelo facto de não obteres resposta ao rezar-Lhe uma vez, não deves concluir que Ele não existe.» «Mas», interrogou de novo Balaram, «porque não O consigo ver quando Lhe rezo tanto?» Sri Ramakrishna perguntou com um sorriso: «Considera-l'O realmente tão querido ao teu coração como os teus próprios filhos?» «Não, senhor», disse Balaram após a pausa de um momento, «nunca senti por Ele com tanta força.»

O Mestre disse com uma voz animada: «Reza a Deus, a considerá-Lo como mais querido do que tu próprio. Em verdade

te digo, Ele é extremamente apegado aos Seus devotos. Não pode deixar de Se revelar a eles. Ele vem ao homem antes de ser procurado. Não há ninguém mais íntimo e mais afetuoso do que Deus.» Balaram obteve nova luz com estas palavras. «Cada palavra do que ele diz», pensou cá para si, «é verdade. Ninguém nunca me falou de Deus com tanta força.»

A bondade do Mestre atraiu Balaram ainda mais do que as suas palavras. Intuitivamente, encontrou no sábio de Dakshineswar o seu conselheiro e amigo. O homem e as suas palavras causaram uma impressão indelével no seu coração. Quando se curvou reverentemente diante do Mestre para se despedir, este último disse: «Tens de voltar.» Balaram concordou com alegria. Não havia outra coisa a fazer. Tinha sido contagiado.

Quando regressou a casa, a sua mente estava cheia de pensamentos sobre Dakshineswar. Na manhã seguinte, voltou e encontrou o Mestre sozinho. Sri Ramakrishna disse: «Bem, estás aqui? Muito bem. Senta-te e descansa um pouco. Estava justamente a pensar em ti. Onde moras?» «Em Baghbazar», respondeu Balaram. O Mestre disse novamente: «E vieste todo o caminho a pé?» «Sim, senhor», respondeu Balaram.

O Mestre perguntou-lhe então em detalhe sobre os membros da sua família, sobre os seus filhos e outros pormenores e, por fim, disse: «Olha aqui, a Mãe disse-me que tu és um dos nossos. Muitas coisas pertencentes a este lugar (a referir-se a si próprio) estão sob a tua custódia. Compra algo e envia-o para aqui.» Balaram considerou isto como a sua boa fortuna e obedeceu de boa vontade. Era uma prática comum de Sri Ramakrishna aconselhar os seus devotos a levar um pequeno presente — não importava se fosse apenas algo no valor de um bife — quando visitavam templos ou *Sadhus*. Aos devotos que eram demasiado pobres para gastar mesmo essa quantia, dizia: «Porque haverias de gastar um bife de cada vez? Compra apenas um bife de nozes de bétel e pede para as cortarem em pedaços. Quando vieres, traz alguns destes.»

Balaram regressou a Calcutá para comprar alguns artigos para Sri Ramakrishna, que lhe parecia ser o homem mais notável que alguma vez vira. Em alguns aspetos, assemelhava-se fortemente a Sri Chaitanya, pensou ele. Teria o profeta de Nadia, então, encarnado de novo? Bem, ele esperaria e observaria, e não saltaria para nenhuma conclusão. Comprou alguns alimentos para o Mestre e regressou de carruagem a Dakshineswar. O Mestre recebeu-o cordialmente e aceitou os artigos que ele trouxe. Reconheceu Balaram como uma daquelas figuras que vira na procissão de Sri Chaitanya numa das suas visões, alguns anos antes, na Panchavati. Amava Balaram calorosamente e costumava dizer: «A comida de Balaram é muito pura. Os membros da sua família são, há gerações, devotos e hospitaleiros para com *Sadhus* e mendigos.

O seu pai vive uma vida retirada em Vrindavan, onde passa o tempo a invocar o Senhor. Não só posso tomar a sua comida, como a tomo com agrado.» E ainda: «Todos os membros da sua família estão sintonizados com o mesmo ideal. Desde o senhor e a senhora da casa até às crianças, todos são dedicados a Deus. Nunca bebem uma gota de água sem fazerem as suas orações. São tão hospitaleiros quanto piedosos.» Escusa-se de dizer que o Mestre se sentia perfeitamente feliz neste lar piedoso. De facto, tomava a sua refeição do meio-dia, que consistia em arroz, nesta casa, o que era algo invulgar, visto que Balaram não era um brâmane, mas um *Kayastha*.

Naturalmente, a comida era consagrada a Jagannath — a Divindade familiar de Balaram. Desde o dia em que conheceu o Mestre pela primeira vez até ao dia da morte do Mestre, Balaram suportou praticamente a totalidade das despesas com a sua alimentação. E Sri Ramakrishna usava a casa de Balaram no número 57 da Ramkanta Bose's Street, em Baghbazar, como um refúgio sempre que tinha de passar o dia ou a noite em Calcutá.

Balaram visitava Dakshineswar quase todos os dias, sem nunca perder uma oportunidade de lá ir. Constatou que o Mestre sentia um igual interesse por todas as formas de manifestação

divina — que vertia lágrimas tanto ao nome de Kali e Shiva como ao de Radha e Krishna, e que caía em Samadhi enquanto falava ou pensava em Brama sem atributos. O seu amor por Deus era tão intenso quanto amplo.

Balaram ficava cada vez mais surpreendido à medida que esta personalidade maravilhosa se lhe revelava. Certo dia, na casa dele, ouviu o Mestre fazer o seguinte apelo apaixonado a Kali, a Mãe: «Ó Mãe, lanço-me à Tua misericórdia — mantém-me em constante pensamento de Ti! Não procuro, Mãe, os prazeres dos sentidos, não procuro a fama. Nem anseio por poderes sobrenaturais. O que peço é amor puro por Ti, amor sem a mácula de desejos, sem mistura — amor que não procura as coisas do mundo! Concede igualmente, ó Mãe, que o Teu filho, supostamente enfeitiçado pelo fascínio do mundo, nunca Se esqueça de Ti!

Oh, concede que eu nunca tenha amor pela luxúria e pela riqueza! Não vês, Mãe Divina, que não tenho mais ninguém no mundo senão a Ti! Não sei como entoar o Teu nome. Sou desprovido de devoção, de conhecimento também, que conduz a Ti, e de amor genuíno. Oh, concede-me esse amor a partir da Tua infinita misericórdia!» Balaram nunca tinha ouvido uma oração tão comovente antes. Ficou profundamente tocado.

A sua mente passou gradualmente por uma grande transformação. A seguir as instruções de Sri Ramakrishna, fez progressos firmes no caminho da espiritualidade. Ultrapassou a complexa parafernália do culto externo, saboreou a essência do amor divino e entregou-se completamente à vontade de Deus. Encantado pelo contacto com o Mestre, apresentou-lhe outros membros da sua família.

Balaram era um crente convicto na não-violência contra os seres vivos. Não conseguia sequer matar os mosquitos que o perturbavam no momento da meditação. Um dia, contudo, encontrava-se num estado de espírito um pouco racionalista e pensou que a concentração da mente era a coisa principal na religião. Se, portanto, pudesse tornar a sua meditação estável ao

matar alguns mosquitos, não recuaria perante tal ato. Mas não é assim tão fácil livrarmo-nos de convicções profundamente enraizadas.

Ele ainda tinha as suas dúvidas e, para as dissipar, considerou melhor consultar Sri Ramakrishna. No caminho para Dakshineswar, tentou recordar-se de se alguma vez vira o Mestre matar qualquer praga. Mas não conseguiu lembrar-se de nenhum caso desses. Pelo contrário, pensava que ele era um observador da não-violência mais estrito do que ele próprio.

Ora, ele era a própria personificação dessa virtude! Assim, Balaram pensou que a sua própria mente o devia ter enganado e que era inútil consultá-lo. Mas, quando chegou à porta do Mestre, viu um espetáculo estranho. Ali estava Sri Ramakrishna a catar percevejos da sua almofada e a matá-los um a um! À medida que ele se aproximava e saudava, o Mestre disse: «A almofada tem muitos percevejos. As suas picadas distraem a mente. Por isso, estou a matá-los.» Foi assim que Balaram obteve a resposta.

BABURAM E NIRANJAN

Baburam Ghosh conheceu o Mestre pela primeira vez numa Hari Sabha em Calcutá, onde este último foi para ouvir o canto do Bhagavata. Algum tempo antes, ouvira do seu irmão mais velho falar de um monge em Dakshineswar que, tal como Sri Gauranga, perdia toda a consciência do mundo ao proferir o nome de Deus. Ao ser perguntado se gostaria de ver o *Sadhu*, Baburam concordou. Era colega de turma de Rakhal, de quem sabia que costumava visitar Dakshineswar.

No dia seguinte, perguntou ao seu amigo sobre o santo e ficou decidido que, no sábado seguinte, iriam juntos vê-lo. No dia marcado, partiram de barco e receberam a companhia, a meio do caminho, de um amigo chamado Ramdayal Chakravarti, que costumava visitar o Mestre. Rakhal indagou junto de Baburam se ele gostaria de ficar a passar a noite.

Baburam pensou que iam visitar um monge que vivia numa cabana e respondeu: «Haverá alojamento para nós?» Rakhal

limitou-se a dizer: «Pode ser que sim.» A questão da comida preocupava Baburam, e ele perguntou: «O que comeremos à noite? Há lojas lá, espero eu?» Rakhal disse apenas: «Havemos de arranjar forma.»

Ao pôr do sol, chegaram ao templo. Baburam ficou fascinado com a beleza do lugar. Parecia uma terra de fadas. Entraram no quarto de Sri Ramakrishna, mas ele não estava lá. Rakhal disse-lhes: «Ele foi ao templo de Kali. Por favor, esperem aqui um pouco e eu vou chamá-lo.» Apressou-se a ir ao templo e, em poucos minutos, foi visto a conduzir Sri Ramakrishna pela mão. O Mestre encontrava-se num estado de embriaguez de Deus e Rakhal dirigia cuidadosamente os seus passos vacilantes, a avisá-lo dos lugares altos e baixos. Ao chegar ao seu quarto, sentou-se um pouco na pequena cama e logo recuperou a consciência normal. Indagou sobre o recém-chegado. Ramdayal apresentou-o. Sri Ramakrishna disse: «Ah, és parente de Balaram. Então és parente nosso também. Bem, qual é a tua terra natal?»

Baburam: Antpur, senhor.

Sri Ramakrishna: Ah, então devo ter visitado esse lugar. Kali e Bhulu de Jhamapukur também provêm de lá, não é verdade?

Baburam: Sim, senhor. Mas como os conhece?

Sri Ramakrishna: Ora, eles são filhos de Ramprasad Mitra. Quando estive em Jhamapukur, costumava ir frequentemente à casa deles, bem como à de Digambar Mitra.

Ao dizer isto, o Mestre segurou a mão de Baburam e disse: «Aproxima-te da luz. Deixa-me ver o teu rosto.» Na luz ténue de uma lâmpada de barro, estudou cuidadosamente o rosto. Ficou satisfeito com os resultados do exame, a abanar a cabeça em sinal de aprovação. Depois, examinou os braços e as pernas do rapaz. Finalmente, disse: «Deixa-me ver a tua palma.» Olhou para ela e colocou-a sobre a sua, como que para a pesar. Depois disse: «Muito bem, muito bem.» A voltar-se para Ramdayal, disse: «Sabes como está o Naren? Ouvi dizer que ele estava um pouco indisposto.»

Ramdayal: Ouvi dizer que está bem.

Sri Ramakrishna: Ele não vem aqui há muito tempo e sinto um grande desejo de o ver. Pedes-lhe para vir aqui um dia? Não te vais esquecer?

Ramdayal: Pedir-lhe-ei sem falta.

Eram cerca de 10 horas. Ramdayal trouxera uma grande quantidade de comida para Sri Ramakrishna, que tomou apenas uma parte, a providenciar para que o resto fosse distribuído pelos três devotos. Depois, o Mestre perguntou-lhes onde preferiam dormir — no seu quarto ou fora. Rakhal escolheu dentro, mas Baburam pensou que a sua presença poderia perturbar a meditação do santo, pelo que ele e Ramdayal decidiram dormir fora, embora o Mestre os convidasse a permanecer dentro.

Era o mês de abril. Os dois devotos mal tinham adormecido quando foram despertados pelo grito dos guardas. Pouco depois, Sri Ramakrishna aproximou-se deles, a cambalear como um ébrio, com a sua veste debaixo do braço. A dirigir-se a Ramdayal, disse: «Olá, estás a dormir?» «Não, senhor», foi a resposta.

Então o Mestre disse com grande ansiedade: «Por favor, diz-lhe para vir. Senti como se alguém estivesse a espremer o meu coração assim», — e torceu a sua veste. Cada palavra e gesto seus exprimiam a agonia indizível do coração pela separação de Narendra Nath. «Que amor!», pensou Baburam. «But que estranho que ele não responda!» Sri Ramakrishna avançou alguns passos em direção ao seu quarto. Depois regressou e disse a Ramdayal: «Então não te esqueças de lhe falar sobre isso.» Repetiu estas palavras e voltou para a sua cama com passo vacilante.

Cerca de uma hora depois, apareceu novamente e desabafou com Ramdayal: «Olha aqui, ele é muito puro. Olho para ele como a manifestação de Narayana e não posso viver sem ele. A sua ausência está a espremer o meu coração assim», e voltou a torcer a veste. Depois disse em amarga angústia: «Estou a ser torturado, por assim dizer, por causa dele. Que ele venha aqui apenas uma vez!» Esta cena repetiu-se a intervalos de uma hora ao longo de toda a noite!

Quando Baburam se encontrou com Sri Ramakrishna na manhã seguinte, achou-o um homem completamente diferente. Não havia vestígio de ansiedade no seu rosto. Pediu a Baburam que caminhasse ao redor da Panchavati. Baburam tinha cerca de vinte anos de idade, embora parecesse muito mais novo e muito atraente. Na sua infância, se alguém o provocasse com o casamento, ele balbuciava:

«Oh, eu morreria se isso acontecesse.» Aos oito anos, o seu ideal era levar uma vida de renúncia numa cabana isolada da vista do público por uma espessa parede de árvores, com um companheiro monge. Quando viu a Panchavati, ficou surpreendido ao constatar que correspondia exactamente aos seus sonhos de infância. Como pudera ele projetar a imagem de forma tão precisa? Guardou, contudo, isto para si e regressou para junto de Sri Ramakrishna. Em resposta a uma pergunta sobre como gostava do lugar, disse apenas que era bonito. O Mestre pediu-lhe então que visitasse o templo de Kali, o que ele fez. Quando se despediu de Sri Ramakrishna, este pediu-lhe afetuosamente que voltasse.

Baburam ficou grandemente impressionado. «Ele é um homem excecionalmente bom», pensou, «e ama ternamente o Naren. Mas é estranho que o Naren não o vá ver.» No domingo seguinte, às 8 horas, veio novamente a Dakshineswar. Alguns devotos estavam sentados diante do Mestre. Sri Ramakrishna acolheu-o e disse: «É bom que tenhas vindo. Vai para a Panchavati, onde estão a fazer um piquenique. E o Narendra veio. Conversa com ele.»

Na Panchavati, Baburam encontrou Rakhal, que o apresentou a Narendra e a alguns outros jovens devotos do Mestre que ali se tinham reunido. Desde o início, Baburam ficou cheio de admiração por Narendra. Olhar para ele era amar-lo. Narendra conversava com os seus amigos. Pouco depois, desfez-se numa canção que encantou Baburam. Com a respiração suspensa, escutou, a dizer para si próprio: «Ah, quão versátil ele é!»

Baburam começou a associar-se estreitamente com Sri Ramakrishna e cedo se entregou aos seus pés para sempre.

O Mestre tinha uma opinião muito elevada a seu respeito. Sabia que ele era absolutamente puro e classificava-o entre os *Nitya-siddhas* e os *Iswarakotis*. Numa visão, viu Baburam como uma deusa com um colar. Isto deu-lhe uma pista sobre a personalidade deste discípulo. «É um vaso novo, e o leite pode ser colocado nele sem medo de azedar» — era o que costumava dizer deste rapaz. Devido à sua pureza absoluta, Baburam era considerado um assistente adequado para o Mestre, que gostava de o ter por perto. Caía frequentemente em Samadhi quando tocava no rapaz. A mãe dele era uma grande devota e, quando Sri Ramakrishna lhe pediu para deixar o filho ao seu cuidado, ela deu o seu consentimento sem hesitação.

Baburam era uma daquelas almas afortunadas cujo toque o Mestre conseguia suportar no momento do Samadhi, e foram muitas as ocasiões em que foi visto a amparar Sri Ramakrishna nesse estado, para que não caísse e se magoasse. O Mestre, desde o início, tratou-o como seu e empenhou-se grandemente em ajudá-lo a realizar Deus. Certa vez, o rapaz insistiu firmemente com ele para ter a experiência de *Bhava*, aquela absorção em Deus que é a maturidade da devoção. Sri Ramakrishna rezou à Mãe Divina para isso, mas foi-lhe dito que Baburam obteria a experiência monística (*Jnani*) em vez de *Bhava*. Isto deliciou o Mestre.

Um dia, Hazra, na sua forma caraterística, aconselhava Baburam e alguns outros rapazes jovens a pedirem a Sri Ramakrishna algo tangível sob a forma de poderes, em vez de, como era hábito deles, levarem apenas uma vida alegre com ele, com abundância de coisas boas para comer. Sri Ramakrishna, que estava perto, pressentiu a intriga e, ao chamar Baburam para o seu lado, disse: «Bem, o que podes tu pedir? Não é tudo o que eu tenho já teu? Sim, tudo o que ganhei sob a forma de realizações é por causa de todos vós. Por isso, livra-te da ideia de mendigar, que afasta ao criar distância. Em vez disso, realiza o teu

parentesco comigo e ganha a chave de todo esse tesouro.» De mil maneiras como esta, o Mestre, como uma mãe vigilante, treinava as jovens almas sob o seu cuidado, para que pudessem desenvolver-se sem egoísmo.

Outro jovem devoto de extraordinária espiritualidade veio ter com Sri Ramakrishna e encontrou nele o seu ideal. Tratava-se de Nitya Niranjan Ghosh, chamado Niranjan por brevidade. Tinha dezoito anos de idade e era médium de um grupo de espíritas em Calcutá. Ouviu falar do grande poder espiritual de Sri Ramakrishna e, um dia, veio a Dakshineswar para o ver.

Como era habitual, encontravam-se reunidos vários devotos com quem o Mestre conversava. Ao cair da tarde, quando a assembleia se dispersara, voltou-se para Niranjan e perguntou-lhe todos os pormenores a seu respeito. Falou com grande familiaridade com o rapaz, como se fosse um velho conhecido. Por fim, disse: «Meu rapaz, se pensares sempre em fantasmas, tornar-te-ás um fantasma, e se pensares em Deus, tornar-te-ás Deus. Ora, qual preferes?»

«Bem, logicamente o segundo», respondeu o rapaz. Então, Sri Ramakrishna aconselhou-o a cortar qualquer ligação com os espíritas, com o que Niranjan concordou. Como estava a escurecer, o Mestre convidou-o a passar a noite em Dakshineswar, em vez de caminhar a longa distância até casa. Niranjan disse que o seu tio ficaria ansioso e despediu-se do Mestre, a prometer voltar noutro dia.

A visita, embora breve, impressionou profundamente o rapaz. No meio das suas ocupações diárias, a sua mente voava frequentemente para Dakshineswar. Dois ou três dias depois, voltou lá. O Mestre encheu-se de alegria ao vê-lo e, a abraçá-lo calorosamente, disse: «Niranjan, meu rapaz, os dias voam depressa. Quando realizarás Deus? Esta vida será em vão se não O realizares. Quando dedicarás a tua mente inteiramente a Deus? Oh, quão ansioso estou por ti!»

O rapaz ficou surpreendido. «Um homem estranho, este», pensou, «porque está ele tão ansioso pelo meu bem-estar

espiritual?» Não conseguia encontrar resposta para a pergunta, mas as palavras do Mestre apelaram a si com mais força do que quaisquer outras que já tivesse ouvido. Passou a noite ali e os dois dias seguintes. Quando regressou a casa, o seu tio, que estivera extremamente ansioso por causa dele, repreendeu-o e colocou-o sob estrita vigilância. Niranjan ficou muito desgostoso por ser impedido de visitar Dakshineswar. Mas, mais tarde, o tio cedeu e deu-lhe liberdade para ir a Dakshineswar quando quisesse.

No espaço de poucos dias, Niranjan reconheceu a sua relação com Sri Ramakrishna, e este último tomou-o como um dos seus. A sua simplicidade impressionante, o seu desprezo heroico pelas tentações do mundo e a pureza inata da sua natureza tornaram-no muito querido do Mestre, que encontrou nele os sinais de um *Iswarakoti*. Quando pressionado sobre o casamento pelos seus familiares, o rapaz disse-lhes que eles queriam simplesmente levá-lo à ruína. Escusa-se de dizer que o Mestre ficou altamente satisfeito ao saber desta resposta audaz e elogiava frequentemente Niranjan perante os outros, a dizer: «Ele é um homem afortunado que não tem qualquer apego ao mundo. Vejo Niranjan sentado numa bola de luz. Ele não se importa com nada no mundo. Quando chegar o chamamento para o deixar, fá-lo-á sem um momento de hesitação.»

Niranjan tinha um temperamento violento e recorria frequentemente a medidas drásticas para a reparação de injustiças. Certo dia, a caminho de Dakshineswar num barco tradicional, alguns dos seus companheiros de viagem começaram a falar mal de Sri Ramakrishna. Niranjan, ao início, protestou veementemente contra isso, mas, a constatar que não surtia efeito, decidiu dar-lhes uma lição. Começou a balançar o barco violentamente, a trovejar que os afogaria a todos a meio do rio pelo seu mau comportamento. A sua estrutura robusta e o seu estado de espírito furioso intimidaram os infratores. Pediram desculpa pela sua tolice, o que encerrou o assunto.

Quando Sri Ramakrishna soube deste incidente, repreendeu Niranjan pelo seu temperamento violento. «A ira é um pecado

mortal», disse ele, «e porque haverias de estar sujeito a ela? A indignação de um homem bom é como uma linha desenhada na água. Desaparece imediatamente. As pessoas tolas dizem todo o tipo de coisas. Devias ignorá-las completamente por estarem abaixo da tua atenção. Se, em vez disso, lutares com elas, terás de passar toda a tua vida a fazer isso. Imagina só que mal estavas prestes a fazer no calor do momento!»

Houve uma altura em que Niranjan se viu obrigado a aceitar um emprego num escritório. Sri Ramakrishna ficou desgostoso com a notícia e comentou: «Não teria ficado mais dolorido se tivesse sabido da sua morte!» Alguns dias depois, quando se encontrou com Niranjan, constatou que ele tinha sido compelido a aceitar o trabalho para sustentar a sua mãe idosa. Com um suspiro de alívio, Sri Ramakrishna disse: «Ah, então está bem. Isso não contaminará a tua mente.

Mas digo-te, se o tivesses feito por tua causa, eu não teria sido capaz de tocar-te. Realmente, era impensável que pudesses rebaixar-te a tal humilhação. Não sabia eu que o meu Niranjan3 não tinha o menor vestígio de impureza em si?» Ao ouvir este comentário, um dos presentes na assistência disse a Sri Ramakrishna: «Senhor, o senhor está a depreciar o emprego em termos muito fortes. Mas como pode alguém sustentar a sua família sem ganhar dinheiro?» O Mestre respondeu: «Que o faça quem quiser. Eu não dissuado toda a gente. Digo isto apenas a estes jovens aspirantes, que formam uma classe por si mesmos.» Niranjan, como veremos, não trabalhou muito tempo, pois cedo se dedicou inteiramente ao serviço do Mestre.

3 «Niranjan» significa literalmente «imaculado».

MAHENDRA NATH GUPTA

Foi em março de 1882 que Mahendra Nath Gupta, mais conhecido como Master Mahasay, ou M., conheceu Sri Ramakrishna pela primeira vez. Era Brahmo por fé e o Diretor do Liceu Vidyasagar em Shambazar, Calcutá. Certa noite, acompanhado por um amigo, veio visitar o jardim do templo de

Rasmani. A maravilhar-se com a beleza do lugar, parou em frente ao quarto de Sri Ramakrishna. O Mestre estava na sua cama e os devotos encontravam-se sentados no chão, a escutá-lo. Mahendra ficou encantado com o que ouviu. Tudo naquele lugar lhe parecia belo. Deu um passeio ao redor e regressou ao quarto de Sri Ramakrishna.

A fragrância do incenso saía através da porta fechada. A averiguar com uma criada que poderia entrar, Mahendra entrou no quarto com o seu amigo. O Mestre estava sozinho. Mahendra saudou-o com as mãos unidas e foi-lhe pedido que se sentasse. Sri Ramakrishna indagou então sobre a sua profissão, onde residia e mais um ou dois pontos. Mahendra notou, contudo, que de vez em quando o Mestre ficava distraído. Mais tarde, veio a saber que este era um estado de consciência de Deus. Disse ao Mestre: «Talvez esta seja a sua hora de oração. Devemos despedir-nos agora.» Sri Ramakrishna respondeu num estado de espírito absorto: «Bem, não — não exatamente isso.» Pouco depois, saíram. O Mestre pediu-lhes que voltassem.

Na manhã seguinte, Mahendra foi novamente a Dakshineswar. Sri Ramakrishna recebeu-o com a sua afabilidade habitual e começou a conversar com ele. Entre outras coisas, indagou pela saúde de Keshab e disse quão ansioso estivera pela sua recuperação. Depois perguntou: «É casado?»

Mahendra: Sim, senhor.

Sri Ramakrishna (com um sobressalto para Ramlal): Ah, ele já é casado!

Mahendra ficou cheio de vergonha. Pensou: «Será assim tão mau casar?» Sri Ramakrishna perguntou: «Tem filhos?»

Mahendra disse em tom de desculpa: «Sim, senhor.» O Mestre ficou desgostoso ao saber da notícia. Mahendra ouviu pela primeira vez que não tinha levado uma vida exemplar. As suas noções anteriores sofreram um rude golpe. Passado um pouco, o Mestre disse-lhe com um olhar bondoso: «Bem, há alguns bons sinais no seu corpo. É possível distingui-los pela testa e pelos olhos.» «Bem», acrescentou após uma pausa, «o que pensa da sua

esposa? É ela possuidora de atributos que conduzem a Deus ou o oposto?»

Mahendra: Ela é boa, mas é ignorante.

Sri Ramakrishna (com crueza): E o senhor é sábio!

Isto foi um golpe severo nas ideias de Mahendra sobre si próprio. Sri Ramakrishna perguntou-lhe: «Que aspeto de Deus lhe atrai — com forma ou sem forma?» Mahendra ficou perplexo a pensar como poderia Ele ser ambos, visto que isso envolvia uma contradição. Mas respondeu: «O Seu aspeto sem forma, senhor.» «Muito bem», disse o Mestre, «devemos apegar-nos a um ideal.

É excelente que acredite no Deus Impessoal. Mas não deve ter a ideia de que apenas a sua perspetiva está correta e todas as outras estão erradas. Deve saber que ambos os aspetos são igualmente verdadeiros. Apegue-se àquele de que gosta.» Mahendra ficou surpreendido ao ouvir isto; não obstante, argumentou sobre o ponto.

Mahendra: A admitir que Deus tem forma, Ele não pode, logicamente, ser a imagem de barro — ?

Sri Ramakrishna (a interromper): Claro que não. Ele é consciência corporizada.

Mahendra: Bem, senhor, não será nosso dever tornar claro aos adoradores de imagens que a imagem de barro não é Deus? Que eles devem adorar a Deus na imagem e através dela?

Sri Ramakrishna: Bah, tornou-se moda entre vós, gente de Calcutá, dar sermões e ensinar os outros. Porque não ensinam a vós próprios primeiro? Quem é o senhor para ensinar os outros? O Senhor do universo tratará disso — o Senhor que criou este mundo, que fez o sol e a lua, o homem e o animal; Ele providenciou a subsistência das Suas criaturas; Ele criou pais que amam a sua descendência; — Ele fará o ensinamento. Ele providenciou tantas coisas, e não providenciará levar os homens à luz, se necessário?

Ele é o Eu mais íntimo de todos e, se houve algo de errado no culto da imagem de barro, não sabe Ele que as pessoas estão, com isso, a invocar apenas a Ele? Ele ficará satisfeito com essa mesma

forma de culto. Porque há de preocupar-se com isso? É melhor que tente alcançar o conhecimento e a devoção por si próprio.

Estas palavras animadas tocaram o coração de Mahendra e conquistaram o seu egoísmo. Esta foi a sua primeira e última tentativa de argumentar com o Mestre.

Sri Ramakrishna: «O senhor referia-se ao culto de uma imagem de barro. Até isso tem a sua utilidade. É Deus quem providenciou tantas formas de culto. Ele fez tudo isto para se adequar a diferentes graus de aspirantes. A mãe prepara diferentes tipos de comida para os seus filhos, de acordo com a sua capacidade de assimilação.

Uma mãe tem cinco filhos. Foi trazido um peixe e, a partir dele, ela preparou vários pratos, para se adequar a diferentes estômagos. Para um cozinhou *Polao* (que é um prato muito rico), para outro uma preparação azeda, para um terceiro um caril picante, para um quarto peixe frito, e assim por diante, — de acordo com o gosto e a capacidade de digestão de cada um. Compreende o ponto de vista?»

Mahendra ficou convencido. Perguntou então como se poderia voltar a mente para Deus.

Sri Ramakrishna: Deve-se invocar constantemente o nome de Deus e cantar os Seus louvores. Deve-se também associar, a intervalos, com devotos genuínos ou monges. A mente não se inclina para Deus se se viver sempre no mundo, no meio de ocupações mundanas. É extremamente necessário recorrer de vez em quando à solidão e meditar n'Ele. Sem isto, é dificílimo na fase inicial ocupar a mente com Deus.

Mahendra: Como se deve viver no mundo?

Sri Ramakrishna: «Continue com todos os seus deveres, mas fixe a mente em Deus. Viva com todos — esposa, filhos, pais — e sirva-os como se fossem os seus parentes mais íntimos. Mas no seu coração deve saber que nenhum deles lhe pertence.

Uma criada numa família rica atende a todos os seus deveres, mas o seu coração está na sua casa, na sua terra natal. Do mesmo modo, ela cuida dos filhos do seu patrão como se fossem seus e

diz: “O meu Ram” ou “O meu Hari”. Mas sabe perfeitamente que não são seus.

Se, antes de alcançar a devoção, tentar misturar-se com o mundo, ficará ainda mais enredado. Ficará perturbado por perigos, desgosto e mortificação. E quanto mais se detiver em coisas mundanas, maior será o seu apego.

Unte os dedos com óleo se quiser abrir a jaca, senão a secreção leitosa colará a eles. A devoção a Deus é como este óleo.

Mas para alcançar esta devoção, é necessária a solidão. Para bater a manteiga, deve-se colocar o coalho num lugar tranquilo. O coalho não coalhará se for mudado de um lugar para outro. A seguir, a sentar-se num lugar tranquilo e a libertar-se de outro trabalho, tem de bater o coalho. Então obtém a manteiga.

O mundo é como a água e a mente como o leite. Se colocar leite na água, eles misturam-se e não se podem separar os dois. Mas se fizer coalho a partir do leite e bater isso até dar manteiga, pode colocá-la na água e ela flutuará. Portanto, deve primeiro bater a manteiga do conhecimento e da devoção através da prática na solidão. Depois, se a colocar na água do mundo, não se misturará, mas flutuará.

Ao mesmo tempo, deve discernir que a luxúria e a riqueza são irreais e apenas Deus é real. O que vale o dinheiro? Dá-nos comida, roupa e um lugar para viver — isso é tudo. Mas não nos ajuda a realizar Deus. Portanto, o dinheiro não pode ser o fim da vida. Isto é o que se chama discernimento.»

Mahendra: Senhor, é possível para alguém ver Deus?

Sri Ramakrishna: Indubitavelmente. Retirar-se de vez em quando para a solidão, invocar o Seu nome e cantar os Seus louvores, e o discernimento — estes são os meios.

Mahendra: Sob que circunstâncias se pode vê-Lo?

Sri Ramakrishna: Pode-se vê-Lo se se chorar por Ele com uma grande intensidade de coração. As pessoas vertem cântaros de lágrimas pela esposa ou pelos filhos, ou por dinheiro; mas quem se importa de chorar por Deus? Deve-se rezar a Ele com o grau necessário de intensidade.

O Mestre desfez-se então numa canção — «Reza a Ela com verdadeiro anseio e vê se não A realizas». Depois disto, continuou:

«Assim que se tem este anseio, significa que a aurora cor-de-rosa já está à vista e o sol logo nascerá. Imediatamente após o anseio, vem a realização.

A questão é que devemos amar a Deus — como uma mãe ama o seu filho, como uma esposa dedicada ama o seu marido e um homem do mundo ama as suas propriedades. Se o amor de alguém por Deus for igual à soma total desses três, pode realizá-l'O.

Devemos rezar a Ele com um coração cheio de anseio. O gatinho só sabe miar. Permanece onde quer que a mãe o coloque, às vezes na cozinha, às vezes no chão ou às vezes numa cama. Quando sente dor, apenas mia — não sabe mais nada. E a mãe vem de onde quer que esteja, atraída por este miar.»

No domingo seguinte, Mahendra foi novamente a Dakshineswar. Não conseguia pensar em mais nada senão em Sri Ramakrishna desde a sua última visita. O Mestre conversava com Narendra sobre ver Deus em tudo e sobre diferentes tipos de homens, a prestar homenagem àqueles que nunca se apegam ao mundo. Nesse dia, Mahendra foi abençoado com a visão do Samadhi do Mestre.

No dia seguinte voltou e, ao entrar no quarto, Sri Ramakrishna disse com uma gargalhada calorosa a Narendra e outros: «Bem, foi dada a um pavão uma dose de ópio às quatro horas. No dia seguinte, ele apareceu novamente precisamente a essa hora. Estava sob o efeito do ópio e veio para outra dose!» (Risos).

O Mestre começou então a brincar com os rapazes, a fazê-los rir às gargalhadas. Mahendra perguntava-se se este poderia ser o mesmo homem que, no dia anterior, vira imerso em Samadhi. Pouco depois, debateu-se a devoção de Hanuman, e Sri Ramakrishna, no decorrer do canto de uma canção sobre esse tema, caiu em Samadhi.

Após alguns minutos, a tensão afrouxou, o corpo perdeu a rigidez, o rosto tornou-se sorridente e os sentidos retomaram as suas funções. Ele proferia o doce nome de Rama, e as lágrimas escorriam-lhe pelas faces. Todos estes vários estados de espírito mutáveis do Mestre intrigavam Mahendra.

Mahendra tornou-se cedo um dos discípulos mais dedicados de Sri Ramakrishna e tentava estar presente onde quer que o Mestre estivesse. Começou a tirar notas das conversas do Mestre e contribuiu para apresentar muitos dos seus estudantes e familiares a Sri Ramakrishna, a mudar assim as vidas deles. Não só frequentava Dakshineswar, como, a certa altura, passou lá muitos dias, a praticar exercícios religiosos sob a orientação direta do Mestre.

A relação íntima de Mahendra com o Mestre pode ser compreendida a partir das seguintes palavras que este lhe dirigiu:

«A Mãe mostra-me tudo de antemão. Na Panchavati vi o Sankirtan de Sri Gauranga. Nessa procissão, penso que vi o senhor, bem como o Balaram.

Vim a saber quem o senhor é ao escutar a sua leitura do Chaitanya Bhagavata. O senhor é do meu próprio grupo — da mesma matéria — como um pai e o seu filho. Enquanto não vinha aqui, esquecia-se de si próprio. Agora conhecerá a sua verdadeira natureza. O próprio Senhor vem sob a forma de um Guru e ensina tudo.»

"O 'nu de' (Totapuri) contou-me uma história. Uma vez, uma tigresa atacou um rebanho de cabras. Um caçador viu-a ao longe e abateu-a. Ela estava grávida e deu à luz um filhote ao expirar. O filhote cresceu com as cabras e aprendeu a pastar e a balir como elas; até fugia como elas quando atacado por um inimigo.

Um dia, um enorme tigre deparou-se com o rebanho enquanto este pastava. Para sua surpresa, viu um tigre a pastar com ele. Ignorando as cabras, agarrou este tigre, que começou a balir e tentou fugir. Arrastando-o para um poço de água, disse-lhe: 'Olha para o teu rosto na água. Vês, é igual ao meu.' Depois, forçou-lhe alguma carne na boca. Ao início, ele recusou-se a

comê-la, mas assim que lhe tomou o gosto, comeu-a. Então, o tigre estranho disse: 'Tens andado a viver com cabras e a pastar como elas! Que vergonha!'

"Pastar é estar satisfeito com a luxúria e a riqueza, e balir e fugir como as cabras é comportar-se como as pessoas vulgares. Partir com o tigre significa refugiar-se no Guru que ilumina o coração e conhecê-lo como sendo genuinamente seu. Ver o rosto verdadeiramente refletido na água é conhecer a natureza real de alguém."

Vendo a tendência racionalista da mente de Mahendra, Sri Ramakrishna alertava-o contra a disputa vã. "Não vale a pena argumentar demasiado", dizia. "Primeiro, Deus; e depois, o mundo. Pode-se facilmente conhecer o mundo após realizar Deus. Portanto, eu digo, não argumentes mais.

Se o fizeres, sairás a perder. Houve tempos em que eu costumava caminhar sozinho à noite, a chorar, e dizia: 'Ó Mãe, destrói a minha tendência para a disputa!' Promete que não vais argumentar mais." Mahendra concordou. O Mestre acrescentou: "Chorei e rezei: 'Ó Mãe, ensina-me o que está escrito nos Vedas e no Vedanta, nos Puranas e nos Tantras.' E, uma a uma, Ela mostrou-me tudo."

JOGINDRA NATH

Por volta do ano de 1882, outro jovem de extraordinário mérito religioso encontrou o seu refúgio de paz aos pés de Sri Ramakrishna. Trata-se de Jogindra Nath, o filho mais velho de Nabin Chandra Ray Chaudhury, que provinha de uma família brâmane aristocrática de Dakshineswar e era um homem do tipo ortodoxo. Possuía muito poucos bens e a sua única esperança residia no seu promissor filho, Jogin, que um dia poderia ser capaz de assumir as responsabilidades do pai.

Jogin desenvolveu uma tendência religiosa muito cedo na vida. Mesmo quando era uma criança de cinco anos, era frequentemente assolado por sentimentos estranhos. No meio de uma brincadeira, um pensamento sério nublava-lhe subitamente o

rosto e ele perdia todo o interesse pelo jogo. Retirava-se para um canto tranquilo e, olhando para o céu, pensava: “Onde estou? Certamente não pertenço a este lugar.

Estes não são os meus companheiros de brincadeira — tenho outros amigos e companheiros. Devo ter vindo de uma daquelas estrelas. Mas de qual? Não sei. E por que estou aqui se pertenço a outro mundo? Será tudo isto um sonho?” Pensamentos como estes apoquentavam-no, e ele era tomado por um anseio por regiões familiares. À medida que crescia, contudo, estas imaginações infantis foram-no deixando gradualmente.

Manifestava particular zelo na adoração, passando frequentemente duas ou três horas diárias em meditação. Estudava numa escola missionária, mas gostava mais de livros sagrados do que dos seus manuais escolares. Estava ainda no Ensino Secundário quando conheceu Sri Ramakrishna.

Jogin costumava visitar o jardim de Rani Rasmani. Uma tarde, descobriu que uma grande multidão de homens se reunira dentro e ao redor de um certo quarto naquele jardim, e escutava algo lá dentro com arrebatada atenção. Ouvira dizer que um brâmane excêntrico, que outrora fora sacerdote naquele templo, ali vivia. Jogin teve curiosidade de saber o que se passava e, aproximando-se da porta, escutou atentamente. Pelas primeiras palavras que lhe chegaram aos ouvidos, compreendeu que era aquele a quem a opinião local apelidava de “o sacerdote louco” que estava a falar.

Em linguagem simples e familiar, explicava a filosofia do amor. Jogin ficou preso pelo feitiço das palavras e permaneceu transfixado. Quando a reunião terminou, Jogin foi para casa, dizendo para si mesmo: “Este homem deve ser um santo que viu Deus. As pessoas não compreendem isto e por isso riem-se dele. De que outra forma se podem explicar tais palavras de devoção, tal amor divino e tal êxtase em nome de Deus? No entanto, deixa-me observá-lo mais de perto.”

No dia seguinte, dirigiu-se diretamente a Sri Ramakrishna, que ficou contente por saber quem ele era. Disse: “Bem, vens de

uma família que me é bem conhecida. Antigamente, ia frequentemente a tua casa para ouvir o Bhagavata e outras escrituras."

Mencionou alguns membros idosos que foram muito amáveis para com ele e disse: "É bom que nos tenhamos conhecido agora. Deves vir frequentemente. Nasceste numa família nobre e és dotado de muitas características de grandeza espiritual. Avançarás facilmente por este caminho."

Jogin ficou profundamente impressionado pelo tratamento afável do Mestre e visitava-o diariamente. Mantinha isto em segredo dos seus pais, pois eles partilhavam da crença comum acerca do Mestre. Para os afastar da pista, costumava colher flores escolhidas para o culto do seu pai. Este contacto com Sri Ramakrishna operou uma revolução nas suas ideias.

A obtenção de Deus tornou-se o único objetivo da sua vida. Embora soubesse que os seus estudos académicos teriam, em última análise, valor financeiro para a sua família, não queria dar a sua atenção ao mundo, pois aprendera com Sri Ramakrishna que apenas através da renúncia à luxúria e à riqueza residia o caminho para a realização de Deus. Ao início, tentou conciliar Deus e o Dinheiro; quando não teve sucesso, abandonou a tentativa. Resolveu não casar.

Procuraria um emprego longe de casa e, dessa forma, ajudaria a família. Este arranjo, pensava ele, permitir-lhe-ia passar a maior parte do tempo em oração e meditação. Assim determinado, disse um dia ao seu pai: "É inútil para mim continuar a ir à escola. Em vez disso, tentarei obter uma colocação num escritório. Com a tua permissão, irei para junto do meu tio em Cawnpore e tentarei conseguir um posto." O pai aquiesceu e enviou-o para lá.

Mas Jogin não conseguiu obter uma colocação. Por isso, passava a maior parte do tempo em oração e meditação. A sua distração alarmou o tio, que escreveu ao pai de Jogin instando-o a casar o filho. Nabin Chandra considerou que essa seria a atitude mais sensata a tomar e fez os preparativos para o casamento sem dizer nada a Jogin, temendo que ele fugisse. Nabin aprendera isto

com uma experiência anterior. Escreveu então ao cunhado para enviar Jogin para casa sob o pretexto de doença da mãe. Com o coração ansioso, Jogin regressou a casa, apenas para encontrar todos jubilosos com o seu casamento iminente. Ficou chocado. Disse claramente ao pai que se opunha ao casamento. O pai tentou persuadi-lo, mas ele permaneceu obstinado.

Nabin estava numa posição embaraçosa, pois empenhara a sua palavra ao pai da noiva. Seria uma desonra total recuar agora. Por fim, a mãe de Jogin aproximou-se e, com lágrimas nos olhos, implorou ao filho que casasse e salvasse a reputação do pai. "Mesmo que não queiras, casa por amor a mim, meu querido", disse ela. O apelo apaixonado da mãe minou a firme resolução do filho; Jogin curvou a cabeça perante o decreto do destino e casou-se.

Embora o tenha feito para satisfação da sua mãe, ele compreendia o que aquilo significava para si. O seu casamento arruinara todas as suas perspetivas religiosas e, além disso, erguera uma barreira intransponível entre si e Sri Ramakrishna. Com o espírito abatido, dizia para si mesmo: "Quem é mais infeliz do que o homem que não consegue cumprir a sua promessa? Será que Sri Ramakrishna me amará como antes?

Ele é a personificação da renúncia, e eu terei de passar os meus dias na busca das satisfações sensoriais! De que me serve ir ter com ele mais alguma vez? Ele traçou o caminho da espiritualidade para mim, mas eu não consegui segui-lo. Falei-lhe do meu desejo de levar uma vida celibatária e lembro-me com que alegria ele o saudou. Como posso aparecer diante dele agora?" O seu coração descaía dentro de si ao avaliar a sua posição. Decidiu não voltar a ver Sri Ramakrishna e tentou distrair a mente com negócios.

O Mestre soube do casamento e desejava ver o rapaz. Mandou chamá-lo repetidamente, mas Jogin não vinha. Todos diziam que ele estava diferente desde o seu casamento e que nem sequer mencionava o nome de Sri Ramakrishna. Como Jogin ignorava os seus repetidos apelos, Sri Ramakrishna chamou um

dia um dos amigos de Jogin e disse-lhe: “Que tipo de homem é o Jogin?

Antes de partir para Cawnpore, emprestei-lhe algumas rupias, das quais ele não presta contas nem vem cá, mesmo tendo sido mandado chamar. Importas-te de ir dizer-lhe isto?” Jogin lembrou-se de que lhe tinham sido dadas algumas rupias para comprar algumas coisas para Sri Ramakrishna. Os artigos tinham sido enviados há muito tempo a Sri Ramakrishna, mas ele ainda retivera o troco, que consistia em algumas annas.

Ao início, pensou em devolvê-las pessoalmente, mas após o seu casamento decidiu não voltar a visitar Sri Ramakrishna e andava à procura de alguém através de quem pudesse devolver o dinheiro. A queixa de Sri Ramakrishna tocou-o no vivo. Disse para si mesmo: “É verdade que posso ter perdido toda a esperança, mas não estou ao ponto de me tornar um vigarista. Considerará ele realmente que caí tão baixo? Muito bem, irei devolver essas annas ainda hoje.”

Nessa mesma tarde, Jogin partiu para o jardim de Rani Rasmani e, enquanto refletia sobre a sua sorte difícil, chegou à varanda oriental do quarto de Sri Ramakrishna, de onde viu o Mestre sentado no seu pequeno leito, com o manto lançado descuidadamente sobre o regaço. Assim que Sri Ramakrishna viu Jogin, correu para ir ao seu encontro, segurando o manto debaixo do braço como um rapaz.

O seu rosto brilhava com uma radiância invulgar, como se estivesse a transbordar de poder divino! Segurando a mão do rapaz, disse: “Que importa que estejas casado? Não fui eu também casado? O que há a temer nisso? *(Colocando a mão no próprio peito)* Se isto *(querendo dizer ele próprio)* for propício, mesmo cem mil casamentos serão impotentes para te afetar. Se desejas estar no mundo, traz a tua esposa aqui um dia e eu mudarei a mente dela de tal forma que ela será sempre uma ajuda para ti no teu progresso espiritual. Mas se és avesso à vida de um chefe de família, devorarei o teu apego ao mundo.” Ele emitia fogo!

Jogin ficou estupefacto. O que era aquilo que ouvia? Seria possível? Sentiu-se subitamente transportado de uma região de desespero absoluto para uma de brilhante esperança. Teria sido por isso que Sri Ramakrishna o acusara, para conseguir que ele o viesse ver? Um peso morto foi retirado do seu coração e ele voltou a respirar livremente. O Mestre não proferiu uma única palavra sobre o dinheiro e, quando Jogin se referiu a isso, disse: "Deixa-o naquela caixa de lata partida."

Sob o olhar do Mestre, Jogin passava os seus dias alegremente, acrescentando nova força ao seu espírito de renúncia. A nuvem que se acumulara na sua mente desvaneceu-se por completo e a vida voltou a parecer digna de ser vivida. Os seus pais murmuravam perante a sua indiferença em relação ao mundo.

Um dia, a sua mãe disse: "Se não te importas de ganhar dinheiro, bem, por que te casaste?" "Não te disse uma e outra vez", respondeu Jogin, "que não tinha intenção de casar? Mas tive de ceder às tuas lágrimas." "O que queres dizer?", exclamou a mãe. "Como poderias casar a menos que tivesses o desejo de o fazer?" Jogin olhou fixamente para ela. "Deus misericordioso!", disse para si mesmo, "Pratiquei o ato para agradar à minha mãe, e agora ela fala assim!

Mau haja o mundo! Sri Ramakrishna é a única pessoa que conheci cujas palavras e pensamentos coincidem exatamente." A partir daquele dia, ficou desgostoso com o mundo e, encontrando o seu único consolo na companhia de Sri Ramakrishna, passava os dias e, por vezes, as noites no jardim do templo.

O Mestre não tardou a detetar a grande falha de Jogin — a sua extrema extrema brandura de coração. Alertou o rapaz contra esta fraqueza. Um dia, Jogin foi enviado ao mercado para comprar um *pan*. Ele apelou ao sentimento religioso do lojista e pediu-lhe que fornecesse um artigo bom.

Terminada a compra, regressou a casa. Mas descobriu-se mais tarde que o *pan* tinha uma fenda. Quando o Mestre soube disso, disse a Jogin em tom de censura: "Um devoto não deve ser

tolo. Um lojista não está de todo a pensar em Deus quando lida com os seus clientes. Ao confiares nele, agiste estupidamente. Devias ter examinado o *pan* antes de o comprares. Vê lá se não és enganado assim no futuro. Quando fores fazer compras, primeiro inteira-te do preço real visitando várias lojas e examina minuciosamente a coisa antes de a comprares. E não fales em exigir os pequenos extras quando permitidos." Não é maravilhoso ouvir tal conselho de um homem que, talvez um minuto antes, estivera mergulhado na bem-aventurança do Samadhi? Mas Sri Ramakrishna estava cheio de tais contrastes.

Jogin era gentil ao ponto de ser um defeito. Um dia, Sri Ramakrishna encontrou uma barata entre as suas roupas. Pediu a Jogin que a levasse para fora e a matasse. O rapaz levou-a para alguma distância e soltou-a. O Mestre perguntou se ele tinha cumprido a ordem. Jogin contou-lhe o que tinha feito. Perante isso, Sri Ramakrishna repreendeu-o, dizendo: "Disse-te para a matares e tu soltaste-a. Tens de cumprir as minhas ordens à risca, ou terás de te arrepender em assuntos mais sérios."

Outro dia, Jogin estava num barco a caminho de Dakshineswar. Um dos passageiros, ao saber do destino de Jogin, começou a vilipendiar Sri Ramakrishna, chegando mesmo a insultá-lo. Jogin ficou mortificado e esteve prestes a lançar-se numa defesa do Mestre, quando se deu conta de que era a ignorância da verdadeira natureza do Mestre que motivava a crítica. Assim, decidiu não dizer nada. Ao chegar a Dakshineswar, narrou o incidente a Sri Ramakrishna. Pensou que o Mestre iria simplesmente rir-se. Mas, para sua surpresa, ele disse: "O homem insultou-me e tu engoliste a ofensa sem um murmúrio! Sabes o que as escrituras aconselham num caso desses? Deve-se ou matar o detrator ou abandonar o lugar imediatamente. E tu suportaste isso mansamente!" Foi para incutir alguma têmpera no rapaz que o Mestre tratou o incidente dessa forma.

O leitor lembrar-se-á, a este propósito, do conselho muito diferente que ele deu a outro discípulo seu, a saber, Niranjan, numa ocasião semelhante. Era sua ideia conduzir os rapazes sob a

sua tutela à harmonia perfeita, da qual a sua própria vida era o exemplo brilhante. Assim, encontramo-lo a incutir têmpera num e a moderar a natureza ardente do outro. As prescrições, em ambos os casos, eram adequadas à natureza da doença.

Como já foi observado, Sri Ramakrishna encorajava frequentemente os seus discípulos a testá-lo antes de o aceitarem como guia. Aconselhava-os sempre a notar se o instrutor religioso praticava o que pregava. Uma noite, Jogin, com a permissão do Mestre, decidiu passar a noite com ele, com o intuito de o servir, se necessário. Foram para a cama.

À meia-noite, Jogin acordou subitamente e reparou que a porta do quarto estava aberta e Sri Ramakrishna ausente. Ao início, pensou que ele estaria a caminhar lá fora. Mas não estava. Subitamente, uma suspeita assaltou-lhe a mente — teria ele ido ver a esposa? Seria genuinamente possível que as suas ações fossem contrárias aos seus ensinamentos? Embora o pensamento fosse desagradável, resolveu averiguar a verdade e vigiou a porta do salão de concertos, onde a Santa Mãe vivia. De repente, ouviu o som de chinelos vindo da direção do Panchavati. Um momento depois, Sri Ramakrishna estava ao seu lado. “Bem, o que queres tu aqui?”, perguntou ele. Jogin baixou a cabeça envergonhado por ter duvidado do Mestre e não conseguiu proferir palavra. O Mestre compreendeu imediatamente e aliviou o rapaz dizendo: “Muito bem. Deves examinar um Sadhu de dia e de noite antes de acreditares nele.” Embora perdoado, Jogin não conseguiu dormir mais naquela noite.

De acordo com as regras do templo de Kali, todos os dias Sri Ramakrishna recebia uma porção das oferendas feitas às divindades. Uma manhã, reparou que a sua parte não tinha sido enviada para o seu quarto. Esta irregularidade perturbou-o tanto que ele próprio se dirigiu ao escritório para se informar sobre o assunto. Jogin ficou surpreendido com isto, pois sabia que o Mestre não se importava muito com o comer.

Era-lhe inexplicável, exceto como um resquício do instinto sacerdotal de exigir o que lhe era devido. Achou graça ao

pensamento de que, apesar das suas grandes realizações, o Mestre não conseguia superar as pequenas tendências da sua classe. Neste momento, Sri Ramakrishna regressou e disse: "Olha aqui. Rani Rasmani legou a sua grande propriedade ao serviço deste templo, para que as oferendas possam ser distribuídas entre devotos e Sadhus. Aquela parte das oferendas que vem para este quarto é tomada apenas por devotos que vêm aqui com um anseio por Deus, e a dádiva de Rasmani é bem aproveitada. Mas que uso é feito da outra parte que vai para os sacerdotes deste templo? Eles vendem-na no mercado e alguns até alimentam as suas amantes com ela! Eu luto com os homens encarregados pela parte que vem para aqui, a fim de que o objetivo de Rasmani seja, pelo menos parcialmente, cumprido." E assim Jogin descobriu que cada ato do Mestre, por mais trivial que pudesse parecer, estava carregado de um profundo significado.

Sri Ramakrishna dava muita liberdade a Jogin, pois sabia que o rapaz era um dos poucos escolhidos da Mãe. Chamava-lhe também um *Iswarakoti*, — uma distinção rara a que apenas meia dúzia de discípulos do Mestre podia aspirar. Sob os cuidados amorosos de Sri Ramakrishna, Jogin cresceu até se tornar um homem que triunfou completamente sobre a ideia de sexo. Ele era a renúncia personificada.

Entre os visitantes notáveis de Sri Ramakrishna neste período estava o famoso Aswini Kumar Dutt, o patriota devoto de Barisal. Apresentamos abaixo extratos das suas reminiscências do Mestre, conforme registadas numa carta em bengali que escreveu a M., o autor do *'Gospel of Sri Ramakrishna'*.

Foi talvez durante as férias do Puja de 1881 que me encontrei com Sri Ramakrishna pela primeira vez. Keshab Babu devia chegar nesse dia. Cheguei a Dakshineswar de barco e, subindo os degraus do *ghat* de desembarque, perguntei a alguém onde vivia o Paramahamsa.

"Ali está o Paramahamsa!" — respondeu o homem, apontando para um homem reclinado contra uma almofada na varanda norte que dava para o jardim. Quando vi que ele usava

um pano com borda preta e se reclinava daquela maneira, pensei: "Que tipo de Paramahamsa pode ele ser?" Ali estava ele sentado, encostado à almofada com as mãos unidas sobre os joelhos encolhidos. Depois pensei: "Ele evidentemente não está acostumado ao uso de travesseiros como os cavalheiros estão, por isso talvez seja um Paramahamsa." À sua direita, muito perto da almofada, sentava-se um cavalheiro cujo nome, soube depois, era Rajendra Lal Mitra, que mais tarde se tornou Secretário Assistente do Governo de Bengala. Um pouco mais afastados sentavam-se alguns outros.

Após alguns momentos, o Mestre disse a Rajendra Babu: "Por favor, vê se Keshab está a chegar." Alguém olhou e disse: "Não!" Após um breve intervalo, ouvindo um som lá fora, ele disse novamente: "Por favor, olha mais uma vez." Novamente alguém foi e voltou com a mesma resposta. Então Sri Ramakrishna sorriu e disse: "O sussurrar das folhas faz Radha exclamar: 'Oh, aí vem o meu Amado!' Sabes, Keshab atormenta-me sempre assim!" Ao crepúsculo, Keshab chegou com o seu grupo.

Quando Keshab se inclinou diante dele tocando o chão com a testa, o Mestre retribuiu a saudação da mesma maneira. Pouco depois, ergueu a cabeça e, num estado de semiconsciência, disse dirigindo-se à Mãe: "Trouxeste a população inteira de Calcutá para aqui — como se eu fosse proferir uma conferência! Não posso fazer isso! Faz Tu mesma, se quiseres. Eu não posso fazer estas coisas!" Ainda no estado de êxtase, com um sorriso divino, disse: "Eu sou Teu filho. Vou simplesmente viver e mover-me. Vou comer, dormir e fazer tais ninharias, mas não posso dar conferências." O coração de Keshab Babu transbordou de emoção enquanto olhava para Sri Ramakrishna. Vendo o Mestre neste estado, pensei: "Poderá isto ser fingimento?" Nunca tinha visto nada assim antes, e não sou um homem crédulo.

Voltando deste estado exaltado, o Mestre, dirigindo-se a Keshab, disse: "Keshab, uma vez, quando fui ao teu templo, ouvi-

te dizer: ‘Mergulhando no rio da devoção, seremos levados diretamente para o oceano de Sachchidananda.’

Então olhei para cima (para a galeria onde a esposa de Keshab e outras senhoras estavam sentadas) e pensei: ‘O que será então destas senhoras?’ Vós sois chefes de família, como podeis alcançar o oceano de Sachchidananda de uma só vez? Sois como o mangusto que tem uma pedra amarrada à cauda. Se algo acontece, ele corre e senta-se num nicho na parede. Mas como pode permanecer lá? A pedra puxa-o para baixo com um baque contra o chão.

Podeis praticar um pouco de meditação, mas o peso da esposa e dos filhos arrastar-vos-á para baixo. Podeis mergulhar no rio da devoção, mas deveis voltar a subir, — mergulhar e voltar a subir. Como podeis mergulhar de uma vez por todas?”

“É totalmente impossível para os chefes de família?”, perguntou Keshab Babu. “E quanto ao Maharshi Devendra Nath (Tagore)?”

Sri Ramakrishna repetiu suavemente: “Devendra Nath Tagore, Devendra, Devendra”, e saudou-o várias vezes. Depois disse: “O caso dele é semelhante ao de um homem que costumava celebrar o Durga Puja com grande pompa. Cabras seriam sacrificadas de manhã até à noite. Mas, após alguns anos, o sacrifício já não era tão imponente. Então alguém disse: ‘Como é que o sacrifício na tua casa se tornou uma coisa tão modesta?’ ‘Ora,’ respondeu o outro, ‘os meus dentes já se foram! Portanto, é natural que na sua idade avançada Devendra esteja a praticar meditação. Mas ele é um bom homem, apesar de tudo.’

“Vês, enquanto o homem estiver sob o feitiço de Maya, ele é como um coco verde. Se queres usar a parte tenra dele, não podes evitar raspar também um pouco da casca. Mas o homem que foi além de Maya é como um coco maduro. A amêndoa está solta da casca — quando o sacodes, sabes que é assim. A Alma liberta-se então do corpo. Já não está apegada a ele.

“É o ego que é a causa de todos os problemas! O infeliz ‘Eu’ é quase indestrutível. É como a figueira-dos-pagodes que cresce

nos escombros de uma casa dilapidada. Podes cortá-la hoje, mas amanhã descobri rás que está a crescer novamente a partir das raízes. O mesmo acontece com o ego. Podes lavar uma chávena em que tenham sido guardadas cebolas sete vezes, mas o forte odor permanece."

No decorrer da conversa, disse a Keshab Babu: "Bem, Keshab, é verdade que os teus Babus de Calcutá negam a existência de Deus? Um desses Babus estava a subir as escadas. Deu um passo, mas antes de dar o seguinte gritou: 'Oh! O meu lado! O meu lado!' e caiu inconsciente. Houve um alarido por um médico. Mas antes que ele chegasse, o homem estava morto. E tais pessoas dizem: 'Não há Deus!'"

Após uma hora ou pouco mais, o Kirtan começou. O que vi então, provavelmente nunca esquecerei nesta vida ou na vida que hã-de vir. Todos começaram a dançar, incluindo Keshab, com o Mestre no centro e os outros num círculo ao seu redor. No decorrer da dança, o Mestre ficou subitamente imóvel. Estava em Samadhi! Isso continuou por um longo tempo. Ouvindo e vendo tudo isto, compreendi que ele era um verdadeiro Paramahamsa.

Outro dia, talvez em 1883, fui vê-lo com alguns jovens de Serampore. Vendo-os, ele perguntou: "Por que vieram eles?"

"Para o ver", respondi.

Sri Ramakrishna: O que há para ver em mim? Por que não vão eles ver os edifícios e os templos?

Eu mesmo: Senhor, eles não vieram para ver essas coisas. Vieram para o ver a si.

Sri Ramakrishna: Ah! Devem ser pederneiras, então. Há fogo nelas. Podes manter uma pederneira debaixo de água por mil anos, mas no momento em que a bates, ela emite fogo. Eles devem ser desse tipo. Mas se nos bateres a nós, será em vão.

Perante esta última observação, sorrimos. Fui noutro dia. Quando me inclinei diante dele e tomei o meu lugar, ele disse: "Podes trazer-me um pouco daquela coisa — meio azeda, meio doce — que começa a fazer efervescência quando empurras a rolha para baixo?" "Quer dizer limonada?", perguntei. "Sim",

disse ele, “trazes-me isso?” Penso que lhe trouxe uma garrafa. Tanto quanto me lembro, ele estava sozinho nesse dia. Fiz-lhe algumas perguntas.

Eu mesmo: O senhor observa a casta?

Sri Ramakrishna: Bem, não muito de que me possa gabar. Comi um caril na casa de Keshab Sen. Deixa-me contar-te o que aconteceu uma vez. Un homem com uma longa barba (um maometano) trouxe gelo para vender, mas eu não estava inclinado a aceitá-lo. Um pouco mais tarde, alguém trouxe-me um pedaço de gelo desse mesmo homem, e eu comi-o. Vês, as restrições de casta caem por si mesmas. Quando os coqueiros e as palmeiras crescem, as folhas caem por si mesmas. As observâncias de casta vão-se assim. Mas não os arranques como esses tolos fazem (querendo dizer os reformadores violentos).

Eu mesmo: O que pensa de Keshab Babu?

Sri Ramakrishna: Oh, ele é um homem santo.

Eu mesmo: E Trailokya Babu?

Sri Ramakrishna: Um belo homem e um bom cantor.

Eu mesmo: E Sivanath Babu?

Sri Ramakrishna: Um bom homem, mas argumenta demasiado!

Eu mesmo: Que diferença existe entre os Hindus e os Brahmos?

Sri Ramakrishna: Não muita. Quando eles tocam oboés aqui, um homem mantém a mesma nota continuamente, enquanto outro toca melodias diferentes. Os Brahmos estão a bater sempre na mesma tecla — o aspeto sem forma de Deus; mas os Hindus desfrutam dos Seus vários aspetos.

Disse ao Mestre que tinha conhecido Achalananda Tirthavadhuta de Barisal. Isto levou à seguinte conversa:

Sri Ramakrishna: Não é esse Ramkumar de Kotrang?

Eu mesmo: Sim, senhor.

Sri Ramakrishna: Como gostaste dele?

Eu mesmo: Gostei muito dele.

Sri Ramakrishna: Bem, de quem gostas mais, dele ou de mim?

Eu mesmo: Como se pode estabelecer uma comparação? Ele é um erudito, mas o senhor é um?

O Mestre ficou um pouco confuso e calou-se. Um momento depois, eu disse: "Ele pode ser um erudito, mas o senhor é um homem interessante. Há uma grande diversão na sua companhia." Então ele sorriu e observou: "Bem dito! Bem dito!"

Perguntou-me: "Viste o meu Panchavati?"

"Sim, senhor", respondi.

Contou-me um pouco das suas práticas religiosas ali. Também falou sobre Totapuri. Depois perguntei-lhe: "Como posso realizar Deus?"

"Bem", respondeu ele, "Ele está sempre a atrair-nos como um íman atrai o ferro. Apenas quando o ferro está coberto de sujidade é que não é atraído. Assim que a sujidade é lavada da mente pelo choro, ela é instantaneamente atraída por Ele."

Enquanto eu anotava as suas palavras, ele observou: "Olha aqui, apenas gritar 'cânhamo' não produzirá embriaguez. Tens de conseguir o cânhamo, esfregá-lo na água e bebê-lo." Mais tarde disse: "Tens de viver no mundo. Portanto, mantém a tua mente ligeiramente embriagada com o pensamento de Deus. Enquanto estiveres no trabalho, deixa que esse sentimento de inebriação esteja contigo. Não podes, naturalmente, ser como Sukadeva e beber e beber até perderes toda a consciência do corpo.

"Se tens de estar no mundo, dá-Lhe procuração, entrega-Lhe todas as tuas responsabilidades. Deixa-O fazer o que Ele quiser."

Durante todo este tempo, o Mestre esteve sentado no chão. Agora levantou-se e estendeu-se na sua cama. Depois disse: "Por favor, abana-me." Comecei a abaná-lo e ele ficou em silêncio. Passado um pouco, disse: "Oh! Está tanto calor! Por que não mergulhas o leque em água?" Notei: "Ah, o senhor também tem as suas preferências!" O Mestre sorriu e disse: "Sim, — por que — não?" "Muito bem", disse eu, "desfrute-as em plena medida."

Não consigo exprimir em palavras o imenso prazer que retirei da sua companhia naquele dia.

Quando lhe fiz a minha última visita (23 de maio de 1885), o Diretor da nossa escola, que se tinha licenciado precisamente na altura, estava comigo. Assim que Sri Ramakrishna o viu, perguntou-me: "Ah, onde o encontraste? Um belo rapaz!" Depois continuou: "Tu és um advogado. E és tão esperto! Podes dar-me um pouco dessa esperteza? No outro dia, o teu pai veio e ficou aqui por três dias."

"Como gostou dele?", perguntei.

"Um homem simpático", respondeu o Mestre. "Mas às vezes fala demais."

Eu disse: "Por favor, ajude-o a superar essa tendência quando se encontrar com ele da próxima vez." O Mestre sorriu. Pedi-lhe que nos desse algum conselho. Ele disse: "Conheces Hriday?"

"O seu sobrinho?", indaguei. "Só o conheço de nome." Então ele disse: "Hriday costumava dizer-me: 'Tio, por favor, não esgotes o teu stock de instruções de uma só vez. Por que deves repetir a mesma coisa uma e outra vez?' Eu respondia: 'Seu tolo! O que tens tu com isso? Estas são as minhas palavras, e repeti-las-ei cem mil vezes se quiser. Fica calado.'"

Sorri e disse: "Exatamente assim."

Um pouco mais tarde, ele levantou-se e, depois de repetir Om várias vezes, começou a cantar uma canção que começava: "Mergulha profundamente, mergulha profundamente, minha mente, no oceano da beleza divina." Mal tinha entoado as primeiras linhas quando ele próprio mergulhou profundamente e caiu em Samadhi.

Quando o Samadhi terminou, começou a passear pelo quarto e com ambas as mãos puxou para cima o pano que trazia vestido até chegar à cintura. Uma extremidade arrastava-se no chão e a outra estava solta. Dando um toque com o cotovelo no meu companheiro, sussurrei: "Vê como ele traz bem o seu pano."

Um momento depois, ele deitou fora o pano com as palavras: "Ugh! Que incómodo! Fora com ele!" Começou a passear de um

lado para o outro no quarto. Da extremidade norte, trouxe uma bengala e um guarda-chuva e perguntou: “Estes pertencem-te?” Mal respondi “Não”, ele disse: “Eu sabia! Posso julgar um homem pela sua bengala e guarda-chuva. Eles devem pertencer àquele homem que esteve aqui há algum tempo e engoliu uma grande quantidade de comida.”

Sentou-se, ainda nu, na extremidade norte da sua cama, voltado para o oeste, e começou a seguinte conversa:

Sri Ramakrishna: Bem, consideras-me indelicado?

Eu mesmo: Claro que não. Por que pergunta isso?

Sri Ramakrishna: Bem, Sivanath e outros pensam assim. Quando eles vêm, tenho de enrolar um pano à minha volta. Conheces Girish Ghosh?

Eu mesmo: Qual Girish Ghosh? Aquele que dirige um teatro?

Sri Ramakrishna: Sim.

Eu mesmo: Nunca o vi, mas já ouvi falar dele.

Sri Ramakrishna: Um bom homem.

Eu mesmo: Dizem que ele bebe.

Sri Ramakrishna: Que beba! Quanto tempo continuará ele com isso? Conheces Narendra?

Eu mesmo: Não, senhor.

Sri Ramakrishna: Desejo muito que te encontres com ele. Ele passou no exame de B.A. e é solteiro.

Eu mesmo: Muito bem, encontrar-me-ei com ele.

Sri Ramakrishna: Hoje haverá um Kirtan na casa de Ram Dutt. Podes encontrar-te com ele lá. Por favor, vai lá esta noite.

Eu mesmo: Está bem.

Sri Ramakrishna: Sim, vai. E não te esqueças.

Eu mesmo: É a sua ordem, e eu obedeço. Certamente irei.

Mostrou-nos as imagens no seu quarto e perguntou se se poderia conseguir uma imagem do Senhor Buda. Respondi: “Muito provavelmente.”

Sri Ramakrishna: Por favor, arranja-me uma.

Eu mesmo: Sim, trarei uma quando voltar.

Mas, infelizmente! Nunca tive a oportunidade.

Nessa noite fui à casa de Ram Babu e conheci Narendra.

Num dos quartos, Sri Ramakrishna estava sentado, reclinado contra uma almofada. Narendra sentava-se à sua direita, eu em frente. Ele pediu a Narendra para falar comigo. Mas este último disse: "Tenho uma dor de cabeça terrível hoje. Não me apetece falar." "Então vamos adiar", disse eu, "conversaremos noutro dia." E isso veio a acontecer em maio ou junho de 1897, em Almora.

Ah! Que feliz passei aqueles poucos dias com ele! Nunca mais me encontrei com ele depois disso. Foi apenas o desejo do Mestre que nos uniu em Almora. Encontrei-me com o Mestre apenas quatro ou cinco vezes. Mas nesse curto espaço de tempo tornámo-nos tão íntimos que me senti como se tivéssemos sido colegas de turma.

Quanta liberdade me permiti ao falar com ele! Mas mal tinha deixado a sua presença, ocorreu-me: "Grande Deus! Com quem estava eu a falar?" Toda a minha vida foi adoçada pelo que recebi naqueles poucos dias. A memória daquele sorriso elísio permanece ainda comigo, derramando uma bem-aventurança infinita.

Sri Ramakrishna fez uma visita ao Pundit Iswar Chandra Vidyasagar. O Pundit era amplamente famoso pela sua grande erudição, o que justificava o seu título de Vidyasagar, ou 'oceano de sabedoria'. Mas ainda maior do que a sua erudição era a sua compaixão pela humanidade sofredora. O Mestre ouvira falar das raras qualidades de Vidyasagar desde a sua infância e sentia-se naturalmente atraído por ele.

Na tarde de 5 de agosto de 1882, Sri Ramakrishna partiu para a casa de Vidyasagar numa carruagem, com Mahendra, Bhavanath e Hazra. Devido ao trânsito denso, a carruagem teve de parar, momento em que o Mestre observou um homem noutra carruagem a olhar para as suas próprias meias com evidente satisfação.

O Mestre ficou comovido e disse, dirigindo-se à Mãe Divina: "Ó Mãe, o homem não teve o suficiente de desfrute. Deixa-o

desfrutar um pouco.” À medida que se aproximava da casa de Vidyasagar, dizia para si mesmo várias vezes: “Mãe, vou ver o Pundit; mas tu sabes, sou absolutamente desprovido de instrução.”

O seu estado de espírito tornou-se exaltado e ele expressou a sua aversão por tópicos mundanos. A carruagem parou em frente à casa de Vidyasagar. Sri Ramakrishna desembarcou, amparado por Bhavanath. Usava um pano com borda vermelha, cuja ponta estava lançada sobre o ombro, e um casaco que estava desabotoado. Enquanto caminhava pelo jardim, perguntou a Mahendra se devia abotoar o casaco. “Não, senhor”, respondeu Mahendra, “não é necessário fazer isso.” O grupo chegou ao primeiro andar do edifício. Mahendra apresentou o Mestre ao Pundit, que o recebeu cordialmente. O Mestre estava num estado de êxtase e fitou o Pundit como se já o conhecesse. Para controlar o seu êxtase, continuou a dizer em curtos intervalos: “Vou beber um pouco de água.” Nesse estado, tomou o seu lugar num banco, no qual um rapaz estava sentado. Sri Ramakrishna afastou-se dele dizendo: “Mãe, este rapaz tem grande apego ao mundo.”

Vidyasagar mandou vir alguma água potável e, sabendo que Sri Ramakrishna não tinha objeções a doces, trouxe alguns. Sri Ramakrishna e os devotos serviram-se. Elogiando um rapaz que estava sentado diante dele, o Mestre disse a Vidyasagar: “Este é um bom rapaz, com muitas virtudes nele — como o rio Phalgu, que parece um leito de areia, mas, quando escavado ligeiramente, expõe à vista uma corrente de água que corre no subsolo.”

Depois, dirigiu-se a Vidyasagar com um sorriso: “Hoje estou perante o ‘oceano’. Até agora só vi canais e ribeiros ou, quando muito, rios. Mas hoje vejo o oceano.”

Vidyasagar: Então, senhor, faça o favor de tirar um pouco de água salgada dele.

Sri Ramakrishna: Não, não, o senhor não é um oceano desse tipo. Não é um oceano de *Avidya* (ignorância), mas de *Vidya* (conhecimento). *(Risos.)* O senhor é o oceano de leite de que se fala nos Puranas.

Vidyasagar: Bem, senhor, o senhor pode falar como quiser.

Sri Ramakrishna: O que o senhor faz é trabalho *Sattivika* (desinteressado). É o aspeto *Rajasika* (ativo) de *Sattva*. A compaixão brota de *Sattva*. O trabalho que é feito por compaixão é um trabalho *Rajasika*, sem dúvida, mas este *Rajas* é o resultado de *Sattva* e não faz mal. Sukadeva e outros não abandonaram a compaixão para ensinar a humanidade sobre Deus. O senhor está a distribuir conhecimento e comida; isso é bom. Ajudá-lo-á na realização, se tão-só o conseguir fazer de forma desinteressada. Alguns trabalham por nome ou para adquirir mérito religioso. O trabalho de tais pessoas não é um trabalho desinteressado. Além disso, o senhor já é um sábio perfeito (*Siddha*).

Vidyasagar: Como, senhor?

Sri Ramakrishna *(sorrindo)*: As batatas e outros vegetais ficam macios quando cozidos (*Siddha*), e o senhor é tão terno de coração — o senhor é tão bondoso! *(Risos.)*

Vidyasagar: Mas certas coisas endurecem quando cozidas, como por exemplo, as leguminosas transformadas em polpa. *(Risos.)*

Sri Ramakrishna: Não, não, o senhor não é desse tipo. Os meros eruditos são como frutos doentes que nunca amadurecerão. Perdem-se a meio caminho. O abutre voa muito alto, mas tem o seu olho num pedaço de carniça no chão. Os meros eruditos são tais apenas de nome, pois estão apegados à luxúria e à riqueza — como os abutres, andam à procura de carniça. O apego pertence ao reino da nescidade (*Avidya*), enquanto a compaixão, a devoção e a renúncia são as gloriosas ramificações do conhecimento (*Vidya*).

Todos escutavam as suas palavras com arrebatada atenção. Ele retomou: "O Brama está além tanto de *Vidya* como de *Avidya*. Está além de Maya. O Brama não pode ser definido por palavras. Os Vedas, os Puranas, os Tantras e todas as seis filosofias — tudo foi profanado por ter sido proferido pela boca. Apenas uma coisa não foi profanada. É o Brama. Ninguém foi ainda capaz de dizer o que é o Brama."

Vidyasagar *(para os seus amigos)*: Bem, esta é uma afirmação notável. Hoje aprendi algo completamente novo.

Sri Ramakrishna: As pessoas pensam que sabem tudo sobre o Brama. Uma formiga foi a uma colina de açúcar. Comeu um grão e ficou satisfeita. Tomou outro grão na boca e foi para casa. Enquanto caminhava, pensou que da próxima vez levaria a colina inteira! Os homens, que não passam de criaturas insignificantes, pensam assim. Não sabem que o Brama está além da mente e da palavra. Por maior que um homem possa ser, nunca poderá conhecer Deus. Sukadeva e outros são, quando muito, apenas formigas grandes que conseguem levar oito ou dez grãos nas suas bocas. Isso é tudo.

Depois de observar que as escrituras apenas lançam pistas sobre o Brama, disse: "Quando alguém atinge o Samadhi, alcança o conhecimento do Brama — realiza-o. Nesse estado, a razão fica perfeitamente em repouso. O homem fica em silêncio. Não tem o poder de expressar o Brama em palavras. Uma boneca de sal foi medir a profundidade do mar! *(Risos.)* Ela queria relatar sobre a sua profundidade! Mas era uma causa perdida. Assim que tocou na água, dissolveu-se. E quem estava lá para relatar?"

Alguém perguntou: "Um homem de realização não volta a falar após o Samadhi?"

Sri Ramakrishna *(para Vidyasagar e outros)*: "Sankaracharya manteve o seu ego purificado para ensinar a humanidade. Quando alguém realiza o Brama, fica em silêncio. O raciocínio dura apenas até à realização. Enquanto a manteiga não atinge o ponto de ebulição, ela ferve ruidosamente. Atingindo o ponto de ebulição, já não faz ruído. Mas quando um bolo de farinha amassada é colocado nela, volta a fazer barulho, e quando o bolo está frito, fica novamente em silêncio. Semelhantemente, o homem de realização desce a um plano inferior e fala, a fim de ensinar a humanidade.

"Enquanto a abelha não pousa na flor, ela zune. Quando começa a sorver o mel, fica quieta. Às vezes, contudo, depois de beber o seu preenchimento, zune por pura alegria.

“Quando um cântaro é mergulhado num tanque, faz um ruído de gurgolejo. Quando está cheio, já não faz som. *(Risos.)* Mas se a água for vertida noutro cântaro, há novamente som.”

Depois explicou como o homem de realização vê todo o universo como composto pelo Brama e nada mais, e acrescentou que todos os caminhos são verdadeiros.

No decorrer da conversa, o Mestre disse que o Senhor dotou diferentes seres com diferentes graus de poder. Vidyasagar quis compreender isto melhor.

Sri Ramakrishna: Como a Entidade Omnipresente, Ele está em todos os seres, até na formiga. Mas há uma diferença na manifestação do poder. De que outra forma poderia um homem vencer dez, enquanto outro foge de um único oponente? Se não fosse assim, por que razão as pessoas o respeitariam? Tem o senhor um par de cornos na cabeça? O senhor tem compaixão, tem erudição, que os outros não têm. Portanto, as pessoas respeitam-no e vêm vê-lo. Admite isto?

Vidyasagar apenas sorriu em resposta.

Sri Ramakrishna: “Não há nada na mera erudição. Leem-se livros para averiguar os meios de alcançar Deus. O que significa a Gita? O que se obtém ao repetir a palavra dez vezes. Se a repetires, torna-se *gi-ta-gi-ta-gi-* etc. — isto é, *Tyagi*, ou um homem de renúncia. A Gita ensina o homem a abandonar tudo e a tentar realizar Deus. Monge ou chefe de família, todos devem abandonar da mente todo o apego.

“Por que razão um homem de realização se ocupa com a devoção? A resposta é que o ego não pode ser erradicado. Desaparece quando ele está em Samadhi, mas quando regressa à consciência normal, reaparece. Vês um tigre num sonho; quando acordas, o teu coração ainda palpita! Todo o problema se deve ao ego. Um boi muge ‘Hamma’ ou ‘Eu’.

É por isso que ele sofre tanto. É atrelado ao arado e é forçado a trabalhar ao sol e à chuva. Depois, talvez seja morto por um açougueiro, e da sua pele fazem-se sapatos, bem como tambores, que são batidos impiedosamente. No entanto, os seus problemas

não têm fim, pois, das suas entranhas fazem-se cordas para arcos de cardar algodão. Finalmente, ele já não diz 'Hamma' (Eu), mas 'Tuhun', 'Tuhun' (És Tu), e fica livre. 'Ó Senhor, eu sou o servo e Tu és o Mestre; eu sou o filho e Tu és a Mãe.'

"Rama disse a Hanuman: 'Sob que luz me vês?' Hanuman respondeu: 'Rama, quando me resta o sentido do ego, vejo que Tu és o Todo e eu sou a parte; Tu és o Mestre e eu sou o servo; mas quando atinjo o conhecimento supremo, vejo que Tu és eu mesmo e eu sou Tu.'

"Deus sorri duas vezes. Uma vez quando o médico assegura à mãe do paciente moribundo que curará o seu filho. Ele sorri ao pensar que o médico diz que o vai salvar quando Ele o vai matar! O médico pensa que ele é o realizador — esqueceu-se de Deus. Novamente Deus sorri quando dois irmãos dividem a terra lançando uma corda de um lado ao outro. Ele sabe que todo o universo Lhe pertence, e no entanto estas pessoas estão a dividir a terra entre si.

"Não se pode conhecê-Lo através da razão. Clama por Ele na atitude de um servo, entregando-Lhe tudo o que tens.

(Para Vidyasagar) "Bem, qual é a sua atitude em relação a Ele?"

Vidyasagar sorriu e disse: "Dir-lhe-ei um dia, em privado." *(Risos.)*

Sri Ramakrishna disse sorrindo: "Não se pode conhe-Lo através da erudição e do raciocínio." Rompeu então numa canção cheia de entusiasmo: 'Quem sabe como é a Mãe!' Após a canção, disse a Vidyasagar: 'Reparou? Todo o universo jaz no ventre da Mãe.' E 'nem mesmo os seis sistemas de filosofia A conseguem alcançar.' Deve ter fé e devoção."

Ele elogiou a fé e disse: "Dizem que Hanuman tinha tanta fé no nome de Rama que conseguiu cruzar o oceano de um salto. Mas o próprio Rama teve de construir uma ponte!" Depois cantou duas canções fervorosas descrevendo a eficácia da fé e da devoção, no decorrer das quais caiu em Samadhi. O Pundit e todos os presentes testemunharam esta cena em mudo espanto.

Recuperando o seu estado normal, o Mestre disse novamente: "É a Ele que estão a dirigir-se como Mãe! A mãe é a nossa relação mais íntima. Realiza-se Deus apenas através do amor. São necessários devoção intensa, amor e fé."

Cantou outra canção. Depois disse: "Rituais como o culto e o sacrifício não são necessários se se tiver amor por Ele. Precisa-se de um leque enquanto o vento não sopra. Mas pode-se colocá-lo de lado quando há uma brisa do sul, pois é supérfluo.

"Aquilo em que o senhor está empenhado é um bom trabalho. Se for feito sem visar resultados, conduzirá à devoção e ao amor por Deus. Trabalhando desta forma, realiza-se Deus.

"Mas quanto mais devoção e amor tiver por Ele, mais o seu trabalho diminuirá. O tipo de trabalho que o senhor está a fazer é para o seu próprio bem. Se o conseguir fazer sem interesse, a sua mente será purificada, alcançará o amor por Deus. E assim que tiver isso, será capaz de O realizar. O homem nunca ajuda o mundo. É o Senhor quem o faz. O homem que trabalha desinteressadamente alcançará o seu próprio bem-estar.

"Há ouro dentro do senhor, sobre o qual ainda nada sabe. Está mesmo abaixo da superfície. Se conseguir ter um vislumbre dele uma vez, o trabalho que não seja a reflexão sobre o Ser diminuirá automaticamente.

"Continua! Um lenhador foi a uma floresta em busca de lenha. Um Sadhu disse-lhe para continuar. Ele assim fez e encontrou árvores de sândalo. Passados alguns dias, pensou para si mesmo: 'O Sadhu disse-me para continuar e não parar nas árvores de sândalo.' Foi mais longe e deparou-se com uma mina de prata. Passados alguns dias, foi ainda mais longe — e encontrou uma mina de ouro. Mais adiante, encontrou diamantes e joias. Tornou-se fabulosamente rico.

"Ao fazer um trabalho desinteressado, ganha-se amor por Deus; e gradualmente, através da Sua graça, alcança-se Deus. Vê-se Deus e fala-se com Ele, tal como eu estou a falar com o senhor!"

O público estava enfeitiçado. Eram cerca de 9 horas e Sri Ramakrishna quis despedir-se. Dirigiu-se a Vidyasagar com um sorriso: “Bem, o senhor evidentemente sabe tudo isto que eu disse. Apenas não se recorda de tudo neste momento. *(Risos.)* Na casa do tesouro do Rei Varuna há riquezas indizíveis — diamantes e joias —, mas ele mal as conhece.”

Vidyasagar *(sorrindo)*: Pode dizer-se que sim.

Sri Ramakrishna: Sim, muitos homens ricos não sabem os nomes dos seus servos. *(Risos.)* Ou sequer o paradeiro de coisas preciosas na sua posse.

Todos ficaram encantados com a conversa. Sri Ramakrishna disse a Vidyasagar: “Por favor, venha uma vez ver o jardim de Rani Rasmani. É um lugar encantador.”

Vidyasagar: Certamente, senhor. O senhor foi tão amável em vir aqui, e é meu dever retribuir a visita.

Sri Ramakrishna: Visitar-me a mim! Por favor, não mencione isso.

Vidyasagar: Por que fala assim, senhor?

Sri Ramakrishna *(sorrindo)*: Nós não passamos de barcos de pesca. *(Risos.)* Podemos navegar em todas as águas — tanto em pequenos ribeiros como em grandes rios. Mas o senhor é um navio, e talvez encalhe se se aventurar a sair! *(Risos.)*

Vidyasagar limitou-se a sorrir. Sri Ramakrishna também sorria. Depois disse: “Mas mesmo um navio pode ir agora.”

Vidyasagar: Sim, é a estação das chuvas. *(Risos.)*

O Mestre levantou-se. Vidyasagar levantou-se para se despedir dele. Sri Ramakrishna repetiu silenciosamente o nome do Senhor nos seus dedos num estado de espírito extático, provavelmente por causa do Pundit, e entrou na sua carruagem. Vidyasagar ofereceu-se para pagar o aluguer da carruagem, o que foi agradecidamente recusado. O grupo partiu então para Dakshineswar.

Já vimos que Keshab Chandra Sen considerava um grande privilégio passar algumas horas na companhia santa de Sri Ramakrishna. Organizava frequentemente viagens ocasionais de

barco a vapor. Descreveremos uma dessas viagens. Na tarde de 27 de outubro de 1882, Keshab estava num navio a vapor no Ganges, com alguns dos seus seguidores. O vapor parou em frente ao templo de Dakshineswar e Keshab enviou alguns dos seus discípulos num barco para ir buscar Sri Ramakrishna. O Mestre, com Vijay, que por acaso o visitara nesse dia, entrou no barco. Mas logo perdeu toda a consciência sensorial e foi levado para o vapor com alguma dificuldade.

Keshab e outros inclinaram-se diante dele. Estando imerso em Samadhi, ele não o percebeu. Foi conduzido a uma cabine e colocado numa das cadeiras. Keshab e Vijay sentaram-se também, enquanto outros devotos, na sua maioria Brahmos, sentaram-se no chão. Todos olhavam fixamente para o Mestre, que estava gradualmente a descer do seu Samadhi. Ouvia-se-lhe falar para si mesmo.

"Mãe, por que me trouxeste para aqui? Conseguirei tirá-los dos seus cercados?" Alguém no público referiu-se a Pavhari Baba, o santo de Ghazipur, e disse que ele guardava no seu quarto uma fotografia de Sri Ramakrishna. O Mestre, ainda incapaz de falar, limitou-se a sorrir e, apontando para o seu corpo, disse: "Apenas o invólucro exterior!"

Pouco depois disse: "Mas há uma coisa a ter em mente. O coração do devoto é o templo do Senhor. Ele está mais ou menos manifesto em todas as coisas, mas especialmente no coração do devoto. Um *zemindar* pode estar em qualquer lugar dentro da sua propriedade, mas as pessoas dizem que ele vive principalmente em tal e tal sala. O coração do devoto é a sala do Senhor.

"Aquele a quem os Jnanis chamam Brama é tratado pelos Yogis como Atman e pelos devotos como Bhagavan. O mesmo brâmane é um sacerdote quando adora e um cozinheiro quando trabalha na cozinha."

Explicou depois que o Brama e Sakti eram uma e a mesma coisa vista de pontos de vista diferentes:

"Como *Jal*, água e *Pani*. Um tanque tem vários *ghats*. Num destes os Hindus tiram água e chamam-lhe *Jal*; noutro os

maometanos bebem água e chamam-lhe *Pani*; enquanto um terceiro é usado pelos ingleses que chamam à mesma coisa *water*. Todos os três são o mesmo, sendo a diferença apenas no nome. Alguns chamam-Lhe Allah, alguns Deus, e outros designam-No como Brama, Kali, Rama, Hari, Jesus ou Durga."

Cantou depois algumas canções impressionantes à Mãe.

Um devoto perguntou se era necessário renunciar ao mundo para alcançar Deus. Sri Ramakrishna respondeu que nem todos precisam de abandonar o mundo. Que o chefe de família fixe a sua mente em Deus. Que faça o seu trabalho com uma mão e toque os pés do Senhor com a outra. Depois de terminar o seu trabalho, que se agarre aos Seus pés com ambas as mãos.

O Mestre continuou: "Tudo depende da mente. O cativeiro e a liberdade estão ambos na mente. A mente assumirá qualquer tonalidade que decidais dar-lhe. É como um pano na casa de um tintureiro — podeis mandá-lo tingir de vermelho, ou de azul, ou de verde, ou de qualquer outra cor. Um homem acaricia a sua esposa de uma maneira e o seu filho de outra. Mas é com a mesma mente.

"Eu sou uma alma livre; não há cativeiro para mim, seja no mundo ou na floresta. Eu sou o filho de Deus — filho do Rei dos reis. Quem há para me prender com grilhões? No caso de serdes mordidos por uma cobra, o veneno perde o seu poder se repetirdes resolutamente: 'Não há veneno'. Semelhantemente, se disserdes com determinação: 'Não estou acorrentado, sou livre', — livre sereis. Por que falar de pecado e do fogo do inferno toda a vida? Dizei uma vez: 'Não praticarei mais atos perversos', e tende fé no Seu santo nome."

Cantou comoventemente uma canção que retratava o anseio de Radha por Krishna, ao fim da qual disse: "Quer acrediteis em Krishna e Radha quer não, tentai imitar o seu intenso desejo."

Após a conversa, todos tomaram ligeiros refrescos. O Mestre notou que Keshab e Vijay, devido às suas divergências de opinião, não estavam totalmente à vontade. Procurou reconciliá-los e disse a Keshab: "Bem, aqui está o Vijay. As vossas

diferenças são como as de Shiva e Rama. Shiva era o guia espiritual de Rama. Eles lutaram, mas logo se reconciliaram e tornaram-se amigos íntimos novamente.

Mas a luta entre os fantasmas de Shiva e os macacos de Rama continuou! *(Risos.)* Tais divergências de opinião são muito comuns entre amigos. A mãe e a filha têm frequentemente as suas observâncias separadas. O próprio Senhor deseja tais complicações para que o Seu jogo dure mais tempo. *(Risos.)* Ramanuja era um *Visishtadvaitin*, enquanto o seu mestre era um *Advaitin*. Passaram a divergir e cada um tentou afastar o outro. É natural. Um amigo é um amigo, apesar de tudo."

O vapor aportou em Calcutá. O Mestre, com alguns outros, foi de carruagem para a casa de Surendra e de lá regressou a Dakshineswar.

Foi no dia 28 de novembro de 1883 que Sri Ramakrishna viu Keshab pela última vez no Lily Cottage, onde este se encontrava gravemente doente. Às 17h, ele chegou com Latu, Rakhal e uns poucos outros devotos. Ouviu alguém dizer que Keshab falava com la Mãe Divina, e que ria e chorava. A referência passageira lançou-o imediatamente num profundo Samadhi.

Quando este se tornou menos intenso, começou a falar, quase para si mesmo: "Há o corpo e há a Alma. O corpo teve um nascimento e passará; mas a Alma é imortal. Tomai o caso de uma noz de bétele; quando madura, desprende-se da casca, mas é muito difícil separar as duas quando a noz está verde. Libertamo-nos da ideia do corpo quando O vemos — quando O realizamos. Então sentimos o corpo como algo distinto da Alma."

Neste momento, Keshab entrou no quarto. Estava magro e debilitado, e avançava com grande dificuldade. Saudou o Mestre e sentou-se no chão com ele. O Mestre estava ainda num estado de inebriação divina. Começou a falar do conhecimento supremo que oblitera toda a diferença, e descreveu a identidade de Brama e Sakti. Depois disse: "Após a realização, vê-se Ele em toda a parte. Ele é mais conspícuo no homem e, entre os homens, nas almas puras — que não têm o mínimo anseio por luxúria e riqueza."

Continuando, disse: “A prosperidade material não tem influência sobre Deus. Do que é que Ele gosta? Não de riqueza, mas de emoção divina, amor, devoção, discernimento, renúncia e assim por diante. As pessoas olham para Deus do seu próprio ponto de vista.

(Para Keshab, sorrindo): “Há um significado para a tua doença. Muitas ondas de emoção divina passaram pelo teu corpo. Não se sentem na altura, mas reagem no corpo mais tarde. Tenho reparado nos vapores que passam ao longo do Ganges, produzindo mal uma mudança percetível. Mas, pouco tempo depois, a água bate contra as margens e faz uma enorme agitação. Às vezes chega a levar uma porção da margem!

“Se um elefante entra numa cabana, parte tudo em pedaços. Semelhante é o efeito das emoções divinas no organismo.

“Pensas que está tudo terminado, mas enquanto restar o menor vestígio de enfermidade, Ele não te deixará ir. Se obténs admissão num hospital, não podes sair quando te apetece. Enquanto houver um ligeiro resíduo da doença, o cirurgião residente não te dará a alta. Devias ter pensado antes de obter a admissão!”

Keshab apreciou muito a comparação e riu e riu. Sri Ramakrishna continuou: “Tudo depende da Sua vontade. ‘Tu fazes o Teu trabalho, Mãe, mas as pessoas pensam que são elas que o fazem.’

“O jardineiro expõe as raízes das roseiras de Basra para que possam ter o benefício do orvalho e florescer. O mesmo se passa talvez contigo. *(Risos.)* Da próxima vez haverá provavelmente uma grande reviravolta.

“Sinto-me extremamente ansioso sempre que adoeces. Durante a tua última doença, eu costumava chorar ao fim da noite e dizer à Mãe: ‘Com quem falarei eu, Mãe, se algo de particularmente mau acontecer a Keshab?’ Quando vim a Calcutá, prestei culto à Mãe Kali e rezei-Lhe para que ficasses curado.”

A mãe de Keshab saudou o Mestre à distância e desejou as suas bênçãos para a recuperação de Keshab. Sri Ramakrishna

respondeu: “Rezai à Mãe Bem-aventurada e Ela removerá todas as aflições.” Depois disse a Keshab gravemente: “Não estejas demasiado entre as senhoras. Isso piorará a tua condição. Ficarás melhor se ouvires apenas conversas espirituais.”

Poucas semanas depois, Keshab faleceu. O acontecimento foi um grande choque para Sri Ramakrishna, que chorou amargamente a sua perda e não conseguiu levantar-se da cama durante três dias. Mais tarde disse: “Senti-me como se um dos meus membros estivesse paralisado.” Disto o leitor poderá ter um vislumbre do grande amor que ele nutria por Keshab.

Da casa de Keshab, Sri Ramakrishna foi para a casa de outro devoto Brahmo, chamado Jaygopal Sen. Houve muita conversa instrutiva. Em resposta a uma pergunta, o Mestre disse: “A única saída é retirar-se para a solidão de vez em quando e rezar a Deus, e tentar realizá-O.”

Pergunta: Devemos abandonar o lar?

Sri Ramakrishna: Não totalmente. Sempre que tiverdes vagar, passai um dia ou dois num lugar solitário, livres de qualquer contacto com o mundo. Além disso, não deveis falar de assuntos seculares com nenhum homem de mentalidade mundana. Ou deveis retirar-vos para a solidão ou associar-vos com homens santos.

Pergunta: Como devemos reconhecer um homem santo?

Sri Ramakrishna: É um homem santo aquele cuja mente e alma foram entregues a Deus. Deve ser um homem que renunciou à luxúria e à riqueza. Um Sadhu nunca olha para uma mulher com um olho mundano. Mantém-se sempre afastado dela e, se alguma vez se aproxima dela, considera-a como sua mãe e adora-a. Um Sadhu pensa constantemente em Deus, fala de Deus e de mais nada, e serve todas as criaturas, sabendo da presença de Deus nelas. Estas são algumas das características de um Sadhu.

Pergunta: Por que é o mundo chamado Maya?

Sri Ramakrishna: Enquanto não se realiza Deus, tem de se eliminar as coisas finitas por um processo de discernimento. Aqueles que O realizaram sabem que Ele se tornou o todo. Deus é

Maya e Jiva e o universo. Ele inclui o universo e todos os seres. Se separardes de um *Bael* a sua casca, a polpa e as sementes, e alguém vos pedir para ver quanto pesava o fruto, deixareis a casca e as sementes de fora e pesareis apenas a polpa?

Claro que as incluireis. Só então podereis dizer que o *Bael* pesava tanto. A casca representa o universo e as sementes os seres nele contidos. No momento do discernimento, chamais aos Jivas e ao universo não-Ser — irreal. Apenas a polpa parece então real, e a casca e as sementes como irreais. Mas, com o discernimento, todos os diferentes elementos são percetíveis como formando um todo. Vê-se que a mesma substância que formou a polpa também fez a casca e as sementes. Pela palavra *Bael*, quereis dizer o fruto inteiro.

O Mestre regressou a Dakshineswar à noite.

PRANKRISHNA, ADHAR, TARAK DE BELGHARIA E VAIKUNTHA

Prankrishna Mukherji provinha de uma família distinta nos Vinte e Quatro Perganas e vivia em Calcutá. Estava encarregado da Bolsa dos Srs. Mackenzie Lyall. Embora fosse chefe de família, tinha um grande interesse pelo Vedanta e era um devoto sincero de Sri Ramakrishna, a quem visitava tão frequentemente quanto podia. Sri Ramakrishna amava-o grandemente e uma vez (abril de 1882) foi à sua casa com os seus devotos e celebrou ali um festival. Devido à sua corpulência, o Mestre referia-se a ele por vezes como o "brâmane gordo".

No dia 1 de janeiro de 1883, Prankrishna foi a Dakshineswar e tomou o seu lugar perto do Mestre, no chão. Rakhal, Narendra e Mahendra também estavam presentes. Havia uma pequena cesta de doces à mão, da qual Sri Ramakrishna tirou um pouco e observou sorrindo para Prankrishna: "Vês, conforme tomo o nome da Mãe, vou recebendo todas estas coisas para comer. Mas Ela não dá coisas insignificantes, Ela dá bens imortais — conhecimento, amor, discernimento, renúncia."

Mesmo nessa altura, uma criança de seis ou sete anos entrou no quarto. O Mestre foi tomado por um sentimento invulgar. Como um rapaz, tentou esconder a cesta de doces e, finalmente, moveu-a para um lado. No ato de proteger os doces, caiu em Samadhi! Após uma longa pausa, soltou um suspiro e começou a falar com Prankrishna: "Deus não é apenas sem forma, mas também com forma. Pode-se ver a Sua forma inigualável através da devoção e do arrebatamento. A Mãe revela-Se de várias maneiras."

Depois, referindo-se à ordem que recebera da Mãe para permanecer numa atitude devocional em vez da união com o Impessoal, disse: "Às vezes esqueço-me disto e sofro em consequência. Desprezando esta imposição, uma vez partiram-se-me os dentes. Portanto, a menos que ouça a voz do céu ou tenha alguma outra realização, permanecerei numa atitude devocional. O que dizes a isto?"

Prankrishna: Tem toda a razão, senhor.

Sri Ramakrishna: E por que haveria eu de reportar-me a ti também? Dentro desta forma *(querendo dizer ele próprio)* está alguém que me está a manipular desta maneira. Às vezes acontecia induzir-se em mim a consciência divina, e eu não conseguia descansar enquanto não me adorasse a mim próprio. Eu sou o instrumento e Ele é o operador. Antigamente, eu costumava ver formas divinas a olho nu — como te estou a ver a ti. Agora vejo-as num estado de transe.

O Mestre sentou-se no seu leito, cheio de emoção divina, observando Rakhal. Os seus cabelos ficaram eriçados e ele caiu em Samadhi.

Um pouco depois, voltou ao seu estado normal e, no decorrer da conversa, disse a Prankrishna e Mahendra: "Muitas pessoas falam com facilidade sobre o conhecimento supremo, mas nas suas vidas quotidianas contentam-se com as coisas do plano inferior.

“Quanto mais te aproximares de Deus, mais paz terás. Paz — paz — paz inefável! Quanto mais perto estás do Ganges, mais sentes o seu frescor, e após um banho ficas ainda mais revigorado.

“Não podes realizá-l’O se tiveres o mínimo de apego em ti. Um fio com que sejam poucas fibras desalinhadas não passará pelo fundo de uma agulha.”

Outro dia (5 de abril de 1884), no decorrer da conversa, o Mestre falou da sua própria condição: “Agora sinto que uma mudança está a operar-se em mim. Há muito tempo, Vaishnav Charan disse-me que, quando eu visse Deus no homem, teria a perfeição no conhecimento. Agora vejo que é Ele quem se move em tantas formas — às vezes como um homem piedoso, às vezes como um hipócrita e, de novo, como um homem perverso. Daí eu dizer: ‘Narayana no homem piedoso, Narayana no hipócrita, Narayana no perverso e no luxurioso’.”

Foi no abril de 1883 que Adhar Chandra Sen veio pela primeira vez ver o Mestre em Dakshineswar. Era Magistrado Adjunto. Um amigo seu tinha acabado de perder o filho mais velho. Adhar, que ouvira falar do Mestre e há muito desejava vê-lo, trouxe o seu amigo a Dakshineswar. Sri Ramakrishna estava em Samadhi quando eles entraram no quarto. Quando voltou ao estado normal, começou a falar com Adhar. Este último contou a perda do seu amigo. Sri Ramakrishna cantou uma canção sobre a transitoriedade da vida e a necessidade de devoção ao enfrentar a morte. Consolou então o pai enlutado e instruiu-o a entregar-se a Deus.

O Mestre chamou Adhar de parte e disse: “Tu és Magistrado Adjunto, mas isso também se deve à graça de Deus. Não Te esqueças d’Ele. E tem uma coisa por certa, que todos devem pagar o tributo à natureza. A nossa estada aqui é temporária. Este mundo é o centro para as nossas atividades. Vimos aqui para realizar certas coisas, tal como as pessoas vêm trabalhar para Calcutá mas têm as suas casas noutro lugar.

“Deves fazer algum trabalho como disciplina, mas termina-o rapidamente. Um ourives, ao fundir ouro, usa o seu fole, o seu

leque e o seu tubo de sopro para acender o fogo até ao ponto certo, de modo a que o ouro possa derreter facilmente. Não é senão depois de ser colocado no molde que ele para e pede tabaco. Deve haver uma determinação severa. Só então se pode praticar com sucesso. O nome de Deus tem um poder tremendo; destrói a ignorância.

"Dirige sempre a tua mente para Deus. Ao início, tens de lutar um pouco; depois desfrutarás da tua pensão."

Logo no primeiro encontro, Adhar sentiu-se atraído pelo Mestre. As suas visitas a Dakshineswar tornaram-se cada vez mais frequentes. De facto, vinha quase todos os dias após as horas de expediente. O Mestre costumava visitá-lo de vez em quando em Calcutá, fazendo destas visitas pequenos festivais. A Mãe tinha-lhe mostrado num transe que a casa de Adhar era um dos seus próprios refúgios.

Um dia, Adhar estava sombrio porque Sri Ramakrishna não o visitava há muito tempo. Rezia fervorosamente no seu coração para que ele em breve honrasse a sua casa com a sua presença. Nessa mesma tarde, o Mestre apareceu em sua casa com Ramlal, M. e um ou dois outros devotos. Passou algum tempo a ouvir as canções devocionais de Ramlal. Depois de tomar alguns refrescos ligeiros, seguiu para a casa de Jadu Mallik.

Certa vez, Adhar não foi a Dakshineswar durante alguns dias. Quando voltou a aparecer, o Mestre perguntou a causa da sua ausência. Adhar respondeu que tivera de assistir a várias reuniões relativas a uma escola e a outros assuntos. "Então esqueceste-te de nós por completo ao cuidares dessas coisas", disse Sri Ramakrishna. Após uma breve pausa, disse subitamente: "Olha aqui, tudo isto é irreal. A tua escola, a tua reunião e o teu escritório são coisas transitórias.

Apenas Deus é real e tudo o resto é irreal. Deve-se dedicar toda a mente a clamar por Ele." Adhar manteve-se em silêncio. Sri Ramakrishna continuou: "Tudo isto é irreal. Este corpo está sujeito à morte, que o pode surpreender a qualquer momento. Deve-se rezar a Deus antes que seja demasiado tarde." Adhar

estava arrependido. Passado um pouco, disse com toda a humildade: “Senhor, há muito tempo que não vai à nossa casa. A sala tem um cheiro a mofo — tudo nela parece ter perdido o sabor.”

Estas palavras tocaram profundamente o Mestre. Levantou-se subitamente e abençoou Adhar e M., que também estava presente, tocando-lhes na cabeça e no peito. Depois disse com infinita ternura na voz: “Vejo-vos como o próprio Senhor. Vós sois a minha própria gente.”

Pouco tempo depois, Adhar candidatou-se à Vice-Presidência do Município de Calcutá. Procurou a ajuda de muitos homens proeminentes de Calcutá nesta matéria. A seu pedido, o próprio Sri Ramakrishna rezou a Kali: “Mãe, ele é Teu devoto. Concede-lhe o posto, se assim o desejares.” Mas acrescentou na mesma frase: “Não é ele um tolo? Em vez de Te pedir conhecimento e devoção, corre atrás de ninharias.”

Adhar não conseguiu obter o posto. Na sua visita seguinte a Dakshineswar, o Mestre disse-lhe: “Por que foste mendigar a essas pessoas mundanas, após o teu longo conhecimento connosco?” Adhar respondeu: “Quem vive no mundo não pode deixar de fazer estas coisas. E o senhor não me dissuadiu.” Sri Ramakrishna disse então: “Bem, é melhor refrear o desejo de desfrute do que inflamá-lo.

Depois de eu ter entrado neste estado, pediram-me para assinar e receber o meu ordenado do tesoureiro do templo de Kali, como todos os outros faziam. Mas eu disse: ‘Isso é impossível. Se quiserdes, podeis dá-lo a outra pessoa. Eu não o peço.’ Eu sou o servo de um único Senhor; a quem mais servirei eu? Serve um senhor. As pessoas anseiam por uma situação de cinquenta ou cem rupias, e tu estás a receber trezentas.

“O teu cargo não é um cargo comum. Por que não te apegas a ele? Não é uma maçada ter vários mestres?” Ele continuou nesta linha durante algum tempo e concluiu dizendo que apenas Deus é real e tudo o mais é irreal.

As frequentes referências do Mestre à morte e à transitoriedade da vida tinham por trás um significado profundo que passou despercebido na altura. Pouco tempo depois, Adhar faleceu em consequência de um acidente de equitação. Sri Ramakrishna tinha-o avisado sobre andar a cavalo, mas Adhar não levou esses avisos a sério. A sua morte causou grande dor ao Mestre, que chorou por ele amargamente perante la Mãe Divina.

Um jovem chamado Tarak Nath Mukherji, de Belgharia, visitava frequentemente o Mestre. Embora casado e vivendo como chefe de família, era uma alma nobre e dotada de muitas qualidades espirituais. Vivia temporariamente em Calcutá, de onde costumava vir a Dakshineswar apesar da oposição da sua família. Sri Ramakrishna amava-o e atribuía-lhe um lugar muito elevado entre os seus devotos.

Um dia o Mestre disse-lhe: "Mantém-te sempre de guarda contra a luxúria e a riqueza. Uma vez emaranhado nas malhas da luxúria, não há saída para ti. É um lodaçal medonho. Quem caiu nele não consegue sair. Vem aqui de vez em quando."

Tarak: Os meus familiares em casa não me deixam vir.

Um devoto: Se a mãe de alguém o proibir de vir a Dakshineswar e ameaçar amaldiçoá-lo se ele desobedecer, o que deve ele fazer?

Sri Ramakrishna: Uma mãe que faz isto é um verdadeiro génio do mal. Nenhuma culpa se atribui a quem desobedece a uma tal pessoa, pois ela interpõe-se no caminho da realização de Deus. Pode-se desobedecer aos superiores por amor a Deus. Bharata não escutou a sua mãe Kaikeyi na sua devoção por Rama.

As Gopis foram contra os seus maridos para se encontrarem com Sri Krishna. Prahlada desobedeceu ao seu pai por amor a Deus. Bali desrespeitou o seu Guru, Sukracharya, para agradar ao Senhor. Vibhishana pôs de lado as palavras do seu irmão mais velho, Ravana, a fim de realizar Rama. À exceção desta ordem de te afastares de Deus, deves obedecer-lhe em todas as coisas.

Depois o Mestre sentiu o peso da mão de Tarak e disse: "Ainda resta um pouco de tortuosidade, mas desaparecerá. Reza um pouco a Deus; e vem aqui de vez em quando."

Um dia, Sri Ramakrishna, enquanto estava em Samadhi, colocou o seu pé no peito de Tarak — uma marca de graça especial. A grandeza intrínseca do rapaz tornar-se-á aparente a partir da seguinte observação do Mestre: "Enquanto Tarak regressava a casa de Dakshineswar, notei que algo saiu deste corpo *(querendo dizer ele próprio)* como uma chama de luz e seguiu o rapaz."

Vaikuntha Nath Sanyal tinha tendências religiosas na sua infância, mas mais tarde tornou-se cético. Teve a fortuna, contudo, de conhecer um verdadeiro instrutor do Vedanta e foi por ele encaminhado para Sri Ramakrishna. Ao início hesitou em ir a Dakshineswar, mas acabou por ir com um devoto do Mestre. Ficou profundamente impressionado; na presença do Mestre sentiu uma paz e uma bem-aventurança que nunca antes conhecera na sua vida. Quanto mais vezes ia a Dakshineswar, mais ficava sob o feitiço divino de Sri Ramakrishna.

Um dia, apontando para uma imagem do grupo de Sankirtan de Sri Gauranga que estava pendurada no seu quarto, Sri Ramakrishna disse a Vaikuntha: "Vê como estas pessoas estão sobrecarregadas de emoção divina!"

Vaikuntha: Mas, senhor, são todos pessoas vulgares.

Sri Ramakrishna: O que queres dizer? Nunca mais deves dizer isso.

Vaikuntha: Ora, senhor, sou um homem de Nadia e sei que os Vaishnavas são geralmente recrutados entre as classes mais baixas.

Sri Ramakrishna: Tu és natural de Nadia! Então inclino-me perante ti uma segunda vez. [Nota: Era hábito do Mestre saudar um homem logo à primeira vista.] Bem, o Ram e outros chamam a isto *(querendo dizer ele próprio)* uma Encarnação de Deus. O que pensas tu?

Vaikuntha: Isso não é um grande elogio, diria eu.

Sri Ramakrishna: Surpreendes-me. Por que pensas que não é um grande elogio?

Vaikuntha: Porque, senhor, uma Encarnação é uma manifestação mais ou menos parcial de Deus, e eu olho para o senhor como o próprio grande Shiva.

Sri Ramakrishna: Bem?

Vaikuntha: Sim, penso que sim. Não posso evitá-lo. O senhor pediu-me para meditar em Shiva; mas apesar de repetidas tentativas não o consigo fazer. Sempre que me sento para meditar, o seu rosto sorridente surge diante de mim e não o consigo substituir — nem me sinto inclinado a fazê-lo — pelo de Shiva. Portanto, penso no senhor como Shiva.

Sri Ramakrishna *(sorrindo)*: Tu espantas-me. Mas eu sei que não sou igual sequer a um minúsculo cabelo do teu corpo. Bem, tenho estado muito ansioso por ti; mas hoje estou satisfeito.

Foi a aceitação do rapaz de si como o mais elevado ideal espiritual que tranquilizou o Mestre. Esta era uma forma comum nele de averiguar a perspetiva religiosa de um discípulo.

NAG MAHASAY E SURESH CH. DUTT

O principal entre os devotos chefes de família de Sri Ramakrishna era Durga Charan Nag, mais conhecido como Nag Mahasay. Nascido em 1846 de pais pobres, Durga Charan perdeu a mãe em tenra idade e foi criado pelo pai e pela tia. Desde a sua infância teve uma paixão pela verdade e era muito estimado pelos seus companheiros devido à sua índole amável.

A pobreza da família deu-lhe pouca oportunidade para uma educação liberal, no entanto conseguiu frequentar diariamente uma escola secundária em Dacca, a dez milhas de sua casa. Mais tarde estudou homeopatia. Mas não cobrava honorários fixos. O que quer que lhe dessem, aceitava, se considerasse que não era demasiado. Frequentemente dava dinheiro aos seus pacientes ou fazia-lhes empréstimos que nunca eram pagos. Por vezes não guardava o suficiente para as suas próprias necessidades. A sua simpatia pelos pobres e indigentes não conhecia limites, e

sacrificaria alegremente tudo o que tinha para lhes ser útil. Até os animais participavam do seu amor. Comprava cestas inteiras de peixes vivos para os libertar no tanque mais próximo. A cobra naja não lhe infundia temores. Dizia audazmente: "Não é a cobra da selva que mata, mas a cobra do mau desejo!"

Casou-se em tenra idade, mas tinha um horror instintivo às relações conjugais. Por morte da sua primeira esposa, o pai forçou-o a casar-se uma segunda vez, mas a atração sexual não exercia a menor influência sobre a sua mente imaculada. Estava demasiado convencido da evanescência do mundo para ser atraído para as suas malhas. Temia que, sendo um homem casado com a necessidade de ganhar dinheiro, ficasse preso ao mundo. O seu único pensamento absorvente era como escapar a tais laços.

Disseram-lhe que sem a realização de Deus não havia salvação — mas como realizá-Lo? Passava noite após noite em oração e meditação, mas sem sucesso. Ouvindo um dia da boca de um monge sobre a necessidade de um Guru na vida religiosa, sentava-se diariamente na margem do Ganges, rezando à Mãe Divina para que lhe enviasse um. Observava ansiosamente os homens santos que vinham banhar-se no rio, esperando que alguém entre eles o iniciasse.

Uma manhã viu um barco aproximar-se, e nele vinha o instrutor espiritual da sua família. Em resposta às suas perguntas sobre o motivo de estar em Calcutá, o Guru respondeu: "Vim por ordem especial da Mãe para te iniciar." A iniciação acelerou as aspirações de Nag Mahasay por uma vida religiosa. De dia prestava assistência aos doentes; mas as suas noites eram passadas nas margens do Ganges em oração ou meditação. Frequentemente perdia a consciência exterior. Embora o seu pai estivesse muito preocupado com ele, as suas simpatias estavam mais com a sua jovem nora.

A rapariga, contudo, não se perturbava; sabia que o seu marido estava acima de qualquer apego terreno. Nag Mahasay dizia-lhe: "O amor no plano físico nunca dura. Abençoado é de facto aquele que pode dar o seu amor a Deus com todo o seu

coração. Mesmo um pequeno apego ao corpo perdura por vários nascimentos. Portanto, não te apegues a esta gaiola de osso e carne. Toma refúgio aos pés da Mãe e pensa apenas Nela. Assim a tua vida aqui e no porvir será enobrecida."

Suresh Chandra Dutt era um grande amigo de Nag Mahasay. Passavam frequentemente longas horas a discutir tópicos religiosos. Mas as meras palavras não conseguiam satisfazer Nag Mahasay. Em amarga angústia, disse a Suresh um dia: "O tempo é desperdiçado em mera conversa; a menos que algo seja diretamente percetível, a vida é inútil."

Não muito tempo depois disto, ele ficou sob a santa influência de Sri Ramakrishna. O seu amigo Suresh ouvira falar do sábio através de Keshab Chandra Sen, mas nada dissera sobre isso durante dois meses; quando finalmente o fez, Nag Mahasay foi tomado por um desejo irresistível de ir ver o santo imediatamente. No dia seguinte, os amigos chegaram à porta de Sri Ramakrishna. Um homem sentado diante dela disse, em resposta às suas perguntas sobre onde morava o Paramahamsa: "Aqui, mas hoje ele foi para Chandernagore. Vinde outro dia." Cansados e desanimados, estavam a afastar-se, quando viram alguém lá dentro a fazer-lhes sinal para entrar. Era Sri Ramakrishna.

Recebeu-os graciosamente e explicou que Hazra contava essa história para manter os estranhos fora. Pediu-lhes então para se sentarem mais perto. Nag Mahasay tentou tocar os pés do Mestre, mas ele retirou-os. Nag Mahasay interpretou isto como significando que ainda não estava apto para os tocar. Olhou atentamente para Sri Ramakrishna, que lhe perguntou: "Para o que estás a olhar?" "Tinha um grande desejo de o ver, e agora estou a satisfazê-lo", foi a resposta. O Mestre disse a ambos para irem para o Panchavati e meditarem. Depois levou-os a ver os templos. Por volta das cinco horas despediram-se do Mestre, que lhes disse ao saírem: "Adeus; voltai. Essa é a única maneira de nos conhecermos."

Até à sua visita seguinte, na semana seguinte, Nag Mahasay esteve cheio de um desejo ardente de ver o Mestre novamente. Quando chegou a Dakshineswar entrou no quarto com tanta sofreguidão que o Mestre disse: "Fizeste bem em vir. Estava à tua espera." Um pouco mais tarde acrescentou: "Não temas, meu filho, atingiste um estado muito exaltado." Pediu-lhe então para preparar tabaco e, quando ele saiu do quarto para o fazer, o Mestre observou para Suresh: "Notaste? Este homem é como um fogo ardente!"

Da vez seguinte que Nag Mahasay foi a Dakshineswar, encontrou Sri Ramakrishna sozinho. À vista dele, o Mestre levantou-se num estado de espírito extático e, murmurando algo para si mesmo, começou a passear pelo quarto. Nag Mahasay ficou assustado. Então o Mestre disse no seu tom natural: "Tu és médico, queres ver o que se passa com o meu pé?" Nag Mahasay apalpou gentilmente o pé, mas não conseguiu encontrar nada de errado com ele. "Por que não olhas com mais cuidado?", disse o Mestre novamente.

Então Nag Mahasay compreendeu que o seu desejo de tocar os santos pés tinha sido notado e que lhe estava a ser dada a oportunidade de o realizar. Com lágrimas de alegria nos olhos começou a acariciá-los e tocou-os com a cabeça. Costumava dizer mais tarde: "Não se tinha de lhe pedir nada. Ele compreendia imediatamente os desejos mais íntimos de alguém e realizava-os por sua própria iniciativa."

Desde então Nag Mahasay considerou Sri Ramakrishna como o seu Ideal Escolhido. Dizia: "Ele próprio me fez saber da forma mais graciosa quem era. Ninguém o pode conhecer ou compreender sem a sua graça." Un dia o Mestre perguntou-lhe subitamente, apontando para o seu próprio corpo: "O que pensas disto?" Nag Mahasay respondeu com as mãos unidas: "Já não me pode ludibriar mais, divino Mestre. Através da sua graça cheguei a saber que o senhor é Ele." Sri Ramakrishna caiu em Samadhi e colocou o seu pé direito no peito de Nag Mahasay. Este último

teve uma visão na qual viu todo o universo a flutuar num oceano ilimitado de Bem-Aventurança divina.

Nag Mahasay tornou-se um visitante frequente de Dakshineswar e um dos discípulos favorecidos. Mas era tão modesto que, ao início, ausentava-se aos domingos ou feriados, considerando-se demasiado insignificante para se misturar com os grandes homens que visitavam o Mestre nesses dias especiais. No entanto, mais tarde, quando o conheceram, prestaram-lhe as maiores homenagens.

Aceitava sem questionar cada palavra que caía dos lábios de Sri Ramakrishna. Dizia: "Mesmo quando Sri Ramakrishna dizia algo em piada, tinha um significado profundo." Um dia ouviu o Mestre dizer: "É difícil para médicos, advogados e corretores avançar no caminho de Deus." Referindo-se aos médicos em particular, disse: "Se a mente se apega às minúsculas gotas de medicamentos, como pode conceber o Infinito?" Nag Mahasay sentia que as exigências da sua profissão estavam a interferir com a sua vida espiritual, mas para agradar ao pai continuava a praticar.

Estas palavras do Mestre fizeram-no decidir abandonar a profissão. Nessa mesma noite, deitou a sua caixa de medicamentos e os seus livros de medicina ao Ganges. Daí em diante, deu toda a sua atenção à oração e à meditação. Gradualmente, ficou possuído por um forte desejo de renunciar ao mundo.

Um dia foi a Dakshineswar e implorou a permissão do Mestre para abraçar a vida de Sannyasa. Mas a resposta de Sri Ramakrishna foi: "Que mal há em permanecer como chefe de família? Apenas mantém a mente fixa em Deus. Vive como o rei Janaka viveu. A tua vida será um exemplo de como um chefe de família deve viver." Não havia alternativa — Nag Mahasay teve de continuar a vida de chefe de família. Costumava dizer: "Ninguém tinha o poder de desconsiderar as palavras do Mestre. Ele indicava definitivamente os respetivos deveres de todos os seus devotos."

Embora Nag Mahasay permanecesse no mundo, passava a maior parte do tempo em oração e meditação. Tornou-se quase impossível para ele voltar a sua atenção para qualquer outra ocupação. Por reforma do seu pai, Nag Mahasay foi nomeado para o lugar dele. Mas era ilusório esperar trabalho de rotina de um homem que tinha atingido o ponto onde até a comida e o vestuário se tinham tornado sem importância.

Um dos seus amigos, que trabalhava na mesma firma, ajudava-o de vez em quando, assumindo alguns dos seus deveres. Notando o seu férreo espírito de renúncia, Sri Ramakrishna disse-lhe outro dia: "Não deixes a tua casa. Ser-te-á fornecida comida e vestuário simples de qualquer maneira."

Nag Mahasay: Como é possível viver no mundo? A visão da miséria dos outros é insuportável.

Sri Ramakrishna: Acredita em mim, nenhuma culpa se te atribuirá no mundo. As pessoas maravilhar-se-ão com a tua vida.

Nag Mahasay: Como deverei passar os meus dias?

Sri Ramakrishna: Não precisas de fazer nada a não ser associar-te com homens santos.

Nag Mahasay: Sou um tolo, como sabe. Como poderei reconhecê-los?

Sri Ramakrishna: Não precisas de sair em busca deles. Fica em casa, e os verdadeiros Sadhus virão ter contigo para te prestar as suas homenagens.

Mas nenhum Sannyasin poderia levar uma vida mais austera do que ele. Cobria o corpo com um pano de algodão grosseiro e caminhava descalço em todas as estações. Tomava apenas a comida mais pobre, sem condimento de qualquer espécie. Frequentemente jejuava dias seguidos e dizia aos amigos que o repreendiam: "Se tenho de pensar dia e noite apenas em comida, quando pensarei em Deus?

O pensamento constante sobre a comida torna-se uma obsessão." Mesmo as iguarias sacramentais tomava-as raramente. Costumava dizer: "Elas criarão um anseio por coisas palatáveis."

Abafou para sempre todos os sentimentos egoístas e era a própria humildade, considerando-se o servo de todos, por mais humildes que fossem. Referindo-se à sua pureza inatacável, a sua esposa costumava dizer: “Tomando o nome de Sri Ramakrishna, ele espezinhou todas as propensões animais. Viveu no meio do fogo, mas nunca se queimou.”

Suresh Chandra Dutt, o amigo de Nag Mahasay, nasceu numa família aristocrática de Calcutá. Era originalmente um Brahmo e um seguidor de Keshab Chandra Sen, de quem, como já foi dito, ouviu falar de Sri Ramakrishna. Crente convicto no aspeto impessoal de Deus, nunca tinha curvado a cabeça perante nenhuma das divindades hindus, diferindo nisto do seu amigo, Durga Charan, que era um hindu ortodoxo que obedecia a todas as determinações das escrituras.

Após a sua primeira visita ao Mestre, Suresh foi vê-lo frequentemente. Depois, recebeu ordens para ir a Quetta em serviço. Nag Mahasay instou-o a receber a sua iniciação do Mestre antes da sua partida. Não tendo fé nesta cerimónia, ele recusou-se a aceder ao início. Mais tarde, concordou em fazê-lo se o Mestre lhe dissesse para o fazer. No dia seguinte, os dois amigos foram a Dakshineswar e Nag Mahasay levantou a questão da iniciação. Sri Ramakrishna disse a Suresh: “Sim, Durga Charan tem razão. Um homem deve praticar exercícios religiosos sob a direção de um Guru.

O que te impede de admitir isto?” “Senhor, não tenho fé em Mantras”, respondeu Suresh. “Está bem”, disse o Mestre, “não te preocupes com isso agora. Tudo virá a seu tempo.” Suresh partiu para Quetta. Algum tempo depois, sentiu um grande anseio pela iniciação e regressou a Calcutá para pedir a Sri Ramakrishna que se tornasse o seu guia espiritual. Mas era demasiado tarde; e não teve mais oportunidade de se aproximar do Mestre com o seu pedido. [Nota: Diz-se que o seu desejo acalentado foi estranhamente realizado após o falecimento de Sri Ramakrishna.]

GIRISH CHANDRA GHOSH

O nome de Girish Chandra Ghosh é uma palavra familiar em Bengala como o maior dramaturgo na língua bengali e o pai do teatro bengali. Era um homem muito libertino, devido em parte às condições sociais do seu tempo. Foi um dos primeiros entre as pessoas cultas de Bengala a sentir o impacto da educação ocidental com o seu forte pendor materialista.

Tudo o que era ocidental era aceite sem questionar simplesmente porque era ocidental e novo. Infelizmente, foi mais fácil para alguns imitar os vícios do Ocidente, tais como o beber, do que as suas virtudes. Havia outros que perderam toda a reverência pelo antigo hinduísmo e tornaram-se cristãos ou Brahmos. A situação entre os hindus ortodoxos não era melhor, por causa das suas diferenças de opinião. Os sacerdotes, os custódios da antiga cultura espiritual, tinham-se tornado degenerados e hipócritas. Estas condições conflituosas produziram grande confusão na mente de Girish.

A sua fé no antigo tinha-se desvanecido e, estando insatisfeito com o novo, mergulhou em todo o tipo de excessos para abafar a pergunta que estava sempre na sua mente: "Deus existe e, se existe, como posso alcançá-Lo?" "As necessidades para a vida física estão presentes em abundância em toda a parte", dizia para si mesmo, "por que razão deve então um homem labutar para adquirir as necessidades para a vida espiritual? Por que não deveriam elas também estar mesmo à mão? Tudo isto é uma fraude. Os materialistas são mais sábios. A sua visão é a correta, porque pelo menos retiram alguma diversão da vida." Durante catorze anos tentou viver de acordo com esta conclusão.

Depois veio uma série de reveses que o transtornaram. Ele foi frenético nos seus esforços para encontrar alguma saída para as suas dificuldades. Lembrou-se de procurar refúgio junto do Senhor Shiva de Tarakeswar, a quem os aflitos recorrem para a cura de doenças. "Eu também estou irremediavelmente cercado de

perigos", pensou, "não poderá Ele ajudar-me? Deixa-me tentar." Tentou entregar-se ao Senhor. A tentativa foi bem-sucedida.

Os perigos passaram rapidamente. Girish ficou convencido de que Deus era real. Estava livre do perigo, mas e quanto ao outro mundo? Estava em grave dúvida sobre qual caminho seguir. Dizia para si mesmo: "Experimentei as glórias de Taraknath. Deixa-me clamar por Ele." Gradualmente, a sua fé nas divindades regressou. "Mas as pessoas dizem", pensou de novo, "que é o Guru quem mostra o caminho. Bem, não posso encontrar o caminho através do nome do Senhor? Mas todos dizem que o Guru é indispensável. Bem, a quem deverei aceitar como tal?

E se, como se diz, o Guru deve ser considerado como o próprio Deus, como posso pensar num homem como eu como sendo Deus?" Ficou novamente inquieto. Nunca se poderia curvar perante um Guru humano. Então disse para si mesmo: "Não importa. Não procurarei um Guru. Mas posso rezar a Taraknath para que, caso precise de um, Ele atue graciosamente nessa capacidade por mim. Tomarei o Seu nome uma vez todas as manhãs e esperarei por novos desenvolvimentos."

Um dia Girish leu no *Indian Mirror* que um Paramahamsa vivia em Dakshineswar e que Keshab Chandra Sen com os seus discípulos lhe faziam visitas frequentes. Girish, vendo que os Brahmos tinham passado a dizer 'Hari' ou 'Mãe', pensou que eles poderiam muito bem inventar um Paramahamsa, por mais longe que este pudesse estar dos verdadeiros Paramahamsas dos tempos antigos. Pouco depois, ouviu dizer que o Paramahamsa estava a visitar um vizinho. Por curiosidade, foi vê-lo. Era noite e as lâmpadas estavam acesas. Mas Sri Ramakrishna, que estava então num estado de semiconsciência, não viu a luz. Perguntou se era noite. Girish considerou isto o cúmulo do absurdo e retirou-se desgostoso.

Alguns anos depois disto, Sri Ramakrishna fez uma visita à casa de Balaram Bose. Girish foi convidado também. Encontrou o quarto cheio de gente. Ficou agradavelmente surpreendido com a conduta de Sri Ramakrishna. Tinha a impressão de que os

Paramahamsas e os Yogis nunca falavam, nunca se inclinavam perante ninguém, mas, se muito pressionados, condescendiam em aceitar algum pequeno serviço pessoal. Mas este Paramahamsa comportava-se de maneira totalmente diferente. Girish esteve sentado por alguns minutos quando o Sr. Sisir Kumar Ghosh, editor do *Amrita Bazar Patrika*, que não parecia ter muito respeito por Sri Ramakrishna, entrou no quarto e disse a Girish: "Bem, vamos embora. Já tivemos o suficiente disto." Girish queria ficar, mas teve de aceder ao pedido do amigo. Esta foi a sua segunda visita.

Passaram alguns dias. A peça *Chaitanya Lila* estava a ser representada no Star Theatre (então na Beadon Street). Girish passeava pelo pátio do teatro quando um devoto de Sri Ramakrishna se aproximou dele e disse: "O Paramahamsa Deva veio ver a peça. Importa-se de lhe dar um lugar ou deveremos comprar um bilhete?" "Ele terá entrada livre", respondeu Girish, "mas os outros terão de pagar." Estava prestes a avançar para receber o Mestre quando descobriu que este já se encontrava dentro do recinto. Sri Ramakrishna saudou Girish; Girish retribuiu a saudação, mas o Mestre inclinou-se de novo. Isto repetiu-se novamente. Girish parou de imediato para que as saudações não continuassem para sempre. Conduziu o Mestre para um camarote, contratou um servo para o abanar e, sentindo-se indisposto, foi para casa. Este foi o seu terceiro encontro com o Mestre.

Por esta altura, conheceu um pintor Vaishnava, que lhe disse que todos os dias oferecia comida à sua Divindade Escolhida, a qual participava realmente dela. Mas, acrescentou, ninguém poderia experimentar tal favor divino sem a graça de um Guru. A afirmação, fosse verdadeira ou falsa, impressionou profundamente Girish. Fechou-se no seu quarto e chorou amargamente.

Três dias após o incidente acima referido, Girish viu Sri Ramakrishna, acompanhado por dois ou três devotos, a caminhar lentamente diante da sua casa. Assim que viu Girish, o Mestre

saudou-o. Girish retribuiu a saudação e o Mestre seguiu o seu caminho. Girish sentiu-se tão atraído por ele que ansiou correr para o alcançar. Nesse momento chegou uma mensagem do Mestre, pedindo a Girish que o fosse ver. Girish seguiu o mensageiro até à casa de Balaram, chegando logo após o Mestre. Girish perguntou-lhe: "Quem é um Guru?" "Ele é um intermediário", respondeu o Mestre, "ele promove o encontro do devoto com Deus." Depois acrescentou: "Tu tens o teu Guru."

"O que é um Mantra?", perguntou novamente Girish. "O nome de Deus", foi a resposta. Ele ilustrou-o com uma referência a Kabir, que queria fazer de Ramananda o seu Guru. Mas o monge, por alguma razão, recusou-se a iniciá-lo. Ramananda costumava banhar-se muito cedo no Ganges. Um dia, Kabir deitou-se nos degraus do *ghat* de banho. Na escuridão, os pés de Ramananda tocaram o corpo prostrado de Kabir. O monge pronunciou imediatamente o nome Rama, pois olhava para cada criatura como a manifestação do Senhor. Kabir aceitou essa palavra como o seu Mantra e alcançou a perfeição ao repeti-la. A conversa derivou para os teatros e Sri Ramakrishna disse: "Deixa-me visitar o teu teatro novamente."

Girish: Muito bem; pode vir no dia que quiser.

Sri Ramakrishna: Mas, por favor, aceita algum pagamento.

Girish: Está bem, pode pagar oito annas.

Sri Ramakrishna: Mas isso não comprará um bom lugar.

Girish: Pode ocupar um camarote, como na ocasião anterior.

Sri Ramakrishna: Bem, deves aceitar uma rupia.

Girish concordou e aí o assunto ficou resolvido. Balaram mandou servir alguns doces ao Mestre, que tomou um pouco, e o resto foi distribuído pelos devotos. Girish queria alguns, mas não se atreveu com medo de que alguém o criticasse. Pouco depois saudou o Mestre e saiu com um devoto. Este último perguntou a Girish: "Como o achaste?" "Um grande devoto", respondeu Girish. Estava cheio de alegria. Já não havia desalento por não ter um Guru. Dizia para si mesmo: "São os tolos que dizem que

temos de ter um Guru. Não acabou o Paramahamsa de dizer que eu tenho o meu Guru? Não vou dar ouvidos a mais ninguém."

Foi a arrogância que fez Girish recusar-se a aceitar um Guru. Considerava um cativeiro dever fidelidade a um simples homem. Mas esta altivez cedeu perante a influência mágica de Sri Ramakrishna, pois fora ele quem se curvara, não Girish. Perante esta total ausência de egoísmo, a cabeça orgulhosa de Girish inclinou-se por si mesma. Outro dia, algum tempo após o seu último encontro com o Mestre, Girish estava sentado no camarim do seu teatro quando um devoto, Devendra Nath Mazumdar, se aproximou dele às pressas e disse que Sri Ramakrishna tinha vindo ver a peça. "Muito bem", respondeu Girish, "por favor, conduz-no a um camarote." "Mas não vem recebê-lo?", perguntou ele. "Ora", disse Girish, "não pode ele descer da carruagem sem mim?" Mas foi, apesar de tudo, e encontrou Sri Ramakrishna precisamente prestes a desembarcar. Ao olhar para o seu semblante sereno, Girish foi ferido pelo remorso ao pensar que não tinha sido mais cordial no acolhimento ao santo. Levou o Mestre para o andar de cima, tocou os seus pés sem saber por que razão o fazia e apresentou-lhe uma rosa. O Mestre devolveu-a dizendo: "As flores são para os deuses ou para as pessoas da moda; eu não sou nem uma coisa nem outra."

Girish conduziu o Mestre e os devotos para uma sala especial. Sri Ramakrishna sentou-se numa cadeira e Girish noutra. Havia outras cadeiras na sala, que Girish pediu repetidamente aos devotos para ocuparem, mas eles preferiram ficar de pé. Referindo-se a este incidente mais tarde, Girish disse: "Eu era demasiado estúpido para saber que os discípulos não se devem sentar ao mesmo nível do Guru." O Mestre disse-lhe: "Há tortuosidade na tua mente."

Girish sabia que tinha muitas falhas, mas não sabia qual delas era visada. Perguntou: "Como posso livrar-me dela?"

"Tem fé", foi a resposta.

Passaram alguns dias. Uma tarde, no seu teatro, Girish recebeu uma nota dizendo que Sri Ramakrishna ia visitar

Ramchandra Dutt nessa noite. Sentiu imediatamente um grande anseio de ver o Mestre, mas hesitou porque não tinha sido convidado. A estranha atração, contudo, impeliu-o. Parou várias vezes no caminho, mas por fim chegou ao seu destino. Era noite. Sri Ramakrishna estava a dançar e a cantar com os seus devotos. Lágrimas assomaram aos olhos de Girish à vista de tanto fervor e entusiasmo. No decorrer da dança, o Mestre mergulhou no Samadhi e os devotos começaram a recolher a poeira dos seus pés. Girish gostaria de ter feito isto também, mas o falso orgulho deteve-o. Não ia expor-se ao ridículo. Curiosamente, no momento em que tais pensamentos cruzaram a sua mente, o Mestre saiu do seu Samadhi e, dançando em direção a Girish, caiu em Samadhi novamente diante dele.

Depois de terminar o canto, Sri Ramakrishna foi para a sala de visitas, para onde Girish o seguiu. Girish perguntou: "Senhor, será a tortuosidade da minha mente alguma vez removida?" "Sim", respondeu Sri Ramakrishna. Três vezes a pergunta foi repetida e três vezes o Mestre deu a mesma resposta. Entre a assistência estava Manomohan Mitra, que disse: "Foste respondido. Por que hás de ser tão incómodo?" Engolindo esta afronta, Girish pensou: "Ele tem razão. Se um homem não pode aceitar a palavra de outro à primeira vez, cem repetições não o farão aceitar." Saudou o Mestre e regressou ao seu teatro.

Alguns dias após o incidente acima referido, Girish foi a Dakshineswar e encontrou Sri Ramakrishna sentado sobre um cobertor na varanda sul do seu quarto, a conversar com Bhavanath. Girish repetiu silenciosamente o Mantra, 'O Guru é Brahma', etc., e saudou o Mestre. Sri Ramakrishna pediu-lhe que se sentasse e disse: "Acreditarias em mim, estava precisamente a falar de ti. Podes perguntar-lhe *(apontando para Bhavanath)*." Depois procedeu a instruí-lo. Girish interrompeu: "Não quero ouvir instruções. Eu próprio já escrevi muitas dessas. Não serve de nada. Por favor, ajude-me de uma forma mais tangível, se puder." Isto agradou ao Mestre, que pediu a Ramlal para repetir um verso sânscrito específico, cujo sentido era que, mesmo que

habite na solidão ou numa caverna de montanha, um homem sem fé nada pode alcançar. Girish sentiu-se puro por enquanto. Quem poderia ser este homem, pensou ele, que conseguia fazer com que a sua cabeça orgulhosa se inclinasse diante dele em veneração? Quem era esta personalidade notável a cujos pés ele tinha encontrado refúgio e perdido todo o medo?

Perguntou ansiosamente: "Quem é o senhor, senhor?" O Mestre respondeu: "Alguns dizem que sou Ramprasad, outros que sou o Raja Ramakrishna. Eu vivo aqui." Girish inclinou-se e levantou-se para se despedir. Enquanto o Mestre caminhava com ele até à varanda norte, Girish perguntou: "Senhor, agora que o vi, deverei continuar a fazer o que estou a fazer?" "Ora, sim", respondeu Sri Ramakrishna. Girish sentiu a partir disto que a sua ligação com o teatro não era prejudicial. Já começava a vislumbrar o que um Guru realmente significava.

Girish tornou-se um devoto firme de Sri Ramakrishna. O Mestre costumava falar elogiosamente da sua fé, que transformava as suas más propensões em atributos nobres. Maravilhoso era o seu relacionamento com o Mestre! Deficiências que nunca seriam toleradas noutros eram pacientemente suportadas em Girish. O Mestre sabia que, no fundo, Girish era terno, fiel e sincero.

Um dos vícios de Girish era a sua intemperança desmedida. Um dia, sob o seu efeito, insultou Sri Ramakrishna no teatro, mortificando os seus devotos. A razão do desabafo foi esta: ele desejava entrar num relacionamento mais próximo com o Mestre, fazer com que o Mestre se tornasse para ele como um filho. Pensava que, ao fazê-lo, poderia desenvolver o elemento devocional que sentia faltar na sua natureza. Mas Sri Ramakrishna não quis ouvir. Disse energicamente: "Por que haveria eu de ser teu filho? O meu pai era um homem puro e piedoso. Eu serei o teu Guru, o teu Ishta." Isto soltou a língua de Girish. Pouco depois, quando Ramachandra foi a Dakshineswar, o Mestre disse-lhe: "Girish insultou-me sem motivo."

Ram: O senhor terá de suportar isso.

Sri Ramakrishna: Mas e se ele me bater alguma vez?

Ram: Terá de aguentar isso também. Ele só pode dar o que tem. O que poderia a serpente [Nota: Isto refere-se a um episódio no Livro X do Bhagavata.] oferecer a Krishna senão o seu veneno? Assim é com Girish. Quem senão o senhor toleraria tal tratamento?

Sri Ramakrishna ficou visivelmente comovido. "Consiga-me uma carruagem", disse ele, "irei ver Girish imediatamente." Não ouviu as objeções os devotos, nem se importou com o sol do meio-dia. Quando chegou à casa de Girish, encontrou-o ferido pela angústia e pelo remorso. As palavras gentis e afetuosas do Mestre baniram o seu abatimento. A noite foi passada em cantos e danças, e Girish deu um grande passo em direção à completa entrega aos pés do Mestre.

Um dia, um devoto queixou-se a Sri Ramakrishna da intemperança de Girish e pediu-lhe que o aconselhasse a deixar a bebida. Sri Ramakrishna respondeu severamente: "Porque te preocupas com ele? Aquele que se encarregou dele cuidará dele. Girish é um devoto do tipo heróico. Digo-te, o beber não o afetará." O Mestre sabia que meras palavras não podiam induzir um homem a quebrar hábitos profundamente enraizados. Mas a influência silenciosa do seu amor operou milagres. Girish fez o melhor que pôde para conquistar o seu amor pela bebida e teve sucesso até certo ponto. Um dia, porém, foi ver uma atriz que estava doente e bebeu tanto que teve de passar a noite em casa dela.

Foi a primeira vez que dormiu num lugar assim. Pela manhã, quando recuperou a sobriedade, compreendeu o que tinha acontecido e, ferido pelo remorso, partiu diretamente para Dakshineswar, não sem antes levar um frasco de vinho. Ao apegar-se da carruagem, correu para o Mestre e, ao abraçar-lhe os pés, começou a chorar. Entretanto, Sri Ramakrishna disse a um devoto que tirasse os sapatos, o xaile e o frasco de Girish da carruagem. Quando Girish ficou mais calmo, sentiu o desejo de beber e ficou muito perturbado ao descobrir que a carruagem em

que deixara o frasco tinha partido. Mas o Mestre apresentou o frasco, e Girish bebeu diante de todos. Quando se deu conta do que tinha feito, sentiu muita vergonha. Sri Ramakrishna apenas disse: "Está bem, diverte-te até te fartares, não será por muito tempo." Ele sabia que Girish em breve estaria purificado de todas as impurezas. Após este incidente, este último raramente tocou no álcool.

Um dia, no decorrer da conversa, Sri Ramakrishna disse a Girish que, a par do seu trabalho, devia lembrar-se de Deus pelo menos de manhã e à noite. Olhou para Girish como à espera de uma resposta. "Isso é algo muito simples de fazer", pensou Girish, "mas sou um homem ocupado, sem horários fixos para comer ou dormir. Certamente esquecerei de me lembrar de Deus nessas horas estipuladas. Por isso, como posso prometer tal coisa?" Sri Ramakrishna leu-lhe a mente e disse: "Está bem, se não podes fazer isso, lembra-te de Deus antes das refeições e ao deitar." Girish não estava disposto a prometer sequer isso — tal era a irregularidade da sua vida; e, além disso, era por natureza oposto a qualquer regra rígida e inflexível; a mínima restrição era-lhe dolorosa. Sri Ramakrishna percebeu a sua perplexidade e disse finalmente: "Então não estás disposto a concordar nem com isto? Está bem, dá-me a tua procuração. Daqui em diante, assumo a responsabilidade por ti. Não precisas de fazer nada."

O Mestre estava num dos seus estados elevados quando proferiu estas palavras. Girish soltou um suspiro de alívio. Agora tinha exatamente o que desejava. Ficou impressionado pelo amor e compaixão infinitos do Mestre, que o libertavam das tarefas de expiar os seus pecados passados e de se preparar para uma vida futura. Disse para si mesmo: "Ah, agora estou salvo. Serei agora livre como o ar, e a minha barca será guiada para o porto de paz pelo seu poder infinito." Não viu, ao início, que tinha renunciado à sua liberdade e se tinha tornado cativo de Sri Ramakrishna. O facto de ter de renunciar a toda a iniciativa pessoal e de se submeter à vontade do Mestre em tudo não ficou evidente de

imediato. O seu único pensamento era o de que o seu instrutor se encarregara inteiramente dele.

A educação de Girish por Sri Ramakrishna, a partir de então, esteve de acordo com esta nova atitude. Um dia, Girish disse a respeito de um assunto trivial: "Sim, farei isto." "Não, não", corrigiu o Mestre, "Não deves falar desta forma dogmática. Supõe que falhas em fazê-lo? Diz: 'Se Deus quiser, farei isto.'" Girish compreendeu. Desde então, tentou abandonar toda a ideia de responsabilidade pessoal e tornar-se um instrumento dócil da Vontade Divina. Naturalmente, a sua mente habitava constantemente em Sri Ramakrishna. Esta meditação inconsciente, com o tempo, purificou o seu espírito turbulento.

O AVANÇO DOS ACONTECIMENTOS

Em janeiro de 1884, o Mestre caminhava sozinho no jardim de Dakshineswar quando entrou em transe. Não havia ninguém para o amparar ou guiar os seus passos, e ele caiu, o que deslocou um dos ossos do seu braço esquerdo. Procurou-se assistência médica, e os discípulos ficaram todos muito ansiosos até à sua recuperação. A dor, às vezes, era muito aguda. Nuns momentos desvalorizava-a, noutros entrava em *Samadhi* e perdia toda a consciência do corpo e das suas dores. Descrevemos aqui os incidentes de um dia, o dia 2 de fevereiro de 1884. O Mestre estava sentado no seu catre, e Rakhal, Mahima Charan, Hazra e outros encontravam-se no quarto. Mahendra entrou e saudou o Mestre.

Sri Ramakrishna: Bem, soube que estiveste doente. Estás melhor agora, espero?

Mahendra: Sim, senhor.

Sri Ramakrishna (para Mahima): Bem, "Eu sou o instrumento e Tu és o operador". Como aconteceu, então, este acidente?

Mahima Charan não deu resposta. Passado algum tempo, o Mestre sentiu fome e pediu a Mahendra que mostrasse o que lhe tinha trazido. De repente, à vista de Rakhal, entrou em *Samadhi*.

O transe desfez-se. Para se recompor, o Mestre disse algumas vezes: "Comerei alguns doces, beberei água."

De novo, como um rapaz, apelava à Mãe com lágrimas: "Mãe Divina, por que fizeste Isto comigo? Oh, o meu braço dói-me tanto." (Para os devotos presentes) "Ficarei bom algum dia?" Os devotos consolavam-no como a uma criança, ao dizer: "Certamente."

Sri Ramakrishna (para Rakhal): Embora estejas aqui como um guarda-costas, não tens culpa. Mesmo tu não me poderias ter salvo.

O Mestre estava novamente num estado elevado. Continuava a repetir: "*Om, Om, Om*,—Mãe, sou eu que falo? Não me retires os sentidos. Mãe, ao dar-me o Conhecimento de Brama—não me dês *Brahma-Jnana*, Mãe. Não sou o teu filho, e naturalmente tímido? Devo ter a minha Mãe. Saúdo o *Brahma-Jnana* um milhão de vezes. Dá-o a quem o quiser. Tu, Mãe Bem-aventurada! Ó Tu, Mãe Bem-aventurada!"

Chorou em voz alta ao proferir isto. Depois, ao citar uma canção de Ramprasad, cantou: "Ah, é por isso que me lamento. Tu estás comigo, Mãe, e eu estou bem acordado, mas ainda assim fui enganado!"

Dirigiu-se de novo à Mãe: "Fiz alguma coisa de errado, Mãe? Faço eu alguma coisa? Não és Tu que fazes tudo? Eu sou o instrumento e Tu és o operador."

Estava novamente a sorrir e a falar — tal como um rapaz que, apesar de uma doença grave, às vezes se mostra alegre e brinca. Disse a Mahima e a outros: "A menos que alcancem o Senhor, nada obtêm." Continuou, ao dizer que é preciso ter um anseio intenso por Deus. Disse: "Dado que Ele é o nosso progenitor, temos uma quota-parte legítima na Sua casa. Deus é o nosso próprio Pai, a nossa própria Mãe, e podemos sempre usar de força com Ele: 'Revela-Te, ou suicido-me!'

"Eu costumava chamar pela Mãe desta forma: 'Mãe, ó Tu, Mãe Bem-aventurada, tens de Te revelar a mim.' Às vezes dizia: 'Ó Tu, Senhor dos miseráveis, Tu, Senhor do universo,

certamente não estou fora do universo. Estou sem conhecimento, sem prática espiritual, sem devoção, não sei nada,—vem a mim, meu Senhor, puramente pela Tua graça!'"

O tom do Mestre era queixoso; os devotos ficaram profundamente comovidos, e Mahima Charan chorava. Ao olhar para este último, o Mestre citou Ramprasad: "Chama pela Mãe com verdadeiro anseio, e Ela não poderá manter-se afastada!"

Alguns devotos vieram de Sibpur. Como tinham percorrido tal distância, o Mestre falou com eles, ao exortá-los a procurar a Deus primeiro — a rezar-Lhe de todo o coração, pelo menos por alguns segundos, de manhã e à noite. Disse-lhes que, até que alguém estivesse saciado com o usufruto do mundo, não poderia obter o anseio por Deus.

Por volta das cinco horas, o Dr. Madhusudan veio ligar o braço do Mestre. Sri Ramakrishna sorria como um rapaz e, ao fazer um trocadilho com o nome do médico, disse: "Madhusudan é o refúgio, aqui e no além. Não é verdade?"

Médico: Ah, eu só carrego o fardo de um nome.

Sri Ramakrishna: Ora, não deves minimizar o valor de um nome. O Senhor e o Seu nome são idênticos. Quando Satyabhama (a rainha de Sri Krishna) pesou o Senhor, ao colocá-Lo num prato da balança e uma pilha de ouro e joias no outro, esta última não foi suficiente. Mas quando Rukmini (outra rainha) colocou uma folha de *Tulasi* com o nome de Krishna nela no outro prato da balança, esta equilibrou o Senhor.

Para que o médico pudesse ligar o braço, estendeu-se uma cama no chão, e Sri Ramakrishna deitou-se nela. Cantou uma canção sobre a perda de Radha: "Radha está no seu último estágio (semelhante à morte). Ah, diz Vrinda, o que mais estará reservado para ela?" Após o curativo terminar, o Mestre disse: "Não tenho muita fé nos médicos de Calcutá. Sambhu (Mallik) estava delirante. Mas o médico assistente disse: 'Não é nada. Deve-se à ação do medicamento.' Pouco depois, Sambhu faleceu!"

O serviço vespertino terminara nos templos. Adhar veio e saudou o Mestre.

Adhar: Como está, senhor?

Sri Ramakrishna: Vê como o braço se magoou! (A sorrir) Não perguntes pela minha saúde!

Pediu a Adhar que lhe massajasse os pés levemente. Depois, começou a conversar com Mahima Charan.

Sri Ramakrishna (para Mahima): Devoção por amor à devoção — se puderes fazer isto, será bom. "Não quero a libertação, a fama, as riquezas ou a recuperação da doença, nada,—apenas Te quero a Ti" — a isto se chama devoção por amor à devoção. Um homem rico tem muitos visitantes que vêm a ele com motivos pessoais definidos. Mas se houver um entre eles que nada quer, mas que vem por amor, o homem rico gradualmente passa a amá-lo. Prahlada tinha este tipo de devoção — amor puro por Deus, sem qualquer motivo.

Mahima Charan manteve-se em silêncio. O Mestre disse então: "Está bem. Deixa-me falar de algo que seja do teu agrado." Falou então sobre o Vedanta e pediu a Mahima que recitasse alguns hinos. Mahima citou da *Uttara Gita*: "Os nascidos duas vezes adoram a Deus no fogo, os sábios no seu próprio coração, os ignorantes em imagens e os de mente equânime em toda a parte."

Quando ouviu o último verso da estrofe, levantou-se subitamente e entrou em *Samadhi*! Passado algum tempo, voltou ao normal e sentou-se. Depois, pediu a Mahima que recitasse as belas linhas de Narada, nas quais a devoção era apresentada como o objeto último. Depois disto, Mahima apresentou as Seis Estrofes sobre o Nirvana, de Sankara, cujo refrão era: "Eu sou Conhecimento e Bem-aventurança Absolutos, eu sou Shiva, eu sou Shiva." Cada vez que Mahima citava esta última linha, Sri Ramakrishna dizia a sorrir: "Eu não, eu não, mas Tu, Tu és Conhecimento e Bem-aventurança Absolutos!"

Ao referir-se ao incidente deste dia, o Mestre disse pouco depois a alguns dos seus discípulos: "A Mãe colocou-me num estado tal que nada posso ocultar. É o estado de uma criança. Rakhal não compreende isso totalmente. Para que ninguém saiba

que o meu braço está partido e fale mal de mim, ele cobre-o. Chamou o Dr. Madhusudan à parte para lhe contar tudo sobre o caso. Perante isto, gritei: 'Bem, Madhusudan, vem ver — parti o meu braço!'"

O braço ferido demorou vários meses a sarar. Mas o fluxo dos discursos espirituais do Mestre e a alegria nas mentes dos seus devotos continuaram inabaláveis. Estava quase recuperado por volta de maio.

Os devotos costumavam celebrar o aniversário do Mestre todos os anos. Mas este ano, devido ao acidente, a celebração foi adiada para o dia 25 de maio. Costumavam vesti-lo com um traje de tom ocre, colocar-lhe grinaldas à volta do pescoço e oferecer flores e pasta de sândalo aos seus pés — tudo isto de acordo com o costume prevalecente de adoração do Guru.

Tocou-se música devocional ao longo do dia, e o Mestre proferia as suas palestras habituais e, ocasionalmente, entrava em transe. Os devotos trouxeram-lhe várias iguarias e comeram o que restou. Todo o dia e parte da noite passaram-se desta forma; os devotos, após serem abençoados pelo Mestre, geralmente dispersavam no período noturno.

Durante este ano, há registo de que o Mestre visitou o *Star Theatre* duas vezes — uma em 21 de setembro, para ver a "Vida de Sri Chaitanya", e outra em 14 de dezembro, para assistir à "Vida de Prahlada". O *Star Theatre* ficava então em Beadon Street, Calcutá. Na primeira ocasião, um devoto chamado Mahendra Nath Mukherjee trouxe o Mestre na sua carruagem desde Dakshineswar.

O Diretor, Girish Chandra Ghosh, recebeu-o e sentou-o num camarote. Baburam, M. e um ou dois outros estavam presentes. O Mestre apreciou o espetáculo e verteu lágrimas ou entrou em *Samadhi* sempre que ouvia uma canção ou um diálogo tocante. Tinha alertado os devotos antecipadamente para que ficassem quietos quando ele estivesse em *Samadhi*, para que os de fora não pensassem que estava a fingir. De vez em quando, fazia comentários de aprovação sobre episódios particulares.

Um jovem da linhagem de Nityananda, de Khardaha, veio e colocou-se atrás do Mestre. Sri Ramakrishna ficou muito contente por o ver, pediu-lhe que se sentasse e tratou-o com muita cordialidade. Depois de ele se retirar, o Mestre disse aos seus devotos: "Ele é um erudito, e o seu pai é um grande devoto. Quando fui ver Shyamsundar a Khardaha, o pai trouxe-me aquele *Prasad* que cem rupias não teriam conseguido. O jovem mostra sinais de espiritualidade. Um ligeiro estímulo acordá-lo-á espiritualmente. A sua presença quase me lançou num transe."

A peça terminou. Sri Ramakrishna subiu para a carruagem e, em resposta a uma pergunta, disse com um sorriso: "Achei a representação tão real quanto a cena original." Pelo caminho, continuava a dizer para si mesmo, num estado elevado: "Ó Krishna! Krishna que é conhecimento, Krishna que é vida, Krishna que é a mente, Krishna que é a Alma, Krishna que é o corpo!" E de novo: "Govinda, minha vida, minha Alma!"

Na sua fábrica em Baghbazar, Mukherjee entreteve o Mestre com refrescos, após o que este partiu para Dakshineswar.

Na segunda ocasião, Baburam, M. e outros acompanharam o Mestre. Antes do início da peça, Girish Chandra teve uma breve conversa com ele.

Sri Ramakrishna (a sorrir): Bem, escreveste coisas belas.

Girish: Senhor, não assimilei as ideias. Apenas escrevi sobre elas. Só isso.

Sri Ramakrishna: Não, tu assimilaste-as. Não te disse no outro dia que, a menos que se tenha devoção no coração, não se podem retratar deuses e deusas?

Girish: Às vezes penso em deixar este negócio do teatro. Já tive o suficiente disto.

Sri Ramakrishna: Não, não. Deixa estar. Será uma fonte de educação para muitos.

A representação começou. O menino Prahlada veio para a escola. À sua mera vista, o Mestre proferiu: "Prahlada! Prahlada!" e entrou em *Samadhi*! Ao ver o rapaz debaixo das patas do elefante, e novamente no meio das chamas, chorou. A cena da

ansiedade de Narayana e Lakshmi por Prahlada colocou o Mestre novamente em *Samadhi*.

Após o espetáculo, Girish perguntou-lhe se gostaria de ver uma farsa que se seguiria. O Mestre disse: "Não, o que importa tudo isso depois da 'Vida de Prahlada'! Disse à trupe de Gopal Uria que devia concluir a sua representação com algum tema espiritual. A introdução de temas mundanos no final estraga todo o efeito da peça religiosa que a antecedeu."

Interrogado por Girish sobre como apreciara a peça, o Mestre disse: "Vi que Ele Próprio se tinha tornado em tudo. Asatrizes pareciam formas visíveis da Mãe Divina. Aqueles que desempenhavam o papel de pastores de Goloka (a morada do Senhor), achei que eram o próprio Narayana. Ele próprio se tinha tornado em todos estes."

Enquanto o Mestre mantinha um discurso interessante com Girish no seu quarto privado, alguém veio e perguntou se ele gostaria de ver a farsa, que já tinha começado. Sri Ramakrishna disse a Girish: "O que é isto que fizeste! É como começar com doces e terminar com amargos."

Após a peça, asatrizes, sob instruções de Girish, vieram saudar o Mestre. Algumas delas até lhe tocaram nos pés. O Mestre não objetou, mas apenas disse, com grande ternura na voz: "Basta, mãe, basta!" Depois de elas se retirarem, comentou com os devotos: "Ele é tudo em diferentes formas!"

O Mestre levantou-se. Girish e outros despediram-se dele. Assim que entrou na carruagem, entrou em *Samadhi*.

Já se fez menção aos ataques súbitos de fome voraz a que o Mestre estava sujeito num período anterior da sua vida. Estes eram frequentes mais tarde em Dakshineswar. Provocados por certos estados elevados, não produziam maus efeitos no que toca à indigestão. Podemos mencionar dois exemplos aqui.

Um dia, várias senhoras vieram vê-lo enquanto ele visitava Mahendra em Calcutá. Uma delas trouxera uma grande quantidade de um preparado de leite como presente para o Mestre. Deixaram-no com Ramlal e foram à casa de Mahendra em

Calcutá para o ver. Sri Ramakrishna regressou a Dakshineswar às dez e meia. Um pouco mais tarde, sentiu muita fome e pediu comida a Ramlal. Este último apresentou o preparado de leite, e o Mestre comeu quase a totalidade do mesmo. No dia seguinte, quando ela veio novamente a Dakshineswar, ele disse: "Bem, comi quase todo o teu presente e não tive problemas em consequência disso."

Outra vez, à meia-noite, o Mestre acordou e disse a Ramlal que estava com uma fome extrema. Aconteceu que, nesta ocasião particular, não havia doces na casa. Então Ramlal informou a Santa Mãe na sala de concertos, a qual, com a ajuda de algumas mulheres devotas, preparou rapidamente uma grande quantidade de *Halua* e enviou-a através de uma das mulheres. Quando esta chegou ao quarto do Mestre, encontrou-o a caminhar gravemente de um lado para o outro num estado elevado.

Uma lâmpada ardia debilmente, e apenas Ramlal estava lá. Devido ao aumento do fervor divino, o Mestre parecia muito maior em estatura do que o habitual e parecia mal pertencer a esta terra. Com um sentimento de temor reverente, ela colocou a comida diante de um tapete sobre o qual o Mestre se deveria sentar. Sri Ramakrishna sentou-se e, nesse estado semiconsciente, comeu toda a comida. Ao ver que ela olhava fixamente para ele, e ao ler-lhe a mente, perguntou: "Quem pensas que está a comer? Eu ou outra pessoa?" Ela respondeu: "Parece que outra pessoa está dentro de si e é ela que está a comer." "Bem dito", respondeu Sri Ramakrishna a sorrir.

De facto, o êxtase divino produzia no Mestre resultados estranhos. Às vezes expressava-se como uma total falta de controlo sobre o corpo, de modo que cambaleava e vacilava ao andar, como um homem sob a influência do álcool. Muitas vezes era confundido com embriaguez real. Um dia, enquanto o Mestre caminhava para a casa de Ram Babu, foi dominado por uma ideia divina; o seu andar tornou-se tão instável que teve de ser amparado por dois devotos. Alguns transeuntes, que não conheciam o Mestre, comentaram num sussurro audível: "Quão

terrivelmente bêbado ele está!" Alguns dos devotos ouviram as palavras e disseram para si mesmos: "Sim, de facto!"

Outro dia, em Dakshineswar, o Mestre foi ao templo de Kali e regressou de lá num estado de êxtase, com o rosto corado e passos cambaleantes. Ao encontrar a Santa Mãe, perguntou-lhe: "Bem, estou bêbado?" "Certamente que não", respondeu a Santa Mãe. "Então por que me comporto assim?", perguntou o Mestre novamente. A Santa Mãe respondeu: "Apenas provou a bem-aventurança da Mãe Divina!" "Bem dito", respondeu ele, muito satisfeito.

Noutra ocasião, numa carruagem a caminho da casa de Jadu Mallik em Calcutá, com Latu e dois outros devotos, os seus olhos caíram subitamente sobre uma taverna à beira da estrada, onde vários clientes se alegravam em torno da garrafa de vinho. A cena sugeriu-lhe imediatamente a Mãe Divina, a Fonte da Bem-aventurança. Ao esquecer onde estava, levantou-se, meio inclinado para fora da carruagem, e saudou o grupo exclamando: "Bravo! Excelente!" Pelo momento, parecia ser um deles! Um dos devotos, temendo que ele pudesse cair, estava prestes a segurá-lo, quando Latu o travou ao dizer que o Mestre se conteria por iniciativa própria. Pouco depois, a taverna ficou para trás e o Mestre logo voltou a si.

Entre os anos de 1882 e 1884, encontramos Sri Ramakrishna a fazer duas visitas ao Brahmo Samaj em Sinti e outra ao Brahmo Samaj em Nandan Began, ambos locais nas proximidades de Calcutá. A primeira das visitas a Sinti foi à casa de campo de Benimadhav Pal, por ocasião da celebração semestral do Samaj. O Pundit Sivanath Sastri estava presente. O Mestre dirigiu-se a ele com as palavras: "Ah, Sivanath, aqui estás!

Bem, sois devotos, e estou contente por vos ver. Um fumador habitual de cânhamo saúda cordialmente outro fumador de cânhamo. Talvez o abrace!" Depois, brindou o público com um discurso espiritual de interesse absorvente, após o qual houve um *Sankirtan*. Os devotos cantaram e dançaram ao rodear Sri Ramakrishna, que se juntou entusiasticamente à atividade. No

final do *Sankirtan*, o Mestre saudou a Mãe Divina, tocando o chão com a testa, e disse: "*Bhagavata*, *Bhakta*, *Bhagavan*! Saudação ao *Jnani* e ao *Bhakta*, ao *Bhakta* que acredita em formas Divinas bem como àquele que acredita no Seu aspeto Impessoal! Saudação aos *Brahmajnanis* dos tempos antigos e aos do Brahmo Samaj de hoje!"

Benimadhav entreteve Sri Ramakrishna e os devotos reunidos com uma sumptuosa refeição.

A segunda visita do Mestre a este Samaj ocorreu em outubro de 1884. Na assembleia encontravam-se Vijay, Trailokya e um subjuiz do Brahmo. As canções de Trailokya lançaram o Mestre repetidamente em *Samadhi*. O Mestre teve uma conversa muito interessante com o subjuiz, a qual reproduzimos em parte.

Subjuiz: Somos chefes de família; até quando devemos atender aos nossos deveres?

Sri Ramakrishna: Deves criar os teus filhos, sustentar a tua mulher e fazer provisões para o sustento dela depois de partires. Se não fazes isto, és cruel, e um homem que não tem compaixão não é digno do nome de homem.

Subjuiz: Até quando devemos sustentar os nossos filhos?

Sri Ramakrishna: Até que atinjam a maioridade. Quando a ave jovem está suficientemente crescida, a mãe bica-a e força-a a deixar o ninho.

Subjuiz: Quais são os nossos deveres para com as nossas mulheres?

Sri Ramakrishna: Em vida deves dar-lhe instruções religiosas e sustentá-la. Se ela for fiel, deves fazer provisões para o sustento dela após a tua morte. Mas quando alguém está louco pela realização, os deveres cessam; nesse caso, o Senhor cuida da família. Quando um *zemindar* morre e deixa um filho menor, o Tribunal de Tutela encarrega-se desse rapaz. Assuntos legais são estes, que te devem ser familiares.

Trailokya: Senhor, pode um homem ter o verdadeiro conhecimento enquanto leva uma vida de chefe de família? Pode ele realizar Deus?

Sri Ramakrishna (a sorrir): Ora, tu harmonizaste ambos, não é verdade? Embora estejas no mundo, ainda assim pensas em Deus. Certamente é possível ter a realização como chefe de família. Quando o mero nome de Deus traz lágrimas aos teus olhos e te arrepia os cabelos, sabe que o apego à luxúria e ao ouro desapareceu e que realizaste Deus. Se um fósforo está seco, acende-se com um único golpe. Mas se está húmido, nem mesmo cinquenta deles se acenderão — serão apenas desperdiçados.

Um devoto: Senhor, renascerá um homem se falhar em refletir sobre Deus no momento da morte, mesmo que tenha pensado muito n'Ele durante a sua vida?

Sri Ramakrishna: Os homens pensam em Deus, mas não têm fé. Esquecem-no e ficam apegados ao mundo. Como um elefante que, após tomar um banho, atira poeira sobre o seu corpo, assim é com a mente e o mundo. Mas se, logo após a lavagem, o elefante for colocado na sua estrebaria, não tem oportunidade de ficar sujo novamente. Do mesmo modo, se um homem reflete sobre Deus no momento da morte, a sua mente fica purified e não há mais hipótese de ser contaminada pela luxúria e pela riqueza.

O discurso foi seguido por uma canção religiosa na qual o Mestre participou. Vijay conduziu então a oração, após a qual Sri Ramakrishna e os devotos tomaram refrescos. Depois, o Mestre conversou com Vijay sobre a harmonia de todas as religiões e a eficácia da oração. Passava das dez horas quando partiu para regressar a Dakshineswar.

O Nandan Began Brahmo Samaj situava-se na casa do falecido Kasiswar Mitra. Os seus filhos, ao dar continuidade à prática do pai, fizeram uma celebração em maio de 1884 e convidaram Sri Ramakrishna para a mesma. Rakhal, Mahendra e outros acompanharam o Mestre.

Interrogado por um devoto do Brahmo sobre a melhor maneira de controlar as paixões, Sri Ramakrishna disse: "Redireciona o curso das paixões para Deus. Por exemplo, tem o desejo de união com o Eu. Fica zangado com aqueles que se colocam no caminho de Deus. Cultiva o anseio de O realizar. Se

tens de falar de ‘mim e meu’, faz o mesmo apenas com Deus; refere-te a Ele como ‘Meu Krishna’ ou ‘Meu Rama’. Se queres ser orgulhoso, sê orgulhoso como Vibhishana, que disse: ‘Curvei esta cabeça diante de Rama e não a curvarei diante de mais ninguém!’”

O devoto: Se Ele faz com que tudo seja feito, como somos responsáveis pelos nossos pecados?

Sri Ramakrishna (a sorrir): Duryodhana também disse a mesma coisa — “Tu, ó Krishna, estás sentado no coração e, conforme diriges, assim eu agrido.” Bem, aquele que sinceramente acredita que Deus, e não ele próprio, é o agente, não pode pecar. Um dançarino habilidoso nunca dá um passo em falso. Mas até que o coração esteja purificado, não se pode sequer acreditar que Deus existe.

Os procedimentos terminaram por volta das nove horas, e o Mestre estava ansioso por regressar a casa. Mas os anfitriões estavam demasiado ocupados com os seus convidados chefes de família para prestar qualquer atenção a Sri Ramakrishna. Disse a Rakhal, por graça: “Bem, onde está a ceia?”

Rakhal (indignado): Senhor, regressemos a Dakshineswar.

Sri Ramakrishna (divertido com a seriedade de Rakhal): Espera, quem pagará o aluguer da carruagem? E onde cearemos a esta hora?

Após um longo intervalo, veio o chamamento para a ceia. Todos subiram as escadas em grupo, e Sri Ramakrishna, com Rakhal e outros, teve de abrir caminho por entre a multidão. Não havia lugar para se sentarem. Com grande dificuldade se encontrou um lugar — não muito limpo — para o Mestre. Serviu-se um caril que Sri Ramakrishna não quis tocar, porque sentiu a impureza da pessoa que o servia. Comeu alguns *Puris* com sal e um pouco de doce.

Quando o Mestre entrou na carruagem, descobriu-se que o aluguer da mesma não tinha sido pago. Ao saber que os anfitriões eram jovens e que qualquer descortesia da parte deles se devia à inexperiência, enviou alguns dos seus discípulos até eles pelo

dinheiro. Sri Ramakrishna mais tarde falou por graça deste incidente com os seus devotos: “Quando foram pedir o aluguer da carruagem de três rupias e duas annas, receberam de início uma recusa ríspida! Relutantemente, deram-se três rupias, mas não as duas annas! Disseram: ‘Isso basta!’”

DEVENDRA E KALIPADA

Devendranath Mazumdar, irmão do famoso poeta bengali Surendranath Mazumdar, era um homem de meia-idade, de temperamento calmo, que trabalhava num escritório de um *zemindar* e vivia com um parente em Calcutá. Tinha dúvidas sobre a existência de Deus, que não eram removidas por discussão. Tinha um forte desejo de realizar Deus, mas não conhecia os passos necessários a tomar para atingir esse fim, por isso decidiu procurar a ajuda de um Guru. “Mas deve ser um verdadeiro Guru”, pensou, e rezou fervorosamente a Deus para que lhe enviasse um.

À medida que o seu anseio por Deus se intensificava, não conseguia dormir. O pensamento “Se Deus existe, por que não Se revela a mim?” incomodava-o noite e dia. Uma manhã, decidiu ir ver Bhagavan Das, o célebre santo vaishnava de Kalna, e receber a iniciação dele. Mas perdeu o barco a vapor. Um amigo que foi ver não estava em casa. Abriu um livro ao acaso. Numa nota de rodapé na página diante de si estava escrito: “Esta é também a opinião de Ramakrishna Paramahamsa, do templo de Kali de Rasmani, em Dakshineswar.” “Ramakrishna Paramahamsa!”, disse para si mesmo. “Ora, um Paramahamsa é um santo que realizou Deus. Talvez ele me possa ajudar a alcançar o meu objetivo?” Decidiu visitar Sri Ramakrishna, partiu imediatamente para Dakshineswar e chegou ao jardim do templo por volta do meio-dia. Do barco, pôde ver um homem com um braço numa tipóia, de pé no jardim. Devendra desembarcou e perguntou onde morava o Paramahamsa. Um quarto foi-lhe indicado.

Não havia ninguém no quarto quando lá foi, e esperava na varanda quando um homem vestido de forma simples, de chinelos, com a ponta do seu traje lançada sobre o ombro, entrou.

Reconheceu-o como o homem que vira do barco e concluiu que devia ser o Paramahamsa. Curvou-se diante dele, e o Mestre pediu-lhe que entrasse pela porta norte. Ao ver que ele descalçava os sapatos a alguma distância, Sri Ramakrishna aconselhou-o a aproximar-se antes de os retirar, para que não fossem roubados.

Depois, perguntou-lhe de onde vinha. "De Calcutá", respondeu Devendranath. "Para ver a Divindade nesta forma, talvez?", ao posar como Sri Krishna com a Sua flauta. "Não, senhor", disse Devendra, "vim para o ver a si." "Para me ver a mim!", repetiu o Mestre. "Ah, o que há para ver em mim? Olha, parti o meu braço. Oh, que dor!" Fez com que Devendra sentisse o seu braço ferido e disse: "Queres ver if o osso foi fraturado? É tão doloroso!" Devendra examinou-o novamente e perguntou como tinha sofrido esse acidente. Sri Ramakrishna disse: "Às vezes entro num estado peculiar, e o braço partiu-se numa dessas ocasiões. A dor aumenta quando se usa qualquer medicamento. Por isso, deixei de usar qualquer medicamento. Achas que recuperarei?" Devendra disse: "Sim, certamente." Num momento, todo o vestígio de dor pareceu desaparecer. Chamou em voz alta, como um rapaz, pelos transeuntes: "Olhem aqui, este cavalheiro de Calcutá diz que o meu braço vai ficar bom!"

Devendra viu que o corpo de Sri Ramakrishna era tão delicado quanto o de uma mulher e a sua mente tão franca quanto a de uma criança. Disse para si mesmo: "Que homem estranho ele é! Toma-me por um oráculo. É possível um homem ser tão ingénuo? Ou será tudo um engano?" Mas o comportamento infantil do Mestre dissipou todas as suas dúvidas. No decorrer da conversa, Sri Ramakrishna explicou o significado do amor divino.

Depois, pediu a um jovem devoto que desse algo de comer a Devendra. Passado algum tempo, Sri Ramakrishna disse a Devendra: "Muitos brâmanes respeitáveis comem aqui. É um templo e não pode haver objeção a que tomes o *Prasad* connosco. O dia já vai avançado. Não partas agora." Ao chamar Ramlal, disse: "Dá a Devendra o *Prasad* do templo de Vishnu." Devendra ficou surpreendido; como sabia Sri Ramakrishna que ele era

vegetariano? Poderia ele ler os corações dos homens? Comeu a sua refeição e perguntou ansiosamente a Ramlal por detalhes sobre la vida do Mestre. A sua mente estava num estado de admiração.

À tarde, o Mestre perguntou: "Por que pareces tão pálido? Estás doente?" Devendra sofria uma recaída da sua antiga febre malárica. Sri Ramakrishna ficou extremamente ansioso e, quando Baburam veio, pediu-lhe que levasse Devendra para Calcutá. Quando partiam, Sri Ramakrishna pediu a Devendra que o viesse ver sem falta após recuperar.

Devendra ficou inconsciente durante seis semanas. No delírio, era frequentemente ouvido a murmurar o nome de Sri Ramakrishna. Imaginava que estava em Dakshineswar e, curiosamente, sempre que a dor excessiva o obrigava a abrir os olhos, via o Mestre sentado junto à sua cama. Ao recuperar, descartou estas visões como meras alucinações e abandonou qualquer pensamento de visitar Sri Ramakrishna de novo, ao considerar a sua recaída o resultado da viagem a Dakshineswar.

Alguns meses passaram-se deste modo. O desejo de realizar Deus não era tão vivo agora, mas não tinha desaparecido por completo. Sempre que a ideia de visitar Dakshineswar surgia na sua mente, era travada pelo pensamento da febre. Como alternativa, começou a praticar o *Gayatri*. Mas isto produziu resultados inesperados. Renovou o seu anseio por Deus e por um Guru competente. Contudo, não conseguia decidir-se a ir ver Sri Ramakrishna.

Um dia, enquanto regressava do escritório, parou em casa de um amigo, mas este tinha saído; enquanto esperava pelo seu regresso, por acaso viu a seguinte notícia num jornal bengali: "Sri Ramakrishna Paramahamsa reunir-se-á com os seus devotos esta tarde na casa de Srijut Balaram Bose, em Baghbazar." Isto foi suficiente. Todos os argumentos contra a visita ao Mestre desapareceram num momento. Incapaz de resistir por mais tempo, partiu imediatamente para Baghbazar e procurou o local ao anoitecer. Havia uma grande multidão. Sri Ramakrishna dançava

em êxtase; alguns cantavam e outros dançavam à sua volta. Todo o lugar vibrava de alegria. Devendra observava a cena, mas não ousava enfrentar o Mestre após a sua longa ausência. Sri Ramakrishna juntava-se de vez em quando ao canto enquanto dançava.

Quando o *Kirtan* terminou e Sri Ramakrishna quase recuperou o seu estado normal, houve uma corrida para lhe tocar nos pés. Devendra viu que esta era uma oportunidade para o saudar sem atrair atenção. Abriu caminho por entre a multidão e tocou-lhe nos pés. Nesse preciso momento, sentiu um toque suave nas costas e ouviu uma voz familiar perguntar: "Olá, estás aqui! Por que não tens vindo a Dakshineswar? Penso frequentemente em ti. Estás bem agora, espero?" "Senhor", disse Devendra em jeito de desculpa, "estive acamado durante muito tempo." Então o Mestre — pois era ele — disse ansiosamente: "Tens de voltar. Ouves?"

O coração de Devendra derreteu-se com esta bondade. "Sim, senhor", disse ele, "irei." Cumpriu a sua promessa e cedo provou a bem-aventurança da companhia divina do Mestre. Praticou a sua *Sadhana* de acordo com as indicações dele e foi abençoado com várias realizações. Mais tarde, sentiu um forte desejo de renunciar ao mundo e implorou a bênção do Mestre, mas foi aconselhado a viver como chefe de família, pois isso não se colocaria no caminho do seu progresso espiritual, e assim permaneceu no mundo.

Um dia, uma senhora pertencente a uma respeitável família hindu veio a Dakshineswar ostensivamente para visitar o templo de Kali da Rainha Rasmani, mas na realidade para ver Sri Ramakrishna, de quem ouvira falar. Enquanto os seus companheiros visitavam os templos, ela entrou silenciosamente no quarto do Mestre.

Com lágrimas nos olhos, contou-lhe que o seu marido, na verdade um homem bom e sincero, procurava más companhias e tinha contraído maus hábitos. Rezou ao Mestre para que a abençoasse e sugerisse alguma forma de o influenciar para o bem.

Sri Ramakrishna consolou-a e disse que o marido dela era na realidade um devoto de Deus e que, dentro de pouco tempo, viria a Dakshineswar. Com esta garantia, ela regressou a casa muito confortada.

O marido dela, Kalipada Ghosh, exercia um cargo importante na firma John Dickinson & Co. e era amigo íntimo de Girish Chandra Ghosh, de quem ouvira falar um dia sobre Sri Ramakrishna. Por curiosidade de ver o homem de quem ouvira tantas coisas estranhas, alugou um barco e foi a Dakshineswar. Encontrou o quarto do Mestre repleto de devotos. Sri Ramakrishna acolheu-o cordialmente, como se fosse um velho conhecido.

Quando, escassos minutos depois, o Mestre expressou o desejo de ir a Calcutá, Kalipada colocou-se a si e ao barco à disposição do Mestre. O Mestre aceitou a oferta e, acompanhado por Latu, foi para Calcutá. No caminho, Sri Ramakrishna perguntou a Kalipada que manifestação particular da Divindade preferia. "Adoro a deusa Kali, minha homónima", respondeu Kalipada. "És iniciado?", inquiriu o Mestre. "Não, senhor", disse Kalipada. "Mas de muito bom grado receberei a iniciação de si, se o senhor gentilmente consentir em ser o meu Guru." Até este momento, não tinha tido fé em Gurus humanos; de facto, estava determinado a aceitar apenas o próprio Deus como guia espiritual.

No entanto, ao primeiríssimo contacto com Sri Ramakrishna, entregou-se-lhe como uma criança. Com um sorriso, Sri Ramakrishna pediu-lhe que pusesse a língua de fora. Escreveu nela algumas sílabas místicas com o dedo, ao dizer-lhe que aquilo era a iniciação. Apenas alguns afortunados eram iniciados desta maneira. O barco chegou a Calcutá, mas o Mestre não tinha um destino particular e sugeriu irem para a casa de Kalipada, o que agradou imenso a este último. Kalipada tornou-se mais tarde um dos mais dedicados discípulos. Era do tipo "heróico" de *Bhaktas*.

SASI, SARAT, HARI, GANGADHAR, SARADA, TULASI E HARIPRASANNA

Sasibhushan e Saratchandra Chakravarti, primos de uma piedosa família brâmane de Calcutá, eram membros de uma organização Brahmo iniciada sob a influência de Keshab Chandra Sen, e souberam de Sri Ramakrishna através de alguns companheiros da associação que tinham visto o Mestre no Brahmo Samaj. Os membros desta sociedade resolveram celebrar o seu aniversário em Dakshineswar, onde desfrutariam da companhia de Sri Ramakrishna. Num certo dia de outubro de 1883, chegaram ao jardim. Sasi e Sarat foram ver o Mestre e encontraram-no sentado no pequeno catre no seu quarto. Sri Ramakrishna recebeu-os com um sorriso e mandou estender uma esteira no chão onde eles se deveriam sentar. Perguntou-lhes os nomes e onde moravam, e ficou satisfeito ao saber que pertenciam ao Brahmo Samaj de Keshab. Depois disse: "Os tijolos e as telhas, se forem queimados após a marca comercial ter sido estampada neles, retêm essas marcas para sempre.

Da mesma forma, deveis ser estampados com espiritualidade antes de entrardes no mundo. Então não ficareis apegados. Mas hoje em dia os pais casam os rapazes demasiado jovens. Quando terminam a educação, já são pais de filhos e têm de correr de um lado para o outro em busca de um emprego para sustentar a família. Acham difícil assegurar uma colocação com salário suficiente para alimentar tantas bocas. Por isso, têm pouco tempo para pensar em Deus." "Então, senhor, é errado casar? É contra a vontade de Deus?", perguntou um dos rapazes.

Sri Ramakrishna pediu-lhe que retirasse um dos livros da prateleira e lesse em voz alta um extrato da Bíblia que apresentava a opinião de Cristo sobre o casamento: "Porque há eunucos que nasceram assim do ventre de sua mãe; e há eunucos que foram feitos eunucos pelos homens; e há eunucos que se fizeram eunucos por amor do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o." E de São Paulo: "Digo, porém, aos solteiros e às viúvas, que lhes é bom se ficarem como eu. Mas, se não podem conter-se, casem-se. Porque é melhor casar do que abrasar-se." Quando a passagem foi lida, Sri Ramakrishna observou que o

casamento era a raiz de toda a servidão. Um dos presentes interrompeu-o, ao dizer: “Quer o senhor dizer, então, que o casamento é contra a vontade de Deus? E como pode a Sua criação continuar se as pessoas deixarem de casar?” Sri Ramakrishna sorriu e disse: “Não te preocupes com isso. Aqueles que gostam de casar têm perfeita liberdade para o fazer.

O que disse há pouco foi entre nós. Digo o que tenho a dizer; podes reter muito ou pouco disso, conforme quiseres.” Perguntou a Sasi se acreditava em Deus com forma ou sem forma. Com a sua franqueza característica, o rapaz respondeu: “Não tenho a certeza sobre a própria existência de Deus, por isso não sou capaz de falar num sentido ou noutro!” A resposta agradou muito ao Mestre.

Passado algum tempo, os rapazes regressaram a casa. Sasi e Sarat ficaram fascinados pela personalidade de Sri Ramakrishna. Disseram para si mesmos: “Daqui em diante, visitaremos este homem santo. Se alguém deseja aprender o segredo da espiritualidade, deve ir ter com ele.” Desde a infância, Sasi nutria um grande respeito por livros religiosos. A Bíblia e as vidas de Sri Gauranga e de outros santos estavam entre os seus livros favoritos. A oração, a meditação e o culto faziam parte da sua ocupação diária.

O seu anseio por Deus era evidenciado pela sua frequência regular no Brahmo Samaj. Era um estudante brilhante e preparava-se para o Primeiro Exame em Artes quando conheceu o Mestre. Naturalmente, os seus pais depositavam grandes esperanças nele. Mas Sasi disse adeus a todas as perspetivas mundanas assim que vislumbrou algo mais elevado através do seu contacto com Sri Ramakrishna. Cedo se tornou um do círculo íntimo de seguidores do Mestre e fez dele a estrela-guia da sua vida.

Sarat não ficou atrás do primo na sua apreciação de Sri Ramakrishna e tornou-se um grande devoto. À primeira vista, o Mestre notou o seu espírito severo de renúncia. Um dia, estava sentado no seu quarto em Dakshineswar, rodeado por um grupo

de devotos. Ganesa, o deus hindu do sucesso, era o tema da conversa. O Mestre elogiou altamente a integridade de caráter desta divindade, a sua total ausência de paixão e a dedicação exclusiva à sua mãe, a deusa Durga.

A esse propósito, narrou algumas histórias da mitologia hindu que trouxeram o caráter divino de Ganesa de forma vívida perante o seu público. O jovem Sarat estava presente. De repente, disse: "Bem, senhor, gosto muito do caráter de Ganesa. Ele é o meu ideal." O Mestre corrigiu-o imediatamente, ao dizer: "Não, Ganesa não é o teu ideal. O teu ideal é Shiva. Possuis atributos de Shiva." Depois acrescentou: "Pensa em ti próprio, sempre, como Shiva e em mim como Sakti. Eu sou a fonte de todo o teu poder (Sakti)."

Não nos cabe a nós, mortais comuns, compreender o significado desta declaração mística. Mas não deixa de ser um facto que Sarat, em anos posteriores, demonstrou num grau maravilhoso um espírito de calma, fortitude, tolerância, simpatia pelos outros e prontidão para partilhar os seus fardos, que são as características especiais de Shiva. Compreendeu perfeitamente que Sri Ramakrishna era o repositório dos poderes que lhe permitiram alcançar o sucesso na sua vida espiritual individual, bem como na grande Ordem de Ramakrishna.

Um dia, o Mestre perguntou a Sarat: "Como gostarias de realizar Deus? Que visões divinas preferes ver na meditação?" Sarat respondeu: "Não quero ver nenhuma forma particular de Deus na meditação. Quero vê-Lo manifestado em todas as criaturas do mundo. Não gosto de 'visões'." O Mestre disse com um sorriso: "Essa é a última palavra na realização espiritual. Não a podes ter de uma só vez." "Mas não ficarei satisfeito com nada menos do que isso", respondeu o rapaz, "caminharei penosamente na senda da prática religiosa até que esse estado abençoado chegue."

Sobre Sasi e Sarat, Sri Ramakrishna costumava dizer que ambos tinham sido seguidores de Jesus, o Cristo, numa encarnação anterior.

Outro grande discípulo que foi atraído pela personalidade magnética de Sri Ramakrishna foi Harinath Chatterjee, de Baghbazar. Órfão desde muito jovem, foi criado pelo seu irmão. Tornou-se o líder entre os seus companheiros, e o seu amor pela justiça fez dele uma influência para o bem. Os seus familiares ficavam maravilhados com o seu fervor espiritual mesmo na infância. Como um verdadeiro brâmane ortodoxo, banhava-se três vezes por dia e cozinhava as suas próprias refeições, as quais oferecia a Deus antes de comer. Levantava-se todas as manhãs antes do nascer do sol e recitava toda a Gita de memória. Tinha uma paixão pela filosofia Vedanta; Sankara moldou a sua vida, e o Advaita Vedanta deixou uma marca indelével na sua mente. Tentou viver de acordo com o Vedanta e teve sucesso em certa medida.

Um dia, enquanto se banhava no Ganges, percebeu algo a mover-se na superfície da água a escassos metros de distância de si. Ficou sobressaltado ao descobrir que era um crocodilo. Apressou-se em direção à margem, mas no momento seguinte pensou: "Que cobarde sou! Não leio todos os dias que sou a Alma imortal? E agora estou a esquivar-me perante um crocodilo." Voltou atrás nos seus passos e terminou o banho, não sem alguma pequena trepidação.

O seu irmão mais velho, que era o seu tutor, não frustrava as suas buscas religiosas e silenciava os amigos que se queixavam da conduta estranha do rapaz, ao dizer: "Ora, ele está a fazer exatamente o que nós e todos os outros deveríamos fazer." A seguinte é a sua própria versão do seu primeiro encontro com Sri Ramakrishna: "Conheci o Mestre na casa de Dinanath Bose, em Baghbazar, quando era um rapaz de treze ou catorze anos. O Mestre, nessa altura, permanecia a maior parte do tempo em *Samadhi*. A notícia de que o Paramahamsa viria foi posta a circular e, no dia estipulado, fui para conseguir ver o homem.

Cedo uma carruagem de aluguer com dois passageiros parou em frente à casa. Um homem forte e robusto, com a testa pintada de vermelhão e um amuleto de ouro no braço direito, apeou-se

dela. Era Hriday. Ajudou a outra pessoa — que não era outra senão Sri Ramakrishna — a apear-se, ao segurá-la pela mão. O Mestre estava magro e enfraquecido. Vestia uma camisa e uma das pontas do seu traje estava atada à volta da cintura. Parecia estar totalmente inconsciente do mundo. Quando consegui vê-lo melhor, notei que o seu rosto estava rodeado por uma canópia de luz.

O pensamento saltou-me imediatamente à mente: 'Li sobre Sukadeva nos livros. Será este, então, um homem como ele?' Amparado pelo sobrinho, caminhou para o quarto com passo cambaleante. Ao recuperar um pouco da consciência do mundo, viu um grande retrato de Kali na parede e inclinou a cabeça diante dele. Depois, cantou uma canção que retratava a unicidade de Krishna e Kali, a qual comoveu o público."

Dois ou três anos depois, Harinath encontrou o Mestre novamente em Dakshineswar. Era um dia feriado e uma multidão de devotos tinha-se reunido. Sri Ramakrishna levou-o à parte e pediu-lhe que viesse num dia que não fosse feriado, quando ele estaria mais livre para conversar. Harinath ficou apaixonadamente apegado ao Mestre. Nunca tinha ouvido tais palavras de sabedoria antes. Parecia-lhe que, apesar da sua falta de instrução formal, o homem de Dakshineswar tinha assimilado o verdadeiro significado das *Sastras*.

Um dia, depois de estarem intimamente familiarizados, o jovem devoto disse ao Mestre: "Senhor, quão agradável e alegre é tudo o que pertence a este lugar! Calcutá parece o inferno em comparação." "Porquê", disse Sri Ramakrishna para o animar, "tu és um servo do Senhor Hari, e o Seu servo nunca pode ser infeliz em lado nenhum." "But não sei se sou Seu servo", disse o rapaz. O Mestre reiterou: "A verdade não depende do conhecimento que alguém tenha dela. Quer o saibas ou não, és um servo do Senhor." Isto tranquilizou Harinath.

Desde tenra idade, Harinath tinha aversão a mulheres. Não permitia que nem mesmo as meninas se aproximassem dele. Um dia, em resposta a uma pergunta do Mestre sobre este assunto,

disse: “Oh, não as posso suportar.” “Falas como um tolo!”, disse o Mestre em tom de censura. “Olhar com desprezo para a mulher! Para quê? Elas são as manifestações da Mãe Divina. Curva-te diante delas como diante da tua mãe e tem-nas em respeito. Essa é a única maneira de escapar à sua influência.

Quanto mais as odiares, mais cairás na armadilha.” Estas palavras ardentes penetraram no coração de Harinath e mudaram a sua perspetiva inteira sobre as mulheres. “Senhor”, perguntou ele ao Mestre noutro dia, “como se pode estar ciente do alvorecer do conhecimento?” Sri Ramakrishna respondeu: “Um homem não anda aos saltos quando alcança a iluminação. Exteriormente permanece como estava; mas a sua perspetiva inteira do mundo muda. O toque da pedra filosofal converte uma espada de aço em ouro. Ela retém a sua forma anterior intacta, mas já não pode matar — tornou-se macia.”

Como um verdadeiro Vedantin, Harinath viveu uma vida de ascetismo e continência. Quanto mais profundamente mergulhava no Vedanta, mais o seu elevado ideal lhe agradava.

Mergulhado no estudo de livros sobre este assunto, Hari não veio a Dakshineswar durante alguns dias. Sri Ramakrishna notou a sua ausência e disse-lhe um dia: “Olá, agora não vens aqui com tanta frequência. Dizem que andas a estudar e a meditar no Vedanta hoje em dia. É bom. Mas o que ensina a filosofia Vedanta? Apenas Brama é real e tudo o mais é irreal — não é essa a sua substância, ou há algo mais? Então por que não abandonas o irreal e te apegas ao real?”

Estas palavras lançaram uma nova luz sobre o Vedanta e direcionaram os pensamentos de Hari num novo rumo. Poucos dias depois, Sri Ramakrishna foi a Calcutá e mandou chamar Harinath; quando este chegou, encontrou o Mestre num estado de semiconsciência. “Não é fácil ver o mundo dos fenómenos como irreal”, começou o Mestre a dirigir-se aos devotos reunidos. “Este conhecimento é impossível sem a graça especial de Deus. O mero esforço pessoal é impotente para conceder esta realização. Um

homem é, afinal de contas, uma criatura ínfima, com poderes muito limitados.

Que parte infinitesimal da verdade pode ele alcançar por si mesmo!" Harinath sentiu como se estas palavras lhe fossem dirigidas, pois tinha estado a forçar cada nervo para atingir a iluminação. O Mestre cantou então uma canção que elogiava o poder miraculoso da graça divina. Lágrimas correram-lhe pelas faces, ao molhar literalmente o chão. Harinath ficou profundamente comovido. Ele também prorrompeu em lágrimas. Depois disso, aprendeu a entregar-se aos pés do Senhor.

Sri Ramakrishna amava Harinath enternecidamente e costumava falar muito bem das suas grandes potencialidades espirituais. Certa vez, o jovem não veio a Dakshineswar durante uma série de dias. Quando finalmente veio, o Mestre disse-lhe com uma voz embargada pela emoção: "Por que não vens aqui? Amo ver-vos a todos, porque sei que sois os favoritos especiais de Deus. Caso contrário, o que posso esperar de vós? Não tendes os meios para me oferecer o valor de uma moeda em presentes, nem tendes uma esteira rota para estender no chão quando vou a vossa casa.

E, ainda assim, amo-vos tanto. Não falteis em vir aqui, pois é aqui que alcançareis tudo. Se tendes a certeza de encontrar Deus noutro lugar, ide para lá, com certeza. O que quero é que realizeis Deus, transcendais a miséria do mundo e desfruteis da beatitude divina. De qualquer modo, tentai alcançá-la nesta vida. Mas a Mãe diz-me que realizareis Deus sem qualquer esforço se apenas vierdes aqui. Por isso, insisto na vossa vinda." Enquanto falava assim, chorou de facto.

Gangadhar Ghatak era amigo de Harinath, e também ele viu Sri Ramakrishna pela primeira vez na mesma ocasião. Tinha catorze anos de idade e frequentava a segunda classe. Como Hari, costumava praticar exercícios religiosos regularmente desde a sua infância. Banhava-se três vezes por dia, cozinhava as suas próprias refeições e lia a Gita e os livros religiosos. Um dia, partiu com um *Sadhu*, sem dizer nada a ninguém. Tinha a ideia de fazer

peregrinações a lugares sagrados, mas o pensamento nos seus pais fê-lo regressar após um mês. Contudo, não retomou os seus estudos. Harinath, entretanto, tinha estado a visitar Sri Ramakrishna. Um dia, em 1884, Gangadhar acompanhou-o a Dakshineswar. Sri Ramakrishna falou de forma afável com ele, como se fosse um velho conhecido, e, entre outras coisas, perguntou-lhe sobre a sua viagem com o *Sadhu* e também se o tinha visto antes.

Desde então, Gangadhar começou a frequentar Dakshineswar. Era muito ortodoxo nos seus hábitos e, temendo que Sri Ramakrishna lhe pedisse para tomar o *Prasad* de arroz no templo, ia sempre à noite, quando tomava apenas frutas e doces. Sri Ramakrishna notou isto. Certa vez, Gangadhar encontrava-se lá durante o dia e preparava-se para cozinhar a sua refeição, quando o Mestre lhe disse: "A comida oferecida a Kali é cozinhada em água do Ganges e é muito pura; é melhor até do que o *Havishya*. Toma essa." Gangadhar não pôde recusar.

No seu caminho, olhou para trás e viu Sri Ramakrishna a observá-lo, provavelmente para se certificar de que ele ia para o lugar certo. Tomou tudo, exceto peixe e carne. Depois, foi para o quarto de Sri Ramakrishna e encontrou o Mestre de pé, com betel pronto para ele. Como não estava habituado a mastigá-lo, recusou-o. Sri Ramakrishna disse: "Por que não o aceitas? Que mal há nisso? Narendra mastiga-o cem vezes por dia, e come peixe e carne, tal como vêm. No entanto, a sua mente está sempre nas alturas — ele vê o Brama em tudo! Tu és um rapaz. Não precisas de te apoquentar em deixar o peixe ou o betel, e em viver de *Havishya* cozinhado pelas tuas próprias mãos. Apenas convive com Narendra."

Em conformidade, um dia Gangadhar foi à casa de Narendra para o ver. Ficou tão impressionado com a aparência de Narendra, com a sua conversa e comportamento franco, que se tornou muito apegado a ele. Narendra amava-o muito e costumava chamar-lhe "Ganges". Mas Gangadhar manteve a sua ortodoxia intacta. E não conseguia compreender por que razão, face ao veredito das

escrituras, Sri Ramakrishna tentava fazê-lo desconsiderá-lo. Não acreditava ele em ser ortodoxo?

Poucos dias depois disto, Gangadhar foi a Dakshineswar e encontrou o Mestre a falar com um grupo de pessoas. Uma delas queixou-se-lhe: "Senhor, rapazes jovens vêm ter consigo, e o senhor ensina-lhes a renúncia — encoraja-os a abandonar o mundo e a tornarem-se *Sadhus*. Isso é justo?" O Mestre respondeu: "Os rapazes que vêm aqui são muito puros e estão inclinados para Deus desde tenra idade. Alguns deles banham-se três vezes por dia, comem *Havishya* cozinhado pelas suas próprias mãos, são dedicados ao estudo das escrituras, e assim por diante.

Rapazes pequenos — que deveriam andar ansiosos pela vida — anseiam pela renúncia, em vez disso! Pode isto ser alcançado numa única existência? Por quantas austeridades e práticas espirituais eles devem ter passado em vidas anteriores para possuírem esta tendência devocional desde a infância! Se não falar de religião para eles, para quem mais falarei?" Gangadhar ficou animado com estas palavras, e a sua dúvida foi dissipada. Visitava Sri Ramakrishna ocasionalmente e serviu-o durante os seus últimos dias em Cossipore. Mesmo aí, manteve os seus hábitos ortodoxos e cozinhou a sua própria comida. A sua associação com o Mestre fortaleceu o seu espírito de renúncia, que mais tarde assumiu uma forma tangível.

Sarada Prasanna Mitra provinha de uma rica família de *zemindares* de Barasat, 24-Perganas. Desde a sua infância, era um grande devoto e dado ao culto. Veio sentar-se aos pés do Mestre quando estava na adolescência. À visão iluminada de Sri Ramakrishna, os conteúdos da sua mente revelavam-se em cada detalhe. Todas as fraquezas eram de imediato aparentes e logo ele aplicava o remédio específico para as mesmas.

Na casa de Sarada tinha havido sempre criados que faziam todas as tarefas servis e outros trabalhos do lar. Inconscientemente ou não, como resultado dessa educação precoce, Sarada tinha-se mantido acima das tarefas servis e trouxe

esse defeito consigo para Sri Ramakrishna. Num dia invulgarmente quente, enquanto visitava o templo em Dakshineswar, Sri Ramakrishna disse: “Por favor, traz um pouco de água e lava os meus pés.” Sarada ficou imóvel, como que pregado ao chão, com um rubor crescente a subir-lhe à testa.

Teria ouvido bem? Não havia criados para tais coisas? Aparentemente, não notando a sua confusão, o Mestre repetiu o pedido e, não obstante a presença de amigos e de outros, não houve alternativa senão ceder. Com este único ato, através da graça do Mestre, o orgulho de nascimento quebrou-se para sempre e o verdadeiro espírito de serviço altruísta, que era na realidade uma das suas qualidades inatas, foi a partir desse momento colocado à disposição do seu Mestre e de toda a humanidade.

Das suas muitas experiências maravilhosas enquanto vivia com o Mestre, uma destaca-se em marcado relevo. Um dos últimos vestígios do ego a ser removido é o sexo, com todas as suas subtis ramificações, e anos de prática e ascetismo são muitas vezes necessários para a sua erradicação. Sarada tinha determinado a sua vontade de conquistar este grande inimigo, mas a tarefa parecia infindável até que, num certo dia, enquanto se encontrava sentado em meditação, sentiu um movimento definido da graça do Mestre no seu íntimo e a ideia de sexo começou a desaparecer como uma miragem, para nunca mais voltar.

Tulasi Charan Dutt era um rapaz de dezoito anos que vivia no bairro de Bosepara, em Calcutá. No final de uma tarde, conversava perto da sua casa com alguns amigos, quando subitamente ouviu que um Paramahamsa visitava a casa de Balaram Babu. Muitas pessoas iam para o ver; Tulasi decidiu ir também para ver que tipo de Paramahamsa ele era. Quando chegou à casa de Balaram, descobriu que a sala de visitas e a varanda estavam repletas de visitantes.

Ao espreitar para dentro, viu no centro do quarto um lugar vago com uma almofada. Foi para a varanda ocidental e esperou. Poucos minutos depois, viu um homem completamente absorvido

em si mesmo, vindo a cambalear como um bêbado, de dentro da casa. Veio para onde o rapaz estava, olhou para ele por um momento e cambaleou lentamente para a sala de visitas. Tulasi ficou perplexo, ao esquecer-se até de saudar o Mestre — pois era ele. Sentiu uma espécie de sensação de formigueiro no peito, e todo o seu corpo pareceu ficar paralisado. Quando este sentimento diminuiu, correu para casa.

Poucos dias após o incidente acima referido, Tulasi foi ver o seu amigo Harinath. Este último propôs irem a Dakshineswar e ver o Paramahamsa. Quando lá chegaram, descobriram que o Mestre tinha ido para Calcutá. Por isso, não o encontraram. Entraram no seu quarto, e Tulasi começou a olhar para os quadros pendurados na parede. Entre estes, encontrava-se uma fotografia do Mestre. Quando Tulasi a viu, ficou sobressaltado. Disse imediatamente: "Já o vi antes." "Onde?", perguntou Harinath. "Na casa de Balaram Babu", respondeu Tulasi. "Então está bem", disse Hari.

Pouco tempo depois disto, Tulasi foi a Dakshineswar sozinho. Procurou Sri Ramakrishna e encontrou-o na sua própria refeição. Saudou-o e sentou-se no chão. Esta foi a primeira vez que se curvou diante do Mestre. Não lhe ocorreu que não se deve saudar um homem ocupado a comer, ou que a sua presença poderia ser uma intrusão. Mas Ramakrishna não se importou com estas quebras de etiqueta.

Após terminar a sua refeição, começou a falar com o rapaz. Estavam sozinhos. Apenas a Santa Mãe estava na varanda protegida por uma cortina, a norte. Depois de algumas perguntas pessoais preliminares, Sri Ramakrishna surpreendeu o rapaz ao dizer subitamente: "No outro dia, um rapaz semelhante a ti veio aqui e perguntou-me se eu podia agir como seu intermediário." Tulasi não compreendeu; por isso, manteve-se em silêncio. Sri Ramakrishna continuou: "Pela palavra intermediário, quero dizer aquele que promove o encontro de um indivíduo com o seu Amado Senhor. Ele é o Guru, e ele é tudo.

Não há diferença entre ele e Deus.” Tulasi compreendeu que o Mestre desejava ser encarado sob essa luz por ele. Passado um pouco, Sri Ramakrishna colocou a sua mão esquerda no ombro do rapaz como sinal de favor e caminhou lentamente em direção a Panchavati. O coração de Tulasi encheu-se de alegria quando lhe foi pedido que viesse frequentemente. Após chegar a Panchavati, Sri Ramakrishna saudou o local onde tinha praticado as suas *Sadhanas* e sentou-se num degrau inferior. Depois, num estado elevado, começou a falar com a Mãe. Tulasi conseguia captar apenas a palavra “Mãe” de vez em quando. Passado um bocado, o Mestre regressou ao seu quarto, e Tulasi despediu-se dele por aquele dia. Após a passagem do Mestre, renunciou ao mundo.

Hariprasanna Chatterjee, de Belgharia, foi apresentado a Sri Ramakrishna em 1883, enquanto andava na faculdade, pelos seus amigos Sasi e Sarat. O Mestre assumiu um interesse ativo no rapaz, que o visitou uma série de vezes. Depois, cessou de vir. Ao notar a sua ausência, o Mestre enviou-lhe um convite através de Sarat para que viesse. Sarat entregou a mensagem, mas Hariprasanna foi incapaz de a aceitar. Mais tarde, o Mestre disse a Sarat: “Bem, a Mãe diz que ele não virá agora.” Sarat não acreditou nele e continuou nos seus esforços para trazer Hariprasanna a Dakshineswar. Mas algo ou outra coisa acontecia para o impedir.

Entre outras coisas, o Mestre deu a Hariprasanna o seguinte conselho drástico: “Mesmo que uma mulher seja como ouro puro e se rebole no chão por amor a Deus, é perigoso olhar para ela.” Perguntou-lhe se estaria disposto a pedir a sua comida de porta em porta. O rapaz disse que sim. O Mestre evidentemente teve um vislumbre da vida futura deste jovem aspirante e tentou incutir na sua mente um amor pela renúncia. Hariprasanna tornou-se monge alguns anos mais tarde.

KALI E SUBODH

Kali Prasad Chandra veio ver Sri Ramakrishna pela primeira vez por volta do fim do ano de 1883. O seu pai era professor

numa escola de Calcutá. Kali era de natureza religiosa mesmo na infância precoce e costumava ler a Bhagavad Gita e outros livros sagrados. Na idade apropriada, foi enviado para a escola, onde Baburam era seu colega de turma. Na escola, destacava-se no desenho.

Um dia, o seu professor elogiou a sua habilidade e profetizou um futuro brilhante para ele. “Mas, senhor”, disse o rapaz, “não desejo destacar-me nesta arte.” “Por que não?”, perguntou o professor. Ele disse em resposta: “O pintor pinta apenas a superfície das coisas, mas o filósofo vai além da superfície, até à causa das coisas. Serei um filósofo e não um pintor.”

Para saciar a sua sede de conhecimento das *Sastras* hindus, Kali estudava dia e noite. Nada o atraía tanto quanto o estudo do Yoga. Um dia, leu que ninguém podia ser *Yogi* sem um Guru. Isto deixou-o ansioso por encontrar um verdadeiro instrutor espiritual. Um colega de turma com quem discutiu o assunto falou-lhe de Sri Ramakrishna, a quem chamou um Paramahamsa ou sábio aperfeiçoado.

Algum tempo depois, Kali resolveu ir ver Sri Ramakrishna. Partiu para Dakshineswar, mas, não conhecendo o caminho, extraviou-se, e era meio-dia quando, cansado e faminto, chegou ao seu destino. A sua desilusão não conheceu limites quando descobriu que Sri Ramakrishna tinha ido para Calcutá. Sentou-se, sem saber o que fazer. Não tinha dinheiro para comida nem para regressar a Calcutá. Felizmente, um rapaz da sua idade dirigiu-se a ele e perguntou-lhe o que queria. Era Sasi. Kali contou a sua história e expressou o seu desejo de regressar a Calcutá. Sasi convenceu-o a ficar e instalou-o confortavelmente.

Os dois rapazes passaram a tarde e a noite juntos. À noite, Sasi informou Kali de que o Mestre tinha regressado. Kali esperou ansiosamente. Em poucos minutos, ouviu passos à porta e o nome da deusa Kali proferido com emoção três vezes. Ficou profundamente impressionado. Sri Ramakrishna entrou no quarto. Quando o Mestre soube que Kali estava ali, pediu para o ver. Kali entrou no quarto a tremer com temor reverente. Para sua grande

surpresa, viu, em vez de um asceta com cabelos emaranhados e forma enfraquecida, um homem simples de meia-idade, com um semblante risonho. Sri Ramakrishna fez-lhe algumas perguntas e disse-lhe que o veria na manhã seguinte. Kali passou a noite na varanda e visitou o Mestre pela manhã. O Mestre conversou com ele por um momento e perguntou-lhe, de passagem, se tinha casado.

Kali respondeu pela negativa, mas disse que os seus pais o instavam a fazê-lo. O Mestre levou-o em seguida para a varanda norte e fê-lo sentar num catre de madeira. Tocou depois no rapaz, que sentiu imediatamente que algum poder lhe tinha sido transmitido. Foi-lhe então dito para ir para o templo de Kali e meditar por um momento, com Sri Ramakrishna a dirigir-lhe o que fazer. Quando Kali se despediu, o Mestre pediu-lhe afetuosamente que voltasse.

Sri Ramakrishna dizia muitas coisas sobre Kali. Um dia, comentou que as sobrancelhas dele lhe lembravam as de Sri Krishna. Noutra ocasião, disse que o rapaz tinha algo da personalidade de Krishna. Quando Kali lhe falou do seu grande interesse pela filosofia do Yoga, ele disse: "Eras um *Yogi* na tua vida passada. É por isso que estavas inclinado para o Yoga tão jovem."

Desde o primeiríssimo momento, Kali atraiu a atenção do Mestre pelo seu asseio e organização. O Mestre elogiava sempre os seus hábitos metódicos. Kali começou a praticar a disciplina religiosa sob a orientação de Sri Ramakrishna e, através da sua graça, foi abençoado com muitas visões maravilhosas. Um dia, numa visão, viu Sri Ramakrishna em companhia de outras Encarnações passadas do Senhor. Estas personagens divinas entravam uma a uma no corpo de Sri Ramakrishna e saíam novamente. Isto convenceu Kali de que Sri Ramakrishna era a personificação de todas as Encarnações anteriores. Kali possuía uma mente que respondia facilmente a qualquer estímulo religioso. Via sempre visões de deuses e deusas durante a meditação. Um dia, viu-os a todos fundirem-se no corpo de um

ser luminoso. Narrou esta experiência a Sri Ramakrishna, que disse: “Ah, viste o Vaikuntha!”

«De agora em diante não terás mais estas visões. Já ultrapassaste essa fase.» Isto revelou-se verdade. A partir de então, Kali, nas suas meditações, ocupava-se com as ideias de infinitude e vastidão, etc., associadas ao Brama Impessoal, em vez das formas familiares das divindades.

Kali pertencia ao círculo íntimo dos jovens devotos de Sri Ramakrishna. Visitava o Mestre de vez em quando e, por vezes, passava um ou dois dias com ele. Era pescador experiente e pescava frequentemente nos tanques do jardim do templo. Um dia apanhou três ou quatro peixes.

O Mestre, ao saber disso, perguntou-lhe porque era tão cruel. Kali respondeu prontamente: «Ora, senhor, não fiz nada de errado. Somos todos Atman, e o Atman é imortal. Portanto, não matei realmente os peixes.» «Meu querido rapaz», disse o Mestre, «estás enganado. Um homem realizado nunca pode ser cruel com os outros. É contra a sua própria natureza. Tal homem não pode dar um passo em falso — a sua mente nunca pensa de maneira errada. Reflete sobre isto.» Kali saiu do local em silêncio. Refletiu sobre as palavras durante três dias e, por fim, compreendeu a sua verdade.

Subodh era um rapaz do ensino secundário, de dezassete anos, pertencente à família de Sankar Ghosh, o fundador do templo de Kali em Thanthania, Calcutá. No entanto, importava-se mais com as coisas espirituais do que com as académicas. Um dia, o pai deu-lhe «Os Ditos de Sri Ramakrishna». Subodh ficou tão profundamente impressionado que um grande desejo surgiu na sua mente de conhecer o Mestre. Quando contou este desejo ao pai, foi-lhe prometida uma viagem a Dakshineswar mais tarde, com o resto da família. Mas Subodh não quis esperar. Passados alguns dias, com um amigo, Kshirode, partiu para Dakshineswar. Isto foi em 1885.

Subodh tinha a ideia de que um Paramahamsa era uma espécie de mágico. Nunca antes tinha falado com um Sadhu, por

isso disse ao amigo: «Deves ir primeiro e falar com o homem santo. Não sei a etiqueta adequada.» O amigo concordou. Entraram no quarto do Mestre e saudaram-no com as mãos postas. «Donde vindes?», perguntou Sri Ramakrishna. «De Calcutá», foi a resposta. Apontando para Subodh, disse: «Porque está ele tão afastado? Aproximai-vos.»

Assim encorajado, Subodh aproximou-se. «Não pertences tu à família de Sankar Ghosh?», perguntou Sri Ramakrishna. Subodh ficou surpreendido e disse: «Sim, senhor, mas como soube disso?» «Quando estava em Jhamapukur», disse Sri Ramakrishna, «visitei frequentemente a vossa casa, bem como o vosso templo de Kali em Thanthania. Foi antes do teu nascimento. Sabia que havias de vir. Pois bem, a Mãe envia aqui aqueles que alcançarão a espiritualidade. Porque estás tão afastado? Aproxima-te.» Subodh aproximou-se do Mestre, que lhe agarrou na mão e fechou os olhos durante alguns minutos. Por fim, disse: «Alcançarás a meta. A Mãe assim o diz.»

O Mestre pediu uma esteira para Subodh e para o amigo e perguntou-lhes como tinham vindo a Dakshineswar. Subodh, que por causa da bondade do Mestre tinha perdido a timidez, disse: «Ora, a pé.» «De facto!», exclamou o Mestre, «mas como soubeste de mim?» «Gostei tanto dos seus ditos», disse Subodh, «o senhor é um homem tão grande, e tão famoso! Por isso viemos vê-lo.» Estas palavras provocaram uma mudança súbita na expressão do Mestre.

Com uma humildade que surpreendeu os rapazes, disse: «Ah, sou pior que um verme. Nome e fama! Ridículo! Na verdade, sou mais insignificante que um verme.» Passado um pouco, disse a Subodh: «A Mãe envia aqui aqueles que receberão a Sua graça. Vem às terças-feiras ou aos sábados. Muitas pessoas da tua zona da cidade vêm aqui nesses dias. Vem com elas.» Subodh disse: «Não, senhor, isso não serve, porque os meus parentes descobrirão que venho aqui.

Por favor, diga-me o que tem para dizer agora.» «Não consigo recordar as minhas palavras, meu filho», disse o Mestre.

«Se eu disser que vou a certo lugar em tal dia, tenho de o fazer a todo o custo. Mesmo que não goste. A Mãe arrasta-me para lá. Eu disse essas palavras, por isso vem às terças-feiras ou aos sábados.» Subodh concordou e, vendo que já era tarde, pediu licença para ir para casa. Sri Ramakrishna ofereceu doces aos rapazes e insistiu afetuosamente para que aceitassem dinheiro para o carro ou barco. Mas eles recusaram e voltaram para Calcutá a pé.

No sábado seguinte, Subodh escapou da escola e, com o amigo, apressou-se para Dakshineswar. O quarto do Mestre estava cheio de visitantes. Espreitando pela porta, os rapazes saudaram Sri Ramakrishna, que, quando os avistou, ergueu a mão como sinal para ficarem do lado de fora. O Mestre pediu ao auditório que esperasse e saiu para os cumprimentar.

Eram cerca das 15 horas. Sri Ramakrishna pediu a Rakhal que trouxesse água do Ganges, com a qual lavou as mãos. Depois, agachou-se na escada que conduzia aos templos de Shiva, a sul do seu quarto, e mandou os rapazes sentarem-se também. Pediu a Kshirode que mostrasse a língua. Nela escreveu algo com o dedo e acariciou-lhe o corpo do umbigo à garganta. Fez o mesmo a Subodh, dizendo: «Desperta, Mãe, desperta!» Depois, mandou-os meditar.

O toque mágico despertou a espiritualidade latente de Subodh. Mal começou a meditar, todo o seu corpo tremeu, e sentiu uma corrente a subir pela coluna vertebral até ao cérebro. Uma alegria inefável dominou-o, e viu uma luz estranha dentro de si, na qual as formas de numerosos deuses e deusas surgiam. A meditação aprofundou-se, e o rapaz perdeu toda a noção da identidade pessoal. Quando recuperou a consciência, encontrou o Mestre a acariciar-lhe o corpo na ordem inversa, da cabeça para baixo. «Bem», disse ele, «tens praticado meditação em casa?» «Muito pouco, senhor», respondeu o rapaz, «costumava pensar um pouco nos deuses e deusas conforme ouvia falar deles pela minha mãe.» «Ah», disse o Mestre, «foi por isso que conseguiste concentrar-te tão facilmente.» Depois perguntou a Kshirode se

tinha visto ou sentido alguma coisa. O rapaz respondendo negativamente, ele disse: «Está bem, mais tarde conseguirás.»

Sri Ramakrishna mandou-os então ir ao Panchavati e meditar, enquanto voltou para o seu quarto. Quando foram despedir-se dele, receberam doces, e também foram instados a aceitar dinheiro para o carro, o que recusaram. Sri Ramakrishna disse a Subodh: «Há um professor que mora perto de ti, chamado Mahendra. Ele vem cá frequentemente e é um bom homem. Vai vê-lo de vez em quando e vem cá também.» Subodh não respondeu, pois não tinha a certeza se seria capaz de o fazer.

Depois de conhecer Sri Ramakrishna, Subodh via frequentemente uma luz entre as sobrancelhas. Quando contou à mãe, ela disse: «Tens sorte, mas não o divulges aos outros. Perderás se o fizeres.» «Que mal me pode fazer, mãe?», disse o rapaz. «Não quero esta luz, mas Aquilo de onde ela vem.»

Subodh perdeu todo o gosto pelo estudo. Gostava de estar sempre com Sri Ramakrishna e de passar o tempo em meditação, oração ou repetindo o nome de Deus. Por sugestão do Mestre, Mahendra convidava frequentemente Subodh para o ver. Mas o rapaz não ia, achando inútil esperar instrução espiritual de um chefe de família. Na vez seguinte em que foi a Dakshineswar, o Mestre apresentou-o a Sasi e Sarat e também lhe disse para ir ver Naren. Perguntado porque não visitava Mahendra, Subodh disse: «Senhor, ele vive com a mulher e os filhos. O que tenho eu a ver com ele?» Sri Ramakrishna riu-se destas palavras tão indicativas de renúncia e disse: «Ele falará apenas de mim.

Não hesites em ir ter com ele.» Subodh concordou. Passados alguns dias, foi a casa de Mahendra e foi calorosamente recebido. Quando lhe perguntaram a razão de não ter vindo antes, Subodh disse francamente: «Não gostei de vir porque o senhor é chefe de família. Mas o Mestre disse-me que o senhor me falaria apenas dele. Por isso vim.» «É bem verdade», disse Mahendra, «sou uma pessoa insignificante.

Mas vivo ao lado de um oceano, e guardo comigo alguns cântaros de água do mar. Quando vem um visitante, entretê-lo

com isso. De que mais poderia falar senão das suas palavras?» Depois de algumas horas agradáveis, o rapaz despediu-se. Assim Sri Ramakrishna selou o vínculo de amizade e amor entre os seus discípulos.

ENCONTRO COM O PUNDIT SASADHAR TARKACHUDAMANI

Em 25 de junho, o Mestre veio com Hazra à casa do seu devoto Ishan, em Calcutá, e passou lá a manhã, com Narendra e Rakhal. À tarde, foi visitar o Pundit Sasadhar Tarkachudamani, na casa de um dos seus admiradores, na College Street. O Pundit era um pregador hindu de grande eloquência e erudição, cuja interpretação «científica» da religião hindu era amplamente conhecida. A caminho, entrou em Bhava-Samadhi. Foi calorosamente recebido, e o Pundit saudou-o com grande humildade e reverência. O Mestre sentou-se, tal como os devotos. Depois, disse ao Pundit: «Bem, sobre o que é que discursa?»

Sasadhar: Senhor, procuro expor as escrituras.

Sri Ramakrishna: Neste Kali Yuga, a devoção ensinada por Narada é a melhor. Quase não há tempo para cumprir todos os rituais prescritos nos Sastras. Hoje em dia, para a febre, é preciso receitar um xarope para a febre, não os antigos remédios indígenas. Enquanto se espera que os velhos métodos façam efeito, o doente morre. Por isso, se ensinais rituais, deveis dizer às pessoas para adotarem apenas o que se adequa às suas necessidades.

«As vossas palestras têm muito pouca influência sobre as pessoas mundanas. Brevemente o descobrireis. O bezerro recém-nascido não consegue manter-se nas patas. Não conseguis distinguir um devoto de um homem do mundo. Mas isso não é culpa vossa. Numa tempestade, é difícil distinguir uma árvore de outra. Antes da realização, ninguém pode abandonar totalmente os rituais.

A flor cai assim que aparece o fruto. A devoção é o fruto, e os rituais são a flor. O Sandhya funde-se no Gayatri, o Gayatri no

Om, e o Om no Samadhi — como o som de um sino a desvanecer-se gradualmente.»

Ao aludir ao Samadhi, o Mestre entrou nesse estado. Ao recuperar a consciência, disse, dirigindo-se à Mãe: «Mãe, no outro dia mostraste-me Vidyasagar. Queria ver outro sábio, e trouxeste-me aqui.» Voltando-se para Sasadhar, disse: «Meu rapaz, tenta tornar-te mais forte. Pratica um pouco mais.

Assumiste o papel de professor demasiado cedo. Mas a tua intenção é boa. Queres ajudar os outros. Quando ouvi falar de ti pela primeira vez», continuou, fazendo uma reverência ao Pundit, «perguntei se eras apenas um homem de saber ou alguém com discriminação e renúncia. Um sábio sem discriminação é uma nulidade. Não há mal em desempenhar o papel de professor se se tem autoridade de Deus. Esse é invencível.

Um raio de luz da deusa do saber basta para ofuscar os intelectos mais brilhantes. As mariposas vêm por si próprias para uma lâmpada acesa. Vêm aos milhares — ninguém as chama. Da mesma forma, o homem que recebeu o comando divino não precisa de convidar para as suas palestras. O íman não convida um pedaço de ferro a vir. Atrai automaticamente. Portanto, pergunto-te se tens o comando.»

Hazra: Ele deve tê-lo. Não é assim, Punditji?

O Pundit: Não, senhor, não posso gabar-me de tal comando.

Sri Ramakrishna: De que valem as palestras de quem não recebeu a autoridade do Senhor?

Exortou o Pundit a mergulhar profundamente na devoção. Disse: «Infinitos são os caminhos que conduzem ao oceano da imortalidade. Tens de mergulhar de alguma forma. Supõe que há uma piscina de néctar, e que te tornarás imortal se provares umas gotas. Por tua vontade, podes saltar para a piscina, ou descer os degraus e provar o néctar calmamente, ou alguém pode empurrar-te — o resultado é o mesmo. Serás imortal se provares o néctar. Há caminhos infinitos. Podes seguir qualquer um deles — o conhecimento, a devoção ou a ação. Se fores sincero, realizá-lo-ás.

«Se realizares a Mãe do universo, obterás tanto o conhecimento como a devoção.»

O Pundit perguntou até onde tinha ido em peregrinação.

Sri Ramakrishna: «Visitei alguns lugares sagrados. (Sorrindo) Hazra foi muito longe e subiu bem alto. Foi a Hrishikesh. Eu não fui tão longe nem subi tão alto. As pipas e os abutres também voam muito alto, mas estão sempre à procura de carniça lá em baixo. A luxúria e a riqueza são essa carniça. Se puderes alcançar a devoção sentado aqui, para que servem os lugares sagrados?

«E sabe uma coisa. Por muito que instruas um homem, não haverá efeito até chegar o momento certo. A criança, ao deitar-se, disse à mãe: "Acorda-me, mãe, quando tiver fome." A mãe respondeu: "Não tenhas medo, meu filho, a tua fome acordar-te-á." Da mesma forma, o anseio intenso por Deus só surge no momento certo.

«Há três classes de médicos. Há os que apalpam o pulso do doente, receitam o remédio e vão embora depois de lhe dizerem para o tomar. Esses são a classe mais baixa. Da mesma forma, há alguns professores que instruem um discípulo, mas não se preocupam em ver se as instruções são cumpridas. Há outra classe de médicos que receitam o remédio ao doente e lhe pedem para o tomar. Se ele não quiser, argumentam com ele. Essa é a segunda classe. Da mesma forma, há professores de segunda classe, que instruem o discípulo e o exortam a agir de acordo com o seu conselho.

Por fim, há a classe mais alta de médicos que, vendo que o doente não atende à persuasão suave, usam a força para o fazer engolir o remédio. Da mesma forma, há os professores mais elevados, que até usam a força para colocar os seus discípulos no caminho da retidão.»

O Pundit: Senhor, se há professores de primeira classe, porque disse então que não haveria efeito até ao momento certo?

Sri Ramakrishna: «Mas suponha que o remédio não chega ao estômago, mas escorre pela boca; o que fará o médico nesse caso? Mesmo um médico de primeira classe é impotente aí.

«Deveis adaptar a instrução às necessidades do discípulo. Isso não fazeis. Se um rapaz vem ter comigo, pergunto-lhe primeiro pelos seus parentes. Suponha que não tem pai, ou que está sobrecarregado com as dívidas do pai; como pode dedicar a sua mente a Deus? Estás a ouvir?»

O Pundit: Sim, senhor, estou todo ouvidos.

Sri Ramakrishna: «Um dia, vieram ao templo de Dakshineswar vários soldados sikhs. Encontrei-os diante do templo de Kali. Um deles disse: "Deus é misericordioso." Eu disse: "De facto! Como sabes isso?" Eles disseram: "Ora, senhor, Ele alimenta-nos e cuida tanto de nós." Eu disse: "É motivo de admiração? Não é Ele o pai de todos nós? Se um pai não cuida dos seus filhos, quem mais o fará? Serão os estranhos a fazê-lo?"»

Narendra: Não deveríamos então chamar-Lhe misericordioso?

Sri Ramakrishna: «Certamente que podeis. O que quero dizer é que Deus é o nosso parente mais íntimo, não um estranho.»

O Pundit: Que palavras de valor inestimável!

O Mestre estava com sede. Trouxeram um copo de água, que, no entanto, ele não quis beber. Pediu outro. Soube-se mais tarde que um homem impuro tinha tocado no primeiro copo.

Sri Ramakrishna, querendo despedir-se, disse, a título de elogio a Sasadhar: «É um grande dia para mim — hoje vi o novo crescente. Usei a expressão de propósito. Sita disse a Ravana: "Tu és a lua cheia, e o meu Ramachandra é o novo crescente." Ravana não conseguiu ler nas entrelinhas, por isso ficou muito contente. Sita quis apenas dizer que Ravana atingira o zénite do seu poder; como a lua cheia, tinha de minguar. Enquanto Ramachandra era o novo crescente — floresceria dia após dia.»

Em 30 de junho, o Pundit, com o seu irmão mais velho, visitou Sri Ramakrishna em Dakshineswar. O Mestre ficava frequentemente nervoso como uma criança quando uma pessoa célebre o vinha ver. Nessas ocasiões, tinha consciência da sua falta de instrução, bem como receio dos transe em que perdia o controlo do corpo. Pediu a alguns devotos que estivessem

presentes durante a entrevista, para que pudessem entreter o Pundit em conversa e também cuidar dele (do Mestre). Mas, como era seu costume, esqueceu tudo isso quando Sasadhar chegou. Olhou para o Pundit durante algum tempo e caiu num estado semiconsciente.

«És um sábio», disse ele, «diz-me alguma coisa.» Sasadhar respondeu humildemente: «O meu coração está seco com demasiada filosofia. Vim ter consigo para um pouco de devoção. Por favor, deixe-me ouvi-lo.» Sri Ramakrishna disse: «Ah, que hei de dizer? Ninguém pode descrever a verdadeira natureza de Brama. Primeiro manifestou-Se como um princípio duplo — metade homem e metade mulher — apenas para mostrar que era tanto Purusha como Prakriti.

Descendo um degrau, separou-Se em Purusha e Prakriti como entidades distintas.» Animou-se enquanto falava, cantou canção após canção sobre a Mãe Divina e arrebatou o Pundit. Gradualmente, as suas emoções abrandaram, e exortou Sasadhar a praticar a devoção com intenso anseio e oração. Disse: «Ouvir é melhor do que ler. Compreende-se melhor a verdade ouvindo-a dos lábios do Guru ou de um monge verdadeiro. Não é preciso prestar atenção aos pormenores sem importância nas escrituras. Ver, de novo, é melhor do que ouvir.

Refiro-me à realização efetiva. Isso dissipa toda a dúvida. Os Sastras ensinam muitas coisas. Mas, a menos que se realize Deus, a menos que se tenha devoção aos Seus pés de lótus, a menos que a mente se purifique, tudo é inútil. O almanaque bengali faz uma previsão da chuva anual, mas se espremeres o livro, não obténs uma gota de água.»

No dia seguinte, o Mestre falou assim da sua entrevista com o Pundit a um devoto: «Não estando totalmente livre do meu nervosismo, continuei a olhar para ele e a ouvir as suas palavras. De repente, a Mãe revelou-me o eu interior de Sasadhar. Vi que a erudição das escrituras era inútil sem discriminação e renúncia. Então, senti uma corrente a dirigir-se para a minha cabeça, e o último vestígio de medo desapareceu da minha mente.

Fui arrancado das minhas amarras e estava morto para o mundo exterior. Desta boca saiu um torrente incessante de palavras. Quanto mais falava, mais sentia que uma nova reserva vinha de trás, como em Kamarpukur, quando um homem mede grãos, uma nova reserva é empurrada para a frente. Estava totalmente inconsciente do que dizia. Quando recuperei um pouco de consciência, encontrei o Pundit em lágrimas, completamente dominado. Ocasionalmente, tenho esta experiência.»

Três dias depois, o Pundit visitou-o novamente na casa de Balaram Bose. O Mestre disse: «Há duas provas do conhecimento. Uma é a natureza calma, e a outra é a ausência de egoísmo. Tu tens ambas.»

O Pundit: Que tipo de devoção é necessária para alcançar o Senhor?

Sri Ramakrishna: «A devoção é de três tipos, conforme o temperamento. Tem um aspeto Sattvika, um aspeto Rajasika e um aspeto Tamasika.

«O aspeto Sattvika da devoção, só o Senhor o conhece. Tal devoto ama o segredo. Talvez medite dentro de um cortinado de mosquiteiro, para que ninguém o saiba. Assim como o rubor do amanhecer anuncia o sol nascente, um homem com Sattva perfeito está próximo da realização.

«Quem tem o aspeto Rajasika da devoção ama a ostentação — quer dar a conhecer a sua devoção. Adora em estilo real, vai para a sua sala de adoração vestido de seda, e usa um colar de Rudraksha, com contas de pérola ou ouro.

«O aspeto Tamasika da devoção é como um bando de salteadores a invadir uma casa. Podem atacar com uma máquina de descascar arroz para servir de aríete, e desafiar até um pelotão de oito subinspetores de polícia. “Matar e pilhar” é o seu grito de guerra. Um devoto deste tipo grita loucamente: “Hara, Hara, Hara, Vyom, Vyom! Vitória a Kali!” Tem uma força de vontade maravilhosa e uma fé ardente!

«Os seguidores de Sakti têm uma fé assim. Dizem: “Uma vez que pronunciei o nome de Kali, ou Durga, ou Rama, que pecado posso cometer?”

«Os Vaishnavas têm ideias muito negativas — estão sempre a encolher-se e a menosprezar-se. Estão constantemente a contar contas (virando-se para o pai de Balaram, que estava presente) e andam a suplicar a Deus: “Ó Krishna, tem piedade de mim — sou uma criatura desprezível, um pecador.”

«É preciso ter a fé tremenda de que a pronúncia do Seu nome queima todos os pecados. Que absurdo repetir o nome do Senhor dia e noite, e falar de pecado ao mesmo tempo!»

Inflamado de entusiasmo, Sri Ramakrishna cantou: «Mãe, se eu morrer com o Teu nome nos lábios, não podes abandonar-me na minha hora de perigo!»

O Pundit chorava. As palavras de Sri Ramakrishna, aliadas à sua vida de renúncia ardente, tocaram uma corda sensível no seu coração. Era o dia da Festa do Carro. Houve cantos e danças, nas quais Sri Ramakrishna participou. No final do programa, o Mestre disse: «Este tipo de coisa representa a alegria da prática espiritual. A alegria das pessoas mundanas deriva dos objetos dos sentidos, do gozo da luxúria e da riqueza. Quando, no decurso da prática espiritual, o Senhor Se digna manifestar-Se, então vem o gozo supremo — a bem-aventurança de Brama.»

O Pundit (humildemente): Que tipo de anseio é necessário para provocar este estado feliz da mente?

Sri Ramakrishna: Este anseio surge quando o coração luta sinceramente pela realização. O professor disse ao discípulo: “Vem, vou mostrar-te que intensidade de anseio é preciso ter para realizar Deus.” Levou o discípulo a um tanque e mergulhou-o debaixo de água. Passado algum tempo, levantou-o e perguntou ao discípulo como se tinha sentido. O discípulo respondeu: “Ora, estava a ofegar por ar!”»

O Pundit: Está perfeitamente claro agora.

Sri Ramakrishna: O amor a Deus é o principal. Precisamos de devoção.

ENCONTRO COM BANKIM CHANDRA CHATTERJEE

Bankim Chandra Chatterjee, o grande romancista bengali, conheceu Sri Ramakrishna uma única vez, na casa de Adhar Chandra Sen, em dezembro de 1884. Adhar tinha convidado vários dos seus colegas oficiais, dos quais Bankim era um, para conhecerem o Mestre. Adhar apresentou Bankim assim: «Senhor, ele é um grande sábio e escreveu muitos livros. Veio vê-lo. Chama-se Bankim Babu.»

Sri Ramakrishna (sorrindo): Ah, Bankim! Bem, cuja influência te dobrou?

Bankim (sorrindo): Ah, senhor, o pontapé das botas britânicas.

Sri Ramakrishna: — Não, não, não quero dizer isso. Alguns dizem que Sri Krishna se curvou por amor — amor por *Sri Radha*. Isso tornou o seu corpo maleável e deu-lhe a sua pose característica. Sabes por que razão Ele parece tão escuro e pequeno — como um homem? Enquanto Deus está à distância, parece escuro, tal como a água do oceano parece azul de longe. Mas já não é assim quando te aproximas ou recolhes um pouco dela na tua mão. Então, ela é transparente.

O sol parece muito pequeno porque está muito longe; de perto seria imenso. Deus não é nem escuro nem pequeno, se alguém conhecer a Sua verdadeira natureza. Mas é algo muito, muito distante — não se pode realizar isso exceto em *Samadhi*. Enquanto houver a distinção entre "eu" e "tu", o nome e a forma devem permanecer. É tudo o Seu jogo. Enquanto estivermos obcecados com a ideia de separação, Deus revela-Se em formas.

Sri Krishna é o *Purusha* — o Princípio Masculino, e Radha é a sua *Sakti* — o Poder Primordial. Qual é o significado das formas unidas de Krishna e Radha? Significa que *Purusha* e *Prakriti* são idênticos — não há diferença entre eles. *Purusha* não pode existir sem *Prakriti*, nem *Prakriti* pode existir sem *Purusha*.

Um implica o outro. Portanto, encontras nas formas unidas de Krishna e Radha que os seus olhos estão fixos um no outro.

A tez de Radha é brilhante como o relâmpago; e o traje de Krishna é amarelo. A tez de Sri Krishna é azul como uma nuvem; o manto de Radha é azul, e ela usa uma safira. Ela tem tornozeleiras ressonantes, e Krishna usa as mesmas. Isto é, a união entre *Purusha* e *Prakriti* é tanto interna quanto externa.

Quando Sri Ramakrishna terminou, Bankim começou a falar em inglês com Adhar e os seus amigos.

Sri Ramakrishna (sorrindo): — Bem, o que estais a dizer?

Adhar: — Senhor, estamos a discutir o que acabou de dizer.

Sri Ramakrishna: — Lembrei-me de uma história divertida. Um barbeiro fazia a barba a um cavalheiro. O seu cliente disse: "Que se lixe!", quando o barbeiro o cortou. O barbeiro não sabia o significado da palavra. Pousou a navalha, arregaçou as mangas — era inverno — e exigiu, num tom zangado, saber o que aquilo significava. O cavalheiro disse: "Não se preocupe. Continue com o seu trabalho. Não significa nada. Apenas quero que me faça a barba com um pouco mais de cuidado." Mas o barbeiro não o deixou escapar tão facilmente. Disse: "Se a palavra significa algo de bom, aceito-a para mim, para o meu pai e para toda a minha ascendência; se tem um mau significado, que vá — com todas as suas reduplicações — para si, para o seu pai e para toda a sua ascendência!"

Houve fortes gargalhadas com isto. Depois, Bankim disse ao Mestre: — Senhor, por que não prega?

Sri Ramakrishna (sorrindo): — Fala de pregar! O ato de pregar brota do egotismo. O homem não passa de uma criatura insignificante. Pregar está reservado a Deus, que criou o sol e a lua e trouxe este universo à existência. É fácil pregar? Ninguém o pode fazer a menos que Deus Se revele e lhe dê a missão. Mas pode haver uma paródia disto.

Podes pregar sem essa missão; as pessoas escutarão por alguns dias, mas esquecerão tudo o que disseste. Será uma excitação como qualquer outra. Poderão dizer: "Ah, como ele fala

bem!” Mas, quando parares, verás que nenhuma impressão foi causada.

Enquanto houver fogo sob a panela de leite, o leite chiará e subirá. Mas, assim que removes o fogo, o leite desce ao seu nível anterior.

Antes de mais, é preciso desenvolver os próprios poderes através da prática espiritual. Caso contrário, é como convidar um amigo para partilhar a nossa cama quando ela mal chega para nós próprios.

Todos escutavam com atenção.

Sri Ramakrishna (para Bankim): — É um grande erudito e escreveu muitos livros. O que pensa ser o dever do homem? O que levará ele consigo após a morte? Com certeza acredita numa vida futura!

Bankim: — Vida futura! O que é isso?

Sri Ramakrishna: — Após a realização, não há mais passagens para outros planos, não há mais renascimento. Mas, até que se atinja o conhecimento, até que se realize Deus, é necessário regressar repetidamente a este mundo. Não há escapatória. Para uma pessoa assim, existe o próximo mundo. Claro que, quando um homem atinge o conhecimento, realiza Deus, fica libertado e já não tem de regressar.

O arroz com casca cozido, se for semeado, não brota. Um homem que é cozido, isto é, aperfeiçoado,[1] no fogo do conhecimento, já não participa no jogo da criação. É impossível para ele ser deste mundo, pois não está apegado à luxúria e à riqueza. Qual é a utilidade de semear arroz cozido?

Bankim (sorrindo): — Senhor, também há muitas plantas sem valor que não dão qualquer fruto.

Sri Ramakrishna: — Mas um *Jnani* não deve ser comparado a essas. Aquele que realizou Deus adquiriu não frutos como a cabaça ou a abóbora, mas o fruto da imortalidade. Nunca mais nasce. Não tem de ir para lado nenhum, nem para este mundo, nem para a esfera solar, nem para a lunar.

Todas as analogias se baseiam numa semelhança parcial. É um erudito e estudou lógica. A expressão "terrível como um tigre" não significa que o objeto da comparação seja um tigre real. (Risos).

Disse a mesma coisa a Keshab. Ele perguntou-me se havia uma vida futura. Respondi indiretamente, dizendo: "Viu o oleiro a secar os seus vasos ao sol. Alguns estão cozidos, outros estão por cozer. Por vezes, o gado pisa-os e parte-os. Os cozidos são deitados fora por já não terem utilidade. Mas os fragmentos por cozer são recolhidos, esmagados com um pouco de água e colocados novamente na roda para fazer vasos novos."

Depois acrescentei: "Enquanto estiver por cozer, o Oleiro não o deixará ir. Até que tenha atingido o conhecimento — realizado Deus, Ele colocá-lo-á novamente na roda. Ou seja, tem de nascer repetidamente, e não há escapatória. Quando realiza Deus, fica livre, e o Oleiro deita-o fora, pois já não tem qualquer utilidade nesta criação de *Maya*. Um *Jnani* transcendeu *Maya*. O que tem ele a ver com isso?"

Mas Ele mantém alguns neste mundo de *Maya*, para ensinar a humanidade. Um *Jnani* vive no mundo, assumindo o aspeto superior de *Maya* a fim de ensinar os homens. É Deus quem o mantém ali para fazer o Seu trabalho. Sukadeva e Sankaracharya são casos que o demonstram.

(Para Bankim) — Qual é a sua ideia sobre os deveres do homem?

Bankim (sorrindo): — Eu diria comer, dormir e desfrutar da carne.

Sri Ramakrishna (com desgosto): — Ora, é muito atrevido. Só fala daquilo que faz sempre. Os eructos muitas vezes cheiram ao que se come — rábano ou coco verde, por exemplo. Corre constantemente atrás da luxúria e da riqueza, por isso apenas palavras sobre isso lhe saem dos lábios. O foco constante em objetos dos sentidos torna a pessoa calculista — insincera. Mas a meditação em Deus torna a pessoa direta.

De que servirá a simples erudição sem meditação, discernimento e renúncia? Um erudito que estudou muito pode ser capaz de citar versos com facilidade ou de escrever livros, mas se está apegado à luxúria e considera a riqueza e a fama como a essência da vida, não é nada. Não é erudito aquele cuja mente não está voltada para Deus.

Alguns pensam: "Estas pessoas estão constantemente ocupadas com Deus, estão loucas, perderam o juízo! Mas como nós somos espertos! Como desfrutamos da riqueza, da fama e dos prazeres sensoriais!" Bem, o corvo também pensa que é muito esperto, mas desde de manhã cedo que procura por imundície. Veja como é inquieto, movendo-se constantemente!

Houve um silêncio absoluto. Sri Ramakrishna continuou:

— Aqueles que meditam em Deus, que rezam dia e noite para serem libertados do desejo de luxúria e riqueza, para quem os prazeres sensoriais têm um sabor amargo, e que nada conseguem saborear exceto a bem-aventurança dos pés de lótus de Deus — são da natureza dos cisnes. Se colocar uma mistura de leite e água diante deles, beberão apenas o leite — a água, deixam-na. Também deve ter reparado no seu andar. Caminham em linha reta. O mesmo acontece com os verdadeiros devotos — marcham apenas em direção a Deus. Não querem mais nada; não têm gosto por mais nada. (Para Bankim) Por favor, não se ofenda com as minhas palavras.

Bankim: — Senhor, não sou feito apenas para palavras mansas.

Sri Ramakrishna: — A luxúria e a riqueza constituem o mundo. São *Maya*. Impedem-nos de ver ou de pensar em Deus. Após o nascimento de um ou dois filhos, deve-se viver com a esposa como com uma irmã, e falar apenas de Deus. Então, ambos serão atraídos para Deus, e a esposa tornar-se-á uma ajuda no caminho da espiritualidade. Sem renunciar ao instinto animal, ninguém pode saborear a bem-aventurança divina. Deve-se rezar sinceramente a Deus para ser libertado dele. A seguir vem a riqueza. Eu costumava sentar-me na margem do Gange, abaixo da

Panchavati, e afirmar que o dinheiro era terra e a terra dinheiro. Depois, atirei ambos ao Gange.

Bankim: — De facto! O dinheiro é a mesma coisa que a terra? Mesmo com quatro moedas pode-se ajudar uma pessoa pobre. Se o dinheiro não é melhor do que a terra, quer dizer com isso que a caridade e a filantropia não são nada?

Sri Ramakrishna: — Caridade! Filantropia! Atreve-se a dizer que tem o poder de fazer o bem aos outros? Bem, o homem é tão dado a gabar-se, mas se, enquanto dorme, alguém lhe deitar água da valeta na boca, ele não dá por isso. Onde estaria então o seu orgulho?

Um *Sannyasin* deve renunciar à luxúria e à riqueza para sempre. O que uma vez foi cuspido, está cuspido de vez. Quando um *Sannyasin* dá a outro, sabe que não é ele próprio quem o faz. A Deus pertence exclusivamente o direito de praticar a caridade, e nenhum homem o pode reivindicar. A caridade e tudo o mais dependem da Sua vontade. Um verdadeiro *Sannyasin* renuncia tanto mental como fisicamente. Aquele que não come melaço não o deve guardar por perto. Se o fizer e aconselhar os outros a não o comerem, não será escutado.

Um chefe de família, logicamente, necessita de dinheiro; pois tem esposa e filhos. Para os sustentar, deve poupar. Duas classes de seres nunca se previnem para o futuro — o monge e o pássaro. E, no entanto, o pássaro, quando tem filhotes para alimentar, deve acumular provisões.

Um devoto genuíno, embora esteja no mundo, realiza os seus deveres sem apego. Entrega a Deus os frutos do seu trabalho — o ganho ou a perda, o bem-estar ou a aflição, tudo. Dia e noite reza a Deus por devoção e apenas por isso. A isto chama-se trabalho sem motivo. Um *Sannyasin* também deve trabalhar com o mesmo espírito, mas não tem tantos deveres como o chefe de família.

Se um chefe de família pratica a caridade com um espírito de desapego, fá-lo para seu próprio bem e não para o bem dos outros. Desse modo, serve Deus que reside em todos os seres, e o serviço a Deus significa a ajuda a si mesmo. Se alguém serve Deus

manifestado através de todos os seres — não apenas através dos homens, mas também através das aves e dos animais — sem se importar com o nome e a fama, ou com um céu após a morte, não esperando retorno daqueles a quem serve, trabalha realmente sem motivo, e isso beneficia-o apenas a ele. Isto é *Karma Yoga* — um dos caminhos para realizar Deus. Mas é muito difícil.

Por isso digo, aquele que faz este tipo de trabalho desapegado — que é bondoso e caridoso — beneficia apenas a si mesmo. É Deus quem ajuda os outros. O amor que vê nos pais é o amor d'Ele: deu-lho para a preservação das Suas criaturas. A compaixão que nota nos generosos é a compaixão d'Ele: colocou-a ali para salvar os indefesos. Quer seja caridoso ou não, Ele faz com que o Seu trabalho seja realizado de uma forma ou de outra. O Seu trabalho nunca para.

Portanto, o dever do homem é refugiar-se n'Ele e rezar-Lhe fervorosamente pela realização. Aquele que realizou Deus não deseja mais nada. Aquele que provou o xarope de rebuçado não consegue saborear melaço.

Aqueles que querem construir hospitais e dispensários e se satisfazem com isso, também são boas pessoas, mas são de uma categoria diferente. O verdadeiro devoto não procura nada a não ser Deus.

Se tem demasiado trabalho por fazer, reza fervorosamente a Deus: "Senhor, sê gracioso para comigo e diminui o meu trabalho. Caso contrário, a minha mente, que deveria pensar exclusivamente em Ti, fica dispersa — pensa em objetos dos sentidos." Os devotos genuínos formam uma classe por si mesmos. A pura devoção é impossível sem a convicção de que apenas Deus é real e tudo o mais é irreal — que o mundo é transitório, enquanto o seu Criador é o único real e eterno.

Algumas pessoas pensam que Deus não pode ser realizado sem a ajuda de livros e escrituras — que se deve, antes de mais, aprender sobre este mundo e os seus habitantes — que se deve estudar ciência. Defendem que não se pode realizar Deus sem

compreender a Sua criação. Qual é a sua opinião? O que vem primeiro, a ciência ou Deus?

Bankim: — Deve-se, antes de mais, saber algo sobre o mundo. Como se pode saber de Deus sem um conhecimento desse género? Deve-se primeiro aprender com os livros.

Sri Ramakrishna: — Esse é o clamor de todos vós! Deus vem primeiro, e depois a Sua criação. Após realizá-L'O, podes saber tudo o mais, se for necessário.

Primeiro realiza Deus, depois pensa na criação ou noutras coisas. A Valmiki foi dado o nome de Rama para repetir como *Mantra*, mas foi-lhe dito para o repetir de forma inversa — como Mara. A primeira sílaba significa Deus, e a última, o mundo. Primeiro Deus, e depois o mundo. Se conheces o um, conheces tudo.

Se colocares cinquenta zeros depois do um, isso faz uma grande soma. Omite o um, e os zeros não são nada. É o um que faz os muitos. Primeiro o um, depois os muitos. Primeiro vem Deus, depois as Suas criaturas e o mundo.

O teu trabalho é realizar Deus. Por que te preocupas tanto com o mundo, a criação, a ciência e tudo isso? Supõe que desejas comer mangas. O que ganharias em reunir estatísticas sobre o pomar de mangueiras?

Bankim: — Onde posso arranjar as mangas?

Sri Ramakrishna: — Reza a Deus fervorosamente. Se fores sincero, Ele certamente responderá. Talvez Ele te consiga a vantagem de uma companhia sagrada. Ou alguém te poderá dar instruções sobre como realizar Deus.

Bankim: — Refere-se ao *Guru*? Ele guarda as melhores mangas para si e dá-me apenas as más! (Risos).

Sri Ramakrishna: — Por que pensas assim? Ele sabe o que se adequaria a um temperamento específico. Se a mãe prepara uma dieta leve para um filho com o estômago fraco, isso não significa que o ame menos.

É preciso ter fé nas palavras do *Guru*. O *Guru* é Deus, e Deus é o *Guru*. É por ter uma fé infantil nas suas palavras que se pode

realizar Deus, não através da esperteza ou de uma mente calculista. É preciso ter fé e sinceridade, e nenhuma hipocrisia. Para o sincero, Ele está muito perto, mas está muito, muito longe do hipócrita.

Queremos o anseio da criança! Qualquer que seja o caminho que sigas, quer sejas hindu, muçulmano, cristão, *Sakta*, *Vaishnava* ou *Brahmo*, esse é o ponto vital. Deus conhece os segredos dos nossos corações, e importa pouco se um caminho errado é tomado — apenas deves ter sinceridade. Ele Próprio te conduzirá ao caminho certo.

Há alguns defeitos em cada caminho. Cada um pensa que o seu relógio está certo, mas, na realidade, nenhum mostra a hora exata. Mas isso não prejudica o trabalho de ninguém. Através do anseio, ganha-se a associação com os *Sadhus*, e pode-se acertar o relógio por esse padrão.

[1] Aqui há um jogo com a palavra *Siddha*, que tem ambos os significados.

Trailokya Nath Sanyal, que era um dos convidados, começou a cantar. Pouco depois, o Mestre levantou-se e ficou absorto em *Samadhi*. Todos se colocaram em redor dele, num círculo. Bankim aproximou-se mais e observou-o com atenção. Nunca antes tinha visto ninguém em *Samadhi*. Passados alguns minutos, o Mestre recuperou a consciência parcial e deu início a uma dança extática. Terminado o cântico, tocou com a cabeça no chão, dizendo: "*Bhagavata, Bhakta, Bhagavan*. Saudação aos *Jnanis, Yogis, Bhaktas* e a todos!" Sentou-se novamente, e todos se sentaram em redor dele.

Bankim (para Sri Ramakrishna): — Senhor, como se pode obter devoção?

Sri Ramakrishna: — Já lhe disse — é preciso ter esse anseio. Se alguém chorar por Ele com o anseio intenso de uma criança pela sua mãe, pode realizá-L'O.

O que ganhará em nadar à superfície? Deve mergulhar profundamente. As joias encontram-se nas profundezas da água, por isso, de que serve ficar à superfície? Uma joia real tem peso

— não flutua; vai para o fundo. Se quer colher a joia certa, deve mergulhar profundamente.

Bankim: — Senhor, o que podemos fazer? Estamos atados a uma cortiça que nos impede de mergulhar.

Sri Ramakrishna: — Bem, todos os pecados desaparecem se alguém se lembrar d'Ele. O Seu nome quebra os grilhões da morte. Deve mergulhar profundamente, caso contrário não obterá a joia.

Depois, cantou a sua canção favorita, "Mergulha profundamente, mergulha profundamente, ó minha mente!", à qual todos escutaram encantados. Bankim inclinou-se diante do Mestre, com a intenção de se despedir.

Bankim: — Senhor, não sou realmente tão tolo quanto pensa. Tenho um pedido a fazer. Conceder-me-ia a graça de honrar a minha cabana com a sua presença?

Sri Ramakrishna: — Está bem, se o Senhor assim o desejar.

Bankim: — Ali também encontrará devotos.

Sri Ramakrishna (sorrindo): — Bem, que espécie de devotos são eles?

Em seguida, contou uma história divertida sobre uns ourives vigaristas que se faziam passar por devotos, a qual foi muito apreciada.

Sri Ramakrishna não se esqueceu de Bankim, embora nunca mais se tivessem encontrado. E escutou trechos de um dos seus romances famosos, *Devi Chaudhurani*, e fez comentários apropriados sobre o mesmo. Também enviou Narendra e mais um ou dois dos seus brilhantes discípulos para se encontrarem e conversarem com ele.

Outros Devotos, Velhos e Jovens

Em relação aos restantes devotos, apenas podemos fazer uma referência de passagem, por falta de informação detalhada. Ishan Chandra Mukherjee de Thanthania, Calcutá — a quem já mencionámos uma vez —, era um homem piedoso e caridoso que visitava o Mestre frequentemente e, de vez em quando, o

convidava para a sua casa. Era muito estimado pelos seus amigos e vizinhos, que por vezes lhe pediam para resolver as suas disputas. Um dia, Sri Ramakrishna, num estado de espírito elevado, exortou-o a não dispersar as suas energias dessa maneira, mas sim a mergulhar profundamente nas glórias de Deus até O realizar.

Navagopal Ghosh era outro devoto. Na sua primeira visita, veio a Dakshineswar com a esposa e os filhos. O Mestre sentiu-se muito atraído por eles. Navagopal não repetiu a visita e esqueceu-se por completo do Mestre durante três anos. Um dia, Sri Ramakrishna perguntou por ele e enviou-lhe um convite para vir a Dakshineswar. Quando a notícia chegou a Navagopal, este ficou maravilhado ao pensar que Sri Ramakrishna ainda se lembrava dele.

Foi a Dakshineswar e recebeu as boas-vindas calorosas. Desta vez, Navagopal ficou encantado com a personalidade do Mestre, que lhe disse que ele não necessitava de muita disciplina espiritual, e que, ao vir a Dakshineswar, atingiria a meta. Navagopal e toda a sua família tornaram-se muito apegados a Sri Ramakrishna e vinham frequentemente a Dakshineswar. Um dia, quando o Mestre se encontrava num estado de semiconsciência, Ramchandra Dutt disse a Navagopal para lhe pedir qualquer dádiva que desejasse. Navagopal prostrou-se diante do Mestre e disse: "Estou imerso no mundanismo, por favor diga-me como posso sair dele." "Não se preocupe", respondeu o Mestre, "lembre-se de mim uma vez por dia, se não puder fazer mais nada."

Atul Krishna Ghosh, irmão de Girish, ao início evitava Paramahamsa Deva, e até lhe chamava Rajahamsa ou cisne. Um dia, na sua própria casa, Atul exprimia a sua opinião sobre o Mestre a Girish, quando o Mestre veio inesperadamente fazer uma visita.

Ao ver Atul, o Mestre comentou com Girish: "Eu costumava temer o teu irmão; mas hoje ele parece diferente." Perante isto, Girish contou a Sri Ramakrishna a zombaria do seu irmão. Mas o

Mestre aceitou-a com bondade e disse: “Considero isso um elogio. O pato bebe uma mistura de leite e água, mas o cisne, segundo dizem, é capaz de separar os dois e bebe apenas o leite. Por isso, é conhecido como Rajahamsa ou o rei dos patos. O teu irmão, portanto, escolheu um bom nome para mim.”

Atul reconheceu o facto e perguntou ao Mestre como o deveria tratar. Mas o Mestre disse: “Ora, trata-me apenas por vocativos, como tratam os homens na rua.” Esta simplicidade por parte do Mestre causou uma profunda impressão na mente de Atul. Sri Ramakrishna convidou-o a ir a Dakshineswar, e ele aceitou. Foi lá, visitou os templos e os locais da *Sadhana* de Sri Ramakrishna. De pé, nas margens do Gange, teve uma visão maravilhosa. Depois disso, entregou-se ao Mestre e aceitou-o como o seu guia.

Manilal Mallik de Sinduriapati, Calcutá, era um devoto Brahmo idoso que nutria uma grande veneração por Sri Ramakrishna. Não só visitava Dakshineswar, como também convidava o Mestre em dias especiais para a sua casa. Foi em resposta a um destes convites que o Mestre esteve presente, em setembro de 1883, numa celebração do Brahmo Samaj nesse local.

Certa vez, Manilal teve a infelicidade de perder um filho já adulto. Atordoado pelo golpe, foi diretamente do local da cremação para Dakshineswar. Sri Ramakrishna conversava com vários devotos. Assim que os seus olhos pousaram no perturbado Manilal, inquiriu qual era o problema. O pai enlutado relatou a sua história de dor a chorar. Alguns dos presentes tentaram consolá-lo com palavras de simpatia. Mas o Mestre escutou o ancião em silêncio.

Passado algum tempo, entrou num estado de semiconsciência e, erguendo-se de repente, cantou uma canção devocional que começava com: “Às armas, ó homem, pois a Morte ataca a tua casa!” — acompanhando-a com gestos vigorosos. A sua expressão radiante mudou imediatamente toda a atmosfera do local e acalmou Manilal. Após o cântico, o Mestre recuperou a

consciência normal e, com grande simpatia, começou a conversar com Manilal sobre a aflição natural pela perda de um filho, referindo-se à sua própria experiência aquando da morte do seu sobrinho Akshay.

Terminou dizendo: "Mas aqueles que se agarram ao Senhor superam depressa estas calamidades, tal como a grande embarcação num rio quando um vapor passa por ela." Após uma longa e melancólica pausa — como se a infelicidade tivesse desabado sobre ele próprio —, chamou a atenção de Manilal para a natureza passageira das relações terrenas e apontou que o único refúgio do homem residia em entregar-se a Deus. Manilal sentiu-se confortado e disse: "Foi por isso que vim ter consigo. Sabia que mais ninguém conseguiria abrandar a minha dor."

Nityagopal Goswami, filho de Krishna Kamal Goswami, um autor bengali popular, veio de Daca. Sincero candidato à verdade, foi ao início um teosofista. Em Daca, ouviu falar de Sri Ramakrishna por intermédio de Vijay Krishna Goswami e partiu imediatamente para Dakshineswar. O Mestre comia quando Nityagopal entrou no quarto. Deixou a refeição a meio para saudar o recém-chegado, de tão encantado que ficou por o ver. Retirou-se depois para descansar e pediu a Nityagopal para lhe massajar suavemente os pés. O jovem devoto encontrou aqui a fonte de paz e felicidade pela qual procurava há tanto tempo.

O Pundit Shyamapada Bhattacharya era um grande erudito, natural de Antpur, onde Baburam também nascera. Em agosto de 1885, veio visitar Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Ao crepúsculo, dirigiu-se às margens do Gange para as suas devoções vespertinas. Enquanto se ocupava com isso, teve uma visão extraordinária. Mais tarde, regressou ao quarto de Sri Ramakrishna e sentou-se no chão. O Mestre disse a Mahendra: — Ele é um belo homem.

O Pundit recitou um hino do *Bhagavata*, durante o qual Sri Ramakrishna entrou em *Samadhi*. Colocou um dos seus pés no regaço do Pundit, que o segurou e disse: — Mestre, ilumina graciosamente o meu coração.

Sri Ramakrishna recuperou então a consciência normal e disse a Mahendra, após a partida do Pundit: — Não vês como as minhas palavras se tornam realidade? Aqueles que rezam sinceramente ao Senhor devem vir aqui.

Vimos que Balaram se tornou um grande devoto de Sri Ramakrishna. A sua proximidade com o Mestre, no entanto, irritava muitos dos seus familiares aristocráticos. Não conseguindo influenciá-lo, deram uma versão distorcida da situação ao seu primo, Hari Ballabh Bose, Procurador do Governo de Cuttack. Hari Ballabh escreveu a Balaram a dizer que viria em breve a Calcutá e pretendia passar alguns dias com ele.

Pela letra, Balaram percebeu o desagrado do seu primo devido à sua associação com Sri Ramakrishna. Sentia-se desesperado ao pensar que o seu primo poderia tentar levá-lo para longe de Calcutá, mas estava decidido a nunca deixar Sri Ramakrishna. Quando Hari Ballabh chegou a Calcutá, Balaram tratou do seu conforto, mas continuou a visitar Sri Ramakrishna como antes.

O Mestre encontrava-se então doente em Shyampukur, Calcutá. Quando Balaram ali foi, o Mestre percebeu pelo seu rosto que algo o preocupava. Chamou Balaram para junto de si e perguntou-lhe o que o incomodava. Depois de ouvir tudo, disse: — Que espécie de homem é ele? Podes trazê-lo aqui? "Ele é um bom homem em todos os aspetos", respondeu Balaram, "é instruído, inteligente, generoso e devotado a Deus. O seu único defeito é acreditar em tudo o que lhe dizem, por isso tem uma ideia estranha a seu respeito. Não sei se estará disposto a vir ou não." O Mestre disse: — Então não te preocupes com isso, chama o Girish. Como Hari Ballabh era seu colega de turma, Girish concordou alegremente em trazê-lo ao Mestre.

Logo no dia seguinte (outubro de 1885), Girish trouxe Hari Ballabh e apresentou-o ao Mestre, que o recebeu cordialmente e disse: — Ouvi falar de si por muitas pessoas e muitas vezes desejei vê-lo. Mas tinha receio de que pudesse ser um homem sofisticado, e vejo que não é assim. Depois disse a Girish: — Ele

é tão franco como uma criança. Notas nos seus olhos? Um homem não pode ter tais olhos a menos que o seu coração esteja cheio de devoção a Deus. O Mestre colocou a mão no braço de Hari Ballabh e disse: — Realmente, não me deixa nervoso; pelo contrário, considero-o um parente. Hari Ballabh inclinou-se diante dele e, recolhendo a poeira dos seus pés, disse: — Isso deve-se à sua graça.

No decorrer da discussão religiosa que se seguiu, o Mestre disse que a fé em Deus, a devoção e a entrega absoluta eram os principais meios para a espiritualidade. Pediu a um dos seus jovens discípulos para cantar uma canção e, enquanto explicava o seu significado a Hari Ballabh, mergulhou em *Samadhi*. Após o cântico, verificou-se que dois ou três jovens também tinham entrado em transe. Hari Ballabh experimentou uma emoção estranha, e as lágrimas correram-lhe dos olhos; ficou encantado com as palavras do Mestre, bem como pelo seu rosto iluminado. Ao anoitecer, despediu-se, com a sua visão sobre o Mestre totalmente modificada. A partir daí, passou a visitá-lo com bastante frequência e mostrava-lhe grande reverência.

Referindo-se a ele, Sri Ramakrishna comentou um dia com M.: — Bem, não te falei de dois homens que eu tinha visto em transe? Um deles era o Dr. Sarkar, e Hari Ballabh é o outro. Portanto, vês que ele veio.

Bhupati, um jovem Brahmo, ouviu falar de Sri Ramakrishna e veio a Dakshineswar para se encontrar com ele. Logo no primeiro encontro, tornou-se um devoto. Homem de muitos talentos, era muito amado pelo Mestre pela sua simplicidade e fé inabalável em Deus.

Nessa altura, era estudante, mas quanto mais via Sri Ramakrishna, menos pensava nos seus estudos. Um dia, encontrava-se sentado perto da porta do templo de Kali, cantando com grande fervor a glória de Deus. O Mestre ouviu o cântico à distância e, aproximando-se dele num estado de transe, colocou o pé sobre o seu peito. No êxtase que se seguiu ao toque, Bhupati viu, de pé diante de si, o seu amado *Ishta Deva*.

Tendo provado a doçura da bem-aventurança divina através da associação com o Mestre, os devotos trouxeram novos recrutas para Dakshineswar. Surendra trouxe o seu irmão Girindra, um Brahmo por convicção, sem crença num Deus com forma. Sri Ramakrishna ajudou-o de tal modo que ele retirou alegria de fontes até então desconhecidas para ele. Manomohan apresentou o seu tio Nabai Chaitanya. Devendranath Mazumdar trouxe Akshay Kumar Sen, a quem o Mestre mais tarde iniciou. Foi ele quem, posteriormente, escreveu uma bela biografia do Mestre em verso bengali.

Outros devotos chefes de família que costumavam frequentar Dakshineswar eram Kaviraj Mahendra Nath Pal de Sinti, Chunilal Bose de Baghbazar, Upendra Nath Mukherjee (mais tarde proprietário da *Basumati*), Kishori, o irmão de M., Haramohan Mazumdar de Baranagore e Kishori Mohan Rai de Ban Hooghly. Todos eles foram abençoados pelo Mestre. Entre alguns visitantes ilustres, mencionaremos apenas um, a saber, Nilakantha Mukherjee, o famoso cantor e compositor, de quem Sri Ramakrishna gostava particularmente pela sua devoção.

Como já sabemos, a graça de Sri Ramakrishna foi abundantemente derramada sobre os jovens rapazes, a quem considerava recetores adequados do conhecimento espiritual. Através de diversão e alegria, das quais a sua mente era um armazém inesgotável, direcionou gradualmente, sem que eles soubessem, as suas mentes para Deus.

Narayan, um jovem estudante brâmane, pertencia a uma família abastada, mas as suas pessoas não gostavam da sua associação com Sri Ramakrishna e batiam-lhe por visitar Dakshineswar. Mesmo assim, ele vinha de vez em quando, e o Mestre, que o amava pela sua sinceridade e devoção a Deus, muitas vezes pagava o aluguer da sua carruagem. Pela sua fisionomia, o Mestre profetizou sucesso na espiritualidade para ele. Um dia, Sri Ramakrishna escutava um *Sankirtan* na varanda do seu quarto, quando Narayan chegou. Impelido por um poder superior, o Mestre deixou o seu lugar antes de a canção terminar

para alimentar o rapaz com doces. Mais tarde, maravilhou-se com a sua própria conduta invulgar e atribuiu-a à grande espiritualidade potencial de Narayan. Um dia, a mãe de Narayan veio a Dakshineswar. Sri Ramakrishna, com tato, abrandou-lhe a mente, de modo a que ela pudesse dar liberdade ao filho para seguir uma carreira religiosa.

Através dos bons ofícios de Mahendra, muitos outros rapazes foram abençoados ao entrar em contacto com o Mestre. Tejchandra, Haripada, Dwija, Pramatha (também conhecido por Paltu), Naren Júnior e Purna foram alguns deles. Entre estes rapazes, os dois últimos merecem uma menção especial.

Naren Júnior — cujo nome completo era Narendra Nath Mitra — possuía um grande temperamento espiritual. Mesmo quando era rapaz, costumava chorar por Deus. O Mestre falava muito bem da sua inteligência viva, que lhe lembrava o seu *Guru*, Totapuri. Naren amava Sri Ramakrishna com todo o seu coração. Apesar do castigo por parte dos seus tutores, costumava passar dois ou três dias seguidos em Dakshineswar.

Ao nome de Deus, mergulhava em transe profundo — que durava por vezes duas horas ou mais. Um dia, Sri Ramakrishna disse ao Dr. Mahendra Lal Sarkar: — Este rapaz possui uma alma excecionalmente pura, não contaminada pelo mais leve toque de mundanismo. Veja como o seu riso é ingénuo! As pessoas ficavam maravilhadas com o anseio que Sri Ramakrishna sentia por Naren Júnior. Se ele se ausentasse por alguns dias de Dakshineswar, o Mestre mandava chamá-lo e, quando ele vinha, alimentava-o com as suas próprias mãos. Muitas vezes chorou e rezou pelo rapaz à Mãe Divina!

O Mestre fez-lhe uma vez esta observação significativa: — Não basta estar convencido da existência de Deus. Mesmo ter uma visão d'Ele não é o culminar da vida espiritual. Deves estar intimamente familiarizado com Ele — deves ter comunhão direta com Ele.

— Alguns ouviram falar de Deus, outros O viram, mas apenas alguns O provaram plenamente. Muitos podem ter visto o

rei. Mas muito poucos o podem receber como hóspede nas suas casas.

Um dia, aconteceu um incidente curioso. Sri Ramakrishna encontrava-se em *Samadhi*, de pé. Para que não caísse, Naren Júnior apressou-se a ampará-lo. Tinha-o feito já muitas vezes, e não houvera qualquer objeção devido à sua pureza. Mas, neste caso, o Mestre deu um grito de dor assim que ele o tocou. Naren, completamente apanhado de surpresa, largou-o de imediato.

Ficou mortificado, pois aquilo só poderia significar que a sua mente se tornara impura. Mas Sri Ramakrishna, após recuperar a consciência, explicou o assunto, para grande alívio de Naren. O rapaz fora recentemente submetido a uma operação, e a ferida ainda não cicatrizara. Lemos nas escrituras que alguém com uma ferida no corpo não deve tocar numa forma divina. Em *Samadhi*, Sri Ramakrishna era um com a Divindade, e o seu recuo automático ao toque de Naren atestou claramente a verdade do ditame das escrituras.

Porém, por maior que Naren Júnior fosse, Sri Ramakrishna nutria uma admiração ainda maior pelo seu outro discípulo, Purna Chandra Ghosh. Purna era um rapaz de apenas treze anos, que estudava na Escola Vidyasagar. Os seus tutores eram muito rigorosos, e ele tinha de se encontrar com o Mestre secretamente. Logo no primeiro encontro, Sri Ramakrishna ficou altamente impressionado com o rapaz, alimentou-o e deu-lhe instruções sobre a oração e a meditação.

Pediu-lhe que fosse a Dakshineswar e deu-lhe dinheiro para o aluguer da carruagem. O Mestre dizia dele aos seus devotos: "Purna tem alguns dos atributos do Senhor Narayana. Está cheio de *Sattva*. É o último daquela série de brilhantes devotos que, vi naquele transe, viriam ter comigo para iluminação espiritual."

Purna experimentou uma grande bem-aventurança ao encontrar-se com o Mestre. Por intuição, obteve o conhecimento da relação especial que deveria existir entre eles. No seu segundo encontro, que teve lugar em casa de Balaram Bose, o Mestre perguntou a Purna a opinião que tinha sobre ele. Purna respondeu

com muita emoção: “O senhor é o Próprio Deus, encarnado em carne e osso!” Sri Ramakrishna ficou surpreendido e encantado com a resposta, que mostrava de que matéria o rapaz era feito. Abençoou Purna e iniciou-o no mistério do culto a *Sakti*.

Um dia, Balaram perguntou ao Mestre como era possível que Purna tivesse adquirido tal fervor espiritual, apesar da sua juventude. Sri Ramakrishna respondeu: — Isto é o resultado do trabalho em nascimentos passados. Ele já passou pelas etapas preliminares. Apenas o corpo cresce e decai, mas não a Alma. Purna pertence à classe especial de devotos conhecida como *Iswarakoti*. Um pequeno esforço faz sobressair a sua espiritualidade latente. Um devoto desta ordem é como a videira da cabaça ou da abóbora, que dá primeiro o fruto e depois a flor. Primeiro realizam Deus, e a disciplina espiritual vem depois.

Após o contacto com o Mestre, Purna começou a experimentar grandes vagas de emoção espiritual; as lágrimas corriam-lhe e os cabelos do corpo ficavam eriçados. Um dia, escreveu a Sri Ramakrishna: “Passo muitas vezes noites sem dormir devido à alegria excessiva.” O Mestre pegou na carta e, enquanto a pressionava entre as palmas das mãos, disse: — Esta é uma boa carta, pois posso tocar-lhe. As cartas dos outros não as posso tocar.

O Mestre ficava muitas vezes extremamente ansioso por se encontrar com ele. Uma noite, veio inesperadamente de Dakshineswar a casa de M. para ver Purna. O próprio M. trouxe-lhe o rapaz, e o Mestre deu-lhe conselhos sobre assuntos espirituais. Esta associação sagrada entre as duas almas deu o seu fruto natural à medida que os anos passavam.

Mulheres Devotas

“Raramente olhávamos para Sri Ramakrishna como um membro do sexo masculino. Considerávamo-lo sempre como um dos nossos. Portanto, não sentíamos o mais pequeno constrangimento diante dele. Era o nosso melhor confidente.”

Esta era a opinião geral das mulheres devotas do Mestre, das quais havia muitas. Todas elas reverenciavam o Mestre grandemente, e algumas tiveram a boa fortuna de se tornarem suas discípulas. Ele parecia um parente querido e absorvia todos os seus pensamentos. Sempre que se preparava alguma iguaria, uma parte era reservada para Sri Ramakrishna e enviada para ele.

Caminhavam grandes distâncias para o ver, independentemente da sua posição ou da etiqueta. A seu pedido, iam inclusivamente ao mercado de Dakshineswar para lhe comprar coisas. Ele fazia-as passar por esta disciplina a fim de as afastar gradualmente da ideia do corpo. Ele, por sua vez, mostrava-se livre como uma criança com elas e procurava a sua opinião sobre vários assuntos. Com o instinto do vidente, chamava a uma delas uma abençoada *Gopi* de Vrindavan devido à sua devoção, a outra uma cozinheira de Vaikuntha, a esfera do Senhor Vishnu, como tributo à sua habilidade na arte culinária, e assim por diante.

Lia os seus pensamentos e compreendia os seus sentimentos com a mesma facilidade que os dos homens. As práticas religiosas dos seus anos de juventude podem tê-lo ajudado nisso. E como a sua mente era absolutamente pura, era natural que evocasse apenas os mais elevados sentimentos nelas. Aconselhava-as a renunciar à luxúria e à riqueza e alertava-as contra as armadilhas dos homens.

Entre as suas mulheres devotas, Sri Ramakrishna atribuía um lugar elevado à mãe de Manomohan Mitra. De facto, era uma pessoa de raros dons espirituais. Esposa ideal durante a vida do seu marido, encarando o casamento como um sacramento religioso inviolável, após a morte dele passou a considerar-se praticamente morta para o mundo. Um dia, encontrava-se sentada no quarto de Sri Ramakrishna com outras mulheres, quando a conversa se dirigiu para o dever das mulheres. O Mestre disse que todo o dever de uma mulher consistia no serviço fiel ao seu marido.

A esposa casta deveria adorá-lo como a personificação de Deus. Não faltavam mulheres que, mesmo após a morte dos seus maridos, os adoravam como Sri Krishna, o Senhor de todas as almas. Depois, contou a seguinte história: Uma rainha, durante a vida do seu marido, usava apenas um par de braceletes de ferro nos pulsos, deixando de lado os desejos dos seus familiares que a pressionavam a usar ouro e joias. Quando o rei faleceu, a rainha quebrou os seus braceletes de ferro e colocou todos os seus ornamentos de ouro.

Todos ficaram grandemente surpreendidos com isso. Em resposta a uma pergunta amiga, disse: "Quando o meu marido estava presente como uma figura humana perecível, eu usava os braceletes de ferro inferiores. Agora que ele é um com o Eu Supremo, Eterno e Imutável, uso estes valiosos ornamentos de ouro." Apontando para la mãe de Manomohan, o Mestre acrescentou: — Essa é a razão pela qual ela usa os seus braceletes de ouro. Alimenta os mesmos sentimentos elevados em relação ao seu marido. Quando o seu genro, Rakhal, se sentiu muito atraído por Sri Ramakrishna, e todos falavam da sua provável renúncia, ela disse: "Seria de facto um momento auspicioso da minha vida se o meu genro renunciasse ao mundo em busca de Deus e se dedicasse ao serviço de monges e santos." O seu respeito pelo Mestre era ilimitado, e ela não se importava de dispensar as formalidades tradicionais da religião se soubesse que Sri Ramakrishna assim o desejava.

Outra grande mulher devota ficou conhecida mais tarde como Jogin Ma. Era esposa de um homem rico, mas, devido a problemas familiares, era extremamente infeliz. Um dia, ouviu falar de Sri Ramakrishna por intermédio de Balaram, que era seu parente, e aproveitou a primeira oportunidade para ir a Dakshineswar. À vista do Mestre, esqueceu todas as suas dores e aflições. Ele ficou contente por se encontrar com ela e apresentou-a à Mãe Sagrada. Desde o primeiro momento, Jogin Ma entregou-se completamente aos pés do Mestre; vinha frequentemente a

Dakshineswar e por vezes passava vários dias seguidos com la Mãe Sagrada.

Foi iniciada pelo Mestre e passava a maior parte do dia em várias práticas religiosas. Referindo-se a ela, o Mestre comentou uma vez: — Ela é uma devota de raros dotes espirituais. No devido tempo, as pessoas ficarão maravilhadas com as suas muitas realizações. Esta profecia concretizou-se, pois, após uma curta prática, Jogin Ma entrava em transe enquanto meditava em Deus. Mais tarde, tornou-se companheira constante da Mãe Sagrada.

Outra mulher devota era uma viúva de meia-idade, mais tarde conhecida como Golap Ma. Encontrava-se em grande sofrimento devido à morte da sua única filha. Ouvindo falar de Sri Ramakrishna por intermédio de Jogin Ma, partiu para Dakshineswar e expôs a sua triste história ao Mestre. Este entrou num estado de semiconsciência e, nesse estado, disse: — É afortunada.

O próprio Deus ajuda aqueles que não têm mais ninguém no mundo a quem chamar seu. As palavras incutiram-lhe uma nova vida. Sri Ramakrishna aceitou-a como sua, e ela cedo provou a bem-aventurança da devoção. Ele também foi com os seus devotos a casa dela. Golap Ma ficou tão feliz com isso que mal conseguia conter a sua alegria.

O seguinte incidente, embora tenha acontecido um pouco mais tarde, durante a fase inicial da última doença do Mestre, relatá-lo-emos aqui. Um dia, Golap Ma disse ao Mestre que conhecia um médico especialista que poderia tratar o seu caso com sucesso. Sri Ramakrishna, como um rapaz, entusiasmou-se com a ideia e propôs ver o médico na manhã seguinte. Partiu de Dakshineswar para Calcutá de barco, acompanhado por Golap Ma, Latu e Kali. Ao chegarem a Calcutá, consultaram o médico, que receitou alguns medicamentos.

No caminho de regresso a Dakshineswar, sentiram muita fome. O Mestre perguntou se algum dos devotos tinha dinheiro. Ninguém exceto Golap Ma tinha, e eram apenas quatro moedas.

O Mestre pediu a Kali que as pegasse e comprasse algo no mercado mais próximo. Kali comprou o equivalente a uma moeda em doces em Baranagore. O Mestre, para grande surpresa dos outros, comeu-os todos. Bebeu depois água do Gange e disse: — Ah, estou satisfeito. Conforme o Mestre declarou a sua satisfação, a fome dos três, que observavam em silêncio, desapareceu. Sentiram-se completamente satisfeitos — não sabiam como, nem porquê. Sendo o Grande *Yogi* que era, Sri Ramakrishna fez uso do seu conhecimento superior para alimentar quatro bocas famintas ao alimentar a sua própria. Lemos que, há eras, Sri Krishna fez a mesma coisa, mas a uma escala maior.

A Natureza revela os seus segredos àquele que tem acesso a eles. O tempo ou o lugar não fazem qualquer diferença. Pode ser um lugar-comum, mas parece valer a pena repetir que, dadas condições semelhantes, os incidentes repetem-se.

A mãe de Devendranath Mazumdar olhava para Sri Ramakrishna como para o seu próprio filho. Um dia, veio a Dakshineswar com o seu filho e alguns outros e, sem que Devendra soubesse, trouxe algumas bolas de açúcar infladas como oferenda às divindades do templo de Rasmani. Chegaram ao jardim ao meio-dia e encontraram o Mestre sentado no seu leito mais pequeno. Todos se prostraram diante dele, exceto a idosa senhora que, considerando-o seu filho, não se inclinou. Sri Ramakrishna tratou-a por mãe e fê-la sentar-se ao seu lado na cama.

Conversaram um com o outro como mãe e filho, e a senhora ficou de tal modo dominada pela alegria que se esqueceu por completo do pequeno embrulho de doces. Curiosamente, Sri Ramakrishna, passado um pouco, manifestou o desejo por essa espécie particular de doce. Devendra enviou um dos seus companheiros ao mercado para os comprar. Mas o Mestre começou a ficar impaciente e, como uma criança, começou a puxar o fato da senhora. De pronto, o embrulho de doces ficou à vista, para grande alegria do Mestre. Comeu-os com gosto, e a

mãe de Devendra não conseguiu conter as lágrimas enquanto observava.

Uma parente idosa de Jadunath Mallik era grandemente devotada a Sri Ramakrishna e muitas vezes o convidava para a casa de campo de Jadu, perto do templo de Kali. Um dia, organizou as suas várias oferendas no seu próprio quarto e sentou-se em meditação. Sri Ramakrishna entrou em transe enquanto falava com alguns dos seus devotos. Nesse estado, deixou o templo de Kali e entrou no quarto onde a velha senhora meditava.

Ela abriu os olhos e encontrou o Mestre a comer as oferendas destinadas ao seu Ideal Escolhido. As lágrimas correram-lhe dos olhos perante este sinal inesperado de graça divina e, com a voz embargada pela emoção, disse: — Ah, hoje as aspirações da minha mente foram cumpridas. Realizei a sua verdadeira natureza. Abençoe-me para que eu possa realizar Deus nesta mesma vida. Sri Ramakrishna tocou-lhe na cabeça com o pé e ela experimentou a rara bem-aventurança da comunhão divina.

A filha do devoto Brahmo Manilal Mallik era muito piedosa e nutria um grande respeito pelo Mestre. Ficava muito distraída durante a meditação. Um dia, falou ao Mestre sobre isso e pediu o seu conselho. Ele perguntou-lhe quem ela mais amava no mundo. Ela respondeu que era o filho do seu irmão. O Mestre disse-lhe para meditar no rapaz, pensando nele como o Menino Krishna. A senhora seguiu esta instrução inovadora e, como resultado da concentração que se seguiu, foi abençoada em pouco tempo com várias visões divinas.

Gauri Dasi, ou Gaur Ma, como é mais popularmente conhecida no círculo de devotos de Sri Ramakrishna, era uma senhora notável de grande devoção e renúncia. Cedo abraçou a vida de freira e praticou a forma de culto Vaishnava em Vrindavan. Ao saber de Sri Ramakrishna por intermédio de Balaram Bose, veio para Calcutá e dirigiu-se a Dakshineswar.

Logo no primeiro encontro, acreditou que o Mestre era uma encarnação de Sri Gauranga e tornou-se intensamente dedicada a ele. Costumava ficar frequentemente em Dakshineswar com a

Mãe Sagrada e por vezes cozinhava para o Mestre. Um dia, surgiu-lhe o desejo de experimentar por si mesma a inundação de emoção divina que tantas vezes se manifestara em Sri Gauranga. Embora não o tivesse dito a ninguém, o desejo foi estranhamente cumprido da seguinte forma.

Uma manhã, vários devotos chegaram a Dakshineswar. Gaur Ma cozinhou a refeição para o Mestre nesse dia e veio ao seu quarto com o prato de comida na mão. Kedarnath Chatterjee encontrava-se ali, e Sri Ramakrishna apresentou-o a Gaur Ma. Ambos eram da mesma fé e, quando olharam um para o outro, sentiram uma enorme vaga de sentimento. Ficaram a olhar um para o outro, e grandes lágrimas rolaram-lhes pelas faces. À vista desta emoção, o Mestre, que mal provara a comida, levantou-se. Todos os devotos presentes no quarto aproximaram-se. Um frémito divino invadiu toda a atmosfera, e os devotos, apanhados nele, esqueceram-se de si mesmos e do mundo.

Alguns começaram a rir, alguns choravam, e outros cantavam ou dançavam na exuberância da alegria. Alguns começaram a tremer, e outros rolaram pelo chão inconscientes. Num piscar de olhos, tudo isto aconteceu — ninguém estava preparado para isso. Esta intoxicação divina continuou por algum tempo, após o qual Sri Ramakrishna tocou e restituiu todos ao estado normal.

Mas, sem dúvida, a mais maravilhosa das relações de Sri Ramakrishna foi com uma mulher brâmane ortodoxa chamada Aghoremani Devi, mais tarde conhecida como a Mãe de Gopala. Viúva quando era ainda uma rapariga, formou amizade com a viúva de Govinda Chandra Dutt de Pataldanga, Calcutá, que construíra um templo a Radha Govinda em Kamarhati, a cerca de três milhas a norte de Dakshineswar.

Aghoremani fez deste templo a sua casa e ocupou um pequeno quarto mesmo na margem do Gange. Tanto ela como a proprietária do templo levavam uma vida de extremo recolhimento e devoção. Aghoremani era uma mulher de espírito independente, vivendo do rendimento de uma pequena quantia que possuía. Nascera com instintos Vaishnavas e, no devido

tempo, foi iniciada por um *Guru* Vaishnava. Gopala, ou o Menino Krishna, era a sua Divindade favorita, a quem olhava como seu próprio filho. A sua pequena cela era singularmente desprovida de confortos. Tinha uma cópia antiga do Ramayana e o seu pequeno saco com o rosário. Hora após hora, dia após dia, durante trinta anos ali se sentara absorta a desfiar as contas.

Quando, numa tarde do ano de 1884, Aghoremani com duas companheiras foi ver Sri Ramakrishna, tinha cerca de sessenta anos de idade. O Mestre recebeu-as com bondade, falou sobre devoção e cantou algumas canções. Pediu-lhes também que voltassem.

Aghoremani sentiu-se muito atraída por Sri Ramakrishna. "Ele é um homem agradável, um verdadeiro devoto, e devo tentar voltar", pensou enquanto regressava a Kamarhati. O Mestre elogiou-a a ela e a uma das suas companheiras, a viúva de Govinda Babu, dizendo que tudo nelas evidenciava a sua devoção genuína, mas sem ostentação.

Pouco depois, voltou a Dakshineswar, com o equivalente a duas ou três moedas de doces dos mais vulgares. — Oh, veio — disse Sri Ramakrishna assim que a viu. — Dê-me o que trouxe para mim. Com grande hesitação, Aghoremani apresentou os doces, que o Mestre comeu com proveito.

"Por que gasta o seu dinheiro a comprar estas coisas no mercado? Prepare em casa algumas bolas de coco adoçadas e traga uma ou duas delas quando vier aqui. Ou pode trazer um pouco dos pratos simples que cozinha para si mesma. Desejo muito comer coisas cozinhadas por si."

Aghoremani costumava dizer mais tarde: "Em vez de falar sobre Deus ou religião, ele falava sobre esta ou aquela comida. Pensei: 'Que monge estranho! Só fala de comida! E eu sou uma viúva pobre. Como posso alimentá-lo todos os dias? Bem, não devo voltar mais a casa dele.' Mas, assim que cruzava o limite do jardim, sentia novamente uma atração irresistível por ele. Com grande dificuldade conseguia convencer-me a regressar a Kamarhati." Alguns dias depois, veio novamente a Dakshineswar

a pé, com um pouco de caril feito por si. Sri Ramakrishna comeu-o com grande prazer e enalteceu a sua habilidade na cozinha.

Durante os três ou quatro meses seguintes, ela foi a Dakshineswar de vez em quando. Partilhava com o Mestre qualquer prato especial que cozinhasse; ele comia com grande gosto e pedia mais. Por vezes, a viúva pensava com desgosto: "Ó Gopala! É este o resultado das minhas constantes orações? Trouxeste-me a um monge que anseia sempre por comida! Nunca mais virei aqui." Mas não conseguia resistir à sua atração, que se fazia sentir assim que ela se retirava. Sri Ramakrishna foi uma vez a Kamarhati, elogiou o serviço regular das divindades locais e, durante um *Kirtan*, entrou em frequentes trances.

Uma manhã, às 3 horas, na primavera de 1885, Aghoremani, de acordo com a sua rotina habitual, sentou-se a desfiar as contas. Após o *Japa*, estava prestes a entregar os frutos do mesmo ao seu Ideal Escolhido, quando ficou sobressaltada ao verificar que Sri Ramakrishna se encontrava sentado à sua esquerda, com o punho direito cerrado. Pensou com admiração: "O que é isto! O que no mundo o traria aqui a esta hora?" Contaremos a sua experiência através das suas próprias palavras:

"Enquanto olhava para ele, a perguntar-me como viera ali ter, ele continuava a sorrir. Ganhando coragem, segurei-lhe a mão esquerda; de repente, a figura desapareceu e, no seu lugar, surgiu o verdadeiro Gopala, deste tamanho (indicando-o), que gatinhou em minha direção e, erguendo um braço, com os olhos fixos em mim, (ó, que beleza!), balbuciou: 'Mamã, dá-me manteiga!'[1] Fiquei tão surpreendida! Chorei alto de alegria. Era um local isolado, caso contrário ter-se-ia reunido uma multidão. Disse a chorar: 'Alas, sou uma viúva pobre e indefesa. Onde vou arranjar nata e manteiga para ti, meu filho?'

Mas Gopala não me ouvia. 'Dá-me algo para comer', dizia ele repetidamente. A chorar, levantei-me e trouxe-lhe alguns doces secos de coco. 'Gopala, meu querido', disse eu, 'ofereço-te esta coisa miserável, mas não me dês uma coisa tão pobre em troca.' Não consegui realizar o *Japa* nesse dia. Gopala sentou-se

no meu regaço, arrancou-me o rosário, saltou para os meus ombros e moveu-se pelo quarto! Assim que o dia amanheceu, apressei-me como uma mulher louca para Dakshineswar. Gopala acompanhou-me, apoiando a cabeça no meu ombro. Pressionando-o contra o meu peito, caminhei todo o percurso. Vi claramente os seus pés minúsculos e avermelhados caídos sobre o meu peito."

Golap Ma encontrava-se presente na ocasião. Descrevemos o que se seguiu pelas suas palavras:

"Eram sete ou sete e meia da manhã. Estava a varrer o quarto do Mestre, quando ouvi alguém avançar em direção a ele a gritar: 'Gopala, Gopala!' A voz, que parecia familiar, vinha cada vez mais perto. Por fim, verifiquei que era Aghoremani — quase louca, com o cabelo desgrenhado, os olhos fixos e a ponta do seu fato a arrastar pelo chão. Alheia a todas as considerações do corpo ou do mundo exterior, entrou no quarto pela porta oriental. Sri Ramakrishna estava então sentado no seu leito mais pequeno.

Fiquei sem fala de admiração ao vê-la naquele estado. O Mestre, entretanto, tinha entrado em transe. Aghoremani aproximou-se e sentou-se ao seu lado. Ele, como uma criança, sentou-se no regaço dela. As lágrimas corriam-lhe profusamente dos olhos. Ela trouxera consigo nata, manteiga e outras iguarias, com as quais alimentava o Mestre. Fiquei extremamente surpreendida, pois nunca antes vira o Mestre tocar numa mulher em estado de transe.

Apenas ouvira dizer que, há muito, muito tempo, costumava sentar-se no regaço da sua instrutora, a Bhairavi Bramai, como seu filho, quando esta se inspirava com os sentimentos de Yasoda, a mãe de Krishna. Passado algum tempo, o Mestre foi restituído à consciência normal e regressou ao seu leito. Mas as comportas da emoção tinham sido abertas no coração de Aghoremani, e ela continuava noutro plano de consciência. Num êxtase de arrebatamento, dançou pelo quarto. Notando isto, o Mestre disse-me com um sorriso: 'Olha para ela. Está mergulhada em bem-aventurança. A sua mente fugiu para a região de Gopala.'"

Inundada de emoção, Aghoremani começou a conversar com Sri Ramakrishna com palavras que eram mal inteligíveis para quem estava de fora. “Aqui está Gopala, nos meus braços.” — “Agora ele entra em ti.” — “Ali, emergiu novamente.” — “Vem, meu querido, para a tua mãe aflita.” Assim descrevia os movimentos do ágil Gopala. Como poderia ela permanecer firme em tais paroxismos de alegria?

A partir desse dia, Aghoremani passou a ser chamada a Mãe de Gopala. Sri Ramakrishna felicitou-a calorosamente por esta realização única. Para a acalmar, começou a acariciar-lhe o peito e partilhou com ela todas as iguarias que tinha. Mesmo enquanto participava delas, ela, ainda num estado de êxtase, disse: “Gopala, meu querido, a tua mãe levou uma vida muito infeliz na terra. Teve de ganhar o seu sustento a fiar. É por isso que és tão carinhoso hoje?”

Depois de a manter o dia inteiro em Dakshineswar e de a fazer tomar banho e comer, o Mestre enviou-a de volta para Kamarhati à noite. O Menino Krishna da sua visão também foi com ela, aninhado nos seus braços. Ao chegar à sua cela, sentou-se a desfiar as contas como antes, mas era impossível. O objeto amado da sua meditação e oração — em cuja busca passara toda a vida — folgava diante de si! Deitou-se com Gopala ao seu lado. Tinha uma cama dura e sem almofada, mas Gopala começou a queixar-se por uma almofada. Então, ela colocou a cabeça minúscula dele sobre o seu armo e, puxando-o para perto de si, tentou consolá-lo, dizendo: “Passa esta noite assim, meu filho, e amanhã de manhã arranjo-te uma almofada macia.”

No dia seguinte, a Mãe de Gopala deparou-se com a tarefa de recolher lenha seca a fim de cozinhar para o seu Gopala. A criança acompanhou-a e ajudou-a no seu trabalho! Depois começou a cozinha, e a criança traquina começou a pregar-lhe partidas. A mãe adoradora por vezes mimava-o e, por vezes, aplicava-lhe uma repreensão.

Poucos dias depois, a Mãe de Gopala veio a Dakshineswar e, após ver Sri Ramakrishna, dirigiu-se à Mãe Sagrada na sala de

concertos. Desfiava as suas contas como habitualmente e, ao terminar, saudava a sua Divindade, quando o Mestre chegou. Disse-lhe: — Por que desfias tanto as tuas contas agora? Já não tens realização suficiente?

A senhora: — Devo parar então? Terminei tudo?

Sri Ramakrishna: — Sim, terminaste.

A senhora: — Tudo?

Sri Ramakrishna: — Sim, tudo.

A senhora: — De facto! Quer realmente dizer que terminei tudo?

Sri Ramakrishna: — Sim, terminaste todos os teus exercícios espirituais, no que a ti diz respeito. Mas podes, se quiseres, rezar pelo bem-estar deste corpo (referindo-se a si mesmo).

Reportando-se a este incidente, a venerável senhora disse mais tarde: "Ao ouvir isto dos seus lábios, atirei o meu rosário e o pequeno saco ao Gange. Por amor de Gopala — ela costumava tratar o Mestre por este epíteto —, repetia o nome de Deus apenas nos dedos. Muito tempo depois, arranjei outro rosário. Tinha de passar o dia de alguma forma, e esta era a melhor maneira de me manter ocupada. E por isso desfio as minhas contas ainda agora."

Assim, após anos de prática firme, la Mãe de Gopala atingiu a sua meta. As suas visitas a Dakshineswar tornaram-se mais frequentes. Os seus escrúpulos até então extremos em matéria de comida e limpeza diminuíram gradualmente; os métodos ortodoxos tornaram-se impossíveis para ela. Gopala passara agora a ser o seu instrutor visível.

O Menino Divino desejava comer a todo o momento; por vezes, colocava uma parte da comida na boca dela. Como poderia ela recusar? Gopala chorava se ela o fizesse. Estava convencida, além disso, de que tudo aquilo era obra de Ramakrishna, e que ele era realmente o seu Gopala, e não sentia qualquer hesitação em aceitar a comida tocada por ele.

Aghoremani passou um par de meses nesta comunhão ininterrupta com Deus. Durante todo este tempo, Gopala não a deixou por um momento. São apenas os muito poucos

afortunados que conseguem viver em alturas espirituais tão vertiginosas por tanto tempo. Sri Ramakrishna disse-lhe uma vez:
— Alcançaste o impossível. Uma realização como a tua é rara nesta era.

Talvez fosse a vontade de Deus que ela fosse poupada mais alguns anos no mundo, para servir como um exemplo glorioso da relação íntima que é possível estabelecer com Deus. Após dois meses, a visão tornou-se interrompida e menos vívida, mas conseguia sempre vê-lo durante a meditação.

Todos os anos, Balaram Bose costumava celebrar o Festival do Carro na sua casa em Baghbazar, e, com alguns dos seus devotos, o Mestre era convidado para essa ocasião. O seguinte incidente teve lugar no ano de 1885, durante um desses festivais.

O Mestre chegou de manhã com alguns devotos. Algumas mulheres devotas vieram ali para aproveitar esta oportunidade de ver o Mestre. Perante uma sugestão de Sri Ramakrishna, Balaram enviou um homem para trazer a Mãe de Gopala de Kamarhati. À tarde, o Mestre encontrava-se na sala de visitas a conversar com os devotos. A escuridão caía, quando de repente o Mestre entrou em transe, assumindo a postura do Menino Krishna conforme mostrada na imagem.

Os seus dois joelhos e uma mão apoiavam-se no chão; a outra mão estava erguida, e o rosto voltado para cima, como se estivesse à espera de alguém. Ninguém compreendeu a razão desta mudança súbita. Poucos minutos depois, a carruagem da Mãe de Gopala parou diante da casa, e a afortunada senhora encontrou Sri Ramakrishna na postura do seu Ideal Escolhido. Os ali reunidos compreenderam que fora a devoção dela que influenciara o Mestre. “Não gosto desta postura rígida”, disse a Mãe de Gopala. “O meu Gopala deve rir, brincar, andar e correr. Mas o que é isto! Ficou rígido como um tronco. Não gosto de ver esta espécie de Gopala!”

Sri Ramakrishna ficou em casa de Balaram por dois dias. Na terceira manhã, partiu para Dakshineswar. A Mãe de Gopala e Golap Ma acompanharam-no. As senhoras da família de Balaram

presentearam Aghoremani com algumas peças de pano e alguns utensílios, que foram colocados no barco.

Quando o barco se afastou um pouco, os olhos do Mestre pousaram no embrulho, e perguntou o que estava lá dentro. Ao saber do seu conteúdo, comentou gravemente com Golap Ma: — Só realiza Deus aquele que renuncia a tudo por amor d'Ele. O devoto que se satisfaz simplesmente com a hospitalidade de outro homem e regressa sem ter as mãos cheias de presentes adicionais, senta-se muito perto de Deus.

Não trocou uma única palavra com a Mãe de Gopala, mas continuou a olhar para o embrulho dela. Ela sentiu-se picada pelo remorso e pensou em deitá-lo fora. Sri Ramakrishna era habitualmente muito bondoso, mas conseguia ser implacável quando necessário. O método de punição era normalmente muito simples — uma pequena indiferença ou, no máximo, uma leve advertência. O seu amor sobre-humano fazia o resto.

Ao chegar a Dakshineswar, a Mãe de Gopala dirigiu-se à Mãe Sagrada e disse ansiosa: — Gopala está zangado comigo por causa deste embrulho de coisas. O que farei? Vou distribuí-las aqui em vez de as levar para casa. A Mãe Sagrada consolou a velha senhora e disse: — Não se preocupe, mãe. Deixe-o dizer o que quiser. Não há ninguém no mundo para a ajudar. É porque necessita destas coisas que as aceitou. Apesar disso, a Mãe de Gopala deu algumas das coisas. Depois, cozinhou alguns caris para o Mestre e foi alimentá-lo, mas não sem algum receio. Sri Ramakrishna, vendo o seu arrependimento, nunca mais se referiu ao assunto, para grande alívio dela. Regressou alegremente a Kamarhati à noite.

Após a realização, os escrúpulos da velha senhora sobre a casta e outras considerações em relação a certos devotos de Sri Ramakrishna também diminuíram gradualmente. Desde a sua convicção da identidade de Sri Ramakrishna e Gopala, costumava vê-lo mais vezes do que a Gopala no momento da meditação. Através dele, Gopala instruía-a.

Ao início, sentia-se ansiosa por não ver a forma de Gopala e, um dia, chegou a dizer a Sri Ramakrishna: — Gopala, por que me castigaste assim? Que ofensa cometi para já não te ver na forma de Menino? O Mestre consolou-a e disse: — É impossível para o corpo físico sobreviver muito tempo neste *Kali Yuga*, se a mente estiver constantemente sintonizada com o mais elevado plano de consciência.

Era de facto um facto que, nos dois meses imediatamente a seguir à sua realização, viveu num outro mundo, ficou quase esquecida do corpo e cumpria a sua rotina diária de forma automática, pela força pura do hábito.

O amor e a estima do Mestre por esta mulher santa não se podem descrever. Nessa altura, muitos *Marwaris* costumavam visitá-lo e presenteá-lo com açúcar-cândi e frutos, que raramente comia ou dava aos seus devotos. Costumava dizer que, por trás destas oferendas, havia sempre alguns motivos egoístas grosseiros, que certamente contaminariam as mentes daqueles que delas participassem. Mas abria duas exceções. Uma delas era Narendra, cuja iluminação ardente era imune a toda a impureza, e a outra, a Mãe de Gopala, que se encontrava elevada acima de qualquer mancha terrena. Um dia, ela veio ver o Mestre com algumas outras mulheres devotas. Quando a viu, ele começou a acariciá-la como uma criança.

Apontando para ela, disse aos presentes: — Ah, não há nada dentro deste corpo exceto Deus. Ele enche-o de lado a lado. A Mãe de Gopala permaneceu em silêncio. Chegou inclusivamente a permitir que o Mestre lhe tocasse nos pés. Depois, ele começou a alimentá-la, pelo que ela disse: — Por que gosta tanto de me alimentar?

Sri Ramakrishna: — Também me alimentou com muitas coisas no passado.

A senhora: — No passado? Quando?

Sri Ramakrishna: — Nos teus nascimentos anteriores.

Quando ela partia para Kamarhati à noite, o Mestre pediu-lhe que aceitasse uma grande quantidade de açúcar-cândi, a dádiva

dos *Marwaris*. Ela disse: — Por que me dá tanto açúcar-cândi? O Mestre tocou-lhe no queixo com grande ternura e disse: — Bem, foste melaço antes, depois passaste a açúcar e agora és açúcar-cândi. Portanto, come açúcar-cândi e alegra-te.

Um dia, a Mãe de Gopala e Narendra Nath encontravam-se presentes em Dakshineswar. Nada poderia apresentar um contraste mais marcante do que esses dois. Sri Ramakrishna, com o seu insuperável sentido de humor, não conseguiu resistir à tentação de colocar estes dois devotos a confrontar notas. Pediu à Mãe de Gopala para relatar as suas experiências diante de Narendra Nath. — Mas não haverá mal em contá-las? — perguntou ela, pois o Mestre tinha-a alertado uma vez para não as divulgar, nem mesmo a ele próprio. Encorajada pelo Mestre, narrou, por entre lágrimas, todos aqueles incidentes emocionantes da sua vida que pareciam milagrosos.

Ora, por baixo do seu verniz racionalista, Narendra Nath possuía um fundo inesgotável de devoção e fervor religioso e, ao ouvir o relato, não conseguiu conter as lágrimas. A velha senhora, de vez em quando, interrompia a sua história para dizer: — Meu filho, és instruído e inteligente, e eu sou uma viúva pobre e analfabeta. Não entendo nada. Diz-me se consideras reais as minhas visões de Gopala. De cada vez, Narendra respondia que eram todas verdadeiras — verdadeiras até à última letra.

[1] Esta é uma daquelas ocorrências para as quais nenhuma explicação é tentada.

ADIEU A DAKSHINESWAR

Há uma beleza líquida no sol nascente, há um esplendor real no seu fulgor meridiano e há também uma graça requintada no seu brilho crepuscular. O mesmo acontece com a vida de um grande homem. Há uma doçura na sua infância e adolescência, há resplendência na sua maturidade e, de novo, há um profundo patetismo nos seus últimos dias. Acompanhámos o curso da vida do Mestre desde a sua fase inicial e crescimento até à maturidade.

Agora, devemos voltar a nossa atenção para as cenas de encerramento.

Durante os meses abafados do ano de 1885, o Mestre sofreu grandemente com o calor terrível, que era aliviado pelo gelo que os devotos lhe traziam diariamente. Mas este uso frequente de gelo produziu uma dor na garganta que, ao início, foi tão insignificante que passou despercebida.

Contudo, no espaço de um mês, agravou-se de tal modo, especialmente sempre que o Mestre falava ou após o *Samadhi*, que os discípulos ficaram alarmados e chamaram o Dr. Rakhal Chandra Haidar de Bowbazar, um especialista em doenças da garganta. Ele prescreveu alguns medicamentos e aconselhou o Mestre a não falar muito nem a entrar em transes. Mas era muito difícil cumprir estas instruções.

Num capítulo anterior, contou-se como o Mestre, durante o seu período de *Sadhana*, costumava frequentemente assistir aos grandes festivais vaishnavas em Panihati, a escassas milhas a norte de Dakshineswar, e entrava em transe. Este ano, ele propôs ir lá com os seus jovens devotos que nunca tinham visto este «empolgante centro de alegria e de cântico do nome do Senhor», como ele lhe chamava.

Isto era diretamente contrário ao conselho do médico, e os devotos mais velhos tentaram dissuadi-lo de ir. O Mestre, no entanto, silenciou-os ao dizer: «Iremos após o pequeno-almoço matinal e ficaremos lá por uma hora ou duas. Isso não fará muito mal. E tomarei precauções contra a entrada em transes.»

Na manhã do dia marcado, os devotos, em número de cerca de vinte e cinco, vieram a Dakshineswar em dois barcos, prontos para acompanhar o Mestre, para quem um barco separado tinha sido alugado. Algumas mulheres devotas também se iam juntar ao grupo. A Santa Mãe, então em Dakshineswar, perguntou a Sri Ramakrishna, através de uma das mulheres, se ela também poderia ir. O Mestre disse: «Vós ides todos, não é verdade? Bem, se ela quiser, pode ir.» A Santa Mãe percebeu a insinuação e decidiu não ir.

Os barcos chegaram a Panihati por volta do meio-dia. Em redor da antiga figueira-dos-pagodes, junto ao Ganges, havia uma grande multidão de homens e mulheres, e grupos de vaishnavas cantavam aqui e ali. Narendra, Balaram, Girish, Ramchandra, M. e outros devotos rogaram ao Mestre, repetidas vezes, que se mantivesse afastado dos grupos de canto. Sri Ramakrishna, com os seus devotos, caminhou até à casa de Mani Sen, o *zemindar* do local, que os recebeu calorosamente.

Os dois principais locais de interesse em Panihati são o templo de Radhakanta, adjacente à casa de Mani Babu, e a morada de Raghav Pundit, um devoto seguidor de Sri Gauranga, situada a uma milha de distância. O festival em si comemora o banquete oferecido por Raghunath Das, outro ilustre discípulo de Sri Gauranga, a Nityananda e ao seu grupo. Foi aqui que este filho de um nobre rico, inebriado por Deus, foi abençoado por Nityananda e autorizado a renunciar à esposa e ao lar para procurar abrigo aos pés de Sri Gauranga, em Puri.

Após um breve descanso, o Mestre e os seus devotos visitaram as divindades no templo. No pátio, um grupo de cantores entoava o nome de Deus. Justamente nesse momento, um homem, adornado com todas as insígnias de um vaishnava, aproximou-se do local, com o rosário na mão, e começou a gritar e a dançar com os músicos, imitando um devoto num estado de espírito exaltado. Sri Ramakrishna percebeu imediatamente a farsa. Ele estava em perfeito controlo dos seus sentimentos; mas, num piscar de olhos, libertou-se do círculo dos seus devotos e colocou-se no meio do grupo de canto, num estado de *Samadhi*.

Narendra e outros cercaram-no à pressa. Ora o Mestre dançava em êxtase selvagem, ora permanecia estático como uma estátua em *Samadhi*. Enquanto dançava, avançava e recuava em passos rápidos, ao ritmo da música. A graça dos seus movimentos e o fervor divino que expressavam eram únicos. A presença do Mestre aumentou centenas de vezes o entusiasmo dos cantores, e eles entoaram o nome do Senhor com grande fervor.

Passada meia hora, o Mestre recuperou a consciência do mundo exterior. Os devotos tentaram separá-lo do grupo de cantores, para que pudesse regressar rapidamente ao barco após visitar o assento de Raghav Pundit, mas os cantores seguiram-no. O Mestre avançou alguns passos e depois caiu num transe. Ao recuperar um pouco a consciência, prosseguiu de novo e caiu em *Samadhi*. Assim continuou. O progresso, por conseguinte, foi muito lento.

A beleza requintada da pessoa de Sri Ramakrishna neste dia, durante o estado de transe, desafia qualquer descrição. Parecia mais alto e de tez mais clara do que o habitual. O seu semblante brilhava com um fulgor celestial; e dignidade, compaixão, paz e bem-aventurança estavam gravadas nele. O seu sorriso agia como um encanto mágico sobre os espetadores, que esqueciam tudo o resto. O seu traje de seda laranja realçava a sua beleza. Até os seus assistentes imediatos ficaram atónitos com a maravilhosa transfiguração. Gradualmente, outros grupos musicais foram contagiados pelo fervor. A imensa procissão moveu-se lentamente em direção à casa de Raghav Pundit.

Pouco antes de o grupo de Sri Ramakrishna chegar ao destino, aconteceu algo significativo. As mulheres devotas do grupo tinham trazido algum *Prasad* para o Mestre. De repente, surgiu um velhaco que se passava por vaishnava, arrancou um pote das mãos de uma delas e, fingindo uma emoção divina, colocou um pouco da oferenda na boca do Mestre, que se encontrava em estado de transe. Perante este toque profano, um calafrio percorreu-lhe todo o corpo. O seu *Samadhi* desfez-se, e ele cuspiu a comida com repugnância e lavou a boca. Tomou então um grão de *Prasad* de outro pote e mandou distribuir o resto entre os devotos. O intruso eclipsou-se no meio da multidão.

Depois de percorrer a distância de uma milha em três horas, Sri Ramakrishna chegou ao assento de Raghav, viu as imagens dos deuses que lá se encontravam e descansou um pouco. Gradualmente, a multidão dispersou-se e os devotos conduziram o Mestre ao seu barco. Estavam prestes a partir quando se viu

Nabai Chaitanya de Konnagar a correr na direção deles. Ele soubera da chegada do Mestre ao festival e andava à sua procura. Ao encontrar o Mestre no barco, lançou-se aos seus pés e chorou piedosamente, suplicando a sua bênção. Sri Ramakrishna ficou agradado com o seu zelo e devoção e, num estado de transe, tocou-lhe. Imediatamente, Nabai começou a dançar de alegria e saudou Sri Ramakrishna repetidas vezes.

O Mestre acariciou as costas de Nabai, deu-lhe conselhos e restituiu-o ao seu estado normal. Nesse dia, Nabai encontrou um novo significado na religião e, ao confiar o encargo da sua família ao seu filho, passou os anos restantes da sua vida como um eremita na margem do Ganges, ocupado em orações e meditação. Daí em diante, o velho Nabai entrava em transes durante o *Sankirtan*, e a sua emoção tornou-se uma inspiração para aqueles que entravam em contacto com ele.

Sri Ramakrishna regressou a Dakshineswar à noite. Os devotos despediram-se dele e voltaram para Calcutá. As mulheres pretendiam passar a noite com la Santa Mãe, visto que haveria o festival de *Snanayatra* no dia seguinte.

À noite, enquanto ceava, o Mestre observou para uma delas: «Foi bom que ela (a Santa Mãe) não tenha ido connosco, pois naquela grande multidão todos me observavam devido ao meu frequente *Bhava-Samadhi*. Ter-se-iam divertido à nossa custa. [1] Admiro a inteligência dela.» Depois, citou o seguinte incidente: «Quando o devoto marwari Lakshmi Narayan quis presentear-me com dez mil rúpias, senti como se a minha cabeça estivesse a ser serrada. Orei: "Mãe, após tanto tempo, vens tentar-me de novo!" Para testar a inclinação da mente dela (da Santa Mãe), disse-lhe: "Bem, ele quer dar-me este dinheiro. Eu recusei-lo, e ele quer dá-lo a ti. Por que não o aceitas?" A resposta imediata dela foi: "É impossível, pois a minha aceitação seria o mesmo que a tua. Teria de ser gasto ao teu serviço, e tu serias o proprietário virtual dele. As pessoas respeitam-te devido à tua renúncia. Portanto, não podemos aceitar o dinheiro de modo nenhum." Dei um suspiro de alívio com as palavras dela.»

Quando isto foi relatado à Santa Mãe, ela disse: «Pela natureza da resposta dele quando pedi para ir a Panihati, compreendi que ele não o desejava. Se assim fosse, teria dito: "Sim, certamente." Por isso, mudei o meu plano.»

Nessa noite, o Mestre não conseguiu dormir devido a uma sensação de ardor em todo o corpo, provocada provavelmente pelo toque de pessoas promíscuas. Sendo o dia seguinte um dia especial, ele teve uma multidão de visitantes de ambos os sexos. Entre eles estava uma mulher que veio ter com ele para obter conselhos sobre os seus assuntos domésticos, e ela estragou a alegria da ocasião por ser demasiado insistente.

À hora da refeição, ele não falou com ela, nem comeu livremente como noutros dias. Mais tarde, observou: «Noutros anos, neste dia, eu costumava ter repetidos *Bhava-Samadhi*, e o êxtase divino durava dois ou três dias. Mas hoje não tive nada disso. A presença de pessoas com pensamentos profanos impediu a mente de se elevar.»

A participação do Mestre no festival de Panihati agravou o seu problema de garganta. O tempo não estivera bom, e o médico disse que, devido à exposição aos elementos e à recorrência frequente de *Bhava-Samadhi*, a enfermidade tinha piorado. Ele avisou os devotos de que a doença se poderia revelar persistente se não se tomassem as devidas precauções. Os devotos resolveram manter uma vigilância rigorosa no futuro. O Mestre, contudo, como um rapaz, transferiu toda a responsabilidade da viagem para Ram e alguns outros devotos mais velhos, ao dizer: «Eu não teria ido lá se eles me tivessem instado a ficar aqui.»

Um dia, por essa altura, um devoto veio a Dakshineswar e encontrou o Mestre sentado calmamente no seu pequeno leito, com medicamento aplicado na garganta. Ele parecia amuado, como um rapaz sob ordens estritas de não sair. Ao ser questionado sobre qual era o problema, o Mestre disse: «A dor está pior, e o médico disse-me para não falar muito.» «Ouvimos dizer», disse o devoto, «que foste a Panihati.

Essa pode ser a razão do agravamento.» «Sim», respondeu o Mestre com irritação, «estava a chover e a estrada estava cheia de lama; no entanto, Ram levou-me lá e fez-me dançar o dia inteiro.» O devoto consolou-o ao dizer que um pouco de cuidado por alguns dias resolveria tudo. O Mestre ficou satisfeito e disse: «Mas como posso ficar totalmente em silêncio? Vieste de tão longe, e não poderei trocar algumas palavras contigo?» O devoto disse: «Não é necessário, senhor. Falaremos bastante depois de recuperares.» Mas o Mestre esqueceu as advertências do médico, bem como a sua própria dor, e conversou como habitualmente.

Passou mais um mês e não se registaram melhoras. Nos dias de lua cheia e de lua nova, a dor tornava-se mais aguda; era-lhe impossível comer alimentos sólidos. Os médicos diagnosticaram a doença como «garganta de clérigo». Prescreveram-se medicamentos e uma dieta adequada.

O Mestre cumpriu as determinações fielmente, exceto em dois pontos, a saber: conter os êxtases divinos e dar descanso aos órgãos vocais. Assim que falava de Deus, perdia toda a consciência do corpo e caía em *Samadhi*. Nem tão-pouco deixava de falar às pessoas que, afligidas pelo mundo, vinham ter com ele em busca de consolo. O número dessas pessoas era considerável e aumentava diariamente. Desde o seu encontro com Keshab, no ano de 1875, ele tentara sem cessar transmitir a sua mensagem ao mundo e não observava qualquer regularidade quanto à alimentação ou ao descanso.

O seu sono era muito perturbado. Levantava-se da cama várias vezes durante a noite e acordava às 4 horas para passar as horas do início da madrugada a recitar o nome do Senhor e em meditação. Não é de admirar que a sua saúde estivesse debilitada.

Embora ele próprio nunca se referisse a este esgotamento, a sua consciência do facto podia ser facilmente deduzida pelas suas queixas ocasionais à Mãe Divina. Por exemplo, pouco antes desta doença, ouviram-no dizer-Lhe, um dia em que se encontrava num estado de êxtase: «Por que trazes aqui estas pessoas sem valor, que são como leite adulterado com cinco vezes a sua quantidade

de água? Os meus olhos estão quase desfeitos de tanto soprar para o fogo para secar a água, e a minha saúde está destroçada. Isto está para além das minhas forças. Vai e faz tu mesma, se tens inclinação para isso. Ou traz apenas homens bons que eu possa despertar com algumas palavras.» Outro dia, ao notar a afluência crescente de recém-chegados, disse no mesmo estado de espírito: «Como é que trazes uma multidão destas para aqui?

Não encontro tempo sequer para tomar banho ou para comer. (Apontando para o seu próprio corpo) Isto não passa de um tambor perfurado e, se bateres nele dia e noite, quanto tempo durará?» Ainda outro dia — como o leitor sabe —, ele orou-Lhe para que concedesse algum poder a Vijay e a outros, para que pudessem, até certo ponto, preparar os recém-chegados antes que estes viessem ter com ele.

De facto, por volta da última parte do ano de 1884, o nome de Sri Ramakrishna tornara-se amplamente conhecido do público de Calcutá, e centenas de pessoas sentiam-se atraídas por ele. Apesar dos seus problemas físicos, ele mostrava-se tão entusiasta como sempre na ajuda aos que procuravam a verdade.

Compreendia intuitivamente as suas atitudes emocionais e, sempre que encontrava alguém com verdadeiras aspirações por Deus, sentia-se inflamado por um fervor divino e impelia-o em direção à meta por meio de preceitos, ou despertava a sua espiritualidade latente através de um toque. A paixão por Deus redobrava e quem procurava progredia fácil e suavemente sob a orientação do Mestre. Este serviço à humanidade, descrito nas escrituras como o maior e o mais nobre, ele prestou-o de forma desinteressada e de todo o coração até ao último momento da sua vida.

Passou ainda mais um mês. A doença revelava-se cada vez mais persistente. Os devotos não sabiam o que fazer, quando ocorreu um incidente que moldou o rumo futuro das suas ações. Uma senhora convidou, certo dia, os devotos de Sri Ramakrishna para cear. Embora soubesse que o estado do Mestre poderia impedir a sua aceitação, enviou-lhe, ainda assim, um convite

através de um devoto para que viesse, mesmo que fosse apenas por alguns minutos, de tão desejosa que estava de contar com a sua presença. O mensageiro regressou com a notícia de que o Mestre não podia ir, visto que houvera uma hemorragia na garganta. Narendra, Ram, Girish, Kalipada, Devendra, Mahendra e outros que se encontravam presentes ficaram alarmados com esta notícia e, após deliberarem em conjunto, acordaram que deveriam alugar uma casa em Calcutá e trazer o Mestre para lá, a fim de receber tratamento.

Narendra Nath mostrou-se muito abatido durante a refeição. À pergunta de um amigo, respondeu: «Talvez o objeto em redor do qual as nossas alegrias se centram se vá afastar de nós. Aprendi em livros de medicina e com alguns amigos médicos que consultei que este tipo de problema na garganta acaba por se transformar em cancro. O relato de hoje parece confirmar a minha suspeita. Ainda não se descobriu nenhum remédio para esta doença terrível.»

Logo no dia seguinte, alguns dos devotos mais velhos foram a Dakshineswar e propuseram ao Mestre que fosse para Calcutá para fazer tratamento, e ele concordou. Uma pequena casa de dois andares, com vista para o Ganges, foi alugada na Rua Durga Charan Mukherjee, em Baghbazar. Três dias mais tarde, o Mestre veio para Calcutá. Viu a casa, mas, habituado como estava ao ar livre de Dakshineswar, não gostou dela. «Trouxeram-me para aqui como fazem com as pessoas moribundas nos seus últimos momentos?», disse ele, e caminhou diretamente para a casa de Balaram Bose. Balaram recebeu-o calorosamente e pediu-lhe que ficasse lá até se encontrar um alojamento adequado. O Mestre consentiu.

Os devotos começaram a procurar uma casa adequada e, entretanto, convidaram alguns eminentes *vaids* [2] de Calcutá para diagnosticar o caso. Gangaprasad e alguns outros *kavirajas* deliberaram em conjunto e diagnosticaram o caso como «Rohini» ou cancro. Os devotos, não obtendo qualquer esperança dos *vaids*, acharam melhor que ele fosse tratado por um homeopata.

[1]: Porque a renúncia de um monge ao mundo inclui a esposa e a família. [2]: Médicos que praticam o sistema hindu de medicina.

A notícia da chegada de Sri Ramakrishna a Calcutá espalhou-se rapidamente por todos os quadrantes e atraiu multidões de visitantes à casa de Balaram. Apesar do aviso do médico e dos rogos veementes dos seus devotos, o Mestre falava muito frequentemente com estas pessoas e resolvia os seus problemas. O seu zelo inabalável pelo discurso religioso fazia com que a sua doença parecesse um pretexto para vir a Calcutá, a fim de alcançar os aspirantes espirituais impossibilitados de ir a Dakshineswar. Desde a manhã até à hora de dormir, com um curto intervalo de cerca de duas horas ao meio-dia, ele falava e falava, respondendo a perguntas ansiosas e iluminando os corações de inumeráveis devotos através dos seus frequentes transes. Ele permaneceu ali apenas uma semana, mas foi uma semana de grande iluminação espiritual.

O incidente seguinte ilustrará este facto. Um dia, a sala estava repleta de visitantes, e Girish e Kalipada entoavam uma canção que falava do amor apaixonado de Sri Chaitanya pela humanidade. Na extremidade ocidental do salão estava sentado o Mestre, voltado para o oriente, em *Samadhi*. O seu semblante exibia aquele sorriso celestial que o carateriza quando se encontrava nesse estado. A sua perna direita, ligeiramente erguida, estava estendida diante dele, e um devoto, de olhos fechados e com o rosto e o peito banhados em lágrimas, segurava-a com grande cuidado. Terminada a canção, Sri Ramakrishna recuperou parcialmente a consciência e ordenou ao homem que estava diante dele que repetisse três vezes o nome de Sri Krishna Chaitanya.

Em poucos dias, o salão de Gokul Chandra Bhattacharya, na Rua Shyampukur, foi alugado, e decidiu-se colocar o Mestre sob o tratamento do Dr. Mahendra Lal Sarkar.

SHYAMPUKUR

Sri Ramakrishna instalou-se nas novas instalações em Shyampukur no início de setembro de 1885. O edifício possuía duas salas grandes e duas mais pequenas no primeiro andar. Uma das salas maiores era utilizada como salão e na outra vivia o Mestre. Das duas mais pequenas, uma era usada como quarto de dormir pelos devotos e a outra pela Santa Mãe, quando ali vinha. Perto da saída para o telhado, havia um pequeno espaço quadrado coberto onde a Santa Mãe permanecia durante o dia e preparava a comida do Mestre.

De acordo com o plano anterior, o Dr. Mahendra Lal Sarkar foi encarregue do tratamento do Mestre. Há muito tempo, durante a vida de Mathur, ele conhecera Sri Ramakrishna em Dakshineswar. Examinou o paciente cuidadosamente, prescreveu-lhe medicamentos e pediu aos devotos que fizessem um relatório do estado do doente todas as manhãs. Quando soube que os devotos que tinham trazido o Mestre para Calcutá para tratamento custeavam todas as despesas, ofereceu os seus serviços gratuitamente, como um trabalho de amor.

Mas nem o maior dos médicos conseguia sossegar os ansiosos devotos. Eles convenceram-se da necessidade de assegurar mãos competentes para preparar a comida do Mestre e para cuidar dele tanto de noite como de dia. O dinheiro não podia, de forma alguma, resolver estes problemas. Tal só poderia ser feito através dos esforços conjuntos da Santa Mãe e dos jovens devotos. Mas havia grandes dificuldades no caminho. Em primeiro lugar, não havia aposentos para mulheres na casa. Como poderia a Santa Mãe viver ali? Em segundo lugar, os jovens devotos eram, na sua maioria, estudantes; como poderiam dedicar o seu tempo regularmente à noite, sem incorrer no desagrado dos seus tutores?

Além disso, alguns dos devotos lembravam-se da timidez da Santa Mãe e desesperavam da sua vinda para Shyampukur. Na sua extrema aflição, apresentaram a proposta ao Mestre, que apenas disse: «Será ela capaz de se acomodar aqui? Contudo,

explicai-lhe tudo e vede se ela deseja vir.» A notícia foi, por conseguinte, enviada à Santa Mãe em Dakshineswar.

A Santa Mãe, no entanto, apesar da sua modéstia, guardara profundamente no coração o salutar ensinamento do Mestre sobre a acomodação às circunstâncias. Assim, quando soube que, por falta de uma pessoa competente para cozinhar, a doença do Mestre poderia tomar um rumo grave, pôs de lado todas as considerações de conforto pessoal e voluntariou-se para vir imediatamente para Shyampukur e assumir a tarefa.

É maravilhoso como ela conseguiu viver durante três meses naquela casa, no meio de um ambiente tão pouco acolhedor. Como havia apenas uma casa de banho na habitação, ela tinha de se levantar às três horas da manhã para tomar o seu banho e depois esgueirar-se para o seu estreito recanto perto do telhado. Ali preparava a comida e mandava avisar, através de Gopal Mais Velho ou de Latu, que estava pronta; e ou a levava ela mesma ao Mestre ou, se as circunstâncias não o permitissem, enviava-la por meio dos devotos. Tomava a sua refeição e descansava ao meio-dia naquele sótão e, depois das 23 horas, quando toda a casa dormia, descia para o seu quarto para conseguir algumas horas de sono após o árduo trabalho do dia. Fortalecida pela expectativa da recuperação do Mestre, realizava o seu trabalho silenciosa e alegremente, e poucos, mesmo entre os visitantes regulares, sabiam que ela ali estava como a enfermeira-chefe do Mestre.

Resolvida a questão da dieta, a atenção voltou-se para o assunto dos cuidados noturnos. Narendra Nath tomou este encargo sobre si e começou a passar as noites em Shyampukur. Inflamados pelo seu exemplo, alguns jovens robustos, tais como Gopal Mais Jovem (um novo recruta), Kali e Sasi, prestaram a sua ajuda. O sacrifício de Narendra por amor ao Mestre, as suas conversas inspiradoras e a convivência com eles deixaram uma marca indelével nas suas mentes, e eles baniram todo o egoísmo, resolvendo consagrar as suas vidas ao nobre ideal de serviço ao Guru e de realização de Deus.

Enquanto os seus tutores não souberam destas resoluções, nenhuma objeção foi levantada à sua assistência a Sri Ramakrishna. Mas quando, com o agravamento da doença do Mestre, estes rapazes dedicaram toda a sua atenção ao serviço dele, negligenciando os estudos e não indo a casa nem para as refeições, os tutores ficaram alarmados e recorreram a vários meios, justos ou injustos, para os trazer de volta. Mas os rapazes, com o glorioso exemplo vivo de Narendra Nath diante de si, mantiveram-se firmes como rochas. É interessante notar que, embora apenas quatro ou cinco tenham sido atraídos para este trabalho de amor na sua fase inicial em Shyampukur, o número de tais trabalhadores quase quadruplicou em direção ao fim.

Mas os devotos continuavam ansiosos. Tinham sabido por vários médicos eminentes que a doença, mesmo que houvesse possibilidade de cura, tendia a revelar-se persistente. De onde viriam os fundos para um tratamento prolongado? Entre os devotos chefes de família que tinham trazido o Mestre para Calcutá para tratamento, não havia um único que dispusesse de meios suficientes, após sustentar a sua própria família, para assumir sozinho as despesas do Mestre e dos seus acompanhantes.

Fora a fé que tinham na personalidade sobre-humana do Mestre que lhes permitira arcar com esta grande responsabilidade até então. Teriam eles de ceder perante a dura realidade do mundo? Mas sempre que a fé deles vacilava, encontravam em Sri Ramakrishna evidências tão sem precedentes de poder espiritual que os seus receios eram dispersados pelos ventos e os seus corações enchiam-se de nova força e vigor. Compreendiam que aquele que tinham aceitado como a meta da sua vida não era apenas um super-homem, mas o próprio Senhor sob o disfarce de homem.

Chegaram mesmo a pensar que ele simulara a doença a fim de lhes dar a oportunidade de o servirem. Então, para quê esta apreensão infundada, esta ansiedade pela escassez de fundos? O próprio Sri Ramakrishna providenciaria os meios.

Que este era o verdadeiro funcionamento das suas mentes demonstrou-se pela discussão aberta do assunto entre si. Um pensava em hipotecar a sua propriedade, outro em empenhar as joias da família, pois não seria isso o que fariam em caso de problemas domésticos? Um terceiro reduziria silenciosamente as suas despesas domésticas diárias e contribuiria de bom grado com a quantia assim poupada para o serviço do Mestre.

Inspirado por tais sentimentos, Surendra encarregou-se de pagar a renda da casa, e Balaram, Ramchandra, Mahendra, Girish e outros devotos dividiram entre si o custo total do estabelecimento do Mestre em Shyampukur e Cossipore. O entusiasmo desinteressado os devotos, centrado num objeto comum de adoração, uniu-os indissoluvelmente, e a Fraternidade Ramakrishna, embora tivesse a sua origem em Dakshineswar, deveu a maior parte do seu crescimento às sagradas associações de Shyampukur e do jardim de Cossipore. Era natural, portanto, que alguns dos devotos acreditassem que a razão principal da doença do Mestre era a consumação desta solidariedade entre os irmãos.

Os devotos dividiram-se em três grupos de acordo com a interpretação das razões da doença de Sri Ramakrishna. A opinião do primeiro grupo — de que tudo não passava de um jogo — já foi apresentada. Girish Chandra Ghosh, com o seu robusto otimismo, era o líder desta classe. O segundo grupo pensava que o Mestre não era senão um instrumento nas mãos da Mãe Divina, a qual, para cumprir algum propósito misterioso da Sua autoria, calculado para promover o bem-estar da humanidade, o colocara temporariamente nesta condição, e que talvez ele próprio fosse incapaz de sondar esse mistério. O terceiro grupo sustentava que o corpo de Sri Ramakrishna, como todas as outras coisas materiais, estava sujeito às leis da natureza; por isso, era vão atribuir um significado esotérico à sua doença.

Tomariam uma visão racional da matéria até que houvesse alguma revelação em contrário. Fariam o seu máximo para alcançar a sua recuperação e, através da *Sadhana*, tentariam

emular os elevados ideais que ele representava. Foi Narendra Nath quem, como porta-voz dos jovens discípulos do Mestre, defendeu esta última visão. Embora diferissem uns dos outros neste assunto, todos os devotos estavam de acordo num aspeto, a saber: que ao porem em prática as instruções do Mestre e ao ganharem o seu favor através de um serviço sem limites, seriam capazes de atingir a meta mais elevada nesta vida.

Foi isto que manteve intacto o respeito mútuo, apesar das diferenças de opinião na altura e durante os eventos subsequentes. Registaremos agora algumas daquelas maravilhosas manifestações do poder espiritual do Mestre que estimularam a fé dos seus devotos a prosseguirem contra desvantagens avassaladoras.

Vimos como o Dr. Mahendra Lal Sarkar assumiu com toda a seriedade a tarefa de tratar o Mestre. Nos primeiros dias, costumava comparecer três vezes por dia para estudar o curso da doença; terminado o exame, passava horas com Sri Ramakrishna em vários discursos religiosos. Como resultado, cedo reconheceu a grande espiritualidade do Mestre e considerou um privilégio estar na sua companhia. Um dia, o Mestre começou a agradecer-lhe pela sua amabilidade, mas ele interrompeu-o, dizendo: «Acha que passo tanto tempo aqui apenas por sua causa? Tenho um motivo pessoal nisso. Retiro grande alegria da sua companhia. Nunca antes tive a oportunidade de conviver consigo — estava ocupado com outras coisas.

Para ser franco, gosto de si pela sua devoção inabalável à verdade. Mas, infelizmente, com que frequência encontro pessoas que professam uma coisa e fazem outra, o que eu detesto. Não pense que o estou a lisonjear. Não faço aceção de pessoas; mesmo que o meu pai esteja errado, digo-lho na cara. Sou notório pela frontalidade.» «Sim, já ouvi dizer isso», disse o Mestre com um sorriso, «mas, embora venha aqui há bastante tempo, ainda não tive qualquer indicação disso.» O médico sorriu e disse: «Devemos ambos agradecer à nossa boa estrela por isso. Se algo

na sua conduta tivesse parecido hipócrita, não teria passado sem comentário.»

No decurso da conversa que se seguiu, o médico condenou aqueles que impunham limitações a Deus. Sri Ramakrishna ficou agradado com esta observação e disse: «Tem toda a razão. Não posso suportar tais afirmações tolas.» Pediu então a um devoto que cantasse uma canção de Ramprasad, a qual explicou ao médico. O Mestre apressou-se a corrigir uma inexatidão do cantor, dizendo: «Não, inverte as palavras. Deve ser: "A minha mente vê-lo claramente, mas o coração, infelizmente, não se satisfará!" A mente tenta compreender Deus e cedo se dá conta de que está além do seu poder compreender a Realidade Eterna. Mas o coração recusa-se a ser convencido. Está irrequieto por alcançá-Lo.» O médico ficou encantado com a interpretação e exclamou: «Muito bem! A mente, como um tipo vulgar, desespera perante a menor dificuldade, mas o coração, sem se deixar dissuadir, avança na procura da verdade.»

Enquanto ouviam a canção, um ou dois jovens devotos caíram em transe. O médico examinou-lhes o pulso e disse: «Parece que não têm consciência exterior.» Sri Ramakrishna passou suavemente a mão pelo peito deles e, pronunciando aos seus ouvidos o nome de Deus, restituiu-os à consciência.

O Dr. Sarkar disse ao Mestre: «Tudo isto parece ser obra sua.» O Mestre respondeu com um sorriso: «Não, tudo se deve à graça d'Ele. As mentes destes jovens não foram dispersadas com esposa, filhos, riqueza ou fama. Por isso, concentram-se facilmente no nome de Deus.» O médico observou incidentalmente que um pouco de saber era perigoso, mas a profundidade do conhecimento tornava sempre alguém humilde. A isto, Sri Ramakrishna respondeu: «Sim, o conhecimento secular geralmente torna alguém dogmático.

A vaidade do saber é uma das amarras do homem. É pela graça divina que, com tanta erudição, o senhor continua livre dela.» O Dr. Sarkar disse com entusiasmo: «Ora, eu não sei quase nada. Não sinto qualquer humilhação em aprender com os outros,

mesmo com estes jovens, e posso até tocar-lhes nos pés.» «Eu também lhes digo», disse o Mestre, «enquanto viver, posso aprender com os outros.» Depois, referindo-se ao médico, disse aos devotos: «Vedes a sua humildade. Isso mostra o real valor do homem.» O médico despediu-se então por aquele dia.

Assim, gradualmente, o Dr. Mahendra Lal tornou-se cada vez mais afeiçoado a Sri Ramakrishna. O Mestre estava ansioso por levá-lo à realização de Deus. Fez com que alguns dos seus discípulos mais brilhantes, tais como Mahendra, Girish e Narendra, convivessem com ele. Como resultado disto, o médico assistiu à representação de «A Vida de Buda», de Girish Chandra, no palco, e a várias outras das suas peças religiosas. Encantado com a conversa de Narendra Nath, convidou-o um dia para jantar.

Pouco depois, em Shyampukur, a seu pedido, Narendra cantou para ele. O médico ficou encantado, abraçou calorosamente o rapaz e abençoou-o de todo o coração. Disse a Sri Ramakrishna: «Estou tão feliz por um rapaz como ele se ter dedicado à religião. Ele é uma joia e tenho a certeza de que brilhará em qualquer esfera da vida.» O Mestre olhou com aprovação para Narendra e disse: «Dizem que foi o apelo ardente de Advaita Goswami que induziu o Senhor a encarnar como Sri Gauranga em Nadia. Da mesma forma, tudo isto que vê (significando o seu próprio advento) é por causa dele (Narendra).»

Passaram dois meses e a doença continuou inalterada. O medicamento não fazia efeito. Isto deixou o médico ansioso, e ele começou a colocar uma ênfase acrescida — por vezes exagerada — na regulação da dieta. Estava agora a demonstrar mais do que um interesse profissional no caso. Cada palavra e ação sua denotavam estima pelo Mestre, cujo amor, franqueza e espiritualidade lhe tinham cativado o coração. O amor do médico estendia-se agora até aos devotos, os quais, estava ele convencido, eram sinceros na sua devoção ao seu Guru. Mas o grau de reverência que lhe prestavam parecia ao médico totalmente desproporcionado.

Ele opunha-se a prestar honras divinas a qualquer homem, mesmo que este fosse considerado uma Encarnação. Um dia, expressou-se abertamente a Sri Ramakrishna nesse sentido, dizendo: «Consigo compreender o significado do amor e da devoção a Deus. Mas dizer que o Infinito desce à terra na forma de homem cria todos os problemas. É difícil conceber como Ele poderia vir como o filho de Yasoda, ou de Maria, ou de Sachi. Foi isso que estragou tudo!» O Mestre divertiu-se e disse aos seus devotos: «Ouçam-no apenas! É absurdo. Há, evidentemente, fanáticos tolos que perturbam a paz do mundo ao darem um destaque indevido aos seus respetivos ideais. Mas isso não altera a verdade da Encarnação Divina.»

Houve muitos recontros sobre este ponto entre o médico e alguns dos devotos — Girish e Narendra Nath, por exemplo — e ele teve de admitir que havia muito a ser dito também do outro lado. Daí em diante, expressou as suas visões com cautela. Mas aquilo que estes argumentos não conseguiram fazer, o grande amor e doçura do Mestre, bem como as frequentes manifestações de poder espiritual de que o médico foi testemunha ocular, realizaram em pouco tempo. A sua visão foi, assim, gradualmente alargada. Relataremos aqui um incidente que deixou uma marca indelével na sua mente.

Era a ocasião do Durga Puja. Surendra Nath Mitra, que celebrava este festival na sua própria casa, estava triste porque a doença do Mestre impedia a sua vinda. Na noite do segundo dia do festival, muitas pessoas, incluindo Narendra Nath e o Dr. Sarkar, estavam reunidas no quarto de Sri Ramakrishna. Narendra cantava; todos estavam profundamente comovidos. O Mestre entrava em transe repetidamente. O relógio bateu as sete horas e meia e chegou o momento mais auspicioso do dia — o *Sandhi*, como é chamado. O médico estava prestes a despedir-se e Sri Ramakrishna levantou-se para lhe dizer adeus, quando caiu de repente num profundo *Samadhi*. Os devotos pensaram que tal se devia à santidade especial daquela hora.

O médico sentou-se novamente para ver o que aconteceria a seguir. Cerca de meia hora mais tarde, Sri Ramakrishna regressou à consciência normal e contou aos seus devotos o que acabara de experienciar. Disse ele: «Vi um caminho luminoso abrir-se entre este lugar e a casa de Surendra. Através da devoção de Surendra, a Mãe manifestou-se na imagem ali presente — o Seu terceiro olho emitia uma luz divina. A série habitual de lâmpadas ardia diante d'Ela. Surendra estava sentado no pátio, a chorar amargamente. Será melhor que vades lá. Vós ireis confortá-lo.» Por conseguinte, Narendra Nath e os outros devotos foram à casa de Surendra e encontraram tudo em conformidade com a visão do Mestre.

Durante este *Samadhi*, o Dr. Sarkar e um outro médico que estava presente examinaram o coração do Mestre com um estetoscópio. Nenhum batimento cardíaco pôde ser determinado. Nem houve qualquer reação quando o globo ocular do Mestre foi tocado com um dedo. Ambos tiveram de confessar que a ciência era impotente para explicar o facto.

Passaram três semanas, mas não houve alteração na saúde do Mestre. Apesar desta condição de fraqueza, a alegria do Mestre continuava inalterada. O dia do Kali Puja — um dia favorito do Mestre — aproximava-se. Devendra propôs adorar a Mãe na presença do Mestre. Os devotos opuseram-se a isto com o fundamento de que a agitação agravaria com toda a certeza a doença de Sri Ramakrishna.

Por isso, Devendra abandonou a ideia. Mas, na véspera do festival, o Mestre disse a alguns dos devotos: «Preparai os rituais de adoração numa escala pequena. Amanhã teremos o Kali Puja.» Isto foi acolhido com entusiasmo. Na ausência de indicações específicas, apenas as coisas principais foram adquiridas. O Mestre não fez mais nenhuma referência ao assunto.

Às sete horas da noite, os devotos, por sua própria iniciativa, trouxeram as coisas para o seu quarto e arrumaram-nas perto do seu leito. Alguns deles, numa ocasião anterior, tinham-no visto adorar-se a si próprio com flores, etc., e esperavam que ele fizesse

a mesma coisa agora. O Mestre não prestou atenção a todos estes preparativos. As lâmpadas foram acesas e o incenso queimado. Ainda assim, o Mestre permaneceu em silêncio. Os devotos sentaram-se perto dele, alguns aguardando as suas ordens, outros meditando na Mãe. Embora houvesse trinta ou mais pessoas no quarto, reinava um silêncio perfeito.

Entre os devotos estava Girish. Ele, como os restantes, ficou ao início surpreendido com a conduta de Sri Ramakrishna. Mas, de repente, salteou-o a ideia: «Sri Ramakrishna não tem necessidade de adorar a Mãe por sua própria causa. Não poderá ele adorá-la por puro amor? Mas, se assim é, por que não o faz? Estará ele a proporcionar uma oportunidade para os seus devotos adorarem a Mãe Divina através dele? Sem dúvida!» Ficou fora de si de alegria e, pegando em algumas flores e pasta de sândalo, ofereceu-as aos pés de Sri Ramakrishna, gritando: «Glória à Mãe Divina!» Um frémito percorreu o corpo de Sri Ramakrishna e, no momento seguinte, ele estava em profundo *Samadhi*!

Mahendra seguiu Girish. Rakhal veio a seguir. E, depois, todos os devotos adoraram o Mestre com flores perfumadas. O corpo do Mestre sofrera, entretanto, uma estranha transformação. O seu rosto tornou-se luminoso e um sorriso divino pairava nele. Uma das suas mãos estava erguida e a outra mantinha-se na postura de quem concede bênçãos, como se vê nas imagens de Kali. A Mãe do universo manifestava-se evidentemente através dele, e os devotos estavam arrebatados. O quarto encheu-se de gritos de alegria. Quando o Mestre recuperou a consciência, os doces e os frutos colhidos para a adoração foram colocados diante dele; ele provou alguns e abençoou os devotos para que pudessem atingir os cumes da devoção e do conhecimento. Eles comeram o sagrado *Prasad* e passaram a maior parte da noite em cânticos à Mãe Divina. Tinham visto o Mestre naquela noite sob uma luz totalmente nova e estavam cheios de alegria. Compreenderam que ele estaria sempre com eles, protegendo-os de todos os perigos e tribulações. Aconchegados nos seus braços, estariam seguros para sempre.

Embora a doença do Mestre estivesse a tornar-se diariamente mais grave, as pessoas vinham ter com ele em maior número para satisfazer os seus anseios espirituais. Foi aqui que muitos devotos chefes de família, como Harish Chandra Mustafi, e rapazes, como Sarada Prasanna Mitra e Manindra Nath Gupta, conheceram o Mestre pela primeira vez. Sri Ramakrishna dedicou-se a guiar estes recém-chegados de acordo com os seus temperamentos particulares. Sem atender à sua doença, deu-lhes indicações práticas sobre espiritualidade. Um dia, após mostrar a postura correta para a meditação no aspeto pessoal de Deus, tentou mostrar também a necessária para o Seu aspeto impessoal. Mas, ao fazê-lo, fundiu-se em *Samadhi*. Passado um pouco, arrastou à força a sua mente para um plano inferior e disse: «Não vos consegui mostrar mais nada. Assim que me sento nessa postura, a mente é influenciada pela sugestão e fica absorvida em *Samadhi*. Há também uma afluência de sangue em direção à garganta, o que é doloroso. O médico, portanto, avisou-me repetidamente contra o *Samadhi*.» O jovem que recebia esta instrução ficou penalizado e disse: «Senhor, eu não queria ver o senhor fazer tudo isto.» «É verdade», respondeu o Mestre, «mas não posso deixar de vos dar um pouco de treino prático.»

Um grande devoto cristão chamado Prabhudayal Misra, pertencente à seita dos Quakers, conheceu o Mestre em Shyampukur (31 de outubro de 1885). Era um habitante do norte da Índia, com cerca de trinta e cinco anos de idade, e vivia a vida de um monge. Os seus dois irmãos tinham morrido no mesmo instante, no próprio dia que fora marcado para o casamento de um deles. Isto chocou de tal modo Prabhudayal que ele renunciou ao mundo ali mesmo. Costumava usar uma tanga de cor ocre por baixo do seu traje inglês.

O que se segue é parte da sua conversa com o Mestre:

Prabhudayal: É o Senhor que brilha através de cada criatura.

Sri Ramakrishna (lentamente para Narendra Mais Jovem): O Senhor é um, mas é chamado por mil nomes.

Prabhudayal: Jesus não é simplesmente o filho de Maria. Ele é o próprio Deus. (Dirigindo-se aos devotos) Agora ele (Sri Ramakrishna) é o que vedes; noutro momento, ele é o próprio Deus. Vós não o reconheceis totalmente. Eu tive uma visão dele há muito tempo e agora vejo-o fisicamente. Vi um jardim, e ele estava lá, sentado num assento elevado. Havia outro sentado no chão, mas não estava tão avançado.

Sri Ramakrishna: Tem visões?

Prabhudayal: Mesmo enquanto estava em casa, costumava ver uma luz. Mais tarde, vi Jesus. Faltam-me as palavras para descrever a sua beleza. Comparada com ela, a beleza de uma mulher não é nada!

Sri Ramakrishna foi até à varanda, de onde regressou pouco depois, dizendo: «Vi-o (Misra) de pé numa postura heroica.» Depois, entrou novamente em êxtase, apertou a mão de Prabhudayal a sorrir e disse: «O seu desejo será realizado.»

Prabhudayal (com as palmas das mãos unidas): Desde esse dia, entreguei-lhe tudo — o meu corpo, mente e alma.

Sri Ramakrishna sorriu e pediu aos devotos que entretivessem Prabhudayal. [1]

Entretanto, o Dr. Sarkar chegara. À vista dele, o Mestre caiu em *Samadhi*. Enquanto regressava à consciência, disse: «Não estou insensível.»

Doutor: Não, não está.

Depois, o Mestre cantou uma canção sobre a bem-aventurança inebriante de Deus, que comoveu grandemente o médico. Sri Ramakrishna elevou-se de novo a um estado de espírito exaltado e colocou as pernas no colo do Dr. Sarkar. Quando regressou ao normal, retirou as pernas. Depois, disse ao médico: «Realmente, aquela sua observação do outro dia foi maravilhosa! Não estou eu a descansar nos braços d'Ela, e a quem mais hei de perguntar sobre a minha doença! Se tenho de orar, devo orar a Ela!»

Ao dizer isto, os seus olhos encheram-se de lágrimas. Disse ao médico: «O senhor é muito puro. Caso contrário, eu não teria

podido tocar-lhe.» Depois, citando uma canção — «É um *Sadhu* quem prova a bem-aventurança de Deus. O que há nos prazeres dos sentidos? Quem quer saber deles?» —, disse: «Ficarei normal quando ouvir aquela canção: "Embriaga-te, minha mente, com a bem-aventurança de Deus."» Narendra, que estava noutro quarto, foi chamado para a cantar.

Enquanto esteve em Shyampukur, Sri Ramakrishna teve um dia a visão do seu corpo subtil a emergir do invólucro grosseiro e a mover-se pelo quarto. Tinha uma quantidade de chagas nas costas. Ele ficou intrigado com a visão, mas foi-lhe esclarecido que o toque de pessoas profanas as causara. Elas próprias tinham sido purificadas, mas os seus pecados tinham recaído sobre ele. O Mestre dissera aos seus devotos mais do que uma vez em Dakshineswar que nasceria alegremente um milhão de vezes por causa da humanidade.

Quando descreveu esta visão aos seus devotos, eles ficaram profundamente tocados com o seu amor e compaixão sem limites e resolveram montar guarda para que nenhum estranho lhe tocasse. Alguns dos devotos que se lembravam das suas loucuras passadas juraram não tocar no Mestre enquanto ele estivesse doente. Narendra e alguns outros observaram que a visão do Mestre estava em conformidade com a doutrina da expiação vicária defendida em certas religiões como o cristianismo e o vaishnavismo.

Sobre esta tentativa de afastar os estranhos da presença do Mestre, Girish Chandra disse: «Podeis tentar, mas não o conseguireis, pois ele nasceu para este propósito.» De facto, verificou-se que, embora fosse possível excluir os puros estranhos, os acompanhantes não conseguiam manter afastados os recém-chegados que eram conhecidos dos devotos. Portanto, estabeleceu-se uma regra para não admitir ninguém na presença do Mestre sem uma devida apresentação, e estes eram estritamente proibidos de lhe tocar nos pés. Mas houve exceções notáveis em casos onde a devoção do recém-chegado superou todas as restrições.

Um dia aconteceu um incidente divertido. Uma atriz do teatro do qual Girish era o diretor vira uma vez o Mestre durante a representação de *Chaitanya Lila*. O Mestre elogiara a sua habilidade e até lhe permitira saudá-lo tocando-lhe nos pés. Desde esse dia, ela considerava-o um deus e procurava uma oportunidade para se encontrar de novo com ele. Ao saber da sua doença, ficou impaciente por vê-lo e rogou a Kalipada Ghosh que a ajudasse. Kalipada sabia que isto não seria permitido. Assim, planearam juntos ludibriar os acompanhantes.

Certa noite, ele trouxe-a à casa de Shyampukur sob o disfarce de um jovem em traje europeu, a quem apresentou aos acompanhantes do Mestre como seu amigo. O resto foi fácil. Quando chegaram junto de Sri Ramakrishna, revelaram-lhe todo o plano; ele divertiu-se com a situação e admirou a esperteza dela. Satisfeito com a fé e devoção da atriz, deu-lhe alguns conselhos valiosos sobre a fé em Deus; depois, ela partiu após tocar com a cabeça nos pés do Mestre. Os discípulos ficaram muito desconcertados quando souberam pelo Mestre do estratagema que lhes tinha sido pregado. Mas, perante o divertimento de Sri Ramakrishna com a situação, tiveram de renunciar a censurar Kalipada.

Embora a convivência com Sri Ramakrishna e o serviço de todo o coração a ele dedidado conferissem aos devotos maior fé e devoção, eles caminhavam inconscientemente por uma estrada muito perigosa. Muitos deles começaram a dar mais valor a uma exibição sentimental do que à renúncia e à contenção. Não compreendiam que as explosões emocionais sem estas eram impotentes na sua batalha com a carne.

Havia alguma desculpa para este erro. Em primeiro lugar, a mente procura naturalmente a linha de menor resistência, tentando fazer um compromisso entre Deus e o mundo, entre a renúncia e o usufruto. A maioria das pessoas ignora a natureza contraditória de ambos e satisfaz-se com um progresso parcial na espiritualidade. Por conseguinte, com cada recém-chegado, Sri Ramakrishna

cuidava em primeiro lugar de averiguar se este alimentava esta ideia cómoda de religião.

Onde tal se verificava ser o caso, o ideal mais elevado de renúncia nunca seria colocado diante do aspirante; apenas se daria o que pudesse ser assimilado. Daí que a instrução fosse individual, variando segundo o grau do aspirante. O conselho aos seus jovens discípulos destinados a uma vida de *Sannyasa* era diferente daqueles dados aos seus devotos chefes de família. Foi por esta razão que nas instruções gerais o encontramos a dizer: «O caminho da devoção delineado por Narada, que consiste no cântico do nome do Senhor e assim por diante, é a única via neste *Kali Yuga*.» Mas muito poucos captaram o significado destas palavras, o qual era que estes métodos operariam no homem mundano uma renúncia gradual dos desejos inferiores.

Outra causa do erro dos devotos parece ser a sua falta de compreensão do significado da vida de Sri Ramakrishna. As suas maravilhosas austeridades e renúncias tinham sido realizadas muito antes do advento deles, e eles não conseguiam ver os alicerces de diamante das suas extraordinárias manifestações de emoção. As coisas chegaram a um ponto crítico quando Girish Chandra Ghosh, que acreditava ser o Mestre uma Encarnação de Deus, anunciou publicamente a sua convicção.

O seu era, em todos os aspetos, um caso excecional. Mas, com o zelo de um convertido, esqueceu-se de que era único, e o seu convite a todos para que aceitassem o seu ideal e seguissem as suas pisadas revelou-se desastroso. Sem nada da sinceridade de Girish, houve alguns que andavam a declarar que tinham dado a Sri Ramakrishna a «procuração» de si próprios e que, portanto, não tinham necessidade de disciplina espiritual!

As visões de Girish encontraram uma resposta pronta em Ramchandra, o qual, como vimos, era um vaishnava e também acreditava que Sri Ramakrishna, Sri Krishna e Sri Gauranga eram idênticos. Não só proclamava agora Sri Ramakrishna como o profeta da era, mas também se ocupava em traçar a identidade dos devotos do Mestre com os de outras Encarnações. E aqueles que

desenvolviam os maiores sintomas de sentimentalismo eram, na sua estimativa, dignos do lugar mais elevado.

Mas o assunto atingiu o seu clímax quando Vijay Krishna Goswami veio de Dacca para ver o Mestre e declarou que, enquanto meditava ali no seu quarto, Sri Ramakrishna lhe aparecera em carne e osso, e que fora realmente capaz de o sentir. O sentimentalismo dos devotos estava no seu ponto mais alto.

Cerca de meia dúzia deles caía em transes parciais acompanhados de contorções do corpo sempre que havia alguma causa estimulante, como música devocional. Muitos deles abdicaram praticamente do exercício do seu senso comum e da faculdade de raciocínio, e esperavam em suspenso por alguma manifestação milagrosa do poder divino de Sri Ramakrishna.

Mas entre os devotos do Mestre havia um que foi rápido o suficiente para prever o efeito nocivo de tamanha emoção sem sentido. Narendra Nath viu o perigo e propôs-se a conter a maré. Dirigiu-se primeiro aos jovens, os quais, sabia ele, o compreenderiam melhor. Argumentou com eles desta maneira:

«Essa efusão de sentimento que, embora despertando um sentimento momentâneo de devoção, não consegue deixar uma marca duradoura na mente — não consegue fortalecer um homem para lutar com as tentações do mundo —, não é profunda nem tem qualquer valor permanente no domínio da religião. Pode produzir alterações fisiológicas — fazendo as lágrimas correr ou o cabelo ficar em pé — ou pode privar parcialmente alguém da consciência pelo momento, mas estou totalmente convencido de que é o resultado de mera excitação nervosa. Se alguém não a consegue conter através do exercício da força de vontade, deve comer alimentos nutritivos e procurar a ajuda de um médico. Além disso, as pessoas fingem muito. Quanto mais elevados e fortes forem os limites do controlo, mais profundos serão os sentimentos.»

[1]: Ouvimos falar de um outro devoto cristão, chamado Williams, que, tendo o desejo do seu coração realizado por Sri

Ramakrishna, se retirou, sob a instrução deste, para os Himalaias para práticas religiosas.

Ao início, poucos deram crédito às palavras de Narendra Nath. Mas a verdade infiltrou-se pouco a pouco. Descobriu-se que estas efusões eram, em alguns casos, fingidas e o resultado de ensaios em casa. Quando se deparava com um devoto que entrava repetidamente em transe, Narendra Nath argumentava com ele e aconselhava-o a praticar o autodomínio e a tomar alimentos nutritivos.

Ou, quando Narendra estava convencido de que um homem simulava meramente esses estados, ridicularizá-lo-ia e tentaria, dessa forma, corrigir a sua tendência histérica. Ele também colocava diante dos jovens ideais positivos e, por meio de canções e discursos ardentes, acendia nos seus corações a chama da devoção e da renúncia. Mais frequentemente, mantê-los-ia fascinados com relatos dos episódios comoventes da *Sadhana* de Sri Ramakrishna, interpretando a sua grandeza sob essa luz. Citando a obra *Imitação de Cristo*, incitá-los-ia a emular os gloriosos traços do caráter do Mestre, pois um servo, dizia ele, que verdadeiramente amasse o seu senhor, deveria moldar a sua vida segundo a dele. Isto ele apresentava perante todos como o verdadeiro critério do amor que dedicavam a Sri Ramakrishna. De igual modo, recordar-lhes-ia o ensinamento do Mestre: «Guardai o conhecimento de *Advaita* no vosso bolso e depois agi como quiserdes no mundo.» Explicava-lhes que as emoções de Sri Ramakrishna se baseavam nesse conhecimento, e era esse conhecimento que eles se deveriam esforçar por adquirir.

Enquanto Narendra Nath se ocupava assim em moldar o caráter dos filhos de Sri Ramakrishna, a condição do Mestre piorava gradualmente. Quando o tratamento se revelou ineficaz, o Dr. Sarkar aconselhou uma mudança para alguma casa de campo fora da cidade. Realizou-se uma busca vigorosa e a espaçosa casa de campo de Gopal Chandra Ghosh, em Cossipore, foi alugada por oitenta rúpias por mês. Na tarde do dia 11 de dezembro de

1885, Sri Ramakrishna mudou-se para as novas instalações, das quais gostou muito.

O JARDIM DE COSSIPORE E O MAHASAMADHI

Com o jardim de Cossipore, entramos no último capítulo da vida cheia de acontecimentos de Sri Ramakrishna. Foi aqui que a cortina caiu sobre as suas variadas atividades no plano físico. Na véspera da sua saída da arena do mundo, o Mestre mostrou-se no seu auge e, fazendo de Narendra Nath o instrumento apto para a propagação das suas ideias, confiou-lhe o encargo do seu rebanho. O Espírito que assumira uma veste de carne para o cumprimento de um grande propósito, após a sua conclusão, despojou-se da sua cobertura temporária e regressou ao seu primitivo estado de glória. O patetismo e a sublimidade desta cena de encerramento só podem, portanto, ser sentidos, não descritos.

O jardim de Cossipore é belo, com cerca de cinco acres de extensão, rico em árvores de fruto e plantas floridas, e situa-se do lado direito da estrada que corre para norte, de Calcutá para Baranagore. Por um pouco mais de oito meses, o Mestre permaneceu aqui e suportou pacientemente os sofrimentos da doença, até que a sua estrutura alta e robusta ficou reduzida a um esqueleto, acabando por sucumbir. Mas a sua mente treinada não foi afetada, e ele zelava pelo bem-estar individual e coletivo dos seus devotos como dantes.

Com redobrada energia, dedicou-se a concluir a obra que iniciara há muito tempo em Dakshineswar. Aqui ele deu a maior manifestação dos seus poderes, e os devotos viram o cumprimento das suas profecias a respeito do seu próprio fim: «Tornarei tudo público antes de partir», «Quando as pessoas em grande número conhecerem e murmurarem sobre (a grandeza de) este corpo, então a Mãe o levará de volta», «Os devotos serão separados em círculos internos e externos em direção ao fim», e assim por diante.

As suas previsões quanto à renúncia de Narendra Nath e de outros jovens discípulos confirmaram-se mais tarde, como veremos.

O edifício principal tinha dois andares, com três divisões em baixo e duas em cima. O Mestre ocupava o salão no centro do andar superior, sendo um pequeno quarto à sua esquerda utilizado pelos seus acompanhantes durante a noite. À direita do salão, havia um terraço aberto onde o Mestre às vezes se sentava ou caminhava.

O salão logo abaixo do seu quarto e uma divisão mais pequena à sua direita eram utilizados pelos devotos, ao passo que um pequeno quarto na extrema esquerda era ocupado pela Santa Mãe. Havia algumas dependências anexas, dois tanques — dos quais um era bastante grande — e alguns bons caminhos para caminhar. Escusado será dizer que tanto o Mestre como a Santa Mãe respiravam mais livremente nestes novos ambientes.

Passaram alguns dias na superação das dificuldades preliminares de instalação no novo local. Narendra compreendeu que os acompanhantes que se voluntariavam para servir o Mestre tinham de permanecer ali — sendo o lugar demasiado distante para permitir que fossem a casa comer — e isso significava despesas adicionais; além disso, o número de acompanhantes teria de ser aumentado.

O problema do financiamento poderia ser deixado para os devotos chefes de família mais velhos; mas era ele quem tinha de zelar pelos cuidados de enfermagem. Compreendeu que deveria passar a maior parte do seu tempo em Cossipore; pois, sem ele, os outros jovens devotos não seriam capazes de continuar o trabalho, enfrentando a oposição dos seus tutores, ou negligenciando os seus estudos ou deveres de escritório.

Narendra Nath preparava-se então para o exame de direito. Embora os seus estudos e um processo judicial com os seus parentes exigissem a sua presença constante em Calcutá, decidiu fazer o seu estudo no jardim de Cossipore durante as suas horas de lazer. Esperava ser capaz de prover a sua mãe e irmãos com

uma certa quantia de dinheiro durante os anos seguintes e depois abandonar o mundo em busca de Deus. Mas o destino ordenou de outra forma.

Sri Ramakrishna estava ciente das grandes dificuldades que os seus devotos enfrentavam para assegurar o seu tratamento em Calcutá e Cossipore. Parecia que ele conhecia o propósito divino nesta fase da sua vida e, julgando-o conducente ao bem-estar deles, não hesitou em aceitar os seus serviços. Viu-se que alterava os planos deles quando estes não concordavam com os seus, por vezes abertamente, ou sem o conhecimento deles quando temia ofender.

Justamente antes de vir para Calcutá para tratamento, disse a Balaram um dia: «Que as pessoas iniciem um fundo para o meu sustento não é do meu agrado. Não estou habituado a isso. Aqui o caso é realmente diferente. A rani Rasmani fixou permanentemente um salário de sete rúpias por mês para mim como sacerdote do templo de Kali, do qual desfrutarei enquanto viver aqui. Praticamente, vivo dessa pensão. Portanto, enquanto eu viver fora de Dakshineswar, por favor, assumireis todas as minhas despesas pessoais.» De igual modo, quando soube que o jardim de Cossipore tinha sido alugado por uma renda mais elevada, perguntou-se como os seus pobres devotos a pagariam todos os meses. Chamou Surendra junto de si e disse: «Olha aqui, Surendra, estes devotos são, na sua maioria, pobres funcionários de escritório e têm famílias grandes para sustentar. Sendo assim, como podem eles contribuir para a renda elevada do jardim?

Por favor, assume a totalidade da mesma tu próprio.» Surendra concordou alegremente. Da mesma forma, em vista da sua crescente fraqueza, Sri Ramakrishna sabia que em breve seria impossível para ele ir ao exterior para a sua higiene pessoal. Ao ver a sua ansiedade, Latu, com grande fervor, disse: «Senhor, eu serei o vosso varredor.» Estas palavras, proferidas com o seu sotaque peculiar de Bihar, fizeram rir tanto o Mestre como os devotos, mesmo naquela situação sombria. Assim, Sri

Ramakrishna tentava, por meio de sugestões, minimizar as dificuldades dos seus devotos.

Gradualmente, tudo se organizou de forma sistemática. Os jovens discípulos do Mestre começaram a permanecer com ele a maior parte do dia e da noite. Narendra era o seu líder. Quando não se ocupavam no serviço do Mestre, ele reunia-os e ocupava-os em meditação, estudo, discussão ou canções. Assim ocupados, encontravam-se sempre numa atmosfera aprazível e o tempo passava sem darem por isso. Atraídos pelo amor puro e desinteressado de Sri Ramakrishna, por um lado, e pela personalidade e espírito fraternal de Narendra Nath, por outro, estes jovens formaram uma fraternidade mais estreitamente unida do que qualquer família. Embora o número destes jovens sacrificados não excedesse os doze [1], cada um deles, pela consagração da sua vida ao serviço do Guru, parecia uma torre de força.

Pouco depois da sua chegada a Cossipore, Sri Ramakrishna deu um pequeno passeio pelo jardim. Os devotos ficaram contentes, pensando que ele se fortaleceria ao fazer tais caminhadas regularmente. Mas teve o efeito oposto: a sua fraqueza agravou-se e ele não pôde sair nos dias seguintes. Os médicos recomendaram alimentos nutritivos e, em poucos dias, o Mestre sentiu-se melhor e mais forte. Esta melhora continuou por alguns dias e o Dr. Sarkar ficou encantado ao constatá-la.

Dois jovens acompanhantes iam a Calcutá todos os dias para trazer os artigos necessários de alimentação e para fazer um relatório ao médico. Os outros rapazes dividiam entre si as tarefas de enfermagem, compras e outros deveres domésticos. A Santa Mãe tinha o encargo de preparar a comida, bem como de alimentar o Mestre.

Quando algo de especial tinha de ser confecionado, Gopal Mais Velho ou Latu transmitiam-lhe as instruções do médico. Lakshmi Devi, sobrinha de Sri Ramakrishna, era a sua companheira e ajudante. Por vezes, as mulheres devotas do Mestre vinham por um dia ou dois. Os assuntos monetários da

casa eram geridos pelos devotos mais velhos, os quais também prestavam serviço pessoal à vez, sempre que tinham lazer. Até que cada arranjo estivesse concluído, nenhum dos jovens devotos ia a casa, exceto por algumas horas em casos de necessidade premente, e deram a entender aos seus tutores que, até à recuperação de Sri Ramakrishna, não seriam capazes de viver a sua antiga vida em casa. Ao encontrá-los tão obstinados, os tutores acharam melhor ceder, em vez de os perderem por completo. Quando, pelo esforço conjunto dos devotos adultos e dos jovens, o tratamento e a enfermagem do Mestre corriam de feição, Narendra teve um pouco de tempo para respirar e pensou em ir a casa por um dia ou dois para cuidar dos assuntos da sua família.

Uma noite, falou sobre isso com os seus irmãos discípulos e foi para a cama. Mas não conseguiu dormir. Levantou-se e, encontrando Gopal Mais Jovem, Sarat e alguns outros acordados, disse-lhes: «Vinde, vamos dar um passeio pelo jardim.» No decurso do passeio, Narendra disse aos seus companheiros: «A doença do Mestre é muito grave. Talvez ele pretenda deixar o corpo. Esforçai-vos ao máximo pela vossa elevação espiritual através do serviço a ele dedicado, da oração e da meditação, enquanto ainda é tempo. Após a sua partida, não haverá fim para o vosso arrependimento.

Estamos a desperdiçar tempo com o pensamento tolo de que havemos de orar a Deus depois de terminar este ou aquele assunto em mãos. Estamos a prender-nos a mais cadeias de desejos, e desejos significam a morte. Devemos erradicá-los imediatamente.»

Era uma noite fria e estrelada, e um silêncio perfeito reinava em toda a parte. A mente introspetiva de Narendra captou o contágio da hora e sentiu-se inclinada a meditar. Sentou-se debaixo de uma árvore e, vendo uma pilha de feno seco e gravetos por perto, disse: «Ateai fogo a isso. A esta hora, os monges acendem o seu fogo *Dhuni*. Façamos o mesmo e queimemos os nossos desejos.» O fogo foi ateado.

Os jovens devotos, à medida que colocavam os gravetos no fogo, faziam um holocausto dos seus desejos ao mesmo tempo. O próprio pensamento encheu os seus corações de uma alegria inesperada. Sentiram realmente que as suas mentes estavam a ser purificadas e que se aproximavam mais de Deus. Após duas ou três horas, apagaram o fogo e retiraram-se. Narendra foi a casa de acordo com o arranjo anterior e regressou no espaço de dois dias.

Por esta altura, o pundit Sasadhar fez uma visita ao Mestre no jardim de Cossipore e disse: «Senhor, a escritura diz que os santos como o senhor podem curar a sua doença física unicamente por meio da força de vontade. Se apenas concentrar a sua mente na parte afetada, com a resolução de que seja curada, ficará curado. Por que não o tenta, senhor?» O Mestre respondeu: «O senhor é um sábio e, no entanto, faz esta proposta irrefletida. Esta mente foi entregue a Deus de uma vez por todas. Como posso eu retirá-la d'Ele para a voltar para este corpo sem valor?» Tamanha era a sua resignação a Deus, mesmo na sua agonia. Sasadhar emudeceu. Mas Narendra e outros devotos não. Após a partida de Sasadhar, pressionaram Sri Ramakrishna a tentá-lo. «Deve curar a sua doença», persistiram, «pelo menos por nossa causa.»

Sri Ramakrishna: Achais que tenho estado a submeter-me a este sofrimento voluntariamente? Eu desejo recuperar. Mas como é isso possível? Tudo depende da Mãe.

Narendra: Então, por favor, ore a Ela pela sua recuperação. Ela não deixará de o escutar.

Sri Ramakrishna: É fácil para si dizer isso, mas tais palavras eu nunca poderei proferir.

Narendra: Não, senhor, assim não serve. Deve falar com a Mãe sobre isso, pelo menos por nossa causa.

Sri Ramakrishna: Está bem, tentarei fazê-lo, se puder.

Após algumas horas, Narendra Nath perguntou ao Mestre se ele tinha orado e, em caso afirmativo, com que resultado.

Sri Ramakrishna: Disse-Lhe: «Não posso comer nada devido a esta dor. Por favor, dispõe as coisas de modo a que eu possa comer um pouco.» Ela mostrou-vos a todos e disse: «Ora, tu estás

a comer por tantas bocas!» Fiquei envergonhado e não pude proferir mais nenhuma palavra.

Que total indiferença pelo corpo! Que firme domínio do conhecimento da Unidade!

Nesta altura, um outro médico assumiu o tratamento do Mestre. O Dr. Rajendra Lal Dutt, um distinto homeopata de Calcutá, soubera da doença e, por sua própria iniciativa, propôs tentar um outro remédio com a aprovação do seu amigo, o Dr. Sarkar. Os resultados foram bons temporariamente, e os devotos sentiram-se encorajados.

Na manhã de 23 de dezembro de 1885, o Mestre encontrava-se num estado de espírito particularmente feliz. Disse a Niranjan: «Tu és o meu pai, sentar-me-ei no teu colo.» Tocando no peito de Kalipada, disse: «Sê iluminado.» Duas mulheres devotas também receberam as suas bênçãos nessa manhã. Tocou-lhes no peito com o pé enquanto se encontrava em *Samadhi*. Uma delas chorou ao dizer: «Oh, o senhor é tão bondoso!» O Mestre chamou também Gopal Mais Velho para o abençoar. À noite, disse a Mahendra: «A minha tarefa de ensinar está quase terminada. Já não posso instruir as pessoas.

Todo o mundo eu vejo como não sendo nada senão o Senhor. Às vezes penso: a quem hei de ensinar?» No decurso da conversa, perguntou a Niranjan — que acabara de regressar de casa — o que sentia por ele. Niranjan respondeu: «Senhor, antigamente eu amava-o, mas agora é impossível viver longe do senhor.» Mahendra disse: «Senhor, o outro dia dei-me conta de que dificuldades estes rapazes superaram para vir para aqui e encarregar-se do senhor.»

As palavras comoveram profundamente os sentimentos do Mestre e ele caiu num transe. Ao recuperar a consciência, disse: «Vi que tudo passava do estado corporificado para o estado desincorporado! Desejo revelar mais, mas não posso. Bem, não será essa tendência para o Impessoal uma indicação da próxima dissolução do corpo?»

Mahendra: Talvez sim.

Sri Ramakrishna: Mesmo agora vejo a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta, sem nomes ou formas, existir — assim! (Mostrou por meio de um gesto.) Com grande dificuldade contive os meus sentimentos.

«Esta doença distingue o círculo interno de devotos do externo. Aqueles que renunciaram ao mundo e vivem aqui pertencem à primeira classe, ao passo que aqueles que fazem visitas ocasionais e apenas perguntam pela minha saúde são da última classe.»

Chegamos agora a um acontecimento de grande importância, que mostra o maravilhoso amor do Mestre pelos seus devotos e o seu extraordinário poder espiritual. Era o dia 1 de janeiro de 1886. Sri Ramakrishna sentia-se muito melhor e desejou dar um passeio pelo jardim. Seriam cerca das três da tarde.

Como era dia feriado, estavam presentes cerca de trinta discípulos leigos, alguns no salão e outros debaixo das árvores. Quando Sri Ramakrishna desceu, aqueles que estavam no salão saudaram-no e seguiram-no a uma certa distância, enquanto ele caminhava lentamente em direção ao portão. Girish, Ram, Atul e alguns outros, que conversavam debaixo de uma árvore, aproximaram-se e saudaram o Mestre.

[1]: Os nomes destes doze devotos são Narendra, Rakhal, Baburam, Niranjan, Jogin, Latu, Tarak, Gopal Mais Velho, Kali, Sasi, Sarat e Gopal Junior. Sarada, por causa da perseguição do seu pai, costumava vir de vez em quando e ficar por um dia ou dois. Harish ficou apenas por alguns dias, após os quais a sua mente ficou perturbada e ele foi para casa. Hari e Gangadhar vinham a intervalos e praticavam Tapasya em casa.

Sri Ramakrishna disse de repente a Girish: «Bem, Girish, o que encontraste em mim para que me proclames diante de todos como uma Encarnação?» Girish, nada desinteressado nem sobressaltado com a pergunta, ajoelhou-se diante dele com as mãos unidas e disse, numa voz tremula de emoção: «O que pode uma criatura insignificante como eu dizer sobre Aquele cuja glória nem sábios como Vyasa e Valmiki conseguiram medir?»

Ao ouvir estas palavras, proferidas com a maior intensidade, Sri Ramakrishna ficou profundamente comovido e disse: «O que mais hei de dizer! Abençoo-vos a todos! Sede iluminados!» Dizendo isto, caiu num estado de semicoconsciência. Os devotos ouviram estas palavras solenes e ficaram loucos de alegria. Esqueceram as suas resoluções de evitar tocar-lhe. Inundados de emoção, avançaram para recolher a poeira dos seus pés. Um a um, saudaram-no. Perante esta manifestação de devoção, a misericórdia de Sri Ramakrishna ultrapassou os limites e ele tocou-os a todos, um por um, com as bênçãos apropriadas.

Este toque poderoso revolucionou as mentes deles. Alguns riram, outros choraram, alguns sentaram-se a meditar, enquanto uns quantos gritavam para que os outros, que se encontravam noutro lado, viessem e fossem abençoados. Narendra e alguns outros jovens devotos, que tinham passado a maior parte da noite anterior na assistência ao Mestre e em exercícios devocionais, dormiam. Acordaram e correram para o local. Latu e Sarat, que aproveitaram esta oportunidade para varrer o quarto do Mestre e pôr a sua cama ao sol, testemunharam a cena a partir do telhado. Preferiram terminar o seu trabalho e mantiveram-se nos seus postos.

À aproximação dos seus jovens discípulos, o Mestre recuperou o seu estado normal e regressou ao seu quarto. Os devotos, ao acalmarem-se, compreenderam que o Mestre derramava a sua graça sobre todos, sem distinção. [1]

Questionados sobre as suas experiências nesta ocasião, alguns disseram ter sentido uma espécie de embriaguez agradável, outros que tinham visões mais claras dos seus Ideais Escolhidos do que antes, e ainda outros que tinham visto um fulgor ou sentido a afluência de uma estranha corrente, ao passo que todos confessaram ter tido uma bem-aventurança inexprimível. Todos estavam convencidos de que tal se devia à graça do Mestre. Apenas duas pessoas não receberam as bênçãos do Mestre.

A este respeito, pode fazer-se menção especial a um devoto chamado Haran Chandra Das, que recebeu um favor invulgar.

Quando se prostrava diante de Sri Ramakrishna, este último, naquele estado de transe, colocou-lhe o pé sobre a cabeça.

O que se segue é o relato de Ramlal, sobrinho do Mestre: «Antigamente, eu conseguia ver na meditação apenas porções da forma do meu Ideal Escolhido. Mas, naquele dia, a Sua forma inteira surgiu diante da minha visão, e vi-O sentado no meu coração como uma presença viva distinta.» Vaikuntha disse: «Após dois ou três devotos terem sido abençoados, eu também me adiantei e, saudando-o, pedi a sua bênção. Ele disse: "Já tens tudo." "Então, por favor, faz-me senti-lo", disse eu. Ele respondeu: "Está bem", e tocou levemente no meu peito. Isso operou uma estranha transformação dentro de mim. Vi a forma bem-aventurada do Mestre em tudo o que olhava. Fiquei fora de mim de alegria e gritei a todos para que viessem participar da bênção. Essa visão perseguiu-me durante dias e o meu trabalho sofreu em consequência disso. Incapaz de suportar a tensão, tive de orar a Sri Ramakrishna para que diminuísse a sua intensidade, após o que ela se tornou intermitente.»

Diz-se que, após o incidente, Sri Ramakrishna experienciou uma sensação de ardor por todo o corpo — devido, como se alegou, a assumir os pecados das pessoas tocadas — e pediu que se borrifasse um pouco de água do Ganges sobre si, o que aliviou o sofrimento.

Narendra, por esta altura, ardia com um tremendo anseio de realização. Reproduzimos algumas das suas experiências, tal como foram contadas por ele a M. em Cossipore.

Narendra: No último sábado (2 de janeiro de 1886), eu meditava aqui. De repente, senti uma estranha sensação dentro do meu peito.

Mahendra: O despertar da *Kundalini*.

Narendra: «Provavelmente sim. Senti claramente os canais *Ida* e *Pingala* e pedi a Hazra que me tocasse no peito. Ontem vi Sri Ramakrishna lá em cima e disse: "Todos foram abençoados com a realização. Deixa-me, a mim também, ter algo. Quando todos conseguiram, serei só eu a ficar sem nada?" Ele disse:

"Trata apenas de arranjar algum sustento para a tua família e obterás tudo. O que queres?" Eu disse: "Desejo permanecer imerso em *Samadhi* durante três ou quatro dias seguidos, interrompendo-o apenas para comer." Ele disse: "És um tolo. Existe um estado mais elevado do que esse, inclusivamente. Não cantas: 'Tudo o que existe, és Tu mesmo'? Vem para aqui depois de fazeres alguma provisão para a tua família e obterás um estado mais elevado do que o próprio *Samadhi*."

«Esta manhã fui a casa. Começaram a repreender-me por negligenciar os meus estudos quando me deveria estar a preparar para o exame. Fui para a minha sala de estudo na casa da minha avó, para ler. Mas, quando estava prestes a começar, fui acometido por uma espécie de pavor, como se estudar fosse a coisa mais horrível! Houve tamanha luta no meu coração! Nunca chorei assim na minha vida.

«Deixando os livros e tudo o mais, vim para aqui. Os meus sapatos escaparam-se-me em algum lugar na estrada. Ao passar a correr por uma pilha de palha, uma parte dela ficou agarrada a mim! Corri e corri até chegar aqui.»

Eram nove horas da noite de 4 de janeiro. Niranjan, Sasi e M. sentavam-se perto do Mestre, que acabara de acordar após um curto sono. A doença tomara um rumo pior e a dor era muito grande. Mas, ainda assim, ele falava em sussurros, ou por sinais, sobre Narendra. Disse ele: «Olhai para o estado maravilhoso de Narendra. Houve um tempo em que ele não acreditava no aspeto pessoal de Deus. Agora vede como ele anseia pela realização!» Depois, insinuou que Narendra estava prestes a atingir a meta.

Nessa mesma noite, Narendra partiu para Dakshineswar com um ou dois irmãos discípulos, para meditar. Sob as indicações do Mestre, ele praticava diferentes formas de disciplina espiritual, com assinalável sucesso. Sri Ramakrishna preparava o seu principal discípulo para a grande tarefa que viria a ser sua mais tarde. Um dia, o Mestre encarregou-lo expressamente de zelar pelos jovens devotos, dizendo: «Deixo-os ao teu cuidado. Vigia para que pratiquem exercícios espirituais e não regressem a casa.»

Ele treinava-os silenciosamente para a vida monástica, e encontramo-lo um dia a perguntar a Naren e aos outros jovens se eles pediriam comida nas ruas. Todos acolheram a proposta com entusiasmo e saíram com taças de esmola. Cozinharam os vários alimentos crus que tinham recebido e ofereceram uma parte ao Mestre, que provou um grão ou dois de arroz e disse: «Muito bem. Esta comida é muito pura.» Ele ficou cheio de júbilo ao pensar que não tardaria muito para que estes jovens, trajados com a veste ocre do *Sannyasin*, fossem pedir a sua comida de porta em porta, conferindo à humanidade as mais elevadas bênçãos da religião. Estava satisfeito.

No dia de Shivaratri, o grupo de jovens passou a noite em cânticos e meditação. Narendra, cujas austeridades lhe abriam novas fontes de poder espiritual, teve o desejo de testar esse poder. Pediu a Kali que lhe tocasse e ficou absorvido em meditação por alguns minutos. O que ele fez nesses escassos minutos não se sabe, mas teve o efeito de lançar Kali numa meditação muito profunda. Sri Ramakrishna soube disso de alguma forma e repreendeu Narendra por desperdiçar os seus poderes antes de estes estarem acumulados, bem como por impor as suas ideias a outrem.

Sri Ramakrishna afundava-se diariamente; o seu corpo estava reduzido a um esqueleto e a sua dieta estava reduzida ao mínimo. Tudo isto entristecia os devotos. Sabiam agora que iam perder o grande esteio da sua vida. A hemorragia aterrorizava-os. Mas o Mestre parecia tão alegre como sempre. Quando a dor era lancinante, ele apenas sussurrava com um sorriso: «Deixai que o corpo e a sua dor cuidem um do outro; tu, minha mente, mantém-te sempre em bem-aventurança!»

Ele tornou-se ainda mais solícito pelo bem-estar dos seus devotos. Uma noite (14 de março), quando estava totalmente desperto, sussurrou a Mahendra: «Estou a suportar tudo isto alegremente porque, de outro modo, vós estaríeis a chorar. Se todos disserdes que é melhor que o corpo parta em vez de sofrer esta tortura, eu estou disposto.»

Pelo amanhecer, Girish chegou com o Dr. Upendra e o *kaviraj* Navagopal. O Mestre estava ligeiramente melhor. Para os devotos que se sentavam perto, disse: «A doença é do corpo. Naturalmente. Vejo que ele é feito de partículas materiais.» Voltando-se para Girish, disse: «Vejo muitas formas do Senhor, e esta (a sua própria forma), também, é uma delas!»

Na manhã seguinte, sentiu-se melhor. Seriam cerca das 8 horas. Narendra, Rakhal, Latu, Mahendra, Gopal Mais Velho e outros sentavam-se ali na melancolia. Sri Ramakrishna disse: «Sabeis o que vejo? Deus tornou-se tudo! Os homens e os animais parecem não ser senão estruturas revestidas de pele, e é Ele quem move a cabeça e os membros! Como uma vez vi numa visão: o jardim, as casas, as estradas, os homens e o gado, tudo feito de cera — composto da mesma substância!

«Vejo que Ele próprio é o carrasco, a vítima e o poste do sacrifício!»

Ao dizer isto, perdeu os seus sentidos exteriores. Ao recuperar a consciência parcial, disse: «Agora não tenho dor; estou perfeitamente à vontade!»

Olhando para Latu, disse: «Ali está sentado Latu, apoiando a cabeça na mão. Para mim, é como se o Senhor estivesse sentado nessa postura!»

Ao olhar para os seus devotos, parecia derreter-se em amor. Passou a mão pelos rostos de Rakhal e Narendra, como uma mãe acaricia o seu filho. Pouco tempo depois, disse a Mahendra: «Se este corpo (significando ele próprio) tivesse tido permissão para durar um pouco mais, muitas mais pessoas teriam sido despertadas espiritualmente.»

Pausou por um momento e retomou: «Mas a Mãe ordenou de outra forma. Para que as pessoas não se aproveitem da minha simplicidade e analfabetismo, e me convençam a conceder as raras dádivas da espiritualidade, Ela levar-me-á. E esta é uma era em que os exercícios devocionais estão em triste desvantagem.»

Rakhal (ternamente): Por favor, peça a Ela para fazer o seu corpo durar.

Sri Ramakrishna: Isso depende da vontade d'Ela.

Narendra: A sua vontade está unida à d'Ela.

Sri Ramakrishna (após uma pequena pausa): Não trará nenhum benefício. Como posso pedir-Lhe o que quer que seja, quando a minha vontade está inteiramente fundida na d'Ela?

Os devotos sentaram-se em silêncio. Sri Ramakrishna fitou-os ternamente, colocou a mão no peito e disse: «Aqui (ou seja, dentro dele) existem duas personalidades. Uma é Ela, e a outra é o Seu devoto. É este último que partiu o braço, e é ele, de novo, que está doente. Compreendeis?»

Os discípulos mantiveram-se em silêncio. O Mestre acrescentou: «Infelizmente! A quem direi tudo isto, e quem me compreenderá?» Depois, após uma pausa, disse: «Ele vem com os seus devotos como um homem — como uma Encarnação. Os devotos regressam de novo com Ele.»

Rakhal: Não nos deve deixar para trás.

Sri Ramakrishna (a sorrir): Um grupo de menestréis aparece diante de uma casa. Cantam e dançam, e vão-se embora tão de repente como vêm — ninguém os conhece.

O Mestre e os devotos sorriram. Após uma curta pausa, começou: «A dor é inevitável enquanto houver forma. Que o Senhor assuma uma forma é por causa dos Seus devotos.»

Olhando afetuosamente para Narendra, o Mestre deu-lhe algumas instruções sobre o estado de um homem após a realização.

Narendra: Alguns zangam-se comigo quando defendo a necessidade da renúncia.

Sri Ramakrishna (num sussurro): É preciso renunciar. (Apontando para os seus membros) Supõe que uma coisa é colocada debaixo de outra. Se queres pegar na primeira, não terás de remover a segunda? Podes chegar àquela sem remover esta?

Narendra: Sem dúvida.

Sri Ramakrishna: Quando vês tudo saturado com Aquilo, podes ver outra coisa qualquer?

Narendra: A renúncia ao mundo é imperativa?

Sri Ramakrishna: Como eu disse, se vês tudo como saturado com Aquilo, podes ver outra coisa qualquer — família ou algo do género?

Sri Ramakrishna elogiou o espírito de renúncia de Narendra. Rakhal disse: «Narendra agora compreende-o profundamente.» Ao que o Mestre respondeu: «Sim, e muitos outros estão a fazer o mesmo.»

A pedido do Mestre, Narendra cantou algumas canções devocionais que arrancaram lágrimas dos olhos do Mestre e de Rakhal.

Quando tudo falhou para operar a recuperação do Mestre, la Santa Mãe quis tentar métodos espirituais. Deslocou-se a Tarakeswar para obter a graça do Senhor Shiva para a cura do seu marido. Permaneceu prostrada diante do templo a orar — resolvida a não tocar em comida até que a sua oração fosse respondida. Na segunda noite, foi sobressaltada por um ruído de desmoronamento. Um grande espírito de renúncia apoderou-se dela e pensou: «O que são as relações terrenas! Não serão meros sonhos?» Levantou-se e regressou a Cossipore. Assim que o Mestre a viu, perguntou: «Bem, qual é o resultado da tua missão?» La Santa Mãe contou-lhe o que tinha acontecido. Ele parecia ter esperado por isso.

O zelo dos jovens devotos, particularmente de Narendra Nath, pela realização aumentava. Um dia, os seus irmãos discípulos deram pela falta dele e de outros dois. Posteriormente, descobriu-se que, impulsionados pelo exemplo imortal do Senhor Buda, ele, com Tarak e Kali, tinha ido para Bodh-Gaya, vestidos com trajes ocres, para praticar austeridades. Receou-se que ele pudesse não regressar. A sua ausência foi muito sentida pelos outros discípulos em Cossipore. Quando outros quiseram fazer o mesmo, o assunto foi relatado a Sri Ramakrishna. Ele garantiu a todos que Narendra, convencido da futilidade de procurar a religião aqui e ali, regressaria em breve. De facto, o grupo regressou passados alguns dias, tendo desfrutado muito da sua estadia no local do *Nirvana* de Buda.

Kali também lutava por uma realização da verdade mais elevada. Nenhum plano inferior o interessava. Uma vaga de dúvida varreu a sua mente. Quando consultou o Mestre sobre isso, foi-lhe perguntado: «Acreditas em Deus?» Kali disse: «Não.» «Acreditas na religião?» «Não», respondeu o rapaz francamente, «não acredito nos Vedas nem em nenhumas escrituras. Não acredito em nada espiritual.» O Mestre acolheu estas palavras calmamente e disse: «Se tivesses falado assim com um Guru comum, ele ter-te-ia batido. Olha para o Naren. Ele também passou pelo mesmo estado de dúvida, mas agora acredita em tudo. Ele derrama lágrimas em nome de Radha e Krishna. As tuas dúvidas também ser-te-ão dissipadas em breve, e acreditarás em tudo.»

Por maior que fosse a devoção de cada um dos acompanhantes de Sri Ramakrishna, a de Sasi era de longe a mais conspícua. Era inigualável. Sasi era a própria personificação do serviço. Estava convencido de que o serviço ao Guru era a forma mais elevada de religião. Não praticava nenhuma outra disciplina espiritual. Não conhecia outro ascetismo. Sem olhar ao conforto pessoal, à comida ou ao descanso, estava sempre a trabalhar.

A sua única ideia era aliviar o sofrimento do Mestre. Teria dado a sua vida se pensasse que isso o curaria. Tinha atingido a perfeição através do serviço, portanto, de que utilidade lhe seriam outras formas de disciplina? Todos se maravilhavam com a sua energia infatigável, o seu sustentado poder de resistência e o seu amor sem limites pelo Mestre.

Um dia, Gopal Mais Velho expressou ao Mestre o seu desejo de distribuir trajes ocres e rosários de *Rudraksha* entre os *Sannyasins*. Apontando para os seus jovens discípulos, Sri Ramakrishna respondeu: «Não encontrarás melhores monges do que estes em lugar nenhum. Dá os teus trajes e rosários a eles.» Gopal colocou um feixe de trajes ocres diante do Mestre, que os distribuiu pelos seus jovens discípulos. Um traje sobrou, e o Mestre ordenou que fosse preservado para Girish, que não ficava atrás de ninguém no seu espírito de renúncia. Uma noite, o Mestre

fez os jovens rapazes passar por uma cerimónia e permitiu-lhes receber comida das casas de todos, independentemente da casta. Foi assim que os discípulos foram iniciados na ordem monástica pelo próprio Mestre, e lançou-se o alicerce da futura Ordem Ramakrishna.

[1]: Eles também foram abençoados mais tarde.

Vimos os anseios de Narendra Nath pela verdade mais elevada e as suas lutas para a atingir. Contudo, uma noite, enquanto meditava, ela chegou até ele de forma totalmente inesperada. Ao início, sentiu como se uma luz tivesse sido colocada atrás da sua cabeça. Depois, passou para além de toda a relatividade e perdeu-se no Absoluto. Tinha atingido o *Nirvikalpa Samadhi*! Quando recuperou um pouco de consciência do mundo, encontrou apenas a sua cabeça, mas não o seu corpo. Gritou: «Ah, onde está o meu corpo?» Ouvindo a sua voz, Gopal Mais Velho entrou no quarto. Naren repetiu a pergunta. «Aqui está ele, Naren», respondeu Gopal. Como isso não conseguiu convencer Narendra, Gopal ficou aterrorizado e apressou-se a informar o Mestre. Este último apenas disse: «Deixai-o ficar nesse estado por um tempo! Ele já me importunou bastante por causa disso!»

Passado muito tempo, Narendra retomou a consciência do mundo físico e encontrou os seus irmãos discípulos reunidos em redor dele. Uma paz inefável banhava a sua alma. Quando se dirigiu ao Mestre, este disse-lhe: «Agora a Mãe mostrou-te tudo. Mas esta tua realização ficará trancada por enquanto, e a chave permanecerá comigo. Quando tiveres terminado de fazer a obra da Mãe, este tesouro será novamente teu.» Aconselhou-o a ter cuidado com a sua saúde por alguns dias e a ser criterioso na escolha dos alimentos.

Era o dia 16 de abril. O Mestre estava um pouco melhor. Girish veio vê-lo. O Mestre perguntou pela sua saúde e pediu a Latu que trouxesse tabaco, betel e alguns refrescos para ele. Um devoto presenteou o Mestre com algumas grinaldas de flores, que ele colocou uma a uma. Duas destas ofereceu-as a Girish. Perguntou várias vezes se os refrescos tinham chegado. Quando

foram trazidos à sua presença, mal os provou e, com as suas próprias mãos, deu o resto a Girish. Girish comeu-os na sua presença. Era verão.

O Mestre disse: «Há boa água aqui.» Estava demasiado fraco para se manter de pé, mas quis verter água para Girish. Moveu-se, verteu um pouco de água num copo e tomou uma pequena quantidade na palma da mão para sentir se estava fresca. Não estava suficientemente fresca, mas, sabendo que nenhuma outra mais fresca estava disponível, deu-a a Girish. Da sua cama, começou a falar quase num sussurro com Girish, Mahendra e outros sobre vários temas espirituais — sobressaindo a fé de Girish com cores vivas durante a conversa.

Quando Girish foi lavar as mãos, o Mestre mandou-lhe dizer que não deveria comer mais nada naquela noite. Tais incidentes evidenciam o grande desvelo de Sri Ramakrishna pelos seus devotos.

Era o dia 22 de abril. Hirananda Saukiram, um jovem licenciado sindi e editor de dois jornais, veio de Hyderabad para ver o Mestre. Admirador de Keshab Chandra Sen, Hirananda privara com Sri Ramakrishna e visitava-o frequentemente durante os seus dias de faculdade em Calcutá. O Mestre, que o amava pela sua pureza de coração, ficou feliz por vê-lo.

Sri Ramakrishna perguntou a Mahendra se o conhecia. Perante a sua resposta afirmativa, o Mestre desejou ouvi-los conversar. Como Mahendra se manteve em silêncio, o Mestre chamou Narendra e pediu-lhe que falasse com Hirananda. Após muita hesitação, Hirananda disse: «Bem, por que sofre o devoto?»

Narendra: O plano do mundo é diabólico. Eu poderia ter criado um mundo melhor.

Hirananda: Pode haver prazer sem dor?

Narendra: Não estou a oferecer nenhum plano do universo, mas simplesmente a minha opinião sobre o plano atual. Mas há uma saída. O nosso único refúgio está no panteísmo: eu estou a fazer tudo.

Hirananda: Isso é mais fácil de dizer do que de fazer.

Narendra começou a entoar as Seis Estrofes sobre o Nirvana, de Shankara.

Hirananda: Muito bem.

Sri Ramakrishna fez-lhe sinal para que respondesse.

Hirananda: Olhar para um quarto a partir de um canto é exatamente o mesmo que olhar para ele a partir do centro. A posição dualista de «Senhor, eu sou o Teu servo» conduz à realização tanto quanto a monista de «Eu sou Ele». Pode entrar-se num quarto por uma porta assim como por muitas.

Todos se mantiveram em silêncio. Hirananda pediu a Narendra que cantasse algo. Narendra cantou as Cinco Estrofes sobre a Tanga, de Shankara, que Sri Ramakrishna apreciou muito. O Mestre pediu-lhe então que cantasse: «Tudo o que existe, és Tu mesmo». Comentando uma linha, Hirananda disse a Narendra: «Agora é "Tu és tudo". Não "Eu", mas "Tu".»

Narendra: Dá-me um, e dar-te-ei um milhão. Tu és eu, e eu sou tu. Não existe mais nada exceto eu.

Narendra começou a recitar algumas estrofes da *Ashtavakra Samhita*, um tratado sobre *Jnana*.

Sri Ramakrishna (para Hirananda, apontando para Narendra): Ele move-se empunhando uma espada nua, por assim dizer. (Para Mahendra, apontando para Hirananda) Que dócil! Como uma naja de capelo erguido está diante de um encantador!

O Mestre encontrava-se num estado de espírito introspetivo. O seu rosto estava radiante, como se não estivesse tocado pela sua terrível dor. Alguns devotos tinham trazido flores e grinaldas para ele. Pegou em algumas flores e com elas tocou a sua cabeça, a sua garganta, o seu coração e assim por diante. Depois, começou a falar com Mahendra.

Sri Ramakrishna: «A corrente nervosa começou o seu curso ascendente, não sei há quanto tempo. O estado de espírito infantil apoderou-se de mim, e brinco assim com as flores. Sabeis o que estou a ver? O corpo parece uma estrutura de bambu coberta com pano, e está a mover-se. Move-se porque está alguém lá dentro.

«Como uma abóbora com a polpa e as sementes extraídas; não há apego — paixões ou algo do género — lá dentro. O interior está perfeitamente limpo, e...»

Era tão doloroso para ele falar, que Mahendra acrescentou: «E o senhor está a ver o Senhor lá dentro.»

Sri Ramakrishna: «Tanto dentro como fora. É a Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta. Vejo que o *Sat-Chit-Ananda* assumiu esta forma e está a permear tudo, tanto por dentro como por fora. (Para Mahendra e Hirananda, após uma pausa) Olho para vós todos como parentes.

Nenhum de vós parece ser um estranho. Vejo o Senhor sozinho a mover-se através de diferentes formas. Também constato que, quando a mente se une a Ele, a dor não é sentida. Agora vejo que o Absoluto está coberto, por assim dizer, com uma pele, e esta úlcera da garganta situa-se de um dos lados.»

Após uma outra pausa, disse: «O espírito e a matéria às vezes tomam emprestado um ao outro. Quando o corpo está doente, o espírito pensa que está doente.»

Hirananda quis que este ponto fosse explicado. Mahendra disse: «Quando a água a ferver queima a mão, dizemos que a água queimou a mão. Na realidade, é o calor, e não a água.»

Hirananda (para o Mestre): Por favor, dê a sua opinião sobre o ponto — por que sofre um devoto.

Sri Ramakrishna: O corpo apenas sofre. Acompanha-me?

Depois, o Mestre insinuou que, no seu caso, tal se devia aos pecados de outras pessoas a quem, em estados de espírito exaltados, tinha tocado e redimido — um caso claro de expiação vicária.

Os meses de maio, junho e julho passaram, e a condição de Sri Ramakrishna piorou progressivamente. Os devotos compreenderam que o dia da sua libertação final dos tormentos do corpo estava próximo. Estavam de coração partido, mas resignaram-se ao inevitável decreto da Providência.

Apesar da perda de forças, o Mestre continuou a sua obra espiritual. Um dia, iniciou Narendra com o nome de Rama, o

qual, disse ele, era o seu próprio *Ishta Mantra*. Produziu um efeito miraculoso. Narendra ficou cheio de bem-aventurança e, na inebriação desse estado, andou voltas e voltas em redor da casa, proferindo o nome de Rama.

Encontrava-se num estado de espírito tão exaltado que ninguém ousava aproximar-se dele. Depois de isto se prolongar por horas, os outros discípulos ficaram alarmados e relataram o facto a Sri Ramakrishna, que apenas disse: «Deixai-o estar. Ele recuperará no devido curso.» Mas eram já 16 horas quando Narendra recuperou a consciência normal.

Durante a estadia do Mestre em Cossipore, Nag Mahasay viu-o escassas vezes. As suas visitas não eram frequentes, pois não conseguia suportar ver os sofrimentos indizíveis do Mestre. Um dia, Sri Ramakrishna viu-o entrar no quarto e disse: «Aproxima-te. Senta-te perto de mim.» Abraçou calorosamente Nag Mahasay durante alguns minutos. Outro dia, encontrando-o à cabeceira da sua cama, o Mestre disse: «Olha aqui, Durgacharan. Os médicos falharam. Podes fazer alguma coisa para me curar?» Nag Mahasay refletiu por um minuto e depois resolveu transferir a doença do Mestre para o seu próprio corpo. Disse com uma voz animada: «Sim, senhor, eu sei como curá-lo. Pela vossa graça, fá-lo-ei imediatamente.» E aproximou-se do Mestre. Sri Ramakrishna adivinhou o seu propósito e empurrou-o para trás, dizendo: «Sim, eu sei que podes fazer isso.»

Outro dia — muito perto do fim do termo mortal do Mestre —, Nag Mahasay entrava no seu quarto quando ouviu por acaso Sri Ramakrishna pedir um fruto de *Amalaka* e um devoto responder que não se conseguia obter porque estava fora de época. Sem uma palavra, Nag Mahasay partiu para procurar o fruto por todos os jardins em redor de Calcutá. Durante dois dias, ninguém o viu.

Ao terceiro dia, surgiu diante de Sri Ramakrishna com dois ou três *Amalakas* na mão. O Mestre ficou extremamente feliz por vê-lo. Pediu à Santa Mãe que cozinhasse arroz e um caril picante para Durgacharan, que vinha de Bengala Oriental e gostava

imenso de comida muito condimentada. Quando esteve pronto, tomou um pouco primeiro porque, como disse, Durgacharan não o aceitaria a menos que fosse convertido em *Prasad*. Mesmo no meio de grande sofrimento, o Mestre pensava em tudo.

Cerca de oito ou nove dias antes da sua partida, Sri Ramakrishna pediu a Jogin que lhe lesse, a partir do almanaque bengali, as datas a partir do dia 25 de Sravana (9 de agosto) em diante. Jogin leu até chegar ao último dia do mês. O Mestre fez então um sinal de que não queria ouvir mais nada.

Quatro ou cinco dias após isto, o Mestre chamou Narendra Nath para o seu lado. Não havia mais ninguém no quarto. Fez Narendra sentar-se diante dele e, fitando-o, caiu em *Samadhi*. Narendra Nath sentiu uma força subtil, como um choque elétrico, a penetrar-lhe o corpo. Gradualmente, ele também perdeu a consciência exterior. Não se lembrava de quanto tempo permanecera ali sentado. Quando regressou à consciência normal, encontrou Sri Ramakrishna a chorar. Ao ser perguntado sobre a razão por que chorava, o Mestre disse: «Hoje dei-te tudo o que era meu e tornei-me um *Fakir*!

Através deste poder, farás um bem imenso ao mundo, e só depois regressarás.» Foi desta forma que Sri Ramakrishna transmitiu os seus poderes a Narendra; daí em diante, Ramakrishna e Narendra Nath tornaram-se como uma só alma. O efeito desta sagrada confluência é um facto consumado da história atual, e não necessitamos de falar dele aqui. Basta dizer que o Vedanta, tal como foi revivificado na vida do Mestre, encontrou na pessoa do digno discípulo um instrumento eficaz para operar uma regeneração mundial.

Um par de dias mais tarde, entrou na mente de Narendra a ideia de testar a afirmação de Sri Ramakrishna de que era uma Encarnação. Disse para si próprio: «Se no meio desta terrível dor física ele puder declarar a sua Divindade, então acreditarei nele.» Por estranho que pareça, no momento em que este pensamento lhe ocorreu, Sri Ramakrishna, reunindo todas as suas forças, disse claramente: «Aquele que foi Rama e Krishna, é agora

Ramakrishna neste corpo — mas não no teu sentido vedântico!» Narendra ficou dominado pela vergonha e pelo remorso por ter duvidado do Mestre, mesmo após tantas revelações.

Por fim, o dia memorável chegou, um dia de intensa dor para os devotos. Era domingo, 15 de agosto, o último dia de Sravana. O sofrimento do Mestre estava no seu auge. Ficou irrequieto. O pulso estava irregular. Atul, cuja perícia a tomar o pulso o Mestre elogiava frequentemente, foi o primeiro a dar-se conta da gravidade da situação. Declarou o caso como perdido e pediu aos acompanhantes que se mantivessem em alerta.

Um pouco antes do anoitecer, o Mestre sentiu dificuldade em respirar. Os devotos choraram de dor. A luz que iluminava os seus corações estava, humanamente falando, prestes a apagar-se. Mantiveram-se junto à cabeceira da cama do Mestre. À noite, ele queixou-se de fome. Os acompanhantes tentaram dar-lhe um pouco de alimento líquido, mas ele mal conseguia engolir. Lavaram-lhe a boca e deitaram-no cuidadosamente na cama, estendendo-lhe as pernas e apoiando-as com almofadas.

Dois acompanhantes abanavam-no. De repente, o Mestre caiu em *Samadhi*. O corpo ficou rígido. Havia algo neste *Samadhi* que impressionou Sasi como invulgar, e ele começou a chorar. Mandou-se chamar Girish e Ram. Após a meia-noite, Sri Ramakrishna recuperou a consciência e disse que estava com imensa fome. Ajudaram-no a sentar-se e tomou uma chávena cheia de papa de aveia sem desconforto. Há muitos dias que não tinha tão pouca dificuldade em comer. Disse que se sentia bastante refeito. Narendra sugeriu que ele deveria dormir. Perante isto, o Mestre, com uma voz clara — uma outra coisa invulgar —, proferiu três vezes o nome de Kali e deitou-se suavemente. Vendo que o Mestre estava confortável, Narendra desceu para descansar.

De repente, aos dois minutos depois da uma hora, um frémito percorreu o corpo do Mestre, fazendo os cabelos ficarem em pé. Os olhos fixaram-se na ponta do nariz. O rosto iluminou-se com um sorriso. O Mestre entrou em *Samadhi*. Foi o *Mahasamadhi*, pois nunca mais regressou ao plano mortal. Assim, nas primeiras

horas de segunda-feira, 16 de agosto de 1886, Sri Ramakrishna partiu do mundo, deixando uma multidão de devotos e admiradores consternados.

O maior homem que o século dezanove produzira regressou ao estado eterno de onde viera. Embora fosse uma noite de luar brilhante, os corações dos devotos encontravam-se numa sombra escura. Uns minutos antes, quem era mais rico do que eles? Mas agora eram os seres mais pobres da terra. Quanto mais olhavam para o rosto sereno do Mestre, mais desolados e desamparados se sentiam. Quem resolveria as suas dúvidas e dificuldades? Quem estaria ao lado deles nas suas dores e sofrimentos? O sentimento de perda era avassalador.

Girish e Ram chegaram pouco depois. A triste notícia espalhou-se rapidamente por toda a Calcutá, e as pessoas aglomeraram-se de manhã, vindas de todas as direções, para lançar um último olhar à forma divina do Mestre. O coronel Viswanath Upadhyaya chegou por volta das oito horas. Encontrou o corpo rígido, mas ainda havia algum vestígio de calor. Começou a massajar a coluna vertebral e, após algum tempo, declarou que nem tudo terminara ainda, que era um estado de profundo *Samadhi*.

Aconselhou os devotos a esperar antes de prestar as últimas homenagens ao corpo. Por volta do meio-dia, o Dr. Mahendra Lal Sarkar veio e, após examinar o corpo, disse que a vida se tinha esvaído há apenas meia hora. A sua opinião foi aceite como definitiva, e fizeram-se os preparativos para o funeral.

Às dezassete horas, o corpo sagrado foi transportado para baixo e colocado numa maca. Foi vestido com um traje ocre e decorado com pasta de sândalo e flores. Por instigação do Dr. Sarkar, tirou-se uma fotografia do mesmo, com os devotos em redor. Uma hora mais tarde, o corpo foi levado para o local de cremação em Baranagore, acompanhado por música devocional. Os espetadores choraram ao ver passar a procissão. O corpo foi colocado na pira funerária. Trailokya Nath Sanyal cantou algumas

canções apropriadas e, no espaço de um par de horas, tudo terminou.

Uma calma resignação invadiu os devotos enquanto se preparavam para deixar o recinto da cremação, pois todos se davam conta da presença eterna do Mestre no seu interior. Ele, o seu Senhor, era o mesmo no estado desincorporado que na vida física. Nas suas próprias palavras, tinha passado de um aposento para outro, isso era tudo. Colocaram as sagradas relíquias do corpo do Mestre numa urna e regressaram ao jardim de Cossipore — o ninho, infelizmente, de mil memórias dolorosamente doces —, gritando: «Vitória ao Bhagavan Ramakrishna!»

APÓS A PARTIDA

O assunto mais importante que se apresentou diante dos devotos no jardim de Cossipore foi como preservar, de maneira adequada, as sagradas relíquias de Sri Ramakrishna. A maioria era a favor da compra de um terreno junto ao Ganges e da deposição das relíquias ali. Por falta de fundos, esse projeto teve de ser abandonado. Os devotos chefes de família decidiram preservar as cinzas num jardim pertencente a Ramchandra Dutt, em Kankurgachi, perto de Calcutá, onde o Mestre estivera uma vez. Os jovens discípulos de Sri Ramakrishna, contudo, não aprovaram a ideia.

Eles levaram a maior parte dos ossos e das cinzas e enviaram-na para a casa de Balaram Bose para adoração regular, acalentando a ambição de a sepultar, na primeira oportunidade, algures na margem do Ganges. O resto das cinzas foi levado para Kankurgachi e ali enterrado no dia de *Janmashtami*, cerimónia na qual os jovens discípulos do Mestre prestaram assistência, com Sasi a carregar o vaso sagrado sobre a cabeça. Ram instituiu um serviço regular ali também.

Restavam ainda alguns dias antes da expiração do contrato de aluguer do jardim de Cossipore. Dos jovens discípulos do Mestre, alguns tinham vivido ali e outros vinham diariamente das suas casas. Os primeiros já tinham renunciado ao mundo e era evidente

que alguns dos segundos se preparavam para fazer o mesmo. O que iam fazer todos estes jovens? Os chefes de família que tinham custeado as despesas do Mestre retiraram a sua ajuda, e alguns deles aconselharam os jovens a regressar a casa e a levar a vida de cidadãos piedosos. Mas o contacto próximo por tanto tempo com tamanha e ardente renúncia e santidade tornou-lhes impossível o regresso ao mundo.

Surendra Nath Mitra disse-lhes: «Irmãos, para onde ireis? Aluguemos uma casa onde possais viver juntos e onde nós, chefes de família, encontremos um refúgio temporário das nossas preocupações mundanas. Eu costumava contribuir com uma ninharia para as despesas do jardim de Cossipore. Continuarei de bom grado com essa pequena ajuda e vós podereis, pelo menos, ter um teto sobre a cabeça e levar uma vida simples.» Os jovens monges aceitaram gratos a oferta.

Uma casa foi alugada em Baranagore, o primeiro mosteiro dos discípulos *sannyasins* de Sri Ramakrishna. Gopal Mais Jovem, o jovem devoto leigo, mudou a cama do Mestre e outras coisas de Cossipore para lá, e Sarat juntou-se-lhe à noite. Gopal Mais Velho foi o primeiro habitante regular. Narendra, Sasi, Sarat, Baburam e Niranjan costumavam visitar o mosteiro de vez em quando.

Em pouco tempo, contudo, passaram a habitar lá permanentemente. Tarak, Kali, Rakhal, Latu e Jogin foram primeiro para Vrindavan. Os três primeiros regressaram ao mosteiro no decurso de escassos meses, e os outros no espaço de um ano. Foram seguidos por Sarada e Subodh. E por último vieram Gangadhar, Hari e Tulasi. Todos eles eram verdadeiros *sannyasins* agora, com novos anseios e novos modos de vida. [1] O eixo dos seus pensamentos era Sri Ramakrishna. As santas relíquias do Mestre foram trazidas para o mosteiro a partir da casa de Balaram, e uma adoração regular dele como o Guru, de acordo com as determinações estipuladas nas escrituras, foi assumida pela fraternidade.

Assim, o ideal de monasticismo zelosamente acalentado pelo Mestre tomou uma forma concreta após a sua partida. O crédito disso deve ir para Surendra. Foi o seu coração generoso que ajudou a colocar o primeiro tijolo desta cidadela de monasticismo no solo de Bengala. Foi ele quem cuidou do mosteiro infante como uma mãe e o guiou através de uma centena de circunstâncias adversas. Mais tarde, vários outros devotos leigos deram-lhe as mãos neste trabalho de amor.

A tarefa de reunir os jovens que, após a partida do Mestre, tinham regressado a casa e retomado os seus estudos coube naturalmente a Narendra Nath, a quem o próprio Mestre nomeara seu guardião. Embora ocupado com os seus próprios assuntos domésticos, não perdeu tempo a cumprir o sagrado encargo que lhe tinha sido imposto.

Visitava frequentemente estes jovens discípulos nas suas casas, arrancava-os dos seus estudos e injetava nos seus corações caídos a mensagem ardente da renúncia. Sem fazer caso das vacilações deles, passava horas a delinear as realizações comoventes do Mestre. Muitas vezes caía como um turbilhão sobre eles e arrastava-os para o mosteiro de Baranagore. Ali passava com eles hora após hora em discussão, música ou cântico. Cedo as suas mentes mudaram e eles compreenderam que era inconsistente ansiar pela renúncia e, ao mesmo tempo, apegar-se ao mundo.

Às vezes, os seus tutores vinham para os induzir a regressar a casa. Argumentavam, imploravam, choravam ou ameaçavam, mas tudo sem proveito, pois os monges eram inexoráveis. Alguns dos tutores atribuíam toda a culpa a Narendra Nath. Rakhal disse ao seu pai: «Por que se dá ao trabalho de vir aqui? Eu estou bem. Por favor, abençoe-me e esqueça-se de mim por completo. Deixe-me, a mim também, esquecer-me do senhor.» Esta era a atitude mental típica de todos. Após obter um vislumbre da bem-aventurança divina, abominavam o mundo com os seus fascínios. Sentiam que tinham de realizar Deus ali mesmo, ou morrer na tentativa.

La Santa Mãe tentou superar o seu sentimento de perda irreparável ao assumir um curso vigoroso de *Sadhana* em Vrindavan, Calcutá ou na sua aldeia natal. Uma parte do propósito preordenado da sua união com Sri Ramakrishna tinha sido cumprida, a saber, o estabelecimento de um ideal para os chefes de família de hoje seguirem de acordo com as suas respetivas capacidades. Restava ainda uma outra parte a ser realizada, a saber, a transmissão do poder espiritual do Mestre a milhares de devotos, e especialmente às mulheres. Foi por isto que a sua valiosa vida foi poupada à humanidade por muitos anos.

Os devotos chefes de família também foram acometidos por um tremendo anseio de realização após a separação do Mestre. Nag Mahasay, em particular, ficou quase louco por isso. Passava dias seguidos sem comida nem sono, a orar, a meditar e a chorar. As persuasões amigáveis revelaram-se inúteis. Quando a notícia chegou aos monges em Baranagore, Narendra Nath, com Hari e Gangadhar, foi vê-lo a Calcutá. Encontraram-no na sua cabana, deitado sob uma colcha, a contorcer-se em agonia por Deus. Narendra disse: «Somos teus hóspedes hoje.»

A sua intenção era fazê-lo comer sob este pretexto. Nag Mahasay deu um salto, comprou alegremente comida no mercado — não havia nada na cabana —, cozinhou-a e entreteve os seus hóspedes. Mas ele próprio não comia. Perante as instâncias de Narendra, ele apenas batia com a panela na cabeça, dizendo: «Darei eu comida a este corpo miserável quando ele ainda não realizou Deus!» Narendra, contudo, conseguiu de alguma forma fazê-lo comer antes de partir.

Mahendra, Balaram, Girish, Devendra e outros ficaram também profundamente chocados com a morte do Mestre. Choravam na solidão e ocasionalmente visitavam os irmãos no novo mosteiro. Sentiam-se confortados quando viam a lâmpada da espiritualidade a arder nestas almas ardentes tão brilhante como nos dias de Cossipore, e compreendiam que o Mestre, embora fisicamente ausente, estava presente em espírito. Estes jovens monges representavam, por assim dizer, o aspeto coletivo

do Mestre — como se, libertado do corpo, ele próprio se manifestasse em múltiplas formas.

Durante a última parte de dezembro de 1886, os membros do mosteiro de Baranagore foram a Antpur a convite da mãe de Baburam. Aqui, Narendra reuniu todos os jovens discípulos do Mestre e, no fervor do entusiasmo espiritual que ali foi evocado, o laço de comunhão entre eles foi definitivamente selado. O entusiasmo atingiu o seu auge, de forma totalmente inconsciente, na véspera de Natal, quando, diante de um tronco de madeira a arder, Narendra e os seus irmãos mantiveram vigília, a falar apaixonadamente da vida de Cristo e das glórias da renúncia. Isto despertou o espírito adormecido de renúncia naqueles que tinham ficado para trás e, pouco depois do seu regresso, o mosteiro de Baranagore teve o seu complemento total de monges, todos empenhados numa vida do mais alto ascetismo.

Nenhum cronista pode fazer total justiça à intensa vida espiritual que estes jovens monges levaram em Baranagore. Esses foram dias de iluminação, arrebatamento e êxtase. Quanto mais sentiam a ausência do Mestre no plano físico, mais intenso era o seu desejo de o realizar como a expressão da Verdade Eterna nos recessos dos seus corações. Os vislumbres de Luz que, de vez em quando, experienciavam apenas aguçavam a sua paixão por possuí-la permanentemente.

Estes rapazes ficaram literalmente loucos por Deus. Nenhuma quantidade de privação ou dificuldade, indiferença ou contumélia teve permissão para se colocar no seu caminho. Estavam mortos para o mundo exterior. Um fogo ardente rugia dentro das suas almas. Dúvidas e desilusões surgiam de vez em quando, mas estas eram meras fases passageiras na luta espiritual, como pequenas manchas de nuvens que escondem o sol por um momento e depois desaparecem.

Inflamados com os relatos das tremendas austeridades de Sri Ramakrishna, estes monges praticaram-nas em grande escala no que diz respeito à comida, ao vestuário e a outras necessidades da vida. Literalmente, provaram que o homem não vive apenas de

pão. A sua comida era a mais simples que se podia conceber. Arroz, com ou sem sal, e folhas cozidas de *Neem* ou *Bimba* eram o alimento com que subsistiam estes jovens, habituados a uma vida luxuosa. Às vezes, não conseguiam obter sequer isto. Então, fechavam a porta e passavam o dia e a noite em cânticos e oração.

Uma peça de pano e duas peças de tanga eram tudo o que qualquer um podia ostentar em termos de vestuário. Satisfeitos com tal comida e vestes, praticavam exercícios devocionais quer nas instalações do mosteiro, quer no recinto de cremação adjacente, para onde se dirigiam no silêncio da noite e passavam horas em oração e meditação. A parte curiosa disso era que, quanto mais numerosos eram os obstáculos, maior era o seu zelo pela realização.

Como realizar Deus era o seu único pensamento. A formação do caráter e a realização tornaram-se as palavras de ordem da sua vida. Abominavam a pregação. Alguns chegaram a pensar em pôr fim às suas vidas por meio de uma meditação contínua sem comida. Nessa altura, viviam, moviam-se e tinham o seu ser no espírito de Deus.

Narendra era o seu líder. Ele estava atento às dificuldades do caminho religioso. Por isso, com a máxima cautela, começou a moldar as suas vidas. Tentou alargar as suas perspetivas ao saturar as suas mentes com ideias universais e ao torná-los versados nos aspetos essenciais dos diferentes ramos do conhecimento humano. Os temas que abordava para discussão eram muitos e variados, variando desde a religião comparada e a filosofia até à história e à ciência. Narendra possuía um intelecto gigantesco e a sua personalidade era avassaladora.

Não era de admirar, portanto, que os seus irmãos discípulos olhassem para ele com a mais alta veneração, considerando-o o porta-voz do próprio Sri Ramakrishna. A maioria das ideias sublimes que ele mais tarde transmitiu ao mundo como o grande Swami Vivekananda não eram novas, exceto na forma como eram expressas, para estes irmãos monges, pois tinham-nas ouvido nos dias de Baranagore, ou mesmo antes, em Cossipore.

Sasi era como a mãe de todos eles. Toda a sua *Sadhana* consistia em conduzir fielmente a adoração de Sri Ramakrishna e em servir os seus irmãos discípulos. «Ele era o pilar principal do mosteiro», disse o Swami Vivekananda, referindo-se a ele. «Sem ele, a vida no mosteiro teria sido impossível. Muitas vezes os monges ficavam perdidos em oração e meditação, sem pensar em comida, e Sasi esperava com as refeições prontas, ou até os arrancava da sua meditação.»

Rakhal era o «Raja» da fraternidade. Ele também estava dominado por uma intensa ideia de *Vairagya*. Muitas vezes pensava em ir para um lugar solitário, como as margens do sagrado Nerbudda, para meditar. Kali era o estudante mais assíduo do mosteiro. Além das suas práticas espirituais, fechava-se no seu quarto e debruçava-se sobre os seus livros — o Vedanta, as *Upanishads* ou a filosofia ocidental. Os outros também mergulhavam profundamente na busca de joias espirituais, cada um de acordo com o seu gosto. Não se perdia um momento.

Passado algum tempo, até a atmosfera santa do mosteiro de Baranagore pareceu tornar-se limitadora para eles; estavam ansiosos por sair para o vasto mundo e viver como monges errantes, dependendo unicamente de Deus. Assim, um a um, partiram, determinados a trilhar o caminho da austeridade e da renúncia consagrado pelas pisadas dos antigos monges indianos. Mas Sasi não; ele escolheu ficar junto das sagradas relíquias do Mestre.

Vagaram por todo o país, desde os Himalaias até ao Cabo Comorim, confiando unicamente em Deus. Quão fiéis foram nas suas austeridades! Tiveram de passar pelas dores de um novo nascimento para se tornarem os gigantes espirituais que o mundo conheceu mais tarde. Tinham deixado para trás os seus entes queridos; esmagaram os desejos do seu coração e sofreram a angústia e a agonia que todos os videntes e santos tiveram de suportar. Mas, por trás desta metamorfose, estava a mão constante e infalível do Homem que cinzelou os seus caracteres, refreou a

impetuosidade do seu espírito, segurou com firmeza as rédeas que direcionavam o seu curso e operou a sua perfeição. As imensas possibilidades que, logo à primeira vista, Sri Ramakrishna detetara neles e abertamente profetizara para eles materializaram-se na plenitude do tempo. De facto, cada um destes jovens a quem o Mestre fizera seus representava uma ou mais fases da sua própria personalidade múltipla.

As grandes qualidades de mente e de coração que encontraram a sua expressão nestes gigantes espirituais — tanto naqueles que já partiram como naqueles que ainda vivem — dão-nos alguma ideia, pelo menos, de quão maravilhoso deve ter sido o ilustre Protótipo no qual estas qualidades apareceram no mais alto grau. Quando o Swami Vivekananda subiu ao pináculo mais elevado da sua fama, quando o Oriente e o Ocidente rivalizaram entre si para o homenagear, este foi o tributo que prestou ao seu Mestre:

«Se algo foi alcançado por mim, por pensamentos, ou palavras, ou ações, se dos meus lábios alguma vez caiu uma palavra que tenha ajudado alguém no mundo, não reclamo qualquer direito sobre ela, era dele. Mas se houve maldições a cair dos meus lábios, se houve ódio a sair de mim, tudo é meu, e não dele. Tudo o que foi fraco foi meu, e tudo o que foi dador de vida, fortalecedor, puro e santo foi a sua inspiração, as suas palavras e ele próprio. Sim, meus amigos, o mundo tem ainda de conhecer esse homem.»

TABELA CRONOLÓGICA

- **1775** Nascimento de Khudiram.
- **1791** Nascimento de Chandra Devi.
- **1805** Nascimento de Ramkumar.
- **1814** Khudiram estabelece-se em Kamarpukur.
- **1826** Nascimento de Rameswar.
- **1835** Visita de Khudiram a Gaya.

- **1836** Nascimento de Sri Ramakrishna, 18 de fevereiro, cerca das 5h15.
- **1843** Morte de Khudiram.
- **1845** Cerimónia do cordão sagrado de Sri Ramakrishna.
- **1850** Ramkumar abre o seu *tol* em Calcutá.
- **1852** Sri Ramakrishna vem para Calcutá.
- **1853** Nascimento da Santa Mãe, 22 de dezembro.
- **1855** Fundado o Templo de Kali em Dakshineswar. Hriday em Dakshineswar. Sri Ramakrishna é nomeado primeiro sacerdote do templo de Vishnu e depois do templo de Kali.
- **1856** Morte de Ramkumar. Realização e primeiro estado de inebriação por Deus de Sri Ramakrishna.
- **1857** Tratamento de Sri Ramakrishna sob a direção de Gangaprasad.
- **1858** Haladhari torna-se sacerdote em Dakshineswar. Sri Ramakrishna vai para Kamarpukur.
- **1859** Casamento de Sri Ramakrishna.
- **1860** Regresso a Dakshineswar. Visão de Mathur.
- **1861** Morte da rani Rasmani. Encontro com a *Bramai*. Prática de Tantra sob a direção da *Bramai*. Segunda loucura divina.
- **1863** Conclusão da prática de Tantra. Encontro com o pundit Padmalochan. Chandra Devi vem morar para Dakshineswar.
- **1864** Prática do *Vatsalya Bhava* por Sri Ramakrishna sob a direção de Jatadhari. Prática do *Madhura Bhava*. Iniciação no *Sannyasa* por Totapuri.
- **1865** Akshay substitui Haladhari. Totapuri deixa Dakshineswar.
- **1866** Sri Ramakrishna no plano *Advaita* durante seis meses. Doença. Prática do Maometismo.
- **1867** Sri Ramakrishna em Kamarpukur. A *Bramai* despede-se.

- **1868** Peregrinação. Encontro com Ganga Mai.
- **1870** Viagem com Mathur. Sri Ramakrishna na Harisabha de Colootollah. Visita a Kalna e Navadwip.
- **1871** Morte de Mathur.
- **1872** Primeira visita da Santa Mãe a Dakshineswar. O *Shorasi Puja*.
- **1873** Morte de Rameswar.
- **1874** A Santa Mãe novamente em Dakshineswar.
- **1875** Primeira visita de Sri Ramakrishna a Keshab Chandra Sen. Última visita a Kamarpukur.
- **1876** Morte de Chandra Devi.
- **1877**–**1878** Intimidade com Keshab. Terceira visita da Santa Mãe a Dakshineswar.
- **1879** Começa a vinda dos discípulos.
- **1880** Encontro com Rakhal e Narendra Nath.
- **1881** Demissão de Hriday.
- **1882** Visita ao pandit Vidyasagar. A Santa Mãe novamente em Dakshineswar.
- **1884** Morte de Keshab. Encontro com o pandit Sasadhar. A Mãe de Gopala. A Santa Mãe vem morar para Dakshineswar pela última vez.
- **1885** Última visita a Panihati. Doença e mudança para Shyampukur. Convivência com o Dr. Sarkar.
- **1886** Tratamento em Cossipore. Organização dos discípulos. *Mahasamadhi*, 16 de agosto, 1h–2h.

[1]: Embora a cerimónia formal tenha tido lugar mais tarde, apresentamos aqui os nomes monásticos pelos quais eles viriam a ser conhecidos posteriormente. Narendra tornou-se o Swami Vivekananda. Rakhal e Jogin tornaram-se os Swamis Bramaanda e Yogananda; Baburam e Niranjan, Premananda e Niranjanananda; Sasi e Sarat, Ramakrishnananda e Saradananda; Latu e Hari, Adbhutananda e Turiyananda; Sarada e Gopal Mais Velho, Trigunatita e Advaitananda; Tarak e Kali, Sivananda e Abhedananda; e Gangadhar, Subodh e Tulasi, Akhandananda, Subodhananda e Nirmalananda. Alguns anos

depois, a lista foi completada por Hariprasanna sob o nome de Swami Vijnanananda.